

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CAMILA RUSSO DE ALMEIDA SPAGNOLI

Uma vida nada ociosa!
Godofredo Rangel na *Revista do Brasil* (1917-1924)

Versão corrigida

São Paulo
2020

CAMILA RUSSO DE ALMEIDA SPAGNOLI

Uma vida nada ociosa!
Godofredo Rangel na *Revista do Brasil* (1917-1924)

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S732v Spagnoli, Camila Russo de Almeida
Uma vida nada ociosa! Godofredo Rangel na Revista do Brasil (1917-1924) / Camila Russo de Almeida Spagnoli ; orientador Marcos Antonio de Moraes. - São Paulo, 2020.
368 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Literatura Brasileira.

1. Godofredo Rangel. 2. Literatura Brasileira. 3. Revista do Brasil. 4. Periodismo. 5. Epistolografia. I. Moraes, Marcos Antonio de, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA TESE

Termo de Ciência e Concordância do Orientador

Camila Russo de Almeida Spagnoli

Data da defesa: 11/08/2020

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 07/10/2020

(Assinatura do orientador)

SPAGNOLI, C. R. A. **Uma vida nada ociosa! Godofredo Rangel na *Revista do Brasil* (1917-1924).** 2020. 368f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Aprovada em: 11/08/2020

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: Marcos Antonio de Moraes

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Profa. Dra.: Tania Regina de Luca

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Profa. Dra.: Marisa Philbert Lajolo

Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Profa. Dra.: Therezinha Aparecida Porto Ancona Lopez

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Aos meus pais, Lourival e Silvana.

A minha irmã, Luana.

Ao meu marido, Osmar.

A minha filha, Clarice.

Juntos!

Agradecimentos

Ao professor Marcos Antonio de Moraes, orientador que se mostrou sempre tão humano, amigo e compreensivo, tendo acompanhado meu percurso desde a Iniciação Científica. Agradeço por sua diligência, pelo empenho e pela generosidade ao longo da pesquisa, bem como pela autonomia que me foi confiada no desenvolvimento desta tese. Sou grata também pelo acolhimento nas tantas mudanças que surgiram durante o Doutorado, somadas, nos últimos meses, à pandemia de Covid-19!

À bolsa do CNPq que me possibilitou a dedicação exclusiva à pesquisa.

Aos professores presentes na Banca de Qualificação, Tania Regina de Luca e Emerson Tin, pelas valiosas contribuições e direções para o aprimoramento do trabalho.

A todos os professores que passaram por minha trajetória de aprendizado, heróis verdadeiros que driblaram os próprios desafios e vicissitudes para partilhar o conhecimento. Filha de escola pública em todo o meu ensino fundamental e médio, posteriormente professora da Rede Municipal de Ensino, sou grata a cada professora e professor que encontrei em meu caminho. A escola pública fez e faz a diferença na vida de milhares de crianças e jovens nesse país.

À professora Marisa Lajolo, minha orientadora de Iniciação Científica que, com paciência e disposição, iniciou-me nesse universo acadêmico e nos estudos lobatianos, acompanhando minha trajetória de pesquisa esses anos todos. Em uma de suas primeiras reuniões com o grupo de estudantes interessados em estudar Monteiro Lobato, ela nos pediu para escrever cinco linhas delimitando uma hipótese de pesquisa. Depois, as cinco linhas se tornaram uma página e meia. E treze anos depois, aquelas linhas iniciais de projeto se ampliaram (bastante!) e estão na base desta tese.

À professora Telê Ancona Lopez, minha orientadora de Mestrado e quem primeiro me acolheu na Universidade de São Paulo. Guardo com carinho suas lições de aprimoramento de escrita e ouço sua voz-guia em muitos momentos na construção de meus textos.

Ao sr. Enéas Athanázio e a sua esposa d. Jandira que, com tanta gentileza e hospitalidade, me acolheram em sua casa e cidade. Sou grata pelo esforço e pela dedicação do biógrafo que, há mais de quarenta anos, reúne e divulga informações da vida e da obra de Godofredo Rangel. Sempre tão cordial e generoso, o sr. Enéas me apontou caminhos, partilhou

documentos de seu acervo pessoal e compartilhou fontes fundamentais para a realização desta pesquisa.

Aos arquivos e às bases de dados consultadas: Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional; acervo do jornal *O Estado de S. Paulo*; Hemeroteca/Biblioteca Digital da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; Delfos Digital – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (MG); Arquivo Público do Estado de São Paulo (SP); Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin – pertencentes à Universidade de São Paulo; Centro de Documentação e Memória (CEDEM) – vinculado à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Fundação Cultural de Blumenau (SC); Casa da Cultura de Campos Novos (SC). Aos funcionários que colaboraram nessa trajetória e permitiram o acesso às documentações.

Aos meus pais, Silvana e Lourival, pelos valores ensinados, por cada luta travada e por nossa família. Agradeço, em especial, minha mãe, amor sem igual. As lições acompanhadas e retomadas, a companhia, a cumplicidade, as palavras de apoio, as refeições-carinhos, a paciência ... meu porto!

A minha irmã, Luana, pelas besteiragens e parceria de todos os tempos. Agradecida demais pelas tardes de carinho com a Clarice.

Ao meu marido, Osmar, companheiro de vida, de sonhos e de aventuras. Sou grata por tanto! Apoio, parcerias, palavras de incentivo em momentos difíceis, dedicação a nossa família. Não posso deixar de agradecer também pelos diversos momentos em que, sem medir esforços, eu pude contar com sua colaboração na pesquisa: doando-se, acompanhando, auxiliando, sonhando junto, cuidando da Clarice e “pondo a mão na massa” comigo.

A minha filha, Clarice, que nasceu durante os anos dessa pesquisa e trouxe tanta luz aos meus dias. Minha colaboradora que visitou acervos comigo, “trabalhou” ao meu lado pintando seus desenhos, brincando ou tomando seu tetê. No dia da entrega desta tese, ao me ver chorando com receio de não conseguir finalizar, colocou sua carinhosa mãozinha em meu rosto e disse: “Mamãe, você vai conseguir!”

A minha prima, Jessica, por tantos momentos de escuta, pela partilha de sonhos e de planos, além de toda uma vida de tantas afinidades e crescimentos juntas.

Às amigas que foram braço e acolhimento, palavra e força, Ligia Rivello Baranda Kimori e Flávia Barretto Corrêa Catita.

Às amigas Aline Novais de Almeida e Juliana Caldas, pela parceria e pelos tantos auxílios em meio aos contratempos.

À amiga Raquel Endalécio Martins que, desde os tempos da Iniciação Científica, foi parceira em projetos, em caminhos e em diferentes fases da vida.

As minhas amigas do grupo Majuta que acompanharam essa jornada, sempre torcendo e incentivando a seguir. Professoras-guerreiras com quem pude compartilhar meus dias na época de trabalho na Prefeitura Municipal de São Paulo, desdobrando numa amizade para a vida: Ana Boaventura, Ana Paula, Ana Lucia, Edna, Gislaine, Luciana, Luciane, Rita, Rosana, Silvana, Suzana, Suzi, Tânia e Vânia.

– Ah! quando voltará o meu barquinho cor de rosa,
com as velas esfarrapadas e flutuantes ao vento das
desilusões?!

Leão Godoy [pseud. Godofredo Rangel], “Viagem
perene”

A preguiça é grande e a vida é curta.

Godofredo Rangel, *Vida ociosa*.

RESUMO

SPAGNOLI, C. R. A. **Uma vida nada ociosa! Godofredo Rangel na *Revista do Brasil* (1917-1924)**. 2020. 368f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Godofredo Rangel (1884-1951) semeou seus escritos em aproximadamente meia centena de periódicos. Entre janeiro de 1917 e abril de 1924, a *Revista do Brasil* (SP) acolheu parcela significativa desta produção. Em suas páginas circulou a primeira publicação dos capítulos do romance *Vida ociosa* (1920); foram difundidos contos, quase todos depois inseridos nas coletâneas *Andorinhas* (1924) e *Os humildes* (1944); e escritos não-ficcionais que deixaram de ser recolhidos em livro. O nome de Rangel também aparece mencionado no periódico em artigos, seções de divulgação literária e em textos de publicidade. As cartas que o escritor e editor Monteiro Lobato (1882-1948) lhe dirigiram, coligidas em *A barca de Gleyre* (1944), testemunham a gênese desses escritos e as estratégias de propagação, colocando em pauta a questão da autoria compartilhada. A presente tese busca apreender criticamente o espaço ocupado pela *Revista do Brasil* na trajetória literária de Godofredo Rangel, sublinhando os vínculos dessa produção com o conjunto de sua obra. Aborda a passagem dos textos estampados na revista para a versão em livro, com a finalidade de captar linhas de força do processo criativo do autor mineiro. Focalizando o periodismo de Godofredo Rangel, visa ampliar a sua fortuna crítica.

Palavras-chave: Godofredo Rangel. *Revista do Brasil*. Periodismo. Epistolografia. Crítica Genética.

ABSTRACT

SPAGNOLI, C. R. A. **A never idle life! Godofredo Rangel in *Revista do Brasil* (1917-1924)**. 2020. 368f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Godofredo Rangel (1884-1951), a Brazilian writer from Minas Gerais state, sowed his writings in nearly fifty newspapers and magazines. Between January 1917 and April 1924, a meaningful part of such production was embraced by *Revista do Brasil* (São Paulo). The first versions of chapters of *Vida Ociosa* (1920) and some of his short-stories, later included in the compilations *Andorinhas* (1924) and *Os Humildes* (1944), appeared on those pages; as well as non-fictional texts, never collected in a volume. Rangel's name was also mentioned in articles published on *Revista do Brasil*, in reviews sections and in advertising texts. Moreover, the letters sent to him by the writer and editor Monteiro Lobato (1882-1948), collected in *A Barca de Gleyre* (1944), testified the origin of Rangel's texts and the strategies for their dissemination, putting into discussion the theme of shared authorship. Therefore, this dissertation seeks to exam critically the meaning of *Revista do Brasil* to Godofredo Rangel's literary trajectory, stressing the relation of such production to his complete oeuvre. In addition, this dissertation deals with the transition of texts published from the periodical to their book versions, aiming at grasping the lines of force in the creative process of such writer. Finally, as this paper focuses on Rangel's writing in journals, it intends to enlarge the critical resources about him and his oeuvre.

Keywords: Godofredo Rangel. *Revista do Brasil*. Literary Journalism. Epistolography. Genetic Criticism.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: FAC-SÍMILE DOS JORNAIS DA JUVENTUDE DE GODOFREDO RANGEL.	26
IMAGEM 2: FRAGMENTO AMPLIADO DE EXCERTO DO FAC-SÍMILE DOS JORNAIS DA JUVENTUDE DE GODOFREDO RANGEL.	27
IMAGEM 3: FAC-SÍMILE DE PÁGINA DO EXEMPLAR DE <i>O COMBATENTE</i> , COM FRAGMENTO (VI) DA NARRATIVA “DE S. PAULO A GUARUJÁ”, DE GODOFREDO RANGEL.	30
IMAGEM 4: FAC-SÍMILE DE PÁGINA DO EXEMPLAR DE <i>O COMBATENTE</i> , COM CONTINUIDADE DO FRAGMENTO (VI) DA NARRATIVA “DE S. PAULO A GUARUJÁ”, DE GODOFREDO RANGEL.	31
IMAGEM 5: FAC-SÍMILE DE PÁGINA DO EXEMPLAR DO <i>MINARETE</i> , COM FRAGMENTO DO CONTO “SIMBÓLICO VAGIDO”, DE GODOFREDO RANGEL.....	34
IMAGEM 6: FRAGMENTO DA PÁGINA DO EXEMPLAR DE <i>O ESTADO DE S. PAULO</i> , DE 23 OUT. 1915, COM ENQUADRAMENTO DA SEÇÃO “NOTÍCIAS DIVERSAS”, LOCALIZANDO-SE O ANÚNCIO DA EDIÇÃO NOTURNA NA QUAL INCLUI-SE UM EXCERTO DE GODOFREDO RANGEL NA PÁGINA LITERÁRIA.....	46
IMAGEM 7: FRAGMENTO DA PÁGINA DO EXEMPLAR DE <i>O ESTADO DE S. PAULO</i> , DE 24 JUN. 1916, COM ENQUADRAMENTO DA SEÇÃO “NOTÍCIAS DIVERSAS”, LOCALIZANDO-SE O ANÚNCIO DA EDIÇÃO NOTURNA NA QUAL FOI INCLUÍDO O TRABALHO INÉDITO “PIRATA”, DE GODOFREDO RANGEL, NA SEÇÃO “PROSA E VERSO”.	47
IMAGEM 8: CAPA COM SUMÁRIO DE <i>A REVISTA</i> (EDIÇÃO FAC-SIMILAR), NÚMERO 3 (SETEMBRO/1925), COM PARTICIPAÇÃO DO ESCRITOR GODOFREDO RANGEL EM MEIO A OUTROS COLABORADORES.	64
IMAGEM 9: CAPA COM SUMÁRIO DE <i>VERDE</i> (EDIÇÃO FAC-SIMILAR), NÚMERO 3 (NOVEMBRO/1927), COM PARTICIPAÇÃO DO ESCRITOR GODOFREDO RANGEL EM MEIO A OUTROS COLABORADORES.	65
IMAGEM 10: CAPA COM SUMÁRIO DE <i>FESTA</i> (EDIÇÃO FAC-SIMILAR), NÚMERO 4 (1º JANEIRO DE 1928), COM PARTICIPAÇÃO DO ESCRITOR GODOFREDO RANGEL EM MEIO A OUTROS COLABORADORES.	66
IMAGEM 11: PÁGINA DO PRIMEIRO NÚMERO DA <i>REVISTA DO BRASIL</i> COM O QUADRO DE DIRIGENTES SEGUIDO DA RELAÇÃO DOS ACIONISTAS DO PERIÓDICO.	86
IMAGEM 12: PÁGINA DO PRIMEIRO NÚMERO DA <i>REVISTA DO BRASIL</i> COM O QUADRO DE DIRIGENTES SEGUIDO DA RELAÇÃO DOS ACIONISTAS DO PERIÓDICO.	86
IMAGEM 13: PÁGINA DO EXEMPLAR DIGITALIZADO DA <i>REVISTA DO BRASIL</i> (N. 8, AGOSTO/1916) CONSTANDO A RELAÇÃO DOS COLABORADORES COM TRABALHOS A SEREM PUBLICADOS NOS PRÓXIMOS NÚMEROS DO PERIÓDICO, ENTRE ELES GODOFREDO RANGEL.	105
IMAGEM 14: FOLHA DE ROSTO DA EDIÇÃO PRIMEIRA DE <i>VIDA OCIOSA: ROMANCE DA VIDA MINEIRA</i> , SOB A CHANCELA DA <i>REVISTA DO BRASIL</i> E DA MONTEIRO LOBATO & CIA.	137

IMAGEM 15: PÁGINA DO EXEMPLAR DIGITALIZADO DA *REVISTA DO BRASIL* (N. 62, FEVEREIRO/1921) COM PUBLICIDADE DAS “EDIÇÕES DA *REVISTA DO BRASIL*”. ENTRE AS OBRAS ANUNCIADAS: “*VIDA OCIOSA*, GENIAL ROMANCE DA VIDA MINEIRA, POR GODOFREDO RANGEL”. 148

IMAGEM 16: PÁGINA DO EXEMPLAR DIGITALIZADO DA *REVISTA DO BRASIL* (N. 74, FEVEREIRO/1922) COM PUBLICIDADE DA “LISTA DAS EDIÇÕES” DA MONTEIRO LOBATO & CIA.. ENTRE AS OBRAS ANUNCIADAS: “*VIDA OCIOSA*, ROMANCE DE GODOFREDO RANGEL, FARTAMENTE ELOGIADO PELA CRÍTICA NACIONAL QUE O CONSIDERA UMA DAS OBRAS PRIMAS DA NOSSA LITERATURA”. 149

SUMÁRIO

RANGEL EM “REVISTA”	16
CAPÍTULO 1 – GODOFREDO RANGEL EM CIRCULAÇÃO.....	26
1.1 - DOS ESCRITOS DA JUVENTUDE À ESTREIA NA IMPRENSA (1900-1909).....	26
1.2 – UM LITERATO EM FORMAÇÃO (1910-1919).....	42
1.3 – O ESCRITOR ENTRE LIVROS, JORNAIS E REVISTAS (1920 -1929).....	51
1.4 – UM ESCRITOR JUIZ-PROFESSOR E JUIZ-TRADUTOR (1930 -1939).....	67
1.5 – UM EQUILIBRISTA NA BALANÇA DAS TRADUÇÕES E DA CRIAÇÃO (1940 -1951).....	74
CAPÍTULO 2 – UMA OPORTUNIDADE CHAMADA <i>REVISTA DO BRASIL</i>	84
2.1 – UM BREVE HISTÓRICO DA <i>REVISTA DO BRASIL</i>	84
2.2 – UMA AMIZADE, ALGUMAS MEDIAÇÕES E MUITAS PARTILHAS.....	92
CAPÍTULO 3 – GODOFREDO RANGEL NA <i>REVISTA DO BRASIL</i>	106
3.1 - TEXTOS NÃO LITERÁRIOS/ NÃO FICCIONAIS:	110
3.2 – TRAJETÓRIAS E MOMENTOS DE <i>VIDA OCIOSA</i> : GÊNESE, CIRCULAÇÃO E PREPARAÇÃO DA EDIÇÃO	122
3.2.1 – Estratégias de divulgação e uma parcela da recepção de <i>Vida ociosa</i> na <i>Revista do Brasil</i>	139
CAPÍTULO 4 – UM CONTISTA EM TRÂNSITO	150
4.1 – CAMINHOS ESTILÍSTICOS E EXPERIMENTAÇÕES: INCURSÕES NA ESCRITA DE GODOFREDO RANGEL CONTISTA	150
4.2 – OS CONTOS DE GODOFREDO RANGEL NA <i>REVISTA DO BRASIL</i>	166
4.3 – DIVULGAÇÃO E PUBLICIDADE DA COLETÂNEA <i>ANDORINHAS</i> NA <i>REVISTA DO BRASIL</i>	191
CAPÍTULO 5 – DAS PÁGINAS DA <i>REVISTA DO BRASIL</i> AOS LIVROS <i>ANDORINHAS</i> E <i>OS HUMILDES</i> : SENDAS E PROCESSOS CRIATIVOS	196
5.1 – PERCURSOS DA ESCRITA DE GODOFREDO RANGEL	196
5.2 – DA <i>REVISTA DO BRASIL</i> ÀS COLETÂNEAS: ASPECTOS CENTRAIS DAS ALTERAÇÕES	199
5.3 – <i>ANDORINHAS</i>	200
5.4 – <i>Os HUMILDES</i>	211
GODOFREDO RANGEL EM PERSPECTIVA(S)	218
BIBLIOGRAFIA	222
COMPLEMENTO A - CORRESPONDÊNCIA DE GODOFREDO RANGEL A MONTEIRO LOBATO, PUBLICADA NO <i>SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS</i>	244
COMPLEMENTO B - MAPEAMENTO DA ATUAÇÃO DE GODOFREDO RANGEL NA IMPRENSA BRASILEIRA	245

COMPLEMENTO C - COLABORAÇÕES DE GODOFREDO RANGEL NO <i>MINARETE</i>	262
COMPLEMENTO D - TRADUÇÕES E REVISÕES ASSINADAS POR GODOFREDO RANGEL	264
COMPLEMENTO E - PUBLICAÇÕES DE GODOFREDO RANGEL NA <i>REVISTA DO BRASIL</i>	271
COMPLEMENTO F - QUADRO COMPARATIVO DA CIRCULAÇÃO DOS TEXTOS DE GODOFREDO RANGEL ESTAMPADOS NA <i>REVISTA DO BRASIL</i>	273
COMPLEMENTO G - <i>VIDA OCIOSA</i> – TÍTULOS DOS CAPÍTULOS	276
ANEXOS	277
O ESTILO DE FIALHO	277
MEU PARENTE	283
O DESTACAMENTO	292
O ORÁCULO	303
O GORDO ANTERO	308
PASSEIO AO CÉU	313
O <i>CROISÉE</i>	319
A RETIRADA DA LAGUNA (O COLÉRICO ABANDONADO SOBREVIVENTE)	323
FRASES FEITAS - NOTAS SOBRE ESTILO	330
O CONVESCOTE	336
MEALHAS	341
O LEGADO	345
ASPECTOS MINEIROS	352
UM ANIMAL ESTRANHO	360
O BEDEL	365

Rangel em “revista”

Quando o escritor se sobrepõe à obra, estamos diante de um homem de letras, de um homem público, melhor seria dizer; quando se dá o contrário, estamos diante de um verdadeiro artista. Foi essa a primeira lição que recebi do escritor Godofredo Rangel.

(Autran Dourado)¹

Esta pesquisa focaliza o periodismo do escritor mineiro José Godofredo de Moura Rangel (1884-1951). Debruça-se sobre sua produção na *Revista do Brasil*, de São Paulo, entre janeiro de 1917, com a publicação do ensaio “O estilo de Fialho”, e abril de 1924, que traz o conto “O bedel”. Analisa a participação do autor no mensário e busca perceber os vínculos entre essas composições e o conjunto da obra dele.

O trabalho tem como ponto de partida minha pesquisa de Iniciação Científica: *A correspondência de Monteiro Lobato como documento da formação do autor* (2007-2009), subvencionada por bolsa da Fapesp, sob orientação Profa. Dra. Marisa Lajolo, na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Na ocasião, busquei conhecer a formação literária do jovem José Bento Monteiro Lobato, por meio de sua correspondência com Godofredo Rangel, reunida em *A barca de Gleyre* (1944). A pesquisa mapeou nas cartas as concepções de Lobato acerca de estilo, as obras que lia e comentava com o amigo, em particular das literaturas francesa e portuguesa, até 1918, data da publicação de *Urupês*.

O mestrado, no Programa de Pós-graduação em Culturas e Identidades Brasileiras, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, orientado pela Profa. Dra. Telê Ancona Lopez, deu seguimento à investigação, culminando, em 2014, na dissertação *Monteiro Lobato, o leitor*. A pesquisa focalizou, em profundidade, a formação literária do autor de *Ideias de Jeca Tatu* (1919), por meio do levantamento de referências de leituras, nas cartas que dirigiu a Godofredo Rangel. Objetivou, igualmente, delinear o espectro de obras que teriam integrado as suas estantes.

A tese, beneficiando-se das investigações já levadas a termo, tenciona lançar luz sobre Godofredo Rangel, um autor que, a despeito da importância de sua produção, possui uma bibliografia crítica relativamente pequena. É de sua autoria a gramática *Estudo prático de português* (1917); o romance *Vida ociosa* (1920); dois volumes de contos, *Andorinhas* (1924)²

¹DOURADO, Autran. O meu mestre Rangel. In: RANGEL, Godofredo. **Vida ociosa**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000. Prefácio, p. vii - xii.

² O biógrafo Enéas Athanázio registra 1922 como ano de lançamento deste livro de contos de Godofredo Rangel, contudo, há divergências quanto à data. Lobato, em carta de 3 de janeiro de 1924 a Godofredo Rangel, em *A barca*

e *Os humildes* (1944); a novela *A filha* (1929); três obras infantis, *A banda de música do onça* (1943?), *Histórias do tempo do onça* (1943?) e *Passeio à casa de Papai Noel* (1943?)³; os romances *Falange gloriosa* (1953) e *Os bem casados* (1954)⁴, postumamente editados.

O ficcionista, nascido em Três Corações, colaborou em diversos jornais e revistas. Parcela dos periódicos que acolheram sua produção está registrada em *Godofredo Rangel*, biografia assinada por Enéas Athanázio, publicada em 1977 e reeditada, com acréscimos, sob o título *O amigo escrito*, em 1988⁵. O biógrafo partiu das referências deixadas na correspondência do escritor com Monteiro Lobato, difundida em *A barca de Gleyre*, e apontou

de Gleyre, informou ao amigo as razões do atraso no lançamento da edição: “Teu livro está impresso e dobrado. Se demora, é porque a proximidade da abertura das aulas põe a mercadoria didática à frente de tudo mais”. Pelo que se depreende, a coletânea ainda não teria sido publicada naquele início de 1924. O *Catálogo das edições de Monteiro Lobato & Cia.* passou a integrar *Andorinhas* em 1924, no VIII volume da coleção “Biblioteca da Rainha Mab”. Cf. ATHANÁZIO, Enéas. **O amigo escrito**. Florianópolis (SC): Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e Secretaria de Estado da Casa Civil, 1988, p. 58-60.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. Edição de Arlete Alonso (coordenação), Cecília Bassarani e Luciane Ortiz de Castro. Consultoria e pesquisa: Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta. São Paulo: Globo, 2010, p. 491. Carta de São Paulo, 03/01/1924. BIGNOTTO, Cilza Carla. **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2007. CD anexo – Catálogos.

³ RANGEL, Godofredo. **Estudo Prático de Português**. Santa Rita do Sapucaí (MG): Tipografia e Papelaria do Correio do Sul, 1917.

Idem. **Vida ociosa**. São Paulo: Edição da Revista do Brasil/ Monteiro Lobato & Cia, 1920.

Idem. **Andorinhas**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1924.

Idem. **Os humildes**. São Paulo: Universitária, 1944.

Idem. **A filha**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1929.

Idem. **A banda de música do onça**. São Paulo: Melhoramentos, [1943?].

Idem. **Histórias do tempo do onça**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, [1943?].

Idem. **Passeio à casa de Papai Noel**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, [1943?].

Idem. **Falange gloriosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

Idem. **Os bem casados**. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

⁴ Embora o biógrafo Enéas Athanázio indique 1955 como ano de lançamento das duas edições póstumas, a pesquisa em periódicos pôde constatar que o livro *Falange gloriosa* saiu do prelo em 1953; *Os bem casados*, em 1954. Na sequência, elenca-se a bibliografia atestando as datas de publicação dos volumes. - *Falange gloriosa* - NO MUNDO DOS LIVROS. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 8, p. 50, 5 dez. 1953. FICÇÃO Nacional. **A Noite**, Rio de Janeiro, ano XLIII, n. 14.562, p. 4, 20 nov. 1953. SCHINEIDER, Otto. Livros. **O Jornal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano XXXIII, n. 10.193, p. 7, 28 nov. 1953. UM ROMANCE de Godofredo Rangel. **O Jornal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano XXXIII, n. 10.206, 13 dez. 1953. Sexta seção, p. 4.

- *Os bem casados*: ÚLTIMAS na cidade das letras. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LIII, n. 18.759, p. 10, 23 maio 1954. OS BEM casados. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LIII, n. 18.775, p. 10, 11 jun. 1954. VÁRIAS. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 5, p. 30, 13 nov. 1954.

⁵ Enéas Athanázio é colunista do Coojornal – Revista Rio Total. Dedicou espaço ao escritor Godofredo Rangel na escrita de uma série de artigos disponíveis no endereço eletrônico: <http://www.riototal.com.br/coojornal/eneasathanazio-arquivo.htm>. Cf. ATHANÁZIO, Enéas. As três mortes de Rangel. **Coojornal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 533, 16 jun. 2007. Idem. O outro lado de “A Barca de Gleyre”. **Coojornal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 534, 23 jun. 2007. Idem. Recordando Godofredo Rangel. **Coojornal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 535, 30 jun. 2007. Idem. RANGEL e eu. **Coojornal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 536, 7 jul. 2007. Idem. O sentenciado Lourenço. **Coojornal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 537, 14 jul. 2007. Idem. Cronologia rangelina. **Coojornal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 538, 21 jul. 2007. Idem. O amigo escrito de Monteiro Lobato. **Coojornal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 12, n. 634, 30 maio 2009. Idem. “Vida ociosa”: algumas notas. **Coojornal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 20, n. 1.025, 5 abr. 2017. Idem. A história do mundo. **Coojornal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 22, n. 1.109, 16 jan. 2019.

as seguintes folhas: *O Povo*, *O Combatente*, *O Minarete*, *O País*, *A Lanterna*, *O Dia*, *A Novela Semanal*, *O Estado de S. Paulo e Estadinho*, *Vida Moderna* e *Revista do Brasil*.

Athanázio menciona alguns títulos estampados por Rangel nos periódicos listados. Em *O Combatente*: “De S. Paulo a Guarujá”; em *Minarete*: “Simbólico vagido”; “Se o Minarete desabasse”; “Um literato”; “Gouache”; “Ave Maria!”; “O incompreendido”; “Diário”; “Dona Fidalma”; “O bem”; “Tião” e “O queijo de Minas ou História de um nó-cego”; em *Estadinho*: capítulos do romance *Vida ociosa* e *Falange gloriosa*, este último em formato rodapé, em 1917, e contos de *Andorinhas*; em *Vida Moderna*: notas sobre Euclides da Cunha e alguns *sueños*, em 1916; na *Revista do Brasil*: um estudo sobre Fialho e *Vida ociosa* em capítulos, em 1917.

O arrolamento de Enéas Athanázio, contudo, carece da indicação precisa de datas de publicação dos textos. O biógrafo chama a atenção para a “possibilidade de que muitas produções rangelinas estejam perdidas em jornais interioranos”. Para ele, “o juiz interiorano naquela época de poucos jornais de expressão nem sempre conseguia publicar seus escritos em órgãos de grande tiragem e repercussão”.⁶ Embora Athanázio mencione apenas dois trabalhos de Godofredo Rangel na *Revista do Brasil*, afirma que a atuação do mineiro foi constante e, para um aprofundamento do assunto, indica o ensaio “Rangel e a *Revista do Brasil*”, de sua autoria, no livro *Figuras e lugares*, no qual apresenta o elenco de colaborações.

De fato, a participação de Godofredo Rangel na *Revista do Brasil* é extensa e se estende em sete dos nove anos de existência do periódico em sua primeira fase, que desfrutou de enorme prestígio e ostentou uma rara longevidade para os padrões então vigentes no país⁷. A produção no mensário é formada de capítulos do romance: *Vida ociosa*; dos contos: “Meu parente”, “O destacamento”, “O oráculo”, “O gordo Antero”, “Passeio ao céu”, “O *croisé*”, “O convescote”, “O legado”, “Um animal estranho”, “O bedel”; e de trabalhos não ficcionais: “O estilo de Fialho”, “A retirada da Laguna – (O colérico abandonado sobrevivente)”, “Frases feitas”, “Mealhas”, “Aspectos mineiros”. Boa parte dessas composições granjeou posteriormente uma versão em livro. Os capítulos de *Vida ociosa*, por exemplo, foram reunidos e editados em volume por Monteiro Lobato, lançados em 1920, com o timbre da Revista do Brasil/Monteiro Lobato & Cia. Nove dos dez contos de Rangel estampados nas páginas do periódico paulistano também foram incorporados às coletâneas *Andorinhas* e *Os humildes*.

Além dos escritos assinados por Godofredo Rangel, Enéas Athanázio lista artigos e comentários na *Revista do Brasil* que focalizaram a produção literária rangelina, textos

⁶ ATHANÁZIO, Enéas. **O amigo escrito**, op cit., p. 64-65.

⁷ LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 31.

assinados por Tristão de Ataíde⁸, Augusto de Lima, Breno Ferraz e Benjamin de Garay, entre outros. O estudioso aponta, ainda, a existência de seções do mensário que fomentaram a divulgação e publicidade da obra do tricordiano.⁹

Embora Godofredo Rangel tenha ocupado cadeira na Academia Mineira de Letras, poucos estudos detiveram-se em sua produção literária, conforme Enéas Athanázio afirma em 1977:

Decorridos mais de trinta anos de sua morte, raros são os ensaios a seu respeito [...] Não o registram, ou o fazem de modo incompleto, as enciclopédias e os dicionários de literatura, histórias e ensaios de crítica. Alguns lhe dedicam umas poucas linhas, mas enfatizando em demasia a correspondência com Monteiro Lobato, em detrimento de sua própria obra, relegada a segundo plano.¹⁰

Entre 1977 e a presente data, poucos trabalhos vieram a se somar aos estudos sobre o escritor e sua obra.¹¹ No que tange às relações entre Rangel e a *Revista do Brasil*, a pesquisa localizou unicamente o artigo “Fragmentos da gênese de *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel, n’*A barca de Gleyre*” (2012), de Emerson Tin. Nele, o pesquisador coteja trechos do romance difundido no periódico paulista, com a versão em livro, em sua edição *princeps*. A partir das

⁸ Pseudônimo do crítico literário e polígrafo Alceu Amoroso Lima.

⁹ ATHANÁZIO, Enéas. Rangel e a *Revista do Brasil*. In: **Figuras e lugares**. Blumenau (SC): Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1983, p. 38-39.

¹⁰ ATHANÁZIO, Enéas. **Godofredo Rangel**. Curitiba: Gráfica Editora, 1977, p. 11.

¹¹ Entre eles, a pesquisa localizou: DESSIMONI, Darcy Piva. **No balanço da *Barca de Gleyre*, vida e obra de José Godofredo de Moura Rangel**. Dissertação (Mestrado). Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), 2005. MURARI, Luciana. As artes da ficção: Oliveira Vianna e a imaginação literária regionalista de Godofredo Rangel e Afonso Arinos. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 45, p. 289-315, junho 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752011000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 2 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752011000100013>. NOGUEIRA, Eloisa Alves. **O eu o outro: o legado de dois pais contado por Machado de Assis e Godofredo Rangel**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2017. OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. **(A)Cerca de um tempo: representação das identidades mineira e paulista em Godofredo Rangel e Monteiro Lobato (1903-1921)**. Curitiba: Editora Prisma, 2016. PRADO, Célia Luiza Andrade. **A tradução na Era Vargas de 1930 a 1940: O Tarzan brasileiro de Manuel Bandeira, Monteiro Lobato e Godofredo Rangel**. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. SILVA, Ana Cláudia da. Godofredo Rangel romancista. In: PEREIRA, Cilene Margarete; CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. (Org.). **Minas Gerais: Diálogos - Estudos de Literatura e Cultura**. Curitiba: Prismas, 2013, p. 47-76. Idem. Godofredo Rangel e Autran Dourado: o artista e o aprendiz. **Línguas & Letras**, v. 13, n. 25, fev. 2013. ISSN 1981-4755. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/6979/5694>>. Acesso em 16 mar. 2020. SILVA, Danyelle Marques Freire da. **A constituição do espaço em *Vida Ociosa*, de Godofredo Rangel**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, Três Corações (MG), 2013. TIN, Emerson. Fragmentos da gênese de *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel, n’*A barca de Gleyre*. In: **X Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética**, 2012, Porto Alegre. Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética - Edição X (2012) - Materialidade e Virtualidade no Processo de Criação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 129-135. VIOTTI, Fernando Baião. Um romance na encruzilhada: *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel. **RECORTE** – Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações (MG), v. 14, n. 2, 2017.

cartas presentes em *A barca de Gleyre*, resgata ainda o papel exercido por Lobato, na época editor de Godofredo Rangel, no processo de edição do livro.¹²

Há pouquíssimas informações disponíveis sobre a atuação do prosador mineiro em periódicos. A presente tese tenciona, em vista dessa constatação, identificar, analisar e interpretar a produção de Rangel na *Revista do Brasil*, com vistas a ampliar a sua fortuna crítica. No que concerne aos contos inseridos nas coletâneas *Andorinhas* e *Os humildes*, a pesquisa propõe-se também a captar as linhas de força do processo criativo do escritor, detendo-se na observação do trajeto entre as páginas da revista e a versão em livro. Intenta, ainda, dar a conhecer um extensivo mapeamento preliminar da atuação de Godofredo Rangel na imprensa brasileira.

Além das fontes sinalizadas, a correspondência de Godofredo Rangel com Monteiro Lobato fornece substanciosos indícios da trajetória literária do contista de *Os humildes*. Rangel foi correspondente de Monteiro Lobato por mais de quarenta anos, entre 1903 e 1948. Os autores começaram a trocar cartas na época em que frequentavam o curso de Ciências Jurídicas e Sociais no Largo de São Francisco e chegaram a dividir uma casa, por poucos meses, no bairro do Belenzinho (SP), à Rua 21 de Abril, que recebeu o nome de república “Minarete” pelos amigos. Apesar do pouco tempo de convívio próximo entre os missivistas, a amizade foi mantida na distância. Depois de formados, Rangel reencontrou pessoalmente Lobato em 1907 e, somente trinta e nove anos mais tarde, em 1946, o contista de *Urupês* retribuiu a visita. A despeito do afastamento físico, a amizade epistolar entre ambos está registrada em *A barca de Gleyre*, livro que Lobato organizou e publicou pela Companhia Editora Nacional em 1944.¹³

Sobre o que escrevem?

As cartas exploram uma grande variedade de assuntos, o cotidiano de cada um divide espaço entre pensamentos e discussões de dois leitores privilegiados, que opinam sobre leituras, escritores e personalidades da época. As missivas testemunham também a gênese (muitas vezes compartilhada) e diversas etapas do preparo de suas obras.

No que se refere à *Revista do Brasil*, as cartas oferecem registros dos primeiros contatos dos escritores com o periódico, desvelam Monteiro Lobato intermediando a difusão das

¹² TIN, Emerson. Fragmentos da gênese de *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel, n' *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 129-135.

¹³ Na segunda edição de *A barca de Gleyre*, organizada em 1946 por Monteiro Lobato para as suas *Obras completas*, e na terceira edição, de 1948 (ambas pela Editora Brasiliense), não foram reproduzidas onze cartas, escritas entre 5 de março de 1945 e 10 de março de 1947. Estas cartas estão incluídas na edição de 2010, da Editora Globo. Edição de Arlete Alonso (coordenação), Cecília Bassarani e Luciane Ortiz de Castro. Consultoria e pesquisa: Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta. Essa edição ampliada serve de base para esta tese.

colaborações de Rangel. Quando o autor de *Urupês* adquire o mensário, em meados de 1918¹⁴, *A barca de Gleyre* historia o desdobramento da amizade em uma relação entre editor e escritor, respectivamente nas figuras de Lobato e Rangel.

Conhecidas do público leitor são as cartas de Monteiro Lobato. O que aconteceu com as missivas de Godofredo Rangel? Por que elas não foram publicadas? Onde estão? Se existem, quem as conserva? São interrogações que se tornaram recorrentes àqueles que se deparam com essa conversa de voz única.

Duas edições especiais do *Suplemento Literário de Minas Gerais (SLMG)*¹⁵, organizadas por Márcio Sampaio, prestam homenagem a Godofredo Rangel, no ano de seu centenário¹⁶. O primeiro número saiu em 24 de novembro e o segundo em 1º de dezembro, ambos de 1984¹⁷. Por meio de transcrições de artigos de crítica, depoimentos de amigos e de familiares, capítulos de romances, contos, além de documentação na época inédita – como trechos de obras e de algumas das tão aguardadas cartas a Monteiro Lobato – o *Suplemento* lançou um olhar abrangente sobre a trajetória deste que foi escritor, tradutor, professor e juiz, entre outras atividades.

A ausência de uma edição das cartas ganhou as primeiras páginas do *SLMG*. Afinal, quais os motivos teriam levado Rangel a não querer que mensagens a Lobato se tornassem conhecidas? Por que teria sugerido que Lobato publicasse as dele? Algo o desagradara no

¹⁴ Cf. LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit.

¹⁵ Idealizado por Murilo Rubião, o *Suplemento Literário* foi lançado em 3 de setembro de 1966 pela Imprensa Oficial e publicado, semanalmente, até 1992, como encarte do jornal institucional do governo, *Minas Gerais*. Os primeiros redatores do *Suplemento* foram Murilo Rubião, Laís Corrêa de Araújo, Affonso Ávila, Ayres da Mata Machado Filho. Interrompido em 1993, voltou a ser editado um ano depois, sob a chancela da Secretaria de Estado da Cultura, periodicidade mensal e nova numeração. Mariana Novaes recupera a história (a criação, amadurecimento, sucessos, crises e personagens) do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, as suas características (estruturas e diretrizes) e seus textos (sobretudo no campo da literatura e da crítica brasileira) nas 172 edições nas quais o escritor Murilo Rubião assinou como secretário. Cf. NOVAES, Mariana. **O Suplemento Literário do Minas Gerais no arquivo de Murilo Rubião 1966–1969**. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014.

¹⁶ O “Projeto *Suplemento Literário* – 35 anos”, desenvolvido pela Biblioteca da Faculdade de Letras da UFMG, desde 1997, teve por objetivo maximizar a utilização do *Suplemento Literário*, facilitar a pesquisa e, sobretudo, garantir a preservação do acervo. Na primeira etapa, com o apoio da PRODEMGE, teve como resultado a publicação em CD-ROM de uma Base de Dados Referencial, incluindo a indexação de todas as matérias publicadas entre 1966 e 1998. Na segunda etapa, além de atualizar a base de dados incluindo o período de 1999 a setembro de 2004, todo o acervo foi digitalizado e microfilmado, com o apoio da Faculdade de Letras da UFMG e da FAPEMIG, através do Programa “Uso da Tecnologia Digital no Resgate da Identidade Histórico-Cultural de Minas Gerais”. Foram 1282 fascículos indexados, digitalizados e microfilmados, totalizando cerca de 20.000 artigos publicados, relativos a 38 anos. As edições digitalizadas podem ser acessadas para consulta através do endereço eletrônico: <http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/index.php>. A pesquisa da matéria pode ser feita através da autoria, título, número do volume ou fascículo, ano, assunto, gênero literário, série, edições especiais, tradutores, organizadores e ilustradores. Outra parcela das edições do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, que recobre o intervalo entre 2006 e 2016, se encontra digitalizada no domínio da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/a-secretaria/consulta-publica-2/suplemento-literario>.

¹⁷ SAMPAIO, Márcio (Org.). **Suplemento Literário Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano 19, n. 947, 24 nov. 1984. Idem. **Suplemento Literário Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano 19, n. 948, 1º dez. 1984.

caminho entre a ideia de publicação, a versão editada e o lançamento desta correspondência? É no texto “A outra barca”, de Márcio Sampaio, que tomamos conhecimento de parte das determinações quanto aos rumos do espólio rangelino:

Aconselhando os filhos que queimassem seus papéis – rascunhos, esboços, tudo que ficara como massa ainda informe de sua literatura, bem como as cartas que, ao longo de quatro décadas, escrevera a Lobato, “por se tratarem de coisas sem valor literário” – Godofredo Rangel dava, ao morrer, mais uma prova de sua proverbial modéstia. [...]. Mas, mineiramente, com esse débil brilho de esperança, abre-se uma brecha que garante a sobrevivência do legado do escritor para o quadro do patrimônio cultural brasileiro: ele próprio, em uma nota afixada na pasta de suas cartas a Lobato, deixa a critério dos filhos a seleção daquilo que lhes parecer literariamente relevante.¹⁸

O trecho coloca em pauta questões relacionadas à conservação de arquivos, à publicação da correspondência e ao envolvimento de familiares nas decisões. Na edição especial do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, localizam-se dezessete cartas, até então inéditas, assinadas por Rangel e dirigidas a Lobato. Márcio Sampaio, organizador da edição, não revela os critérios empregados para a seleção da correspondência publicada.

As cartas coligidas no *SLMG* recobrem o período 1905-1945, pulando longos intervalos, a exemplo, de 29/12/1922 salta-se para 24/07/1945.¹⁹ Assim como a variedade é marca da correspondência registrada em *A barca de Gleyre*, as cartas transcritas no *Suplemento* resgatam fragmentos da vida cotidiana de Rangel: o estudante de direito em exames finais, a vida atribulada de juiz, os trabalhos do professor e do tradutor, o marasmo da roça, o contato e as lembranças dos amigos do Cenáculo. As mensagens abrem espaço para os mais diversos temas (artes, literatura, passagem do tempo, doenças, morte, etc.) e guardam vestígios das etapas do processo de criação literária e da própria história da edição de *A barca de Gleyre*.

Visando ampliar as informações acerca da atuação de Godofredo Rangel, para além de sua correspondência com Monteiro Lobato, a pesquisa explorou diversos arquivos digitais e institucionais. Buscou compulsar fontes que pudessem auxiliar a elaboração de um consistente panorama da atuação do autor na imprensa, e, em particular, na *Revista do Brasil*. Cumpriu-se, inicialmente, o exaustivo levantamento na base de dados da Hemeroteca Digital Brasileira, pertencente à Fundação Biblioteca Nacional, partindo da década de 1900 – época em que o escritor passou a residir em São Paulo e estampou seus primeiros textos em jornais e revistas –

¹⁸ SAMPAIO, Márcio. A Outra Barca. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano 19, n. 948, p. 8, 1º dez. 1984.

¹⁹ Um quadro de referências das datas e dos locais das cartas de Godofredo Rangel publicadas no *Suplemento Literário de Minas Gerais* encontra-se disponível no “Complemento A”, ao final deste trabalho.

até 1951, ano da morte de Rangel²⁰. Recorreu-se, na sequência, a outras bases de dados digitais, como a do jornal *O Estado de S. Paulo*; da Hemeroteca/Biblioteca Digital da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; do Delfos Digital – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; e do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (MG). Foram também consultados os acervos do Arquivo Público do Estado de São Paulo (SP); do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – pertencentes à Universidade de São Paulo; e do Centro de Documentação e Memória (CEDEM) – vinculado à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

A pesquisa logrou entrevistar, com muito proveito, Enéas Athanázio, atualmente com 85 anos, residente em Balneário Camboriú, Santa Catarina. Documentação reunida pelo crítico pôde ser compulsada no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, vinculado à Fundação Cultural de Blumenau, e na Casa da Cultura de Campos Novos, ambos situados em Santa Catarina²¹.

²⁰ A Hemeroteca Digital Brasileira, portal de periódicos nacionais, proporciona ampla consulta, pela internet, ao acervo de periódicos da Fundação Biblioteca Nacional, composto de jornais, revistas, anuários, boletins, publicações seriadas, etc. A plataforma oferece as possibilidades de realizar a busca por periódico, período, local, e termo(s). Valendo-se da utilização da tecnologia de Reconhecimento Óptico de Caracteres (Optical Character Recognition – OCR), procedeu-se à investigação a partir dos termos “Godofredo Rangel” e foram selecionados os resultados relativos ao escritor tricordiano. É importante destacar que, por se tratar do uso do OCR, nem sempre é possível lograr todas as referências ao(s) termo(s) pesquisado(s). Entre as variáveis decorrem a qualidade do material e de sua digitalização, bem como as falhas advindas do processo de reconhecimento dos caracteres a partir dos arquivos digitais. Outra característica do portal é a atualização frequente do *database*, derivando desta particularidade a variabilidade do total de resultados, em consequência das inclusões/exclusões constantes de fontes e arquivos no repositório.

²¹ Enéas Athanázio revelou, durante conversa em sua residência em Balneário Camboriú (SC), que seu interesse pelo escritor Godofredo Rangel teria derivado da leitura da correspondência de *A barca de Gleyre*: “[...] como é que esse homem [Rangel] recebeu 44 anos de carta e nunca se manifesta? É uma pessoa escondida?”, perguntou-se, na época, o catarinense. Sua primeira “tentativa” de biografar o interlocutor lobatiano, incursionada por uma nova leitura “às avessas” das missivas da coletânea, resultou na escrita de apenas “uma página e pouco”. Entre as vicissitudes, apontou a dificuldade de acesso a exemplares das obras de Rangel, em razão de sua raridade. Athanázio relembrou parte do processo de escrita: “[...] fui fazendo mais ou menos em formato de ensaios. Sobre cada livro que eu tinha na mão, eu procurava fazer um ensaio.” A primeira versão da biografia *Godofredo Rangel* foi dada ao público em 1977, pela editora curitibana Gráfica Editora 73. O biógrafo acabou se surpreendendo com os desdobramentos da publicação de seu estudo: “recebi muitas manifestações, muita gente me forneceu elemento, mas tudo muito vago. [...] Mas eu continuei cavando. E aquilo que eu fui descobrindo, eu fui publicando.” Em 1988, a biografia, com acréscimos e correções, foi lançada sob o título *O amigo escrito*, em edição da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e Secretaria de Estado da Casa Civil. Enéas Athanázio chegou a trocar cartas com familiares de Godofredo Rangel, inclusive com os filhos do escritor, Nello de Moura Rangel e Duse de Moura Rangel. Entretanto, outros desafios se impuseram para que o biógrafo pudesse juntar as peças de seu intrigante quebra-cabeças, como a disparidade entre as fontes: “[Nello] me forneceu alguma coisa, [como] o nome dos irmãos, o nome dos irmãos do Rangel, dos tios da família. [...] Datas. [...] Muita coisa eu consegui com ele. Só que depois, em contato com outros parentes de Rangel, algumas datas não casaram, e ficaram essas dúvidas. Mas, na medida do possível, eu escavei tudo o que existia, tudo o que tinha.” Parte da documentação que Enéas Athanázio reuniu com afinco, nesses mais de quarenta anos dedicados ao estudo da vida e da obra de Godofredo Rangel, se encontra depositada no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Fundação Cultural de Blumenau. O fundo conserva fontes documentais que entabularam artigos e a biografia que o crítico publicou focalizando o romancista de *Os bem casados*. Compõe-se de recortes de jornais e revistas, originais e fac-similares, trazendo colaboração de

O mapeamento da vasta produção de Godofredo Rangel espalhada em diversos periódicos brasileiros e estrangeiros deu origem ao primeiro capítulo, “Godofredo Rangel em circulação”. O segundo capítulo, “Uma oportunidade chamada *Revista do Brasil*”, caracteriza, em linhas gerais, a *Revista do Brasil* e recupera, na sequência, a partir da correspondência trocada entre Lobato e Rangel, os vínculos do autor mineiro com o periódico, colocando em evidência a intermediação do amigo paulista. Discute, ainda, o papel de Lobato na difusão de textos de Rangel, bem como a natureza de suas intervenções editoriais.

“Godofredo Rangel na *Revista do Brasil*”, terceiro capítulo, promove o levantamento da produção literária do escritor no periódico paulistano. Aborda, separadamente, seus textos não literários e literários ali difundidos. Partindo da correspondência coligida em *A barca de Gleyre* e no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, recupera-se momentos da gênese dos textos de Rangel e os bastidores de sua publicação na revista. O capítulo focaliza igualmente a edição do romance *Vida ociosa*, em 1920, sob o selo da revista/editora capitaneada por Monteiro Lobato. História, ainda, a circulação e a divulgação do livro de estreia na *Revista do Brasil*.

“Um contista em trânsito”, quarto capítulo, divide-se em dois momentos. Volta-se, inicialmente, para a atuação de Rangel contista no jornal *Minarete*, sinalizando processos estilísticos e experimentações nesses escritos da juventude, para apreender algumas das bases estéticas do contista. Depois, busca cumprir o estudo crítico dos dez contos do autor publicados na *Revista do Brasil*, propondo-se a analisar esses trabalhos para captar vínculos entre as produções contísticas do autor. Por fim, atém-se à edição da primeira coletânea de Rangel, *Andorinhas*, volume também preparado por Monteiro Lobato, impresso em 1924.

“Das páginas da *Revista do Brasil* aos livros *Andorinhas* e *Os humildes: sendas e processos criativos*”, quinto capítulo, deseja lançar luz sobre as modificações flagradas na passagem dos contos escoados na *Revista do Brasil* para a versão em livro. Apresenta uma

Godofredo Rangel; fac-símiles de capas, sumários e capítulos de livros do tricordiano, bem como de capas de algumas das obras traduzidas por ele. Guarda ainda registros da recepção da obra rangelina em excertos de periódicos, especiais e capítulos de livros. Identifica-se também no conjunto documentos que abrigam notas na marginalia, como o datiloscrito intitulado “Cronologia Rangelina”, de Enéas Athanázio, que conserva anotações a lápis empreendidas por Nello Rangel, conforme atestou o titular do acervo. No acervo, localiza-se uma série de correspondência passiva de Enéas Athanázio com familiares de Rangel: Cecy Burnier Coelho de Moura Rangel, nora de Godofredo Rangel; Duse de Moura Rangel, filha de Godofredo Rangel; Helio Rangel Andrade, sobrinho de Godofredo Rangel; Jorge Alberto Guimarães, neto de Irene A. de M. Rangel Andrade (irmã de Godofredo Rangel); Júnia de Moura Rangel, neta de Godofredo Rangel; Nello [de Moura] Rangel, filho de Godofredo Rangel; Norton Antônio de Andrade Junho, neto de Irene A. de M. Rangel Andrade (irmã de Godofredo Rangel); Oscar Noronha (primo de Godofredo Rangel). Agregam-se ainda cartas endereçadas ao biógrafo remetidas por interlocutores que contribuíram com o envio de materiais e fontes para a pesquisa rangelina (tais como Argemiro Rodrigues Pinto; Erich Gemeinder; Jácomo Mandatto; Jorge Rizzini; José Afrânio Moreira Duarte; José Expedito de Carvalho Rêgo; Marco Aurélio Matos; Newton Freire-Maia; Rolf Klix; Túlio Vieira da Costa). O acervo também reúne cartas de terceiros, como a correspondência trocada entre Walter Boppré e Godofredo Rangel e duas missivas deste enviadas a Menotti Del Picchia.

caracterização geral das modificações percebidas na alteração de suporte de circulação desses contos. Sublinha, também, aspectos do processo criativo de Rangel desvelados nesse percurso.

A rubrica “Complemento” reúne quadros sinópticos mencionados ao longo do trabalho, com vistas a tornar acessíveis dados que reportem à circulação de Rangel em periódicos, em particular, na *Revista do Brasil*. Esse levantamento tenciona contribuir para a ampliação da fortuna crítica do escritor. Na qualidade de “Anexos”, a tese oferece a transcrição dos textos não ficcionais e dos contos do autor na *Revista do Brasil*.

Capítulo 1 – Godofredo Rangel em circulação

1.1 - Dos escritos da juventude à estreia na imprensa (1900-1909)

A assinatura de Godofredo Rangel, associada ao periodismo, aparece em seus escritos da juventude (12 a 16 anos), encontrados nos jornais manuscritos que ele mesmo editou entre 1895 e 1900²².

Imagem 1: Fac-símile dos jornais da juventude de Godofredo Rangel.



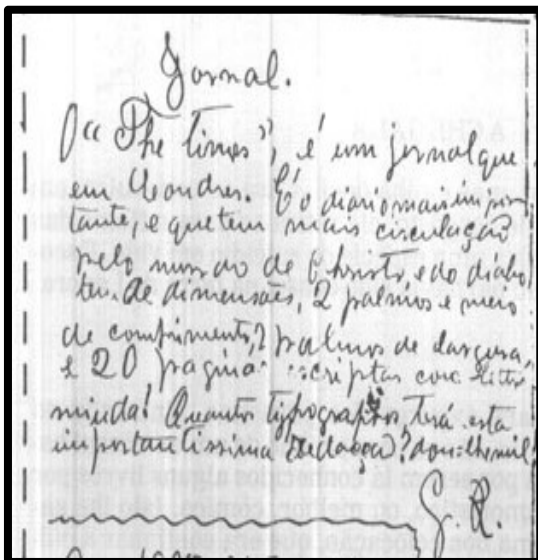
Fonte: Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte, ano 19, n. 948, p. 5. 1º dez. 1984.

²² Disponibilizados pela família do escritor e reproduzidos no Suplemento Literário de Minas Gerais. Cf. SAMPAIO, Márcio (Org.). Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte, ano 19, n. 948, p. 5. 1º dez. 1984.

Embora contasse com a eventual colaboração de amigos, Rangel acumulava em seu passatempo tanto as funções de proprietário como de redator, de modo que as tiragens eram limitadas a um único exemplar, sem o compromisso da periodicidade. De acordo com Márcio Sampaio, os jornais manuscritos abrangiam grande variedade de assuntos. Apresentavam diversos títulos, como *O Beija flor*, *O Coração*, *A Pindahyba*; e os diferentes locais de edição, respectivamente, Carmo de Minas (MG), Três Corações (MG) e São Paulo, testemunhavam as constantes mudanças de endereço do jovem Rangel.

Essas publicações mencionavam tanto acontecimentos nacionais como internacionais, tais como notícias de Canudos e referências a Antônio Conselheiro, informações de interesse geral colhidas no *Jornal do Brasil*, comentários sobre a vida nas cidades de Três Corações e São Paulo, jogos verbais com o inglês, enigmas, charadas, charges políticas, romances-folhetins, peças de teatro “para serem encenadas no [...] presépio”. Os reclames denotavam o humor e a criatividade do jovem redator em slogans como “Vende-se uma casa sem teto”; “Vende-se um par de orelhas para puxar devagar”. Entre os fragmentos dessas publicações, “Jornal”, notinha encontrada em *O Beija flor*, oferece pistas acerca do repertório de leituras de Rangel:

Imagem 2: Fragmento ampliado de excerto do fac-símile dos jornais da juventude de Godofredo Rangel.



Jornal.

O “The times”, é um jornal que em [sic] Londres. É o diario mais importante, e que tem mais circulação pelo mundo de Christo, e do diabo tem de dimensões, 2 palmos e meio de comprimento, 2 palmos de largura, e 20 paginas escriptas com letra miuda! Quantos tiphographicos terá esta importantissima redação? Dou-lhe mil!

G. R.²³

Fonte: *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, ano 19, n. 948, p. 5. 1º dez. 1984.

²³ Transcrição diplomática do manuscrito divulgado no *Suplemento Literário de Minas Gerais*.

O pai do escritor, João Sílvio de Moura Rangel, fluente em inglês e francês, assinava revistas nessas línguas²⁴. Portanto, é possível supor que o jovem tivesse alguma familiaridade com o periódico britânico, empenhando-se em caracterizá-lo e em pormenorizar sua composição tipográfica. A escrita jornalística, vivenciada ludicamente, revela um literato em formação, aventurando-se no mundo das letras, produzindo seus primeiros textos e colocando-os em circulação.

Após o falecimento do pai, Rangel mudou-se para São Paulo, onde residiu por um tempo com a irmã Lavínia Paraguassu. Em entrevista a Milton Pedrosa, décadas mais tarde, relembriaria o seu interesse pela composição gráfica, que o conduziria aos primeiros trabalhos nos meios jornalísticos paulistanos. Narra suas desventuras:

Desde o tempo em que eu morava em Três Corações, aos 14 anos [...] eu tinha atração por tipografia. Indo para São Paulo, empreguei-me na *A Noite*, um jornal que depois deixou de existir. Trabalhei, entretanto, somente três noites. Ia às seis da tarde para o serviço e só saía de lá às duas horas da manhã. Fui demitido porque compunha umas linhas muito longas e outras muito curtas. O chefe das oficinas, que era um sujeito enérgico, mandou que eu fosse praticar mais um mês ou dois e depois voltasse. Preferi cortar a carreira e não voltar mais. [...]// – Saindo da oficina [...] empreguei-me na *Platea* [*A Plateia*], outro diário de São Paulo, onde passei dois meses servindo no balcão. A minha mania de emprego, porém, depressa me levou a largar esse lugar. Um dia, vi um anúncio em uma revista ilustrada americana procurando um empregado por 30\$000. Apresentei-me. O diretor era um francês de nome Rafael Gondry [...]// [ele] perguntou-me se sabia escrever. Respondi-lhe que possuía os preparatórios de português e francês. No meu primeiro dia de trabalho a minha tarefa foi fácil. Passei o dia subscritando endereços para a revista americana. No segundo dia, porém, o meu chefe mandou que eu fosse vender uma arroba de jornais velhos. Saí com um peso danado na cabeça e, depois de andar bastante, consegui vendê-la por 4\$100, em um açougue. Tive que ouvir, entretanto, uma série de reclamações de Rafael Gondry, por que não tinha conseguido apurar 4\$500.// [...] – No terceiro dia despedi-me de Rafael Gondry, pois, ao chegar para o meu serviço fui designado para fazer a mudança de sua casa. Ainda fiz a primeira viagem carregando um bocado da bagagem, mas na volta fui à biblioteca da Faculdade consultar um dicionário português-francês para saber como era carregador em francês, fazendo, então, uma carta ao meu chefe, a quem apresentei a minha demissão.”²⁵

Em 1902, iniciou o curso de Ciências Jurídicas e Sociais no Largo de São Francisco, na capital paulista. Conheceu Monteiro Lobato por intermédio do amigo Ricardo Gonçalves, a

²⁴ ATHANÁZIO, Enéas. **O amigo escrito**, op. cit., p. 9.

²⁵ PEDROSA, Milton. Em Minas conversando com os intelectuais. **Vamos Ler!**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 150, 15 jun. 1939.

quem se ligara quando trabalhou como escrevente na subdelegacia do posto policial do Brás²⁶. Com Lobato, Ricardo e outros jovens, nem todos da mesma faculdade, formaram o grupo autodenominado Cenáculo ou Cainçalha, dividindo a república “Minarete”, que ganhou essa denominação pelos jovens após brincadeira de Gonçalves: “Mas é uma torre, Rangel! Veja que amplidão de vista se descortina! Uma torre – um Minarete!... E você é um muezim...”²⁷. Godofredo Rangel foi o primeiro a morar no chalezinho, em que também residiram Ricardo Gonçalves, Monteiro Lobato, Lino Moreira, Raul de Freitas, José Antonio Nogueira, Albino Camargo e Cândido Negreiros. Os amigos do Cenáculo habitualmente se reuniam à noite no Café Guarani, à Rua XV de novembro.²⁸

Ricardo Gonçalves foi o responsável por agenciar o ingresso dos companheiros em *O Combatente*, dirigido por Oscar Breves, “um jornaleco desses de ‘pegar anúncios’”²⁹. Sob o “comando” de Tito Franco, o grupo teria “invadido” as páginas do semanário, passando a “serrar [ridicularizar] figuras da mocidade elegante de São Paulo”. As “maluquices” impressas culminaram em Breves ter sido convocado pela polícia e no conseqüente fechamento do jornal.

30

Com uma tiragem de 3000 exemplares, *O Combatente* inaugurou a participação de Godofredo Rangel na imprensa paulista, segundo atesta a carta de Monteiro Lobato, de 9 de dezembro de 1903, incluída em *A barca de Gleyre*. No jornal estampou, em meados de 1904, o relato de viagem “De S. Paulo a Guarujá”,³¹ assinado com o pseudônimo *Té Bézuquet*³² em inspiração da narrativa francesa *Tartarin de Tarascon*, de Alphonse Daudet.³³

²⁶ Considerado um dos “iniciadores” de Rangel, ao lado de Monteiro Lobato, Ricardo Gonçalves deixa sua presença nas escolhas literárias do companheiro universitário. Entusiasmado pelas obras de Escrich, Júlio Verne, Alexandre Dumas, Ponson du Terrail e Montépin, Rangel ampliaria seu percurso de leituras após conhecer o amigo repórter do *Correio Paulistano*. Edgard Cavalheiro (1955, p. 78-79) conta que, no primeiro encontro, Ricardo surpreendeu-se ao se deparar com Rangel debruçado sobre um desses autores, “perdendo tempo com aquela droga”. Aconselharia o amigo a “coisas de mais valor”, oferecendo-lhe *Germinal*, de Émile Zola.

²⁷ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. op. cit. Nota de Monteiro Lobato, p. 34.

²⁸ Cf. AZEVEDO, Carmen Lúcia de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. São Paulo: SENAC, 1997, p.41.

²⁹ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. op. cit., p. 41. Nota de Monteiro Lobato.

³⁰ *Ibidem*, p. 42.

³¹ O “Complemento B” abriga uma tabela elaborada a partir dos textos localizados no mapeamento da atuação de Godofredo Rangel na imprensa brasileira. Tendo em vista a acessibilidade de tais registros, indica-se, ainda, arquivos/acervos que guardam exemplares desses trabalhos rangelinos.

³² TÉ BÉZUQUET [pseudônimo de Godofredo Rangel]. De S. Paulo a Guarujá. *O Combatente*, São Paulo, ano II, n. 58, 28 jul. 1904. Exemplar disponível no Repositório Digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo, coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP).

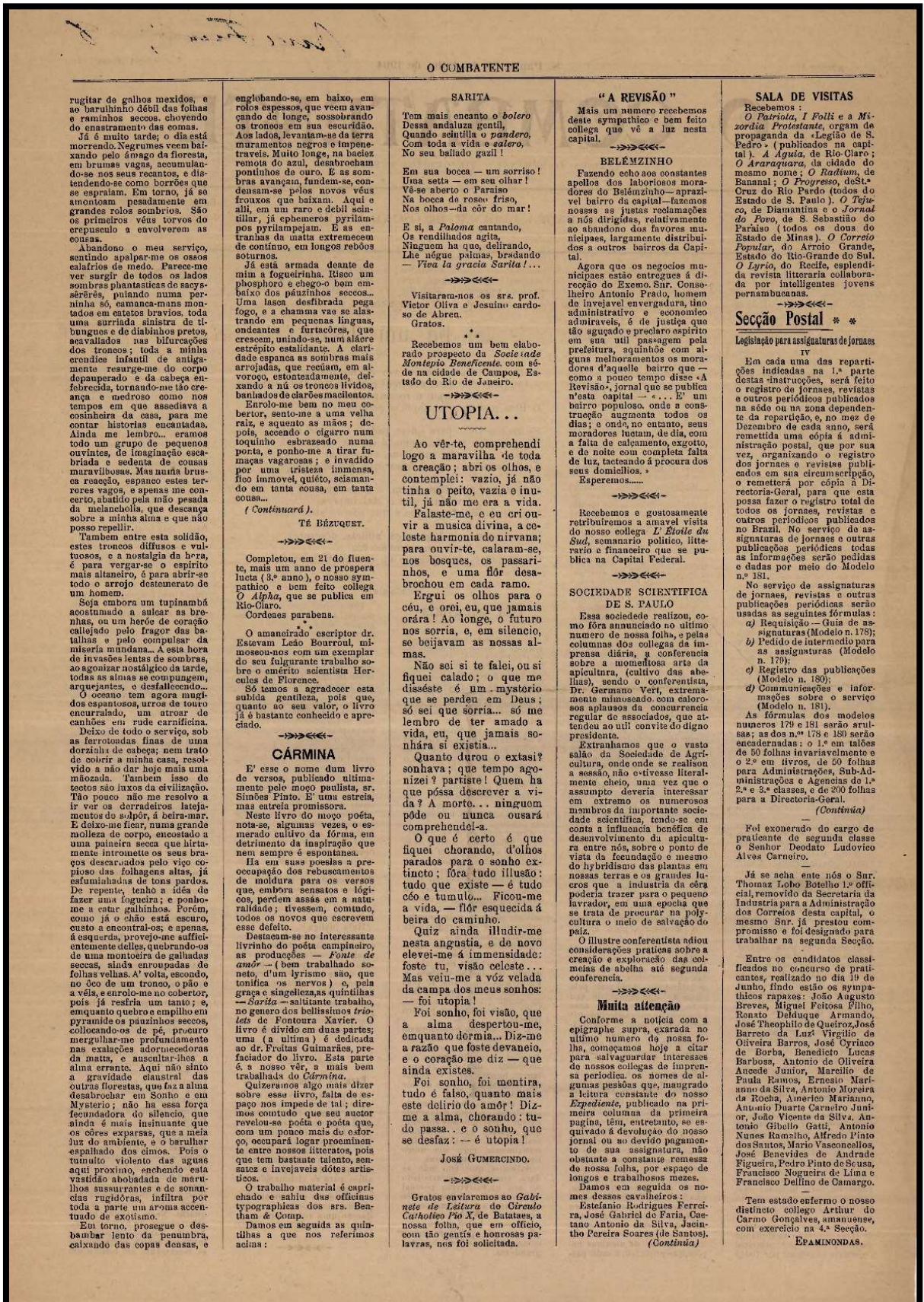
³³ Alphonse Daudet é registro frequente nos primeiros anos de *A barca de Gleyre*. Imbuídos do *Tartarin*, os companheiros se faziam personagens da história. Ricardo era o herói que deu nome à narrativa. Rangel, Bézuquet. Cândido Negreiros, Bompard. Artur Ramos, o espingardeiro Costecalde. Lobato, Pascalon, o Engraçado. Godofredo Rangel chega a compor um hino para recepcionar os amigos ao Minarete, fazendo alusão ao grito de guerra dos tarasconeses de *Port-Tarascon*.

Imagem 3: Fac-símile de página do exemplar de O Combatente, com fragmento (VI) da narrativa "De S. Paulo a Guarujá", de Godofredo Rangel.



Fonte: Repositório Digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo, coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP).

Imagem 4: Fac-símile de página do exemplar de *O Combatente*, com continuidade do fragmento (VI) da narrativa "De S. Paulo a Guarujá", de Godofredo Rangel.



Fonte: Repositório Digital do Arquivo Público do Estado de São Paulo, coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP).

Segundo Lobato, Rangel lhe enviara a seguinte nota narrando o episódio:

Viagei com 7 mil-réis no bolso, o que dava para a passagem de segunda e para comer alguma coisa pelo caminho (deu para umas sardinhas e um café); o “café”, tomado em Santos no dia da volta, consistiu numa média de 60 réis e um pão de 40 réis, se não me falha a memória. Como única bagagem levei um cobertorzinho e a escova de dentes... Eu não sabia que a passagem da barca dava direito à viagem de trem na ilha, e por isso fiz o trajeto a pé, ida e volta, aí seus nove quilômetros.³⁴

Rangel, que demonstrara apreço pela escrita desde a adolescência, encontrou no grupo de amigos um espaço não só para compartilhar suas leituras, como também exercitar sua escrita e publicar seus textos. Em *A barca de Gleyre*, Lobato avalia o texto impresso no jornal:

Foste lido e vivamente discutido. Uns põe-te logo abaixo de Machado de Assis; outros arrumam-te em cima dele e achatam-no. Houve berreiros. Albino afirmou sob palavra de honra que ninguém escreve com a tua “propriedade”. Ricardo jurou que tens o segredo do termo insubstituível. Eu pus o *De São Paulo ao Guarujá* ao lado das excursões de Maupassant – ao lado direito! Todos fanatizados por você [...].³⁵

Em 26 de novembro e 3 de dezembro, 1903, Godofredo Rangel publicou, em duas partes, “Simbólico vagido” no *Minarete*³⁶, que havia começado a circular naquele mesmo ano, em julho, em Pindamonhangaba (SP). O semanário, mantido por Benjamin Pinheiro, também congregou outros amigos do Cenáculo. Lobato comenta a estreia literária de Rangel, em carta de 9 de dezembro do mesmo ano:

Acabo de ler no *Minarete* a tua primeira joia, meu Rangel, o teu primeiro vagido literário impresso, pois que manuscritamente tens vagido muito. Não calculas como aquilo está bom, sobretudo na primeira parte. Todos, sem exceção, gostamos imenso – e foste proclamado o *primus inter pares* do Cenáculo. Enquanto o resto dessa cainçalha se amofina por aqui, infecunda e lorpa, só alcançando sucesso pela fúria, como o Lino³⁷ ou com desordens,

³⁴ LOBATO, MONTEIRO. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 41. Nota de Monteiro Lobato.

³⁵ *Ibidem*, p. 63. Carta de São Paulo, 16/06/1904.

³⁶ RANGEL, Godofredo. Simbólico vagido. *Minarete*, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 22, 26 nov. 1903. *Idem*. Simbólico vagido (Conclusão). *Minarete*, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 23, 3 dez. 1903. Exemplares disponíveis no Arquivo Público do Estado de São Paulo, coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP). Localização: CX. 0246.

³⁷ Sob o pseudônimo “Sheridan”, Lino Moreira assina artigo no *Minarete* com ataques ao grupo do Cenáculo, o qual ele também integrava, poupando apenas Godofredo Rangel, “o mais querido de todos pela sua extrema

como o Bruno³⁸, lá num socavão mineiro nosso Anjo progride desembaraçado e já apresenta contos dignos de Daudet.// Franqueza, Rangel, invejo-te muito! Nesse andar *chegarás*. Quem leu os teus comecinhos n’*O Combatente* e agora lê o teu *Vagido*, apalpa o progresso. Mas deixemos isto, porque tens a mania de modéstia e o sestro de me considerar irônico.³⁹

Apesar de indicar os “comecinhos” de Rangel no *Combatente*, Lobato refere-se ao “Simbólico vagido” como o “primeiro vagido literário impresso”, sugerindo que a colaboração no periódico de Oscar Breves não tenha sido propriamente literária. Com tintas autobiográficas, o texto em *O Minarete* evoca os dias que antecederam a chegada de um novo bebê na família, aguardados com ansiedade pelos irmãos Bismarck e Nélaton. Com o nascimento e o choro do recém-nascido, o narrador conclui: “Eis aí como este muezim nasceu... e isto já foi há dezenove anos!...”⁴⁰ Os nomes de familiares utilizados ao longo da narrativa⁴¹ e a referência à idade são de imediato associados à biografia do escritor.

De Lobato veio a sugestão de título para o jornal. Benjamin, recém-formado em Direito, pleiteava a prefeitura da cidade interiorana, também conhecida como “Princesa do Norte”, e necessitava de um jornal combativo, que fizesse frente ao poder dominante⁴². “Pois dê ao jornal o nome de Minarete”, aconselhou, “um jornal é um minarete de cujo topo o jornalista dá milho às galinhas da assinatura e venda avulsa. Fica muito bem este nome – e é nome que não está estragado”.⁴³

bondade e delicadeza”, o “anjo do Cenáculo”. LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 46. Nota de Monteiro Lobato.

³⁸ Bruno de Cádiz, pseudônimo de Ricardo Gonçalves.

³⁹ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 38-42. Carta de São Paulo, 09/12/1903.

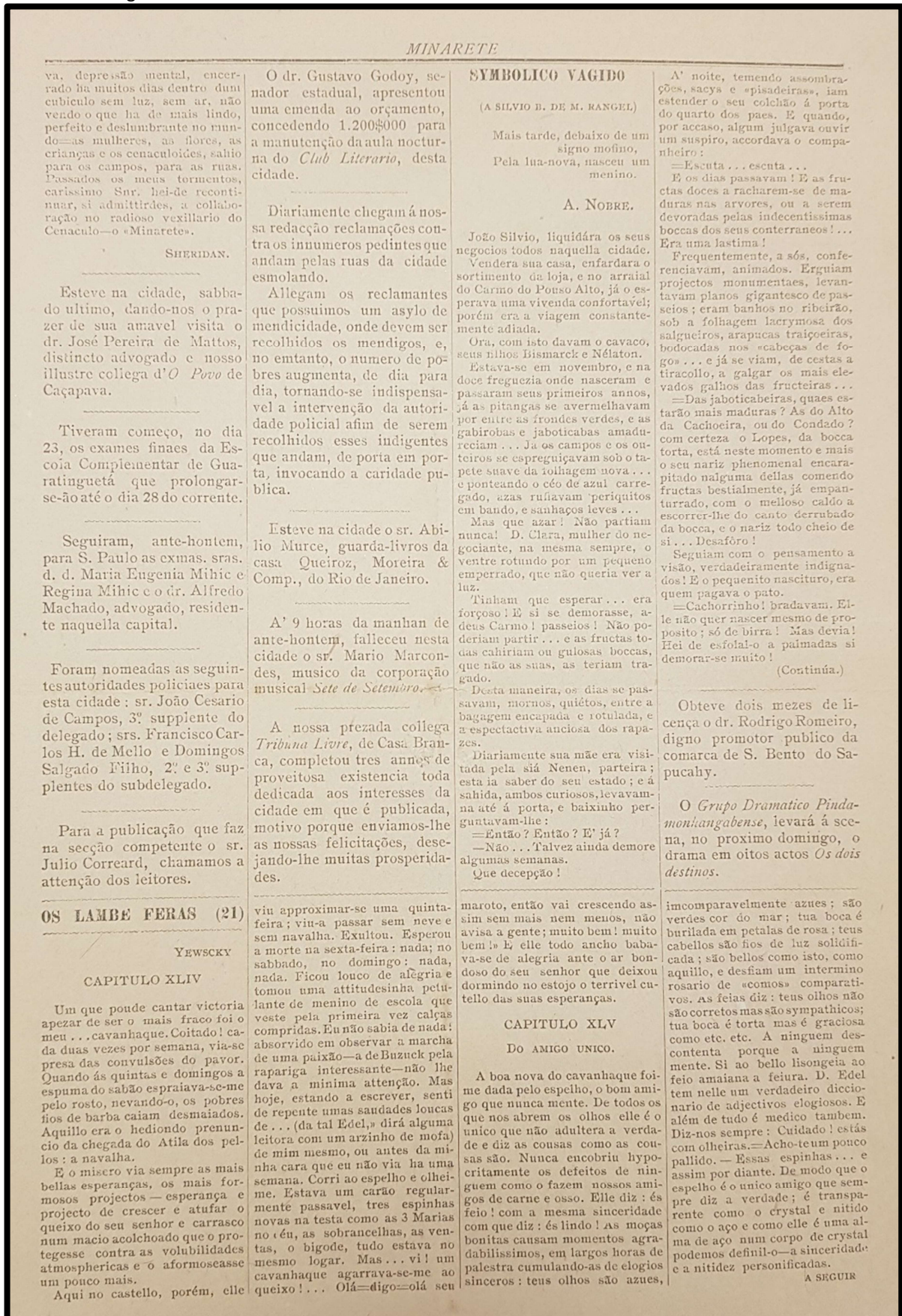
⁴⁰ RANGEL, Godofredo. Simbólico vagido. **Minarete**, op. cit., 3 dez. 1903.

⁴¹ João Silvío de Moura Rangel e Clara Augusta Gorgulho Rangel tiveram oito filhos, dentre eles, Silvío Bismarck de Moura Rangel e Gentil Nélaton de Moura Rangel. ATHANÁZIO, Enéas. **Godofredo Rangel**, op. cit., p. 19. Notas.

⁴² Benjamin Pinheiro elegeu-se prefeito de Pindamonhangaba em 1907, quatro anos após o lançamento de seu periódico.

⁴³ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., 38. Nota de Monteiro Lobato.

Imagem 5: Fac-símile de página do exemplar do *Minarete*, com fragmento do conto "Simbólico vagido", de Godofredo Rangel.



Os companheiros do Cenáculo tiveram grande presença no periódico, sobretudo nos primeiros anos de circulação do hebdomadário, que chegava a ser inteiramente redigido por eles. Benjamin Pinheiro encomendava artigos – os “pelouros” – sobre determinados assuntos e era atendido com empolgação pelos amigos, que escreviam sob pseudônimos⁴⁴, para “brincar uns com os outros”⁴⁵, sem preocupação com os leitores e com as suas reações, quando, estes, indignados, devolviam os exemplares adquiridos. Anos mais tarde, Hilário Tácito⁴⁶ lembraria o excêntrico periódico:

A leitura do *Minarete* era, em geral, enigma indecifrável para o público de um jornal provinciano, “do interior”. Havia uma prodigiosa dissipação de ideias, de conceitos, de fantasia, naquelas colunas; e nisso tudo, nada, absolutamente nada, que pudesse interessar um fazendeiro, um negociante, nem mesmo um boticário sertanejo. Não se faziam prognósticos sobre a safra e a cotação alta ou baixa do café; não se tratava do câmbio, nem da festa do Divino, nem dos crimes da capital, nem do aniversário do coronel. Literatura unicamente, a sério às vezes, outras vezes troça, cujo tema constante era a própria boêmia literária do *Minarete*.⁴⁷

Acolhendo toda essa efervescência literária, criativa e desafiadora, o *Minarete* guardaria grande parte da produção de Godofredo Rangel, trabalhos que, com o tempo, acabariam sendo relegados ao esquecimento pelo autor⁴⁸. Enéas Athanázio, em *O amigo escrito*, recuperando a produção de Rangel no periódico, elenca os seguintes títulos: “Se o Minarete desabasse”; “Um literato”; “Gouache”; “Ave Maria!”; “O incompreendido”⁴⁹; “Diário”; “Dona Fidalma”; “O

⁴⁴ Afirma Lobato que alguns números eram totalmente escritos por ele. Para dar ao público a impressão de que o jornal dispunha de um exército de articulistas, utilizava muitos pseudônimos. Lobato assinava: Lobatoyewsky, Yewsky, Pascalon, o Engraçado, Rui d’Hã, Hélio Bruma, Enoch Vila-Lobos, Matinho Dias, B. do Pinho, Osvaldo, P., N., Yan Sada Yako, Mem Bugalho, She, Antão de Magalhães, Nero de Aguiar, Bertoldo, Marcos Twein, Olga de Lima etc. Ricardo Gonçalves assinava as crônicas do “Álbum do Minarete” como Bruno de Cádiz; chegou também a publicar muitos de seus sonetos e traduções de Edmond Rostand e Lecomte de Lisle. Raul de Freitas era o responsável pelas sentimentais “Recordações”. Cândido Negreiros apareceu nos primeiros números com a coluna “Fen dé brut”, assinando Bompard. Rangel publicava como Bézuquet, e Albino Camargo era Guy d’Hã. José Antônio Nogueira e Lino Moreira também eram colaboradores. *Ibidem*, p. 39. Nota de Monteiro Lobato.

⁴⁵ *Ibidem*, p.41. Nota de Monteiro Lobato.

⁴⁶ Pseudônimo do engenheiro e escritor José Maria de Toledo Malta.

⁴⁷ TÁCITO, Hilário [pseud. José Maria de Toledo Malta]. Prólogo dispensável. In: RANGEL, Godofredo. **Vida ociosa**, op. cit., p. xx.

⁴⁸ Em 1916, Lobato lamenta: “Uma pena, Rangel, sermos assim tão relaxados! Produzimos coisas e as perdemos. Quando a saudade vem, é tarde. Hoje eu dava bom dinheiro por uma coleção completa do *Minarete* e o que não darei por ela aos 60 anos?” LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 360. Carta da Fazenda, 21/05/1916.

⁴⁹ Enéas Athanázio atribui a Rangel o título “O incompreendido”, assinado por Hélio Bruma, pseudônimo utilizado por Lobato. Esse texto comparece em *Onda verde* (1921). Cf. BRUMA, Hélio. [pseud. Monteiro Lobato]. **Incompreendido! Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 52, 23 jun. 1904.

bem”⁵⁰; “Tião”⁵¹ e “O queijo de Minas ou História de um nó-cego”, este último, folhetim escrito em parceria com Monteiro Lobato⁵². Nova abordagem do periódico, levada a termo por esta pesquisa, no acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo, logrou ampliar consideravelmente o conhecimento acerca da quantidade de títulos assinados por Rangel.⁵³

Circunscritos ao período de 26 de novembro de 1903 a 1º de outubro de 1908, a pesquisa localizou vinte títulos no *Minarete*⁵⁴. Sem regularidade, a produção é composta de narrativas. Há composições de matrizes autobiográficas, como “Simbólico vagido” e “A chácara”⁵⁵, com alusões à infância e aos familiares do autor. “Hurrah”⁵⁶ e “Guahyra”⁵⁷ remetem aos colegas do grupo *Minarete* e às narrativas do romancista francês Daudet. A novela tragicômica “Sebastião”, circulando em seis números, entre 14 de junho a 16 de agosto de 1906, narra os devaneios e fracassos da personagem que empresta nome ao título. “O queijo de Minas ou História de um nó-cego”⁵⁸, autodesignada “novela joco-séria, em capítulos curtos e português

⁵⁰ A crônica “O bem”, em *Minarete* (n. 106/ 13 jul. 1905), foi assinada por “S. S. S.”. Na carta de 13 de julho de 1906, em *A barca de Gleyre*, Lobato faz referência ao texto “Bem”, saído naquela data no *Minarete*. A distância entre a crônica e a carta é de exatamente um ano de diferença, o que abre a possibilidade de que, ao ser inserida na coletânea, a edição possa equivocadamente tê-la atribuído ao ano de 1906. No confronto das datas e na busca por índices de confirmação, achou-se referência na carta de 13 de julho, “1906”, de que Rangel ainda não estava casado com Bárbara Pinto de Andrade. Contudo, o mineiro teria se casado em 24 de fevereiro de 1906, confirmando-se com isso a possível incorreção na edição. A data da missiva, portanto, seria de 13 de julho de 1905, fato este que leva a reconhecer que Rangel teria assinado a crônica saída no periódico de Pindamonhangaba sob o pseudônimo “S. S. S.”.

⁵¹ É provável que o biógrafo queira se referir à novela “O Sebastião”. Nas cartas de Lobato a Rangel, o texto aparece como “Sebastião”, em 25/07/1906; e “Tião”, em 22/07/1906, 08/08/1906, 17/08/1906, 20/08/1906.

⁵² ATHANÁZIO, Enéas. **O amigo escrito**, op. cit., p. 17.

⁵³ A coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, localizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo, possui 253 exemplares do *Minarete*, no período de 1903 a 1908 (com lacunas).

⁵⁴ Um quadro de referências dos textos de Godofredo Rangel publicados no *Minarete* encontra-se disponível no “Complemento C”, ao final deste trabalho.

⁵⁵ RANGEL, Godofredo. A chácara. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 27, 1º jan. 1904. Exemplar disponível no Arquivo Público do Estado de São Paulo, coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP). Localização: CX. 0246.

⁵⁶ TÉ BÉZUQUET [pseudônimo de Godofredo Rangel]. Hurrah! **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 30, 21 jan. 1904. Exemplar disponível no Arquivo Público do Estado de São Paulo, coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP). Localização: CX. 0246.

⁵⁷ TÉ BÉZUQUET [pseudônimo de Godofredo Rangel]. Guahyra. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 43, 21 abr. 1904. Exemplar disponível no Arquivo Público do Estado de São Paulo, coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP). Localização: CX. 0246.

⁵⁸ RANGEL, Godofredo; LOBATO, Monteiro. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (I – V). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 171, 11 out. 1906. Idem. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (VI – XI). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 172, 18 out. 1906. Idem. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XII – XVII). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 174, 1º nov. 1906. Idem. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XVII – XVIII). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 175, 8 nov. 1906. Idem. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XIV [sic] – XX). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 176, 15 nov. 1906. Idem. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XX – XXII). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 177, 22 nov. 1906. Idem. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XXV – XXX). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 178, 29 nov. 1906. Idem. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XXXI – XXXIII). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 181, 20 dez. 1906. Idem. O Queijo de Minas ou história de um nó cego (XXXIV – XXXVIII). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 183, 4 jan. 1907. Exemplares disponíveis no Arquivo Público do Estado de São Paulo, coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP). Localização: CX. 0246.

de lei, com duas mortes trágicas e outras peripécias interessantíssimas”, esparrama-se em trinta e oito capítulos, entre 11 de outubro de 1906 a 4 de janeiro de 1907⁵⁹. A correspondência trocada entre Rangel e Lobato testemunha diversos momentos da composição do enredo colaborativo.

Com exceção de “O queijo de Minas ou História de um nó-cego”, publicada também parcialmente em *A Vida Moderna*, entre janeiro e março de 1917, e posteriormente inserida nas *Obras Completas* de Monteiro Lobato, todos os textos de Godofredo Rangel que circularam no jornal de Pindamonhangaba permaneceriam inéditos em livro.

A pesquisa empreendida em *Minarete* revelou que, além de *Té Bézuquet*, Rangel assinava de diversas formas seus textos, ora realizando variações com o seu próprio nome (God. Rangel⁶⁰), ora inventando assinaturas, como Leão Godoy, L. Godoy e S. S. S.

Em 15 de novembro de 1904, escreveu Monteiro Lobato a Rangel: “Li o teu último artigo... Nunca viste reprodução dum quadro de Gleyre, *Ilusões perdidas*? Pois o teu artigo me deu a impressão do quadro de Gleyre posto em palavras”⁶¹. Na missiva, Lobato cumpre uma interpretação do quadro *Le soir* ou *Les illusions perdues*, de Charles Gleyre, comparando-o às expectativas que ambos possuíam sobre o futuro:

Num cais melancólico barcos saem; e um barco chega, trazendo à proa um velho com o braço pendido largadamente sobre uma lira – uma figura que a gente vê e nunca mais esquece (se há por aí os *Ensaio de Crítica e História* do Taine, lê o capítulo sobre Gleyre). O teu artigo me evocou a barca do velho. Em que estado voltaremos, Rangel, desta nossa aventura de arte pelos mares da vida em fora? Como o velho de Gleyre? Cansados, rotos? As ilusões daquele homem eram as velas da barca – e não ficou nenhuma. Nossos dois barquinhos estão hoje cheios de velas novas e arrogantes, atadas ao mastro da nossa petulância. São as nossas ilusões. Que lhes acontecerá?⁶²

A carta alude aos *Essais de critique et d’histoire*, de Hippolyte Taine, no qual consta o ensaio sobre o pintor suíço. Uma ideia preliminar de batizar a coletânea de *Correspondência epistolar entre Lobato e Rangel* constou em carta de 1943⁶³, mas ela acabou abandonada, preferindo Lobato a designação *A barca de Gleyre*.

⁵⁹ A novela, posteriormente, seria inserida em *Literatura do Minarete*, parte das *Obras Completas* de Monteiro Lobato, de 1948. A edição informa que não teria sido possível recuperar todos os capítulos da narrativa, estampando-se trinta e oito deles, sem falhas ou lacunas. No percurso desta pesquisa, a consulta à coleção do periódico, até junho de 1907 (com exceção do n. 189/ 14 fev. 1907), não localizou outros capítulos.

⁶⁰ O conto “A história do macaco” (n. 31/ 28 jan. 1904) é assinado apenas por “Godofredo”, não estando, portanto, garantida a autoria de Godofredo Rangel.

⁶¹ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 77. Carta de São Paulo, 15/11/1904.

⁶² *Ibidem*, p. 77.

⁶³ “[...] bombardearemos o mundo com vários tijolos - *Correspondência Epistolar entre Lobato e Rangel* ou seja lá que nome venha a ter. Difícil botar um nome decente numa tijolada dessas. Penso em consultar a Emília, que é a ‘dadeira de nomes’ lá do Picapau Amarelo”. *Ibidem*, p. 561. Carta de São Paulo, 28/09/1943.

O artigo “Viagem perene”, que teria “posto em palavras” o quadro de Gleyre, aparece no *Minarete*, em 10 de novembro, subscrito por “Leão Godoy”. A carta de Lobato, em 15 de novembro, atribui, assim, a Rangel a autoria do texto. No escrito, o narrador, em uma embarcação, no cais “fervilhante dos passageiros prestes a correr aventuras”, reflete sobre partidas e chegadas:

Os que partiam levavam a mesma nota alegre do verde da esperança, sulcando um oceano verde, ou de cor de rosa das auroras rúbricas, sobre um oceano também de auroras e de pétalas de rosas. [...] E os que vinham das viagens, entoavam acompanhamentos de enterro, sulcando águas de crepes funerários, riscados das listras amarelas dos calvões de defuntos.// E meus amigos partiam, eu também partia e, vendo o céu tão límpido, tão puro, e as águas tão calmas do mar da Vida, perguntei-me numa ponta de melancolia:// – Ah! quando voltará o meu barquinho cor de rosa, com as velas esfarrapadas e flutuantes ao vento das desilusões?!⁶⁴

Em 1944, Lobato, preparando a edição de *A barca de Gleyre*, em nota à carta de 15 de novembro de 1904, reconhece seu equívoco na interpretação da imagem na tela:

Há um erro aqui. Esse quadro de Charles Gleyre, que entrou para o Museu Luxemburgo e de lá se passou para o Louvre, sempre foi vítima de traições. Gleyre denominou-o *Soir* mas o público foi mudando esse nome para *Illusions perdues* e assim ficou. Eu também mexi no quadro. Pus o velho dentro da barca e fiz a barca vir entrando no porto, toda surrada. Traí o pobre Gleyre. Sua barca não vai entrando, vai saindo, como se deduz da direção do enfunamento das velas...⁶⁵

De fato, lê-se no texto de Taine:

Dans le tableau, le poète assis sur le rivage voit encore, dans la lumière du soir, les beautés et les vérités dont il est épris; elles s'éloignent, mais elles ne sont qu'à trois pas de lui; rien ne lui échappe de leurs formes charmantes; les clartés roses du couchant se posent sur leurs cols et sur leurs joues. Une heure après, la barque a disparu; la nuit est tombée; sous le ciel éteint, il n'y a plus que la grande eau immobile et l'homme solitaire, qui baisse la tête, se résigne et se tait.⁶⁶

⁶⁴ LEÃO GODOY [pseud. Godofredo Rangel]. Viagem perene. *Minarete*, Pindamonhangaba (SP), ano II, n. 72, 10 nov. 1904.

⁶⁵ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 79. Carta de São Paulo, 15/11/1904. Nota da edição de 1948.

⁶⁶ “No quadro, o poeta sentado na margem vê ainda, na luz da tarde, as belezas e verdades pelas quais ele se enamorou; elas se afastam, mas estão apenas a três passos dele; nada lhe escapa de suas formas encantadoras; as luzes rosadas do pôr do sol pousam em seus colos e em suas faces. Uma hora depois, a barca desapareceu; a noite caiu; sob o céu apagado, há apenas a grande água imóvel e o homem solitário, que baixa a [cabeça?], se resigna e se cala” (tradução nossa). TAINÉ, Hippolyte-Adolphe. *Gleyre. Essais de critique et d'histoire*. 4^e édition.

A leitura da crônica “Viagem perene” desperta reflexões em Lobato sobre a experiência literária. Nomeando como *A barca de Gleyre* a correspondência, cumpre uma homenagem ao interlocutor⁶⁷.

Em fevereiro de 1905, Lobato, escrevendo a Rangel, detém-se nos textos do amigo divulgados no *Minarete* e faz sugestões críticas. Aponta na narrativa “Gouache” a assimilação de Flaubert, autor lido e estimado pelo jovem mineiro⁶⁸:

O teu “*Gouache*” do último *Minarete* (o prodigioso revisor do Benjamin deixou sair “Gonache”, palavra sem significação que deve estar dando dor de cabeça nos pindamonhangabanos), e teu “Gonache” é uma pura imitação pastichada desse Flaubert que te anda estragando as tripas do estilo. Entre a maneira de Flaubert e a de Rangel a diferença é nula – o que seria ótimo para você, se você houvesse vindo ao mundo antes de Flaubert.⁶⁹

O espaço para a iniciação literária dos jovens estava, assim, assegurado⁷⁰, o semanário tornando-se extensão da própria república, a Cainçalha. Lobato, dirigindo a Rangel, em julho de 1904, reconhecia a importância que o jornal tinha adquirido para eles: “O caso do *Minarete* foi uma sorte grande nossa, Rangel. Não se repete. Não há dois Benjamins no mundo e nunca haverá outro diretor de jornal tão passivo como aquele”⁷¹. O grupo descobriria nas páginas do periódico provinciano a liberdade com que tanto haviam sonhado para se expandir literariamente: “não se lia só: vivia-se a leitura. Não se imitava, criava-se. Desprezavam-se as fórmulas. Odiavam-se os chavões. Era a plena independência”⁷².

Em 1904, Rangel passou a residir em Campinas, valendo-se da possibilidade de prosseguir o curso jurídico sem frequência integral. Ainda neste ano, retornou a Minas Gerais e fixou-se em Carmo de Minas, outrora Silvestre Ferraz. Lecionava em ambas as cidades, indo

Paris: Hachette et Cie, 2016. Disponível em : <http://obvil.sorbonne-universite.site/corpus/critique/taine_essais#body-16>. Acesso em 31 jan. 2020.

⁶⁷ Cf. também a interpretação de TIN, Emerson. *A barca de Gleyre: uma metáfora para a viagem epistolar de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. Interseções, Revista de estudos sobre práticas discursivas e textuais*, Jundiaí, São Paulo, ano 1, n. 1. set. 2008. Disponível em: <http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/intersecoes/pdf/rev_inter_emerson_pdf.pdf>. Acesso em 1º fev. 2020.

⁶⁸ Com base na correspondência trocada entre Godofredo Rangel e Monteiro Lobato, reunida em *A barca de Gleyre* e no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, recuperei algumas das principais referências a autores e obras, estabelecendo possíveis diálogos entre essas memórias literárias e a obra de Rangel. Cf. SPAGNOLI, Camila Russo de Almeida. Godofredo Rangel leitor: memórias literárias na correspondência trocada com Monteiro Lobato. *Teresa*, v. 1, n. 19, p. 249-264, 13 dez. 2018.

⁶⁹ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 85. Carta de Taubaté, 02/02/1905.

⁷⁰ Com exceção de Ricardo Gonçalves, repórter do *Correio Paulistano* e autor de alguns poemas publicados, os demais pouco haviam produzido. CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, op. cit., p. 42.

⁷¹ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p.65. Carta de São Paulo, 11/07/1904.

⁷² TÁCITO, Hilário [pseud. José Maria de Toledo Malta]. Prólogo dispensável. In: RANGEL, Godofredo. *Vida ociosa*, op. cit., p. xxii.

fazer os exames de fim de ano no Largo de São Francisco. Os moços da Cainçalha trilhavam, paulatinamente, rumos distintos, colaborando com menor frequência no jornal interiorano. Monteiro Lobato convocou Rangel: “Proponho-te escrevermos com mais assiduidade no *Minarete*. Coisas leves, com diálogos – o diálogo areja. Coisas que interessam aos leitores, coitados, sempre tontos com isto de escrevermos só para nós mesmos, sem a mínima consideração para com eles, os sustentadores do jornal”⁷³. O trecho indicia o amadurecimento intelectual dos correspondentes. A escrita, encarada muitas vezes como brincadeira entre amigos, despreocupada com os leitores e associada à esfera do espontâneo, passa a ser objeto de reflexão dos jovens que buscavam adquirir um estilo literário próprio. Lobato valia-se dos neologismos “lobatizar” e “rangelizar” para exprimir a originalidade estilística almejada.⁷⁴

Lobato e Rangel, na correspondência, partilhavam impressões de leituras, concepções teóricas, literárias e estilísticas, bem como etapas do processo de criação de seus trabalhos, trocando textos ainda em manuscritos. Lobato aconselhava ao amigo a publicação de contos no *Minarete*, com a finalidade de passá-los “à letra de forma, para melhor os consertar”⁷⁵, para uma “espécie de primeira prova tipográfica”⁷⁶.

Godofredo Rangel, nessa época, buscava outros espaços jornalísticos para disseminar a sua produção. “Impressos e jornais”⁷⁷, pequena nota no jornal *O Pharol* (1876-1933), de Juiz de Fora (MG), em março de 1905, fornece o sumário do número 13 da revista paulista *Ilustração Brasileira*⁷⁸, que trazia a “Crônica, Godofredo Rangel”⁷⁹. As páginas do periódico também acolheram narrativas de sua autoria, “A cavalo”⁸⁰ (maio/junho 1905) e “Uma tragédia”⁸¹ (julho/agosto 1905), e, possivelmente, outras colaborações.⁸²

⁷³ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 92. Carta de Taubaté, 15/07/1905.

⁷⁴ Ibidem, p. 78. Carta de São Paulo, 15/11/1904.

⁷⁵ Ibidem, p. 196. Carta de Areias, 20/05/1909.

⁷⁶ Ibidem, p. 197. Carta de Areias, 12/06/1909.

⁷⁷ IMPRESSOS e jornais. **O Pharol**, Juiz de Fora (MG), ano XXXIX, n. 62, p. 1, 15 mar. 1905. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

⁷⁸ Com tiragem de 5000 exemplares, o mensário *Ilustração Brasileira* começa a circular em 1904, em São Paulo, propriedade de Saraiva & Cia. Tem em seu quadro de diretores literários A. Boucher Filho e Platão D’Andrade, e na direção artística Carlos Weber.

⁷⁹ Texto não localizado pela pesquisa.

⁸⁰ RANGEL, Godofredo. A cavalo. **Ilustração Brasileira**, São Paulo, ano II, n. 16 e 17, maio e junho de 1905. Exemplar disponível no Arquivo Público do Estado de São Paulo, coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP).

⁸¹ RANGEL, Godofredo. Uma tragédia. **Ilustração Brasileira**, São Paulo, ano II, n. 18 e 19, julho e agosto de 1905. Exemplar disponível no Arquivo Público do Estado de São Paulo, coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP).

⁸² A pesquisa não logrou localizar coleção completa de *A Ilustração Brasileira*. Nos números computados no Arquivo Público do Estado de São Paulo, pôde-se verificar a colaboração de outros companheiros de Rangel no Cenáculo, como Tito Franco, Lino Moreira, Ricardo Gonçalves e J. Nogueira.

Em agosto de 1908, Lobato convidou Rangel para escreverem juntos em *A Tribuna*, de Santos, informando que o companheiro cenacular Tito Lívio Brasil assumira sua redação e prometia pagar a colaboração.⁸³ O taubateano já vinha recebendo pelas traduções de artigos do jornal londrino *Weekly Times*, que enviava para *O Estado de S. Paulo*⁸⁴, e partilha, em carta a Rangel, os sucessos da nova empreitada: “Já encetei a série de artigos para a *Tribuna* e já fiz jus a 40 mil-réis.⁸⁵ Com isso pago dois meses de aluguel da casa. Pagar a casa com artigos – que maravilha, hein?”⁸⁶

Em 1909, Rangel ingressou na magistratura, nomeado juiz municipal da comarca de Machado, Minas Gerais⁸⁷. Lobato, que havia recebido convite para colaborar na revista *A Lua, semanário ilustrado* (1910)⁸⁸, a ser lançada em janeiro de 1910, pede, então, ao seu interlocutor, autorização para publicar um dos contos dele, de que já não tinha mais cópia em mãos, propondo “entrajá-lo por um figurino novo”, por uma simples experiência “*in anima nobile*”⁸⁹. O semanário, contudo, em seus números de 1910, não exhibe textos assinados por eles.⁹⁰

A correspondência trocada entre Lobato e Rangel desvela a existência de uma parceria autoral entre os amigos, como a que tinha se efetivado na elaboração da novela “O queijo de Minas ou História de um nó-cego”. Em meados de 1909, Rangel tomou a iniciativa de propor a Lobato a publicação de um livro de contos, reunindo a produção dos dois⁹¹, projeto nunca levado a termo. A criação compartilhada levanta questões relacionadas à autoria, ao lançar luz sobre o papel da amizade no processo de criação/publicação de textos. O quanto de um escritor está no outro? Quais são suas contribuições e/ou trocas no processo de criação? Tanto Lobato

⁸³ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 179. Carta de São Paulo, 04/08/1908.

⁸⁴ Conforme relata nas cartas de 10/12/1908 e 01/07/1909.

⁸⁵ Quanto aos valores pagos pelo jornal, em carta de 3 de agosto de 1909, Lobato escreveu: “Estou escrevendo na *Tribuna*, de Santos, jornal cor-de-rosa, a 10 mil-réis o artigo. Mande para lá hoje o *Bocatorta*.” Relendo a “papelada epistolar” enquanto preparava a edição de *A barca de Gleyre*, retomaria o assunto na missiva de 5 de setembro de 1943: “Numa das minhas cartas, que peguei ao acaso, encontro esta nota: ‘Estou escrevendo na *Tribuna*, de Santos, jornal cor-de-rosa, a 10 mil réis o artigo. Mande para lá hoje o *Bocatorta*.’ Desconfio que falei em ‘10 mil-réis’ para te dar inveja, pois tenho uma vaga ideia de que realmente só me pagavam 5. Está aí um ponto que qualquer criticastro do futuro resolverá com a maior segurança – e no entanto eu, que afirmei os 10 mil-réis, sou obrigado a deixar o ponto em obscuro. Talvez eu falasse em 10 mil-réis porque para todos nós naquele tempo ganhar 10 mil-réis com um piolho extraído do cérebro devia ser um sonho de grandeza – e de todos do Cenáculo era talvez eu o primeiro a alcançar extraordinária bonanza. Haveria em nosso grupo outro que estivesse ganhando tanta coisa, ou com possibilidades de ganhar tanto, com os piolhinhos cerebrais?” LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 210 e 559. Carta de Areias, 03/08/1909 e Carta de São Paulo, 05/09/1943.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 223. Carta de Areias, 15/09/1909.

⁸⁷ Cf. ATHANÁZIO, Enéas. Cronologia. In: *O amigo escrito*, op. cit. 1988, p. 9.

⁸⁸ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 213. Carta de Areias, 15/08/1909.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 223-224. Carta de Areias, 15/09/1909.

⁹⁰ O Arquivo Público do Estado de São Paulo disponibiliza, em seu Repositório Digital, dez números de *A Lua*, publicados no decorrer de 1910.

⁹¹ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 197. Carta de Areias, 27/06/1909.

quanto Rangel se beneficiariam do sistema de trocas ajustado por eles, parceria iniciada nestes primeiros anos e que se estenderia em outros períodos de suas carreiras como escritores.

1.2 – Um literato em formação (1910-1919)

Entre 1908 e 1914, a atuação de Godofredo Rangel em jornais e revistas não deixou muitos rastros. Em 1912, Lobato mencionou o escrito do amigo em *A Lanterna*⁹², atacando a ortografia prevista na reforma de 1911, texto do qual se desconhece o título e a data de publicação.⁹³ Como bem retrata Enéas Athanázio, é provável que nem sempre o juiz mineiro tenha conseguido imprimir seus escritos em órgãos de grande tiragem e repercussão, ficando sua produção “perdida” em jornais de circulação restrita⁹⁴.

Em *A barca de Gleyre*, há indícios de que, nesse tempo, Rangel seguia dedicando-se à literatura. Lobato alude, em abril de 1914, à prodigiosa produção ficcional do amigo: “[...] pões romances como as minhas Leghorns põem ovos – e às vezes até perdes um ou dois na rua de caminho para o fórum”.⁹⁵ As missivas evocam as narrativas *Os pioneiros da luz*, *Os legionários da ciência*, *Soldados do livro*, *Falange gloriosa* e *Vida ociosa*. Antes de 1910, referem-se a *Os bem casados* e a *Os falhos*. Somente *Vida ociosa*, *Falange Gloriosa* e *Os bem casados* iriam, posteriormente, circular como livros; os outros títulos permaneceriam inéditos e os manuscritos, desconhecidos.

Conciliando as tarefas de juiz, professor e contador de uma usina elétrica⁹⁶, sem se descuidar de sua atividade literária, Rangel procurava meios de imprimir seus romances. Contra seus propósitos, contavam-se os magros vencimentos, as dificuldades econômicas. Chegou a cogitar a possibilidade de publicar seus textos na Livraria Lello & Irmão⁹⁷, de Portugal, que trazia em seu catálogo muitos escritores brasileiros. Lobato vislumbra, em 1911, um plano audaz que exigiria ainda mais de Rangel e poderia dificultar a sua estreia em livro:

⁹² Fundado em 1901, o jornal *A Lanterna* teve como primeiro diretor Benjamim Mota. Em 1904, depois de imprimir sessenta números, foi suspenso. Apenas em 1909 reiniciou suas publicações, sob a direção de Edgard Leuenroth, que tirou mais 293 números até 1916. Somente em 1933 sua impressão foi retomada e perdurou até 1935. PINTO, Maria Emilia Martins. O anticlericalismo do jornal *A Lanterna* - Mídia alternativa na Era Vargas. *Revista Extraprensa*, v. 3, n. 3, p. 595-604, 7 dez. 2010.

⁹³ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 266. Carta da Fazenda, 19/08/1912.

⁹⁴ ATHANÁZIO, Enéas. *O amigo escrito*, op. cit., p. 63-64.

⁹⁵ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 280. Carta da Fazenda, 03/04/1914.

⁹⁶ Após ingressar na magistratura como juiz municipal de Machado, Rangel é transferido para Santa Rita do Sapucaí, onde permaneceu até 1918, atuando também como professor de língua portuguesa no Instituto Moderno de Educação e Ensino e contador de uma usina elétrica. ATHANÁZIO, Enéas. *O amigo escrito*, op. cit., p. 22.

⁹⁷ Também conhecida como Livraria Chardron, levando o nome do primeiro dono, o editor francês Ernesto Chardron.

Os preços de impressão do Lello são realmente convidativos, mas de mim sou contra o teu lançamento agora. Eu queria que aparecesses com os seis romances ao mesmo tempo, de jato, todos perfeitos, inatacáveis! Coisa de achatar a crítica indígena e dar uma tremenda prova de consciência do valor próprio.⁹⁸

As condições não eram das mais animadoras para o escritor que desejasse viver de seu trabalho intelectual⁹⁹, embora, desde o final do século XIX, já fosse notada a progressiva consolidação da profissionalização dos homens de letras, tendo em vista a regulamentação dos direitos autorais e a valorização social de literatos e intelectuais.¹⁰⁰ Tania Regina de Luca documenta:

Editar os próprios livros era prática comum no final dos anos [19]10. As poucas casas editoras então existentes só abriam suas portas para figuras consagradas e mesmo assim em tiragens pequenas. Nomes de peso como Machado de Assis, Coelho Neto, Euclides da Cunha, Afrânio Peixoto, Alberto Rangel, tiveram sua obra impressa na França ou em Portugal, enquanto Lima Barreto para ver publicado seu primeiro livro, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, abriu mão de receber qualquer direito autoral.¹⁰¹

Lobato adverte ao amigo: “Quanto a ganhar dinheiro com livro, e essas esperanças de criar um ‘nome vendável’, uma marca de fábrica que tenha saída, varra isso da cabeça! Tão cedo o livro não será negócio de dar dinheiro no Brasil”.¹⁰² Segundo Laurence Hallewell, a situação do comércio de livros era desalentadora, com poucos pontos de vendas, limitados aos bairros mais ricos do Rio de Janeiro e de São Paulo, sobretudo, baseados na importação, principalmente de Portugal e da França¹⁰³.

⁹⁸ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 244. Carta de Taubaté, 04/04/1911.

⁹⁹ Cilza Carla Bignotto examina aspectos do sistema literário da segunda metade do século XIX e dos primeiros anos do século XX, entre os quais, o modo como editores e autores firmavam contratos, a progressiva profissionalização dos homens de letras, o papel da imprensa periódica na carreira dos escritores, as relações de editores e autores com o público leitor. Cf. BIGNOTTO, Cilza Carla. No tempo da livraria Garnier. In: **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**, op. cit., p. 125-170.

¹⁰⁰ Desde meados dos anos de 1870, um grupo de intelectuais republicanos vinha trabalhando pela profissionalização dos homens de letras e pela renovação do campo literário, entre os quais Aluísio Azevedo, Artur Azevedo, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pardal Mallet, Paula Ney, Franklin Távora, José do Patrocínio, Valentim Magalhães. Ibidem, p. 151.

¹⁰¹ LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit., p. 65.

¹⁰² LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 244. Carta de Taubaté, 04/04/1911.

¹⁰³ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p. 347.

Em 1914, Monteiro Lobato, movendo-se com certa desenvoltura em alguns veículos de comunicação¹⁰⁴, ofereceu os seus préstimos a Rangel para inseri-lo no rol de colaboradores da imprensa paulista. A carta sinalizava que o amigo malograra em outras tentativas de publicar escrito literário: “Quanto aos *Legionários*, se esse romance ainda não foi publicado a culpa é só tua, Rangel, que recorres a estranhos em vez de à prata da casa. Manda-me isso, que tenho elementos para fazer que saia num dos diários de São Paulo, *Estado, Correio, Comércio*. Manda-mo que sairá, já, já, já”.¹⁰⁵

Colaborador frequente de *O Estado de S. Paulo*¹⁰⁶, desde 1913¹⁰⁷, Lobato estreitara sua relação com o grupo de intelectuais ligados ao jornal a partir da publicação e da repercussão de seus artigos “Uma velha praga”, em 12 de novembro 1914, e “Urupês”, em 23 de dezembro do mesmo ano. Lobato passaria a integrar o corpo de colaboradores remunerados no ano seguinte, conforme relata em carta a Rangel¹⁰⁸. Seu ingresso teria sido mediado por José Martins Pinheiro Júnior, amigo pessoal do taubateano, que parecia estar disposto a auxiliar também o mineiro: “O Pinheiro me escreve e proporciona-te um cartão de ingresso nas letras paulistas. São Paulo já é alguma coisa, e vale a pena entrar no Palco por essa porta”.¹⁰⁹ Rangel talvez não estivesse convencido das vantagens da proposta, ensejando uma nova mensagem de Lobato: “Talvez tenhas razão em criticar a ortodoxia do *Estado*, mas cumpre ter em mente que é o único que possui tiragem – quarenta mil exemplares, com provavelmente cem mil leitores. É das nossas escadas regionais a de mais degraus e a mais sólida”.¹¹⁰ Com uma das maiores tiragens do país, o matutino impôs-se ao longo da década de 1910 e integrar-se ao corpo de colaboradores assíduos significava uma promissora via de acesso para a vida pública e/ou para o diminuto círculo da elite letrada.¹¹¹

¹⁰⁴ Lobato já estreada na grande imprensa com artigos na *Tribuna de Santos*, em 1909. A partir de 1913, passou a colaborar em *O Estado de S. Paulo*. Cf. AZEVEDO, Carmen Lúcia de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**, op. cit., p. 102.

¹⁰⁵ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 282. Carta da Fazenda, 30/04/1914.

¹⁰⁶ O jornal começou a circular em 4 de janeiro de 1875 como *A Província de São Paulo*, fundado por republicanos, tendo à frente Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense. Entre os proprietários do jornal estavam Américo de Campos e Francisco Rangel Pestana. Recebeu o nome *O Estado de S. Paulo* após a proclamação da República. Cf. HISTÓRIA do grupo *Estado*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm>. Acesso em 7 jan. 2020.

¹⁰⁷ O primeiro artigo publicado por Monteiro Lobato no matutino apareceu em 30 de outubro de 1913, sob o título “Entre duas crises”. Para aprofundar os estudos da atuação do taubateano no jornal, conferir: VALENTE, Thiago Alves. **Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. Paulo (1913-1923)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

¹⁰⁸ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 306. Carta da Fazenda, 12/02/1915.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 300. Carta da Fazenda, 23/01/1915.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 301. Carta da Fazenda, 30/01/1915.

¹¹¹ LUCA, Tania Regina de. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916 – 1944)**, op. cit., p. 16.

“Virar jornalista” tornara-se uma ambição de jovens da capital e do interior.¹¹² Os rendimentos proporcionados pelas colaborações em jornais e revistas mostravam-se um chamariz a quem sonhasse ascender no campo literário. Carimbar uma assinatura em folhas de grande circulação também favorecia a aquisição de um capital simbólico:

Dizes bem quanto à disseminação do nome por intermédio de outras folhas. Isto é como eleitorado. Escrevendo no *Estado*, consigo um corpo de oitenta mil leitores, dada a circulação de quarenta mil do jornal e atribuindo a média de dois leitores para cada exemplar. Ora, se me introduzir num jornal do Rio de tiragem equivalente, já consigo dobrar o meu eleitorado. Ser lido por duzentas mil pessoas é ir gravando o nome – e isso ajuda.¹¹³

Rangel buscava, por meios próprios, a projeção de seu nome na imprensa. Em 15 de janeiro de 1915, chegou a ser anunciado como colunista do sul-mineiro *O Archivo: Orgam Imparcial* (1914-1915), todavia, nele foi localizado apenas o artigo “A propósito do *Amor imortal*”¹¹⁴, versando sobre o livro de seu primo e amigo cenacular José Antônio Nogueira.

Monteiro Lobato, que desde o tempo do *Minarete* incitava o companheiro a dedicar-se à literatura, mostrou-se, em 1915, empenhado em divulgá-lo nos círculos intelectuais paulistanos. Chamava a atenção dele: “E serás o rei dos tolos, se não surgires na arena com uma série de ‘anúncios’ do nome que breve aparecerá na capa das brochuras amarelas”.¹¹⁵ Nessa mesma época surgem as primeiras investidas de Lobato para que Rangel publique em *Cultura*, periódico ainda em fase de modelagem, que mais tarde receberia o nome de *Revista do Brasil*.

A estreia de Godofredo Rangel na grande imprensa se deu, finalmente, em 1915, nas páginas de *O Estado de S. Paulo*, na *Edição da Noite*, que ficou conhecida como *Estadinho*¹¹⁶, quando ele logrou difundir textos literários inéditos. A primeira colaboração teria chegado ao jornal por intermédio de Monteiro Lobato¹¹⁷, possivelmente um capítulo do romance *Vida*

¹¹² VALENTE, Thiago Alves. **Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados em *O Estado de S. Paulo* (1913-1923)**, op. cit., p. 17.

¹¹³ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 306. Carta da Fazenda, 12/02/1915.

¹¹⁴ RANGEL, Godofredo. A propósito do *Amor imortal*. **O Archivo: Orgam Imparcial**, Alfenas (MG), ano I, n. 24, p. 2, 31 dez. 1915. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹¹⁵ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 307. Carta da Fazenda, 12/02/1915.

¹¹⁶ *O Estado de S. Paulo* lança a edição vespertina para publicar principalmente notícias da Primeira Guerra. Mais leve do que a matutina, circula em formato tabloide entre 1915 e 1921, vendida separadamente do *Estadão*, como era chamada a edição da manhã. Cf. HISTÓRIA do grupo *Estado* nos anos 1910. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1910.shtm>. Acesso em 08 out. 2019.

¹¹⁷ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 325. Carta de São Paulo, 04/08/1915.

ociosa, que acabara de ser concluído. Teria saído em algum número entre 4 de agosto e 7 de setembro de 1915¹¹⁸, segundo se depreende das cartas encontradas em *A barca de Gleyre*.

Em 23 de outubro desse mesmo ano, o jornal estampava nova colaboração literária de Rangel, de acordo com a seção “Notícias Diversas”¹¹⁹, impressa em publicidade da edição noturna de *O Estado de S. Paulo*. “A mosca”¹²⁰ aparece na edição noturna de 23 de novembro, “O hóspede”¹²¹, em 11 de dezembro, ambos de 1915; e “Pirata”¹²², em 24 de junho de 1916. Esses textos seriam incorporados ao romance *Vida ociosa*, na *Revista do Brasil*, publicado entre maio de 1917 e janeiro de 1918, antes de integrar a edição *princeps*, em 1920, sob o selo da Monteiro Lobato & Cia.



Imagem 6: Fragmento da página do exemplar de *O Estado de S. Paulo*, de 23 out. 1915, com enquadramento da seção “Notícias Diversas”, localizando-se o anúncio da edição noturna na qual inclui-se um excerto de Godofredo Rangel na página literária.

Fonte: Acervo Digital de *O Estado de S. Paulo*.

¹¹⁸ O acervo do jornal ainda não digitalizou completamente sua coleção e, em consulta ao arquivo, a pesquisa não localizou o exemplar com tal registro.

¹¹⁹ NOTÍCIAS diversas – Edição da Noite. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano XLI - n. 13.453, p. 5, 23 out. 1915. Exemplar disponível no Acervo Digital de *O Estado de S. Paulo*.

¹²⁰ RANGEL, Godofredo. A mosca (Fragmento). *O Estado de S. Paulo/ Estadinho*, São Paulo, p. 5, 23 nov. 1915. Exemplar disponível em consulta ao Acervo de *O Estado de S. Paulo*.

¹²¹ NOTÍCIAS diversas – Edição da Noite. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano XLI - n. 13.502, p. 8, 11 dez. 1915. Exemplar disponível no Acervo Digital de *O Estado de S. Paulo*.

¹²² NOTÍCIAS diversas – Edição da Noite. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano XLII - n. 13.696, p. 5, 24 jun. 1916. Exemplar disponível no Acervo Digital de *O Estado de S. Paulo*.



Imagem 7: Fragmento da página do exemplar de *O Estado de S. Paulo*, de 24 jun. 1916, com enquadramento da seção “Notícias Diversas”, localizando-se o anúncio da edição noturna na qual foi incluído o trabalho inédito “Pirata”, de Godofredo Rangel, na seção “Prosa e verso”.

Fonte: Acervo Digital de *O Estado de S. Paulo*.

A colaboração em *O Estado de S. Paulo*, o contato com redatores do periódico, a empenhada intercessão de Lobato abrem a Rangel a possibilidade de atuação não só na *Revista do Brasil*, como também em *A Vida Moderna*.

Numa acirrada disputa pela conquista do público, dos anunciantes e dos literatos de renome, *A Vida Moderna*¹²³ e *A Cigarra* destacaram-se como as principais revistas de variedades editadas na capital paulista, com ampla circulação entre 1914 e 1917.¹²⁴ Mantendo

¹²³ Revista quinzenal ilustrada, entre 1907 e 1912; semanal até 1914; quinzenal de 1915 até seu término, em 1925. Fundada por Luiz Couto e Arthur Reis Teixeira, de propriedade da firma Garcia Redondo, Amancio & Cia.. Tinha como diretor e redator-chefe Amancio Rodrigues dos Santos. Cf. CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta: Periodismo e vida urbana 1890-1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013. BRAGLIA, Nádia Christina. **Paulicéia de ontem: as revistas ilustradas e o viver urbano nas primeiras décadas do século XX**. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

¹²⁴ CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta: Periodismo e vida urbana 1890-1915**, op. cit., p. 10 e 69.

estreitos laços com *O Estado de São Paulo*¹²⁵, *A Vida Moderna* contou com trabalhos de Godofredo Rangel.

A primeira menção à revista *Vida Moderna*, em *A barca de Gleyre*, ocorreu em 10 de março de 1916, após Lobato ter lido “Como se faz uma visita”, texto antigo de Rangel saído no *Minarete* e aludido na carta apenas como “aquela cena das visitas”. O taubateano prontificou-se: “Quer que a copie e mande para a *Vida Moderna*?”¹²⁶ Em outras missivas, ele sugere que Rangel encaminhe seus escritos à revista¹²⁷:

Tatá é um belo conto, com um tipo magnífico, o doutor Augusto. Podes extrair dele uma versão concentrada, cabível em sete ou oito tiras, e mandá-la para a *Vida*, reservando a coisa como está para o volume. O conto galináceo também está muito interessante; só observo que também devias dar à cor das aves tons galináceos, como pedrês, carijó, malhada; e falar nas suras (sem rabo), nas calçadas e nas nanicas. Haverá aumento de pitoresco e propriedade.¹²⁸

Os palpites de Monteiro Lobato concernentes à composição literária, como o desenvolvimento da narrativa e a caracterização das personagens, não deixavam de considerar a materialidade do texto, como as dimensões em “sete ou oito tiras” e a diferenciação entre os suportes revista e livro. Lobato mostrava-se um escritor atento às especificidades do veículo e do público que lia a revista na qual buscavam inserir suas produções.

Na revista *A Vida Moderna*, Rangel publicou, em 1916, notas sobre o escritor Euclides da Cunha¹²⁹; ao longo de 1917, a narrativa escrita com Lobato, “O queijo de Minas ou História

¹²⁵ MORAES, Juliana Lopes. **A vida moderna (1907-1922), o periódico-vitrine da cidade de São Paulo: tempos de modernidade com um leve toque português.** 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

¹²⁶ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 346. Carta da Fazenda, 10/03/1916.

¹²⁷ Como registram as cartas de 20/03/1916; 21/05/1916; 07/06/1916; 11/06/1916; 10/07/1916; 10/01/1917.

¹²⁸ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 357-358. Carta da Fazenda, 15/04/1916.

¹²⁹ Em carta de 08/08/1916, Lobato escreve: “*A Vida Moderna* trouxe as tuas notas sobre o Euclides e uns *sueitos* que me parecem teus. Errei?” Sem acesso à resposta de Rangel, não se reconhece a autoria dos mencionados *sueitos*.

de um nó-cego”¹³⁰, os contos “O telegrama”¹³¹ e “Um animal estranho”¹³², este último no volume “Contos seletos”, da Biblioteca d’*A Vida Moderna*.

Ainda em 1917, as páginas do *Estadinho* voltariam a propagar a assinatura de Godofredo Rangel, estampando, em folhetim, o romance *Falange gloriosa*, que, assim como *Os bem casados*, receberia edição póstuma, em 1953.

Em 1917, aumentou consideravelmente a circulação dos textos de Godofredo Rangel, que também iniciou a sua colaboração na *Revista do Brasil*, estreando no número 13, de janeiro, com o artigo “O estilo de Fialho”¹³³. A partir de maio, publicou, na sequência, os capítulos de *Vida ociosa*¹³⁴. Lançou, nesse mesmo ano, a gramática *Estudo prático de português*.

Nos anos seguintes, Rangel foi semeando seus textos em muitos periódicos. Em fevereiro de 1918, como crítico literário, debruçou-se sobre a poesia de Menotti Del Picchia em

¹³⁰ A pesquisa localizou treze capítulos publicados, entre janeiro e abril de 1917, assinados com os pseudônimos *Té Bézuquet* e Hélio Bruma, respectivamente, Godofredo Rangel e Monteiro Lobato. A carta de 22 de abril de 1917 indicia uma provável suspensão da publicação da narrativa na revista paulistana. Lobato escreve a Rangel: “Pela irregularidade de tudo lá dentro, a *Vida Moderna* ainda acaba mudando de nome; passa ao que é: - *Vida Airada*. Não merece a nossa atenção. Não vale a pena botar lá o *Queijo de Minas*.” LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 393. Carta da Fazenda, 22/04/1917. A Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional disponibiliza exemplares que estampam a “novela joco-séria”: TÉ BÉZUQUET [pseudônimo de Godofredo Rangel]; HÉLIO BRUMA [pseudônimo de Monteiro Lobato]. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (I – IV). *A Vida Moderna*, São Paulo, ano XII, n. 304, 25 jan. 1917. Idem. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (V - VI). *A Vida Moderna*, São Paulo, ano XII, n. 305, 8 fev. 1917. Idem. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (VII - X). *A Vida Moderna*, São Paulo, ano XII, n. 306, 22 fev. 1917. Idem. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XI - XII). *A Vida Moderna*, São Paulo, ano XII, n. 307, 15 mar. 1917. Idem. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XIII). *A Vida Moderna*, São Paulo, ano XIII, n. 309, 12 abr. 1917.

¹³¹ Posteriormente incluído no volume de contos *Andorinhas*, em 1924. RANGEL, Godofredo. O telegrama. *A Vida Moderna*, São Paulo, ano XII, n. 306, 22 fev. 1917. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹³² Posteriormente incluído no volume de contos *Os humildes*, em 1944. RANGEL, Godofredo. Um animal estranho. *A Vida Moderna*, São Paulo, ano XIII, n. 317, 2 ago. 1917. Contos Seletos – Biblioteca d’*A Vida Moderna*. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹³³ RANGEL, Godofredo. O estilo de Fialho. **Revista do Brasil**, São Paulo, v. IV, n. 13, p. 53-59, jan. 1917. A Hemeroteca Digital da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) disponibiliza versão digitalizada da *Revista do Brasil*. Os exemplares podem ser consultados em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26091/browse?type=dateissued>.

¹³⁴ RANGEL, Godofredo. Vida ociosa (capítulos I a IV). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 17, p. 82-100, mai. 1917. Idem. Vida ociosa (capítulos V a VII). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 18, p. 215-229, jun. 1917. Idem. Vida ociosa (capítulos VIII a IX). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 19, p. 361-369, jul. 1917. Idem. Vida ociosa (capítulos X a XII). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 20, p. 506-519, ago. 1917. Idem. Vida ociosa (capítulos XIII a XV). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 21, p. 68-82, set. 1917. Idem. Vida ociosa (capítulos XVI a XVIII). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 22, p. 210-223, out. 1917. Idem. Vida ociosa (capítulos XIX a XX). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 24, p. 524-536, dez. 1917. Idem. Vida ociosa (capítulos XXI a XXII). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano III, n. 25, p. 49-58, jan. 1918.

artigo no *Correio do Sul*¹³⁵, destrinchando os versos de *Juca Mulato*¹³⁶. Interessava-se pelo autor que, mais tarde, iria integrar-se às hostes modernistas: “– Esquisito... Isso é novo”.¹³⁷

Em 1918, após concluir a publicação de *Vida ociosa* na *Revista do Brasil*, Rangel traria a lume outros dois contos, “Meu parente”¹³⁸ (junho) e “O destacamento”¹³⁹ (julho). Nesta época, as cartas n’*A barca de Gleyre* registram sucessivos apelos de Lobato, já à frente da *Revista do Brasil*, para que o amigo editasse em livro *Vida ociosa, Falange gloriosa e Os bem casados*. Incentivava-o a aproveitar a oportunidade de intensificar sua participação no mensário paulistano. Em 1919, mais dois contos de Rangel saem na *Revista do Brasil*: “O oráculo”¹⁴⁰ (maio) e “O gordo Antero”¹⁴¹ (outubro).

Rangel palmilha outros periódicos, destinando dois de seus escritos a *Fon-Fon!*¹⁴²: “A formiguinha”¹⁴³, estampado em 2 de agosto, e “Um animal estranho”¹⁴⁴, em 18 de outubro, ambos de 1919. O primeiro se constituía um fragmento do “Capítulo VIII” de *Vida ociosa*, já ventilado em julho de 1917 na *Revista do Brasil*, que viria a ser intitulado “O dr. Formiguinha”, na edição do romance em livro. No entanto, o semanário ilustrado não traz qualquer referência à narrativa publicada anteriormente em sua integralidade. O percurso do conto “Um animal estranho” também é extenso: cerca de dois anos antes saíra em *A Vida Moderna*. Depois de reproduzido nas páginas de *Fon-Fon!*, reaparece, em fevereiro de 1924, na *Revista do Brasil*, passando, por fim, a integrar o índice de *Os humildes*, em 1944. A divulgação de trabalhos em

¹³⁵ Semanário noticioso e literário publicado na cidade mineira Santa Rita do Sapucaí.

¹³⁶ RANGEL, Godofredo. Menotti Del Picchia. *Correio do Sul*, Santa Rita do Sapucaí (MG), 17 fev. 1918. Fotocópia disponível no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Fundação Cultural de Blumenau (SC).

¹³⁷ Fotocópia de *A longa viagem*, com trecho em que Menotti conta seu primeiro encontro com Rangel, bem como duas cartas fac-similares do prosador mineiro endereçadas ao poeta encontram-se disponíveis no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Fundação Cultural de Blumenau (SC). DEL PICCHIA, Menotti. Um rebelde de calça curta. In: *A longa viagem*. (1ª etapa). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970, p. 106-109.

¹³⁸ RANGEL, Godofredo. Meu parente. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano III, n. 30, p. 152-159, jun. 1918.

¹³⁹ Idem. O destacamento. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano III, n. 31, p. 307-316, jul. 1918.

¹⁴⁰ Idem. O oráculo. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano IV, n. 41, p. 19-23, maio 1919.

¹⁴¹ Idem. O gordo Antero. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano IV, n. 46, p. 121-125, out. 1919.

¹⁴² A revista semanal carioca *Fon-Fon!* circulou de 13 de abril de 1907 até agosto de 1958. Seguiu o modelo dos periódicos europeus e informava aos leitores brasileiros acerca da moda em Paris, firmando-se como um “semanário alegre, político, crítico e esfuziante”. De início, intelectuais de filiação simbolista, como Gonzaga Duque, Mário Pederneiras e Lima Campos, compunham o quadro de redatores do magazine. Entretanto, o semanário não se limitou às rodas simbolistas, procurando ampliar o espectro de leitores por meio de colunas diversificadas. Seus colaboradores eram de muitas e diferentes regiões do país, veiculando opiniões por vezes antagônicas e diferentes perspectivas literárias e estéticas. Cf. MACENA, Fabiana Francisca. *Madames, mademoiselles, melindrosas: "feminino" e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

¹⁴³ RANGEL, Godofredo. A formiguinha. *Fon-Fon!*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 31, 2 ago. 1919. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁴⁴ Idem. Um animal estranho. *Fon-Fon!*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 42, 18 out. 1919. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

mais de um periódico não é isolada ao longo da trajetória literária do autor, prática que Lobato o aconselhava e de que também se valeu.

O semanário *A Reforma*¹⁴⁵ enfeixou o conto “Paralelismo”¹⁴⁶, em 26 de outubro de 1919, posteriormente inserido em *Os humildes*. O artigo “A retirada da Laguna (O colérico abandonado sobrevivente)” foi publicado primeiramente no jornal *O Estado de S. Paulo*¹⁴⁷, em 4 de novembro, e replicado no periódico rio-grandense *A Federação*,¹⁴⁸ nove dias depois.¹⁴⁹

1.3 – O escritor entre livros, jornais e revistas (1920 -1929)

Ao longo de 1920, Godofredo Rangel manteve sua colaboração na *Revista do Brasil*, concentrando-se, em números seguidos, na divulgação dos contos inéditos “Passeio ao céu”¹⁵⁰ (maio) e “O *croisée*”¹⁵¹ (junho), além do artigo “A retirada da Laguna (O colérico abandonado sobrevivente)”¹⁵² (julho). Os dois primeiros seriam depois coligidos, respectivamente, em *Andorinhas* e em *Os humildes*.

No ano seguinte, o nome de Rangel não aparece no índice da *Revista do Brasil*. Integrando-se a uma rede de sociabilidade literária, ele ganhou espaço em outro periódico: *A Novela Semanal*. Lançada em 1921, pela Sociedade Editora Olegário Ribeiro¹⁵³, a publicação,

¹⁴⁵ Publicada no Acre pelo diretor-proprietário José Florêncio da Cunha, circulando entre 1918 e 1934, com uma pausa em 1925 e retorno das atividades em 1929.

¹⁴⁶ RANGEL, Godofredo. Paralelismo. **A Reforma**, Acre, ano II, n.77, p. 2, 26 out. 1919. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁴⁷ RANGEL, Godofredo. A retirada da Laguna (O colérico abandonado sobrevivente). **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano XLV, n. 14.915, p. 3, 4 nov. 1919. Exemplar disponível em consulta ao Acervo de *O Estado de S. Paulo*.

¹⁴⁸ Responsável pela defesa do programa político do Partido Republicano Rio-grandense, o órgão *A Federação* foi criado com o objetivo de combater a monarquia e promover a repercussão das ideias republicanas. Circulou entre 1884 e 1937, tendo como editor-chefe Venâncio Aires e redator Júlio de Castilhos. Cf. RIBEIRO, Paula Vanessa Paz; ARMANI, Carlos Henrique. Discurso Político-Partidário: O jornal “A Federação” no contexto da candidatura à reeleição de Borges de Medeiros. In: XI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUHRS – História, memória, patrimônio, 2012, Rio Grande do Sul. **Anais eletrônicos**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande, 2012. p. 852-861. Disponível em: <http://www.eeh2012.anpuhrs.org.br/resources/anais/18/1346359139_ARQUIVO_DiscursoPolitico-Partidario-OjornalAFederacaonocontextodacandidaturaareeleicaodeBorgesdeMedeiros-AnaisAnpuh-RS.pdf>. Acesso em 14 out. 2019.

¹⁴⁹ RANGEL, Godofredo. A retirada da Laguna (O colérico abandonado sobrevivente). **A Federação**, Porto Alegre (RS), ano XXXVI, n. 268, p. 5, 13 nov. 1919. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁵⁰ Idem. Passeio ao céu. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano V, n. 53, p. 28-32, mai. 1920.

¹⁵¹ Idem. O *croisée*. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano V, n. 54, p. 122-126, jun. 1920.

¹⁵² Idem. A retirada da Laguna – (O colérico abandonado sobrevivente). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano V, n. 55, julho de 1920. Resenha do Mês, p. 269-272.

¹⁵³ Após a dissolução da empresa Olegário Ribeiro, Lobato & Cia., que tinha o nome dos sócios majoritários, Olegário Ribeiro e Monteiro Lobato, os sócios Waldemar Ferreira, Francisco Pires de Castro e Clóvis Ribeiro lançaram nova sociedade anônima, a Sociedade Editora Olegário Ribeiro. BIGNOTTO, Cilza Carla. **Figuras de**

dirigida por Brenno Ferraz¹⁵⁴, espelhava-se na *La Novela Semanal* argentina. Em seu editorial, assegura a pretensão de ser “lida, muito lida”, buscando tornar-se “instrumento de propaganda das boas letras – dos melhores autores e dos melhores livros nacionais”, tanto inéditos como consagrados. Imprimiu, no entanto, apenas quinze números.¹⁵⁵

No mesmo período, Monteiro Lobato ocupava-se em editar Godofredo Rangel, e trabalhava na preparação e publicação de *Vida ociosa*, que seria lançado no final de 1920, sob a chancela da *Revista do Brasil*. Em 1921, de acordo com as cartas em *A barca de Gleyre*, o amigo-editor tencionava publicar em volume os contos de Rangel. A tarefa se efetivaria somente três anos depois, com a publicação de *Andorinhas*. Lobato mostrava estar à frente da atuação do amigo no periódico, quando comunicou, em junho: “A *Novela Semanal* deu qualquer coisa tua. Vou mandar para lá aquele teu conto de bonecas”.¹⁵⁶ Rangel tinha aparecido no segundo número do semanário, em 9 de maio, assinando “O destacamento”¹⁵⁷, conto que a *Revista do Brasil* já havia publicado em julho de 1918. A “História de bonecas” tinha sido estampada no *Minarete* em dezembro de 1906 e não ganhou as páginas de *A Novela Semanal*. Em 23 de julho, no número 13 da revista, os leitores encontraram o conto “O avô”¹⁵⁸, até então inédito, posteriormente difundido em outras publicações e incorporado em *Andorinhas*, com o título de “Os óculos”. Segundo Cilza Bignotto, *A Novela Semanal* teria contribuído para aumentar o capital simbólico de Monteiro Lobato como escritor e editor, divulgando trabalhos dele e de autores do catálogo de sua editora, assim como noticiando obras lançadas pelo empresário-escritor.¹⁵⁹

autor, figuras de editor: novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925). São Paulo: Editora Unesp, 2018, p. 345-349.

¹⁵⁴ Além dos vínculos já sinalizados, Brenno Ferraz, ao final de 1921, seria admitido como crítico literário da *Revista do Brasil*, na qual já atuava como secretário de redação, sucedendo a Léo Vaz, e, em janeiro de 1922, passaria a ocupar o cargo de diretor do mensário. *Ibidem*, p. 352.

¹⁵⁵ A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin disponibiliza, em seu Acervo Digital, quinze números de *A Novela Semanal*, publicados no decorrer de 1921. Cf. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm-ext/2253>

¹⁵⁶ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 466. Carta de São Paulo, 10/06/1921.

¹⁵⁷ RANGEL, Godofredo. O destacamento. *A Novela Semanal*, São Paulo, ano I, n. 2., p. 23-28, 9 mai. 1921. Exemplar disponível no Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

¹⁵⁸ Idem. O avô. *A Novela Semanal*, São Paulo, ano I, n. 13, p. 210-211, 23 jul. 1921. Exemplar disponível no Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

¹⁵⁹ BIGNOTTO, Cilza Carla. **Figuras de autor, figuras de editor: novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**, op. cit., p. 349-351.

“*O Dia*¹⁶⁰ te convidou porque já és ‘um nome’. E não te admires de novos convites”¹⁶¹, escreve Lobato a Rangel em janeiro de 1923. A partir de 1921, *A barca de Gleyre* registrou a colaboração do escritor em *O Dia*, dando ao público, segundo Lobato, “coisas que de fato não são da melhor colheita”. O amigo sugeria: “Por que não enfias lá os contos que tens aqui, com os nomes mudados? Ou pelo menos alguns saídos em jornalecos? Depois irão para o livro, tendo já dado sua rendazinha.”¹⁶² Lobato, nessa recomendação, patenteava uma prática pessoal, pois trabalhos seus que já haviam circulado na imprensa tinham sido depois coligidos em *Urupês*, *Cidades Mortas* e *Ideias de Jeca Tatu*.

Entre os textos de Rangel publicados em *O Dia* estão “Os oitenta contos”¹⁶³, “Frases feitas”, “O convescote” e “Mealhas”. Enquanto o primeiro seria incorporado a *Andorinhas*, os outros três seriam transcritos, no ano seguinte, na *Revista do Brasil*, trazendo o nome do periódico que primeiro os divulgou, mas não as datas; permaneceriam inéditos em livro¹⁶⁴.

Em 27 de setembro de 1921, breve nota no jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, noticia o lançamento da revista *Novela Mineira*¹⁶⁵, indicando colaboração de Godofredo Rangel: “Deverá aparecer amanhã a *Novela Mineira*, publicação mensal colaborada pelos melhores escritores mineiros. Esse mensário insere contos literários de Mario Lima, Milton Prates, Godofredo Rangel, Nicolau Pero Soares, Faria Silva Guimarães e Visconde de Araxá”.¹⁶⁶ O primeiro número da revista, de setembro, exhibe o conto “O grilo”,¹⁶⁷ de Rangel, mais tarde integrado às coletâneas *Andorinhas* e *10 histórias de bichos*, esta organizada, em 1947, por João Condé. A edição de dezembro do mensário mineiro estampou “O transfuga”¹⁶⁸, conto que, sob o título “Zé Urbano”, seria depois agregado ao volume *Os humildes*. A narrativa “O avô”¹⁶⁹,

¹⁶⁰ Acreditamos tratar-se do diário matutino *O Dia*, que circulou em Juiz de Fora (MG), a partir de dezembro de 1917. Cf. MUSSE, Christina Ferraz. A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870/1940). In: XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, 2007, Juiz de Fora, Minas Gerais. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0083-1.pdf>. Acesso em 17 ago. 2020.

¹⁶¹ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 481. Carta de São Paulo, 16/01/1923.

¹⁶² Ibidem, p. 463. Carta de São Paulo, 21/05/1921.

¹⁶³ Referido por Lobato em carta de 08/07/1921.

¹⁶⁴ A localização de outras colaborações de Godofredo Rangel em *O Dia* aguarda oportunidade de pesquisa.

¹⁶⁵ Revista de Belo Horizonte que começou a circular em 1922, sob direção de Aníbal Mattos e Oswaldo Araújo.

¹⁶⁶ *O Paiz*, Rio de Janeiro, ano XXXVII, n. 13.491, p. 2, 27 set. 1921. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁶⁷ RANGEL, Godofredo. O grilo. *Novela Mineira*, Belo Horizonte (MG), fascículo I, v. 1, p. 10-11, set. 1921. Os fac-símiles da revista *Novela Mineira* foram disponibilizados em consulta ao acervo pessoal do escritor Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, vinculado à Fundação Cultural de Blumenau (SC).

¹⁶⁸ Idem. O transfuga. *Novela Mineira*, Belo Horizonte (MG), fascículo IV, v. 1, p. 101-105, dez. 1921.

¹⁶⁹ Idem. O avô. *Novela Mineira*, Belo Horizonte (MG), fascículo IX e X, v. 1, p. 266, 1922.

estampada no ano anterior em *A Novela Semanal*, reaparece no fascículo IX e X do periódico mineiro em 1922.

Além da colaboração em *Novela Mineira* e das publicações na *Revista do Brasil*, “Frases feitas”¹⁷⁰ (maio), “O convescote”¹⁷¹ (junho), “Mealhas”¹⁷² (julho) e “O legado”¹⁷³ (setembro)¹⁷⁴, o ano de 1922 traria outro capítulo de *Vida ociosa*, “Manequinho”¹⁷⁵, em *O Brasil*¹⁷⁶, em 17 de setembro. A exemplo de *O Estado de S. Paulo* e da *Fon-Fon!*, que também difundiram outros capítulos da narrativa, o jornal carioca não trouxe referência ao romance saído na *Revista do Brasil* e em livro.

*O Jornal Pequeno*¹⁷⁷, de Pernambuco, em 11 de julho 1923, noticia que Annibal Fernandes passaria a integrar o grupo de redatores estrangeiros do *La Nación*¹⁷⁸, mencionando o nome de Godofredo Rangel entre os colaboradores brasileiros no diário argentino¹⁷⁹.

Na fase de negociação editorial de *Vida ociosa*, em 1919, Lobato alude, em carta de 6 de setembro, ao plano de lançamento simultâneo do livro nos mercados brasileiro e argentino para “forçar a atenção do público”¹⁸⁰. Parte de seus projetos em parceria com a Argentina se concretizaram, de modo que as relações se estenderiam para além da *Revista do Brasil*¹⁸¹. No entanto, o romance de Rangel não recebe versão integral em espanhol. Do livro, apenas o capítulo “O sentenciado Lourenço” foi traduzido e publicado pelo argentino Benjamim de Garay¹⁸², no jornal *La Nación*, conforme informa Lobato em carta de 9 de novembro de 1921¹⁸³.

Em 16 de janeiro de 1923, Lobato escreveu a Rangel novamente referindo-se ao capítulo traduzido: “*La Nación* dará uma nota a teu respeito, acompanhando a tradução do *Lourenço*.”

¹⁷⁰ Idem. Frases feitas. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 77, mai. 1922. Resenha do Mês, p. 79-81.

¹⁷¹ Idem. O convescote. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 78, jun. 1922. Resenha do Mês, p. 173-176.

¹⁷² Idem. Mealhas. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 79, jul. 1922. Resenha do Mês, p. 267-269.

¹⁷³ Idem. O legado. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 81, p. 51-56, set. 1922.

¹⁷⁴ Entre os textos publicados na *Revista do Brasil* em 1922, somente o conto “O legado” ganhou outras versões, inserido posteriormente em *Os humildes*.

¹⁷⁵ RANGEL, Godofredo. *Manequinho*. **O Brasil**, Rio de Janeiro, ano I, n. 152, p. 8, 17 set. 1922. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁷⁶ Jornal impresso no Rio de Janeiro entre 1922 a 1927, sendo de propriedade de Guilherme de Almeida Brito.

¹⁷⁷ *Jornal Pequeno*, publicado entre 1899 e 1955, teve grande circulação no Recife (PE), dirigido por Thomé Gibson.

¹⁷⁸ Fundado pelo ex-presidente argentino Bartolomé Mitre, em 4 de janeiro 1870, *La Nación* é um jornal diário de circulação na Argentina, com sede em Buenos Aires.

¹⁷⁹ DR. ANNIBAL Fernandes. **Jornal Pequeno**, Recife (PE), ano XXV, n. 157, p. 1, 11 jul. 1923. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁸⁰ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 443. Carta de São Paulo, 06/07/1919.

¹⁸¹ Thaís de Mattos Albieri estuda as relações entre Monteiro Lobato e intelectuais argentinos, entre eles Manuel Gálvez, Horacio Quiroga e Benjamin de Garay, entre 1919 e 1948. Cf. ALBIERI, Thaís de Mattos. **São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2009.

¹⁸² Garay foi responsável pela tradução e divulgação da literatura de Lobato no Prata; intermediou a divulgação de alguns escritores argentinos no Brasil. *Ibidem*, p. 2.

¹⁸³ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 471. Carta de São Paulo, 09/11/1921.

Vês como o teu mérito, apesar do teu retraimento e falta de reclame, está se impondo?”¹⁸⁴. A difusão do nome do amigo para além das fronteiras pátrias é recebida com entusiasmo por Lobato. As dificuldades e limitações advindas do isolamento do juiz em pequenas comarcas do interior é assunto que frequenta *A barca de Gleyre*. Enéas Athanázio, em sua biografia de Godofredo Rangel, pondera: “Não é necessário grande conhecimento da geografia mineira para se concluir que a carreira de Rangel não foi das mais confortáveis. Realmente, à exceção de Passos, já na época uma cidade considerável, só exerceu as funções em locais de pequena expressão política, intelectual e econômica”.¹⁸⁵ Anos mais tarde, na entrevista a Milton Pedrosa, estampada na carioca *Vamos Ler!*, em 15 de junho de 1939, Godofredo Rangel definiria sua vida simplesmente em função do trabalho “ – A minha vida é a de um funcionário público que foi de comarca em comarca. Nada tem que possa interessar”.¹⁸⁶

Em 1923, Rangel parece distanciar-se da *Revista do Brasil*, que apenas iria replicar, no número de março, o seu artigo “Aspectos mineiros”¹⁸⁷, indicando que o texto havia sido divulgado, no ano anterior, em *O Estado de S. Paulo*. Em 26 de dezembro, a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro¹⁸⁸ publicou a sua crônica “Velhos cromos”¹⁸⁹.

No ano seguinte, Godofredo Rangel encerrou a sua colaboração na *Revista do Brasil*, publicando “Um animal estranho”¹⁹⁰, anteriormente estampado em *A Vida Moderna e Fon-Fon!* e “O bedel”¹⁹¹, até então inédito e posteriormente peça integrante de *Os humildes*. O ano de 1924 é marcado pelo lançamento do volume de contos *Andorinhas*, sob o selo da Monteiro Lobato & Cia.

Godofredo Rangel, embora residisse desde 1904 em diferentes cidades mineiras, fez escoar grande parte de sua produção na imprensa paulista. Ainda que os jornais de São Paulo fossem pouco lidos em Minas¹⁹², o tricordiano buscava acompanhar as publicações e o

¹⁸⁴ Ibidem, p. 481. Carta de São Paulo, 16/01/1923.

¹⁸⁵ ATHANÁZIO, Enéas. **O amigo escrito**, op. cit., p. 23.

¹⁸⁶ PEDROSA, Milton. Em Minas conversando com os intelectuais. **Vamos Ler!**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 150, 15 jun. 1939. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁸⁷ RANGEL, Godofredo. Aspectos mineiros. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VIII, n. 87, mar. 1923. Debates e Pesquisas, p. 278-282.

¹⁸⁸ Diário carioca fundado por José Ferreira de Sousa Araújo, em 2 de agosto de 1875. Entre as inovações trazidas pela *Gazeta de Notícias* estão o emprego do clichê, das caricaturas e da técnica de entrevistas. Foi um dos principais jornais da capital federal durante a República Velha. Em 1923, a direção do jornal passou a Vladimir Bernardes, que se manteria igualmente como proprietário até 1949. Verbetes completos de: LEAL, Carlos Eduardo. **Gazeta de Notícias**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias>>. Acesso em 19 out. 2019.

¹⁸⁹ RANGEL, Godofredo. Velhos cromos. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XLVIII, n. 294, p. 2, 26 dez. 1923. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁹⁰ Idem. Um animal estranho. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VIII, n. 98, fev. 1924. Curiosidades, p. 188-190.

¹⁹¹ Idem. O bedel. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VIII, n. 100, p. 313-316, abr. 1924.

¹⁹² Na época, só chegavam a Minas Gerais os jornais do Rio de Janeiro. MARQUES, Ivan. **Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013, p. 51.

movimento literário da cidade onde havia se formado. De acordo com a historiadora Flávia Arlanch M. de Oliveira, Lobato cultuou “a memória do Cenáculo como um ponto de inflexão literária”, mas do grupo logo se libertou. Ao passo que Rangel, pelo menos no princípio de sua vida literária, mostrou-se tributário dos companheiros, principalmente do autor de *Urupês*, para divulgar seus escritos no meio intelectual.¹⁹³

Pouco se sabe sobre a atuação de Rangel na imprensa mineira e sobre a sua relação com os conterrâneos escritores e intelectuais nesse período. Considerando apenas as publicações nos jornais *O Archivo: Orgam Imparcial*, *Correio do Sul* e *O Dia* e na revista *Novela Mineira*, pode-se, eventualmente, concluir que o nome do autor de *Andorinhas* pouco teria circulado em periódicos de Minas Gerais. Todavia, acredita-se que sua produção, esparsa em veículos de menor tiragem, acabou se perdendo, tendo em vista, hoje, a dificuldade em rastreá-la.

Em 1925, os modernistas de Belo Horizonte se aproximaram de Godofredo Rangel, validando o reconhecimento de sua atuação no campo literário regional. O nome de Rangel apareceu em dois dos três números de *A Revista*¹⁹⁴, primeiro órgão da vanguarda literária mineira. O segundo número, de agosto, estampa “O carteiro”¹⁹⁵, crônica na qual são descritas as expectativas e sentimentos que tomam um destinatário ao aguardar correspondência das mãos do estafeta. O terceiro número, de janeiro de 1926, traz o conto “Os caprichos da sorte”¹⁹⁶, até então inédito e posteriormente inserido em *Os humildes*. Um outro conto oferecido por Rangel aos moços não chegou a ser publicado, dada a curta vida do periódico, tendo sido impresso em um “jornaleco” de Belo Horizonte.¹⁹⁷

As origens do grupo em torno de *A Revista* remontam a 1921, conforme historia Pedro Nava¹⁹⁸, um dos integrantes da roda literária que se reunia no café Estrela, em Belo Horizonte.¹⁹⁹ Em 1924, passou pela capital mineira a “caravana” modernista vinda de São Paulo, interessada em assistir à Semana Santa nas cidades históricas. Dela participavam, entre

¹⁹³ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. **(A)Cerca de um tempo: representação das identidades mineira e paulista em Godofredo Rangel e Monteiro Lobato (1903-1921)**, op. cit, p. 140.

¹⁹⁴ *A Revista* circulou em julho e agosto de 1925, e janeiro de 1926.

¹⁹⁵ RANGEL, Godofredo. O carteiro (Fragmento). **A Revista**, Belo Horizonte (MG), ano I, n. 2, p. 25, ago. 1925. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁹⁶ Idem. Os caprichos da sorte. **A Revista**, Belo Horizonte (MG), ano I, n. 3, p. 29-31/58, set. 1925. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁹⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. Traços de Godofredo Rangel. **Correio da Manhã** (Suplemento de Literatura e Arte), Rio de Janeiro, ano LI, n. 17.920, 19 de agosto de 1951. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁹⁸ NAVA, Pedro. Recado de uma geração. **A Revista**. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁹⁹ Do grupo faziam parte Abgar Renault, Alberto Campos, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida, Gabriel de Rezende Passos, Gustavo Capanema Filho, Hamilton de Paula, Heitor Augusto de Souza, João Alphonsus de Guimaraens, João Guimarães Alves, João Pinheiro Filho, Mário Álvares da Silva Campos, Mário Casasanta e Milton Campos.

outros, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e o poeta franco-suíço Blaise Cendrars. Mário fomentou correspondência com alguns dos jovens escritores mineiros que o visitaram no Grande Hotel. Estes, em pouco tempo, sentiram-se estimulados a fundar sua revista, que contava, no posto de diretores, Martins de Almeida e Carlos Drummond de Andrade, e na redação, Emílio Moura e Gregoriano Canedo.

Uma das características de *A Revista* era a mistura de estilos e o contato entre diferentes gerações. Escreve Manuel Bandeira a Drummond, em 1925: “Aconselho diplomacia nas relações com o passadismo mineiro. Aproximação e sova por meio da prosa raciocinadora.// Porrada só como revide”.²⁰⁰ Mário de Andrade, no mesmo ano, nessa mesma direção, orienta:

[...] botem bem misturados o modernismo bonito de vocês com o passadismo dos outros. Misturem o mais possível. É o único meio da gente fazer do público terra-caída amazonense. É isso que é preciso. Ele pensa que está firme no passadismo e de sopetão vai indo de cambulhada, não sabe e está se acostumando com vocês.²⁰¹

O enfrentamento, vivenciado no calor da hora modernista, ia assim, dando lugar ao estratégico acomodamento das diferenças. A mistura de passadismos e modernismos acentuou-se no segundo e terceiro números de *A Revista*. Drummond recorre ao autor de *Vida ociosa*: “Em 1925, como eu [...] pedisse [a Rangel] colaboração para uma revista, ele com simplicidade prometeu mandá-la sempre, ‘mas permita o colega que imponha uma condição que condene irreversivelmente à cesta tudo o que eu enviar e que ache indigno dela (revista)’”.²⁰²

Em “Traços de Godofredo Rangel”, Drummond relata nas páginas do *Correio da Manhã*²⁰³, em 19 de agosto de 1951, os seus vínculos de amizade com o contista recém-falecido. Conta que, em 1924, recebeu a visita de Rangel, que viera agradecer pelas ligeiras referências que lhe tinham sido feitas em *O Jornal*. retribuindo a gentileza, o poeta passou uma tarde na

²⁰⁰ Carta de Manuel Bandeira a Carlos Drummond de Andrade, 31 de agosto de 1925. Apud DOYLE, Plínio. História de revistas e jornais literários. **A Revista**. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁰¹ Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, 23 de agosto de 1925. Ibidem.

²⁰² ANDRADE, Carlos Drummond de. Traços de Godofredo Rangel. **Correio da Manhã** (Suplemento de Literatura e Arte), Rio de Janeiro, ano LI, n. 17.920, 19 de agosto de 1951. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁰³ Diário carioca matutino, fundado por Edmundo Bittencourt em 15 de junho de 1901. Permaneceu em circulação até 8 de julho de 1974. Foi durante grande parte de sua existência um dos principais órgãos da imprensa brasileira, tendo-se destacado como um “jornal de opinião”. Verbete completo de: LEAL, Carlos Eduardo. **Correio da Manhã**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha>. Acesso em 17 nov. 2019.

casa do escritor, ocasião em que ele teria lido trecho do manuscrito da novela *A filha*, publicada apenas em 1929. Drummond sublinhou o acolhimento que tivera de Rangel, posicionando-o em relação a Lobato, conhecido por refugar a arte moderna:

Não teria motivos para gostar de nós, rapazes modernistas. Tentávamos uma expressão literária em conflito com a sua, e se não podia mesmo viver o nosso estado de espírito, era natural que o desdenhasse ou pelo menos o ignorasse. Seu amigo Monteiro Lobato, que, a julgar pelas cartas, exerceria sobre ele uma docência intelectual meio tirânica, tomara posição contra os moços, e era sublime de incompreensão. Na realidade, e com a força dos tímidos, Rangel não se deixa imbuir nos preconceitos do outro: aceitou o modernismo de seus coestaduanos jovens, com uma simpatia bem-humorada.

Para destacar a receptividade de Rangel em face da literatura modernista, Drummond lembrou-se de que o submeteu “inconscientemente a uma prova dura”, enviando-lhe o romance *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade. O destinatário “nem se irritou e nem fez ironia”, em sua carta de agradecimento: “‘É um livro curioso... Não acho, porém, que o Oswald o tenha escrito a sério. É uma pilhéria, *pour épater*’”. No fecho da mensagem, a expressão de seu amplo interesse literário: “‘mais uma vez, grato pelo *Miramar*, que eu tinha grande interesse de conhecer’”.²⁰⁴

Godofredo Rangel mostrava-se um leitor atento da produção de seus colegas mineiros, acompanhando a movimentação modernista em Minas Gerais. Drummond conta ter recebido a opinião de Rangel acerca de seu poema “Sinal de Apito”, “transcrição, em linhas irregulares, de um trecho de regulamento da inspetoria de veículos”, divulgado na revista *Verde*, de Cataguases. Rangel valorizou os versos mobilizados pelo experimentalismo de vanguarda: “‘Li o seu ‘Sinal de Apito’ na *Verde*. É formidável, como dinamismo demolidor’”.²⁰⁵ Anos mais tarde, em entrevista de 17 de março de 1945, Mário Casasanta declararia²⁰⁶ que o contato de Godofredo Rangel, “escritor de múltiplas faces”, com os moços teria sido de “notáveis vantagens” para estes²⁰⁷.

²⁰⁴ Os fragmentos da correspondência com Rangel se encontram transcritos ao longo do depoimento de Drummond em: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Traços de Godofredo Rangel*, op. cit.

²⁰⁵ *Ibidem*.

²⁰⁶ Eça de Queiroz foi mais um pensador do que romancista. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano XCI, n. 27.296, 17 mar. 1945. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁰⁷ A recepção de Godofredo Rangel pelos “novos” ganha contornos em artigos de João Alphonsus, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Ayres da Mata Machado Filho, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura reunidos por Márcio Sampaio e transcritos em: SAMPAIO, Márcio (Org.). **Suplemento Literário Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano XIX, n. 947, p. 8-9, 24 nov. 1984. *Ibidem*, n. 948, 1º dez. 1984.

Emílio Moura focaliza *Vida ociosa* no terceiro número de *A Revista*, mostrando a simpatia pela produção do autor da geração anterior: “Toda a obra do sr. Godofredo Rangel é uma maravilha de observação, é uma página viva onde não sentimos um arrepio de pensamento martirizado, numa ânsia especulativa; mas por onde a vida se desenrola, num objetivismo tranquilo”.²⁰⁸ Elogia-o: “possui um estilo de mestre, luminoso e polido, que lhe realiza a expressão interior, com uma admirável justeza e um brilho admirável [...] o sr. Godofredo Rangel, mais que nenhum outro, está talhado a realizar uma obra representativa. É o que vai fazendo. *Vida ociosa* e *Andorinhas* são duas páginas vivas da nossa literatura”.²⁰⁹

A resenha concretiza o diálogo possível entre escritores situados em períodos literários distintos:

Ora, não há escritor mais sincero para consigo mesmo do que o sr. Godofredo Rangel. Não havendo sentido contatos renovadores continuou a ser o que sempre fora. É um escritor que realiza discretamente, que possui a sua concepção de beleza, numa estética que é pessoal e sincera. Há mesmo uma grave nota de melancolia nessa sua retirada da cena: fez-se um espectador curioso. “Para que mais?” Essa devia ser a pergunta que ele faria a si mesmo, se por acaso pensasse em justificar-se. Nós, de certo desejaríamos mais. Mas essa distância entre dois pontos de vista, entre duas filosofias, porque, afinal, toda maneira de perspectiva pode ser entendida por uma filosofia, nada destrói da beleza dessa obra. Olhamos a figura desse escritor sem pretender enquadrá-la numa época ou numa escola. Porque, se o pensamento têm [*sic*] de obedecer ao capricho vertiginoso do tempo, às mil e uma voltas da sabedoria das horas, a beleza ficará autônoma e desembaraçada.²¹⁰

O crítico confere à literatura de Rangel um lugar único, nem afeita aos “contatos renovadores”, nem marcadamente passadista, sendo “pessoal e sincera”. Como o programa da revista podia ser resumido na palavra “Ação”²¹¹, Emílio Moura não deixou de lamentar a posição do escritor como “espectador curioso”. Valorizou a obra do compatriota mineiro, embora “desejasse mais” dela.

De acordo com a historiadora Tania Regina de Luca, “a desqualificação estética imposta pelos modernistas aos seus antecessores, resultado da posição hegemônica que passaram a desfrutar, acabou por projetar sua sombra sobre toda e qualquer produção dos derrotados, que

²⁰⁸ MOURA, Emílio. *Vida ociosa*. **A Revista**, Belo Horizonte, ano I, n. 3, p. 21, janeiro de 1926. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁰⁹ *Ibidem*.

²¹⁰ *Ibidem*.

²¹¹ PARA os céticos. **A Revista**, Belo Horizonte, ano I, n. I, julho de 1925. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

por extensão passou a ser considerada indigna de atenção”.²¹² O texto de Emílio Moura, contrariamente, expressa um gesto conciliatório. O modernista lança a obra de Rangel em um plano singular, “sem a pretensão de enquadrá-la numa época ou escola”, colocando-se a beleza literária em patamar superior, “autônoma e desembaraçada”, acima das tensões estéticas do tempo e de qualquer classificação.

O romântico Bernardo Guimarães e o simbolista Alphonsus de Guimaraens figurariam ao lado de Godofredo Rangel, entre os representantes da tradição literária mineira que foram valorizados pelos redatores de *A Revista*.²¹³

Lançar luz sobre a presença de Godofredo Rangel em *A Revista* faculta uma avaliação da amplitude da circulação de seu nome em órgãos da imprensa mineira, da recepção de sua obra, além da observação de seus vínculos com escritores da cena literária de Minas Gerais, em particular, a amistosa convivência com a geração modernista.

Em 1925, a produção de Godofredo Rangel circulava para além de Minas Gerais. Em *A barca de Gleyre*, carta de 7 de agosto indica que um artigo de sua autoria obtinha espaço em *O Estado de S. Paulo*: “Teu artigo saiu hoje no *Estado* e impressionou”.²¹⁴ Em dezembro, a revista *Vida Policial*²¹⁵ do Rio de Janeiro reproduzia o conto “O destacamento”²¹⁶, anteriormente divulgado na *Revista do Brasil* e n’*A Novela Semanal*.

Em abril de 1927, o conto “As loucuras de amar”²¹⁷, de Rangel, no quarto volume da *Feira Literária*²¹⁸, narrava os exageros românticos de Salvio, em sua relação com a esposa entediada Leila. No mesmo ano, o escritor colaborou em *Verde*, “Revista Mensal de Arte e

²¹² LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 30.

²¹³ Cf. MARQUES, Ivan. Modernismo à mineira. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JR., Samuel (Orgs.). *A Revista*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014, p. 22.

²¹⁴ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 502. Carta de São Paulo, 07/08/1925.

²¹⁵ Foi criada na cidade do Rio de Janeiro e editada entre os anos de 1925 a 1927, com o subtítulo: hebdomadário noticioso, crítico e doutrinário. Tal designação ressaltava os seus objetivos de publicar notícias, crônica policial, conto, folhetim, textos do mundo jurídico. Cf. SHIZUNO, Elena Camargo. *A revista Vida Policial (1925-1927) mistérios e dramas em contos e folhetins*. 2011. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2011.

²¹⁶ RANGEL, Godofredo. O destacamento. *Vida policial*, Rio de Janeiro, ano I, n. 40, p. 15-17, 12 dez. 1925. *Ibidem*, n. 41, p. 9-10, 19 dez. 1925. Exemplares disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²¹⁷ *Idem*. As loucuras de amar. *Feira Literária*, São Paulo, v. IV, p. 7-51, abr. 1927. Exemplar disponível no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Fundação Cultural de Blumenau (SC).

²¹⁸ O primeiro volume de *Feira Literária* saiu em janeiro de 1927. A exemplo da publicação francesa *Les oeuvre libres*, destinava-se a fornecer mensalmente aos leitores contos e novelas dos principais autores nacionais. Foi instituída pela Empresa de Divulgação Literária, de São Paulo, fundada e dirigida Herculano Vieira. FEIRA literária – Uma curiosa iniciativa em favor do livro brasileiro. *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 22.812, p. 3, 23 jan. 1927. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

Cultura”²¹⁹, que causava “perplexidade” em Cataguases, a pacata cidade da zona da mata mineira.²²⁰ O grupo de moços ligados à *Verde*²²¹ pretendia-se independente, mas também manteve contato com escritores do Rio de Janeiro e, principalmente, com os modernistas de São Paulo. Por meio de uma “amizade cartedeira”²²², Mário de Andrade orientou literariamente os jovens mineiros, angariou colaboradores para a revista, palpitou sobre o conteúdo nela impresso e até mesmo auxiliou-os financeiramente no pagamento da impressão dos números.²²³

O primeiro número de *Verde* reuniu escritores de Minas Gerais, em sua maioria ligados à cidade de Cataguases, aos quais se juntaram colaboradores de Juiz de Fora e de Belo Horizonte. A partir do segundo número, surgiram colaborações de outras partes do país e também do exterior, encomendadas por Rosário Fusco. O terceiro número, de novembro de 1927, estampou o conto “A síncope”²²⁴, de Godofredo Rangel. A narrativa curta retrata um homem que, após sentir-se mal em meio à multidão, é acudido pelos transeuntes; estes, “humanamente” sentem piedade dele; a personagem, contudo, percebe, por fim, que lhe roubaram a carteira. Afora a ironia presentificada no desfecho, marca de alguns dos textos do autor, notam-se alguns procedimentos peculiares em relação ao conjunto da obra rangeliana. A modelagem linguística mostra-se muito mais dinâmica, por exemplo:

²¹⁹ Com tiragem de quinhentos exemplares, *Verde* teve duas fases. A primeira contou cinco números, tendo circulado os quatro primeiros entre setembro e dezembro de 1927, e o quinto número saído com seis meses de atraso, em junho de 1928 (trazia a data de janeiro e um suplemento de doze páginas relativo aos meses de fevereiro a maio). Uma edição especial da revista foi impressa em maio de 1929, único volume da segunda fase, inteiramente dedicada à memória do poeta falecido Ascânio Lopes, um dos motivadores da publicação. MARQUES, Ivan. **Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920**, op. cit. p. 71-72.

²²⁰ “Perplexidade na cidadezinha – Que se vê perturbada por ‘futuristas’, ‘malucos’. Perplexidade nos centros maiores – pela dimensão que rapidamente ganha o periódico, dentro do movimento de renovação. E perplexidade até de seus criadores – pela repercussão imediata de VERDE no Rio e São Paulo, no âmbito modernista. A mesma perplexidade que ainda nos atinge quando hoje repensamos o fato”. LARA, Cecília de. A “alegre e paradoxal” revista VERDE de Cataguases. *Verde*. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²²¹ Rosário Fusco (mais jovem do grupo e, também, principal entusiasta), Enrique de Resende, Ascânio Lopes, Camilo Soares, Francisco Inácio Peixoto e Guilhermino César.

²²² A correspondência trocada entre Mário de Andrade e os “verdes” foi reunida, publicada e estudada na tese de: MENEZES, Ana Lúcia Guimarães Richa Lourega de. **Amizade “cartedeira”: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases**. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

²²³ FRANCISCO, Luciana. Modernismos em revistas: As pluralidades do modernismo mineiro com os periódicos *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926) e *Verde* (Cataguases, 1927-1928;1929). In: 30º Simpósio Nacional de História – História e o futuro da educação no Brasil. **Anais do 30º Simpósio Nacional de História**. Recife: Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1563907229_ARQUIVO_Modernismosemrevista-TextocompletoAnpuh.pdf>. Acesso em 30 out. 2019.

²²⁴ RANGEL, Godofredo. A síncope. *Verde*, Cataguases (MG), ano 1, n. 3, p. 17, novembro 1927. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

E ele de repente sentiu-se mal.// Na rua refervia a multidão dos transeuntes.// Tinham todos expressão de indiferença, egoísmo, quase hostilidade.// Ele estacou, em agonia, sentindo no cérebro como um esguicho gelado.// Torvelinhou-lhe a razão.²²⁵

No conto em questão, o leitor encontra uma narrativa econômica, direta e objetiva, moldada em períodos e parágrafos curtos. Distancia-se da minúcia descritiva e da tendência caricatural. “A síncope” apresenta ainda a ausência de elementos regionais no âmbito linguístico, no enredo, na figuração do espaço.

Rangel confessa em carta a Lobato, em 29 de dezembro de 1922, estar “também a tentar o *futurismo*”²²⁶, na difícil elaboração do romance *A filha*. É possível considerar que o conto “A síncope” cumprisse, em território modernista, uma experiência literária nova, distinta de seu estilo consolidado. O conto, aliás, não encontrou guarida nas coletâneas *Andorinhas* e *Os humildes*, nem ocupou as páginas de outros periódicos. *Verde*, em novembro de 1927, noticia que o número seguinte iria trazer uma nova colaboração de Rangel, a qual, entretanto, nunca chegou a vir a lume.

A literatura de Rangel em periódicos da vanguarda modernista não ficaria restrita aos círculos mineiros. Planejada em reuniões na casa de Cecília Meireles e do artista plástico português Fernando Correia Dias, *Festa*, “Mensário de Pensamento e de Arte”, circulou no Rio de Janeiro em duas fases: a primeira divulgada entre outubro de 1927 a setembro de 1928; a segunda, entre julho de 1934 e agosto de 1935. Grande parte da criação literária era assinada pelos membros do “grupo de *Festa*”²²⁷, como costumavam se autodenominar. Privilegiavam a divulgação de poesia. A revista apresentou uma acentuada tendência para a discussão de problemas filosóficos e espirituais, embora desejasse não ser vista apenas como expressão de um Simbolismo tardio, de acordo com Ivan Marques. Apresentavam-se como o “único modernismo verdadeiramente expressivo do espírito brasileiro”: “Nessa defesa do elo com o passado, notam-se claramente duas intenções: de um lado, enfatizar o caráter brasileiro das

²²⁵ Ibidem, p. 17.

²²⁶ SAMPAIO, Márcio (Org.). Godofredo Rangel/ Monteiro Lobato: 40 anos de correspondência. **Suplemento Literário Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano XIX, n. 948, 1º dez. 1984. p. 10. Carta de São Paulo, 29/12/1922.

²²⁷ Na lista de proprietários da revista, constavam os nomes: Barreto Filho, Brasília Itiberê, Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Henrique Abílio, Porfirio Soares Netto, Lacerda Pinto, Adelino Magalhães, Abgar Renault e Wellington Brandão, os dois últimos sendo integrados à lista a partir do número 2. A expressão “proprietários” seria substituída por “diretores”. Na 2ª fase da publicação, apenas Andrade Muricy e Tasso da Silveira figurariam como diretores. Apesar do nome de Cecília Meireles não constar entre os “proprietários” ou “diretores”, a autora de *Espectros* foi responsável, entre os poetas, pelo maior volume de colaborações, inserindo-se desde o primeiro número de *Festa*. MARQUES, Ivan. **Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920**, op. cit., p. 80.

manifestações do Simbolismo; de outro, reivindicar um papel maior e pioneiro no processo de renovação da arte brasileira”.²²⁸

Em 1º de janeiro de 1928, o número 4 de *Festa* estampou o conto “As sete apelações”²²⁹, de Godofredo Rangel, a única colaboração do autor mineiro no periódico. A narrativa sequencia os sete recursos judiciais apresentados pelo coronel Fragoso, para que Reduzino não tomasse posse das terras que eles possuíam em comum. Em conformidade com a expressão linguística de “A síncope”, a narrativa também se estrutura em períodos e parágrafos curtos, dando pouco espaço para detalhes descritivos das cenas. Desta vez, acolheu, no entanto, um maior número de fala das personagens e traços de regionalismo.

O *Diário Nacional*²³⁰ de São Paulo, em 14 de outubro de 1928, reproduziu “O gordo Antero”²³¹, que, em 1919, tinha sido estampado na *Revista do Brasil*. A colaboração do escritor no órgão do Partido Democrático fora anunciada em 14 de julho de 1927: “Contamos também com a preciosa cooperação intelectual do sr. dr. GODOFREDO RANGEL, romancista e publicista dos melhor [sic] dotados entre a nova geração de homens de letras.”²³²

Em 1929, ano de lançamento da novela *A filha*, edição da Imprensa Oficial de Minas Gerais, Rangel ofereceu o conto “As pequeninas”²³³ à revista *Alvorada*²³⁴, de Campanha (MG), texto que mais tarde, passaria a integrar *Os humildes*.

²²⁸ Ibidem, p. 8.

²²⁹ RANGEL, Godofredo. As sete apelações. *Festa*, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 8-9, 1º jan. 1928. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²³⁰ Lançado por Paulo Nogueira Filho, José Adriano Marrey Júnior e Amadeu Amaral, em São Paulo (SP), como órgão do Partido Democrático (PD) paulista, o *Diário Nacional* circulou entre 14 de julho de 1927 e 30 de setembro de 1932. Dirigido por membros do partido, alternadamente, foi propriedade de uma sociedade anônima da qual faziam parte seus fundadores, e por personalidades como Paulo Duarte, Antônio Carlos Couto de Barros, Joaquim Sampaio Vidal e Vicente Rao. Descrição de: BRASIL, Bruno. *Diário Nacional*. **Hemeroteca**. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-nacional/>>. Acesso em 29 out. 2019.

²³¹ RANGEL, Godofredo. O gordo Antero. *Diário Nacional*, São Paulo, ano II, n. 403, 14 out. 1928. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²³² OS NOSSOS colaboradores. *Diário Nacional*, São Paulo, ano I, n. 1, 14 jul. 1927. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²³³ RANGEL, Godofredo. As pequeninas. *Alvorada*, Campanha (MG), ano I, n. 7, jun. 1929. Fac-símile disponível no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Fundação Cultural de Blumenau (SC).

²³⁴ Publicada na cidade de Campanha, em Minas Gerais, sob direção de José Borges Netto, entre 1928 e 1930.

Imagem 8: Capa com sumário de *A Revista* (edição fac-similar), número 3 (setembro/1925), com participação do escritor Godofredo Rangel em meio a outros colaboradores.

Anno I Bello Horizonte, Setembro de 1925 Num. 3

A REVISTA

DIRECTORES:

MARTINS DE ALMEIDA
CARLOS DRUMMOND

REDACTORES:

EMILIO MOURA
GREGORIANO CANÊDO

SUMMARIO

POETICA	Manuel Bandeira
SAMBINHA.	Mario de Andrade
PYJAMA.	Guilherme de Almeida
BROADWAY	Ronald de Carvalho
MALAZARTE	Martins de Almeida
"VIDA OCIOSA"	Emilio Moura
SOBRE A PSYCHO-ANALYSE	S. Freud
POEZIA E RELIJIÃO.	Carlos Drummond
OS CAPRICHOS DA SORTE	Godofredo Rangel
MOMENTO BRASILEIRO	Magalhães Drummond
ALEGRIA	Pedro Nava
FAZE DE TUA DOR UM POEMA.	Antonio Chrispim
CAVACO	Juscelino Barbosa
SABEDORIA	Abgar Renault
POBRES DOS POBRES QUE AMAM!	Mario Casasanta

OS LIVROS E AS IDÉAS — MARGINALIA

Todos os trabalhos que publicamos são ineditos e especiaes para "A REVISTA".

Imagem 9: Capa com sumário de *Verde* (edição fac-similar), número 3 (novembro/1927), com participação do escritor Godofredo Rangel em meio a outros colaboradores.

<p>: : DIRECÇÃO : : :: :: DE :: :: :: HENRIQUE DE RESENDE MARTINS MENDES :: :: :: E :: :: :: ROSARIO FUSCO</p>	<h1>VERDE</h1> <p>REVISTA MENSAL DE ARTE E CULTURA</p>	<p>NUMERO . 8 ANNO . . . 1 </p> <p>:: : REDACÇÃO :: : :: :: E :: :: : ADMINISTRAÇÃO RUA CEL. VIEIRA, 53 CATAGUAZES -- MINAS</p>						
<table border="1"> <tr> <td style="vertical-align: top;"> <p>MARIO DE ANDRADE OSWALDO DE ANDRADE PRUDENTE DE MORAES, NETO JOÃO ALPHONSUS ILDEFONSO PEREDA VALDÉS BLAISE CENDRARS MARTINS DE OLIVEIRA SERGIO MILLIET GODOFRÉDO RANGEL WELLINGTON BRANDÃO ABGAR RENAULT ASCENSO FERREIRA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE ASCANIO LOPES ROSARIO FUSCO EMILIO MOURA HENRIQUE DE RESENDE PEDRO NAVA ILDEFONSO FALCÃO CAMILLO SOARES</p> </td> <td style="vertical-align: top;"> <p>CASO DA CASCATA OS ESPLENDORES DO ORIENTE AVENTURA OXYCYANURETO DE MERCURIO A GERMANA BITTENCOURT AUX JEUNES GENS DE CATACAZES MODERNISMO RELIGIÃO A SYNCOPE CANTOS MUNICIPAES MATINAL CAMELOTS QUADRILHA DESCOBRIMENTO DO BRASIL FESTA DA BANDEIRA CHROMO CANTO DA TERRA VERDE (2) VENTANIA SINGERMAM, STOLEK E ETC. DESCOBERTA</p> </td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;"> <p>"FIGURA": ROSARIO FUSCO NOTAS DE: YAN DE ALMEIDA PRADO, HENRIQUE DE RESENDE, ROSARIO FUSCO E ASCANIO LOPES</p> </td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;"> <p>NUMERO — 1\$000 ASSIGNATURA — 11\$000</p> </td> </tr> </table>			<p>MARIO DE ANDRADE OSWALDO DE ANDRADE PRUDENTE DE MORAES, NETO JOÃO ALPHONSUS ILDEFONSO PEREDA VALDÉS BLAISE CENDRARS MARTINS DE OLIVEIRA SERGIO MILLIET GODOFRÉDO RANGEL WELLINGTON BRANDÃO ABGAR RENAULT ASCENSO FERREIRA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE ASCANIO LOPES ROSARIO FUSCO EMILIO MOURA HENRIQUE DE RESENDE PEDRO NAVA ILDEFONSO FALCÃO CAMILLO SOARES</p>	<p>CASO DA CASCATA OS ESPLENDORES DO ORIENTE AVENTURA OXYCYANURETO DE MERCURIO A GERMANA BITTENCOURT AUX JEUNES GENS DE CATACAZES MODERNISMO RELIGIÃO A SYNCOPE CANTOS MUNICIPAES MATINAL CAMELOTS QUADRILHA DESCOBRIMENTO DO BRASIL FESTA DA BANDEIRA CHROMO CANTO DA TERRA VERDE (2) VENTANIA SINGERMAM, STOLEK E ETC. DESCOBERTA</p>	<p>"FIGURA": ROSARIO FUSCO NOTAS DE: YAN DE ALMEIDA PRADO, HENRIQUE DE RESENDE, ROSARIO FUSCO E ASCANIO LOPES</p>		<p>NUMERO — 1\$000 ASSIGNATURA — 11\$000</p>	
<p>MARIO DE ANDRADE OSWALDO DE ANDRADE PRUDENTE DE MORAES, NETO JOÃO ALPHONSUS ILDEFONSO PEREDA VALDÉS BLAISE CENDRARS MARTINS DE OLIVEIRA SERGIO MILLIET GODOFRÉDO RANGEL WELLINGTON BRANDÃO ABGAR RENAULT ASCENSO FERREIRA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE ASCANIO LOPES ROSARIO FUSCO EMILIO MOURA HENRIQUE DE RESENDE PEDRO NAVA ILDEFONSO FALCÃO CAMILLO SOARES</p>	<p>CASO DA CASCATA OS ESPLENDORES DO ORIENTE AVENTURA OXYCYANURETO DE MERCURIO A GERMANA BITTENCOURT AUX JEUNES GENS DE CATACAZES MODERNISMO RELIGIÃO A SYNCOPE CANTOS MUNICIPAES MATINAL CAMELOTS QUADRILHA DESCOBRIMENTO DO BRASIL FESTA DA BANDEIRA CHROMO CANTO DA TERRA VERDE (2) VENTANIA SINGERMAM, STOLEK E ETC. DESCOBERTA</p>							
<p>"FIGURA": ROSARIO FUSCO NOTAS DE: YAN DE ALMEIDA PRADO, HENRIQUE DE RESENDE, ROSARIO FUSCO E ASCANIO LOPES</p>								
<p>NUMERO — 1\$000 ASSIGNATURA — 11\$000</p>								

Imagem 10: Capa com sumário de *Festa* (edição fac-similar), número 4 (1º janeiro de 1928), com participação do escritor Godofredo Rangel em meio a outros colaboradores.



1.4 – Um escritor juiz-professor e juiz-tradutor (1930 -1939)

Com quatro livros lançados e o nome circulando, salvo poucas exceções, concentradamente na região sudeste do país, entre São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, Godofredo Rangel continuou a conciliar, até grande parte dos anos de 1930, a carreira literária com as atividades de juiz, na cidade de Passos. Rangel, em 1930, aquilata a sua contribuição às letras no país, respondendo ao jornalista Protógenes Pinto. Considera ter feito “muito pouco”: “Os trabalhos da minha comarca e os quefazeres do magistério tomam-me todo o tempo.// Pude simplesmente traduzir e publicar mais treze livros. // Traduções essas, do espanhol, do italiano, do francês e do inglês”.²³⁵

O escritor mineiro começa a se dedicar profissionalmente às traduções em 1928,²³⁶ ofício que certamente lhe roubava o tempo da criação literária. “Aliás, em toda a minha vida, não fui, senão, juiz-professor e juiz-tradutor”, confessa a Milton Pedrosa, em 1939.²³⁷ Surpreendentemente, traduziu por volta de quarenta títulos entre 1930 e 1939, afora os trabalhos revistos por ele²³⁸. Assinou tradução de textos ficcionais, didáticos, de divulgação científica e técnica, além de biografias e memórias. As traduções conferiam prestígio a sua obra literária e asseguravam as notas publicitárias na imprensa: “[...] a tradução é do autor de *Vida ociosa*,

²³⁵ PINTO, Protógenes. A visita do Mestre. **Monitor Mineiro: Semanário dedicado aos interesses de Guaranésia**, Guaranésia (MG), ano XXX, n. 979, 24 abr. 1930. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²³⁶ A primeira obra que traduziu foi *A mulher*, de Michelet, em 1925. Na verdade, deveria receber o título *O amor*, mas por um engano na tradução, segundo conta Rangel, acabou saindo com a designação incorreta. PEDROSA, Milton. Em Minas conversando com os intelectuais. **Vamos Ler!**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 150, 15 jun. 1939. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²³⁷ Ibidem.

²³⁸ Para o levantamento dos registros de traduções assinadas ou revistas por Godofredo Rangel, primeiramente a pesquisa partiu da relação trazida por Enéas Athanázio, em *O amigo escrito*. Em um segundo momento, identificou alguns títulos traduzidos pelo tricórdiano nas teses de Célia Luiza Andrade Prado, Cássia Aparecida Sales Magalhães Kirchner e Sílvia Asam da Fonseca. Recorreu à correspondência passiva de Enéas Athanázio trocada com Nello de Moura Rangel. Na carta de 25 de abril de 1974, Nello enfeixa a relação de trinta e três títulos traduzidos por seu pai, tendo sido auxiliado por Márcio Sampaio para fazer o levantamento. Consultou ainda referências no Banco de Dados Bibliográficos da Universidade de São Paulo e no Sistema de Bibliotecas da Unicamp. Por fim, a partir da extensa pesquisa empreendida no repositório da Hemeroteca Biblioteca Digital, foi lograda uma vasta relação de novos títulos traduzidos e revistos pelo escritor em anúncios de catálogos de editoras ventilados na imprensa. O resultado das pesquisas deu origem à “Tabela das traduções e revisões assinadas por Godofredo Rangel”, disponível no “Complemento D”, ao final da tese. Cf.: ATHANÁZIO, Enéas. **O amigo escrito**, op. cit., p. 68-70. PRADO, Célia Luiza Andrade. **A tradução na Era Vargas de 1930 a 1940: O Tarzan brasileiro de Manuel Bandeira, Monteiro Lobato e Godofredo Rangel**, op. cit. KIRCHNER, Cássia Aparecida Sales Magalhães. **Práticas de leitura: a Coleção Biblioteca das Moças no Instituto de Educação "Carlos Gomes" em Campinas (1951-1976)**. Tese (Doutorado em Educação). Campinas, SP: Faculdade de educação, Universidade Estadual de Campinas, 2016. FONSECA, Sílvia Asam. **A coleção *Bibliotheca do Espírito Moderno*: um projeto para alimentar espíritos da Companhia Editora Nacional (1938-1977)**. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010. Carta manuscrita a tinta azul de Nello de Moura Rangel a Enéas Athanázio, datada de 25/04/1974, disponível no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Fundação Cultural de Blumenau (SC).

Godofredo Rangel, um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos.²³⁹; “traduzido pelo admirável romancista de *Vida ociosa*, que é Godofredo Rangel [...]”²⁴⁰

Mesmo dividindo-se entre tantos ofícios, as vicissitudes econômicas eram constantes na vida de Rangel, como aponta o biógrafo Enéas Athanázio, assim as traduções ajudavam-no a equilibrar as rendas. Monteiro Lobato ironizou, em carta de 1928²⁴¹, a situação do companheiro, explorado por editores: era visto como “uma vaca tradutora mineira”²⁴², “ordenhada” por Octalles Marcondes Ferreira, sócio com quem o autor de *Cidades mortas*, em 1927, fundara a Companhia Editora Nacional. Na correspondência que Lobato dirigiu a Rangel, principalmente a partir do final da década de 1920, as traduções tornam-se assuntos recorrentes, quase desaparecendo, em contrapartida, as referências às publicações literárias do prosador mineiro na imprensa brasileira.

Destacando-se como renomado tradutor e com um volume expressivo de títulos vertidos para o português²⁴³, deve-se levar em conta o quanto essa produção impactou na atividade literária de Rangel, até mesmo prejudicando-a.²⁴⁴ Apesar de tantas atividades, ele prosseguiu publicando espaçadamente na imprensa textos inéditos ou escritos já difundidos em anos anteriores.

Ao *Diário Nacional* de 11 de julho de 1930, Rangel destinou o conto “O oráculo”²⁴⁵; à carioca *Para Todos*²⁴⁶, em janeiro de 1931, ofereceu “Meu parente”²⁴⁷. Ambos já tinham sido divulgados na *Revista do Brasil* e mais tarde tomariam parte no volume de *Andorinhas*, costume

²³⁹ LIVROS. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 3.231, 1º jul. 1937. Segunda seção, p. 13. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁴⁰ LIVROS. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 3.693, 13 fev. 1938. Suplemento, p. 2. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁴¹ Entre 1927 e 1930, Monteiro Lobato foi nomeado por Washington Luís para ocupar o cargo de adido comercial junto ao consulado brasileiro de Nova Iorque. AZEVEDO, Carmen Lúcia de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**, op. cit., p. 223.

²⁴² LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 528. Carta de New York, 17/08/1928.

²⁴³ Notícias das traduções de Rangel podem ser recuperadas nos periódicos da época. Lê-se, por exemplo, em *O Malho*, acerca da tradução de *Ilha do Coral*, romance de R. M. Ballantyne, na coleção Terramarear: “Godofredo Rangel é o grande nome das letras paulistas que vem traduzindo para o vernáculo as obras mais interessantes lançadas pela Editora Nacional de São Paulo”. Omer Mont’Alegre, em *Vamos Ler!*, cita Godofredo Rangel entre os tradutores que não podem ser esquecidos, pois “souberam fazer das obras que traduziram um pouco de criação sua, pelo milagre da forma”. Os GRANDES tradutores e as boas obras. **O Malho**, Rio de Janeiro, ano XXXII, n. 1.588, p. 20, 27 mai. 1933. MONT’ALEGRE, Omer. Considerações sobre a arte de traduzir. **Vamos Ler!**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 159, p. 20 e 59, 17 ago. 1939. Exemplares disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁴⁴ A pesquisa não localizou, até o presente momento, investigação que tenha perscrutado essa atividade rangelina.

²⁴⁵ RANGEL, Godofredo. O oráculo. *Diário Nacional*, São Paulo, ano III, n. 930, p. 6, 11 jul. 1930. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁴⁶ Revista semanal do Rio de Janeiro que estreou em 1919, propriedade da Sociedade Anônima “O Malho”, tendo como diretores Álvaro Moreyra e o ilustrador J. Carlos.

²⁴⁷ RANGEL, Godofredo. Meu parente. *Para Todos*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 630, 10 jan. 1931. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

que o ajudava a manter na ordem do dia os seus textos. Em maio de 1932, *Feira Literária*, em sua segunda fase, difundiu conto inédito de Rangel, “Uma de cá... outra de lá”²⁴⁸, que, tempos depois, seria integrado em *Os humildes*.

Em 1933, *A Cigarra*²⁴⁹ elencou Godofredo Rangel entre os seus colaboradores, mas textos de sua autoria não apareceram na revista. Em suas páginas, apenas há notícias de obras traduzidas por ele, nas edições da Companhia Editora Nacional.

Facetas de Godofredo Rangel enquanto escritor, tradutor e crítico literário podem ser observadas em “Eça de Queiroz tradutor”²⁵⁰, artigo em *O Estado*, de Santa Catarina²⁵¹, de 7 de dezembro de 1933. O articulista detém-se na análise da versão em língua portuguesa de *As minas de Salomão (King Salomon's Mines)* do inglês Henry Rider Haggard, levada a termo pelo ficcionista lusitano.

Rangel defendia que, na tarefa tradutória, “quanto mais incolor for o coeficiente pessoal, melhor será”.²⁵² Com o mínimo de “traição” possível, em sua percepção, seria possível se conservar, nos limites do praticável, o sabor original da obra. Todavia, parece contrariar suas próprias assertivas ao se debruçar sobre a tradução feita por Eça de Queiroz. Inclui o romancista na lista dos tradutores “salvadores” – em oposição aos traidores –, entre os que “salvam traindo pois não aumentam, a não ser de modo reflexo, a fama do autor do livro melhorado e sim beneficiam a própria”.²⁵³ Rangel reconhecia na tradução “libérrima”, o trabalho criador e lapidário, sinalizando intervenções em que, nas palavras do crítico, o livro “seco”, “difuso” e

²⁴⁸ Idem. Uma de cá... outra de lá. *Feira Literária*, São Paulo, v. II (segunda fase), p. 7-22, mai. 1932. Exemplar disponível no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Fundação Cultural de Blumenau (SC).

²⁴⁹ Com periodicidade quinzenal, *A Cigarra* iniciou sua circulação em 30 de março de 1914, sob o comando do editor-proprietário Gelásio Pimenta. Divulgava crônica, poesia, crítica literária, cartas, instantâneos, colunas sobre artes e artistas, vida social, esportes. Publicou matérias que abordavam assuntos relativos à cidade de São Paulo, além de notícias de outras cidades brasileiras e de outros países. Amplos espaços no periódico eram dedicados aos reclames e às fotografias. Sua variedade temática tinha como objetivo abranger um maior número de leitores, chegando a ser, em 1917, a revista de maior circulação do estado de São Paulo. Entre seus colaboradores, literatos importantes da época, como Coelho Neto, Affonso Celso, Vicente de Carvalho, Baptista Cepellos, Amadeu Amaral, Oswald de Andrade, Monteiro Lobato e Menotti Del Picchia, tendo o último participado da direção do periódico. Verbetes completo de: DANTAS, Carolina Vianna. *A Cigarra*. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CIGARRA,%20A.pdf>>. Acesso em 3 nov. 2019.

²⁵⁰ RANGEL, Godofredo. Eça de Queiroz tradutor. *O Estado*, Florianópolis (SC), ano XIX, n. 6.059, p. 6, 7 dez. 1933. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁵¹ Criado em 1915, por Henrique Raup Junior e Ulisses Costa, *O Estado* é comprado pelo comerciante Augusto Lopes da Silva, após três anos de existência. Em 1925, o jornal passa a ser comandado por políticos, sendo Aderbal Ramos da Silva o principal dono do jornal em toda sua existência. O periódico, inicialmente de circulação diária, passou a chegar aos leitores de forma esporádica e incerta, até parar completamente, no começo de 2009, após 94 anos de existência. Cf. BUDDE, Leani. *Jornadas impressas: O Estado e Florianópolis – 1985 a 2009*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

²⁵² RANGEL, Godofredo. Eça de Queiroz tradutor. *O Estado*, op. cit., p. 6.

²⁵³ Ibidem.

“um tanto maçador”, tornara-se de “maior emoção”, “mais poesia”, “mais empolgante até o desfecho”. Compara traduções literais às soluções encontradas por Eça de Queiroz e, na falta de espaço, indica a continuidade do artigo, a fim de apresentar citações complementares.²⁵⁴ Esse artigo²⁵⁵ é reproduzido, três dias depois, no *Diário de Notícias*²⁵⁶; em 24 de dezembro, o periódico estampava “Eça e Rider Haggard”²⁵⁷, breve continuação do assunto, sem apresentar as citações anunciadas.

O *Diário da Manhã*²⁵⁸, em 15 de dezembro de 1933, publicou o artigo “Eça de Queiroz traduzido”²⁵⁹, de Godofredo Rangel, reproduzido, nove dias depois, no *Suplemento Literário do Diário de Notícias*²⁶⁰. O crítico mineiro avalia três fascículos que encerram a tradução para o francês do romance *O Mandarim*²⁶¹, feita a quatro mãos por Claude Frazac²⁶² e Jacques Crépet, para a *La Revue*²⁶³. Rangel não teria aprovado o resultado: “os tradutores esforçaram-se por fazer uma tradução conscienciosa. Mas no texto francês o pensamento ou a emoção esmaecem, perdem o vigor sugestivo”.²⁶⁴ Para o articulista, a dificuldade maior enfrentada pelos franceses recai no plano linguístico: “A nossa [língua], com as imperfeições que possa

²⁵⁴ A pesquisa não logrou localizar a sequência do artigo em *O Estado*.

²⁵⁵ RANGEL, Godofredo. Eça de Queiroz tradutor. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 2.148, 10 dez. 1933. Terceira seção, p. 19 e 22. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁵⁶ Diário carioca matutino, fundado em 12 de junho de 1930, sob as orientações de Orlando Dantas, Nóbrega da Cunha e Figueiredo Pimentel, jornalistas que deixaram *O Jornal*. Saiu de circulação em 1974. Verbetes completos de: FERREIRA, Marieta de Moraes. **Diário de Notícias (Rio de Janeiro)**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-noticias-rio-de-janeiro>>. Acesso em 4 nov. 2019.

²⁵⁷ RANGEL, Godofredo. Eça e Rider Haggard. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 2.160, 24 dez. 1933. Primeira seção, p. 8. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁵⁸ Jornal da capital capixaba, publicado a partir agosto de 1907, pela Empresa Jornalística de Vitória e depois pela Imprensa Estadual. Era órgão do Partido Republicano Construtor e, a partir de 1921, passou a órgão oficial do Estado, deixando de circular em 1936, quando foi substituído pelo *Diário Oficial*. Durante duas décadas, foi o mais moderno diário do Estado, sendo inovador na introdução dos linotipos e das máquinas de impressão rotoplanas. Eram seus colaboradores as principais personalidades da vida intelectual de Vitória. Descrição localizada no portal do Governo do Estado do Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.sefaz.es.gov.br/painel/jornal13.htm>>. Acesso em 10 nov. 2019.

²⁵⁹ RANGEL, Godofredo. Eça de Queiroz traduzido. **Diário da Manhã**, Vitória (ES), ano XXVII, n. 2.585, p. 1-2, 15 dez. 1933. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁶⁰ RANGEL, Godofredo. Eça de Queiroz traduzido. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 2.160, 24 dez. 1933. Suplemento, p. 23 e 26. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁶¹ Uma versão anterior de *O Mandarim* circulou em Paris em 1884, estampada na *Revue Universelle Internationale*, assinada por M. L. Simões. Cf. VALDEMAR, Antônio. Frazão Pacheco tradutor de Eça. **Revista Camões**, n. 9/10, p. 228-234, 2000.

²⁶² Pseudônimo do escritor português Cristiano Frazão Pacheco, que deixou vasta colaboração na imprensa parisiense, assinando Claude Frazac.

²⁶³ Antiga *Revue des Revues*.

²⁶⁴ RANGEL, Godofredo. Eça de Queiroz traduzido. **Diário da Manhã**, op. cit., p. 1.

ter, possui para nós uma suavidade, um poder sugestivo que nenhuma outra poderá igualar”²⁶⁵.
Adiante, confronta fragmentos do original e da versão em francês.

É possível notar certa incoerência no julgamento de Godofredo Rangel, ao discutir o ofício tradutório nos artigos. Em “Eça de Queiroz tradutor”, afirma:

Para isto precisou fazer trabalho de criador e lapidário, modificar, acrescentar, substituir, facetar e trabalho de machadeiro: cortar, suprimir tudo o que abafa a narrativa, cortar quase a quarta parte do volume, principalmente do meio para o final.// Se o autor enceta divagações geográficas, etnográficas, botânicas, Eça abandona-o, passa adiante. Essas minúcias informativas, deslocadas na trama do romance, iriam amortecer o interesse. E, a grandes machadadas, toda a galharia asfixiante. E a narrativa sensibiliza-se, vibra, como se ao seu contato mágico o escritor fosse dando vida a um pedrouçal inerte.²⁶⁶

Em “Eça de Queiroz traduzido”, toma outro partido: “Supressões de adjetivos, advérbios e outras palavras, aqui e ali, concorrem a despersonalizar o estilo, a vulgarizá-lo e, ao mesmo tempo, a descolorir a frase”.²⁶⁷

Rangel expressa o seu descontentamento em face da tradução francesa de Eça de Queiroz: “Manda a justiça, igualmente, confessar que considerável foi o volume de dificuldades vencidas pelos mesmos. Se Eça, acaso, não lhes conhecia o trabalho, certo o contemplou, do outro mundo²⁶⁸, cheio de compreensivo perdão, medindo-lhe a valia mais pelo esforço empregado que pelo resultado obtido”.²⁶⁹

Em 4 de janeiro de 1934, *O Estado* catarinense voltou a difundir trabalho inédito de Rangel, o conto “Não matará”²⁷⁰, mais tarde inserido em *Os humildes*. Ainda em 1934, saía do prelo a segunda edição de *Vida ociosa*, volume de estreia da coleção “Os grandes livros brasileiros”, da Companhia Editora Nacional.

As publicações do autor mineiro mantiveram-se esparsas nos anos seguintes.

Ao final de 1936, em 15 de novembro, o conto “O avô” ganharia nova publicação no periódico mineiro *O Ibiraci*²⁷¹, sob o título “Os óculos”.²⁷² Essa narrativa, com o primeiro título,

²⁶⁵ Ibidem, p. 1.

²⁶⁶ RANGEL, Godofredo. Eça de Queiroz tradutor. **O Estado**, op. cit., p. 6.

²⁶⁷ RANGEL, Godofredo. Eça de Queiroz traduzido. **Diário de Notícias**, op. cit., p. 26.

²⁶⁸ Os fascículos traduzidos saíram em *La Revue* de julho a outubro de 1911, aproximadamente onze anos depois da morte do autor.

²⁶⁹ RANGEL, Godofredo. Eça de Queiroz traduzido. **Diário de Notícias**, op. cit., p. 26.

²⁷⁰ Idem. Não matará. **O Estado**, Florianópolis (SC), ano XIX, n. 6.081, p. 4 e 7, 4 jan. 1934. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁷¹ Órgão da Prefeitura Municipal da cidade de Ibiraci, Minas Gerais, dirigido por João Ulhôa Carvalho.

²⁷² RANGEL, Godofredo. Os óculos. **O Ibiraci**, Minas Gerais, ano X, n. 400, 15 nov. 1936. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

saíra nas revistas *A Novela Semanal* e *Novela Mineira*; em 1924, com a segunda denominação, ganhava as páginas de *Andorinhas*. Textos de Rangel, como se pode observar, circularam na imprensa mesmo depois de publicados em livros.

Em 1937, Rangel, aposentando-se na carreira de juiz de direito, mudou-se para Belo Horizonte, onde encontrou calorosa acolhida dos intelectuais mais jovens²⁷³. No último trimestre do ano, um novo conjunto de textos do escritor saiu em *O Jornal*²⁷⁴. “Malditos os que matam”²⁷⁵ pôde ser lido em 31 de outubro. “Traduzir inglês”²⁷⁶, em 28 de novembro, arrolava erros comuns aos principiantes na língua inglesa. Advogava em favor da tradução como exercício para a aprendizagem de língua, criticando os “deficientíssimos cursos” da época. Advertia, também, acerca das complicações inerentes aos falsos cognatos, citando exemplos nos idiomas inglês, francês, italiano e espanhol. Com a finalidade de auxiliar os iniciantes no estudo da língua de Shakespeare, organizou uma pequena relação de vocábulos “armadilhas”, acompanhados de sua tradução.

O Jornal publicou, em 12 de dezembro, o conto “Antero, o irrepreensível”²⁷⁷ de Rangel, reproduzido, na semana seguinte, em 19 de dezembro²⁷⁸, no *Diário de Pernambuco*.²⁷⁹ A edição natalina do diário carioca enfeixou “Presente de Natal”²⁸⁰, narrativa que permaneceria à parte das coletâneas do escritor.

²⁷³ SAMPAIO, Márcio. Cem anos de solidão de um grande escritor brasileiro. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 21 nov. 1984. Fragmento do exemplar disponível no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Fundação Cultural de Blumenau (SC).

²⁷⁴ *O Jornal*, diário matutino de grande circulação, foi lançado em 17 de junho de 1919, no Rio de Janeiro. Quando completou cinco anos de existência, foi comprado por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello. Sob o comando de “Chatô”, a folha constituiu-se no primeiro órgão da cadeia dos Diários Associados, atrás, em importância, somente da revista *O Cruzeiro*, que seria lançada em 1928. Foi sob essa segunda gestão que a folha galgou sua grande importância na história da imprensa brasileira, até sua extinção, em 1974. Descrição de: BRASIL, Bruno. *O Jornal. Hemeroteca*. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-jornal/>>. Acesso em 05 nov. 2019.

²⁷⁵ RANGEL, Godofredo. Malditos os que matam. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 5.640, 31 out. 1937. Quarta seção, p. 3. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁷⁶ RANGEL, Godofredo. Traduzir inglês. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 5.663, 28 nov. 1937. Quarta seção, p. 3. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁷⁷ Publicado anteriormente na *Revista do Brasil* e no *Diário Nacional*, sob o título “O gordo Antero”. RANGEL, Godofredo. Antero, o irrepreensível. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 5.675, 12 dez. 1937. Quarta seção, p. 2. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁷⁸ Idem. Antero, o irrepreensível. **Diário de Pernambuco**, Recife (PE), ano 112, n. 340, 19 dez. 1937. Segunda seção, p. 2. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁷⁹ *Jornal pernambucano* fundado como folha de anúncios, entrou em circulação em 7 de novembro de 1825, em Recife, tendo como seu primeiro proprietário o jornalista Antonino José de Miranda Falcão. É hoje o mais antigo jornal em circulação na América Latina. Verbete completo de: ABREU JÚNIOR, João Batista de; FERREIRA, Marieta de Moraes; BEZERRA, Ricardo Lima. **Diário de Pernambuco**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-pernambuco>>. Acesso em 10 nov. 2019.

²⁸⁰ RANGEL, Godofredo. Presente de Natal. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 5.686, 25 dez. 1937. Quarta seção, p. 4. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

As colaborações de Godofredo Rangel pingam em outros periódicos. “O destacamento”²⁸¹, que já contara com publicações precedentes, foi estampado, em outubro de 1938, na revista carioca *Boa Nova*.²⁸² No ano seguinte, em 4 de fevereiro, reapareceu o conto “O avô”²⁸³, no jornal *Beira-Mar*²⁸⁴. O autor voltaria a utilizar o primeiro título escolhido, abandonando a denominação “Os óculos”, utilizada em *Andorinhas* e *O Ibiraci*.

Em território mineiro, na belo-horizontina *Tentativa - Revista de Cultura*²⁸⁵, publicação mensal que teve entre seus fundadores o primo de Rangel e também escritor Murilo Rubião²⁸⁶, ressurgem os contos “Caprichos da sorte”, no número 3 (junho), e “Um animal estranho”, no número 6 (setembro), ambos de 1939.

No final da década de 1930, em dezembro de 1939, *Boa Nova*, no grifo “Pelourinho”²⁸⁷, noticiava a colaboração de Godofredo Rangel no número de setembro de *Cérebro*, periódico não localizado pela pesquisa.

²⁸¹ Idem. O destacamento. *Boa Nova*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 63, p. 2-7, out. 1938. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁸² Revista mensal ilustrada, que circulou no Rio de Janeiro e São Paulo, entre 1933 e 1940, dirigida por Samuel Lima Rocha.

²⁸³ RANGEL, Godofredo. O avô. *Beira-mar*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 627, p. 2, 4 fev. 1939. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁸⁴ Foi fundado por M. N. de Sá, Manoel Nogueira de Sá ou ainda Seu *Manoelzinho*, um misto de entusiasta, comerciante e investidor em Copacabana. Circulou entre 28 de outubro de 1922 e janeiro de 1946. O periódico se dirigia a um público restrito, os moradores do território de Copacabana, Ipanema e Leme, expresso na sigla *CIL*. Cf. AMADO, Daniele Chaves. **Nem tudo que reluz é ouro: A Última Hora, a Tribuna da Imprensa e a campanha de saneamento moral em Copacabana**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Niterói (RJ), 2012.

²⁸⁵ O mensário iniciou sua circulação em abril de 1939, tendo a duração de doze números. Na primeira edição, *Tentativa* teve como redatores Armando Más Leite, Euler Ribeiro, Jair Rebelo Horta, J. Etienne Filho, Juventino Lemos, Milton Sales, Murilo Rubião e S. Oliveira Sales. Juntaram-se ao expediente, posteriormente, Décio Rocha, Alphonsus de Guimaraens Filho e Nazareno Alphonsus. No Acervo dos Escritores Mineiros (AEM), vinculado ao Centro de Estudos Literários e Culturais (CELC), órgão complementar da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), encontram-se disponíveis para consulta os números dois a oito da revista. A Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais abriga os oito primeiros números do periódico, parte deles disponíveis digitalmente em: <http://200.198.28.214/pergamum/biblioteca/index.php?codAcervo=116672>. Cf. NOVAES, Mariana. **O Suplemento Literário do Minas Gerais no arquivo de Murilo Rubião 1966–1969**. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014. RANGEL, Godofredo. Caprichos da sorte. *Tentativa – Revista de Cultura*, Belo Horizonte (MG), ano I, n. 3, p. 42-45, junho 1939. Idem. Um animal estranho. *Tentativa – Revista de Cultura*, Belo Horizonte (MG), ano I, n. 6, p. 39-41, set. 1939.

²⁸⁶ Filho de Eugênio Rubião e Maria Antonieta Ferreira Rubião, Murilo Rubião pertenceu, tanto pelo ramo paterno quanto materno, a uma grande família de escritores. Pela linha materna – os Noronhas – derivou o parentesco com os escritores Godofredo Rangel e José Antonio Nogueira. Cf. PEREZ, Renard. Escritores brasileiros contemporâneos: Murilo Rubião. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano LV, n. 19.290, 11 fev. 1956. Idem. A trajetória de um escritor. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, ano XXII, n. 1.060, p. 2-3, 7 fev. 1987.

²⁸⁷ PELOURINHO. *Boa Nova*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 77, p. 45, dez. 1939. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

1.5 – Um equilibrista na balança das traduções e da criação (1940 -1951)²⁸⁸

Godofredo Rangel, eleito em 1939 para a Academia Mineira de Letras²⁸⁹, é reconhecido no cenário literário de Minas Gerais. Mesmo aposentado, parecia devotar-se mais à tradução que a sua produção literária. Durante a década, por volta de vinte obras receberam versão em língua portuguesa graças ao empenho do escritor. Todavia, ele conseguia manter o seu nome circulando na imprensa, reuniu material para mais um volume de contos, dedicou-se à escrita de três livros infantis, relacionou-se com outros literatos, e participou das reuniões e sessões da Academia, tanto que foi eleito presidente do núcleo estadual de Minas Gerais da Associação Brasileira de Escritores (ABDE).²⁹⁰

Em 1940, Rangel ofereceu a narrativa de espírito romântico “*Quando Cadran le foglie...*”²⁹¹ ao semanário carioca *Dom Casmurro*²⁹², que, em 21 de setembro, dedicava um número a Minas Gerais.

A partir de 1943, Rangel apareceu nas páginas de *Alterosa*²⁹³, revista mineira para a qual, ao longo da década, ele oferecerá outros textos²⁹⁴. Nesse primeiro momento, o nome do escritor figurou no expediente da revista, entre os colaboradores nos números de julho e agosto. Em *Caderno de lembranças*, de 1983, Jorge Azevedo, escritor e companheiro de redação de

²⁸⁸ Agregam-se à década de 1940 os anos de 1950 e 1951, devido ao número reduzido de colaborações encontradas nos anos que antecederam o falecimento do escritor.

²⁸⁹ Ocupou a cadeira 13, cujo patrono era Xavier da Veiga, e o fundador, Carmo Gama. A lista completa dos Acadêmicos encontra-se disponível em: <<https://academiamineiradeletras.org.br/cadeiras/>>. Acesso em 13 nov. 2019.

²⁹⁰ Em 24 de junho de 1944, o *Diário de Pernambuco* informa a organização da Associação Brasileira de Escritores, reunindo cinquenta intelectuais em sua fundação. Godofredo Rangel é eleito presidente do núcleo mineiro e Murilo Rubião seu vice. ORGANIZADA a Associação Brasileira de Escritores. **Diário de Pernambuco**, Recife (PE), ano 119, n. 148, p. 4, 24 jun. 1944. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁹¹ Traduzido do italiano “Quando as folhas caem” (tradução nossa). RANGEL, Godofredo. *Quando Cadran le foglie...* **Dom Casmurro**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 165-166, p. 9, 21 set. 1940. Número Especial de Minas Gerais. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁹² O número de estreia de *Dom Casmurro* sai em 13 de maio de 1937, tendo à frente os gaúchos, então radicados no Rio de Janeiro, Brício de Abreu, diretor e proprietário, e Álvaro Moreyra, redator chefe. O jornal semanal, em formato grande (41 por 58 cm), dedicava-se às questões literárias e culturais. A publicação circulou até dezembro de 1946 num total de 452 exemplares. LUCA, Tania Regina de. Brício de Abreu e o jornal literário Dom Casmurro. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 29, nº 49, p.277-301, jan/abr 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v29n49/a13v29n49.pdf>>. Acesso em 12 nov. 2019.

²⁹³ A revista *Alterosa*, mensário ilustrado da Sociedade Editora Alterosa, circulou em Minas Gerais entre 1939 e 1964. Fundada pelo jornalista Miranda e Castro, em 1962 foi comprada pelo então governador de Minas Gerais Magalhães Pinto. O periódico destinava espaço à literatura, bem como aos grifos culinária, saúde, moda, beleza, rádio e cinema, e novidades. TAVARES, Frederico de Mello Brandão *et al.* *Alterosa*, perfil editorial e o mercado de revistas no Brasil (1939-1964). In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre: ALCAR – UFRGS, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-imprensa/alterosa-perfil-editorial-e-o-mercado-de-revistas-no-brasil-1939-1964/view>>. Acesso em 16 nov. 2019.

²⁹⁴ A coleção do periódico se encontra parcialmente digitalizada pela Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional e pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

Rangel na *Alterosa*, recordou-se que o autor de *A filha* também teria colaborado traduzindo artigos para o periódico ilustrado: “Quando Godofredo Rangel surgia, trôpego, à porta de *Alterosa*, empunhando folhas de artigos traduzidos, meu coração se rejubilava”.²⁹⁵

O mensário mineiro ilustrado *Novidades*²⁹⁶, em abril de 1944, reimprimiu “Os óculos”²⁹⁷, possivelmente a quinta difusão do conto na imprensa, fixando o mesmo título que apareceu em *Andorinhas* e *O Ibiraci*. A edição comemorativa do quinto aniversário da revista *Alterosa*, lançada no mês de agosto daquele ano, trazia colaboração literária de Rangel, o conto “A carteira”²⁹⁸, que permaneceria inédito em livro. Ao final de 1944, após praticamente quinze anos sem editar-se em livro, o escritor lançou a coletânea *Os humildes*, volume de estreia da coleção Moderna Literatura Brasileira, da Editora Universitária de São Paulo, reunindo parte de suas produções ventiladas em jornais e revistas nos anos anteriores.

Assim como alguns dos contos de *Andorinhas*, “Caprichos da sorte”, narrativa de *Os humildes*, também contou com publicações anteriores e posteriores à edição em livro. Em janeiro de 1945²⁹⁹, encontrou guarida em *Letras Brasileiras*³⁰⁰. A *Alterosa*, de setembro desse mesmo ano, republicou o artigo “A retirada da Laguna (O colérico abandonado sobrevivente)”³⁰¹, outrora estampado nas páginas da *Revista do Brasil*, entre outros periódicos.

²⁹⁵ AZEVEDO, Jorge. Godofredo Rangel. In: **Caderno de Lembranças**. Belo Horizonte: Edição Definitiva, 1983, p. 182-186. Fotocópia do trecho do *Caderno de Lembranças* de Jorge Azevedo encontra-se disponível no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Fundação Cultural de Blumenau (SC).

²⁹⁶ Revista de Belo Horizonte dirigida por Newton Prates.

²⁹⁷ O jornal *Gazeta de Notícias*, em 4 de maio de 1944, trouxe, no grifo “Publicações”, o sumário da revista *Novidades*, indicando a publicação do conto rangelino entre as colaborações do mês de abril. Cf. PUBLICAÇÕES – “Novidades”. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano 70, n. 103, p. 6, 4 mai. 1944. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

²⁹⁸ RANGEL, Godofredo. A carteira. **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), ano. n. 52, p. 17, ago. 1944. Exemplar disponibilizado pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, C.16/X – 113.

²⁹⁹ Idem. Caprichos da sorte. **Letras Brasileiras**, Rio de Janeiro, ano III, n. 21, p. 3-5, jan. 1945. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

³⁰⁰ Dirigida por Heitor Moniz, a publicação começou a circular a partir de maio de 1943, editada pela empresa *A Noite*. Na “Explicação ao Público”, o periódico se descrevia como uma “publicação de caráter cultural e de feição divulgadora, sem data obrigatória de saída e sem o caráter sistemático de um magazine”. Reunia estudos, ensaios e notícias sobre as letras brasileiras.

³⁰¹ RANGEL, Godofredo. A retirada da Laguna (O sobrevivente dos coléricos abandonados). **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), ano VII, n. 65, p. 55-57 e 117, set. 1945. Exemplar disponibilizado pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, C.16/X – 126.

O quinto número da *Província de São Pedro*³⁰², de junho de 1946, ofereceu o artigo de Rangel sobre o romancista coetaduanense Júlio Ribeiro³⁰³. “Romantismo”³⁰⁴, narrativa dividida em sete capítulos em *Alterosa*, ocupou a seção “A novela nacional”; os quatro primeiros apareceram em março (n. 83) e os demais no número de abril de 1947.

Em 19 de outubro de 1947, Maria Julieta Drummond, escritora e filha de Carlos Drummond de Andrade, inseria “Os oitenta contos”³⁰⁵, de Godofredo Rangel, na “Antologia de Contos” do jornal carioca *Correio da Manhã*.

A revista *Literatura*³⁰⁶, em sua edição de janeiro/fevereiro de 1948, destacava a publicação de capítulo inédito do romance *Os bem casados*³⁰⁷, de Rangel. Mencionado desde 1907, na correspondência que o autor trocou com Lobato³⁰⁸, a obra seria editada em livro postumamente, em 1954.

Com a morte de Monteiro Lobato, em 1948, o nome de Rangel veio à baila. Espalhavam-se na imprensa notícias de sessões mediúnicas em que mensagens atribuídas ao criador do Sítio do Picapau Amarelo haviam sido psicografadas e dirigidas ao amigo tricordiano.³⁰⁹ A

³⁰² A revista trimestral *Província de São Pedro* circulou no Rio Grande do Sul, idealizada e editada por Moysés Vellinho, teve a duração de doze anos, com vinte e uma edições, publicada pela Livraria do Globo. Entre seus colaboradores encontram-se Mario Quintana, Augusto Meyer, Guilhermino César, Carlos Reverbel, Dyonélio Machado, Viana Moog, Erico Verissimo, Cecília Meirelles, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Otto Maria Carpeaux. Cf. MÜLLER, Iuri Almeida. Simões Lopes Neto e a revista *Província de São Pedro*: valorização e releitura de uma obra. **Palimpsesto – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 15, n. 22, p. 401-415, jun. 2016. ISSN 1809-3507. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35022>>. Acesso em 17 nov. 2019.

³⁰³ RANGEL, Godofredo. Júlio Ribeiro – Algumas notas sobre o homem e o romancista. **Província de São Pedro**, Porto Alegre (RS), n. 5, p. 113-117, jun. 1946. Fac-símile disponível no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Fundação Cultural de Blumenau (SC).

³⁰⁴ Idem. Romantismo (Capítulos I – IV). **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), ano IX, n. 83, p. 118 – 121, mar. 1947. Exemplar disponibilizado pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, C.16/X – 144. Idem. Romantismo (Capítulos V – VII). **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), ano IX, n. 84, p. 124-128, abr. 1947. Exemplar digitalizado no Portal da Prefeitura de Belo Horizonte – Fundação Municipal de Cultura/ Arquivo Público.

³⁰⁵ Idem. Os oitenta contos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XLVII, n. 16.246, 19 out. 1947. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

³⁰⁶ O periódico circulou no Rio de Janeiro de setembro de 1946 a outubro de 1948, sob direção de Astrojildo Pereira, um dos fundadores do Partido Comunista no Brasil. Tinha no conselho de redação nomes como Álvaro Moreira, Aníbal Machado, Arthur Ramos, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira e Orígenes Lessa. Como secretário contava com Jorge Medauar e gerente Antonio Ferreira da Silva. Em seus dois anos de existência, *Literatura* não conseguiu manter a periodicidade mensal. Lançou dez números. Cf. MELO, Ana Amelia M. C. de. A revista *Literatura*: entre autonomia e engajamento intelectual (1946-1948). **ArtCultura**, Uberlândia, v. 17, n. 31, p. 137-149, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/36647/19320> Acesso em 15 nov. 2019.

³⁰⁷ Nota localizada em: LITERATURA n. 7. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XXX, n. 8.532, 22 fev. 1948. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

³⁰⁸ A primeira referência ao romance *Os bem casados* acha-se na carta de Monteiro Lobato a Rangel, de 7 de dezembro, 1907, tendo sido, depois, retomado por diversas vezes na correspondência. Identificando-se o nome de algumas das personagens e referências ao enredo, depreende-se que o manuscrito “número 5”, aludido na missiva, teria dado origem ao romance.

³⁰⁹ Na correspondência trocada com Rangel, Lobato teria combinado o envio de frases específicas para que o amigo autenticasse uma possível comunicação *post-mortem*. As seguintes notícias indicam alguns dos desdobramentos do episódio: MACHADO, Ney. Deixem o grande morto sossegado! **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, ano

repercussão do caso teria motivado Milton Pedrosa a escrever para a *Revista do Globo*: “No fundo, é curioso observar que, como nos tempos em que era editor e tudo fazia para Godofredo Rangel tivesse seu nome literário lançado aos quatro ventos, é ainda hoje o ‘espírito’ (com aspas ou sem aspas) de Monteiro Lobato que atira o nome de Godofredo Rangel para a frente”.³¹⁰

Em 1948, a *Província de São Pedro*, na edição de março/junho, difundiu “Namoro”³¹¹, conto inédito de Rangel, posteriormente incorporado como um dos capítulos de *Os bem casados*. A revista divulgou o fragmento sem qualquer menção ao romance. Nesse mesmo ano, em *Alterosa*, na edição de julho, ele publicou a crônica “Prosa de rua”³¹², considerada pelos redatores como “uma série de pitorescas fotografias da nossa vida urbana batidas por esse esplêndido fotógrafo de almas e coisas que é Godofredo Rangel”.³¹³ No mês de setembro, a mesma revista trazia a lume “Os sonhos predizem o futuro”³¹⁴, texto de William A. Lyngate traduzido pelo autor de *Falange gloriosa*. O *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 10 de outubro, estampou na seção “O conto da semana” a narrativa “O telegrama”³¹⁵, de *Andorinhas*.

Em 1949, concentrou-se a maior parte da produção rangeliana da década. O nome do escritor figurou no expediente da revista *Alterosa* no decorrer do ano. Na edição de janeiro, a rubrica “Os grandes contos brasileiros” apresentava “Caprichos da sorte”³¹⁶, narrativa já publicada em outros periódicos e parte de *Os humildes*. Entre os “Artigos” da edição de março, consta “Flores secas”³¹⁷, na verdade, uma nova publicação de “*Quando Cadran le foglie...*”,

XLVII, n. 34, p. 6-13, 21 ago. 1948. CONTESTADA a veracidade das mensagens do Além atribuídas a Monteiro Lobato. **Jornal de Notícias**, São Paulo, ano III, n. 728, 3 set. 1948. FRANÇA, João. Monteiro Lobato prometeu enviar uma senha do outro mundo! **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 4.750, 9 set. 1948. PEDROSA, Milton. Monteiro Lobato, este mundo e o outro. **A Noite Ilustrada**, Rio de Janeiro, n. 1.023, p. 32-36, 5 out. 1948. Idem. Monteiro Lobato fala do além. **A Noite Ilustrada**, Rio de Janeiro, n. 1.024, p. 18-20, 12 out. 1948. Exemplares disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

³¹⁰ PEDROSA, Milton. Godofredo Rangel o amigo de Lobato. **Revista do Globo**, Porto Alegre, p. 31-33, 6 ago. 1948. Fac-símile da matéria está disponível no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Fundação Cultural de Blumenau (SC).

³¹¹ RANGEL, Godofredo. Namoro. **Província de São Pedro**, Porto Alegre (RS), n. 11, p. 19-22, mar./jun. 1948. A coleção completa da revista *Província de São Pedro* encontra-se disponível no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no qual foi localizado o exemplar de número 11, com a publicação de Godofredo Rangel.

³¹² Idem. Prosa de rua. **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), n. 99, jul. 1948. Exemplar disponibilizado pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, C.16/X – 160.

³¹³ A divulgação do número de julho com o texto de Godofredo Rangel encontra-se em: ALTEROSA. **Paraná-Norte**, Londrina (PR), ano XIV, n. 897, 15 jul. 1948. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

³¹⁴ LYNNGATE, William A. Os sonhos predizem o futuro. Tradução de Godofredo Rangel. **Alterosa**. Belo Horizonte (MG), ano X, n. 101, set. 1948. Exemplar disponibilizado pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

³¹⁵ RANGEL, Godofredo. O telegrama. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 7.965, 10 out. 1948. O conto da semana, p. 3-4. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

³¹⁶ Idem. Caprichos da sorte. **Alterosa**. Belo Horizonte (MG), ano XI, n. 105, jan. 1949. Os grandes contos brasileiros, p. 20-24. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

³¹⁷ Idem. Flores secas. **Alterosa**. Belo Horizonte (MG), ano XI, n. 107, p. 33, mar. 1949. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

impressa anteriormente no jornal *Dom Casmurro*. No número de novembro, o conto “O gordo Antero”³¹⁸ reapareceu, depois de ter sido estampado em periódicos e livro.

A seção “Era uma vez” do *Correio Paulistano*³¹⁹, em 19 de junho, imprimiu “Os besouros”³²⁰ de Rangel, anteriormente publicado no volume *Os humildes*. Na seção “Antologia de Contos” do *Correio da Manhã*, Maria Julieta Drummond, reproduzia, em 2 de outubro, “Os óculos”³²¹.

Em novembro de 1949, Godofredo Rangel participou da enquete de Jorge Azevedo na *Alterosa*, respondendo “Por que o escritor brasileiro não pode viver da literatura?”. Outros escritores mineiros também enfrentaram a questão: Eduardo Frieiro, Oscar Mendes, Lúcia Machado de Almeida, Moacyr Andrade, Ayres da Mata Machado Filho, Alphonsus de Guimaraens Filho, Abílio Barreto. Nos depoimentos, abriu-se o debate sobre a situação do intelectual das letras e sua profissionalização no contexto do país, tema candente na Associação Brasileira de Escritores, da qual Rangel fora presidente da filial mineira, entre 1944 e 1945.³²²

Para o autor de *A filha*, embora a criação literária já tivesse se tornado, na época, um “produto comerciável”, não poderia ainda, via de regra, servir de meio de subsistência ao escritor. Para fundamentar seu posicionamento, numa perspectiva mercadológica da literatura, Rangel forneceu a experiência pessoal, demonstrada no balanço dos próprios rendimentos advindos de sua pena:

Primeira edição de *Vida ociosa*, 1.800,00 cruzeiros; segunda edição, 2.500. *Andorinhas, nihil*, devido à falência da editora. *A filha*, 500. *Os humildes*, 5.000. *Histórias do tempo do Onça*, 1.000, e *Passeio à casa de Papai Noel*, aproximadamente 2.000 até hoje. Total: 12.800 cruzeiros. Esta renda total, quando muito, daria para as despesas comuns de um trimestre... Há também a colaboração em jornais. Se para subsistir eu contasse unicamente com ela,

³¹⁸ Idem. O gordo Antero. *Alterosa*. Belo Horizonte (MG), ano XI, n. 115, nov. 1949. O conto brasileiro, p. 18-20. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

³¹⁹ Fundado pelo tipógrafo Joaquim Roberto de Azevedo Marques, o jornal circulou de 1854 a 1930, e depois, com intervalos, até 1963. Inicialmente, sua trajetória política o situava como um órgão liberal, tendo passado por sua redação o jornalista Pedro Taques de Almeida Alvim. A partir de 1855, o periódico se tornaria conservador, atuando como órgão oficial de partidos políticos em troca de patrocínio. Verbete completo de: COHN, Amélia. **Correio Paulistano**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-paulistano>>. Acesso em 17 nov. 2019.

³²⁰ RANGEL, Godofredo. Os besouros. *Correio Paulistano*, São Paulo, ano XCV, n. 28.590, 19 jun. 1949. Segunda seção, p. 13-20. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

³²¹ Idem. Os óculos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano XLIX, n. 17.346, 2 out. 1949. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

³²² Em 1943, o escritor ocupara o cargo de presidente do conselho fiscal da associação. Em 1947, foi eleito delegado mineiro do II Congresso Brasileiro de Escritores, organizado pela ABDE e sediado em Belo Horizonte.

poderia escrever cinco contos por mês, o que equivaleria a uma renda de... 1.000 cruzeiros.³²³

Nessa reportagem, Eduardo Frieiro calculou serem necessários oito mil cruzeiros mensais, no mínimo, para se viver numa cidade maior, como o Rio de Janeiro. A enquete mostrava que o profissional das letras precisava cumprir outras atividades profissionais para melhorar sua condição de vida, sobretudo no funcionalismo público.

A colaboração em periódicos não apenas garantiu a Rangel um aumento de capital simbólico, como também o seu sustento financeiro. Importante fonte de rendas, o jornalismo no início do século XX, tornara-se ofício compatível com o *status* do escritor. Segundo Sérgio Miceli:

O *Jornal do Comércio* pagava trinta, cinquenta e até sessenta mil-réis pela colaboração literária, o mesmo fazia o *Correio da Manhã*; em 1907, Bilac e Medeiros e Albuquerque recebiam salários mensais “decentes” pelas crônicas que publicavam, respectivamente, na *Gazeta de Notícias* e em *O País*. O que fora para alguns autores românticos (por exemplo, Alencar e Macedo) uma atividade e uma prática “tolerada”, tornando-se depois para certos escritores da geração de 1870 (por exemplo, Machado de Assis) uma atividade regular, que lhes propiciava uma renda suplementar cada vez mais indispensável, torna-se a atividade central do grupo dos “anatolianos”.³²⁴

Para o sociólogo, Monteiro Lobato foi “o anatoliano”³²⁵ de maior sucesso comercial e intelectual na década de 1920 em São Paulo”.³²⁶

Rangel não contabilizou em seu depoimento os ganhos resultantes de suas traduções. A importância desse ofício na trajetória do escritor encontra-se expressa em outras declarações,

³²³ AZEVEDO, Jorge. Por que o escritor brasileiro não pode viver da literatura? *Alterosa*, Belo Horizonte (MG), ano XI, n. 115, p. 146, nov. 1949. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

³²⁴ MICELLI, Sérgio. Poder, sexo e letras na República Velha (estudo clínico dos anatolianos). In: **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 54.

³²⁵ Os “anatolianos” seriam representados em seu modelo intelectual pelo escritor francês Anatole France, ficando “caudatários, tanto em suas práticas profissionais como em todas as suas tomadas de posição estéticas e políticas, do ‘atraso’ que tal ‘escolha’ implica”, se comparada à “escolha” feita pelos modernistas, “importadores do programa estético, ético e político das vanguardas europeias”. Ainda de acordo com o pesquisador que propôs uma sociologia da vida intelectual brasileira, os integrantes desse grupo prefiguravam intelectuais profissionais, assalariados ou pequenos produtores independentes, vivendo dos rendimentos que lhes propiciavam as diversas modalidades de sua produção, composta de colaborações na imprensa, assessorias jurídicas, conferências e campanhas de mobilização. *Ibidem*, p. 60.

³²⁶ MICELLI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-45). In: *Ibidem*, p. 98.

como a que se lê em carta de 17 de março de 1951, endereçada ao advogado catarinense Walter Boppré³²⁷:

Atualmente só faço traduzir por falta de tempo para escrever e porque traduções concorrem mais do que trabalhos originais para equilibrar-me o orçamento. A revista “Alterosa” absorve atualmente, nesse setor, todo o meu tempo. Mas ainda pretendo, se possível, encontrar-me a mim um dia, neste fim de carreira... e, mesmo que não me encontre, essa esperança, só por si, já é alguma coisa...³²⁸

No seu depoimento em *Alterosa*, Rangel aponta a “incultura” e a “carestia” como causas que dificultavam a vida do profissional das letras. Para o escritor, “editar é uma aventura arriscada, tendo-se em conta o público restrito e os preços dos livros inacessíveis para a maioria das bolsas”.³²⁹ Quase que unanimemente, os participantes da enquete reconheciam, como entraves ao crescimento profissional do escritor, o grande número de analfabetos no país, os elevados valores dos livros e a concorrência da literatura com filmes, radionovelas e futebol. “Se, para cuidar de seus problemas imediatos de alimentação e saúde, o homem brasileiro, em média, tem pouquíssimos recursos, como esperar que lhe sobre dinheiro para comprar livros?”³³⁰, indaga Lúcia Machado de Almeida.

O jornal *O Acre*³³¹, em 23 de julho de 1950, trouxe à seção “Antologia de Contos” a narrativa “O legado”³³², de Rangel, que havia sido anteriormente acolhida na *Revista do Brasil* e no volume *Os humildes*.

Godofredo Rangel faleceu em 4 de agosto de 1951, mas seu nome permaneceu no expediente da *Alterosa* até setembro. Homenageando-o na coluna “Vitrine Literária”, o companheiro na redação da revista, Cristiano Linhares, atestaria os vínculos do tricórdiano com o periódico. Afirmou que a maior parte da produção do criador de *Vida ociosa* naquela época

³²⁷ No acervo pessoal de Enéas Athanázio estão conservadas cartas autógrafas a tinta azul, assinadas por Godofredo Rangel e endereçadas a Walter Boppré. Exibem as datas 19/02/1915, 17/03/1951 e 1º/05/1951. Cf. tb. ATHANÁZIO, Enéas. Cartas inéditas de Rangel. In: **O perto e o longe: viagens literárias**. Blumenau: Edição do Autor/ Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1990, p. 27-34.

³²⁸ Carta manuscrita a tinta azul de Godofredo Rangel a Walter Boppré, de 17/03/1951, disponível no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Fundação Cultural de Blumenau (SC).

³²⁹ AZEVEDO, Jorge. Por que o escritor brasileiro não pode viver da literatura? *Alterosa*, op. cit., p. 146.

³³⁰ *Ibidem*, p. 146.

³³¹ Intitulado como órgão oficial do governo no território, o jornal de Rio Branco circulou entre os anos de 1929 a 1972.

³³² RANGEL, Godofredo. O legado. *O Acre*, Rio Branco (AC), ano XX, n. 984, 23 jul. 1950. Antologia de contos, p. 3 e 6. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

vinha sendo dedicada ao mensário ilustrado, com várias seções recebendo “o impulso de sua brilhante inteligência e de sua sólida cultura literária”.³³³

Entre 1903 e 1950, respectivamente, estreia e último registro literário de Godofredo Rangel na imprensa, a pesquisa localizou textos do escritor nos seguintes periódicos: *A Cigarra* (SP), *A Federação* (RS), *A Lanterna* (SP), *A Novela Semanal* (SP), *A Reforma* (AC), *A Revista* (MG), *A Vida Moderna* (SP), *Alterosa* (MG), *Alvorada* (MG), *Beira-Mar* (RJ), *Boa Nova* (RJ), *Cérebro* (MG), *Correio da Manhã* (RJ), *Correio do Sul* (MG), *Correio Paulistano* (SP), *Diário da Manhã* (ES), *Diário de Notícias* (RJ), *Diário de Pernambuco* (PE), *Diário Nacional* (SP), *Dom Casmurro* (RJ), *Feira Literária* (SP), *Festa* (RJ), *Fon-Fon!* (RJ), *Gazeta de Notícias* (RJ), *Ilustração Brasileira* (SP), *La Nación* (AR), *Letras Brasileiras* (RJ), *Literatura* (RJ), *Minarete* (SP), *Novela Mineira* (MG), *Novidades* (MG), *O Acre* (AC), *O Archivo: Orgam Imparcial* (MG), *O Brasil* (RJ), *O Combatente* (SP), *O Dia* (MG), *O Estado* (SC), *O Estado de S. Paulo/Estadinho* (SP), *O Ibiraci* (MG), *O Jornal* (RJ), *Para Todos* (RJ), *Província de São Pedro* (RS), *Revista do Brasil* (SP), *Tentativa* (MG), *Verde* (MG), *Vida policial* (RJ).

Em uma sucessão cronológica, avulta a profusão de colaborações jornalísticas de Godofredo Rangel, acolhidas em mais de quarenta órgãos. Seus textos apareceram nas páginas literárias, de variedades, culturais, policiais, de notícias; em jornais e revistas variados, até mesmo do modernismo. Alguns periódicos de expressiva tiragem e em circulação até os dias de hoje, constando entre eles um internacional; outros de menor alcance, locais ou de vida curta.

Do início tímido, ocasionalmente velado sob pseudônimos, o escritor iria, pouco a pouco, assumir o seu próprio nome. Na imprensa, encontrou guarida para trabalhos de diferentes gêneros: contos, novelas, romances, crônicas, artigos, críticas, notas, traduções. Nos dois primeiros decênios do século XX, Godofredo Rangel espalhou suas composições principalmente na imprensa paulista, posteriormente expandindo-se para outras cidades, sobretudo do sudeste brasileiro. Há períodos que indicam a possibilidade da produção literária dele ter se perdido em jornais de pequena tiragem, esparsos e de difícil localização. Principalmente nos anos que antecederam a estreia de Rangel em livro, o amigo Monteiro Lobato figuraria como um importante aliado na circulação de seus textos. Com o passar do tempo, o tricordiano fortaleceria seu vínculo com intelectuais da cena literária de Minas Gerais, colaborando, inclusive, em órgãos da vanguarda mineira.

³³³ LINHARES, Cristiano. Godofredo Rangel. *Alterosa*, Belo Horizonte (MG), ano XIII, n. 137, p. 30, set. 1951. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

Os periódicos contribuíram para que o prosador difundisse uma primeira versão de seus romances. Dois deles, *Vida ociosa* e *Falange gloriosa*, foram integralmente impressos nas páginas de veículos expressivos, *O Estado de São Paulo/ Estadinho* e *Revista do Brasil*.

Sem um padrão fixo, a prosa de ficção de Rangel percorreria diferentes trajetórias de circulação. Em sua maioria, seus escritos, antes da publicação em livros, apareceram em jornais e revistas, uma parcela deles retornando à imprensa após a edição em volume.

A profusão contística de Godofredo Rangel se espalhou em periódicos diversificados, grande parte dela coligida nas coletâneas *Andorinhas* e *Os humildes*. Alguns dos contos viram numerosas reimpressões. Um exemplo está em “O avô”, ora intitulado “Os óculos”, circulando em: *A Novela Semanal*, *Novela Mineira*, *O Ibiraci*, *Beira-Mar*, *Boa Nova* e *Correio da Manhã*, além integrar *Andorinhas*. Entre os leitores desta composição de extenso percurso estava o jovem Autran Dourado³³⁴. O futuro escritor de *Um artista aprendiz*³³⁵ teria se impressionado com a “precisão do estilo, a simplicidade exemplar” de seu “mestre Rangel”.

Narrativa de carga sentimental e nostálgica, “O avô”/ “Os óculos” conta a história de um “vovozinho” adorado pelas crianças, cuja visita era esperada pelos netos e entre os quais distribuía os doces que carregava em seu bolso. Estava sempre acompanhado de objetos “complicados”, bengala, óculos, relógio e caixinha de rapé. Na despedida depois de cada encontro com os pequenos, o vovô esquecia com frequência seus óculos, logo devolvidos pelas mãos dos petizes. Um dia não houve mais repartição de balas. O avô havia morrido e teriam ficado em seu lugar apenas as recordações melancólicas. Após a saída do caixão para o enterro, a netinha Dusica depara-se com os mesmos óculos esquecidos do avô. Com tintas autobiográfica, os nomes dos netos utilizados ao longo da narrativa, Nello e Dusica, são associados à biografia do escritor.³³⁶

³³⁴Autran Dourado assina o prefácio “O meu mestre Rangel”, da edição de *Vida ociosa* preparada pela Casa de Rui Barbosa no ano 2000. Nele, Dourado recorda suas leituras da obra rangelina, as visitas feitas quando jovem à casa do escritor, e os aprendizados partilhados pelo mestre. De acordo com suas memórias, o primeiro contato com a obra do conterrâneo mineiro teria se dado aos dezesseis anos, por meio de uma revista literária na qual lera o conto “Os óculos de Vovô” – referência ao “O avô”/ “Os óculos”. Cf. DOURADO, Autran. O meu mestre Rangel. In: RANGEL, Godofredo. *Vida ociosa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000. Prefácio, p. vii - xii.

³³⁵Lançado em 1989, *Um artista aprendiz* é dedicado ao professor de filosofia Artur Versiani Veloso e ao escritor Godofredo Rangel, duas pessoas que Autran Dourado aponta como decisivas em sua formação. “Com pouco disfarce e alteração”, o romance narra a trajetória de aprendizagem de um escritor principiante, João da Fonseca Nogueira. O protagonista representa, em parte, Autran Dourado; Godofredo Rangel teria sido ficcionalizado pelo autor na personagem de Sílvio Sousa e o professor Veloso retratado na figura de Sinval de Sousa. Uma comparação entre os depoimentos de Autran Dourado sobre Godofredo Rangel e a matéria ficcional do romance estão analisados em: SILVA, Ana Cláudia da. Godofredo Rangel e Autran Dourado: o artista e o aprendiz. *Línguas & Letras*, v. 13, n. 25, fev. 2013. ISSN 1981-4755. Disponível em: <[http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/6979/5694](http://e-<u>revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/6979/5694</u>)>. Acesso em: 16 mar. 2020.

³³⁶Nello de Moura Rangel e Dulce de Moura Rangel estão entre os filhos de Godofredo Rangel com Bárbara Pinto de Andrade.

Ao lado de “O avô”/ “Os óculos”, formariam um conjunto antológico os títulos: “O gordo Antero”³³⁷, “O destacamento”, “Caprichos da sorte” e “A retirada da Laguna (O colérico abandonado sobrevivente)”. Em contrapartida, os trabalhos do autor estampados no *Minarete*, acrescidos das narrativas “O convescote”, “A síncope”, “Presente de Natal” e “A carteira”, contaram com apenas uma publicação periódica, com exceção do primeiro conto, e não foram recolhidos em livro. Assim como o conjunto não ficcional de Rangel, guardado exclusivamente nos jornais e revistas.

A visada panorâmica da produção jornalística de Godofredo Rangel nesta pesquisa busca, sobretudo, oferecer um primeiro mapa do conjunto, sinalizando a sua potencialidade e demandando outros aprofundamentos, tanto no campo dos estudos literários como da sociologia da cultura.

³³⁷ Em 1937, publicado em *O Jornal e Diário de Pernambuco* sob o título “Antero, o irrepreensível”.

Capítulo 2 – Uma oportunidade chamada *Revista do Brasil*

2.1 – Um breve histórico da *Revista do Brasil*

Árvore verdejando no alto da montanha, ela [*Revista do Brasil*] receberá nas frondes as carícias de todos os ventos e abrigará nos ramos o gorjeio de todos os pássaros.

(*Revista do Brasil*)³³⁸

Apontado pela historiografia como um marco no quadro dos periódicos que circulavam em São Paulo e até mesmo no país³³⁹, o mensário *Revista do Brasil*, no primeiro momento denominado *Cultura*, foi idealizado no início de 1915, por Júlio de Mesquita, proprietário de *O Estado de S. Paulo*. Depois de quase um ano de preparação, a “publicação mensal de ciências, letras, artes, história e atualidades”, como se autodefinia, ganhou seu primeiro número em 25 de janeiro de 1916, sob a direção de Luís Pereira Barreto, Júlio de Mesquita e Alfredo Pujol, tendo Plínio Barreto no posto de redator-chefe. Na escolha do título, a vertente cultural alinhava-se ao fluxo do nacionalismo vigente à época³⁴⁰. O manifesto-programa no primeiro número determinava: “O que há por trás do título desta Revista e dos nomes que a patrocinam é uma coisa simples e imensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de constituir um núcleo de propaganda nacionalista”.³⁴¹

Em 1918, a *Revista do Brasil* tornou-se propriedade de Monteiro Lobato, que a difundiu, sem interrupções, em 113 números, até a falência dos seus negócios, em 1925. Posteriormente, Assis Chateaubriand, comprando-a, passou a editá-la no Rio de Janeiro e a relançou em três momentos: de 1926 a 1927 (nove números)³⁴²; de 1938 a 1943 (56 números)³⁴³ e em 1944 (três

³³⁸ REVISTA do Brasil. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1-5, 25 jan. 1916.

³³⁹ A contextualização apresentada fundamenta-se nos estudos da historiadora Tania Regina de Luca. Cf. LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit. Idem. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916 – 1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

³⁴⁰ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1900-1922)*. São Paulo: Edusp: Fapesp: 2008, p. 67.

³⁴¹ REVISTA do Brasil. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 2, 25 jan. 1916.

³⁴² Alinhada entre os periódicos modernistas da época, como *Terra Roxa* e *A Revista*, esta fase da revista dedicou maior espaço à produção artística e à crítica, na busca de um caminho para a nacionalização da arte. Foi dirigida por Plínio Barreto, Afrânio Peixoto, Alfredo Pujol e Pandiá Calógera. Tinha como redator-chefe Rodrigo Melo Franco de Andrade e Prudente de Moraes Neto, secretário *ad hoc*. Cf. LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit., p. 31.

³⁴³ Dirigida por Octávio Tarquínio de Souza, a publicação esforçou-se para resgatar algumas características da primeira fase. Entre os pontos de contato com os anos iniciais destacam-se a capa, a diversidade de assuntos, a preocupação com os problemas nacionais e o ressurgimento de certas seções da primeira fase. LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit., p. 31.

números)³⁴⁴. Nos anos 1984 e 1990, a publicação ressurgiu, inicialmente sob a responsabilidade da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, com a participação da Prefeitura, por meio do RIOARTE, sendo os três primeiros números apresentados por Darcy Ribeiro. Assim, a *Revista do Brasil* reviveu em contextos diversos ao longo do século XX e, em virtude das modificações enfrentadas em sua linha editorial, sofreu alterações em sua materialidade, estrutura e finalidades. No período da República Velha, foi a publicação que teve mais longevidade, o que era raro para os padrões então vigentes. É, no entanto, a primeira fase do periódico que contempla a participação do escritor Godofredo Rangel.

Em época que antecede a estreia do novo mensário, o matutino de Júlio Mesquita sofreu dificuldades econômicas. Havia problemas de caixa, em razão do aumento do custo do papel, reflexo da guerra em curso na Europa, e da retirada dos empresários germânicos das páginas de *O Estado de S. Paulo*, que apoiava a França e a Inglaterra. Mesmo com os ventos contrários, a *Revista do Brasil* conseguiu vir a público. Sob o ponto de vista comercial, quiçá o momento não fosse dos mais atrativos para o grupo lançar uma publicação de cultura, considerando-se também os altos índices de analfabetismo no país. A empreitada editorial, entretanto, possuía um alcance simbólico.³⁴⁵

Cuidadosamente planejada, com linha editorial e diretrizes bem pensadas, seu lançamento teria balizado “um ponto de inflexão do gênero revista no Brasil”, segundo Ana Luiza Martins, diferenciando-se do “amadorismo” que marcara as experiências anteriores “nascidas do entusiasmo e idealismo da boêmia das confeitarias da inicial República das Letras”³⁴⁶.

A partir de meados de 1915, Plínio Barreto e José Pinheiro Machado Júnior foram designados por Júlio de Mesquita para auxiliá-lo na organização do novo periódico. Enquanto o primeiro cuidava dos colaboradores, Pinheiro Júnior granjeava acionistas para a revista, cada qual devendo adquirir cotas no valor de 300\$000, quantia significativa para a época e que possivelmente teria atravancado a adesão imediata de agregados para a sociedade. Apesar de idealizada e gestada na redação de *O Estado de S. Paulo*, a *Revista do Brasil* foi concebida como uma sociedade anônima, composta de sessenta e seis acionistas, proprietários de uma única cota, nomes declinados nas páginas do número inaugural:

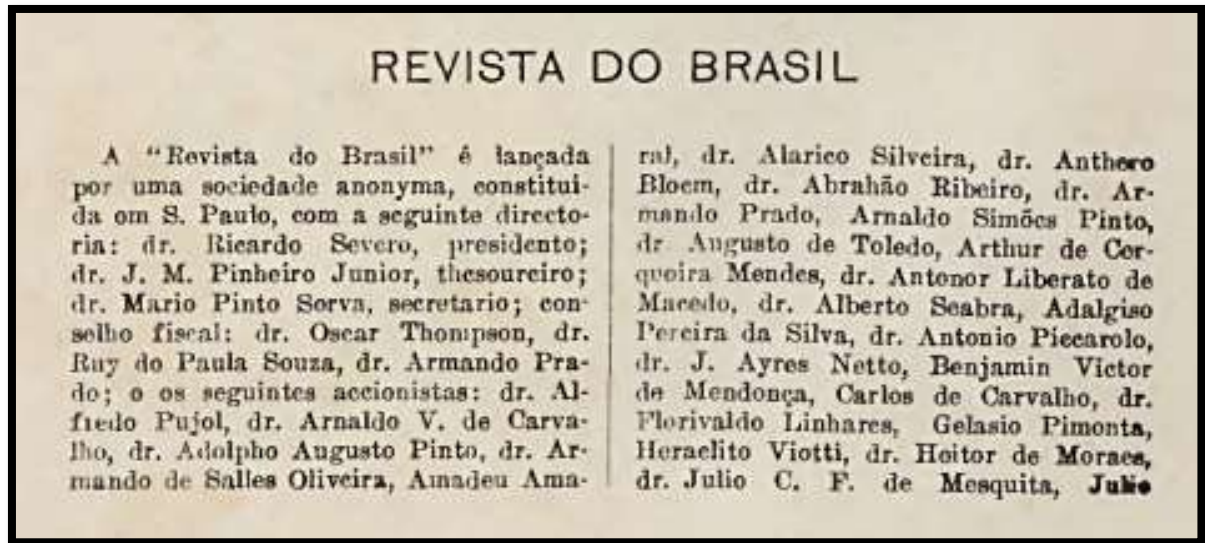
³⁴⁴ Sob direção de Frederico Chateaubriand e a presença de Millôr Fernandes na secretaria, a revista pouco agradaria o público, bastante modificada no seu formato, semelhante à americana *Seleções*, e no seu conteúdo, leve e recheado de humor.

LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit., p. 31.

³⁴⁵ Ibidem, p. 16.

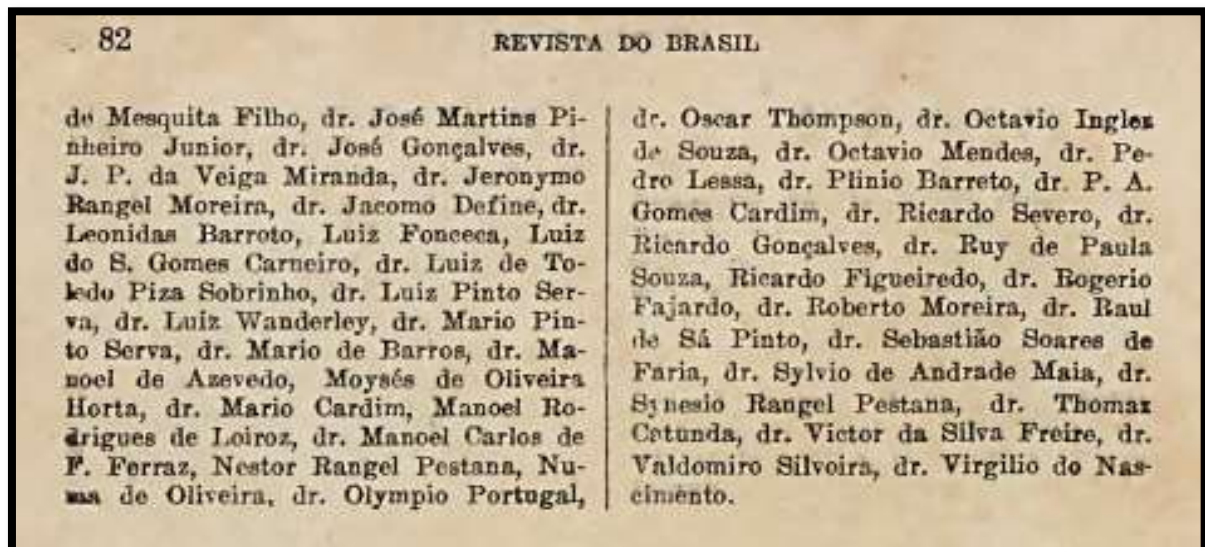
³⁴⁶ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1900-1922)*, op. cit., p. 67.

Imagem 11: Página do primeiro número da *Revista do Brasil* com o quadro de dirigentes seguido da relação dos acionistas do periódico.



Fonte: Hemeroteca Digital da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).

Imagem 12: Página do primeiro número da *Revista do Brasil* com o quadro de dirigentes seguido da relação dos acionistas do periódico.



Fonte: Hemeroteca Digital da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).

Entre os sócios-quotistas estavam médicos, engenheiros, professores, advogados, importantes políticos e jornalistas pertencentes, em sua maioria, à elite paulista. Parte considerável das cotas foi adquirida por colaboradores do jornal *O Estado de S. Paulo*, sinalizando a coesão do grupo de intelectuais em torno da redação do matutino.³⁴⁷ Competia a Júlio de Mesquita controlar a linha editorial ao passo que os riscos financeiros que envolviam

³⁴⁷ LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916 – 1944)*, op. cit., p. 14.

o empreendimento seriam divididos entre todos investidores. Nascida a partir do jornal, confirmava-se “a clássica evolução histórica do jornal para a revista literária, confinando naquele a informação de cunho político e cotidiano e nesta, a contribuição literária e os projetos culturais”.³⁴⁸

Plínio Barreto, responsável por recrutar o corpo de colaboradores, estabeleceu contato com figuras expressivas da intelectualidade, informando-as a respeito da nova publicação. É nesse contexto que Monteiro Lobato toma conhecimento do periódico em formação, mencionando-o em suas cartas a Godofredo Rangel. As missivas, em *A barca de Gleyre*, guardam vestígios da aproximação daquele que se tornaria um dos mais assíduos colaboradores e futuro proprietário do mensário.

Um quadro dos autores com maior número de trabalhos publicados nesta primeira fase é oferecido por Tania Regina de Luca³⁴⁹. A pesquisadora adverte para o fato de que, mesmo reunindo uma pequena fração do total de colaboradores, a listagem permite evidenciar a diversidade de correntes ideológicas e de posturas estéticas representadas na revista: “todas as figuras que desfrutaram de certa projeção nos meios literários e artísticos, ou em qualquer outra área do saber, encontraram acolhida em suas páginas, seja através da publicação de textos especialmente produzidos para o periódico, seja por meio de transcrições”.³⁵⁰

Em seu manifesto-programa, o caráter plural do mensário já se achava definido: “Não será, nem quis ser, uma revista exclusivamente de história, exclusivamente de literatura ou exclusivamente de ciência. Sê-lo-á de tudo isso”. Na sua diversidade, abria-se para estampar em suas páginas tudo aquilo que pudesse despertar a consciência nacional, reconhecida a subordinação pátria aos valores estrangeiros: “Ainda não somos uma nação que se conheça, que se estime, que se baste, ou, com mais acerto, somos uma nação que ainda não teve o ânimo de romper sozinha para a frente numa projeção vigorosa e fulgurante da sua personalidade”. Declarava assim seu desejo de contribuir para que essa consciência “se acenda de novo, com uma luz mais viva e duradoira, na alma abatida do país”, força propulsora de transformação,

³⁴⁸ MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1900-1922)**, op. cit., p. 67.

³⁴⁹ Acompanha-se a relação de autores e a quantidade de textos enfeixados: Monteiro Lobato (40), Arthur Motta (25), Amadeu Amaral e Mário de Andrade (13), Júlio César da Silva e Medeiros e Albuquerque (12), Roquette Pinto, Godofredo Rangel e Oliveira Vianna (10), Mário Sette e Carlos Magalhães Azevedo (9), José Patrício de Assis, Victor Freire da Silva, Mário Pinto Serva, Oliveira Lima e Sérgio Milliet (8), Mário de Alencar e Artur Neiva (7), Eduardo Navarro de Andrade, F. Badaró, Armando Caiuby, Hélio Lobo, Alberto de Oliveira, Alberto Rangel e Antonio Salles (6), Rui Barbosa, Sérgio Espínola, Martim Francisco, Haddock Lobo, Alceu Amoroso Lima, Argeu Guimarães e Alfredo d'E. Taunay (5), Olavo Bilac, Sampaio Dória, Martins Fontes, Gilberto Freyre, Paulo Setúbal, José Oiticica, Rodrigo Octávio Filho, Leo Vaz, René Thiollier, A. Carneiro Leão e Júlio Scheibel (4). LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit. p. 54.

³⁵⁰ *Ibidem*, p. 53.

sem a qual “nunca seremos o que devemos, o que temos o direito de ser”. Para realizar essa “obra de patriotismo”, a revista se lança “provocando estudos do passado que nos desvendarão, nas coisas e nos homens, uma larga fonte de inspiração, de amor e de orgulho, e estimulando todas as energias atuais para um trabalho de observação e criação científica e literária, que nos patenteie a todos a profundez e a riqueza dos nossos tesouros intelectuais”.

A *Revista do Brasil* creditava à escrita/palavra a capacidade de conferir a unidade nacional e a conseqüente transformação almejada. Visava estabelecer uma corrente de ideias e de sentimentos unindo a população do vasto território nacional, movimento “sem o qual uma nação nunca chega a formar-se ou, quando se forma, nunca adquire esse espírito de solidariedade, essa coesão perfeita que lhe dá aos olhos alheios a aparência de um bloco maciço, e aos seus próprios a impressão de um poder invencível”.³⁵¹

Em pouco tempo a *Revista do Brasil* logrou enorme prestígio e alcance no campo intelectual, certamente devido à escassez de publicações essencialmente culturais, numa época em que os magazines de variedade ou revistas ilustradas eram o produto mais típico e refinado do mercado de bens culturais.³⁵² Todavia, a situação financeira do periódico não estava em sintonia com o seu grande reconhecimento público. Vários acionistas não chegaram a entrar com o montante que lhes cabia e, em meados de 1918, o passivo beirava dezesseis contos de réis. Apesar de seus vínculos com um dos principais jornais do país, a situação deficitária poderia ter lhe tirado de circulação, não fosse a oferta de Monteiro Lobato que, além de dispor de capital para investir na compra do mensário, integrava o grupo de intelectuais em torno d’*O Estado de S. Paulo*, desfrutando da confiança de seus membros.³⁵³

Após vender a Fazenda Buquira, em meados de 1917, propriedade herdada do avô Visconde de Tremembé, Lobato voltou a residir em São Paulo, onde passou a dedicar-se integralmente à literatura. Intensificou sua colaboração na imprensa, sobretudo em *O Estado de S. Paulo*. Valendo-se da enquete que organizara para o *Estadinho*, se lançou no ramo editorial e imprimiu, por conta própria, *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*, edição esgotada em apenas dois meses após seu lançamento, no início de 1918.

É neste contexto que o criador do Jeca realizou um de seus desejos de longa data partilhado com Rangel: ser proprietário de um periódico. Monteiro Lobato que, no final do ano de 1917, fora convidado para substituir Plínio Barreto na direção da *Revista do Brasil*, justificou

³⁵¹ Todas as citações do manifesto-programa se encontram referenciadas em: REVISTA do Brasil. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1-5, 25 jan. 1916.

³⁵² LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit., p. 56.

³⁵³ *Ibidem*, p. 19.

sua recusa “sou um burrinho muito rebelde e chucro para ter patrão – e iria ter dois: Júlio de Mesquita e Alfredo Pujol”.³⁵⁴ Pouco antes, embora criticasse alguns dos rumos tomados pelo periódico, segredara a Rangel a ambição de ser proprietário do mensário: “Querem que eu substitua o Plínio na direção; mas minha ideia é substituir-me à assembleia, comprando aquilo. Revista sem comando único não vai”.³⁵⁵

Em 30 de maio de 1918, os acionistas da *Revista do Brasil* reuniram-se em Assembleia Geral Extraordinária, para deliberar sobre a proposta feita por Monteiro Lobato, aceita por unanimidade. No dia 3 de junho de 1918, foi lavrada, no 1º Tabelionato da Capital, a escritura de transferência.³⁵⁶

Para Tania Regina de Luca, a presença de Monteiro Lobato não trouxe alterações significativas quanto aos aspectos formais da *Revista do Brasil* – estruturação interna do conteúdo, sessões, dimensão, capa, número de páginas, tipo de material iconográfico utilizado. A historiadora ainda conclui: “O cuidado em preservar a mesma aparência pode ser encarado como uma tática para demonstrar que o periódico continuava fiel ao padrão de excelência que lhe havia garantido renome nos círculos cultos”.³⁵⁷

Dentre as reformulações, o novo proprietário estava preocupado em tornar o periódico mais leve e atraente, com o objetivo de ampliar o número de leitores. Para isso, aumentou o espaço dedicado à criação literária e o rol de colaboradores, reformulou os critérios de seleção dos artigos, tendo desaparecido da contracapa, a partir do número 34 (outubro/1918), a informação “A *Revista do Brasil* só publica trabalhos inéditos”. Ampliou significativamente o sistema de distribuição, com o número de assinantes chegando a 3 mil. Se anteriormente as vendas restringiam-se principalmente às livrarias, Lobato empenhou-se em aumentar sua rede de distribuição, enviando uma circular a agentes dos correios do país, na qual solicitava o endereço de estabelecimentos comerciais, entre papelarias, bazares, armarinhos, farmácias, lojas de ferragens e de fazendas. Enfim, pouco importava o tipo de loja que seria capaz de vender seus produtos. A “mercadoria” era oferecida em consignação, pagando 30% de comissão sobre o preço de cada exemplar vendido e aceitando-a de volta caso não tivesse saída.³⁵⁸

³⁵⁴ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 418. Carta de São Paulo, 28/12/1917.

³⁵⁵ Ibidem, p. 412. Carta de São Paulo, 04/11/1917.

³⁵⁶ Entre os trabalhos que enfocam essa faceta lobatiana, explorando documentação relativa às editoras, Cilza Carla Bignotto apresenta novas perspectivas sobre a atividade editorial de Monteiro Lobato nos anos de 1918 a 1925, período em que ele esteve à frente de editoras consideradas revolucionárias na história do livro brasileiro. BIGNOTTO, Cilza Carla: *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*, op. cit.

³⁵⁷ LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit., p. 66.

³⁵⁸ Cilza Carla Bignotto indica a existência de contradições nas versões relatadas da famosa circular enviada por Lobato, entre o próprio discurso do autor, do biógrafo Edgard Cavalheiro e de uma versão da entrevista dada à

Lobato ainda intensificou a atividade de propaganda, criou o cargo de diretor estatal, convidando pessoas que então eram reconhecidas no mundo literário para o auxiliarem na divulgação da revista além da capital paulista.³⁵⁹ Teria também enviado cartas a amigos e intelectuais, oferecendo assinatura ou solicitando auxílio para angariar novos assinantes. Em carta de agosto de 1918, a Godofredo Rangel, Lobato faz um balanço dos sucessos obtidos logo nos primeiros meses da aquisição do mensário, revelando seu empenho para aumentar as vendas:

A *Revista do Brasil* vai bem. Quando me fiquei com ela, entravam em média 12 assinaturas por mês. Hoje entra isso por dia. Nesta primeira quinzena de agosto registrei 150 assinantes novos. Meu processo é obter em cada cidade o endereço das pessoas que leem e enviar a cada uma o prospecto da revista, com uma carta direta e mais coisas – iscas. E atijo em cima o agente local. Estou a operar sistematicamente pelo país inteiro. Mande-me pois daí o nome das pessoas alfabetas menos cretinas e merecedoras da honra de ler a nossa revista.³⁶⁰

Em virtude do amplo esforço para tornar a *Revista do Brasil* um negócio rentável, um ano após sua compra, o novo proprietário conseguiu saldar todo o passivo de dezesseis contos de réis e dispor de um ativo de setenta contos. Assim, participa a Rangel seus lucros e o projeto de organizar a sua própria editora:

Acaba de fazer um ano que comprei a *Revista do Brasil*. Fiz isso por esporte, por falta de ocupação depois que vendi a fazenda, e consumi um ano em apalpadelas e experiência do negócio. Saiu melhor do que esperei. Para o comprovar, basta uma olhadela no balanço. Quando fiz a compra, o ativo era de 3 contos e o passivo de 16; custou-me portanto 13 contos. Hoje, um ano depois, estamos com um ativo de 70 contos e um passivo de zero. Isto me induziu a tomar a coisa a sério e criar a Empresa Editora “Revista do Brasil” com o capital de 100 contos.³⁶¹

Forjava-se a carreira de Lobato como editor, sob a prestigiosa chancela da revista. O autor aproveitou para também organizar aquilo que de melhor havia saído de sua pena em revistas e jornais, enfeixando-o no livro *Urupês*, lançado em julho de 1918, que inauguraria a

revista *Leitura*, em 1943, inserida na obra *Prefácios e entrevistas*. BIGNOTTO, Cilza Carla: **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**, op. cit., p. 282-284.

³⁵⁹ Foram diretores estaduais: José Maria Bello (RJ), J. A. Nogueira (MG), Mário Sette (PE), Antonio Salles (CE), João Pinto da Silva (RS), J. de Aguiar Costa Pinto (BA), Seraphim França (PR), Alcides Bezerra (PB), Henrique Castriciano (RN), João Batista de Faria e Souza (AM). Os diretores estaduais foram mencionados na revista entre os números 33 e 52. LUCA, Tania Regina de. **A *Revista do Brasil*: um diagnóstico para a (N)ação**, op. cit., p. 67.

³⁶⁰ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 425. Carta de São Paulo, 17/08/1918.

³⁶¹ *Ibidem*, p. 443. Carta de São Paulo, 06/07/1919.

seção de edição. As sucessivas tiragens do livro superaram as expectativas do autor, que viu seu nome se espelhar pelo país.

Os êxitos alcançados ao longo da trajetória da empresa-editora não só ampliaram o prestígio como também garantiram a prosperidade da *Revista do Brasil*, de sorte que os problemas financeiros, que geralmente desafiavam a longevidade desse tipo de publicação, não apresentavam riscos a sua continuidade. Embora o ramo editorial tenha se estabelecido subsidiariamente às atividades do mensário, em pouco tempo acabou se tornando o setor principal a que Lobato, que também investiu na área da produção gráfica, se dedicou, visto ter comandado diversas editoras de relevo na história nacional do livro. A empresa Olegário Ribeiro, Lobato e Cia., sociedade com Olegário Ribeiro e outros acionistas que entraram com cotas menores, foi estabelecida em 1919 e dissolvida poucos meses depois. Monteiro Lobato & Cia. foi fundada em 1920 com Octalles Marcondes Ferreira, com a inclusão de novos sócios e capital ampliado em 1922. A Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, sucessora da editora anterior, iniciou as atividades em 1924 e faliu no ano seguinte. “O ímpeto empresarial moderno de Monteiro Lobato tropeça na turbulência dos anos 20 paulistas”³⁶², afirma Marisa Lajolo, ao apontar para acontecimentos como a revolução de julho de 1924, a retração do crédito bancário em manobra econômica do governo Bernardes, e a seca prolongada que reduziu drasticamente o fornecimento da energia elétrica da empresa Light.

Ainda que o nome de Lobato figurasse à frente da direção em quase todo o período que a *Revista do Brasil* lhe pertenceu³⁶³, o empresário-editor se concentraria nos problemas financeiros da empresa. Paulatinamente, delegou o comando da publicação a outros membros da sociedade, culminando na decisão de passá-lo para a responsabilidade dos sócios, conforme notícia a Rangel, em abril de 1924: “Entreguei a *Revista* ao Paulo Prado e Sérgio Milliet e não

³⁶² LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

³⁶³ Considerando-se as alterações recorrentes no quadro dirigente, as consequentes mudanças na linha editorial alargaram a diversidade de colaborações, ampliando-se não só a abrangência do número de leitores como a representatividade de diferentes grupos intelectuais. O periódico abrigou em suas páginas opiniões contrastantes, como a própria tensão entre passadistas e modernistas. Um quadro das modificações do corpo dirigente do mensário: *1 ao 29* — diretores: Júlio de Mesquita, Alfredo Pujol, Luís Pereira Barreto, secretário Pinheiro Júnior; *30 ao 41* — diretor: Monteiro Lobato, secretário Pinheiro Júnior, até o número 36, e depois Alarico F. Caiuby; *42 ao 48* — diretores: Monteiro Lobato e Lourenço Filho, secretário Caiuby; *49 ao 60* — diretor: Monteiro Lobato, secretário até o número 56 Caiuby, que não foi substituído; *61 ao 66* — diretores: Afrânio Peixoto e Amadeu Amaral, Lobato figurava como editor; *67 a 72* — diretores: Monteiro Lobato e Afrânio Peixoto, secretário Moacyr Deabreu nos números 67 a 69 e Brenno Ferraz do 70 ao 72, ocupando o cargo de redator; *73 a 75* — diretores: Monteiro Lobato e Brenno Ferraz, sem indicação de redator ou secretário; *76 a 84* — diretores Monteiro Lobato, Brenno Ferraz e Ronald de Carvalho; *85 a 113* — diretores: Monteiro Lobato e Paulo Prado, redator Júlio César da Silva até o número 97 e Sérgio Milliet do 98 ao 113. Disponível em: LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**, op. cit., p. 71.

mexo mais naquilo. Eles são modernistas e vão ultramodernizá-la. Vejamos o que sai — e se não houver baixa no câmbio das assinaturas, o modernismo está aprovado”.³⁶⁴

Entre janeiro de 1923 e maio de 1925, o sócio Paulo Prado, que mantinha estreitos laços com escritores modernistas, assumiu a efetiva gerência da publicação, trazendo significativas mudanças na linha editorial.³⁶⁵ Abriu, assim, as páginas do mensário aos principais proponentes da nova estética que, pela primeira vez, “tinham entrada numa publicação do prestígio da revista, reconhecida por sua excelência, lida pela elite letrada e distribuída pelos quatro cantos do país, graças ao eficiente esquema montado por Lobato”.³⁶⁶ Com isso, instaurou-se significativa tensão no periódico, de modo que “defensores do modernismo se digladiavam com aqueles que qualificavam de passadistas”.³⁶⁷ Ambas as linhas, contudo, não deixaram de figurar nela.

Entre maio de 1918 e maio de 1925, período em que a *Revista do Brasil* pertenceu a Lobato, foram publicados 84 números e, pelo selo da revista, dezessete lançamentos de livros de 1918 a 1920.³⁶⁸

2.2 – Uma amizade, algumas mediações e muitas partilhas

Anseio por ver-te publicado e sinceramente te digo que um livro teu me daria mais prazer que um meu.

(Monteiro Lobato)³⁶⁹

O número 13 da *Revista do Brasil*, publicado em janeiro de 1917, encerrou a crítica *O estilo de Fialho*, estreia de Godofredo Rangel no mensário, praticamente um ano e meio antes

³⁶⁴ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 492. Carta de São Paulo, 07/04/1924.

³⁶⁵ Nesta subfase, iniciada sob a direção de Paulo Prado, o periódico, segundo Tania Regina de Luca, divergindo da linha editorial anterior, guarda relação orgânica com as revistas modernistas fundadas a partir de *Klaxon*. Para aprofundar a relação das duas primeiras fases da revista com tais publicações da época: LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil* (primeira e segunda fase) e os periódicos modernistas. In: **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916 – 1944)**, op. cit., p. 13-68.

³⁶⁶ LUCA, Tania Regina de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e autorrepresentação n’*A barca de Gleyre*. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita na história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 148.

³⁶⁷ *Ibidem*, p. 149.

³⁶⁸ Cilza Bignotto chegou a esta quantidade de títulos lançados sob a chancela da revista levando em conta somente os anúncios publicados no mensário. A pesquisadora adverte para a possibilidade de que haja ainda outros livros dados à luz pelo selo da *Revista do Brasil*. Cf. BIGNOTTO, Cilza Carla. **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**, op. cit., p. 218.

³⁶⁹ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 372. Carta da Fazenda, 13/07/1916.

da publicação ter sido adquirida por Monteiro Lobato. Cartas do período e o levantamento da circulação do escritor mineiro, tanto em *O Estado de S. Paulo* como na *Vida Moderna*, revelam que a proximidade com o grupo em torno da revista tem raízes em vínculos pessoais constituídos anos antes.

Godofredo Rangel acompanhou de perto o projeto do novo periódico, por meio de Monteiro Lobato. Na fase em que Pinheiro Júnior buscava acionistas, o futuro comprador do mensário chegou a cobrar resposta de Rangel, inquirindo sobre o interesse dele de integrar a sociedade que estava se constituindo. Em 23 de janeiro de 1915, Lobato aludia ao movimento de criação da revista: “Manda-me dizer que devo declarar ao Pinheiro. Ele lá te ofende, supondo-te incapaz, financeiramente, de ficares com uma quota da sociedade em organização para o lançamento da revista. Respondi que deves estar riquinho. Se te convidarem, entra. Precisamos de portas, Rangel.”³⁷⁰

É bastante provável que a situação financeira do mineiro não fosse das mais confortáveis para adquirir uma cota de valor expressivo naquele momento. Na época, o amigo “riquinho”, na verdade, se dividia nas funções de juiz, professor e, adiante no mesmo ano, desempenharia cargo de contador da empresa de luz, na cidade de Santa Rita do Sapucaí.

A despeito de Rangel e Lobato não terem estreado em livro ainda, cabe lembrar que o taubateano desfrutava de um prestígio crescente nos meios literários, contando com algumas “portas” abertas, inclusive a do jornal *O Estado de S. Paulo*, no qual meses antes publicara os artigos “Uma velha praga” e “Urupês” e, em curto espaço de tempo, se tornaria colaborador remunerado. Porém, assim como a do companheiro, a situação financeira de Lobato estava distante de ser tranquila. A fazenda Buquira lhe demandava mais recursos do que dispunha para recuperar a produtividade de outrora. Acresce-se ainda a conjuntura desfavorável da economia no período, a restrição dos créditos, as instabilidades nos preços do café, somadas ao início da guerra na Europa, fatores que possivelmente teriam contribuído para que Lobato vendesse a propriedade. Diante de tal cenário, em 1915, seu passivo beirava a casa dos vinte contos de réis, valor que certamente também o impedia de figurar entre os acionistas.³⁷¹

Quanto a Rangel, se por um lado a sua condição orçamentária não era das mais seguras, a possibilidade de vincular-se ao periódico em formação devia ter lhe soado muito promissora. A produção literária que se acumulava nas suas gavetas até aquele momento, vinha circulando em órgãos de menor expressão, como os jornais *O Combatente*, *Minarete*, este concentrando a maior parte dos trabalhos dele até o momento, *A Lanterna*, *O Archivo: Orgam Imparcial*, a

³⁷⁰ Ibidem, p. 300. Carta da Fazenda, 23/01/1915.

³⁷¹ LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit., p. 64.

revista *Ilustração Brasileira*. Nesta época, além do convite para integrar a sociedade da *Revista do Brasil*, *O Estado de S. Paulo* franqueava-se aos poucos para o tricordiano. Assinaladas as vantagens de projetar-se num veículo cuja tiragem era de quarenta mil exemplares e o alcance de prováveis cem mil leitores³⁷², Lobato, um dos “sapo da redação”, incentivava também o ingresso do companheiro no matutino da família Mesquita.

A estratégia de circular o nome em periódicos, antecedendo a estreia em livro, não era novidade na época. Desde o século XIX, período em que o mercado livreiro do país ainda estava se estruturando, poetas e romancistas envolviam-se nas atividades da imprensa, paralelamente às primeiras edições em livro, estas geralmente pagas pelos próprios escritores, que nem sempre agradavam pela qualidade e em razão da quantidade de erros tipográficos.³⁷³ Colaborar em jornais e revistas constituía-se uma “forma de profissionalização possível” para os homens de letras, segundo Flora Süssekind³⁷⁴, na nova imprensa empresarial que se fortalecia na virada do século.

Assim, esse “ensaiar-se” em órgãos da grande imprensa permitia que Lobato e Rangel, mesmo inéditos em livro, vissem seus nomes adquirirem projeção no campo letrado. Era um modo de “ir gravando o nome”, como diria Lobato³⁷⁵, ao advogar em favor da publicação como publicidade de si, que poderia favorecer retornos financeiros com trabalhos intelectuais.

Lobato conta a Rangel, em carta de 12 de fevereiro de 1915, que fora, inicialmente, acolhido de maneira fria, “indiferente”, por Enjolras Vampré, médico do Instituto Paulista, modo como recebiam “aos que na vida não passam de números”. Quando o médico o descobriu como o autor de “belos artigos no *Estado*”, passou a tratá-lo “como *alguém*”. Do episódio, tira a conclusão: “Veja você como para o mundo tem peso um nome que assina artigos no jornal. A gente passa de servo da gleba à classe dos senhores. O ‘senhor’ é o homem armado, que pode desta ou daquela maneira tornar-se ofensivo. A grande desgraça na vida é ser inofensivo, Rangel. Veja as minhocas”. Lobato ainda aproveita a oportunidade para reprovar a falta de publicidade do amigo: “não concordo com o teu afastamento do jornal. Para quem pretende vir com livro, a exposição periódica do nomezinho equivale aos bons anúncios das casas de comércio – e em vez de pagarmos aos jornais pela publicação dos nossos anúncios, eles nos pagam – ou prometem pagar”. E conclui o pensamento, com ênfase: “Quem mais anuncia, mais

³⁷² LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 301. Carta da Fazenda, 30/01/1915.

³⁷³ GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise. O folhetinista e o colibri. Escritas do jornal e da literatura, França-Brasil, século XIX. In: *Literaturas e escritas da Imprensa. Brasil/França século XIX*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2015, p. 14.

³⁷⁴ SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 72.

³⁷⁵ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 306. Carta da Fazenda, 12/02/1915.

vende”, demonstrando-se empenhado em cumprir o trabalho de projeção do nome do amigo mineiro: “E eu tenho sido o teu anúncio vivo, Rangel. Tal propaganda faço cá em nossas rodas paulistanas, que eles te têm como um canhão 42 oculto em Minas, e que quando atirar mete os obuses até aqui e tudo arromba – e eles esperam o tiro”.³⁷⁶

Monteiro Lobato sentia os efeitos da expressiva repercussão de seus artigos “Uma velha praga” e “Urupês”. Indignado com as queimadas praticadas por caboclos no Vale do Paraíba, interior de São Paulo, região onde mantinha a Fazenda Buquira, Monteiro Lobato endereçou um violento protesto à seção “Queixas e Reclamações” do jornal *O Estado de S. Paulo*, que acabou figurando no corpo principal do jornal. Estampado na edição de 12 de novembro de 1914, “Uma velha praga” comparava o fogo implacável da primeira guerra em curso na Europa, com o fogo destruidor que devastava as matas brasileiras. O autor condenava o caboclo, parasita da terra, comparado ao sarcopite, “pois que onde ele assiste se vai despojando a terra de sua coma vegetal até cair em morna decrepitude, nua e descalvada”.³⁷⁷

A crítica ao caboclo esboçada no primeiro texto foi ampliada em um novo artigo, “Urupês”, publicado em 23 de dezembro daquele mesmo ano no matutino paulista. Nele, Lobato fixaria as raízes de Jeca Tatu, “alçado a símbolo, ainda que incômodo, da nacionalidade”.³⁷⁸ Destoando da mitificação de tradição romantizada que os literatos das cidades faziam do homem do campo, o caboclo lobatiano não era idealizado “Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!”³⁷⁹. As características negativas seriam acentuadas neste representante da miséria e do atraso econômico do país, conduzido pela “lei do menor esforço”³⁸⁰, ressoando nas concepções antropológicas égides do evolucionismo e do determinismo de autores como Le Bon e Taine, que chegaram a frequentar as estantes do jovem escritor segundo sua correspondência revela.

Acendendo uma intensa polêmica, os dois artigos foram reproduzidos em outros jornais³⁸¹ e percorreram o país, fato este que a crítica costuma associar ao início da projeção do taubateano como escritor. Entretanto, não se pode desconsiderar que Lobato já vinha se ensaiando em outros periódicos com trabalhos anteriores aos ventilados n’*O Estado de S. Paulo*,

³⁷⁶ Ibidem, p. 306. Carta da Fazenda, 12/02/1915.

³⁷⁷ Idem. **Urupês**. Obras completas, v. 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1950, p. 235.

³⁷⁸ LUCA, Tania Regina de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e autorrepresentação n’*A barca de Gleyre*. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita na história**, op. cit., p. 139.

³⁷⁹ LOBATO, Monteiro. **Urupês**, op. cit., p. 245.

³⁸⁰ Ibidem, p. 245.

³⁸¹ Quanto à circulação de um dos artigos, compartilha Lobato em carta: “A *Velha Praga* não cessa a peregrinação. Já foi transcrita em sessenta jornais, conforme me informa o Sinésio Passos, redator dum jornal de Guaratinguetá. Acho muito, e se o consigno é para frisar a ignorância em que andamos de nós mesmos: a menor revelação da verdade faz o público arregalar o olho”. LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 298-299. Carta de Caçapava, 16/01/1915.

inclusive, convidando Rangel a difundir suas composições. A popularização engendrada no impacto dos artigos na grande imprensa logrou ao articulista seu lugar na intelectualidade paulistana da época.

Envaidecido por passar a integrar a “classe dos senhores”, “armado” de sua palavra, seu novo *status* no mundo das Letras, Lobato teria empregado um discurso “nada condescendente” com Rangel, segundo Flávia Arlanch M. de Oliveira, ao se colocar em “posição superior em relação ao amigo mineiro”.³⁸² A percepção comercial da literatura enraizava-se no pensamento de Lobato, balizava as suas ações. No período em que esteve à frente da *Revista do Brasil*, recorreu ao próprio mensário como vitrine para anunciar sua obra e os lançamentos de sua casa-editora. Lobato mostrava reconhecer o lugar dos periódicos. Tania Regina de Luca situa a posição ocupada pela imprensa no início do século XX:

O jornal, principal mercadoria da nascente indústria cultural, ditava modas e estilos, impunha ao cotidiano seu ritmo nervoso, apressado e superficial; consagrava certos autores e relegava outros ao ostracismo. Nas primeiras décadas do século XX, parte considerável da vida intelectual brasileira gravitou em torno da imprensa, encarada como uma atraente oportunidade de trabalho para os homens de letras. Ela era capaz de trazer fama, prestígio e lucros para os que caíssem no gosto do público, um gosto volátil, que deveria ser reconquistado a cada dia, a cada edição.³⁸³

O futuro editor de Godofredo Rangel, desde os tempos do Minarete, referia-se, em suas cartas ao amigo, a seu empenho em divulgar a produção literária dele, em rodas literárias, entre outros companheiros e intelectuais. Em 12 de fevereiro de 1915, Lobato chamou Rangel de “rei dos tolos”, caso o tricordiano não viesse com os tais “anúncios” preparando o lançamento de seu livro. Indiciava, assim, que *Vida ociosa* já andava em negociação para publicação na revista: “O Pinheiro conta com o teu romance para a *Cultura* e, apesar do que me escreveste, também conta ver-te empoleirado no ‘grande órgão’”.³⁸⁴

Em pauta o ingresso de Godofredo Rangel ao corpo de colaboradores de *O Estado de S. Paulo*, Pinheiro Júnior, relação pessoal de Monteiro Lobato, mostrava-se predisposto a franquear a produção do mineiro nos dois veículos do grupo. Ele já teria auxiliado a entrada do taubateano no matutino e na época participava do projeto de criação de um periódico, a *Revista do Brasil*. O romance pleiteado, *Vida ociosa*, dali a pouco tempo, teria alguns de seus capítulos

³⁸² OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. (A)Cerca de um tempo: representação das identidades mineira e paulista em Godofredo Rangel e Monteiro Lobato (1903-1921), op. cit., p. 126.

³⁸³ LUCA, Tania Regina de. A *Revista do Brasil*: um diagnóstico para a (N)ação, op. cit., p. 36-37.

³⁸⁴ LOBATO, Monteiro. A *barca de Gleyre*, op. cit., p. 307. Carta da Fazenda, 12/02/1915.

circulando no jornal da família Mesquita e ganharia publicação integral na *Revista do Brasil*. Porém, naquele momento, o autor mineiro teria criticado a “ortodoxia” do diário³⁸⁵ e ponderava sua decisão de nele vincular-se.

Concomitantemente aos apelos de Lobato para que Rangel ampliasse sua participação na imprensa, o taubateano perfaz críticas à padronização da escrita jornalística: “O estilo padrão mais em moda hoje desfecha no estilo de jornal, nessa ‘mesmice’ que floresce, igualada no gênio, na cor, no tom, no cheiro, tanto no *Monitor Paraense* de Belém como na *Tribuna do Povo* de Dom Pedrito, e é o mesmo no *Estado* e no *Correio da Manhã*”.³⁸⁶ O escritor, que se preocupava com o uso excessivo de adjetivos e buscava uma linguagem límpida e direta³⁸⁷, seguiu reprovando a escrita de uma das figuras mais prestigiosas na imprensa da época: “e também nos lavamos da adjetivação de homens copados como Coelho Neto. Camilo é lixívia contra todas as gafeiras”.³⁸⁸

Os descontentamentos não se restringiram à esfera da escrita jornalística. Presente na redação de *O Estado de S. Paulo* e frequentando os círculos da imprensa, Monteiro Lobato chegou a queixar-se da “gravidade conselheiral” do grande órgão: “Eles se têm como o umbigo do universo; num necrológio ou notícia qualquer, pesam numa balança de farmácia o adjetivo a dar ao sujeito – ‘distinto’, ‘notável’, ‘conceituado’”. Talvez fosse a própria “ortodoxia” criticada por Rangel manifestando-se também no discurso de Lobato: “e há neles a convicção de que se não deram ao sujeito o adjetivo matematicamente certo, Sirius pisca lá em cima e pode nascer uma lêmea na Cabeleira de Berenice”.³⁸⁹ O articulista mostrava-se insatisfeito, em face das prováveis restrições que lhe eram impostas como consequência do temperamento que se dizia “sem válvulas controladoras”. Exprime o seu ideal de escrita jornalística e a sua ambição:

Não sirvo para jornal. Meu campo é o livro, o panfleto – ou um jornal meu cá como o entendo. Também tenho escrito diabruras para *O Povo*, jornalzinho de Caçapava no qual sou livre como o era no *Minarete*. Sou lá o Mem Bugalho. Mando-te o último número para que vejas o tom da folha que eu queria ter aqui em São Paulo. Esse tom é o meu tom natural, normal – qualquer outro será forçado. E o diabo queira escrever forçado! É o mesmo que andar arcado. Nada emperra mais a pena, e tolhe tanto o correntio da frase, como sentirmos sobre os ombros alguém a espiar-nos. A “feição” do *Estado* é um Censor que me espia sobre o ombro quando para ele escrevo. A Opinião Pública é outro

³⁸⁵ Ibidem, p. 301. Carta da Fazenda, 30/01/1915.

³⁸⁶ Ibidem, p. 296. Carta de Caçapava, 16/01/1915.

³⁸⁷ Algumas das cartas de *A barca de Gleyre* que refletem essa preocupação lobatiana: 19/08/1905, 11/09/1911, 17/05/1915, 30/09/1915.

³⁸⁸ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 299. Carta da Fazenda, 23/01/1915.

³⁸⁹ Ibidem, p. 308. Carta da Fazenda, 12/02/1915.

Censor. A dos amigos, idem. As conveniências... Como vivemos amarrados, Rangel!...// Que belo jornal ou revista não faríamos nós, do nosso grupinho, acrescido do Plínio Barreto, do Heitor de Moraes e mais uns tantos rebeldes sem medo de chegar fogo aos estopins!...³⁹⁰

Embora reconhecesse a abrangente ressonância que lhe facultava *O Estado de S. Paulo*, Lobato estava ciente do preço a ser pago, em termos de enfrentamento de censuras em um grande órgão de imprensa. Nas páginas de um jornal de menor circulação, como *O Povo*, sua pena mostrava-se “livre”.³⁹¹ Considerado o contraste entre jornais de grande e de pequena tiragem, o escritor não suspendeu sua colaboração no matutino e seguiu incentivando Rangel, contando vê-lo nas páginas do tradicional diário.

As insatisfações e o desejo de ser proprietário de seu próprio periódico continuaram a se manifestar ao longo da correspondência trocada com Rangel. Escreveu em 30 de março daquele mesmo ano: “Não tenho voltado ao *Estado* porque me enfada aquele tom casacal. Até dos jornaizinhos amigos fugi, porque não me suportam o *tom*. Está me ganhando um azedume que só terá esgotos em jornal próprio. Acabo montando um, ou uma revista na qual só eu mande e desmande”.³⁹² Atribuiu a ferocidade à provável influência das leituras dos escritores que tanto admirava, Camilo Castelo Branco e Fialho d’Almeida.

Lobato acompanhava de perto a literatura de Rangel, criticando a “falta de publicidade”³⁹³ e instigava o amigo, em 3 de junho de 1915: “[...] já é tempo de soltar o livro. Tens no mínimo três romances altamente merecedores de impressão. Que esperas? Eu não esperaria coisa nenhuma”.³⁹⁴

Quando viu iluminar-se diante de si a oportunidade para empreender a publicação de seus textos, o criador do Jeca “não esperou coisa nenhuma”. Reuniu material estampado

³⁹⁰ Ibidem, p. 308. Carta da Fazenda, 12/02/1915.

³⁹¹ Em outra carta, Lobato oferece a Rangel os motivos que o levaram a colaborar em *O Povo*: “A razão de estar a escrever n’*O Povo* com uma assiduidade de que nunca me julguei capaz (três colunas e pico por semana) é bem curiosa. *O Povo* imprime 200 exemplares; quer dizer que tem 100 leitores. Entre esses 100 leitores há um velhinho de 70 anos, que não me conhece, nem é meu conhecido. É só para ele que escrevo.// [...] Um genro desse velhinho me disse um dia:// – ‘Sabe quem não pode mais passar sem *O Povo*? O meu sogro. Quando recebe o jornal, vai logo em procura de artigo seu; e se não encontra, fica jururu. Lê tudo quanto é seu, e nos chama para apreciar certos pedacinhos.’// Isto me calou, Rangel, e nunca mais deixei de mandar coisas para *O Povo* e sempre no gênero que o velhinho gosta. Às vezes não estou disposto e resolvo falhar – mas me vem o remorso de decepcionar o velhinho e escrevo. Desanco o Hermes – é o de que ele gosta. Sinto mais prazer nisso do que na vaidade dos cem mil leitores do *Estado*, e a verdadeira razão de nada mais meu aparecer no *Estado* é que *tenho* de escrever para *O Povo*. Não é um solilóquio no ermo, como dizes, mas diálogo com uma sombra”. Ibidem, p. 316. Carta da Fazenda, 03/06/1915.

³⁹² Ibidem, p. 309. Carta da Fazenda, 30/03/1915.

³⁹³ Na mesma carta de 3 de junho, Lobato interpelou: “Você queixa-se, Rangel, e no entanto quem produziu mais que você, homem ingrato para consigo mesmo? Quem tem parido mais e com mais afinco? Falta-te apenas publicidade”. Ibidem, p. 317, Carta da Fazenda, 03/06/1915.

³⁹⁴ Ibidem, p. 317, Carta da Fazenda, 03/06/1915.

anteriormente em periódicos e arriscou-se tanto na edição de *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*, quanto na de *Urupês*, e em muitas outras obras lançadas quando esteve à frente de suas editoras, afigurando-se “empresário de sua produção intelectual”, como afirmaria Alice Mitika Koshiyama.³⁹⁵ Fato é que Rangel não contava ainda com efetivas oportunidades.

Em 24 de junho, Lobato aproximava Rangel do periódico paulistano em gestação: “A *Revista do Brasil*, ex-*Cultura*, sai em agosto, e nela cabe um dos teus contos ou romances. Manda o *Estado-Maior*. São eles próprios que pedem”.³⁹⁶ O lançamento da publicação, já designada por seu nome definitivo, ficaria apenas para o início do ano seguinte, porém os vínculos de Rangel com o grupo já começavam a se materializar. Outras mediações ainda se afigurariam na correspondência, revelando os bastidores da publicação:

Já enviou os manuscritos ao Pinheiro?³⁹⁷

A *Revista do Brasil* aparece em janeiro e pelos modos vai ser coisa de pegar, como tudo que brota do *Estado*, empresa sólida e rizomática. Razão para aderirmos. Prometi um estudo sobre o Almeida Júnior e você pode entrar com um dos romances. Continuaremos assim juntos.³⁹⁸

Não mandas nada para a *Cultura*. Aquilo ainda é um espermatozoide do Pinheiro na madre de um projeto. Muito cedo. Ainda procuram acionistas de 300 mil-réis a quota. Em todo caso, se queres te coçar ao feto, dirige-te a J.M. Pinheiro Júnior, redação do *Estado*.³⁹⁹

As consequências da carreira do itinerante juiz-professor, em comarcas afastadas, pareciam ressoar na atividade criadora do literato. Assegurava Lobato na carta de 23 de outubro de 1915: “Noto de há muito tempo que essa tua vida isolada te vai pondo muito introspectivo. Vives num perene exame de consciência literário [...]. Essa introspecção, se não mata, esfola – e nada aproveita”.⁴⁰⁰ Dando mostras de que estava atento à importância do público em sua atuação literária, apreço que também reverberaria posteriormente na qualidade de editor,⁴⁰¹

³⁹⁵ KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982, p. 67.

³⁹⁶ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 318. Carta de Santos, 24/06/1915.

³⁹⁷ Ibidem, p. 318. Carta de Santos, 15/07/1915.

³⁹⁸ Ibidem, p. 328. Carta de São Paulo, 21/09/1915.

³⁹⁹ Ibidem, p. 328. Carta da Fazenda, 30/09/1915.

⁴⁰⁰ Ibidem, p. 334. Carta da Fazenda, 23/10/1915.

⁴⁰¹ Nos moldes pensados por Pierre Bourdieu, Enio Passiani, ao propor um esboço de uma sociologia da leitura, destacou a atuação de Monteiro Lobato em sua atividade literária e editorial, como parte fundamental do processo de constituição de um campo literário no Brasil. Atribui ao projeto literário de Lobato a formação de um novo “*habitus* literário”, no qual o público, tomado como potencialidade e parte integrante da produção cultural: “passou a constituir o alvo de escritores e editores.// Ao mergulhar no texto lobatiano, é imediatamente perceptível seu cuidado com o leitor, sua intenção de conquistá-lo – seja por intermédio da forma, seja por meio do conteúdo. A ação editorial de Lobato, num segundo momento (mas não menos importante), somente comprova a atenção que

Lobato alertava: “O tribunal ainda é o público. Faze-te julgar por ele. Se te condenar, apelas para a Posteridade e derrancas os juízes”.⁴⁰² A missiva não permite conhecer as possíveis queixas ou aflições precedentes de Rangel que suscitaram a resposta do interlocutor. Lobato aproveitara a oportunidade para recomendar-lhe aquilo que julgava adequado ao amigo: “O que te falta é restaurar a saúde da alma comprometida por esse bioco de Santa Rita, sufocante. Estás aí como um vulcão arrolhado. Precisas rebentar, irromper. Com a boa erupção dum livro, saras dos hipocôndrios inflamados”.⁴⁰³

Lobato criticava a “vida isolada” do amigo no “bioco de Santa Rita”, expressando uma certa “repulsa ao modo de vida interiorana”, como registra Flávia Arlanch M. de Oliveira. A historiadora toma por objeto a análise das representações das construções das identidades paulista e mineira no início do regime republicano no Brasil, especificamente nas figuras de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. Para ela, Lobato seria um “vetor da divulgação do paradigma do progresso”, promovendo a sustentação da identidade paulista, de modo que todas as referências às práticas e costumes, presentes em diversas cartas da coletânea, “foram metaforizadas para imprimir com ironia o enquadramento provinciano da vida conduzida por seu amigo”.⁴⁰⁴

Rangel, contudo, dizia preferir a vida provinciana, conforme a entrevista concedida a Milton Pedrosa, em 1939, atesta sua predileção:

– Nunca saí do Brasil e, como juiz, vivi no interior de Minas, até a minha aposentadoria, há cerca de dois anos. Posso dizer que sou integralmente mineiro, preferindo a vida do interior, sentindo-me inteiramente deslocado em lugar onde há barulho de bonde, apito de locomotiva, buzina de automóvel, enfim, onde existe este movimento febril dos grandes centros.⁴⁰⁵

Na carta de 23 de outubro de 1915 Lobato manifestava a ideia da “cura” através da publicação, da circulação da escrita. Para ele, o escritor, “um vulcão arrolhado”, precisava “rebentar”, “irromper”, produzir uma “boa erupção dum livro”. O interlocutor, na correspondência com Rangel, valia-se de uma expressiva série de metáforas organicistas da

dedicava ao público, uma vez que as estratégias revolucionárias que adotou – a melhoria na distribuição do livro, a propaganda, a renovação gráfica, a escolha dos escritores a serem editados – visavam levar o livro ao maior número possível de leitores”. PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil**. Bauru, SP: Edusp, 2003, p. 215-216.

⁴⁰²LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 334. Carta da Fazenda, 23/10/1915.

⁴⁰³Ibidem, p. 334. Carta da Fazenda, 23/10/1915.

⁴⁰⁴ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. **(A)Cerca de um tempo: representação das identidades mineira e paulista em Godofredo Rangel e Monteiro Lobato (1903-1921)**, op. cit., p. 83.

⁴⁰⁵ PEDROSA, Milton. Em Minas conversando com os intelectuais. **Vamos Ler!**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 150, 15 jun. 1939.

escrita⁴⁰⁶, entre as quais “gravidez”, “gestação”, “parto”, “ovários”, “úteros”, “nascimento”, “rebento”, “ordenha”. Nessa clave, alude à gênese dos textos: “As amas quando aleitam, se acontece que a criança lhes recusa o seio por algumas horas, sentem-no tão túrgido e dolorido que têm de ordenhar-se como vacas. Assim tu, Rangel. Ordenha-te com a publicação dum livro, e voltarás à plena saúde”.⁴⁰⁷

Aquele que seguia as “intuições da veneta”⁴⁰⁸, contudo, parecia reconhecer que a escrita não era simplesmente inspiração/erupção, mas “lugar de pulsão e de cálculo”.⁴⁰⁹ Compartilhou com o amigo literato o “sistema” que adotava em face de seus próprios conflitos: “quando o humor negro vem chegando com os seus pés de lã, escrevo qualquer coisa e publico: provo assim ao venenoso demônio da desconfiança que ainda há lá dentro fibra rija e bons ovários, os quais um dia darão coisa séria. O tudo é a convicção permanente de que *somos capazes*”. Lobato prosseguiu explicitando as bases do método que pretendia convencer o companheiro a empregar: “Adota este sistema: emissões periódicas de papel-moeda declaratório de que na Caixa de Conversão há uma grande reserva de ouro. Esse papel-moeda entra a circular, e ainda na hipótese de não haver nenhum ouro na Caixa de Conversão (hipótese que não é a nossa), produz efeitos fiduciários e enriquece o emissor”.⁴¹⁰

Apesar do nome de Lobato e de Rangel não aparecer na lista dos acionistas da *Revista do Brasil*, o paulista referia-se a ela como “nossa”, considerando-se próximo do grupo que a idealizava. Convidou o amigo para tomar uma assinatura da publicação “de boa estirpe”, “bem aleitada pelo *Estado*”, “a única nesse gênero em todo o país”.⁴¹¹ O futuro editor parecia vaticinar quanto ao destino do mensário, que logo se tornaria o mais lido e importante veículo cultural brasileiro. O impacto de aparecer em suas páginas, afigurou-se, por muito tempo, “o sonho de todo estreante, de todo o candidato à glória no país das letras”, concluiria Edgard Carvalheiro.⁴¹² Era certamente a oportunidade que ambos granjeavam para ampliar a circulação de seus textos.

“Vou acampar na revista e ficar lá à tua espera”⁴¹³, anunciou Lobato, em janeiro de 1916, quando estreava na *Revista do Brasil*, em seu terceiro número, com a narrativa “A

⁴⁰⁶ GRÉSILLON, Almuth. **Elementos da crítica genética: ler os manuscritos modernos**. Tradução: Cristina de Campos Velho Birk... [et al]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 21-25.

⁴⁰⁷ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 334. Carta da Fazenda, 23/10/1915.

⁴⁰⁸ Em carta de 30 de janeiro de 1915, Lobato crítica os métodos e afirma: “Meu hábito em tudo é pôr de lado métodos e seguir as intuições da veneta. Acho a veneta algo muito sério e misterioso, Rangel. É como se uma força dentro de nós cochichasse”. *Ibidem*, p. 301. Carta da Fazenda, 30/01/1915.

⁴⁰⁹ GRÉSILLON, Almuth. **Elementos da crítica genética: ler os manuscritos modernos**. Tradução: Cristina de Campos Velho Birk... [et al], op. cit., p. 23.

⁴¹⁰ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 334. Carta da Fazenda, 23/10/1915.

⁴¹¹ *Ibidem*, p. 340. Carta da Fazenda, 20/01/1916.

⁴¹² CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1955, v. 1, p. 187.

⁴¹³ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 340. Carta da Fazenda, 20/01/1916.

vingança da peroba”. O futuro proprietário realmente “acampou” no periódico, com seus contos, artigos, críticas de artes plásticas, ilustrações, tornando-se quem mais publicou na revista. Fez estampar nela quarenta trabalhos durante os nove anos de existência da primeira fase, figurando em quinze dos vinte e nove volumes lançados antes que viesse a adquiri-la.⁴¹⁴

Rangel, apesar de contar com alguns trabalhos nas páginas de *O Estado de S. Paulo*, sentia-se à margem, principalmente se comparado ao relacionamento do amigo com o grupo do jornal e com o periódico. Lobato tentou mostrar como seriam infundadas as dúvidas de seu interlocutor: “Falas em ‘conquistar’ a *Revista!* Mas a *Revista* é nossa, bobo... Unicamente porque não tens relações com o Plínio, que é quem manda lá dentro, proponho isso de entrares por meu intermédio. Funcionarei apenas como introdutor diplomático”.⁴¹⁵

As propostas de intermediação de Lobato para que Rangel publique seus textos em São Paulo prolongam-se na correspondência, sobretudo nos anos anteriores a sua estreia em livro. Além de “introdutor diplomático” no espaço da imprensa, deliberava acerca das composições que, segundo seu crivo, estariam prontas para a difusão. Entre os tantos episódios: na carta de 4 de agosto de 1915, Lobato revelou sua decisão de publicar um capítulo de *Vida ociosa*, mesmo sem o consentimento do autor, intervindo na correção do texto antes de enviá-lo ao jornal. Em 10 de março de 1916, mostrava-se disposto a copiar e a mandar o texto anteriormente saído no *Minarete*, “Como se faz uma visita”, para *A Vida Moderna*. Em junho de 1921, Lobato manifestou interesse em remeter para a revista *A Novela Semanal* outro trabalho da leva do *Minarete*, o conto “História de bonecas”.

Os gestos de Lobato exprimiam “liberdade” de amigo-leitor, mediação, intervenção, antecipação da prática do futuro editor... Sem o conhecimento das respostas de Rangel às cartas do amigo, não se pode conhecer efetivamente o modo como o autor mineiro lidava com apelos e pressões. Teria havido clara concordância, assentimento silencioso ou reação?

Antes de estar no comando da *Revista do Brasil*, Lobato, nas cartas ao amigo, insistia para que ele aproveitasse a oportunidade de colaborar no mensário:

Não sei de quem será o conto do quarto número da *Revista do Brasil*. Se não for teu, é preciso que o do quinto número o seja. Faço questão de te ver lá, metendo de chancas para o ar os contistas anteriores.⁴¹⁶

Aguardo os contos refundidos, e positivamente estou ansioso de ver-te em letra de forma na *Revista do Brasil*. E é bom que te apresses, porque as revistas

⁴¹⁴ LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit., p. 54.

⁴¹⁵ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 346. Carta da Fazenda, 10/03/1916

⁴¹⁶ Ibidem, p. 349. Carta da Fazenda, 20/03/1916.

no Brasil têm a duração das rosas de Malherbe; e quando morre uma, passam-se anos sem nascer outra.⁴¹⁷

A primeira narrativa que Godofredo Rangel ofereceu à revista, *Os legionários da ciência*, não teve boa acolhida pelos editores. É o que indica a carta de Lobato, em 15 de maio de 1916: “A pandilha do *Estado* recusa o teu *Legionários* como indecente. Se fossem um bocadinho coerentes deviam recusar-se a si próprios, porque são indecentíssimos. Não te incomodes com esses juízos. Não valem um vento intestinal”.⁴¹⁸ Os próprios textos de Lobato tinham sido podados pelo “cauteloso” *O Estado de S. Paulo*, que recusava os pedaços “mais atrevidos e portanto melhores”.⁴¹⁹

Passada a indignação, não lhes convinha romper com o grupo que poderia facultar a eles a inserção privilegiada no campo letrado. Dias depois, o criador do Jeca endereçou carta a Rangel retomando o assunto: “O Pinheiro está aborrecido com o caso dos *Legionários* e com medo de que estejas zangado com a *Revista*.// Não creio que estejas. Como zangar-nos com a única janelinha de que dispomos, aberta para o público?”⁴²⁰

Monteiro Lobato não perde o fôlego, comprometido em fazer emplacar textos de Rangel na imprensa. Escreve, em julho de 1916: “Passou cá uma quinzena o Pinheiro Júnior e está aí a razão da demora na minha resposta. Levou o teu *Tatá* para a *Revista do Brasil*, refundido, com os progressos feitos aqui na fazenda. Vejamos se o povo gosta de coisas assim horrendamente trágicas”.⁴²¹ A versão entregue nas mãos de Pinheiro Júnior, como se depreende da explicação de Lobato, passou por reformulações não autorais, em um trabalho de refusão do texto. Poucos meses antes, Lobato teria sugerido ao amigo extrair de “*Tatá*” uma versão concentrada, reservando-a como estava para o volume. Aconselhara que o conto fosse enviado para *A Vida Moderna*, que também mantinha laços editoriais com o grupo *O Estado de S. Paulo*. Integral ou concentrado o conto não desaguou nas publicações referidas.

Em agosto do mesmo ano, outros detalhes da visita de Pinheiro Júnior foram revelados, como o fato de a narrativa de Rangel ter se sobressaído em meio aos assuntos com secretário do periódico, que desejava saber “se era boa mesmo”, “se era coisa de valor”. Lobato não titubeava em seus elogios:

⁴¹⁷ Ibidem, p. 353. Carta da Fazenda, 23/04/1916.

⁴¹⁸ Ibidem, p. 358. Carta da Fazenda, 15/05/1916.

⁴¹⁹ Ibidem, p. 343. Carta da Fazenda, 07/02/1916.

⁴²⁰ Ibidem, p. 364. Carta da Fazenda, 06/07/1916.

⁴²¹ Ibidem, p. 363. Carta da Fazenda, 06/07/1916.

Não escrevo ao Rangel sugerindo que mande a *Vida* à *Revista*: 1) porque a recusa do primeiro conto foi um grande desaforo e 2) porque não há na *Revista* competência para julgá-lo. O que Rangel vai fazer é dar em livro a *Vida ociosa*, com um sucesso tremendo e vocês terão de convencer-se de que não passam duns asnos⁴²².

A estratégia, todavia, não passava de encenação. Até aquele momento, Rangel parecia demonstrar interesse em publicar o livro, mas sem qualquer registro que o vinculasse a outros editores ou casas-editoras.

Talvez como resultado da bravata lobatiana, o secretário da revista escreveu a Rangel solicitando *Vida ociosa*. Lobato exultou, em agosto de 1916: “Mande depressa a *Vida*, a tempo de apanhar o próximo número – e sairemos juntos. Vou sugerir ao Pinheiro uma convergência *casual* num futuro número da *Revista* de todo o pessoal do Cenáculo – Ricardo, você, eu, Albino, Nogueira e Raul. Que tal a ideia?”⁴²³

Monteiro Lobato voltava a pressionar Rangel para o pronto envio de *Vida ociosa*, expressando o desejo de ocupar a publicação com os companheiros cenaculares. O futuro editor aproveitava para reiterar os benefícios de estampar a narrativa em revista para tê-la em “forma impressa”, para “passar a ferro final”: “Em manuscrito a gente não vê totalmente um livro”.⁴²⁴

A seção “Resenha do Mês”, na edição de agosto de 1916, número oito, anunciava, pela primeira vez, o nome de Godofredo Rangel entre os colaboradores dos próximos números. Lobato iria garantir a sua presença na revista em novembro e dezembro, Rangel ainda teria de aguardar um pouco mais. De viagem marcada à São Paulo, Lobato comprometia-se em conversar com o editor acerca dos contos do amigo: “os convencerei de que és um gênio ainda maior que eu!”⁴²⁵. Finalmente, a edição de janeiro de 1917 marcou a estreia de Godofredo Rangel nas páginas da *Revista do Brasil*.

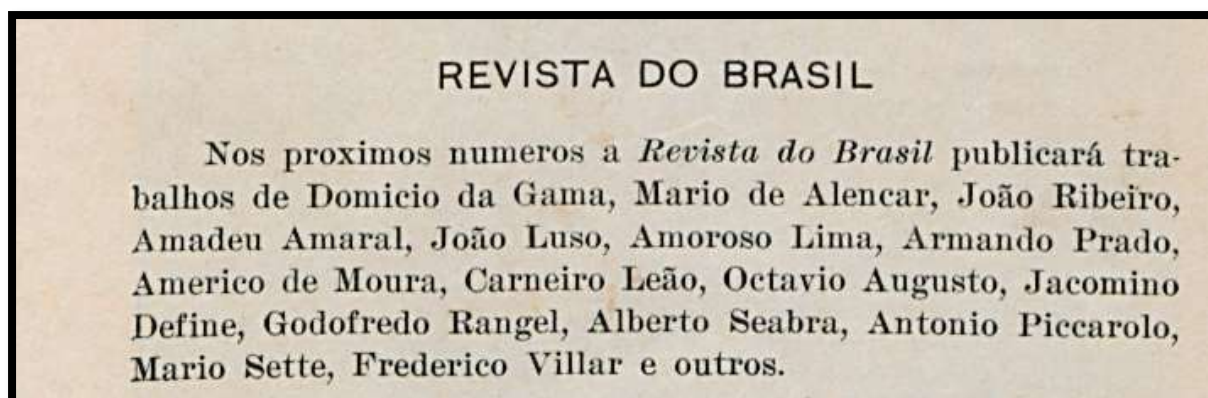
⁴²² Ibidem, p. 368. Carta da Fazenda, 30/08/1916.

⁴²³ Ibidem, p. 368. Carta da Fazenda, 30/08/1916.

⁴²⁴ Ibidem, p. 368. Carta da Fazenda, 30/08/1916.

⁴²⁵ Ibidem, p. 382. Carta da Fazenda, 13/11/1916.

Imagem 13: Página do exemplar digitalizado da Revista do Brasil (n. 8, agosto/1916) constando a relação dos colaboradores com trabalhos a serem publicados nos próximos números do periódico, entre eles Godofredo Rangel.



Fonte: Hemeroteca Digital da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).

Capítulo 3 – Godofredo Rangel na *Revista do Brasil*

“[...] toca para a frente. A frente agora é a *Revista do Brasil*...”
(Monteiro Lobato)⁴²⁶

Godofredo Rangel começou a circular nas páginas da *Revista do Brasil* em janeiro de 1917, publicando o estudo “O estilo de Fialho”. A última colaboração dele no mensário, o conto “O bedel”, ocorreu em abril de 1924. Nesse intervalo de tempo, o escritor figurou em vinte e três números, sem cumprir uma regularidade fixa, conforme se verifica no quadro das publicações.⁴²⁷

Até meados de 1920, a *Revista do Brasil* abrigou trabalhos inéditos de Rangel: “O estilo de Fialho”, “Meu parente”, “O destacamento”, “O oráculo”, “O gordo Antero”, “Passeio ao céu” e “O croisée”. *Vida ociosa*, a despeito de contar com fragmentos difundidos em *O Estado de S. Paulo/Estadinho*, logrou no mensário, pela primeira vez, a versão integral e em sucessão de seus capítulos.

Na edição de julho de 1920, a revista paulistana reproduziu “A retirada da Laguna – (O colérico abandonado sobrevivente)”, estampado, em 1919, nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *A Federação*. O artigo deu início a uma série de textos provenientes de outras fontes, recolhidos na *Revista do Brasil*. Godofredo Rangel, posteriormente, pouco destinou de sua produção especialmente para o mensário.

O ano de 1921 não exibiu a assinatura do escritor. Ao longo de 1922, o periódico circulou quatro títulos rangelinos: “Frases feitas”, “O convescote”, “Mealhas” e “O legado”, os três primeiros semeados anteriormente no jornal *O Dia*. A *Revista do Brasil* decidiu replicar, em 1923, o artigo “Aspectos mineiros”, novamente matéria já ofertada aos leitores de *O Estado de S. Paulo*, em 1922. No derradeiro ano das colaborações de Rangel na *Revista do Brasil*, 1924, circularam os contos “Um animal estranho” e “O bedel”, sendo apenas este último inédito.

Tanto os escritos que granjearam sua primeira versão na *Revista do Brasil* tal como aqueles tomados de outros mananciais propiciaram ao autor mineiro a circulação de seu nome no mensário. No entanto, a natureza das colaborações sinaliza particularidades quanto à atuação e aos vínculos de Godofredo Rangel no núcleo da publicação.

⁴²⁶ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 342. Carta da Fazenda, 20/01/1916.

⁴²⁷ Os registros que reportam o prosador mineiro nas páginas da *Revista do Brasil* se encontram disponíveis no quadro inserido no “Complemento E”.

Tania Regina de Luca, ao analisar o rol de colaborações da revista *A Ilustração*⁴²⁸, aponta a necessidade de relativizar “a prática de englobar na rubrica ‘colaboradores’ qualquer escritor que t[enha] seu nome impresso na revista”. A historiadora traz ao centro do debate a figura do colaborador que, “como ensinam os dicionários, semanticamente remete a cooperar, participar, contribuir, concorrer, produzir em conjunto trabalho ou obra e auxiliar outrem em suas funções.”⁴²⁹ Essa percepção “ativa” da colaboração, o “conteúdo ativo”, pressupõe a “decisão de engajar-se numa empreitada”, fato que nem sempre se constitui em via de regra, como demonstra a pesquisadora partindo de exemplos perscrutados na revista oitocentista.⁴³⁰ Estabelece, assim, uma classificação quanto à categoria de colaboração:

É fundamental não perder de vista, portanto, que o termo colaborador recobre um conjunto diverso de situações que mereceriam ser adjetivadas: *ativos*, no caso de haverem enviado seus textos espontaneamente, terem respondido ao convite do diretor ou de terceiros, podendo ou não receber remuneração; *passivos*, isto é, aqueles cujos escritos foram enviados por outros, mas com a devida anuência do autor; e os *involuntários*, cuja produção foi selecionada pela redação ou remetida por terceiros e estampada sem o conhecimento do produtor original [...]⁴³¹

Todavia, nem sempre é tão simples alcançar as circunstâncias que acompanharam o trajeto percorrido por um texto até sua publicação e, por conseguinte, precisar se essa produção figurou no periódico por decisão do autor, se foi enviada por terceiros ou se resultou de escolha da redação.

⁴²⁸ Editada e impressa em Paris, *A Ilustração*, inicialmente acompanhada do subtítulo *Revista Quinzenal para Portugal e Brasil*, circulou entre 1884 e 1892. As origens do projeto remontam a Elísio Mendes, português residente no Brasil e um dos proprietários da *Gazeta de Notícias* (RJ). Em Paris, o jornalista português Mariano Pina, correspondente do diário carioca, esteve à frente dos trabalhos editoriais. Cada edição seguia, a partir dos portos franceses, para Lisboa e Rio de Janeiro, de onde seguia para o interior dos dois países, indiciando-se, assim, o grau de internacionalização da publicação e da própria cultura no século XIX. O conteúdo da revista também indicia as conexões internacionais, tendo estampado textos assinados por escritores de diversas nacionalidades. Cf. LUCA, Tania Regina de. **A Ilustração (1884-1892): circulação de textos e imagens em Paris, Lisboa e Rio de Janeiro**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

⁴²⁹ *Ibidem*, p. 135.

⁴³⁰ As concepções de autoria ainda eram bastante diversas das atuais, bem como os direitos autorais ainda estavam engatinhando. É neste contexto que se insere a circulação da revista *A Ilustração*, no século XIX. Quanto ao conteúdo e à organização das seções da revista, conclui Tania Regina de Luca: “[...] grande parte do que figurava nas seções – fossem notas de ciências, arte ou crítica literária, produção poética, páginas musicais, excertos ou frases de nomes famosos – provinha de outras fontes, ou seja, originalmente não foram textos escritos com o objetivo de figurar n’*A Ilustração*. Noutros termos, sua presença era fruto da ação do editor ou de seus prepostos, o que reduzia consideravelmente os gastos relativos ao pagamento de colaboradores, mas cobrava seu preço em termos de envolvimento da redação.” *Ibidem*, p. 113.

⁴³¹ *Ibidem*, p. 139.

Guardadas as devidas especificidades e contextos que separam os referidos periódicos, a noção de colaboração proposta por Tania Regina de Luca ilumina mecanismos que auxiliam a apreender a própria participação de Godofredo Rangel na *Revista do Brasil*.

Ao longo de sete dos nove anos que recobrem a primeira fase da revista, distingue-se a atuação do romancista de *Vida ociosa*. Enquanto colaborador ativo do mensário, teria lido e dedicado textos originais. Verifica-se também a presença de colaborações de viés passivo ou talvez involuntárias, no que concerne aos trabalhos publicados em outras fontes recolhidos e replicados pela revista.

Ao que indicia a carta de 14 de fevereiro de 1920, teria procedido do próprio Lobato a ideia de reproduzir o artigo “A retirada da Laguna – (O colérico abandonado sobrevivente)”: “[...] íamos dar na *Resenha do Mês*, da *Revista*, aquele teu estudo sobre o veterano da retirada da Laguna que ainda existe nessa Minas, mas na tipografia perderam-me o original. Manda outro, para que saia no número de março”.⁴³²

Não é possível precisar se costumava ser praxe do proprietário-editor comunicar, de algum modo previamente, a saída dos textos colhidos em outras folhas. Por seu turno, a perda do original, conforme a carta informa, teria sido o ânimo para contatar o autor. *A barca de Gleyre* não registra outras referências aos demais textos reproduzidos.

A diminuição no envio de originais para a *Revista do Brasil* indicava um distanciamento do colaborador que expandia sua atuação em outros órgãos da imprensa. Nessa época, entre 1920 e 1924, Rangel preferiu direcionar inéditos para periódicos como *A Novela Semanal*, *Gazeta de Notícias*, *O Dia*, *O Estado de S. Paulo* e *Novela Mineira*.

Em contrapartida, a retomada de escritos já ventilados na imprensa denotava uma das estratégias para que o nome do escritor pudesse ser trazido à baila na *Revista do Brasil*, haja vista que o tricordiano, além do posto de “amigo escrito” do proprietário da revista, contava com o seu nome entre os integrantes do catálogo da editora.

Enquanto a produção original ocupou o corpo principal do mensário paulistano, os trabalhos transcritos reviveram no interior das seções “Resenha do Mês”⁴³³ (“A retirada da

⁴³² LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 451. Carta de São Paulo, 14/02/1920.

⁴³³ Presente em todos os números do mensário, excetuando-se o octogésimo quinto, a seção *Resenha do Mês* não seguiu um padrão fixo em seu conteúdo. Quanto a sua estruturação interna, oscilou entre períodos nos quais o material não continha qualquer estruturação interna, enquanto em outros apresentava-se dividido e agrupado por subtítulos, constando entre os mais frequentes: movimento teatral; movimento artístico; artes e artistas; bibliografia; mortos do mês; movimento editorial; revista das revistas; curiosidades; variedades; homens e coisas nacionais; homens e coisas estrangeiras; notas de ciência; e vida nacional. Seu espaço foi destinado principalmente para ensaios, conferências, notícias e artigos transcritos de jornais e revistas nacionais e internacionais, além de alguns textos da redação. A despeito de sua denominação, a seção não cumpria um relato ordenado ou um sumário dos fatos ocorridos ao longo do mês, tendo por objetivo principal discutir questões da atualidade com preocupação analítica. Apresentou uma ampla variedade de temas. Chegou a acolher campanhas como a da Liga de Defesa

Laguna”; “Frases feitas”; “O convescote”; “Mealhas”); “Debates e Pesquisas” (“Aspectos mineiros”); e “Curiosidades”⁴³⁴ (“Um animal estranho”).

Uma classificação prévia do conjunto de textos de Rangel no periódico, considerando o gênero discursivo, agruparia:

- Textos não literários/não ficcionais: “O estilo de Fialho”; A retirada da Laguna – (O colérico abandonado sobrevivente); “Frases feitas”; “Mealhas”; “Aspectos mineiros”.
- Textos literários/ficcionais: a integralidade dos capítulos de *Vida ociosa*; “Meu parente”; “O destacamento”; “O oráculo”; “O gordo Antero”; “Passeio ao céu”; “O croisée”; “O convescote”; “O legado”; “Um animal estranho”; “O bedel”.⁴³⁵

A pluralidade das composições permitiu que o público leitor da *Revista do Brasil* vislumbrasse Rangel aventurando-se na escrita de diferentes formatos: nota, artigo, crítica, conto e (capítulos de) romance. Suas narrativas ladeiam as de Afonso Arinos, Monteiro Lobato, Mário Sette, Leo Vaz e Valdomiro Silveira, entre outros, e o maior número das contribuições em prosa na primeira fase da *Revista do Brasil*⁴³⁶ se constituía de escritos de ânimo regionalista.

Apenas “O estilo de Fialho” parece ter sido dado exclusivamente pela revista paulistana. Os demais textos de Rangel trilham vários caminhos na imprensa. Alguns foram transcritos

Nacional; a segunda candidatura Rui Barbosa; a defesa do direito à uma língua própria; as discussões a respeito da qualidade étnica do povo brasileiro; as propostas relacionadas aos problemas higiênicos e eugênicos do país. Outros assuntos abordados na *Resenha do Mês* em mais de uma oportunidade e sob os ângulos diversos, não raro antagônicos, foram: imigração; instituições políticas; relações do Brasil com os países vizinhos; Revolução Russa; Primeira Guerra. Adjacente a esse conteúdo de maior densidade, inseria-se ainda curiosidades variadas (fantasmas célebres, caligrafia dos escritores, o jornal de amanhã, desaparecimentos misteriosos, costumes na câmara inglesa, Napoleão jornalista, superstições irlandesas); temas leves ou humorísticos (os cavalos do diabo, a águia e o aviador, jogo do bicho pelo telégrafo, a ilha de Robson Crusoe, as gafes etc.) e notas sobre invenções, novidades, descobertas e avanços no campo científico e tecnológico (telefone sem fio, automóvel anfíbio, imensidão do universo, idade da Terra, utilização mecânica dos raios solares, mimetismo nos animais, forças físicas, o cérebro, propriedades terapêuticas do sapo, a enguia e seus hábitos, o sono, agricultura mecânica). Coube também à *Resenha do Mês* fornecer um amplo panorama do movimento cultural e artístico, bem como noticiar cursos e conferências, congressos, salões de pintura, espetáculos teatrais, musicais e de danças, exposições de artes plásticas, concursos artísticos, lançamentos editoriais e eventos relacionados à Academia Brasileira de Letras (abertura de vagas, eleições, discursos, reuniões e relatórios). LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**, op. cit., p. 49-50.

⁴³⁴ O espaço para as “Curiosidades” teria figurado por um tempo dentro da seção “Resenha do Mês”, posteriormente transformando-se em uma seção independente, embora, nem sempre, por longo tempo. Caminhos semelhantes trilham as seções “Variedades”, “Notas de Ciência”, “Bibliografia”, “Debates e Pesquisas” e “Notas do Exterior”, encaradas como um esforço para melhor organizar a ampla variedade de assuntos que eram tratados na seção “Resenha do Mês”. LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**, op. cit. p. 50-51.

⁴³⁵ Os textos publicados por Godofredo Rangel na *Revista do Brasil*, com exceção dos capítulos de *Vida ociosa*, foram transcritos e disponibilizados na rubrica “Anexos”.

⁴³⁶ LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**, op. cit., p. 54.

de outros periódicos; outros viriam a reaparecer em outras folhas; além daqueles que lograram posteriormente edição em livro.⁴³⁷

Os capítulos do romance *Vida ociosa*, nas mãos de Lobato, ganharam a forma de livro, passando a integrar o catálogo do selo editorial da revista. Momentos da gênese do romance e de seu preparo para a edição em livro estão registrados em cartas de *A barca de Gleyre*. Os contos, com exceção de “O convescote”, também seriam enfeixados em volumes, mais tarde lançados sob os títulos *Andorinhas* e *Os humildes*, o primeiro deles também vindo à luz por intermédio do editor-amigo.

O mensário estampou textos de intelectuais focalizando o autor de *Vida ociosa* ou a sua produção literária, bem como seções em que anunciou e divulgou a obra do romancista.

3.1 - Textos não literários/ não ficcionais:

[...] tenho curiosidade de te conhecer como *crítico público*, grave e solene.
(Monteiro Lobato)⁴³⁸

O percurso intelectual de Godofredo Rangel mostrou seu vínculo com numerosos jornais e revistas, páginas que abrigaram não só seus textos literários, como artigos, ensaios e críticas. Quando estreou na *Revista do Brasil*, Rangel já contava com algumas “portas” abertas na imprensa brasileira, principalmente em órgãos paulistas. A maioria dos seus textos que circulavam de sua pena eram narrativas, sobretudo, contos. Entre os trabalhos de cunho crítico, no período que antecedeu a sua estreia na revista, sabe-se apenas da existência do escrito, em *A Lanterna*, atacando a ortografia prevista na reforma de 1911; do artigo, no periódico sul-mineiro *O Archivo: Orgam Imparcial*, acerca de *Amor imortal*, de autoria do companheiro José Antônio Nogueira; e das notas sobre Euclides da Cunha, impressas na revista paulistana *A Vida Moderna*.

Nos sete anos de colaboração na *Revista do Brasil*, Rangel subscreveu dez contos, um romance e cinco textos não ficcionais. Estreou no periódico com notas acerca da escrita do luso prosador Fialho d’Almeida, uma de suas leituras formativas. Estudar a língua portuguesa e o uso que dela fizeram escritores renomados era tarefa que ocupava não só Rangel, como Monteiro Lobato, segundo testemunham as missivas que trocaram. Recorriam aos autores

⁴³⁷ Um quadro comparativo da circulação dos textos se encontra disponível no “Complemento F”.

⁴³⁸ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 375. Carta da Fazenda, 08/10/1916.

portugueses como forma de aprofundar o aprendizado da língua, trocavam livros, notas e análises, citavam trechos das obras nas cartas, compartilhavam planos de estudo e exercícios de escrita. A leitura de dicionário, empreitada a que se devotou Rangel, foi também aludida em carta de Lobato, ambos interessados em formar repertório e ampliar as suas expressões literárias.

Professor de português e inglês, o diligente estudioso da língua teria, inclusive, se valido de seu material para organizar uma pequena gramática, *Estudo prático de português*⁴³⁹, lançada no mesmo ano de sua estreia na *Revista do Brasil*. Segundo Enéas Athanázio, o volume, impresso em edição particular, em Santa Rita do Sapucaí, pela “Tipografia e Papelaria do Correio do Sul”, tinha pouco mais de uma centena de páginas, foi prefaciado pelo Prof. Dr. Antonio Affonso de Moraes e dividia-se em cinco partes que tratavam de ortografia, prosódia, vocabulário, redação e observações gramaticais.

Apesar de Rangel e Lobato partilharem o interesse pelo desenvolvimento de seus estilos, o escritor de *Emília no país da gramática* dizia considerar-se distante de obter a conquista da expressão almejada. Encontrou em Rangel um atilado gramático⁴⁴⁰, alguém que o auxiliou nesses meandros, por meio da leitura de seus manuscritos e do apontamento de correções, como nos próprios trabalhos destinados à *Revista do Brasil*. Escreveu Lobato ao amigo, em 12 de outubro de 1916: “Estou com uma ideia: não mando mais nada sem um repasse aí pela tua fieira ou crivo, porque me envergonho muito quando me escapam deslizes, sobretudo maus pronomes. Como é difícil esta peste de língua portuguesa! Haverá alguma pior?”.

Lobato, ao receber crítica de Adalgiso Pereira, professor mineiro que na época desempenhava o ofício de revisor do mensário, acerca de seu conto “O engraçado arrependido”, lembra-se, bem-humoradamente, de Rangel:

[Adalgiso Pereira] está como revisor da *Revista* e queixa-se de meus descuidos e deslizes. Vou responder que o meu colocador de pronomes é você, e também o meu mondador de ingramaticalidades; de modo que qualquer queixa contra mim deve ser encaminhada a você, pois assim encurtamos caminho. A indignação do Adalgiso é contra *O engraçado arrependido*, que mandei sem revisão rangelina, e portanto sujo, cheio de cascas de banana e carurus. O meu lava-cachorro é você, Rangel.⁴⁴¹

⁴³⁹ ATHANÁZIO, Enéas. **Godofredo Rangel**, op. cit., p. 39.

⁴⁴⁰ Alusão à carta de 10/01/1917, na qual Lobato recebe resposta de uma dúvida gramatical que o atormenta acerca de uma silepse que lhe “pareceu asneira” no começo de um artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*. Cf. LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 387.

⁴⁴¹ Ibidem, p. 394. Carta da Fazenda, 22/04/1917.

Entre os escritores portugueses, além de Camilo Castelo Branco se sobressair na correspondência do período⁴⁴², Fialho de Almeida é admirado pelos missivistas, conforme se verifica na carta de Monteiro Lobato, em 3 de outubro de 1917: “Fialho é um estilo, Rangel! São dois os grandes estilos – Camilo e Fialho”. Em nove cartas de *A barca de Gleyre* lê-se o nome do ficcionista português, visto como modelo a ser estudado: “Que estilo! Bárbaro como um huno, belo como a saúde. Estilo que não dá satisfações a ninguém – que não manda dizer”.⁴⁴³

Lobato, que cultivou mormente leituras em francês⁴⁴⁴, chegou a emparelhar gramática e uso da língua. Visando refinar seu repertório linguístico, conta, em 1915, ter recorrido à gramática, em que “a barrigada da língua é mostrada a nu, como a dos capados nos matadouros”. Mas a deixou de lado “para nunca mais, convencido de que das gramáticas saem Sílvios de Almeida, mas não Fialhos. Mil vezes (para mim) as ingramaticalidades destes do que as gramaticalidades daqueles”. Justificava sua preferência por aprender a língua “lendo os que a têm e ouvindo os que falam expressivamente”.⁴⁴⁵

O apreço de Godofredo Rangel pelo autor de *Pais das uvas* encontra-se também em “O estilo de Fialho”, texto em que ecoam, em algumas passagens, ideias gestadas e discutidas em *A barca de Gleyre*. Exercitando sua envergadura crítica, Rangel se valeu de um vocabulário erudito e de sintaxe rebuscada, subdividiu o texto em seis seções e examinou atributos da escrita praticada por Fialho d’Almeida.

Na primeira das subdivisões, enfocou a questão estilística, enumerando os “cinco manadeiros [mananciais] caudalosos” que, em seu modo de ver, contribuía para formar a base estilística do escritor português: a língua comum; o português clássico; o calão popular; estrangeirismos; e neologismos. As necessidades superiores da arte estariam nas “exigências da expressão”, acima de todas as “contingências gramaticais”. Admirava o domínio expressivo do

⁴⁴² O luso ficcionista ocupa grande espaço nos estudos linguísticos, estilístico e literários de ambos os escritores, conforme testemunham as cartas. O nome de Camilo Castelo Branco destaca-se na correspondência, dado o encantamento dos epistológrafos por seu estilo literário, citando-se uma variedade de títulos: *Onde está a felicidade*, *Vingança*, *Anos de prosa*, *Agulha em palheiro*, *Amor de salvação*, *Vinte horas de liteira*, *Os brilhantes do brasileiro*, *A mulher fatal*, *Noites de insônia*, *O regicida*, *Novelas do Minho*, *A Caveira da mártir*, *Eusébio Macário*, *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros*, *A brasileira de prazins*, *O vinho do Porto e Boémia do espírito*. O crescente interesse de Lobato e alguns dos vestígios de suas leituras e comentários acerca do autor português foram abordados na dissertação de mestrado concluída, sob a orientação da Profa. Dra. Therezinha Aparecida Porto Ancona Lopez. Cf. SPAGNOLI, Camila Russo de Almeida. **Monteiro Lobato, o leitor**. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

⁴⁴³ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 310. Carta da Fazenda, 30/03/1915.

⁴⁴⁴ Ana Luiza Reis Bedê detém-se em diferentes aspectos da relação de Lobato com a França, por meio da correspondência e alguns diálogos com a obra do taubateano. Cf. BEDÊ, Ana Luiza Reis. **Monteiro Lobato e a presença francesa em A barca de Gleyre**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

⁴⁴⁵ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 329. Carta da Fazenda, 30/09/1915.

autor: “frases que seriam incaracterísticas ditas por outro, adquirem, caindo de sua pena, uma saliência nítida, como se pela primeira vez fossem escritas”⁴⁴⁶, conforme exemplo:

“O céu era azul” – se outrem o diz, eis uma frase vulgar que perpassa; se é Fialho, deslumbra-nos a amplitude de um imenso côncavo de safira; o que põe em relevo os quilates que um estilo ganha, servido pela colaboração simpática do leitor. São como virtudes suas extrínsecas, de inestimável valor.⁴⁴⁷

Na sequência das notas, o autor reportou-se às “incoerências” que adviriam da espontaneidade discursiva do prosador lusitano, que “diz o que quer dizer, sem se perguntar se não disse ontem o contrário, e reservando-se também o direito de ter outra opinião amanhã.” Para exemplificar, realçou a ambivalência nas críticas de Fialho endereçadas a Eça de Queiroz, o que o levava a concluir: “sua coerência é ser incoerente”.

Adiante, o crítico passa a considerar o escritor lusitano um representante genuíno do estilo moderno da prosa na época, ao empregar novos recursos de dizer. Rangel elencou algumas das características que reconhecia na “arte da prosa” da literatura moderna:

Sabe-se que há uma “arte da prosa”, e que essa arte tem evoluído, tem enriquecido seus processos, buscando condensar no menor volume de palavras, maior capacidade emotiva. Par e passo com esse desenvolvimento, num estreito paralelismo, evoluiu também a preocupação da nota física, sensitiva, ampliando a alçada das letras, levando-as a forçar a fronteira das artes co-irmãs. A prosa é verso, é pintura, é música, é estatuária. Atingimos por esse modo a uma perfeição que é pouco provável que no futuro se ultrapasse. As necessidades dessa nova prosa criaram novos recursos de dizer, que, generalizando-se, originaram essa tão conhecida arquitetura de frase, hoje largamente divulgada, e mesmo barateada, a que se pode chamar – estilo moderno.⁴⁴⁸

Para reforçar sua proposição, Rangel comparou Fialho a Zola, Coelho Neto e Gustavo Barroso, sublinhando na escrita do autor peninsular as riquezas de substantivos e adjetivos, de reticências expressivas, de atributos tomados pelas coisas, de plurais agradavelmente sonoros.

Nas notas de Rangel, outras análises concorrem para esmiuçar o estilo de Fialho, como a maestria no emprego de antíteses, a predileção pelo vocábulo “mil” (registrando algumas das ocorrências). Ele destacou ainda resquícios do naturalismo achados na prosa fialhesca, revelando uma crítica de percepção apurada e resultante de uma cultura literária abrangente:

⁴⁴⁶ Todos fragmentos são extraídos da análise de Rangel, localizados em: RANGEL, Godofredo. O estilo de Fialho. **Revista do Brasil**, São Paulo, v. IV, n. 13, p.53-59, jan. 1917.

⁴⁴⁷ Ibidem, p. 54.

⁴⁴⁸ Ibidem, p. 56.

Modos de dizer estafados do naturalismo, que Fialho não desdenhou:

- a) *Se* interrogativo, em citação indireta, com palavras do autor. “Se tinham visto o artigo de fulano?”
- b) Emprego de *vinham* por *sentiam*. “Vinham-lhe cobardias (*note-se o plural*), transigências graduais em matéria de fé, vacilações atrozes”.
- c) Emprego afrancesado do indefinido *todo*. “Hordas de federalistas, comunistas, todo o arraial de oprimidos”.
“... toda uma arte estrondosa e moderna”. Coteje-se Zola:
“Ce carnaval des dieux, l’Olympe trainé dans la boue, toute une religion, toute une poesie bafouées, semblèrent un régal exquis”.
- d) Improriedade de emprego do indefinido *um*, por influxo francês. “Era tão soberba, que se ficava num pânico”. Confronte-se Zola: “Une chaleur montait de galerie em galerie jusqu’au centre”.
- e) Interrogativas sem resposta, intercaladas em fala de personagens. “Já olhaste bem Lisboa? Vale a pena como estudo de monstruosidade”.

O tópico relativo ao calão popular encontra ressonância nas cartas de *A barca de Gleyre*, quando encerram comentários a Fialho d’Almeida. Na missiva de 12 de fevereiro de 1915, Lobato valorizava a escrita sem rodeios do prosador luso, pois “não assume tom nenhum – é si mesmo no livro todo e vai às do cabo, nada o impede; diz ‘puta’ e ‘fideputa’ quando há mister e onde toda gente poria discretos sinônimos ou rodeios preservatórios dos arminhos e catarros moralísticos”.⁴⁴⁹ Em outra ocasião, ao referir-se ao autor de *A cidade do vício*, declarou: “estilo que não dava satisfação a ninguém – que não manda dizer”.⁴⁵⁰ Rangel colocava-se na mesma sintonia, ao considerar o “traço bem saliente da obra fialhesca, irmão gêmeo do tom categórico, afirmativo, já assinalado, é a liberdade com que diz tudo que quer, cruamente, galegamente, sem eufemismos nem circunlóquios, com a expressão justa, embora porca”.

Concluindo suas notas, Rangel colocou em pauta a versatilidade de Fialho, quando alternava o estilo “sério” e o “picaresco”. Assinalou ainda os traços poéticos de sua prosa: “seu período é cheio, músico, doce de dizer”, tornando-o “quase um poeta”. Como exemplo, transcreveu os seguintes trechos, sem declinar a fonte: “Dizer que uma planta não sofre (**verso de oito sílabas**) – porque se não sabe queixar (**idem**) – na língua em que nós (**de cinco sílabas**) – dizemos asneiras (**idem**) – é um erro profundo (**idem**)”.

O texto de Godofredo Rangel revela um acurado estudioso da obra de Fialho d’Almeida. O crítico compara o luso prosador a outros escritores. Para isso, deteve-se, sobretudo, na linguagem do autor, evidenciando a sua faceta de gramático, professor de línguas, estudioso de dicionários e dos idiomas francês, italiano, espanhol e inglês, além, é claro, a de escritor. Rangel, que era conhecedor da estética naturalista, mostrava-se receptivo em relação à prosa

⁴⁴⁹ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 307-308. Carta da Fazenda, 12/02/1915.

⁴⁵⁰ *Ibidem*, p. 310. Carta da Fazenda, 30/03/1915.

moderna, reconhecendo uma evolução. A despeito do escritor de *Vida ociosa* ter se dedicado apenas à prosa, suas notas demonstravam a sua sensibilidade para poesia.

O número treze da *Revista do Brasil* exibiu no sumário, em seu núcleo básico⁴⁵¹: “Afonso Arinos”, de Olavo Bilac; “A política e o sentimento da humanidade”, de Mario Pinto Serva; “Vaivéns do sonho e da vida”, de Jacomino Define; “Poesia”, de Olegário Mariano; “Livros”, de Medeiros e Albuquerque; “Almeida Júnior”, de Monteiro Lobato; “O estilo de Fialho”, de Godofredo Rangel; “Estética da decadência”, de Octavio Augusto; “Nacionalismo”, de Fred. G. Schmidt; e “O corvo”, de João Kopke. A seção “Resenha do Mês”⁴⁵² enfeixava ainda “Impressões de Nápoles”, de Ricardo Gonçalves; “Defesa Nacional”, de Mario de Alencar; “Os médicos e o futuro do Brasil”, de Miguel Couto; “A missão da mocidade”, de Albino Camargo; “Constança e Ignez”, de Carlos Malheiro Dias; “As cooperativas de consumo nos Estados Unidos”, de John E. Colter; “O elemento sobrenatural na história”, de Horold Temperley; “Desaparições misteriosas”, de John G. Rove; e “As ‘gafes’”, de Américo Scarlatti. Outros grifos não assinados completavam o volume: “As bibliotecas no Brasil”; “O problema do funcionalismo”; “Os amigos dos artistas” e “A utilização dos idiotas”. Acresce ainda as seções “Publicações recebidas” e “As caricaturas do mês”.

Nota-se que, um ano após o lançamento do periódico, materializava-se o propósito de Monteiro Lobato de reunir os companheiros do Cenáculo. O texto de Rangel é precedido pelo de Lobato; já Ricardo Gonçalves e Albino Camargo encerraram sua contribuição na seção “Resenha do Mês”.

Monteiro Lobato, em seu artigo, deteve-se na pintura do paulista Almeida Júnior, notabilizado pelo crítico: “Pinta não o homem, mas um homem — o filho da terra, e cria com isso a pintura nacional em contraposição à internacional, dominante até aí”.⁴⁵³ Nem todas as colaborações dos companheiros cenaculares dedicavam-se a artistas ou temas nacionais. Rangel, como se pôde observar, analisou o estilo de um escritor português. Do poeta Ricardo Gonçalves, falecido em outubro de 1916, o periódico transcreveu uma carta que ele enviara ao pai, narrando as impressões de Nápoles, durante a sua estadia na Itália.

⁴⁵¹ Durante toda a sua primeira fase, a distribuição da matéria na *Revista do Brasil* encontrou o mesmo padrão, abrindo o fascículo um conjunto de ensaios, em geral inéditos, dos mais variados assuntos: direito, economia, história, geografia, filosofia, literatura, artes, arquitetura, engenharia, política, administração, sanitarismo, medicina, entre vários outros. Incluía-se ainda a criação literária, presente em todos os exemplares da revista – contos, poesias, novelas, impressões de viagem e romances publicados em capítulos. LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit., p. 48.

⁴⁵² Principal seção da revista, presente em todos os números, excetuando-se o octogésimo quinto, era composta, sobretudo, por ensaios, conferências, notícias e artigos transcritos de jornais e revistas nacionais e internacionais, além de alguns textos da redação. Sem um padrão fixo, a seção trazia uma variedade de temas abordados. Outras características são apontadas por: Ibidem, p. 49-51.

⁴⁵³ LOBATO, Monteiro. Almeida Júnior. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano II, n. 13, p. 35-52, janeiro 1917.

A transcrição do discurso de Albino Camargo aos bacharelados do Ginásio de Ribeirão Preto talvez não se “afastasse do programa da revista”. Direccionava-se à mocidade, convocando-a para uma atitude engajada: “Alinhai-vos sob a bandeira nacionalista. Acolhei-vos à sombra do nosso glorioso pavilhão. O ‘auriverde pendão da nossa terra’ acena-vos com ‘as promessas divinas da esperança’”. Evocava o poeta romântico Castro Alves, para que se pudesse “formar a alma nacional”. O orador refletia sobre os problemas do país: “Vivemos num regime de ‘fachada’, ‘fitas’, gestos que nada exprimem. As nossas instituições são as mais adiantadas; temos todas as conquistas da civilização. Mas só no papel. As nossas leis são as mais sábias e liberais que existem. Mas não se executam [...]”.⁴⁵⁴

Em carta de 27 de janeiro de 1917, o *magister* do grupo, sem reportar-se diretamente às publicações que exibiam a assinatura dos amigos, deu sinais de seu descontentamento em relação aos rumos que o periódico vinha tomando. Refere-se, primeiramente, de modo sumário, a tão esperada estreia de Rangel no mensário, distanciando-se dos entusiasmos de outrora: “A *Revista* traz o teu *Fialho*. Deves fazer coisa idêntica sobre material nosso”. Instigou, assim, o amigo a entrar em sintonia com a atmosfera nacionalista do mensário. Temia que “a *Revista* est[ivesse] se afastando do seu programa”: “Neste número só falamos de coisas nossas, o Medeiros e eu. Tudo mais é coisa forasteira”. O estudo sobre o escritor português, nessa chave, lhe parecia menos oportuno: “Anda a nossa gente tão viciada em só dar atenção às coisas exóticas, que mesmo uma ‘revista do Brasil’ vira logo revista de Paris ou da China. Nascida para espelho de coisas desta terra, insensivelmente vai refletindo só coisas de fora”.⁴⁵⁵

Rangel, em sua primeira colaboração, parecia frustrar a expectativa de Lobato.

A *Revista do Brasil*, que no editorial do primeiro número expressava “o desejo, a deliberação, a vontade firme de constituir como núcleo de propaganda nacionalista”, parecia, segundo Lobato, ter fugido de seus propósitos. O mensário criticava o “servilismo coletivo” ao estrangeiro: “Pensamos pela cabeça do estrangeiro, vestimo-nos pelo alfaiate estrangeiro, comemos pela cozinha estrangeira [...] calamos, em nossa pátria, muitas vezes, dentro dos nossos lares, a língua materna para falar a língua do estrangeiro!”. O periódico, contudo, alardeando seu caráter plural e aberto, interessado em “tudo quanto é humano”, não pretendia “hostilidade ao estrangeiro”. Logo, o nacionalismo que esposava não era “um grito de guerra

⁴⁵⁴ CAMARGO, Albino. A missão da mocidade. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano II, n. 13, janeiro 1917. Resenha do Mês, p. 98-100.

⁴⁵⁵ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 390. Carta de São Paulo, 27/01/1917.

contra o estrangeiro: é um toque de reunir em torno da mesma bandeira, conclamando, para um pacto de amor e de glória, os filhos da mesma terra nascidos sob a claridade do mesmo céu.”⁴⁵⁶

O conjunto de colaborações na edição de janeiro divide-se em dois grupos. De um lado, trabalhos que, em linhas gerais, poderiam estar enquadrados na temática do nacional, isto é, textos refletindo sobre o Brasil, trazendo questões ligadas ao país ou tangenciando o assunto, ou ainda, a criação literária de autores nacionais. Inclui-se nesta linha os seguintes títulos: no corpo principal – “Afonso Arinos”, de Olavo Bilac; “A política e o sentimento da humanidade”, de Mario Pinto Serva; “Vaivéns do sonho e da vida”, de Jacomino Define; “Livros”, de Medeiros e Albuquerque; “Almeida Júnior”, de Monteiro Lobato; “Nacionalismo”, de Fred. G. Schmidt; na seção “Resenha do Mês” – “Defesa Nacional”, de Mario de Alencar; “Os médicos e o futuro do Brasil”, de Miguel Couto; “As bibliotecas no Brasil”; “O problema do funcionalismo”; e “A missão da mocidade”, de Albino Camargo.

Um segundo grupo reúne textos que focalizaram aspectos de culturas estrangeiras, seja no campo da literatura, das artes, ou de qualquer aspecto da vida fora do país, ainda que assinados por intelectuais brasileiros, além de matérias de cunho universalista/generalista e transcrições de escritos produzidos no exterior. Insere-se nesta divisão, no corpo principal: “Baco” e “Os elfos” (tradução de poema de Leconte de Lisle), de Olegário Mariano, na rubrica “Poesia”; “Livros”, de Medeiros e Albuquerque, abordando a tradução empreendida por Victor Godinho da peça *Don Quichotte*, adaptação de Jean Richepin; “O estilo de Fialho”, de Godofredo Rangel; “Estética da decadência”, de Octavio Augusto, se valeu de exemplos da literatura estrangeira, mencionando Dostoiévski, Byron, Shelley, Baudelaire e outros; “O corvo”, de Edgar Allan Poe, tradução e notas de João Kopke. Na seção “Resenha do Mês”: “Impressões de Nápoles”, de Ricardo Gonçalves; as transcrições de textos difundidos em outros periódicos, parte deles estrangeiros: “Constança e Ignez”, no qual Carlos Malheiro Dias recuperou as relações de infidelidade entre a dama de companhia Inês de Castro e a princesa D. Constança, publicado em *O Paiz* (RJ); “As cooperativas de consumo nos Estados Unidos”, de John E. Colter, estampado em *The Outlook* (Nova York); “Os amigos dos artistas”, oferecido na revista literária *Il Marzocco* (Florença); “O elemento sobrenatural na história”, de Horold Temperley, circulado na *Contemporary Review* (Londres); “A utilização dos idiotas”, transcrito da revista *Minerva* (Roma); “Desaparições misteriosas”, de John G. Rove, saído no *Chambers’s Journal* (Londres); “As ‘gafes’”, de Américo Scarlatti, também escoado na revista *Minerva* (Roma).

⁴⁵⁶ REVISTA do Brasil. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1-5, 25 jan. 1916.

Monteiro Lobato creditava apenas o seu ensaio e o de Medeiros e Albuquerque a designação “coisas nossas”. Sob a rubrica “Livros”, Medeiros e Albuquerque dividiu sua extensa crítica em dois momentos. O ensaísta principia indagando: “Que é, com precisão o que procuram os leitores de uma revista, quando leem artigos do que se chama a crítica literária?” Discute, na sequência, o personalismo que marca grande parte das críticas, tomando como exemplo dois dos representantes do gênero, Sílvio Romero e José Veríssimo. Coloca em pauta a inviabilidade da “crítica científica”: “Quando se achar o meio de determinar com segurança a qualidade e quantidade de beleza das obras de arte e que essa qualidade e quantidade sejam fatalmente encontradas por todos os que as examinarem, então – e só então – se poderá realmente falar em crítica científica”. Advoga, por fim, em favor de uma crítica “impressionista”, ou seja, na qual “o apreciador dos trabalhos diga a impressão que eles lhe produziram!”⁴⁵⁷. Depois desse preâmbulo, o autor se volta para o objeto de sua crítica: a tradução em versos em língua portuguesa, assinada por Victor Godinho, da peça *Don Quichotte*, adaptação empreendida pelo escritor de expressão francesa Jean Richepin do clássico espanhol de Miguel de Cervantes.

A julgar pelos comentários da carta de 27 de janeiro de 1917, é provável que o autor de *Urupês* tivesse se atentado apenas para os primeiros momentos do texto do crítico recifense, desconsiderando que o núcleo dele fosse a análise da tradução de um livro estrangeiro. Não se pode precisar os motivos pelos quais Lobato não tenha evocado outros escritos mais afeitos à matéria nacional, sobretudo as colaborações de Olavo Bilac, Mario Pinto Serva e Fred. G. Schmidt. Sem acesso às cartas de Rangel, não se pode hoje conhecer a sua reação em face das (contraditórias) ponderações lobatianas.

Afora “O estilo de Fialho”, a *Revista do Brasil* não trouxe outras colaborações não literárias de Godofredo Rangel. Artigos, notas e críticas da autoria dele, enquadrados no escopo fixado por Lobato (“material nosso”), frequentariam as páginas do mensário, quando teve à frente o taubateano. Contudo, não passariam de transcrições de materiais difundidos em outros periódicos, dispostos nas seções “Resenha do Mês” e “Debates e Pesquisas”, em diferentes números, sem um padrão ou periodicidade fixados, e variando também quanto aos assuntos. Ainda assim, serviram para promover a circulação do nome de Rangel.

Na época da difusão do estudo sobre a obra de Fialho, Rangel era ainda inédito em livro, mas por ocasião das transcrições, já integrava o catálogo da casa-editora. Pode-se pensar que a republicação dos seus trabalhos era um meio de divulgar o escritor mineiro. Lobato, perspicaz

⁴⁵⁷ ALBUQUERQUE, Medeiros e. Livros. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano II, n. 13, p. 24-34, janeiro 1917.

quanto à importância da *Revista do Brasil* para a editora, soube valer-se de suas páginas como uma grande vitrine para si e para os seus produtos.⁴⁵⁸ Tratava-se de uma estratégia do empresário-escritor para familiarizar os leitores com autores lançados, auxiliando em sua divulgação e circulação.⁴⁵⁹

Praticamente três anos e meio depois das notas acerca do escritor português, o número 55, de julho de 1920, reimprimiria “A retirada da Laguna – (O colérico abandonado sobrevivente)”, texto que já havia sido divulgado em *O Estado de S. Paulo* e *A Federação*. Recuperando o episódio da Guerra do Paraguai, narrado por Alfredo d’Escagnolle Taunay⁴⁶⁰, Rangel direcionou sua pena para retratar o sobrevivente Calixto Medeiros de Andrade⁴⁶¹ e as peripécias que envolveram sua fuga. Confronta partes do depoimento do soldado e do tenente-memorialista: “O acento de veracidade com que Calixto narra suas aventuras, o conceito em que é tido de homem digno de crédito, trazem a convicção de que suas palavras exprimem a verdade”.⁴⁶²

A produção de Rangel em *O Dia*, a despeito de ter sido referida por Lobato, em carta de 21 de maio de 1921, como “coisas que de fato não são da melhor colheita”, encontra guarida na *Revista do Brasil*. Em meados de 1922, o escritor, há quase dois anos sem figurar no mensário paulistano, contou com transcrições das notas “Frases feitas” (n.77/maio) e “Mealhas” (n.79/julho).

Em “Frases feitas”, questões linguísticas novamente seriam enfocadas, especificamente no uso das “frases feitas”, cuja repetição cotidiana contribuía para que se perdesse a sua

⁴⁵⁸ LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit., p. 72.

⁴⁵⁹ Tania Regina de Luca destaca as seções da revista que cumpriram essa função, tais como: “Notícias Literárias”, que anunciava os livros antes de serem lançados; “Movimento Editorial”, na qual eram listadas as obras editadas, sua tiragem e os próximos lançamentos, tanto da editora lobatiana quanto dos concorrentes; “Bibliografia”, na qual, depois de publicada, a obra era apreciada; “Resenha do Mês”, em que se transcrevia qualquer comentário elogioso, procedente de outros órgãos de imprensa; “A Literatura Nacional no Estrangeiro”, no qual eram compiladas as críticas provenientes de jornais e revistas do exterior, com especial destaque para os livros editados por Lobato; “Galeria dos Editados”, uma página inteira em papel *couché* com o retrato de autores que tiveram seus livros publicados pela casa. *Ibidem*, p. 72-75.

⁴⁶⁰ “A Retirada da Laguna é considerado um episódio secundário da Guerra do Paraguai ocorrido entre os anos de 1865 e 1867, desenvolveu-se no teatro de operações da região sul da antiga Província de Mato Grosso; o trajeto e a vivência cotidiana da Coluna que em princípio fora formada por ordem de d. Pedro II para “salvar” as terras mato-grossenses da “invasão” paraguaia foi marcada por uma série de imprevistos, improvisos e toda sorte de intempéries; a Retirada marcou fundamentalmente a história e a memória do Exército Brasileiro, entretanto o que teria sido o maior fracasso dessa instituição ganhou vida e foi narrada de forma épica pelo engenheiro militar Alfredo d’Escagnolle Taunay.” MARIN, Jérri Roberto; SQUINELO, Ana Paula. Entre trilhas turísticas e marchas cívicas: as múltiplas apropriações da Retirada da Laguna em Mato Grosso do Sul. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 9, n. 2, jul.-dez., 2016. Notas, p. 374.

⁴⁶¹ Nascido em 1847, natural, não de Bagagem, mas de Santo Antônio do Boqueirão, município de Paracatu, ocupava o posto de segundo tenente ao receber a sua baixa. Residiu na cidade em Estrela do Sul, município de Minas Gerais. RANGEL, Godofredo. A retirada da Laguna – (O colérico abandonado sobrevivente). *Revista do Brasil*, São Paulo, ano V, n. 55, julho de 1920. Resenha do Mês, p. 272.

⁴⁶² *Ibidem*, p. 269-272.

expressividade, tornando-se “bagaço inerte, incolor”. Entretanto, segundo Rangel, “na arte de bem dizer” alcança-se a capacidade de revivê-las. O estudioso da língua portuguesa recorreu a excertos literários de Machado de Assis, Calderon de la Barca, Camilo Castelo Branco, Lamartine, Monteiro Lobato, entre outros, para exemplificar como “frases velhas” podiam “revisar, ostentar-se, primorosas, dando realce ao estilo”.⁴⁶³

Em “Mealhas”, são reunidas notas curtas do escritor sobre diversificados assuntos, afastando-se do propriamente “nosso”, para embarcar em breves reflexões sociais, morais, comportamentais, filosóficas etc.:

A filosofia é como as armas: dela pode fazer-se bom e mau uso.

A vida é boa – nós é que não sabemos vivê-la. Queremos que ela se adapte a nós, em vez de nos adaptarmos a ela.

Em todo o negócio há sempre um pouco de favor, duma ou doutra parte. Recebe o favor o que mais precisa ou o que menos esconde sua necessidade.

Se aos moços aterra a ideia de que um dia serão velhos, é porque veem a velhice com os olhos da mocidade. Acham-na horrivelmente triste. Seria assim triste, se envelhecêssemos repentinamente, aos vinte anos. Mas não! Preparamo-nos, adaptamo-nos, e se em moços nos é doloroso renunciar à vida, que enxergamos bela, velhos o sacrifício não será grande, tão árida, inútil e amargurada a verão nossos olhos através das recordações das mágoas sofridas.⁴⁶⁴

Se essa produção que circulou em *O Dia* não havia caído nas graças de Lobato, por que ele decidiu replicá-la em sua revista? Teria feito uma nova apreciação ou estaria buscando modos de se retratar com o companheiro que criticara na época do escrito sobre Fialho, a fim de trazer trabalhos não literários dele de volta ao mensário? Sem que se possa obter uma resposta precisa, tais transcrições lograram, de certo modo, circular novamente o nome de Godofredo Rangel nas páginas da *Revista do Brasil*, mesmo que esparsamente e apesar das insistências de Lobato. Rangel, contudo, nessa mesma época, exercitou-se em formatos não literários, destinando-os a outros periódicos.

Último texto enquadrado neste tópico, a crítica “Aspectos mineiros” saiu na *Revista do Brasil*, em março de 1923, e figurou no interior da seção “Debates e Pesquisas”, depois de ter sido difundida em *O Estado de S. Paulo*. Nela, Rangel retomava as origens nômades do ser humano, em sua “verdadeira liberdade”, rasurada pela modelagem da civilização. Do anseio recalçado, adviria o encanto geral pelas narrativas de viagens: “Não preciso ir, como Júlio

⁴⁶³ RANGEL, Godofredo. Frases feitas. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 77, maio de 1922. Resenha do Mês, p. 79-81.

⁴⁶⁴ Idem. Mealhas. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 79, jul. 1922. Resenha do Mês, p. 267-269.

Verne, ao cabo do mundo, para fruir sensações idênticas. Mesmo próximo a nós há maravilhas que encantem o espírito”. Era o caso das excursões pelo estado de Minas, publicadas nos dois volumes das *Memórias Corográficas*, de Álvaro da Silveira, assunto de que se ocupou o resenhista. Diversos trechos da narrativa de aventura são retomados na resenha para ilustrar uma obra que não possuía “o defeito da monotonia”. Na conclusão, Rangel valorizou o depoimento “honesto e criterioso” do então engenheiro-chefe da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de Minas: “observando como são escassos os dados que possuímos sobre o que é nosso, julgou o autor de seu dever registrar o que viu e ouviu, quer em relação às terras que andou, como a seus habitantes, tornando assim o seu trabalho um repositório de informações conscienciosas sobre coisas mineiras”.⁴⁶⁵

A atuação de Godofredo Rangel enquanto crítico, articulista e dedicado a outros gêneros não literários permaneceu praticamente inexplorada em sua fortuna crítica. Quando iniciou a colaboração na *Revista do Brasil*, Rangel começava a se projetar na imprensa, colaborando em outros periódicos e já figurando, mesmo que espaçadamente, em veículos de maior expressão cultural, como *O Estado de S. Paulo*. Se a produção literária que ele destinou ao mensário paulistano passaria futuramente a integrar seus livros ou seria retomada em outros órgãos da imprensa, no caso dos textos não ficcionais, os periódicos acabaram se tornando repositório da circulação desse material.

Em relação aos textos literários enfeixados na *Revista do Brasil*, o conjunto não literário de Rangel afigurou-se numericamente menor, sendo “O estilo de Fialho” o único a contar com versão exclusiva. De sua produção crítica entre 1917 e 1924, apenas um artigo, aquele dedicado ao poema *Juca Mulato*, de Menotti Del Picchia, nas páginas do jornal mineiro *Correio do Sul*, de fevereiro de 1918, ficaria de fora da coleção do mensário, no período em que Monteiro Lobato ainda não estava à frente do periódico paulistano. A revista tinha oferecido aos seus leitores praticamente toda a produção não ficcional do escritor daquele período, em número menor do que a literária, equivalência que seria guardada no percurso editorial do autor.

⁴⁶⁵ RANGEL, Godofredo. Aspectos mineiros. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VIII, n. 87, mar. 1923. Debates e Pesquisas, p. 278-282.

3.2 – Trajetórias e momentos de *Vida ociosa*: gênese, circulação e preparação da edição

Vais ver a *Vida ociosa* classificada como a melhor coisa até hoje aparecida na *Revista do Brasil*. Eu chego a ter inveja. Tu me alijaste para a esquerda, bandido!

(Monteiro Lobato)⁴⁶⁶

Vida ociosa, primeiro romance de Godofredo Rangel dado ao público, circulou em diferentes suportes, antes e depois de sua publicação em volume, em 1920, tendo sido difundido em unidades independentes, ou em capítulos dados em sucessão. É certamente o trabalho do escritor que mais recebeu comentários, críticas e divulgação na imprensa da época⁴⁶⁷ e do qual se ocupou a maior parte das pesquisas que debruçaram sobre a obra de Godofredo Rangel⁴⁶⁸, afóra as cartas trocadas com Monteiro Lobato.

⁴⁶⁶ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 399. Carta da Fazenda, 06/07/1917.

⁴⁶⁷ Alguns deles, em ordem cronológica:

LIVROS do dia. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano II, n. 559, p. 7, 28 dez. 1920.

22.000 volumes num mês! **D. Quixote**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 192, 12 jan. 1921

LIMA, Augusto de. Notas Literárias. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, ano IX, n. 1.739, p. 2, 25 jan. 1921.

LIVROS Novos. **Pequeno Jornal: Jornal Pequeno**, Pernambuco, ano XXIII, n. 31, p. 4, 9 fev. 1921.

LIVROS Novos. **Pequeno Jornal: Jornal Pequeno**, Pernambuco, ano XXIII, n. 33, p. 4, 11 fev. 1921.

ATHAYDE, Tristão de [pseud. Alceu Amoroso Lima]. Bibliografia. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano III, n. 606, p. 2, 14 fev. 1921.

SILVA, João Pinto da. *Vida ociosa* – romance de Godofredo Rangel. **A Federação: Orgam do Partido Republicano**, Rio Grande do Sul, ano XXXVIII, n. 71, p. 1, 28 mar. 1921.

LIVROS Novos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 8.123, p. 3, 30 mai. 1921.

VAREJÃO, Lucilo. Uma bela audácia. **Jornal de Recife**, Pernambuco, ano LXIV, n. 243, p. 3, 13 set. 1921.

FALCÃO, Ildefonso. Um grande novelista argentino. **Careta**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 697, 29 out. 1921.

LEIAM. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IV, n. 15, 1º ago. 1922.

LEIAM. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IV, n. 16, 16 ago. 1922.

LEIAM. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IV, n. 17 e 18, 7 set. 1922.

A MODERNA literatura brasileira – as melhores obras. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IV, n. 19, 1º out. 1922.

MOURA, Emilio. *Vida ociosa*. **A Revista**, Belo Horizonte (MG), ano I, n. 3, p. 20-22, set. 1925.

KNOCK-OUT. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XLV, n. 16.191, p. 7, 17 fev. 1929.

⁴⁶⁸ MURARI, Luciana. As artes da ficção: Oliveira Vianna e a imaginação literária regionalista de Godofredo Rangel e Afonso Arinos. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 45, p. 289-315, junho 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752011000100013&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em 2 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752011000100013>.

SILVA, Ana Cláudia da. Godofredo Rangel romancista. In: PEREIRA, Cilene Margarete; CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. (Org.). **Minas Gerais: Diálogos - Estudos de Literatura e Cultura**. Curitiba: Prismas, 2013, p. 47-76.

SILVA, Danyelle Marques Freire da. A constituição do espaço em *Vida Ociosa*, de Godofredo Rangel. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, Três Corações (MG), 2013.

TIN, Emerson. Fragmentos da gênese de *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel, n.º *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 129-135.

VIOTTI, Fernando Baião. Um romance na encruzilhada: *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel. **RECORTE** (UNINCOR), v. 14, p. s/n-s/n, 2017.

A trama do romance centra-se em episódios vivenciados por Dr. Félix, narrador-personagem, em sua fuga da atribulada vida de juiz. Ele encontra refúgio no cotidiano simples da vida interiorana: as conversas, as contações de histórias, as fartas refeições, as horas de ócio e tédio, a observação da vida e dos costumes, as digressões modeladas sem pressa nenhuma, como observa Alphonsus de Guimarães Filho.⁴⁶⁹ No capítulo inicial “A estrada”, acompanha-se a descrição minuciosa do caminho feito pelo juiz, em uma de suas viagens à fazenda Córrego Fundo, em visita ao casal de amigos Próspero e siá Marciana, pais de Américo.

O subtítulo “romance da vida mineira”⁴⁷⁰ chegou a ser alvo de debate. Enéas Athanázio relata que o crítico gaúcho João Pinto da Silva teria julgado inadequada a denominação “romance”, contestando a falta de enredo em *Vida ociosa*.⁴⁷¹ Logo nas primeiras páginas da narrativa, ganha corpo a descrição da paisagem rural. O autor espraia-se na composição dos episódios e na figuração das personagens. Antonio Candido aponta a tendência de Rangel ao rebuscamento, característica de uma “escrita caligráfica”:

Os seus livros parecem revelar a cada passo, sob a monotonia tipográfica, um original amorosamente traçado a mão, segundo a velha arte que se foi perdendo com a imprensa, depois com a máquina datilográfica, e subsiste em espírito no estilo deles, animando, como a folha perdida, mas estuante de um palimpsesto, o molde impessoal da letra de forma.⁴⁷²

Flora Süssekind reconhece na escrita caligráfica de Godofredo Rangel uma força de oposição à “padronização, via dicção jornalística, então em voga” na época do escritor, um meio de refutar a “dominância de uma leitura distraída, apressada, e de uma prosa mais perto da notícia do que da invenção”. De acordo com a crítica literária que analisou o diálogo entre literatura e técnica na escrita dos fins do século XIX até os anos 1920, Godofredo Rangel reagia “à modernização urbana, à difusão de novos artefatos industriais e à crescente profissionalização dos homens de letras”.

Essa resistência também será consubstanciada em recursos empregados pelo autor em seu romance de estreia, como o alargamento do presente. Praticamente metade da narrativa se concentra em um único dia da visita de Félix à fazenda Córrego Fundo. O ritmo da própria narração era diferente daquele que vinha se impondo à vida naquelas primeiras décadas do

⁴⁶⁹ GUIMARÃES FILHO, Alphonsus de. et. al. A Opinião dos “Novos”. In: SAMPAIO, Márcio (Org.). **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano XIX, n. 947, p. 8, 24 nov. 1984.

⁴⁷⁰ Trazido na edição de 1920 da *Revista do Brasil*/ Monteiro Lobato & Cia, é abandonado nas versões posteriores.

⁴⁷¹ Em ensaio sobre a obra, depois recolhido ao volume *Fisionomias de novos*. ATHANÁZIO, Enéas. Posfácio. In: RANGEL, Godofredo. **Vida ociosa**, op. cit., p. 109.

⁴⁷² CANDIDO, Antonio. Literatura caligráfica. In: RANGEL, Godofredo. **Falange gloriosa**, op. cit., p. 7.

século XX: “[...] mesmo os movimentos dos personagens são medidos, vagarosos; sua fala, arrastada; a conversa, uma sucessão de casos e recordações narrados sem pressa”. Até mesmo o jurista-narrador, oriundo da cidade e em visita aos amigos da fazenda, “orientado, pois, por diferentes coordenadas temporais, deixa-se invadir por esse ritmo lento, por essa semi-imobilidade do tempo”.

Süssekind considera que Rangel, “mais do que reconstituir cenas interioranas, o que buscaria restaurar, efetivamente, em seu livro seria a figura mesma do narrador”. Narrador-calígrafo que, com “cuidado artesanal”, assim como o do escritor, tenta fixar, de alguma forma, esse universo que agoniza.⁴⁷³ No mesmo sentido, Flávia Arlanch M. de Oliveira considera a narrativa de *Vida ociosa* uma escrita apoiada em “idealizações de um mundo que não mais existia, ou prestes a acabar, e ele se apegou a sinais indelévels que permaneciam presentes numa sociedade pronta a iniciar um processo de mudanças”.⁴⁷⁴

Momentos da gênese de *Vida ociosa* podem ser acompanhados nas cartas de *A barca de Gleyre*. Godofredo Rangel encontrava em Monteiro Lobato um leitor-entusiasta. Em diversas passagens da correspondência, Lobato comentou a narrativa – personagens, enredo, construções linguísticas –, testemunhando os bastidores da criação do texto, de sua publicação na *Revista do Brasil* e em volume, bem como a recepção crítica da obra.

Águas e arvoredos parece ter sido o primeiro título de *Vida ociosa*⁴⁷⁵. Em fevereiro de 1915, Lobato escreveu a Rangel:

Em *Águas e arvoredos* vejo-te em casa. Um suave ceticismo de paina. Paisagista dos seres humildes. Na cena da porteira eu senti a alma das porteiras – de todas as porteiras. Na cena final da mosca pintas como um mestre do claro-escuro, tal é o contraste entre as palavras e a ação. O que ali dizes, habilmente converge para entremostrear o que não dizes – e no que não dizes está tudo quanto queres dizer para a compreensão total duma alma toda paradoxos.⁴⁷⁶

⁴⁷³ Em sua tentativa de reavaliação da produção literária brasileira, Süssekind sugere uma história da literatura nacional que “leve em conta suas relações com uma história dos meios e formas de comunicação, cujas inovações e transformações afetam tanto a consciência de autores e leitores quanto as formas de representação literárias propriamente ditas”. É nessa chave de leitura, que alguns elementos da narrativa de Rangel são examinados. Cf. SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**, op. cit.

⁴⁷⁴ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. **(A)Cerca de um tempo: representação das identidades mineira e paulista em Godofredo Rangel e Monteiro Lobato (1903-1921)**, op. cit.

⁴⁷⁵ Cf. CUNHA, Fausto. Godofredo Rangel, calígrafo. In: **Situações da ficção brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1970, p. 110-116. Fac-símile localizado no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Fundação Cultural de Blumenau (SC).

⁴⁷⁶ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 303. Carta da Fazenda, 03/02/1915.

Os comentários sugerem a leitura de passagens dos capítulos “A estrada” e “Ao café” de *Vida ociosa*, nos quais o narrador-personagem se detém, respectivamente, na porteira que dava acesso à fazenda do Córrego Fundo e na mosca que pousara em seu copo, durante o café com os anfitriões.⁴⁷⁷

O “borrão”⁴⁷⁸ de Rangel chegava às mãos de Monteiro Lobato e retornava com anotações da leitura, além de comentários nas cartas. Comentou Lobato em 6 de fevereiro de 1915: “Já li o segundo fascículo de *Vida ociosa* e agradou-me ver os tipos se irem definindo, firmes. Emergem do limbo. Até o Américo, que na primeira parte me pareceu informe e incapaz de varar todo um romance como tipo, sem recorrer a muletas, aprumou-se e vai numa beleza”. Outras construções são anotadas pelo interlocutor: “A cena das galinhas: muito pitoresca, embora prejudicada pelo desenvolvimento excessivo, como farei ver em nota no original. E tudo o mais no mesmo diapasão”.⁴⁷⁹

Em 1º de agosto de 1915, após a leitura da totalidade do manuscrito de *Vida ociosa*, Lobato escreveu a Rangel transmitindo o seu entusiasmo:

Acabo de ler a última parte de *Vida ociosa* e corro ao papel para que nada se perca do calor da primeira impressão. Confesso que as partes anteriores me deram a suspeita de que em vez de um romance com desenlace, a coisa te saísse simples crônica da vida roceira. Enganei-me. Parabéns! O Capítulo do Sô Quim está magnífico de observação e graça: é da gente rir como em Mark Twain. Aquele “ajutório”, aquele “fazer companhia”, oh, aquilo é ouro. O remate, a seca do cliente, a surpresa do anel e a criação da escola são uma obra-prima de beleza, emoção e arte. A publicação desse livro vai ser um acontecimento literário. Coelho Neto, nada! Acadêmicos, nada! Você vale todos os romancistas da Academia de Letras.// Vou levar ao Ricardo o manuscrito, porque faço questão de que ele se convença por si mesmo do que sempre eu disse do Rangel. E desde já te dou o meu voto para o primeiro do Cenáculo, lugar que deixo de aspirar, já que o PRIMEIRO é você. Homem feliz! Empreendeste uma viagem longa e desalentadora e chegaste à meta. Hoje estás no ponto em que é só escrever e publicar: a crítica só terá carinhos com você. Uma coisa ainda aconselho: podar as camilices enxertadas na primeira parte. Estou convencido de que o vocábulo fora da moda, fóssil ou raro, é “pedra” de banana-maçã. O teu estilo é o desta última parte. Nela não há ressaibo de Camilo nem de ninguém: tudo ali é Godofredo até ao sabugo das unhas.// Adeus, Grande!⁴⁸⁰

⁴⁷⁷ Outras cartas de *A barca de Gleyre* seguem a designação *Águas e arvoredos*: 25/07/1906 e 30/01/1915.

⁴⁷⁸ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 301. Carta da Fazenda, 30/01/1915.

⁴⁷⁹ Ibidem, p. 304. Carta da Fazenda, 06/02/1915.

⁴⁸⁰ Ibidem, p. 324-325. Carta de São Paulo, 1º/08/1915.

Para Lobato, Rangel parecia distanciar-se do estilo de escritores como Coelho Neto, mas não tinha perdido a ressonância estilística do autor de *Amor de Perdição*.⁴⁸¹ Em outra carta, três dias depois, tendo agora também a opinião do professor mineiro Adalgiso Pereira, insistiu na ideia de que no texto “Camilo está demais”⁴⁸². Lobato também compartilharia os originais com Ricardo Gonçalves e Purezinha: “Aclamamos-te o Dickens do romance nacional”.⁴⁸³

Em 4 de agosto, Lobato comunicou ao amigo a decisão de publicar o penúltimo capítulo de *Vida ociosa* em rodapé do *Estadinho*: “Vamos dar o capítulo, o penúltimo, em rodapé no *Estadinho* sem consentimento teu”.⁴⁸⁴ Lobato utilizou a primeira pessoa do plural, considerando possivelmente a avaliação positiva de amigos com quem teria compartilhado o manuscrito. Entretanto, a tarefa ficaria incumbida unicamente a ele, ao menos é o que se constata na carta seguinte, praticamente um mês depois, quando dá notícias dos rumos da empreitada: “remeti o *Estadinho* em que saiu o capítulo da *Vida ociosa*. Como não estava revisto, veio-me a liberdade de, ao copiá-lo, fazer umas correçõezinhas, do que humildemente te peço perdão”.⁴⁸⁵

Rangel é o autor de *Vida ociosa*, o “eu” “que escreve, que se lê, que se autocomenta e se autocensura, que reescreve”⁴⁸⁶, quem assinou o livro. Monteiro Lobato, dispondo do manuscrito para leitura e apontamentos, permitiu-se, contudo, publicar o texto do amigo, mesmo “sem o consentimento” dele. Colocando-se ainda como *alter ego* de Rangel, permitiu-se, igualmente, intervir no texto ficcional. Embora empregue o diminutivo (“correçõezinhas”), não é possível hoje saber a natureza e a amplitude das intervenções estilísticas cumpridas, nem se elas teriam eventualmente modificado o trecho. Na época, Lobato não desempenhava propriamente a tarefa de editor de Rangel, todavia, é possível pensar nas “correçõezinhas” como uma “antecipação” desse posto.

Desconstruindo a imagem do intelectual ensimesmado, solitário em sua torre de marfim, a correspondência pode desvelar escritores em um vigoroso comércio de opiniões, quando partilhavam obras em manuscritos. O autor confia em seu destinatário, que atua decisoriamente,

⁴⁸¹ Éneas Athanázio reconhece ainda a influência do autor luso na escrita do romance *Falange gloriosa*, apontando o abuso no descritivo e na caricatura, assim como o uso reiterado de expressões e vocábulos arcaicos e em desuso, mesmo na época em que o livro foi escrito. O biógrafo lista alguns termos presentes no texto de Rangel identificados em *Amor de Salvação*. Cf. ATHANÁZIO, Enéas. **Godofredo Rangel**, op. cit., p. 73.

⁴⁸² LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 326. Carta de São Paulo, 04/08/1915.

⁴⁸³ Ibidem, p. 325. Carta de São Paulo, 04/08/1915.

⁴⁸⁴ Ibidem, p. 325. Carta de São Paulo, 04/08/1915.

⁴⁸⁵ Ibidem, p. 326. Carta de São Paulo, 07/09/1915.

⁴⁸⁶ GRESILLON, Almuth; LEBRAVE, Jean-Louis. Avant-propos. In: *Langages*, 17^e année, n°69, 1983. Manuscripts-Écriture, p. 8-9. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1983_num_17_69_1138> Apud Willemar, Philippe. A história do conceito de “Scriptor”. **Manuscritica - Revista de Crítica Genética**. São Paulo, n. 39, 2019.

intervindo nos caminhos do texto. No caso de Rangel: confiança ou modo de ceder às pressões que lhe estavam sendo impostas?

O posicionamento e a vontade de Rangel não ficam claros em *A barca de Gleyre*. Para Flávia Arlanch M. de Oliveira, as cartas parecem privilegiar a autoimagem lobatiana, contrapondo-se a de Rangel, revelado como tímido, submisso e dependente.⁴⁸⁷ A trajetória do escritor, principalmente a futura relação com os escritores mineiros, revelaria, entretanto, um intelectual desvencilhado de Lobato, que ia aos poucos, ao ritmo de sua pena, inserindo-se nos meios literários. Estimado entre os companheiros coestaduanos, sua rede de sociabilidade lhe renderia, inclusive, convites para colaborar nas publicações do modernismo. Drummond detectava na famosa correspondência a “docência intelectual meio tirânica” de Lobato.⁴⁸⁸

No período que antecede a publicação de seu primeiro livro, Rangel, espelhado nas cartas de Lobato, mostrava-se uma personalidade submissa, posto que o amigo paulista dispunha de meios para divulgar a sua literatura. Mas as cartas também revelavam um território de trocas fecundas. Lobato, pressionado pelas demandas da imprensa que lhe garantiam parte de suas rendas, comparava o seu difícil labor literário com o do amigo mineiro, que podia se dar ao luxo de perder algum texto na rua. Incorrendo em certa ludicidade, chegou a pedir emprestado algum escrito literário do prolífico destinatário: “Se tens aí algum esqueleto de conto encostado e que não queiras aproveitar, manda-mo, que o revestirei de carnes e jogarei com ele para cima da *Revista*. Aquilo está se tornando um Moloch insaciável. Querem dar um conto meu em cada número, como se eu fosse máquina”.⁴⁸⁹

Não se pode precisar o quanto um é tributário do outro nas trocas literárias. Certamente a escolha feita por Rangel de viver no interior mineiro teria lhe impedido um trânsito mais desenvolvido nos circuitos literários, o que colocava Lobato como a sua “principal ponte para ter acesso ao meio intelectual”, pelo menos no início de seu percurso. Contudo, “também não resta dúvida de que a leitura que se faz de Rangel, na perspectiva de Lobato, o diminui”.⁴⁹⁰

Colocando em pauta as intervenções de Lobato em textos de Rangel, caberia indagar se a “antecipação editorial” do amigo taubateano poderia “afetar” a modelagem da narrativa rangelina. Pode-se, por exemplo, perscrutar a discussão em torno dos títulos dos capítulos do romance. Quando Godofredo Rangel publica *Vida ociosa* na *Revista do Brasil*, o escritor

⁴⁸⁷ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. (A) **Cerca de um tempo: representação das identidades mineira e paulista em Godofredo Rangel e Monteiro Lobato (1903-1921)**, op. cit., p. 23.

⁴⁸⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. Traços de Godofredo Rangel. **Correio da Manhã** (Suplemento de Literatura e Arte), Rio de Janeiro, ano LI, n. 17.920, 19 de agosto de 1951.

⁴⁸⁹ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 394. Carta da Fazenda, 22/04/1917.

⁴⁹⁰ OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. (A) **Cerca de um tempo: representação das identidades mineira e paulista em Godofredo Rangel e Monteiro Lobato (1903-1921)**, op. cit., p. 97.

simplesmente opta por numerar os capítulos com algarismos romanos. Ao preparar a edição em livro, Lobato, na época editor de Rangel, sinalizava as vantagens de trocar a “simples enumeração”, “coisa anticomercial”, pela “denominação dos capítulos”, “coisa comercialíssima”.⁴⁹¹ Porém, na versão estampada anteriormente no *Estadinho*, nota-se que os capítulos já haviam saído com alguns dos títulos que seriam adotados na versão em livro: Capítulo 6 – O hóspede; Capítulo 15 – Pirata. Quanto ao fragmento “A mosca”, na edição em livro, seria incorporado como parte do Capítulo 5 – Ao café. Na edição que circula na *Revista do Brasil*, o escritor abandona os títulos utilizados no jornal, para depois retomá-los no volume, após o palpite lobatiano. O amigo-editor, na mesma carta de 8 de fevereiro de 1919, em que sugeriu trocar a designação numérica por títulos, se oferecia para batizar os capítulos ou então para que Rangel os mandasse.⁴⁹² Não se pode afirmar que Lobato, ao remeter os capítulos ao jornal, tenha-os batizado, embora isso também possa estar incluído entre as “correçõezinhas” por ele realizadas nos textos de Rangel.

A correspondência também historia movimentos que antecederam a publicação de *Vida ociosa* na *Revista do Brasil*. Lobato interpelou a redação do mensário, segundo se lê na carta que endereça a Rangel em 10 de maio de 1917: “Hoje escrevi à *Revista* (como por ordem tua) que ou publicassem a *Vida [ociosa]* ou devolvessem os originais. Estão a mangar contigo aqueles paredrecos. Tiro-a de lá e publico-a em rodapé no *Estadinho*”.⁴⁹³ O *ultimatum*, contudo, mais parece uma bravata encenada, pois as duas publicações pertenciam ao mesmo grupo financeiro. O desacordo com qualquer dos órgãos de imprensa certamente resultaria em duas portas fechadas. Ademais, *Vida ociosa* já tivera capítulos difundidos no *Estadinho*, submetido pelo próprio Lobato. Logo, a estratégia talvez não passasse de encenação, dadas as inconsistências de sua proposição.

A carta de 5 de junho de 1917 viria acompanhada de notícias da narrativa de Rangel, prestes a ser impressa: “A *Vida ociosa* vai afinal sair. Aquela intimação surtiu efeito. Respondeu o Plínio⁴⁹⁴ que a não devolvia porque ia publicá-la”.⁴⁹⁵ Nessa data, quatro capítulos da ficção de Rangel já tinham sido estampados na *Revista do Brasil*, na edição de maio.

⁴⁹¹ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 433. Carta de São Paulo, 08/02/1919.

⁴⁹² Ibidem, p. 433. Carta de São Paulo, 08/02/1919.

⁴⁹³ Ibidem, p. 396. Carta da Fazenda, 10/05/1917.

⁴⁹⁴ Plínio Barreto era na época chefe da redação da *Revista do Brasil*.

⁴⁹⁵ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 396. Carta da Fazenda, 05/06/1917.

Primeiro romance integralmente trazido à luz no mensário⁴⁹⁶, *Vida ociosa* contou com vinte e dois capítulos distribuídos ao longo de oito números (n. 17 – n. 25⁴⁹⁷), sem um padrão numérico fixo. Isto é, enquanto a estreia seguia com quatro capítulos, outros números reuniam dois ou três.⁴⁹⁸ Entre os meses de maio de 1917 e janeiro 1918, o romance figurava no núcleo básico da revista que, ao longo de toda a sua primeira fase, seguiu uma padronização.⁴⁹⁹ Os capítulos do romance de Rangel geralmente saíam próximos ao final do corpo principal de matérias (n.ºs 17, 19, 25) ou encerrando-o (n.ºs 18, 20, 21, 22, 24). Quanto à diagramação, os textos foram apresentados seguindo praticamente o mesmo padrão: o título do romance, seguido pelo número do capítulo em numeral romano; pequena ilustração (queda d’água – n.18/ folhagem de bananeira – n.19/ paisagem com rio – n.20) acompanhava o término do espaço dedicado à narrativa.⁵⁰⁰

Concomitantemente à divulgação de *Vida ociosa*, outras produções literárias em prosa ganharam as páginas da revista: “*Pollice verso*” (n.18), “*Cavalleria rusticana*” (n. 20) e “O mata-pau” (n. 24), do próprio Monteiro Lobato; “A morte do saci” (n. 22), de Sérgio Espínola⁵⁰¹; “Parábolas” (n. 25), de Afrânio Peixoto; e “O professor da Mombaça” (n. 25), de Alberto de Oliveira. Acompanhando de perto a publicação de *Vida Ociosa* na revista, Monteiro Lobato não deixou sua recepção passar em branco nas cartas e em elogios ao companheiro:

Retiro tudo quanto disse a propósito do teu estilo, em tantas cartas anteriores. Em vez de mudar alguma coisa, podar, concentrar, fazer, em suma, o que sugeri não debes fazer coisíssima nenhuma. Estás sedimentado definitivamente e lindo. Encantou-me tanto a *Vida ociosa* que me envergonhei de todas as minhas velhas sugestões. [...] ⁵⁰²

⁴⁹⁶ Outros romances publicados em capítulos: *País de ouro e esmeralda*, de J. A. Nogueira, entre os números 36-57; e o *Diário de viagens*, de Martim Francisco, entre os números 32-42. Afora as composições literárias, outras produções que contaram com impressão na revista: *Vocabulário analógico*, de Costa Firmino, entre os números 12-40; e *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes, entre os números 65-78. Além de trabalhos que contaram com a edição de apenas alguns capítulos: *Populações meridionais do Brasil*, de Oliveira Vianna, entre os números 18- 24; *Dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, entre os números 9-10; e *Viagem às províncias de São Paulo e Santa Catarina*, de Auguste de Saint Hilaire, entre os números 73-75. LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**, op. cit., nota p. 48.

⁴⁹⁷ Com exceção do número 23, de novembro de 1917, ausente de qualquer trabalho literário em prosa.

⁴⁹⁸ Conforme se verifica no quadro constante no “Complemento E”

⁴⁹⁹ A revista contava com um conjunto de ensaios, em geral inéditos, abordando os mais variados assuntos: direito, economia, história, geografia, filosofia, literatura, artes, arquitetura, engenharia, política, administração, sanitário, medicina, entre vários outros. Apresentava, também, espaço para a criação literária, presente em todos os exemplares da revista – contos, poesias, novelas, impressões de viagem e romances. LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**, op. cit., p. 48.

⁵⁰⁰ Durante a primeira fase da revista, era comum a presença de pequenas ilustrações ao término de artigos e seções – vasos floridos, árvores, uma palmeira solitária, casebres de palha. *Ibidem*, p. 52.

⁵⁰¹ Pseudônimo do escritor Gastão Cruls utilizado na *Revista do Brasil* para assinar os contos “A noiva de Oscar Wilde”, “G.C.P.A.”, “A morte do saci” e “Cipó braúna”, posteriormente reunidos no volume *Coivara*, em 1920.

⁵⁰² LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 398. Carta da Fazenda, 06/07/1917.

A letra de forma melhora as obras boas (nada melhora as más); gostei muito da *Vida ociosa* depois de impressa. Vais ver com que agrado te receberão. É uma arte pessoal que surge sem muletas, sem apelar para o apoio de ninguém, sem prisão a nenhuma escola, diferente de tudo quanto se escreve por aqui, em sarrafaçal ou parnasianamente.⁵⁰³

Acabo de ler o último capítulo de *Vida ociosa*. Se algum tranca me disser que não és o sucessor de Machado de Assis, leva bofetada nas ventas. [...] aquilo é uma obra-prima de psicologia e realismo das mais puras. Depois dos livros de Machado, nada apareceu em nossas letras que a iguale. Quero ter a glória de ser o primeiro a dizer que a *Vida ociosa* só pode figurar em nossas letras junto ao melhor de Machado. E se depois de publicado o livro o mundo inteiro não disser a mesma coisa, paciência: é que o mundo inteiro é uma grande besta.⁵⁰⁴

As cartas desse período, n' *A barca de Gleyre*, distinguem Monteiro Lobato, como editor, incentivando Rangel a publicar em livro *Vida ociosa*, *Falange gloriosa* e *Os bem casados*. Lobato ofereceu os seus préstimos, com a usual veia humorística: “Quem vai cair nas minhas unhas editoriais é você, juiz duma figa! Editar-te-ei inteirinho, com porcentagem dobrada; para os outros, 10% do preço de capa, tabela geral e universal; para você 20%! Felizardo...”⁵⁰⁵ Segundo Cilza Bignotto, a porcentagem de direitos autorais referida na carta revela que Lobato estava, àquela altura, familiarizado com a “tabela geral” dos principais editores brasileiros.⁵⁰⁶

Poucos meses à frente da *Revista do Brasil*, Lobato enxergou a necessidade de aumentar significativamente o seu corpo de leitores. Contou a Rangel em 17 de agosto de 1918: “quando me fiquei com ela, entravam em média 12 assinaturas por mês. Hoje entra isso por dia. Nesta primeira quinzena de agosto registrei 150 assinantes novos”.⁵⁰⁷ Ainda assim, em 29 de agosto, julgava que o amigo mineiro devia se incumbir de divulgar em livro a sua obra:

Estive pensando no seguinte: é preciso editar a *Vida ociosa* e a *Falange gloriosa* – você é o homem dos “osas”. O fato do teu romance ter saído na *Revista do Brasil* corresponde a quase ineditismo. Ninguém lê essa maçuda e irrespirável revista cheia de cracas acadêmicas [...] Estás ali e estás tão inédito como se te publicasse o *Correio Paulistano*. É indispensável vires a público em livro, porque o livro é como o germe que faz a palma, a chuva que faz o mar. Anda lá, pois, com as correções, elimina aquele final da expulsão do juiz,

⁵⁰³ Ibidem, p. 399. Carta da Fazenda, 08/07/1917.

⁵⁰⁴ Ibidem, p. 403-404. Carta da Fazenda, 03/08/1917.

⁵⁰⁵ Ibidem, p. 413. Carta de São Paulo, 08/12/1917.

⁵⁰⁶ BIGNOTTO, Cilza Carla. **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**, op. cit., p. 198.

⁵⁰⁷ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 425. Carta de São Paulo, 17/08/1918.

que está idiota e ninguém aceita e ainda ontem vi condenado por uma dama de faro apuradíssimo – e manda-mo.⁵⁰⁸

Lobato, buscando convencer o destinatário, evoca os versos de “O livro e a América”, de Castro Alves, para exaltar a importância do livro “Oh! Bendito o que semeia / Livros... livros à mão-cheia... / E manda o povo pensar! / O livro caindo n’alma / É germe - que faz a palma, / É chuva – que faz o mar”. A ideia de “ineditismo”, contudo, não se sustentava inteiramente, tendo em vista a significativa circulação alcançada pela *Revista do Brasil* e *O Estado de S. Paulo*, veículos de imprensa cujos expressivos números de leitores o próprio Lobato já havia aclamado.

Poucos dias depois, em missiva endereçada a Lima Barreto, em 2 de setembro, Lobato convidou o escritor carioca a integrar o time dos colaboradores do mensário. Lobato via no romancista de *Triste fim de Policarpo Quaresma* um trunfo para o seu empenho de renovação literária: “A *Revista do Brasil* deseja ardentemente vê-lo entre os seus colaboradores. Ninho de medalhões e pérolas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caiam no gosto do público. [...] A confraria é pobre, mas paga, por isso não há razão para Lima Barreto deixar de acudir ao nosso apelo”.⁵⁰⁹

Lobato, ambicionando ser o editor de Rangel, determinou que ele cumprisse correções, inclusive, a modificação do final “idiota” da narrativa. Apoiava-se na opinião da “dama de faro apuradíssimo”, a esposa Purezinha, referida em outras passagens como leitora e crítica privilegiada do amigo: “Todos me falam da *Vida ociosa* e da *Falange*. E o mais que te digo é o que já disse. Purezinha dá-te grau 10. E bem sabes que o juízo dela vale ouro, porque é instintivo e portas adentro”.⁵¹⁰

Em junho de 1919, Lobato, que até então defendia a validade da publicação de narrativas longas em periódicos, mudou de opinião, criticando a fragmentação do enredo: “Grande erro publicar romances em revistas mensais, um fragmento em cada número. No mês de intervalo entre um pedaço e outro, o leitor esquece o fio – e acaba não lendo o resto. De modo que apesar de saído na *Revista*, o teu romance continua positivamente inédito, e teimas em não dá-lo em livro...”.⁵¹¹

⁵⁰⁸ Ibidem, p. 425. Carta de São Paulo, 29/08/1918.

⁵⁰⁹ CAVALHEIRO, Edgard. **A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto: com notas, manuscritos e acréscimos**. Organização de Valéria Lamego. 2ª ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2017, p. 40. Carta de 02/09/1918.

⁵¹⁰ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 416. Carta de São Paulo, 11/12/1917.

⁵¹¹ Ibidem, p. 442. Carta de Taubaté, 25/06/1919.

Enquanto aguardava a resolução do companheiro, Lobato não deixava de pedir outros de seus escritos literários: “Eu queria, agora que a *Revista* é minha, ver-te ali como gato da casa, em todos os números. Com coisas filológicas, com romances e contos, espiolhados ou não”.⁵¹² O editor desejava publicar *Os bem casados* na revista, e posteriormente em livro. Rangel trabalhava no manuscrito desde 1907 e, ao que indica a carta de 12 de outubro de 1918, preferia permanecer aprimorando a fatura; “burrice de juiz”, avaliava Lobato, com a sua verve corrosiva.

O desfecho – Godofredo Rangel deliberando a publicação do romance – estava próximo. Em julho de 1919, Lobato aplaudiu a decisão do amigo: “Ora até que enfim resolves soltar a *Vida ociosa!* Vais ver o sucesso. Antes, porém, de tratar comercialmente a coisa, vou explicar-te onde estamos e ao que vamos”.⁵¹³ Aproveitou a ocasião para compartilhar os triunfos obtidos após um ano da compra da *Revista do Brasil*, oferecendo na carta um balanço das atividades de sua empresa. Demonstrou a intenção de inaugurar uma seção argentina no periódico e de associar-se à Cooperativa Editorial Argentina para projetos de lançar edição simultânea em português e espanhol⁵¹⁴. Estendeu o convite ao interlocutor: “[...] podemos lançar também lá [na Argentina] a tua *Vida ociosa*. Ao mesmo tempo aqui e em Buenos Aires. E este fato forçará aqui a atenção do público. Que tal? Manda-me os originais definitivos para calcularmos o custo da edição e fazermos proposta. Estou ansioso por te ver no giro”.⁵¹⁵ Contudo, apenas o capítulo “O sentenciado Lourenço” foi destinado ao *La Nación*, traduzido por Benjamin de Garay. Rangel respondeu hesitante a Lobato, em 16 de novembro de 1919:

Quanto a meu livro, segura breve (o “*Vida ociosa*”) para que o edites em volume se ainda te mantiveres na mesma atrevida intenção. Vais talvez arriscar dinheiro imprpropriamente e, o que é pior, dinheiro da Sociedade que organizaste. Por isso, quando eu te mandar os originais, pensa bem antes, para que evites malogro daquela natureza para ti e remorsos para mim.⁵¹⁶

Os originais solicitados em julho de 1919 ainda não tinham chegado às mãos do editor em fevereiro do ano seguinte. Outras razões contribuiriam para a demora da edição. Na carta

⁵¹² Ibidem, p. 429. Carta de São Paulo, 12/10/1918.

⁵¹³ Ibidem, p. 443. Carta de São Paulo, 06/07/1919.

⁵¹⁴ Lobato vinha cogitando sua união à “Cooperativa Editorial Buenos Aires”, de Manuel Gálvez, relação intermediada pela *Revista do Brasil*, inaugurando uma seção que divulgava obras argentinas publicadas pela editora de Gálvez. Essas e outras associações com intelectuais argentinos contemporâneos do autor, em um período que se estende de 1919 a 1948, são analisadas por: ALBIERI, Thaís de Mattos. **São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina**. Tese de Doutorado (orientação: Marisa Philbert Lajolo). Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

⁵¹⁵ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 443. Carta de São Paulo, 06/07/1919

⁵¹⁶ SAMPAIO, Márcio (Org.). Godofredo Rangel/ Monteiro Lobato: 40 anos de correspondência. In: **Suplemento Literário de Minas Gerais**, op. cit., p. 10, Carta de Três Pontas, 16/11/1919.

de 15 de março, 1920, Lobato informou que o livro ficaria para quando estivessem “mais folgados”, frente às demandas impostas por uma série de edições contratadas. Entre elas: *Sem crime*, de Papi Júnior; *Madame Pommery*, de Hilário Tácito; e *Brasil com S ou com Z?*, de Assis Cintra; entre outras reedições dos sucessos editoriais lobatianos *Cidades mortas*, *Ideias de Jeca Tatu* e *Urupês*, além de *O professor Jeremias*, de Léo Vaz.⁵¹⁷

Lobato tinha a intenção de enviar, em junho⁵¹⁸, a última prova para “repasso do autor”, mas em agosto a edição ainda estava em fase de provas tipográficas. O editor persistia na desaprovação do desfecho da narrativa:

Queria pregar-te uma surpresa: dar a *Vida ociosa* pronta quando menos esperasses. Mas o sentimentalismo entrou em conflito com o utilitarismo – e lá vão as provas para o teu repasse final. Falha a surpresa, mas escapas ao perigo de erros por descuido aqui. Creio que entre nós não é preciso contrato. Tudo meio a meio, como já combinamos. Mas é forçoso que cortes aquele final com que toda gente – e com carradas de razão – se implica.⁵¹⁹

Os termos do contrato já tinham sido estabelecidos, por meio de carta, na fase de negociação da obra: “estou habilitado a editar o teu [romance]. Condições: lucros divididos ao meio – Tabela especial para os amigos. Os outros só têm dez por cento e ainda acabo não lhes dando nada, como fazem os editores espertos”.⁵²⁰ A “tabela especial para amigos” trazia porcentagem diferenciada, mas não era exclusiva para o companheiro Rangel. Em negociação com Lima Barreto, cuja obra *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* também teria sido editada pelo empresário taubateano em 1918, Lobato propôs:

A *Revista do Brasil* tem muito gosto de editar essa obra e o faz nas seguintes condições: como é pequena, podendo dar um volume aí de 150 páginas, mais ou menos, convém fazer uma edição de 3.000 exemplares em papel de jornal, que permita vender-se o livro a 2\$000 ou máximo 2\$500; nesse caso, proponho 50% dos lucros líquidos ao autor, pagáveis à medida que se forem realizando.⁵²¹

Além da queda de braços em torno do desenlace de *Vida ociosa*, a questão dos títulos também estava em pauta: “Vieram as provas. Mandarei segundas. Dos dois títulos, melhor o

⁵¹⁷ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 452. Carta de São Paulo, 23/03/1920.

⁵¹⁸ Ibidem, Carta de São Paulo, 23/03/1920, p. 453.

⁵¹⁹ Ibidem, p. 455. Carta de São Paulo, 04/08/1920.

⁵²⁰ Ibidem, p. 446. Carta de São Paulo, 05/11/1919.

⁵²¹ CAVALHEIRO, Edgard. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto: com notas, manuscritos e acréscimos*. Organização de Valéria Lamego. 2ª ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2017, p. 41. Carta de 15/11/1918.

velho. *Bonança!* Desenxabido demais. Molenga. Vê se achas coisa mais forte, mais sugestiva”.⁵²²

O editor, que se reconhecia inserido na indústria editorial, vivenciava as demandas do livro enquanto mercadoria: “Já meço literatura às toneladas. Há mil coisas a atender, e o tempo voa e não dou conta do serviço”.⁵²³ Afirmava que sua “mercadoria”, o livro, era um produto como qualquer outro: “Faço livros e vendo-os porque há mercado para a mercadoria; exatamente o negócio do que faz vassouras e vende-as. Do que faz chouriços e vende-os”.⁵²⁴

O escritor-editor teria contribuído para a dessacralização do livro que, de artigo de luxo, passaria a ser encarado como uma mercadoria. Segundo Enio Passiani, para Lobato, “inserir o livro nos moldes da produção e circulação de mercadorias típicas do sistema capitalista, criava [...] as condições necessárias para se estabelecer a relação entre obra e público, logo, para a circulação do texto literário e o consumo do livro”.⁵²⁵ A perspectiva mercadológica definia a proposta de singularização dos títulos dos capítulos de *Vida ociosa*:

Recebi *Vida ociosa*. Parece-me aconselhável trocar a simples enumeração dos capítulos, coisa anticomercial, pela denominação dos capítulos, coisa comercialíssima. Acho horrivelmente árido um romance de capítulos numerados. E é fértil o em que cada capítulo tem um titulozinho tentador. Como faz Mestre Machado. O do Léo Vaz também é assim. Tudo que nos livros predispõe bem o público leitor e comprador é agradável a Deus. Se queres, eu mesmo batizo os capítulos – ou então mandas-me daí os nomes.⁵²⁶

O trecho traz a lume a discussão acerca do lugar do editor nos meandros da criação e na produção editorial da obra. O tino comercial de Lobato, buscando tornar a mercadoria mais atrativa aos leitores e, conseqüentemente, mais vendável, renderia bons resultados para a editora: “Em princípio de 1920, a firma vendia em média quatro mil livros por mês e, em 1921, publicava uma nova edição a cada semana”, assim, “a marca ‘Monteiro Lobato’ tornou-se recomendação bastante conhecida para vender livros por si só”.⁵²⁷

Outras iniciativas contribuiriam para que métodos empregados por Lobato alterassem os parâmetros até então vigentes no mercado de livros, conforme os sintetiza Tania Regina de Luca:

⁵²² LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 455. Carta de São Paulo, 30/08/1920.

⁵²³ Ibidem, p. 434. Carta de São Paulo, 20/02/1919.

⁵²⁴ Ibidem, p. 449. Carta de São Paulo, 17/01/1920.

⁵²⁵ PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*, op. cit., p. 205.

⁵²⁶ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 433. Carta de São Paulo, 08/02/1919.

⁵²⁷ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*, op. cit., p. 367.

Lobato multiplicou os pontos de vendas, anunciou os livros de sua editora em jornais e revistas, fato até então pouco comum, passou a dar atenção aos títulos, à divisão do texto e ao nome dos capítulos, preocupou-se com a diagramação e a qualidade da impressão, contratou ilustradores, colocou cor nas capas, abandonou o tradicional formato francês (12 x 19cm) em prol de um padrão próprio (12 x 16,5cm) menor e que possibilitou o barateamento das edições, deu oportunidade à jovens escritores.⁵²⁸

Os trabalhos de finalização editorial de *Vida ociosa* também foram compartilhados em outras duas cartas. Em outubro de 1920, Lobato noticiou: “Chegaram as provas completas de teu livro. Eu mesmo farei a última revisão, que será simples conferência das correções finais. Vou começar com dois ou três milheiros, e fica combinado que receberás os cobres aqui, pessoalmente”.⁵²⁹ Em novembro, o editor justificou o atraso da publicação: “O retardamento de teu livro veio de que encomendei um prefácio ao Malta e ele demorou um bocadinho. Só amanhã descem para a oficina as provas desse prefácio já revistas – e vinte dias depois teremos o livro”.⁵³⁰

Segundo Lobato, em carta de 1920, Hilário Tácito, nome literário de José Maria de Toledo Malta, teria recebido com gargalhada, em um primeiro momento, o convite para assinar o texto de apresentação. Diante da insistência do editor, Malta levou as provas do livro e, dias depois, apareceu com o prefácio escrito em cinquenta tiras. “– Então? – perguntei. – É a mais perfeita obra-prima que tenho lido nesta terra! E dissertou sobre a *Vida* com tal entusiasmo que me comoveu”.⁵³¹

No “Prólogo dispensável”, Hilário Tácito iniciou ironizando, com humor, a tarefa do prefaciador, as dificuldades e a inutilidade de tal empreitada: “Bem se vê que tal discurso, malgrado os artificios da linguagem, não passa de apresentação, dissimulada e, demais, tendenciosa, com todas as chapas e etiquetas do estilo convencional”.⁵³² Afirmou que não escreveria o prefácio, para não sofrer a ira do fundador do Minarete – Godofredo Rangel. O texto ganhou contornos memorialísticos, ao compor um retrato dos companheiros do Cenáculo já estreados na literatura: Monteiro Lobato, José Antônio Nogueira e Ricardo Gonçalves. Para responder à pergunta “valerá a pena a explicação do Minarete?”, Tácito recuperou a

⁵²⁸ LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit., p. 69-70.

⁵²⁹ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 456. Carta de São Paulo, 04/10/1920.

⁵³⁰ Ibidem, p. 456. Carta de São Paulo, 29/11/1920.

⁵³¹ SAMPAIO, Márcio (org). Carta de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel (1920). In: **Suplemento Literário de Minas Gerais**. Belo Horizonte, ano 19, n. 947, 24 nov. 1984, p. 7. Carta sem indicações de datas, porém o *SLMG* registra o ano de 1920. A carta não foi encontrada na coletânea de *A barca de Gleyre*.

⁵³² TÁCITO, Hilário [pseud. José Maria de Toledo Malta]. Prólogo dispensável. In: RANGEL, Godofredo. *Vida ociosa*, op. cit., p. xiv.

convivência no chalé do Belenzinho, a formação do grupo Cenáculo e a participação dos jovens amigos no jornal de Pindamonhangaba. Somente na parte final, o prefaciador retomou a escrita de Godofredo Rangel, perscrutando sua singularidade estilística:

Não conheço ninguém, de fato, mais “individual” do que Rangel. O que me parece característico seu inconfundível é que ele está presente e se revela até no íntimo, ainda quando descreve sítios e paisagens que o impressionaram. Vejam se isto não é verdade naquela descrição da viagem pela estrada, no capítulo inicial. Cada coisa vista desperta-lhe emoções imediatas que se ligam a outras anteriores por elos inconscientes, numa cadeia de evocações, cujas formas imprecisas ele surpreende e grava instantaneamente, em páginas que são obras-primas de psicanálise. Não se descobre reminiscência de modelos alheios no seu processo descritivo. Descrevendo, seja qual for o objeto, ele retrata-se. Ora, a imitação é, até, impossível para quem acha em si mesmo o próprio original.⁵³³

Tendo em suas mãos o exemplar impresso de *Vida ociosa*, Rangel dirigiu-se a Lobato, na missiva de 29 de dezembro de 1920, mostrando-se agradecido. Elogiava a qualidade da edição e o vigor testemunhal do texto de Hilário Tácito:

Recebi 15 exemplares do “Vida ociosa”. O trabalho tipográfico está primoroso. Realça-lhe ainda o valor do prólogo. O Minarete já tem uma história narrada a sério por um historiador às direitas. Se o livro não valer por si, valerá pelo prólogo que é, não só uma crônica primorosamente escrita, como um repositório de dados interessantes sobre o pai do Jeca e sua formação literária. [...] Vejo pelo carinho que tiveram [com] meu livro chocho e pueril que estão deveras resolvidos a lançar-me. Pelo êxito teremos a medida da força projetiva de vocês. Peguei da pena várias vezes para dirigir-me ao Hilário Tácito agradecendo, mas não soube como dirigir-me a ele. Aterra-me escrever a um homem de espírito, com que não privo. Isso me obrigaria a artesoar frases e repuxar conceitos finos do bestunto e duvido muito que fizesse coisa que não impressionasse mal. Reservo-me, por isso para agradecer-lhe pessoalmente quando eu aí for.⁵³⁴

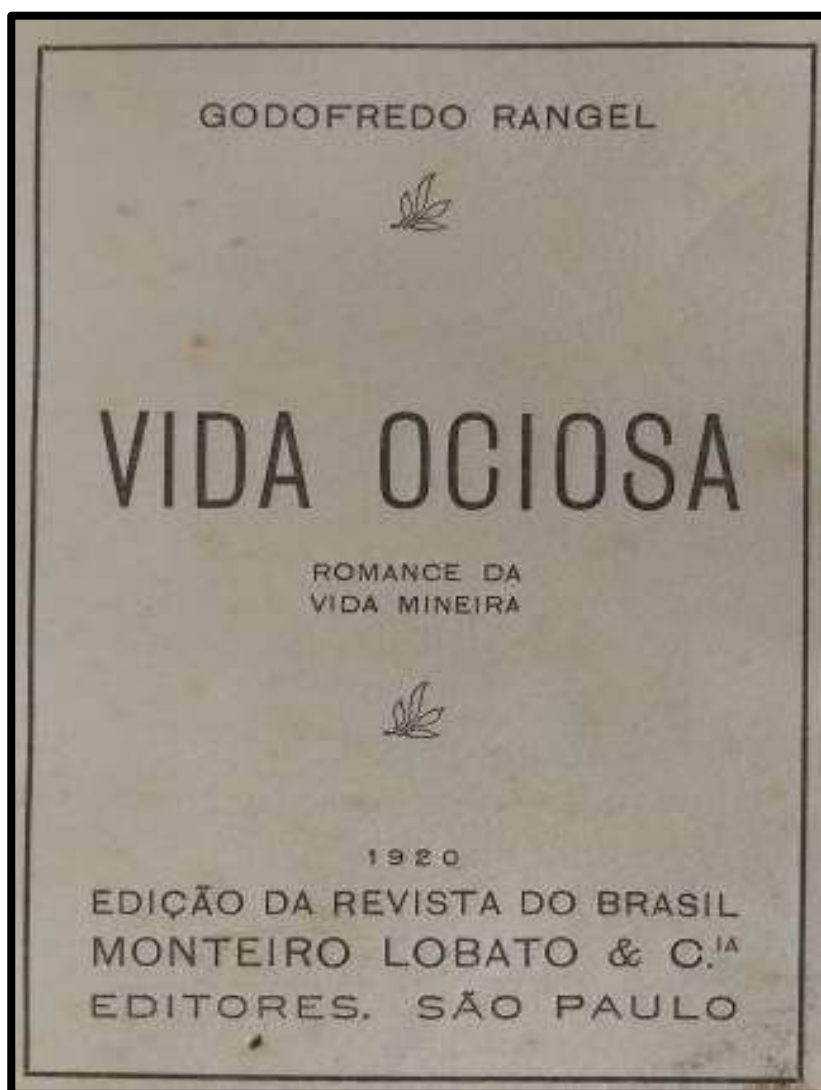
As cartas de Lobato a Rangel revelam momentos da gênese de *Vida ociosa*; preservam depoimentos do percurso editorial do romance – os apelos, a mediação e as intervenções do amigo-editor, a difusão da narrativa em jornal, revista e livro; historiam o preparo da edição – os comentários críticos que recebeu, as alterações pelas quais passou, a encomenda do prefácio; e documentam, ainda, a sua recepção crítica.

⁵³³ Ibidem, p. xxi.

⁵³⁴ SAMPAIO, Márcio (Org.). Godofredo Rangel/ Monteiro Lobato: 40 anos de correspondência. In: **Suplemento Literário de Minas Gerais**, op. cit., p. 10, Carta de 29/12/1920.

Amplio espectro do processo de edição de *Vida ociosa* pode ser restituído a partir das cartas de *A barca de Gleyre* e de matéria não incluída na edição. Em 1915, Lobato cumpriu uma primeira leitura integral do original e expressiu a intenção de se tornar editor de Rangel: “Queres negociar comigo a publicação da *Vida ociosa*? O Monteiro Lobato editor do Godofredo Rangel – que maravilha!”⁵³⁵ Ao final de 1920, saía do prelo a obra, com a tiragem de três mil exemplares⁵³⁶, edição sob o selo da *Revista do Brasil* e da Monteiro Lobato & Cia.⁵³⁷

Imagem 14: Folha de rosto da edição primeira de *Vida ociosa: romance da vida mineira*, sob a chancela da *Revista do Brasil* e da Monteiro Lobato & Cia.



Fonte: *Vida ociosa*. São Paulo: Edição da Revista do Brasil/ Monteiro Lobato & Cia, 1920.

⁵³⁵ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 326. Carta de São Paulo, 04/08/1915.

⁵³⁶ Ibidem, p. 464-465. Cartas de São Paulo, 25/05/1921 e 30/05/1921.

⁵³⁷ Com o crescimento do setor editorial principiado na *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato e seu sócio Octalles Marcondes Ferreira fundaram a Monteiro Lobato & Cia, passando a revista a integrar a empresa criada. Embora na razão social constasse a Monteiro Lobato & Cia, a antiga chancela “Revista do Brasil” continuou a ser utilizada por um tempo junto com a nova. Cf. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*, op. cit., p. 366.

Após o lançamento de *Vida ociosa*, Lobato esperava encontrar o amigo pessoalmente para o pagamento dos “cobres”: “cá espero o homem dos 63.500 réis”.⁵³⁸ Ao compartilhar com Rangel a expansão dos negócios da editora, demonstrava interesse em comprar os direitos autorais do romance e do livro de contos que, mais tarde, seria impresso sob o título *Andorinhas*: “Estamos em vias de aumento de capital; pulamos para 500 contos – e então estudaremos uma proposta de compra dos direitos do teu romance e dos contos, de modo que possas arrumar a finança e acabar com essas eternas dívidas. Pense lá quanto quiser pelos dois livros”.⁵³⁹

Uma breve análise da versão de *Vida ociosa* publicada na *Revista do Brasil* e na edição de 1920 revela que Rangel teria seguido algumas das sugestões de seu editor, entre elas, a exclusão do último capítulo, que sofrera crítica severa do editor, e a troca da numeração dos capítulos por “títulozinhos tentadores”.⁵⁴⁰

A análise comparativa entre as versões da narrativa publicada na *Revista do Brasil* e em livro ultrapassa o escopo desta pesquisa, no entanto, algumas dessas alterações são resgatadas em linhas gerais por Emerson Tin, em “Fragmentos da gênese de *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel, n’*A barca de Gleyre*”. Comparando alguns trechos, o pesquisador concluiu que “as alterações empreendidas por Rangel tendiam a tornar o texto mais econômico, sobretudo no tocante à adjetivação”.⁵⁴¹

Em dezembro de 1922, Lobato informou a Rangel que, no balanço feito pela casa editora, restavam disponíveis 396 exemplares de *Vida ociosa*. Em 7 de outubro do ano seguinte, o editor noticiou que a edição estava esgotada, restando “uns 300 exemplares”.⁵⁴²

⁵³⁸ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 464. Cartas de São Paulo, 25/05/1921.

⁵³⁹ Ibidem, p. 465. Cartas de São Paulo, 30/05/1921.

⁵⁴⁰ A comparação entre as versões dos capítulos com os “títulozinhos tentadores” se encontra disponível no quadro “*Vida ociosa* – títulos dos capítulos (versões)”, na rubrica “Complemento G”.

⁵⁴¹ TIN, Emerson. Fragmentos da gênese de *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel, n’*A barca de Gleyre*, op. cit., p. 133.

⁵⁴² LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 486. Carta de São Paulo, 07/10/1923.

3.2.1 – Estratégias de divulgação e uma parcela da recepção de *Vida ociosa* na *Revista do Brasil*

Aliviaste-me a consciência dizendo-me que a edição de “Vida Ociosa” está em menos de 400 exemplares. Agradecido pelo empenho [...]

(Godofredo Rangel)⁵⁴³

Anúncios, comentários, artigos e críticas em periódicos foram alguns dos meios pelos quais o nome de Godofredo Rangel e *Vida ociosa* frequentaram a imprensa da época. Escritores costumavam enviar obras recém-lançadas às redações de jornais e revistas, estratégia de que também se valia Monteiro Lobato, visando a publicidade dos livros que escrevia e publicava como editor.⁵⁴⁴

Vida ociosa, mormente em 1921, recebeu a atenção de *A Gazeta de Notícias* (RJ), *A Revista* (MG), *Careta* (RJ), *Correio da Manhã* (RJ), *D. Quixote* (RJ), *Federação: Orgam do Partido Republicano* (RS), *Ilustração Pelotense* (RS), *Jornal de Recife* (PE), *O Imparcial* (RJ), *O Jornal* (RJ), *O Paiz* (RJ), *Pequeno Jornal: Jornal Pequeno* (PE).⁵⁴⁵ A *Revista do Brasil*, naturalmente, também cumpriria a sua parte.

Por meio de cartas, Lobato compartilhava com Rangel as críticas recebidas pelo romance⁵⁴⁶. Escreveu em 21 de maio, 1921: “O artigo do Nogueira no *Estado* sobre *Vida ociosa* teve reflexos na venda. Cresceu a procura. Depois de encadernada faz melhor vista, como verás. Recebeu a crítica do Moacir Deabreu? Mando aqui a dum jornal campineiro. Agradece-lhe”.⁵⁴⁷

Prestigiadas nos meios intelectuais, as dependências da *Revista do Brasil* tornar-se-iam ponto de encontro de “tudo quanto era escritor, artista, jornalista, poeta, pensador ou mero ‘sapo’ em alguns desses setores”, de acordo com o escritor e redator da revista Léo Vaz. Relata o autor de *O professor Jeremias*:

Com o que o expediente da revista só vigorava mesmo, e produzia o que era indispensável, no período da manhã, em que ali estávamos Lobato, Alarico (Silveira), (Armando) Caiuby e eu. A tarde, a revista virava clube ou tertúlia, cavaqueavam, discutiam, ou tiravam uma furtiva soneca, os mais variados,

⁵⁴³ SAMPAIO, Márcio (Org.). Godofredo Rangel/ Monteiro Lobato: 40 anos de correspondência. In: **Suplemento Literário de Minas Gerais**, op. cit., p.10. Carta de 19/12/1922.

⁵⁴⁴ BIGNOTTO, Cilza Carla. **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**, op. cit., p. 193.

⁵⁴⁵ Periódicos consultados por esta pesquisa na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

⁵⁴⁶ Cartas de 03/02/1921, 21/05/1921, 10/06/1921, 30/06/1921, 27/10/1921, 09/11/1921,

⁵⁴⁷ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 463. Carta de São Paulo, 21/05/1921.

heterogêneos e desencontrados espécimes intelectuais... Eram obrigatórias ou esporádicas as presenças de Artur Neiva, Manequinho Lopes, Plínio Barreto, Felinto Lopes, Paulo Setúbal, Hilário Tácito, Raul de Freitas, Quinzinho Correa, Indalécio Aguiar, Armando Rodrigues, Júlio César da Silva, Wash Rodrigues, Roberto Moreira, Ricardo Cipicchia, Voltolino, Cornélio Pires, Amadeu Amaral, Oswald de Andrade e ainda muitos outros... Mas também do interior, do Rio, ou de outros Estados, não tinha por aquele tempo nenhum intelectual ou artista que viesse à São Paulo e que não buscasse a redação da revista.⁵⁴⁸

Procurado por Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras, Monteiro Lobato fez questão de contar a Rangel que *Vida ociosa* esteve em pauta na conversa com o escritor maranhense: “Esteve por aqui o Graça Aranha. Foi interessante o nosso encontro. [...] conversamos longamente e ficamos amigos. Falou tão bem da *Vida ociosa* que me entrou no coração. Eu hoje avalio os homens pela capacidade de compreensão do teu livro. Amanhã vamos almoçar juntos”.⁵⁴⁹ Os encontros com intelectuais convertiam-se em oportunidades para divulgar o catálogo do editor, angariando novos parceiros que o auxiliassem na tarefa de difundir, no caso, a narrativa de Rangel. Lobato, em 15 de fevereiro de 1922, referia-se a Ronald de Carvalho, que viera do Rio de Janeiro para participar da Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal: “Está aqui o Ronald de Carvalho. Falou da *Vida ociosa* em tais termos que quase o beijei. Vou sugerir-lhe que escreva qualquer coisa a respeito. Excelente menino, o Ronald”.⁵⁵⁰

Monteiro Lobato tinha se incumbido também de enviar a obra de Rangel a quatrocentas localidades, para a sua venda em consignação⁵⁵¹, conforme relatou ao amigo em carta de 8 de dezembro de 1921. Dava, assim, mostras da ampla rede de distribuição de que já dispunha na época.

A *Revista do Brasil* empenhou-se na divulgação do romance e publicou comentários, ensaios, artigos, notas, textos que, de algum modo, focalizavam a narrativa, boa parte transcritos de outros periódicos. Algumas seções da revista trabalhavam na divulgação dos lançamentos da casa editora, estratégia de que Lobato soube se utilizar para a publicidade de sua obra e a dos seus editados.

Na seção “Movimento Editorial” (n. 61/ janeiro de 1921), *Vida ociosa* constava entre os lançamentos das “Edições da *Revista do Brasil*”, ao lado de outras obras que foram publicadas ao final do ano de 1920. Inicialmente figurando no interior da “Resenha do Mês”, a seção foi

⁵⁴⁸ BARROS, Leonel Vaz de [pseud. Leo Vaz]. **Páginas vadias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 78-9.

⁵⁴⁹ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 471. Carta de São Paulo, 27/10/1921.

⁵⁵⁰ Ibidem, p. 476. Carta de São Paulo, 15/02/1922.

⁵⁵¹ Ibidem, p. 472. Carta de São Paulo, 08/12/1921.

publicada na revista entre 1921 a 1923, tendo as seguintes características, apontadas por Milena Ribeiro Martins:

O “Movimento Editorial” tenta mapear, principalmente através de dados numéricos, o funcionamento de editoras no Brasil (sobretudo em São Paulo) e, muito eventualmente, do exterior. Configura-se como um espaço intermediário entre a notícia e a publicidade, já que, apesar de se encontrar fora das páginas propriamente publicitárias, numa seção informativa e analítica, divulga a produção de diversas editoras. Evidencia-se nesta seção um esforço analítico, na medida em que são feitos certos comentários críticos acerca do mercado livreiro e do aspecto temático de certas editoras. Por outro lado, ao caracterizar as editoras e fornecer dados sobre suas tiragens, a seção acaba por propagandear-las.⁵⁵²

Além das publicações da *Revista do Brasil*, seguia uma lista de obras da Casa Editora O Livro e da Olegário Ribeiro & Cia., todas de São Paulo e com algum tipo de relação com Monteiro Lobato, conforme aponta Cilza Bignotto.⁵⁵³

No número seguinte da *Revista do Brasil* (n. 62/ fevereiro de 1921), *Vida ociosa* constava entre os livros “recebidos”. Figurava também no catálogo das Edições da *Revista do Brasil*/Monteiro Lobato & Cia., com a indicação do seu valor comercial, em brochura 4\$000 e encadernado 5\$000. Estava acima da média, pois a maioria das obras custava entre 2\$000 e 4\$000, de acordo com os dados apresentados por Del Fiorentino.⁵⁵⁴ Como no final de 1922 havia uma tendência para a produção de “edições populares” mais baratas, esse valor de capa teria deixado o autor descontente. Pouco mais de seis meses após o lançamento do romance, Lobato tocou no assunto: “Não há tempo ainda para julgarmos da comercialidade do teu romance, mas já vi que se ressentido do preço; 4 mil-réis é salgado; devia ser no máximo 3 mil-réis. Isso retardará um pouco a saída da edição”.⁵⁵⁵

Na listagem de publicações da editora, firmando a publicidade, a *Revista do Brasil* alardeia: “*Vida ociosa*, genial romance da vida mineira, de Godofredo Rangel”. A qualificação foi fixada pelo próprio Lobato, segundo confidencia em carta ao amigo em 9 de fevereiro de 1921.⁵⁵⁶ A partir do número 74 (fevereiro/1922) do periódico, a propaganda recebeu nova

⁵⁵² MARTINS, Milena. **Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos**. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2003, p. 57.

⁵⁵³ BIGNOTTO, Cilza Carla. **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**, op. cit., p. 254.

⁵⁵⁴ DEL FIORENTINO, Teresinha Aparecida. **Prosa de ficção em São Paulo: produção e consumo. (1900-1920)**. São Paulo, Hucitec, 1982, p. 70.

⁵⁵⁵ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 467. Carta de São Paulo, 30/06/1921.

⁵⁵⁶ *Ibidem*, p. 462. Carta de São Paulo, 09/02/1921.

formulação, ainda mais entusiasta: “*VIDA OCIOSA*, romance de Godofredo Rangel, fartamente elogiado pela crítica nacional que o considera uma das obras primas da nossa literatura”.

Na seção “Bibliografia” do número 63 (março/1921), *Vida ociosa* foi apreciada pelo próprio Monteiro Lobato, que não economizou nos elogios e creditou ao autor um “estilo qualquer coisa nova”, “pessoal e sem extravagâncias”: “Indubitavelmente foi este livro a obra-prima do ano, e tempo virá em que o juízo unânime da crítica, em coincidência admirável com o juízo unânime do público, o coloquem entre a meia dúzia de obras supremas formadoras da cúspide da literatura nacional”.

Em um ensaio de João Pinto da Silva sobre *Vida ociosa*, posteriormente recolhido no volume *Fisionomia de novos*, em 1922, o crítico gaúcho teria colocado na ordem do dia o debate sobre a caracterização do gênero do livro de Rangel:

Vida ociosa – di-lo o autor, na página de rosto – é um romance da vida mineira. Rigorosamente, essa denominação é, talvez, no caso, inadequada e, por isso, contestável. Não há propriamente romance onde falte um entrecho, ou, melhor, a intriga, o estudo de psicologia aplicada, a refletir-se e a desdobrar-se no conflito de caracteres e de interesses.⁵⁵⁷

O manuscrito de *Fisionomia de novos* teria caído nas mãos do taubateano e seria editado pela Monteiro Lobato & Cia., segundo o próprio Lobato compartilhou na carta de 25 de maio de 1921⁵⁵⁸. Os comentários dados na seção “Bibliografia” da *Revista do Brasil* parecem dialogar e responder à resenha de João Pinto da Silva: “*Vida Ociosa* é um romance? Sim. Não um romance como toda a gente o faz, sob medida e por meio de receitas. É um romance novo, no tema e na forma. É o romance panorâmico da lombeira da roça. *Vida Ociosa* é a bíblia da preguiça nacional”.⁵⁵⁹

Lobato encerrou sua crítica-amiga julgando o livro de Rangel em termos de “perfeição absoluta de fatura” e “perfeição absoluta de ideação”, como o único que, “embora de gênero diverso, possa ser colocado numa estante entre ‘Brás Cubas’ e ‘D. Casmurro’”.⁵⁶⁰

A resenha de Augusto de Lima, em *O Imparcial*, que agradara ao editor, referida em carta de 3 de fevereiro, 1921⁵⁶¹, foi transcrita no número 64 (abril/1921) da *Revista do Brasil*.

⁵⁵⁷ Apud ATHANÁZIO, Enéas. Posfácio. In: RANGEL, Godofredo. *Vida ociosa*, op. cit., p. 109.

⁵⁵⁸ Escreve Lobato: “Vou editar um livro de João Pinto da Silva em que há um capítulo sobre você e a *Vida*”. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 464. Carta de São Paulo, 25/05/1921.

⁵⁵⁹ LOBATO, Monteiro. Godofredo Rangel: *Vida ociosa*. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 63, março de 1921. Bibliografia, p. 262.

⁵⁶⁰ *Ibidem*, p. 262.

⁵⁶¹ Na missiva, Lobato indagava Rangel: “Leu o Augusto de Lima no *Imparcial*? Estupendo. Estás consagrado”. *Ibidem*, p. 461. Carta de São Paulo, 03/02/1921.

Uma pequena nota introdutória justificava a reprodução do texto, pelo “valor excepcional do livro e pela autoridade do crítico”. Augusto de Lima começou transcrevendo um trecho de carta que Lobato lhe endereçara, no qual se sobressai a figura do empresário-editor que, além de entusiasmado pela estreia do companheiro, mostrava-se aplicado na divulgação da obra lançada sob o selo de sua casa-editora:

Em recente carta que me dirigiu Monteiro Lobato, a quem peço desculpar a minha indiscrição, literariamente louvável, leio esta confidência entusiástica: “Aquilo (o livro de Godofredo Rangel) é que é escrever, e sentir, e observar! Sinto-me pequeno diante dele, desse humilde rapaz desconhecido que é uma das puras glórias literárias de Minas. É um livro que se lê, e relê e trelê, cada vez com mais encanto. E como editor estou todo ancho de ser por meu intermédio que essa estrela de primeira grandeza começa a brilhar nas nossas letras”.⁵⁶²

O êxito do projeto literário de Monteiro Lobato facultou o acúmulo crescente de capital simbólico, o que lhe teria assegurado, de acordo com Enio Passiani, “uma posição destacada e hegemônica no *status quo* literário”.⁵⁶³ A atividade editorial o faz “conhecido e reconhecido”, “fornecendo-lhe um capital de consagração que lhe concedia o poder de legitimar (ou não) outros escritores e obras”.⁵⁶⁴ Augusto Lima acatou a apreciação de Lobato, valorizando a obra de Godofredo Rangel:

Depois de tão efusivo elogio, traçado pela pena que escreveu os *Urupês*, *Cidades Mortas*, *Ideias de Jeca Tatu* e *Negrinha*, nada mais era preciso, para que de par em par se franqueassem festivamente ao neófito as portas do pantheon das letras. Nem a crítica ousa embaraçar o acesso vitorioso com pedido de vista impertinente e protelatório, depois de uma tal sentença, proferida em instância, que reputo única, pela competência de quem a proferiu.⁵⁶⁵

Augusto de Lima retomou alguns dos capítulos da narrativa em sua análise, aplaudindo “um dos melhores livros que o gênio brasileiro produziu no ano transcorrido. Original na

⁵⁶² LIMA, Augusto. Literatura: A *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 64, abril de 1921. Debates e Pesquisas, p. 76-78.

⁵⁶³ PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil**, op. cit., p. 202.

⁵⁶⁴ *Ibidem*, p. 227.

⁵⁶⁵ LIMA, Augusto. Literatura: A *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 64, abril de 1921. Debates e Pesquisas, p. 76.

concepção, perfeito na forma, verdadeiro e sincero nas confissões de alma e na interpretação das cenas e paisagens que descreve”.⁵⁶⁶

Vida ociosa também foi referido em “A literatura em 1920”, de Tristão de Ataíde, artigo enfileirado nos números de abril e maio de 1921 da *Revista do Brasil*. A narrativa de Rangel foi incluída entre os quatro romances “de primeira qualidade” dados ao público em 1920. Apareceu listado entre *O professor Jeremias*, de Léo Vaz, *Fruta do Mato*, de Afrânio Peixoto, e *Madame Pommery*, de Hilário Tácito, este com a primeira edição datada de 1919. Com exceção de *Fruta do Mato*, editado pela Livraria Francisco Alves, todos os outros foram publicados por Monteiro Lobato, cabendo lembrar que o autor baiano, na época, era um dos diretores do mensário.⁵⁶⁷ O crítico carioca destacou o traço realista da ficção rangeliana: “Propriamente descritivo, todo perfumado de aroma local, rico da mais rigorosa observação e cheio do pitoresco de tipos ou casos curiosos, é a *Vida ociosa* do sr. Godofredo Rangel”.⁵⁶⁸

Na variada seção “Resenha do Mês” do número 65 (maio/1921), a notícia da boa recepção de *Vida ociosa* e *Pais de ouro e esmeralda*, de José Antonio Nogueira, ganhou espaço no grifo “Vida Literária”: “Vão sendo admiravelmente bem recebidos os dois novos romances, editados há pouco pela empresa desta *Revista*”. Configurava-se, assim, mais uma ocasião na qual o editor, com a sua aguda percepção empresarial, valia-se do mensário como vitrine para seus produtos. Aliás, além de fazer propaganda das obras, a rubrica, sem indicação de autoria, aproveitava a oportunidade para elogiar a editora. O texto transcreveu parte da seguinte crítica de Mário de Lima, veiculada no jornal *Minas Gerais*, referindo-se a Godofredo Rangel e J. A. Nogueira:

Reivindicamos, com orgulho, para Minas, a glória desse escritor [J. A. Nogueira], que, editado em S. Paulo, é filho da terra mineira. Como Godofredo Rangel, o romancista vitorioso da *Vida ociosa*, J. A. Nogueira é bem nosso, um mineiro de nascimento e coração, que leva, com aquele, ao renascimento literário de S. Paulo, tão precioso e significativo contingente de talento e cultura do nosso Estado.⁵⁶⁹

O empresário-editor possivelmente não teria se agradado com o comentário de Mário de Lima. Em sua atuação, Lobato empenhava-se em acolher nas páginas de sua revista e em

⁵⁶⁶ Ibidem, p. 76.

⁵⁶⁷ Nos números 61 ao 66, Afrânio Peixoto figurou na lista de diretores ao lado de Amadeu Amaral, Lobato era referido como editor. Já entre os números 67 a 72, Afrânio Peixoto dividiu a direção com Monteiro Lobato. LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit., p. 71.

⁵⁶⁸ ATHAYDE, Tristão de [pseud. Alceu Amoroso Lima]. A literatura em 1920. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 65, p. 123, maio de 1921.

⁵⁶⁹ Apud VIDA Literária. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 65, maio de 1921. Resenha do Mês, p. 180.

sua editora intelectuais dos mais diversos recantos do país, priorizando os novatos, na contramão das práticas editoriais, “lançando gente praticamente desconhecida”.⁵⁷⁰ Através da subseção, aproveitou-se para retrucar a “reivindicação” de Mário de Lima:

Em vez de querer fazer reivindicações fora de propósito, o que o jovem e brilhante escritor podia muito bem era ter uma palavrinha amável para com a empresa que vai quebrando os moldes rançosos da indústria editora no Brasil e revelando individualidades de alto valor, vindas do Sul, do Norte, de Leste, de Oeste, do Centro... Ou será que esse esforço ainda merece censura? Quem sabe!// Como quer que seja, esta *Revista* que não de balde se intitula do Brasil, e que tem aberto suas páginas a todos os escritores brasileiros de talento, felicita-se por ver que os dois ilustres romancistas, cujos méritos havia reconhecido e estimulado antes de ninguém, vão recebendo em Minas o mesmo entusiástico acolhimento que tiveram em S. Paulo.⁵⁷¹

O artigo “O movimento paulista na literatura brasileira” exibiu a assinatura de Benjamin de Garay, colaborador argentino da *Revista do Brasil*⁵⁷². Publicado originalmente em *La Unión*, de Buenos Aires, ressurgia na seção “Resenha do Mês” (n. 73/ janeiro/ 1922) do periódico paulistano. Godofredo Rangel foi mencionado em meio aos “romancistas e poetas de valor”, entre os quais Léo Vaz, Hilário Tácito, Menotti del Picchia, Paulo Setúbal, Veiga Miranda, Valdomiro Silveira, Ribeiro Couto, “para não citar senão aqueles que oferecem uma modalidade que é filha da terra”. Mineiro inserido no movimento editorial paulista, Godofredo Rangel era visto como “um descritivo, um pintor atilado da vida silenciosa e monótona das fazendas”, que “retrata carinhosamente os tipos e as personagens simples do interior. Sorri afavelmente ante os seus defeitos e põe em evidência as suas qualidades de resistência, de honestidade e de heroísmo, com viva simpatia”.⁵⁷³

Ainda entre os periódicos portenhos, na revista *CRISOL*, B. Sánchez Sáez⁵⁷⁴ estampou algumas notas acerca de *Vida ociosa*, traduzidas para o português e transcritas na *Revista do Brasil* (n. 83/ novembro/ 1922), sob o grifo “A literatura nacional no estrangeiro”.

⁵⁷⁰ AZEVEDO, Carmen Lúcia de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. Sapo de redação. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**, op. cit., p. 124.

⁵⁷¹ VIDA LITERÁRIA. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 65, maio de 1921. Resenha do Mês, p. 180-181.

⁵⁷² Benjamin Bertoli de Garay foi responsável pela tradução e divulgação da literatura lobatiana no Prata, tendo traduzido para o espanhol os títulos *Urupés* (1921), *El macaco que se hizo hombre* (sem data), *El Presidente Negro* (1935) e *Don Quijote de los niños* (1938). Intermediou também a divulgação de escritores argentinos no Brasil. “O movimento paulista na literatura brasileira” marcou o início da colaboração de Garay nas páginas da *Revista do Brasil*. ALBIERI, Thaís de Mattos. **São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina**, op. cit., p. 37.

⁵⁷³ GARAY, Benjamin de. O movimento paulista na literatura brasileira. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 73, janeiro de 1922. Resenha do Mês, p. 70-71.

⁵⁷⁴ Braulio Sánchez Sáez foi professor, crítico literário, tradutor e representante da *Revista do Brasil* na Argentina, tendo publicado no mesmo número que trouxe o artigo acerca de Rangel o “Inquérito Literário Sul-Americano”,

Sáez principiou notando uma “estranha consonância” entre o ficcionista estadunidense Francis Brett Harte e “certas pareanças com os esboços mineiros de Godofredo Rangel”⁵⁷⁵, além de reconhecer o autor de *Vida ociosa* como um “valor de grande mérito nas letras contemporâneas”. Sáez retomou a trajetória do círculo formado no Minarete, “berço desta *Vida ociosa* do provinciano Rangel”, a partir do prólogo de Hilário Tácito. O crítico destacou ainda que *Vida ociosa* tinha o condão de expressar “a realidade veríssima das coisas”, de que ele próprio já pudera um dia testemunhar, por conhecer a experiência mineira: “Vida nômada, espíritos torturados por uma inquietude doentia, onde as almas se quebram [de?] ânsia interior. O traço forte, enérgico d’este livro é de uma realidade quase brutal, porque a vida desses seres requer que a mão do artista que os traça siga as suas contrações epidérmicas”. Concordando com “um amigo” que julgara o romance como um “livro místico, do misticismo selvagem dessa gente da terra que sangra”, o tradutor prosseguia: “Rangel é um místico, um místico dos homens de ‘tierra adentro’, como pastor de leões e não de ovelhas”.

Sánchez Sáez comparou também a ficção de Rangel com *Los caranchos de la Florida*, do argentino Benito Lynch. Concluiu suas notas manifestando seu desejo de que “o contato intelectual com esses países irmãos fosse mais amplo”, reivindicando a tradução de *Vida ociosa* para o espanhol, como “um passo de confraternidade sólida e clara”.⁵⁷⁶

Lobato, à frente da *Revista do Brasil*, empenhava-se na divulgação de *Vida ociosa*. Sua atuação incluía uma série de tarefas, entre elas, o envio do livro para conhecidos, colaboradores ou intelectuais. Pelo que se pode supor, os exemplares eram acompanhados de cartas que enalteciam Rangel e a qualidade de seu romance. Lobato escreveu a Artur Neiva⁵⁷⁷: “Mando-lhe a *Vida ociosa*, a obra-prima editada pela casa. Leia esse livro e veja que maravilha! Toda a

promovido em Buenos Aires. Em 1924, traduziu e publicou na revista *Lecturas*, de Buenos Aires, o conto “Barba Azul”, que integrava o livro *Negrinha*. ALBIERI, Thaís de Mattos. **São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina**, op. cit., p. 66.

⁵⁷⁵ SÁEZ, B. Sánchez. A literatura nacional no estrangeiro. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 83, p. 247-249, novembro de 1922.

⁵⁷⁶ *Ibidem*, p. 249.

⁵⁷⁷ O cientista baiano Artur Neiva teve seu primeiro contato com Monteiro Lobato entre 1906 e 1909, durante as campanhas de Oswaldo Cruz pelo interior do país, sanitarista do qual Neiva era discípulo. Na época, Lobato participava da Comissão de Xerém e estava cobrindo os feitos da campanha para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Em 1916, Neiva foi chamado para chefiar o Serviço Sanitário de São Paulo, selando a amizade com Lobato no engajamento na campanha da Liga Pró-Saneamento do Brasil em 1918. A correspondência entre Lobato e Neiva, no período de 1918 a 1942, extrapolava o tema saúde pública. Discorriam acerca dos tópicos mazelas nacionais, burocracia brasileira, influência lusitana, desenvolvimento da indústria editorial, busca de um modelo desenvolvimentista para o Brasil idealizado na experiência americana de Monteiro Lobato. Cf. IBANEZ, Nelson; RONCON, Juliana; SOFIA FABERGE ALVES, Olga. Homens modernos e um novo modelo para o Brasil: A correspondência entre Monteiro Lobato e Arthur Neiva (1918-42). **Cad. hist. ciênc.**, São Paulo, v. 8, n. 2, dez. 2012. Disponível em: <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342012000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 mar. 2020.

lombeira da roça está nele. É a bíblia da preguiça”.⁵⁷⁸ Em carta ao escritor cearense Antônio Salles, exprimia o seu contentamento: “Que prazer me deu a sua carta! Fazer justiça ao Rangel é coisa que considero das mais nobres, das mais altas, porque é ele um dos mais belos talentos de sua geração e o mais esquecido”. O taubateano prosseguia a carta atribuindo uma tarefa ao destinatário: “Releia o Rangel e escreva um estudo sobre o livro. Os homens desinvejosos e de boa vontade precisam se coligar para fazer justiça a quem merece”.⁵⁷⁹

A estratégia de divulgação dos autores do catálogo da editora da *Revista do Brasil*, por meio do periódico, figurou também na correspondência trocada entre Monteiro Lobato e Lima Barreto. Requisitava o editor: “Você precisa fazer aí propaganda da *Revista* e nela farei do livro”.⁵⁸⁰ O autor de *Urupês* atuava com engajamento na seleção da matéria que deveria ser transcrita e estampada em seu mensário, contribuindo para a construção do reconhecimento público do companheiro cenacular que editava em primeira mão.

⁵⁷⁸ Manuscrito sem data - AN C 18-06.21 – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas. Publicado em: TIN, Emerson. **Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários.** Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007.

⁵⁷⁹ Manuscrito sem data - Correspondência a Antônio Salles, Localização: Col. AS / Cp. 139 – fl. 33-34 – Fundação Casa de Rui Barbosa. Publicado em: Ibidem.

⁵⁸⁰ CAVALHEIRO, Edgard. **A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto: com notas, manuscritos e acréscimos.** Organização de Valéria Lamego. 2ª ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2017, p. 55. Carta de São Paulo, 22/02/1919.

Imagem 15: Página do exemplar digitalizado da *Revista do Brasil* (n. 62, fevereiro/1921) com publicidade das "Edições da *Revista do Brasil*". Entre as obras anunciadas: "VIDA OCIOSA, genial romance da vida mineira, por Godofredo Rangel".

Edições da "Revista do Brasil"

	Broc.	Enc.
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6. ^a edição	4\$000	5\$000
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , edição popular	2\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2. ^a edição	4\$000	5\$000
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, crítica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2. ^a ed.	4\$000	5\$000
NEGRINHA, DOVOS contos de <i>Monteiro Lobato</i>	2\$500	3\$500
A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO, livro para creanças, por <i>Monteiro Lobato</i> , com 60 desenhos a tres côres de Veltolino; lindo volume cartonado, formato grande	—	3\$500
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL, o melhor trabalho de sociologia brasileira apparecido até hoje, por <i>F. J. Oliveira Vianna</i>	10\$000	12\$000
PROFESSOR JEREMIAS, notabilissimo romance de <i>Léo Vas</i> , 3. ^a edição	4\$000	5\$000
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i>	2\$000	—
LIVRO DE HORAS SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> , luxuosa edição	5\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 6. ^o milheiro	3\$000	4\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i>	4\$000	5\$000
MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i>	4\$000	—
BRASIL COM S ou com Z, por <i>F. Assis Cintra</i>	3\$000	—
VIDA OCIOSA, genial romance da vida mineira, por <i>Godofredo Rangel</i>	4\$000	5\$000
OS CABOCLOS, contos dialectaes paulistas, com um extenso vocabulario, por <i>Valdomiro Silveira</i>	4\$000	5\$000
HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, contos historicos por <i>Viriato Corrêa</i>	3\$500	4\$500
O MYSTERIO, romance policial por <i>Afranio Peixoto, Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto e Viriato Corrêa</i>	4\$000	5\$000
ESPHINGES, o grande livro de versos de Francisca Julia, a maior poetiza brasileira de todos os tempos	4\$000	5\$000
CASA DE MARIBONDOS, contos hortistas por <i>João do Norte</i>	3\$000	4\$000
SCENAS E PAIZAGENS DA MINHA TERRA, por <i>Cornelio Pires</i> , versos da musa caipira	4\$000	5\$000
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, o romance da raça futura, por <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000	5\$000
ANNAES EUGENIA, organizados pelo dr. <i>Renato Kehl</i>	8\$000	—
SEM CRIME, romance por <i>Papi Junior</i>	5\$000	—
VÃO NUPCIAL, romance por <i>Albertino Moreira</i>	3\$000	—

LIVROS A' VENDA

AMADEU AMARAL, discurso academico	2\$000
BUCOLICA, versos de <i>Canto e Mello</i>	1\$000
MANA SILVERIA, romance, de <i>Canto e Mello</i>	4\$000
ALMA EM DELIRIO, romance, de <i>Canto e Mello</i>	4\$000
RELIQUIAS DA MEMORIA, romance, de <i>Canto e Mello</i>	4\$000
JOSÉ BONIFACIO, trabalho historico por <i>Lellis Vieira</i>	3\$000
AMOR IMMORTAL, romance, <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000

PEDIDOS AOS EDITORES:

MONTEIRO LOBATO & COMP.

Editores, S. Paulo — Cx. 2 B. Rua Boa Vista, 52

Para o interior mais 10 % para porte

Imagem 16: Página do exemplar digitalizado da *Revista do Brasil* (n. 74, fevereiro/1922) com publicidade da "Lista das edições" da Monteiro Lobato & Cia.. Entre as obras anunciadas: "VIDA OCIOSA, romance de Godofredo Rangel, fartamente elogiado pela crítica nacional que o considera uma das obras primas da nossa literatura".

LISTA DAS EDIÇÕES		
DE		
MONTEIRO LOBATO & C. ^A		
	Broc.	Ene.
ITRUPÊS, contos, <i>Monteiro Lobato</i> , 7.ª edição.	4\$000	5\$000
CIDADES MORTAS, idem, idem, 3.ª edição.	4\$000	5\$000
NEGRINHA, idem, idem, 1.ª edição.	2\$500	3\$500
IDÉAS DE JÊCA-TATÛ, critica, <i>Monteiro Lobato</i> , 3.ª edição.	4\$000	5\$000
ONDA VERDE, critica, <i>Monteiro Lobato</i>	4\$000	5\$000
A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, illustrado a côres com desenhos de Voltolino (cart.)	2\$500	3\$500
FABULAS DE NARIZINHO, <i>Monteiro Lobato</i> , álbum illustrado por Voltolino, (cart.)	—	3\$000
FABULAS, edição escolar, muito augmentada e approvada pela Directoria Geral de Instrucção Publica de S. Paulo, (cart.)	—	2\$500
O SACY, <i>Monteiro Lobato</i> , magnifico livro de historias para crianças, com illustrações de Voltolino, (cart.)	—	2\$500
A LINGUA NACIONAL, João Ribeiro	4\$000	5\$000
IPÊS, magnifico livro de versos de Ricardo Gonçalves	4\$000	5\$000
O PROFESSOR JEREMIAS, o celebre romance de LEO VAZ, 4.ª edição.	4\$000	5\$000
SAL-EZAES E TIGUIRAS, excellntes contos regionaes, por <i>Amando Cauby</i> .	4\$000	5\$000
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Scituba</i> , 2.ª edição	3\$000	4\$000
SCENAS E PAIZAGENS DE MINHA TERRA, versos de <i>Cornélio Pires</i>	3\$000	—
Em papel bom	2\$000	—
Em papel de jornal	5\$000	—
ESPIINGES, edição posthuma dos versos de <i>Francisca Julia</i>	—	—
ARTE DE AMAR, versos de <i>Julio Cesar da Silva</i> , um dos grandes successos literários do anno.	4\$000	5\$000
FIGURÕES VISTOS POR DENTRO, estuda sarcastico de <i>Simão de Mantua</i> sobre o mundo politico brasileiro, de grande oportunidade; no segundo volume trata de Borges de Medeiros e Nilo Peçanha. — 1.ª volume	4\$000	5\$000
2.ª volume	5\$000	—
RITO PAGÃO, versos de <i>Rosalina Coelho Lisboa</i> , premiados em 1921 pela Acaxlemia Brasileira de letras. A mais bella edição que se tem feito no Brasil	4\$000	—
Encadernado em camurça.	—	12\$000
MADAME POMMERY, notável &atira de <i>Hilário Tácito</i> , que em segunda edição, continua uma brilhante carreira de critica e livreria	4\$000	5\$000
CONTRIBUINDO, o segundo dos "participios" do illustre Andrada — <i>Martim Francisco</i> — contendo interessantissimas contribuições historicas	4\$000	5\$000
TRADIÇÕES E REMINISCÊNCIAS PAULISTANAS, estudo minucioso de coisas do S. Paulo antigo, por <i>Afonso de Freitas</i> — (Edição cuidada).	4\$000	5\$000
ULTOS K LIVROS, valiosa contribuição para a critica e bibliographia nacional, por <i>Arthur Motta</i> (Bellissima edição)	5\$000	—
JARDIM DAS CONFIDENCIAS, versos de <i>Ribeiro Couto</i> , auspiciosamente recebido pela critica. (Bellissima edição)	3\$000	—
VIDA OCIOSA, romance de <i>Godofredo Rangel</i> , fartamente elogiado pela critica nacional que o considera uma das obras primas da nossa literatura	4\$000	5\$000
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, luxuosa edição dos excellentes versos de <i>Guilherme de Almeida</i>	5\$000	—
ASIL COM S OU COM /?, minucioso estudo critico por <i>Assis Cintra</i>	4\$000	5\$000
DA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ, romance de <i>Lima Arreto</i> , premiado pela Academia de Letras.	2\$000	—
AS DE GUERRA E DE SERTÃO, memorias de campanha do <i>Vilondc de Taunay</i> , o extraordinário narrador da "Retirada	4\$000	5\$000
CASA, ^{1.ª ed.} ^{2.ª ed.} ^{3.ª ed.} ^{4.ª ed.} ^{5.ª ed.} ^{6.ª ed.} ^{7.ª ed.} ^{8.ª ed.} ^{9.ª ed.} ^{10.ª ed.} ^{11.ª ed.} ^{12.ª ed.} ^{13.ª ed.} ^{14.ª ed.} ^{15.ª ed.} ^{16.ª ed.} ^{17.ª ed.} ^{18.ª ed.} ^{19.ª ed.} ^{20.ª ed.} ^{21.ª ed.} ^{22.ª ed.} ^{23.ª ed.} ^{24.ª ed.} ^{25.ª ed.} ^{26.ª ed.} ^{27.ª ed.} ^{28.ª ed.} ^{29.ª ed.} ^{30.ª ed.} ^{31.ª ed.} ^{32.ª ed.} ^{33.ª ed.} ^{34.ª ed.} ^{35.ª ed.} ^{36.ª ed.} ^{37.ª ed.} ^{38.ª ed.} ^{39.ª ed.} ^{40.ª ed.} ^{41.ª ed.} ^{42.ª ed.} ^{43.ª ed.} ^{44.ª ed.} ^{45.ª ed.} ^{46.ª ed.} ^{47.ª ed.} ^{48.ª ed.} ^{49.ª ed.} ^{50.ª ed.} ^{51.ª ed.} ^{52.ª ed.} ^{53.ª ed.} ^{54.ª ed.} ^{55.ª ed.} ^{56.ª ed.} ^{57.ª ed.} ^{58.ª ed.} ^{59.ª ed.} ^{60.ª ed.} ^{61.ª ed.} ^{62.ª ed.} ^{63.ª ed.} ^{64.ª ed.} ^{65.ª ed.} ^{66.ª ed.} ^{67.ª ed.} ^{68.ª ed.} ^{69.ª ed.} ^{70.ª ed.} ^{71.ª ed.} ^{72.ª ed.} ^{73.ª ed.} ^{74.ª ed.} ^{75.ª ed.} ^{76.ª ed.} ^{77.ª ed.} ^{78.ª ed.} ^{79.ª ed.} ^{80.ª ed.} ^{81.ª ed.} ^{82.ª ed.} ^{83.ª ed.} ^{84.ª ed.} ^{85.ª ed.} ^{86.ª ed.} ^{87.ª ed.} ^{88.ª ed.} ^{89.ª ed.} ^{90.ª ed.} ^{91.ª ed.} ^{92.ª ed.} ^{93.ª ed.} ^{94.ª ed.} ^{95.ª ed.} ^{96.ª ed.} ^{97.ª ed.} ^{98.ª ed.} ^{99.ª ed.} ^{100.ª ed.}	4\$000	5\$000
** DE MARIBONDOS, pequenos contos anecdoticos de <i>João do norte</i> . (Esmerada edição)	3\$000	4\$000

Fonte: Hemeroteca Digital da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).

Capítulo 4 – Um contista em trânsito

4.1 – Caminhos estilísticos e experimentações: incursões na escrita de Godofredo Rangel contista

As primeiras publicações literárias de Godofredo Rangel desaguaram em *Minarete*. As folhas do semanário, em circulação na cidade de Pindamonhangaba, acolheram trabalhos dele e de seus companheiros do grupo Cenáculo. Nesse espaço, experimentaram a escrita jornalística e literária.

No período de 1903 a 1908, a pesquisa logrou localizar vinte composições de Rangel no hebdomadário da “Princesa do Norte”. O conjunto é composto de narrativas que se distinguem não só pelo enredo e extensão, como também pela estrutura e modo narrativo. Duas delas são apresentadas, nas próprias páginas do periódico, como novelas: “O Sebastião” e “O queijo de Minas ou História de um nó cego”, esta última escrita em colaboração com Monteiro Lobato. Encontrou-se também um outro grupo de narrativas, de menor extensão, que não explicitam a que gênero pertenceriam. Uma parte delas pode ser situada na categoria de conto, ao “modo tradicional”, de acordo com a terminologia proposta por Nádía Battella Gotlib, em sua *Teoria do conto*. Apresentam a ação e o conflito, passando pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução final⁵⁸¹. Todavia, há escritos que parecem recusar as fronteiras literárias do gênero. Transitam entre *sketches*, memórias e crônicas⁵⁸². Desvelam experimentações de um autor em busca de sua identidade estilística. Esses textos deixam vestígios da formação de Rangel enquanto contista, fixando traços que perdurariam e se desenvolveriam em sua prosa.

Escritores, críticos e estudiosos da Teoria Literária colocam em pauta a conceituação do conto e, segundo Nádía Battella Gotlib, os limites do gênero muitas vezes se embaralham e “se

⁵⁸¹ GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1990, p. 29.

⁵⁸² Nos moldes das narrativas memorialistas e no formato de crônica “A chácara” foi publicada no *Minarete* em 1º de janeiro de 1904. Com a dedicatória “à vovozinha”, a voz narrativa se volta para descrever algumas de suas lembranças de um passado nostálgico, vivido na chácara em companhia dos avós, distante do tempo em que a narrativa é escrita. Em 21 de janeiro do mesmo ano, o hebdomadário estampa “Hurrah!”. A exemplo do anterior, combinava elementos das crônicas e memórias. Com a indicação logo após o título “Do álbum do Minarete”, o texto apresentava referências aos companheiros do grupo Cenáculo. *Té Bézuquet*, pseudônimo de Godofredo Rangel, é quem narra e assina a narrativa. Nela, conta um dos episódios vivenciados por ele e Bruno de Cádiz, pseudônimo literário do amigo Ricardo Gonçalves. Cf. RANGEL, Godofredo. A chácara. *Minarete*. Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 27, 1º jan. 1904. TÉ BÉZUQUET [pseudônimo de Godofredo Rangel]. Hurrah! *Minarete*. Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 30, 21 jan. 1904.

dilatam as possibilidades de misturar características dos vários gêneros e atingir até a dissolução da própria ideia de gênero e de normas”.⁵⁸³ Mário de Andrade, em “Contos e contistas”, traria uma resposta descomplicada para a indagação “o que é o conto?”. Diante da pergunta “angustiosa”, o polígrafo afirmava: “em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto”.⁵⁸⁴ O desafio é que nem sempre uma classificação do escritor acompanha o texto publicado, como ocorre com textos rangelinos no *Minarete*.

Para a apreensão das linhas de força do projeto literário do escritor nesses primeiros textos ficcionais, pode-se agrupar as suas composições nas páginas do semanário paulista em três vertentes. Na primeira, congregando contos tradicionais, com ação e conflitos marcados, contam-se “Simbólico vagido”, “Pálida, pálida!”, “Guahyra”, “História de bonecas” e “Como se faz uma visita”.⁵⁸⁵

Os contos “Pálida, pálida!”, “História de bonecas” e “Como se faz uma visita” não apresentam uma unidade temática comum entre eles. Contudo, já deixam entrever um traço que seria característico da prosa rangelina, pontuado por Antonio Candido: o pendor pelos fracos, pelos seres humildes e à mercê da sorte.⁵⁸⁶ Anos depois, em 1944, Godofredo Rangel reuniu contos alinhados a essa tônica, alguns deles já estampados em diferentes periódicos, e os publicou sob o título *Os humildes*. Nenhum dos contos do *Minarete* integrou as páginas dessa obra.

Em “Pálida, pálida!”, a viúva Clarinha acabara de perder o marido, Lopes Andrade, levado pelo tifo, “um traste sem valia, cercado de círios e coberto pelas dobras alvas de um lençol”. Se em vida, a relação era de “enjoamentos e briguinhas espalhafatosas”, diante do cadáver, a viúva “enlouquecia de dor”. Do povo, vinham as palavras de consolo que deixavam entrever as precárias condições vividas pelo defunto desdentado: “— Para que é isso, comadre! Ele está melhor do que nós! Foi para o céu, descansar da vida triste que levava, trabalhando, sem parar!”⁵⁸⁷

⁵⁸³ GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto**, op. cit., p. 14.

⁵⁸⁴ “Contos e contistas” foi publicado em 13 de novembro de 1938, em *O Estado de S. Paulo*. Em fevereiro de 1939, saiu na *Revista Acadêmica*. Em 1946, foi inserido no livro *O empalhador de passarinho*. O cotejo entre a edição *princeps* e as versões em periódicos foi estabelecido por: SÁ, Marina Damasceno de. **O empalhador de passarinho, de Mário de Andrade**: edição de texto fiel e anotado. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 49-53.

⁵⁸⁵ “Um literato” e “Regeneração” não foram localizados em sua totalidade nos números consultados do *Minarete*, não sendo incluídos nas análises empreendidas.

⁵⁸⁶ CANDIDO, Antonio. *Literatura caligráfica*. In: RANGEL, Godofredo. **Falange gloriosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1953. Prefácio, p. 4.

⁵⁸⁷ RANGEL, Godofredo. *Pálida, pálida! Minarete*, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 24, 10 dez. 1903.

Entre os seres “fracos, humildes e à mercê da sorte”, Rangel também incluiu em sua prosa as crianças. A “História de bonecas” narra com leveza uma tarde de brincadeiras entre irmãs. Sob as jabuticabeiras da horta, Irene e Titi constroem bonecos e imaginam histórias. Apesar do universo infantil, a narrativa assume ares reflexivos:

Irene, sentada numa pedra e ajudada pelo maninho, num instante tirou d’um caos de trapos uma porção de gente, com o afã e o descuido de um deus que cria. Que importa as bonecas nascessem sem olhos, sem cabelos, sem inteligência? O bom Deus também faz muita gente assim. Titi, perto, vestias, fazendo pernas nos homens. Já as mulheres não tinham a mesma regalia, para poderem ficar em pé.⁵⁸⁸

Em “Como se faz uma visita” desvela-se o tratamento diferenciado aos que gozam de um lugar social de prestígio, em contraposição aos que não desfrutam dessa posição. No início da narrativa, Daniel está sendo acordado para recepcionar o promotor e o major Constâncio, este uma das figuras de influência política na região. A visita era pretexto para os dois bajularem o irmão de Daniel, o juiz de direito da comarca, doutor Velloso, “alto e empertigado como uma grande espada, duma imperturbabilidade de código, sentado na cadeira como num trono”.⁵⁸⁹ O encontro coloca à luz rivalidades, bem como as adulações dos visitantes para conquistar a atenção do juiz. Enquanto isso, Daniel, a “razão” da visita do major e do promotor, permanecia esquecido na sala, posto de lado nas conversas. Próximo ao desfecho do conto, surgem comparações entre os irmãos, e Daniel, o protagonista, torna-se figurante naquele espaço:

Daniel, passivo como boi de carro, entregava-se às vistas, deixava-se analisar pelos três, com vontade de lhes mostrar a língua, fazendo uma careta horrenda.// Outra vez, nesse dia, notaram sua presença. Foi no momento de um silêncio pesado, incomodativo, que travava as ideias, apesar da ansiosidade de cada um em falar. Esbarrando seus olhos com os do promotorzinho, este virou-se, muito risonho:// - Sim senhor, senhor Daniel.// - Sim senhor, seu promotor.// É o major, vermelho de triunfo, teve a glória de se dirigir ao juiz de direito da comarca:// - Sim senhor, seu doutor!// - Senhor sim, seu major, respondeu o juiz.⁵⁹⁰

A posição hierárquica de que gozava o Dr. Velloso em relação às outras personagens evidencia-se no paralelismo modelado no diálogo. O fechamento do conto demarca a diferença entre o magistrado e os demais, principalmente em relação ao irmão, que se coloca obediente à disposição do promotor, prontamente respondendo o “sim senhor”.

⁵⁸⁸ Idem. História de bonecas. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 182, 27 dez. 1906.

⁵⁸⁹ Idem. Como se faz uma visita. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 185, 17 jan. 1907.

⁵⁹⁰ Ibidem.

Além do apreço em retratar seres “humildes”, os três contos revelam semelhanças no plano narrativo. Apresentam extensões parecidas, “História de bonecas” sendo ligeiramente menor. Em linhas gerais, os narradores são heterodiegéticos. Em “História de bonecas”, ainda que não seja onisciente, o narrador desempenha papel de destaque na trama. Em um primeiro plano, narra a brincadeira entre as duas irmãs que confeccionavam os brinquedos, conversando na horta, sob jabuticabeiras. Ao mesmo tempo, a narrativa busca fixar o imaginário das meninas. No plano das invenções fantasiosas das irmãs, figuram os brinquedos criados com materiais da horta, uma chácara imaginária, a história de um casamento entre dois desses personagens inventados por elas. O narrador articula os dois planos em sua narrativa. É justamente desse jogo que se desencadeia o conflito e o desenlace da narrativa. Com os personagens criados, as meninas preparam o casamento entre “Manequinho” e “Estephania”. Porém, no meio da brincadeira, um cachorro transpõe os dois planos narrativos, o das meninas e o da história inventada por elas:

Mas, quem pode prever o futuro! Não acabaria a tarde em flores e festa. Já o vulto negro da desgraça rondava ali a alegre população da chácara, encarnado no cachorro Pery. Os acontecimentos logo se desencadearam tragicamente. O cão armou um bote, agarrou Estephania nos dentes e raspou-se em disparada.// - Larga! larga, Pery!// Toca as crianças a correr. Correram, correram atrás do cachorro, mas em vão. Desistiram, por fim, de persegui-lo.// - E o Manequinho? Coitado, não, Titi? Perdeu o casamento! De tristeza ele vai suicidar-se num pé de quiabo.// Pertinho acharam o quiabeiro fatal. // Daí a pouco, pendurado por um fio de linha, o desditoso mancebo balouçava-se no ar.// Foi então uma choradeira enorme; todos choravam a sua morte, os homens, as mulheres, os criados, os cavalos de chuchu e... até os docinhos de barro.⁵⁹¹

O narrador de “Como se faz uma visita” é onisciente e intruso. Seus comentários na caracterização das personagens forjam representações caricaturais, como no modo como retrata o major Constâncio:

O major era horroroso, com uma cara de assassino, só pelos espessos do nariz para baixo, e, de orelha a orelha, uma sobrancelha única para os dois olhos, sobrancelha larga, cerrada, dando-lhe uma expressão antropófaga ao olhar. Seu nariz, numa eterna assopração para dentro e para fora, era recurvo e ameaçador como um alfanje.⁵⁹²

⁵⁹¹ RANGEL, Godofredo. História de bonecas. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 182, 27 dez. 1906.

⁵⁹² Idem. Como se faz uma visita. **Minarete**, op. cit.

A tendência caricatural também se alastraria na prosa de Godofredo Rangel e o abuso desta técnica constitui-se um dos pecados da escrita caligráfica, segundo apontou Antonio Candido. O crítico literário se debruçou na análise de como este traço estilístico atravessa a obra rangelina:

Esta veia caricatural, puxando estilo sobrecarregado, pode ser considerada como estrato primitivo e a manifestação literária menos elaborada do nosso autor. Parece entroncar-se na sua experiência paulista, isto é, na vida de estudante, no *Minarete* e as ingênuas paródias de Daudet, evocadas pelo prefaciador de *Vida ociosa*; na admiração exaltada de todo o grupo por Camilo; na leitura dos naturalistas franceses. Por este costado aparenta-se de perto a Monteiro Lobato e Hilário Tácito, que gostavam de pintar a realidade com tinta espessa e pinceladas carregadas, parecendo traçar contornos menos de personagens que das sombras destes, grossamente deformadas por um foco de sarcasmo e pesada ironia.//Esta tendência é sensível, embora refinada, em *Os bem casados*, atenuando-se em *Vida ociosa*; é pois um elemento vital da sua personalidade artística, que funciona bem quando subordinado a uma concepção ampla, não se mantendo por si, desajudada dos meios tons, do senso de medida, duma visão menos esquemática da realidade – coisas que faltam em *Falange gloriosa*.⁵⁹³

“Pálida, pálida!” aparece no primeiro ano da colaboração de Rangel no *Minarete*, 1903. Os outros dois contos, nos anos finais: “História de bonecas”, em 1906, e “Como se faz uma visita”, 1907. Possuem estrutura narrativa aparentadas, distinguindo-se dos contos “Simbólico vagido” e “Guahyra”, pois nestes os traços autobiográficos ganham relevo.

Emulando o sabor das aventuras tartarinescas, “Guahyra” possui narrador autodiegético, *Té Bézuquet*. No enredo, o grupo de quatro companheiros parte do rio Tietê, embocando-se nas águas do rio Paraná. Após vivenciarem caças, lutas contra jiboias e jacarés, pescarias e excursões na selva, a narrativa mostra os amigos a bordo de uma canoa. À espera da queda do Guahyra, ponderavam sobre a melhor resolução a ser tomada frente à iminente queda. Esquecidos por um instante do perigo que lhes aguardava, desfrutavam da paisagem que os rodeia. No clímax do trecho, sentem um baque e descobrem-se seguros, graças ao engastalhar da embarcação entre dois rochedos. Ao final, o grupo é resgatado por “uns bons selvagens” da região.

Godofredo Rangel assinou o conto sob o pseudônimo *Té Bézuquet*, nome emprestado do farmacêutico na trilogia de *Tartarin*.⁵⁹⁴ O diálogo intertextual com o livro de Daudet ganhou

⁵⁹³ CANDIDO, Antonio. Literatura caligráfica. In: RANGEL, Godofredo. *Falange gloriosa*, op. cit., p. 4.

⁵⁹⁴ Inspirado nas aventuras de sua viagem à Argélia, Daudet escrevera para o jornal francês *Le Figaro*, em 1863, “*Chapatin, le tueur de lions*”, narrativa que, em 1872, deu origem a *Tartarin de Tarascon*, *Tartarin sur les Alpes* (1885) e *Port-Tarascon* (1890).

relevo, em termos de apropriações. Logo abaixo do título “Guahyra”, aparece registrado “(Da *Gazeta de Port-Minaron*)”, brincadeira associada à *Gazette de Port-Tarascon*, referida no livro *Port-Tarascon*, último da série que narra as peripécias da personagem *Tartarin*. A canoa dos companheiros é batizada de *Tutu-panpan*, referência a uma ponte mencionada no livro francês; a cidade *Beaucaire*, citada em diversas passagens da novela de Daudet, é referida pela personagem Bruno de Cadiz. Neste ponto, as pinceladas autobiográficas em “Guahyra” tomam vulto, posto que Bruno de Cadiz foi um pseudônimo literário adotado por Ricardo Gonçalves, um dos companheiros de Rangel no Cenáculo.

A análise dos primeiros anos da correspondência que integra *A barca de Gleyre* revelam a presença das aventuras de *Tartarin* no cotidiano de Rangel e do círculo de amigos do Minarete. Impregnados pela leitura da novela, faziam-se personagens dela, recuperando suas peripécias. Godofredo Rangel teria composto o “Hino do Minarete”, que remetia ao grito de guerra dos tarasconeses de *Port-Tarascon*:⁵⁹⁵

Versão: *Port-Tarascon*

Dé brin o dé bran
Cabussaran
Dou fenestroun
De Tarascoun
Dedins lou Rose

Versão: Hino do Minarete

Dé brin o dé bran
Cabússaran
Dou fenestroun
De Minaroun
Dedins lou Tetiose

Em “Guahyra”, o hino rebentaria na voz da personagem Bruno de Cadiz, ajustado à narrativa ambientada nas águas do Paraná: “– *Dé brin o dé bran*... começou a guelar Bruno de Cadiz, o ministro da Guerra.// [...] – *Dou fenestroun de Minaroun dedins lou Paranáose!* – cantava o Bruno, a agitar tragicamente os braços”.⁵⁹⁶

Além dessa produção contística embebida de experiências autobiográficas, o *Minarete* acolheu um outro grupo de narrativas do escritor: “Ave-Maria”; “Gonache” [*sic*]; “Dona Fidalma”; “Martha”; “Do Alfa ao Ômega”; e “Recordações do passado”. Neste conjunto de trabalhos, em termos estruturais, verifica-se a ausência de uma trama propriamente constituída. Aparentemente sem um enredo, cada uma delas particulariza modos de narrar exercitados pelo escritor, oscilando entre conflitos tênues, difusos, fragmentários, ou estabelecidos no plano

⁵⁹⁵ DAUDET, Alphonse. **Port-Tarascon: Dernières aventures de l'illustre Tartarin**. Paris, E. Dentu, 1890.

⁵⁹⁶ TÉ BÉZUQUET [pseudônimo de Godofredo Rangel]. Guahyra. **Minarete**. Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 43, 21 abr. 1904.

psicológico das personagens. Uma vez que o conflito é suave, menos evidente que no enredo tradicional, ou até mesmo inexistente em alguns casos, o clímax e o desfecho não se encontram marcados. Em alguns deles, a estratégia de narrar os aproxima de *sketches*, conforme definição apresentada por Nádía Batella Gotlib: “o termo *sketch* passa a se referir à narrativa descritiva, estática, representando um estado: como é ou está alguém ou alguma coisa, com personagens não envolvidas em cadeia de eventos; são *retratos* ou *quadros* ou *caracteres soltos*”.⁵⁹⁷

Um exemplo está em “Gonache”, cujo título deveria ter saído “Gouache”, erro tipográfico acusado na carta de 2 de fevereiro de 1905, encontrada em *A barca de Gleyre*. Sem personagens ou intrigas, descreve-se o cair da chuva e, próximo ao encerramento, o cessar das águas. As sequências de ações são estabelecidas num encadeamento dos diversos objetos e espaços tocados pelas águas. O narrador, tal qual uma câmera, parece capturar um retrato daquele instante contemplativo, uma tela liricamente pintada:

A chuvarada, aos arremessos sucedâneos, projetava-se nos telhados e alagava as ruas, gluglutando, em alguns jorros grossos, das goteiras das casas, para se esparramar nas calçadas. A cidade congelara-se, tiritando, sob essa inundação que a submergia num banho violento. Pelas vidraças que escorriam, e estralejavam sob os ricochetes precipitados de globulinhos de gelo, via-se uma paisagem disforme de casas, muros de pedra e verduras de quintais, e uma floresta de fios de chuva, inumeráveis, retesados, transparentes como cordões de vidro, deslocando-se freneticamente às estremeções bruscas do ar.// Mas súbito estancou-se o projetar das aguadas soltas. O chão ficara fumegando. As cimalhas das casas pingo-pingavam nas poças quietas, e apenas restava um eco vago do cachoar das enxurradas.⁵⁹⁸

Logo após a publicação de “Gonache” no *Minarete*, Monteiro Lobato endereçou, na carta de 2 de fevereiro de 1905, uma crítica ao texto de Rangel. Para o taubateano, a composição não passava de “pura imitação pastichada” de Gustave Flaubert. A correspondência do período indicava, ainda, que a obra do escritor de *Madame Bovary* dividia a opinião dos missivistas e que desagradava e “maçava seriamente”⁵⁹⁹ Lobato. Entretanto, a forte assimilação de Godofredo Rangel pela escrita do representante da corrente literária realista na França, sua sensibilidade para as descrições minuciosas, teriam levado Lobato a adverti-lo, praticamente um ano antes, em 10 de janeiro de 1904: “Sare, homem! Estás malíssimo de ingurgitamento literário. Vomite o Flaubert!”⁶⁰⁰ Ao comparar a “maneira” de Flaubert e a de Rangel, o

⁵⁹⁷ GOTLIB, Nádía Batella. **Teoria do conto**, op. cit., p. 16.

⁵⁹⁸ GOD. RANGEL [pseudônimo de Godofredo Rangel]. Gonache [sic]. **Minarete**. Pindamonhangaba (SP), ano II, n. 82, 26 jan. 1905.

⁵⁹⁹ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 85. Carta de Taubaté, 02/02/1905.

⁶⁰⁰ Ibidem, p. 54. Carta de São Paulo, 10/01/1904.

missivista chegou a declarar que a diferença era nula: “o que seria ótimo para você [Rangel], se você houvesse vindo ao mundo antes de Flaubert”.⁶⁰¹ Questões estilísticas e comparações literárias frequentavam as críticas lobatianas. Para ele, o excessivo trabalho na fatura da obra dificultava a leitura, como insistiu na carta de 21 de janeiro de 1907:

O pior hábito teu é o Flaubert. É preciso que duvides de Flaubert – e pelas tuas cartas vejo que é o único homem no mundo de quem nem sonhas duvidar. O duvidar dos deuses e de Deus é o princípio da sabedoria. No dia em que começares a duvidar de Flaubert, cresces vinte côvados. //A mim Flaubert me enfada: admiro-o, sim, mas como admiro a pirâmide de Quéops ou a Esfinge. [...] Flaubert me dá ideia dum pedreiro, dum carapina literário – dum sujeito que *faz* livros, em vez de expluí-los, exsudá-los, defecá-los”.⁶⁰²

Enquanto “Gonache” era desaprovado, “Ave-Maria” e “Dona Fidalma” contavam com elogios de Monteiro Lobato. Na carta de 2 de junho de 1904, registrou: “Quanto à *Ave-Maria*, perfeita. Todos aqui fomos unânimes no adjetivo”.⁶⁰³ Na carta de 17 de dezembro de 1905, seguem as impressões da outra narrativa:

O *Minarete* trouxe a tua lânguida *Dona Fidalma*. Ouça lá o que diz a medicina: “Durante esse tempo as mulheres mostram-se fracas, mais impressionáveis, de humor volúvel, apresentam exteriormente um aspecto sofredor [...] umas inclinam-se à tristeza, outras tornam-se irascíveis ou sentimentais.” Exatamente como estava a dona Fidalma quando a apanhaste. Rangel, você a plagiar a Chernoviz⁶⁰⁴ naquele desagradável capítulo.⁶⁰⁵

Os três textos apresentam algumas afinidades em relação ao modo de narrar, sobretudo o apreço pelo descritivo e a existência de uma intriga rarefeita. As cartas, por sua vez, sugerem a predileção de Monteiro Lobato por narrativas que tragam personagens/figurantes e que apresentem um enredo evidente.

⁶⁰¹ Ibidem, p. 85. Carta de Taubaté, 02/02/1905.

⁶⁰² Ibidem, p. 139-40. Carta de Areias, 21/01/1907.

⁶⁰³ Ibidem, p. 62. Carta de São Paulo, 02/06/1904.

⁶⁰⁴ Lobato refere-se a Pedro Luiz Napoleão Chernoviz. O médico polonês teria se dedicado a produzir e a publicar, em língua portuguesa, manuais de medicina, destinados tanto para os médicos quanto para as pessoas leigas. Até fins do século XIX, a corporação médica brasileira era reduzida e se concentrava na Corte do Rio de Janeiro e em Salvador. Com a completa carência de médicos nas vastas regiões rurais, os manuais de medicina popular do dr. Chernoviz foram um instrumento essencial para disseminar práticas e saberes aprovados pelas instituições médicas oficiais. Cf. GUIMARAES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. *Hist. cienc. Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 501-514, agosto de 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 fev. 2020.

⁶⁰⁵ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 100. Carta de Taubaté, 17/12/1905.

Em “Ave-Maria” não se identifica, com exatidão, um conflito, mas um sutil encadeamento nas ações da narrativa. O narrador-protagonista entra na igreja, espaço onde transcorre o entrecho, e procura por uma suposta pessoa admirada/desejada por ele. Ao encontrá-la, aproxima-se e ajoelha-se ao lado dela, que também está ajoelhada e rezando a oração que dá nome à narrativa. De sua percepção e impressões subjetivas, o narrador concentra-se em descrever detalhes do espaço que o circunda, as feições da mulher, seu perfil “imaculado de santa”, sobretudo as sensações experimentadas, quando se coloca ao lado dela:

Vejo-a, e num completo alvoroço de toda a minha alma, esgueiro-me entre a multidão, avizinho-me dela e junto a ela me ajoelho, apenas separados por uma grade. Dali ouço a balbúcie imperceptível da sua voz, vejo-lhe o frêmito dos lábios talhados em coração, e os seus negros olhos tão langues e cismativos, encimados de sobranceiras densas, erguidos para o alto, mergulhados no infinito, contemplando o perpassar de asas brancas de arcanjos, muito longe, no remoto do seu sonho.⁶⁰⁶

Ao longo da narrativa, sugere-se a polarização entre os dois personagens da cena. De um lado, o narrador materializa o carnal e o profano, caracterizando a si próprio como um “desgraçado pecador”, que não tem “outro altar e outra religião que a neve transparente do [...] corpo e a escuridão impenetrável dos [...] olhos” do ser desejado. A imagem dele contrasta com a da devota, referida por meio do campo semântico da pureza: um “lírio de Judá”, “viçosa e pura”, “da candidez de um passarinho”, “alma branca”. Sem um desenlace, a narrativa sugere que o sentimento seja platônico e não correspondido:

E ela ora, alheia tudo, deixando a alma esvoejar pelas asas néveas do seu sonho infinito, muito longe, tão longe que não me vê a seu lado já frenético, sequioso de um dos seus olhares veludosos; tão longe, que não me advinha a dous passos, louco de ciúmes, mordendo os punhos de raiva, por me ver tão sozinho e esquecido sob a solenidade fria destas altas naves.⁶⁰⁷

Em “Dona Fidalma”, Rangel descreve as inquietações da personagem homônima ao longo de uma tarde. O narrador-câmera, sem acesso aos pensamentos de Dona Fidalma, tem seu campo de descrição limitado, trabalhando em sugestões pinceladas a tintas impressionistas para capturar o estado em que a personagem se encontra nos diferentes espaços de sua residência e retratar a sua expressão corporal e seu comportamento.

⁶⁰⁶ RANGEL, Godofredo. Ave-Maria. **Minarete**. Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 47, 19 mai. 1904.

⁶⁰⁷ Ibidem.

O olhar da suspirosa dona Fidalma, então, procura o céu, onde contempla uma nuvem cor de sangue; depois vai balouçar-se com as palmas de um coqueiro; enfim vai até ao fundo da paisagem, onde se pousam nas casas da vila, negras, absolutamente negras, estampando-se debaixo do amarelo incendiado do poente.⁶⁰⁸

A partir de um suspiro dado pela personagem, o narrador infere que ela ama, divagando acerca do sentimento. Com um novo suspiro, a personagem esconde o rosto nas mãos e começa a chorar, extravasando as emoções. Momento este em que se apresenta um suave relevo na narrativa e a sugestão de desfecho:

Novo suspiro parte-lhe do seio; e dona Fidalma treme os beicinhos róseos, e esconde repentinamente o rosto nas mãos, numa onda solta de lágrimas entrecortadas de soluços. Foge desalindamente [*sic*], e vai fechar-se na alcova. Aí estira-se no leito, ouvindo por entre seus prantos, como em sonho, os sinos da igreja carrilhonando festivos para as novenas de Maria.⁶⁰⁹

A trama parece não ser o mais importante para este narrador, que mesmo sem acesso ao plano psicológico da personagem, quer lhe capturar o estado da alma por meio da descrição de suas ações e gestos.

“Martha”, “Do Alfa ao Ômega” e “Recordações do passado” também não apresentam um enredo prontamente identificável. As duas primeiras narrativas diferenciam-se da terceira por retratarem mais personagens/figurantes. Sem uma relação ostensiva ou senso de continuidade ficcional, Rangel batiza com o nome de Aleixo o protagonista das três narrativas. Em “Do Alfa ao Ômega” e “Recordações do passado”, o encadeamento cronológico do trecho recebe encaixes. Neles, o narrador dá vazão aos fluxos de consciência do protagonista.

Em “Martha”, o enredo se mostra fragmentário e difuso. O narrador heterodiegético demiúrgico, em meio às suas divagações, encaixa sequências cronológicas da vida da personagem que focaliza. Não se identifica um plano central de ações na estrutura narrativa, apenas blocos encaixados nas sequências. A narrativa inicia-se com a descrição de Aleixo: “Ele – vinte anos. Sorumbático, embezerrado. Porquê? Vivera sempre entre as paredes do seu quarto, egoisticamente, de si para si, segregado dos amigos e da família [...] Ali fazia planos que eram labaredas, violentos e efêmeros, sem contenda entre os motivos”. Ao falar dos desejos e aspirações de Aleixo, tem-se o fio que leva o narrador a focar Martha, a jovem amada pelo rapaz. Essa mesma estratégica narrativa-descritiva é usada pelo narrador para apresentá-la:

⁶⁰⁸ LEÃO GODOY [pseudônimo de Godofredo Rangel]. Dona Fidalma. **Minarete**. Pindamonhangaba (SP), ano III, n. 128, 14 dez. 1905.

⁶⁰⁹ Ibidem.

características pessoais, comportamentos e episódios de sua vida. Depois da série de caracterização de ambos, o foco descritivo passa a ser o casal: “Eram irmãos, companheiros, colegas – nunca apaixonados. Ela às vezes fingia-se de tal, rindo-se, contrafazendo-se muito.// O casamento lhes sorria como a ideia de uma travessura sem peias [...]”. A narrativa cessa com o narrador remetendo-se à perspectiva de como o casamento se afiguraria para os dois jovens: “E a câmara nupcial lhes sorria como um segundo berço, mais feliz, mais cantante, conduzindo a uma segunda infância, mais cheia de peraltices”⁶¹⁰.

Além de Flaubert, Godofredo Rangel foi leitor dos irmãos Goncourts, Jules e Edmond de Goncourt, figuras de destaque na vida literária e artística da segunda metade do século XIX na França. Provavelmente, o jovem mineiro tomou contato com a *écriture artiste*, expressão utilizada por Edmond de Goncourt, no prefácio a *Les frères Zemganno*, de 23 de março de 1879:

Le Réalisme, pour user du mot bête, du mot drapeau, n’a pas en effet l’unique mission de décrire ce qui est bas, ce qui est répugnant, ce qui pue: il est venu au monde aussi, lui, pour définir, dans de l’écriture artiste, ce qui est élevé, ce qui est joli, ce qui sent bon, et encore pour donner les aspects et les profils des êtres raffinés et des choses riches: mais cela, en une étude appliquée, rigoureuse, et non conventionnelle et non imaginative de la beauté, une étude pareille à celle que la nouvelle école vient de faire, en ces dernières années, de la laideur.⁶¹¹

As filiações não residem unicamente na escolha do nome de batismo do primeiro filho de Rangel, Nello, o mesmo da protagonista do romance *Les frères Zemganno*. Na carta de 7 de julho de 1907, Lobato comentou os traços da influência estilística dos irmãos franceses na escrita do companheiro: “Bem sei (e por confissão tua) que os nefastos Goncourts te imbuíram da falsíssima noção do ‘nenhum enredo’”.⁶¹² Parcela das narrativas publicadas por Rangel no *Minarete* exemplifica essa tendência estética em sua prosa.

As cartas de Lobato, em *A barca de Gleyre*, refugavam os modelos literários de Rangel e referiam-se aos “nefastos Goncourts”, ou ainda, à “execrável influência dos Goncourts – esses execrabilíssimos fazedores de arte pela arte que ninguém mais atura”⁶¹³. O taubateano, que

⁶¹⁰ LEÃO GODOY [pseudônimo de Godofredo Rangel]. Martha. **Minarete**. Pindamonhangaba (SP), ano III, n. 130, 28 dez. 1905.

⁶¹¹ “O Realismo, para usar a palavra simples, a palavra padrão, não tem de fato a única missão de descrever o que é vil, o que é repugnante, o que fede: veio ao mundo também, ele [o Realismo], para definir, na *écriture artiste*, o que é elevado, o que é bonito, o que cheira bem, e novamente dar os aspectos e perfis dos seres refinados e das coisas ricas: mas isto, num estudo aplicado, rigoroso, e não convencional e não imaginativo da beleza, um estudo semelhante ao que a nova escola acaba de fazer, nos últimos anos, da feiura” (tradução nossa). GONCOURT, Edmond de. Preface. In: **Les frères Zemganno**. Paris: G. Charpentier, 1879.

⁶¹² LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 153. Carta de Areias, 07/07/1907.

⁶¹³ Ibidem, p. 152. Carta de Areias, 07/07/1907.

também buscava sua própria expressão literária e exercitava-se na escrita de contos, tinha seu próprio repertório de leituras e predileções. Escreve, em 7 de julho de 1907: “veja Kipling, Zola, Caine, Wells, Hugo, Balzac – todos os ‘grandes lidos’. Quanto drama, quanto movimento em cada obra!”⁶¹⁴ Em 31 de julho do mesmo ano, Lobato fez novas ponderações acerca dos escritos de Rangel e de suas preferências literárias, e aproveitou para depreciar novamente a *écriture artiste*, cujos “cultores pintavam quadros com palavras”⁶¹⁵, negando-lhes o valor de sua arte: “Quanto às páginas fotográficas, por que perder tempo com isso? Há-as nos Goncourts inúmeras, que o leitor pula, e faz muito bem, porque cenário com pretensão a *premier rôle* não é bem arte”.⁶¹⁶ Os “amigos escritos”, além de discordarem nas preferências literárias, guiavam-se por orientações distintas, por modelos estético-literários divergentes.

Godofredo Rangel apreciava as descrições minuciosas, a caracterização pormenorizada; dedicava-se a criteriosas revisões em seus escritos, como exemplifica o romance *Os bem casados*, referido em 1907 e publicado postumamente. Rangel reunia material para as suas composições literárias em diários, citados inclusive nas cartas de Lobato; recolhia em cadernetas uma galeria de cenas e comportamentos, como remete a crônica “Prosa de rua”, estampada na revista *Alterosa*; cultivava a escrita de contos tecnicamente tradicionais, mas experimentava estruturas narrativas distintas das lobatianas. Identificava-se, como se viu, com Flaubert e com os Goncourts.

Ainda em 1907, na carta de 31 de julho, ao traçar algumas considerações acerca de originais da ficção de Rangel, Lobato esboçou uma concepção particular de gênero literário, naquele momento:

No teu caso eu me dedicaria exclusivamente ao conto e me ia aperfeiçoando sempre; e muito naturalmente viria mais tarde o romance, sem forçar o temperamento – como veio ao Maupassant e ao Eça. O romance é um conto de trezentas páginas e mais engalhado – e só ergue cem quilos de peso quem durante anos se treinou em suspender halteres de dez. Que pressa a tua em saltar para o romance? Dizes que desanimaste no número quatro. Põe-no de parte, homem, e apegate aos dez quilos. E lança ao público um livro de contos o ano que vem. O maior estímulo para fazer um segundo filho é já ter bem lépido o primogênito.⁶¹⁷

⁶¹⁴ Ibidem, p. 153. Carta de Areias, 07/07/1907.

⁶¹⁵ MUCCI, Latuf Isaias. *Ecriture artiste*. In: CEIA, Carlos (Coord.). **E-Dicionário de Termos Literários**. ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em <<https://edtl.fchsh.unl.pt/encyclopedia/ecriture-artiste/>>. Acesso em 16 fev. 2020.

⁶¹⁶ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 158. Carta de Areias, 31/07/1907.

⁶¹⁷ Ibidem, p. 158. Carta de Areias, 31/07/1907.

Monteiro Lobato defendia a escrita de contos como uma preparação para o romance. Sob essa percepção redutora, o conto seria menos do que o romance, “halteres de 10” quilos. É provável que Rangel não concordasse com a argumentação do amigo. O mineiro, que já havia iniciado a redação de um romance, conforme indicava a missiva, não abandonou a sua ideia. Lobato, em carta a Rangel, em 7 de dezembro desse mesmo ano, mencionou a leitura da narrativa longa que o seu interlocutor lhe enviara. Identificando-se o nome de algumas das personagens e a configuração do enredo, depreende-se que seria o manuscrito do romance *Os bem casados*.

Milena Ribeiro Martins recupera algumas das teorizações lobatianas acerca do conto enquanto gênero literário e observa que o contista de *Urupês* teria oscilado em suas concepções⁶¹⁸. Essa variação e amadurecimento podem ser ilustrados por meio da carta de 30 de agosto, 1909:

Ando frio com o conto. Acho um campo muito restrito, coisa só para os grandes mestres. Engano pensar que por ser mais curto seja mais fácil, mais próprio de principiante. Este deve começar com um *Rocamboles* e só depois de bem maduro fazer um continho. A propósito, lembro-me dum plumitivo de Pindamonhangaba, que me abordou um dia e contou da sua ideia de publicar um livro de pensamentos. E explicava: “Nós, principiantes, devemos começar pelo princípio, pelo primeiro grau; coisinhas leves, *pensamentos*; depois *sonetos*; depois contos e por fim novelas e romances”. Ele andava com uma trena no bolso.⁶¹⁹

Dois meses antes, Rangel havia proposto um plano de livro de contos a quatro mãos e Lobato aproveitara para compartilhar sua visão acerca da fatura do gênero, recuperando modelos e definindo horizontes almejados:

Sou partidário do conto, que é como o soneto na poesia. Mas quero contos como os de Maupassant ou Kipling, contos concentrados em que haja drama ou que deixem entrever dramas. Contos com perspectivas. Contos que façam o leitor interromper a leitura e olhar para uma mosca invisível, com olhos grandes, parados. Contos-estopins, deflagradores das coisas, das ideias, das imagens, dos desejos, de tudo quanto exista informe e sem expressão dentro do leitor. E conto que ele possa resumir e contar a um amigo - e que interesse a esse amigo.// Tenho examinado os últimos livros de contos aparecidos. Nada como quero. O último foi o de Veiga Miranda, que a imprensa elogiou. Uns contos ordeiros, exatamente nos moldes de todos os outros - coisa *feita*, não *saída*. Espécie de presepe literário. Aqui, um boizinho. Aqui, um riozinho. Aqui, uma porteirinha para casar com a casinha lá adiante. E agora, uma

⁶¹⁸ MARTINS, Milena Ribeiro. Teorias da narrativa. In: **Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003, p. 230-239.

⁶¹⁹ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 217. Carta de Areias, 30/08/1909.

mulherzinha com um homenzinho de olho nela, etc.// O nosso livro de contos será o contrário disso. Todo cheio de novidades, na forma e no entrecho. E nada de amorecos e adulteriozinhos de Paris. Isso já fede. Será como os de Kipling [...]. Ou Kipling ou Maupassant. Não há maiores.⁶²⁰

As matrizes eleitas por Lobato explicitam alguns critérios sobre os quais está assentada a sua própria escrita e, conseqüentemente, embasam as críticas endereçadas às narrativas de Rangel. Para o contista em formação, tinham maior relevância o enredo e o desenlace. A comparação entre o conto e o soneto reforçam o lugar da construção e do desfecho na composição de ambas formas literárias. “Fecho de conto é como fecho de soneto; é o tudo! É onde está o busílis. Porque o conto inteiro não passa dum preparo para o fecho”⁶²¹, assegurava Lobato em 8 de julho de 1921. Ana Luiza Reis Bedê destacou pontos de convergência literária entre o taubateano e o contista francês Guy de Maupassant. Segundo a pesquisadora, ambos defendiam o desprezo pela linguagem rebuscada em prol da simplicidade; o poder da evocação das palavras; e a valorização do texto enxuto.⁶²² Nos contos de Maupassant, “o efeito final é cuidadosamente preparado, o *mot de la fin* em geral solicita uma reflexão do leitor”. Tratava-se, segundo a autora, de uma possível herança do contista e teórico do gênero Edgar Allan Poe.⁶²³

Monteiro Lobato, em seus pressupostos sobre a escrita de contos, também deixou vestígios de contato com livros e conceitos teóricos do ficcionista estadunidense. Poe teria figurado nas estantes do escritor. Refere-se ao poema “O corvo” no conto “O fígado indiscreto”, de *Cidades mortas*, 1919. Evoca o ensaio “A filosofia da composição” e novamente o poema de Poe no conto “Era no paraíso”, em *O macaco que se fez homem*, de 1923. Lobato citou ainda *A narrativa de A. Gordon Pym* em *A barca de Gleyre*.

Edgar Allan Poe, na segunda resenha dedicada ao livro *Twice-told tales*, de Nathanael Hawthorne, no *Graham's Magazine*, em maio de 1842⁶²⁴, defendeu a importância da “unidade de efeito” no texto literário. Para ele, “é neste efeito que residiria a chave para a criação”. No caso dos contos, toda a estrutura da composição deveria estar meticulosamente trabalhada para a obtenção de um efeito único e singular. Advertia Poe: “If his very initial sentence tend not to the outbrining of this effect, then he has failed in his first step. In the whole composition there

⁶²⁰ Ibidem, p. 198-199. Carta de Areias, 27/06/1909.

⁶²¹ Ibidem, p. 468. Carta de São Paulo, 08/07/1921.

⁶²² Para outras aproximações entre os dois contistas, indica-se: BEDÊ, Ana Luiza Reis. Afinidade eletiva: o caso de Maupassant. In: **Monteiro Lobato e a presença francesa em *A barca de Gleyre***, op. cit., p. 128-154.

⁶²³ Ibidem, p. 140.

⁶²⁴ A primeira resenha saiu no periódico em abril de 1842.

should be no word written, of which the tendency, direct or indirect, is not to the one pre-established design”.⁶²⁵

Esses parâmetros reapareceram em sua “A filosofia da composição”, de 1846, quando Poe chamava a atenção para a importância do desfecho/epílogo no desenvolvimento do enredo:

Nothing is more clear than that every plot, worth the name, must be elaborated to its dénouement before any thing be attempted with the pen. It is only with the dénouement constantly in view that we can give a plot its indispensable air of consequence, or causation, by making the incidents, and especially the tone at all points, tend to the development of the intention.⁶²⁶

É provável que essas noções tenham reverberado no pensamento estético de Monteiro Lobato, posto que, ao expressar as suas bases teóricas do conto, em carta de 27 de junho de 1909, o taubateano parecia manter os argumentos de Poe, modificando apenas a formulação. O epistológrafo chama a atenção para o desfecho do conto, na comparação com o soneto. Emprega “contos concentrados” e “contos com perspectivas”, ou ainda, aludindo à unidade de efeito e fixando uma expectativa estética: “contos que façam o leitor interromper a leitura e olhar para uma mosca invisível, com olhos grandes, parados”, “conto que ele possa resumir e contar a um amigo – e que interesse a esse amigo”.

Em agosto de 1918, já à frente da *Revista do Brasil* e desfrutando de crescente prestígio pela publicação de *Urupês*, Monteiro Lobato escreveu uma breve resenha do livro *Vida rústica*, de Carlos da Fonseca. Nela, o crítico aproveitava para recuperar alguns de seus preceitos quanto à elaboração de contos e deixava entrever novamente o seu diálogo com Edgar Allan Poe:

[...] [Carlos da Fonseca] classifica no gênero conto as composições enfeixadas neste livro. Entretanto lhes caberia melhor a denominação de crônicas da vida rural. São de fato crônicas. Confundem-se geralmente os dois gêneros, e muito cronista por aí, dos mais perfeitamente caracterizados, jura que é contista. O

⁶²⁵ “Se a primeira frase não se direcionou para esse efeito, ele fracassa já no primeiro passo. Em toda a composição não deve haver sequer uma palavra escrita cuja tendência, direta ou indireta, não leve àquele único plano pré-estabelecido”. Tradução de Charles Kiefer, disponível em

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3714997/mod_resource/content/3/Poe%20-%20Resenha%20de%20Hawthorne.pdf>. Acesso em 22 fev. 2020.

Versão em inglês, cf.: POE, Edgar Allan. Review of Twice-Told Tales. **Graham’s Magazine**, May 1842, pp. 298-300. Disponível em <<https://www.eapoe.org/works/criticism/gm542hn1.htm>>. Acesso em 22 fev. 2020.

⁶²⁶ “Nada é mais claro do que deverem todas as intrigas, dignas desse nome, ser elaboradas em relação ao epílogo, antes que se tente qualquer coisa com a pena. Só tendo o epílogo constantemente em vista, poderemos dar a um enredo seu aspecto indispensável de consequência, ou causalidade, fazendo com que os incidentes e, especialmente, o tom da obra tendam para o desenvolvimento de sua intenção”. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado, disponível em

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2544953/mod_resource/content/1/Poe.pdf>. Acesso em 22 fev. 2020.

Versão em inglês, cf.: POE, Edgar Allan. The Philosophy of Composition. **Graham’s Magazine**, vol. XXVIII, n. 4, April 1846. Disponível em <<https://www.eapoe.org/works/essays/philcomp.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

verdadeiro conto não passa de uma narração incisiva e bem travada em todas as suas partes de modo a dar relevo a um fato, cômico ou trágico. Antigamente definiam-no como a narrativa agradável de coisas imaginárias. Com o advento do naturalismo ele ampliou o quadro e admitiu dentro mais coisas do que o permitia a concepção antiga. Inda assim exige como essencial a narrativa em progressão na qual tudo tenda para o desenlace final, imprevisto e sugestivo. O conto nunca deixará de ser anedótico. É mister que o leitor, acabada a leitura, possa recontá-lo a terceiro, isto é, apresentar rapidamente o esqueleto, o arcabouço anedótico. Dos nossos contistas poucos seguem esta orientação. Deixam-se arrastar pelo devaneio, afrouxam a contextura da obra por meio de repetidas digressões, ou de excessivas minúcias descritivas, inúteis para o efeito final.⁶²⁷

A retomada dessas bases teóricas permite apreender alguns dos parâmetros críticos de Monteiro Lobato na avaliação dos textos literários de Godofredo Rangel. Ainda que alguns dos conceitos fossem ainda embrionários nos primeiros anos da correspondência com o amigo mineiro, pode-se reconhecer seus lastros judicativos, decorrentes de leituras realizadas. Internalizando tais noções, Lobato desqualificou composições narrativas de forja fotográfica e ânimo descritivo (consideradas por ele crônicas), para valorizar a supremacia do enredo. Apontou na escrita rangelina a assimilação de elementos estilísticos de Flaubert e dos Goncourts, escritores que se distanciavam de seus moldes literários.

A produção de Godofredo Rangel no *Minarete* deixa entrever algumas das escolhas estéticas do prosador mineiro e alguns traços que iriam perdurar, aprimorados, em sua produção contística, tais como a afeição do autor por personagens “humildes”, a atenção aos detalhes minuciosos, as divagações em meio às narrativas, a tendência ao caricatural.

Na mesma época que colaborou no *Minarete*, Rangel experimentou elaborar narrativas que fugiam do formato clássico do conto, criando enredos tênues, nos quais irrompem doses de impressões e subjetivismo descritivos/narrativos. É o caso de “A cavalo” e “Uma tragédia”, estampadas em *Ilustração Brasileira*, ambas em 1905⁶²⁸, mesmo ano em que saem no *Minarete* “Gonache” [sic], “Dona Fidalma” e “Martha” – todos com técnicas de construção semelhantes.

Com exceção da narrativa a quatro mãos com Lobato, “O queijo de Minas ou História de um nó cego”, todas as outras composições de Godofredo Rangel dessa época, tanto as que apareceram no *Minarete*, como as duas da *Ilustração Brasileira*, ficariam preservadas apenas nas páginas destes periódicos. Quando selecionou contos para *Andorinhas* e *Os humildes*, descartou essas narrativas engendradas nestes anos de formação literária e de experimentação, escritos de juventude que talvez destoassem do conjunto de sua obra.

⁶²⁷ LOBATO, Monteiro. Bibliografia. **Revista do Brasil**. São Paulo, ano. III, n. 32, p. 470-471, agosto de 1918.

⁶²⁸ RANGEL, Godofredo. A cavalo. **Ilustração Brasileira**, São Paulo, ano II, n. 16 e 17, maio e junho de 1905. Idem. Uma tragédia. **Ilustração Brasileira**, São Paulo, ano II, n. 18 e 19, julho e agosto de 1905.

Após longo intervalo sem publicar novos trabalhos em periódicos⁶²⁹, Rangel, em 1917, destinou “O telegrama”⁶³⁰ e “Um animal estranho”⁶³¹ à revista *A Vida Moderna*, textos estes inseridos, posteriormente, nas coletâneas *Andorinhas* e *Os humildes*, respectivamente. Esses escritos aproximavam-se estilisticamente da produção do autor difundida na *Revista do Brasil*; nela divulgou novamente “Um animal estranho”, na edição de fevereiro de 1924.

4.2 – Os contos de Godofredo Rangel na *Revista do Brasil*

Atrás do *Minarete*, a *Revista do Brasil* figurou na trajetória de Godofredo Rangel como o periódico que estampou o segundo maior número de composições literárias dele. Um total de dez contos circulou em suas páginas, trabalhos que seriam posteriormente retomados pelo escritor na organização de suas coletâneas. Três deles foram incorporados a *Andorinhas*, em 1924: “Meu parente”, “O oráculo” e “Passeio ao céu”. Em 1944, seriam reunidos em *Os humildes*: “O destacamento”, “O gordo Antero”, “O *croisée*”, “O legado”, “Um animal estranho” e “O bedel”. Apenas “O convescote” permaneceu inédito em livro. O conto “Tatá” chegou a ser anunciado na edição de junho de 1918 (número 30), mas não há notícia de que tenha vindo a lume. Em carta de 20 de fevereiro de 1919, Monteiro Lobato, como proprietário da *Revista do Brasil*, argumentou que a narrativa não teria saído ainda em razão da falta de espaço e queixa-se da extensão do conto, solicitando que o autor o reduzisse.⁶³²

Além das dimensões dos textos, outros critérios norteavam o proprietário-editor da *Revista do Brasil* na seleção de artigos e composições literárias. A amizade com Lobato não assegurava a Rangel a pronta aceitação de seus trabalhos no mensário. O autor mineiro, em 1919, teve recusado o seu conto “Clamores vãos”. Lobato, que outrora reclamava diante dos cortes sofridos em seus textos enviados ao jornal *O Estado de S. Paulo*⁶³³ e da negativa do matutino quanto à publicação da narrativa de Rangel *Os legionários da ciência*, classificada como “indecente”⁶³⁴, admoestou o interlocutor:

⁶²⁹ Optou-se por não incluir os fragmentos de *Vida ociosa* que circularam em *O Estado de S. Paulo* nessa abordagem. Ainda que eles tenham sido publicados no jornal como narrativas independentes do romance integral, não se sabe se foi uma opção do escritor esta reconfiguração, ficando sugerida na correspondência a intervenção de Monteiro Lobato em parte desta escolha.

⁶³⁰ Publicado em 22/02/1917 e posteriormente incluído no volume de contos *Andorinhas*, em 1924.

⁶³¹ Publicado em 02/08/1917 e posteriormente incluído no volume de contos *Os humildes*, em 1944.

⁶³² LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 435. Carta de São Paulo, 04/03/1919.

⁶³³ *Ibidem*, p. 343. Carta da Fazenda, 07/02/1916.

⁶³⁴ *Ibidem*, p. 358. Carta da Fazenda, 15/05/1916.

Recebi carta e *Clamores vãos*. Irra!... Será verdade todo aquele furor uterino? Mas, Rangel, onde ficam as minhas leitoras puritanas? Onde fica a honesta *pruderie* da *Revista do Brasil*, essa vestal? Se te publico o Noé de Matos, decaio e decai a revista no conceito dos seus três mil assinantes envergonhadíssimos – gente que só faz as coisas atrás da porta. E este meu rebanho é precioso. Tenho de evitar estouros de boiada. Mande-me coisa moral, com casamento no fim e o dedo de Deus.⁶³⁵

O escritor-empresário passou para o lado dos que “decidem do destino das coisas literárias do país”⁶³⁶ e selecionava, assim, os trabalhos mais alinhados à imagem planeada para o seu periódico. No mês anterior, participara ao amigo a aquisição de oficinas próprias para a impressão da *Revista do Brasil* e a fundação de sua nova empresa editora, a Olegário Ribeiro, Lobato & Cia. Na mesma carta em que se justificava em face da recusa da publicação do conto de Rangel, noticiou a projeção que o discurso de Rui Barbosa dera ao seu livro *Urupês*, que caminhava para a quarta edição, após os sete mil exemplares terem se esgotado no primeiro ano de publicação. Lobato se encontrava em plena expansão de sua atividade editorial e de consagração de sua obra, era, nesse sentido, a própria imagem do escritor-editor que estava sendo consolidada.

Preservando determinado valor moral, em vista de suas “leitoras puritanas”, o empresário não apenas delimitava uma formatação para as colaborações como também dava mostras de que vislumbrava o perfil mais conservador dos assinantes de seu mensário e de que conhecia a “psicologia-média”⁶³⁷ deste público. De acordo com Cilza Bignotto, poucos anos depois, a Monteiro Lobato & Cia. publicaria livros de conteúdo erótico, como *O arara*, de Caliban – pseudônimo de Coelho Neto, edição de 1923. Enquanto a editora se preocupava em granjear públicos variados, a “vestal” revista fixava outros parâmetros de moralidade, mais conservadores.

Quanto à periodicidade da publicação dos contos de Godofredo Rangel na *Revista do Brasil*, verifica-se certa regularidade até 1920; a cada ano, o periódico publicava duas narrativas inédita do autor mineiro. Em 1921, o nome de Rangel não integrou o índice do periódico. No ano seguinte, o mensário veiculou dois de seus contos, um deles, “O convescote”, replicado do

⁶³⁵ Ibidem, p. 437. Carta de São Paulo, 20/04/1919.

⁶³⁶ Ibidem, p. 422. Carta de São Paulo, 08/07/1918.

⁶³⁷ O termo é utilizado por Monteiro Lobato em resenha sobre o livro *Os condenados*, de Oswald de Andrade, lançado pela Monteiro Lobato & Cia., em 1922. Cilza Bignotto recuperou alguns textos críticos lobatianos que carregam a preocupação do editor com a “psicologia média” dos leitores. Cf. BIGNOTTO, Cilza Carla. **Figuras de autor, figuras de editor: novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**. São Paulo: Editora Unesp, 2018, p. 390-391.

diário mineiro *O Dia*. Em 1923, novamente não estampou contos de Godofredo Rangel. Em 1924, divulgou novamente duas narrativas, “Um animal estranho” e “O bedel”. A primeira delas, tinha circulado nos periódicos *A Vida Moderna*, em 1917, e *Fon-fon!*, em 1919.⁶³⁸ Logo, os contos semeados por Rangel na *Revista do Brasil* eram, em sua maioria, matéria inédita.

As narrativas possuem caráter variado, não guardando um tema central em comum. A maioria delas figurou no corpo principal da revista, com exceção daquelas que já haviam sido semeadas em outros periódicos, “O convescote” e “Um animal estranho”, sendo a primeira integrada à seção “Resenha do Mês”, enquanto a outra, inserida nas “Curiosidades”. A extensão também não apresenta um padrão único, oscilando entre quatro e dez páginas, sobressaindo-se “O destacamento” como a maior delas. Os contos eram geralmente abertos por uma vinheta⁶³⁹ com paisagens e motivos brasileiros (“O oráculo”; “O gordo Antero”; “Passeio ao céu”; “O *croiséé*”; “O legado”; “Um animal estranho” e “O bedel”), e alguns deles receberam uma pequena ilustração em seu fecho (“O gordo Antero” e “O *croiséé*”).

Diferentemente de parte das narrativas estampadas no *Minarete*, a produção contística que Rangel ofertou à *Revista do Brasil* seguia um modelo mais tradicional de conto, “perfeito na forma, no entreccho e na psicologia”, segundo a avaliação de Enéas Athanázio.⁶⁴⁰ Os *sketches*, enredos tênues e fragmentados são agora preteridos pelo autor (ou pelo editor?).

Em uma parcela dos contos de Rangel, destaca-se a presença de personagens tipificadas e caricaturais, em geral, com características e comportamentos que forjam entrecchos cômicos. Os funcionários públicos e bacharéis são tipos que se sobressaem nestas narrativas, talvez inspirados pela carreira de juiz. Em sua vitrine de personagens havia espaço para magistrados, advogados, promotores, fiscais, meirinhos, policiais, subdelegados, vereadores, sendo alguns deles alvos de críticas mordazes, traçadas com a pena da galhofa. Na *Revista do Brasil*, “O destacamento”, “O *croiséé*” e “O convescote” delineiam, paradigmaticamente, esses personagens. Composições anteriores, como o romance *Vida ociosa* e a narrativa “Como se faz uma visita” também registravam figuras de mesma natureza inventiva.

Em “O destacamento”, na *Revista do Brasil*, em julho de 1918 (número 31), entra em cena uma variedade de personagens cujos traços de personalidade e de comportamento foram

⁶³⁸ Cf. quadro comparativo “Complemento F”.

⁶³⁹ A partir do número 18, o artigo que abria a *Revista do Brasil* passou a vir acompanhado de uma vinheta, prática que se estenderia para todos os demais artigos e seções do número 37 em diante. Wash Rodrigues teria assinado um conjunto de desenhos que se reiteravam. Outras ilustrações foram sendo incorporadas ao longo do tempo e, a partir do 61º até o 109º número, procedeu-se uma completa renovação temática, tendo Juvenal Prado composto as novas ilustrações. Cf. LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, op. cit., p. 52.

⁶⁴⁰ ATHANÁZIO, Enéas. *Godofredo Rangel*, op. cit., p. 84.

acentuados, seguindo-se a tendência do escritor em compor tipos e caricaturas. De um lado, Baiano, representando o “valentão”, era o “terror” do “pacatíssimo” arraialete mineiro de Três Barras, realizava impunemente atos de violência, não temia a autoridade local, desfrutava da amizade do subdelegado que o temia, e surrava em público a companheira Rufina, esmerando-se “em trazer sempre limpa a sua honra; lavava-a como podia, a cachação, a porrete”, “descendo-lhe o guatambu⁶⁴¹ purificador”.

Em oposição, Toniquinho da Candola era diminuto até no apelido, um “humílimo boticário de natural pouco belicoso, magricela, vozinha habitualmente chorosa”, ocupava, contudo, a função de subdelegado, sendo pressionado pela Câmara para punir o criminoso. Na relação entre os dois, cumprindo o contraste, o narrador realçava os privilégios que o criminoso gozava em virtude de sua fama de destemido:

Quando o Baiano acudia à intimação e surgia à porta da botica com o cano da garrucha espiando sob a aba do paletó, o capitão Toniquinho (capitão da Guarda), tremendo, fazia-o entrar para a sala de visitas; tratava-o com toda a atenção, mandando buscar café; e conversava com voz de mel sobre tudo, menos sobre o verdadeiro motivo da citação. O Baiano, por sinal, começou a tomar-lhe certa amizade; um dia ou outro ele trazia da roça um frango ou um girivá [jervá] e às vezes chegava a pedir-lhe uns cobres emprestados.⁶⁴²

O narrador se vale do mecanismo de oposição para apresentar Siá Candola, esposa de Toniquinho. Personalidade e fisionomia se amalgamam para dar vida à temida mulher-ave-de-rapina, caracterizada com traços zoomórficos. A ela contrapunha-se Rufina, inexpressiva no enredo, mencionada apenas pelas agressões que sofre do marido valentão. Em termos comparativos, trazendo à luz a passividade e a tirania vivenciadas pelos casais, Siá Candola estava para Toniquinho, assim como o Baiano para a Rufina:

Siá Candola era guerreira no trabalho; ninguém socava mais depressa uma pilãozada de arroz, ou mais depressa lavava e batia uma trouxa de roupa; o reverso da medalha, porém, era seu gênio explosivo; esgalgada, pele em gelhas, dedos aduncos, olhos agudos de ave de rapina, retratava exteriormente a fúria que internamente era. Ai do Toniquinho se desatendesse! Na vizinhança, que ela trazia em pânico, tinha sempre em andamento sua meia dúzia de pendências; e era mais que certo que todas acabariam em unhada velha.// Ela, em verdade, é que era subdelegada ali. A inércia do Toniquinho em relação ao Bahiano, valia-lhe tremendas descomposturas.// – Ah! Se fosse eu! gritava ela. Havia de ensinar! Nasci para ser homem!// E, se acaso lidava

⁶⁴¹ Designação genérica para diversas árvores brasileiras cuja madeira é de boa qualidade.

⁶⁴² A versão consultada do conto e os fragmentos citados se encontram na: **Revista do Brasil**, São Paulo, ano III, n. 31, p. 307-316, jul. 1918.

com o arroz, brandia ameaçadoramente a mão de pilão sobre a cabeça do inerme Toniquinho, para reforçar as suas palavras.

Além do subdelegado de atributos débeis, outras esferas do sistema público da (ficcional) cidade de Três Barras são satirizadas, como a própria cadeia do povoado, caçada pelo narrador: “Merecia este nome pomposo o galinheiro do padre”. Toniquinho, sem poder cumprir a prisão de Baiano, joga a culpa no governo que retarda no envio de um destacamento, com praças que reforçassem a segurança local. A reivindicação mobiliza a cidade, com discussões na Câmara, intrigas e dissidência entre vereadores. Finalmente, chega ao arraialete o tão aguardado destacamento solicitado pelo subdelegado: um cabo e duas praças. O narrador exprime-se com ironia: “Com essa numerosa milícia, todos se sentiam garantidos e fortes”. A população tresbarrense regozija-se com aquele triunfo, um “legítimo orgulho”, símbolo do reestabelecimento da autoridade do lugarejo:

Com essa numerosa milícia, todos se sentiam garantidos e fortes. Ao menor bate-boca, exclamavam os contendores: “Hoje você há de dormir no pau!” E com essa perspectiva, os agravos se desagragavam [*sic*] sem rixas, o punho levantado para esmurrar, não abria o ângulo ameaçador do braço, contente cada qual com roncar em voz sinistra: “Hum! Você já me conhece!” E as próprias línguas taramelavam menos. Valia-se o patrão dessa considerável força, para exigir submissão do empregado e a sogra sonhava, noites a fio, com o genro preso e algemado. O próprio nível das conversações se elevava; os que eram seu pouquinho eruditos, traziam à baila as guerras célebres da História, lembrando Napoleão, Alexandre e as façanhas dos Doze Pares de França.

Chega o momento esperado pela população: a punição do famoso desordeiro. Baiano novamente agride Rufina em público e os moradores aguardam euforicamente a chegada do destacamento. Apesar de ostentar poder, os soldados se veem sem qualquer autoridade. Decretam duas vezes a prisão de Baiano, porém são afrontados e debochados pelo criminoso:

Numerosa chusma acompanhava-os, ao passo que os tresbarrenses mais precavidos fechavam as janelas, de receio dos tiros.// – *Esteje* preso! conclamaram as praças fazendo alto.// – Ora deixem de arrelia, que eu não *tou bão!* e o Baiano coçou o cabo da garrucha.// A polícia, afrontada, fez meia volta, retomando o caminho do quartel.// O povo ao princípio ficou pasmado, como quem não compreende; por fim alguém murmurou: “É medo!” A essas palavras quebrou-se o encanto e abriu-se a válvula aos comentários pejorativos. A farda começava a perder o seu prestígio.

Antes de sair em perseguição ao réu que fugia, o comandante repreende os seus praças, alardeando coragem “– Vivo ou morto, havemos de trazer o homem. Aqui é preciso salvar o prestígio da farda ou morrer”.

Baiano não é preso ao término da história. Em seu lugar, o comando traz Tobias de sô Pedro, bêbado, ladrão de galinhas, com quem, por acaso, se deparam no caminho. O destacamento, carregando o novo réu, é recebido com grande entusiasmo pela população: “E todos glosavam animadamente o sucedido. Ora o Tobias! O larapiador de galinhas! Fugisse de novo agora, que estava na mão do onça! Pois não é que o trouxa viera cair na ratoeira, sabendo que agora, graças a Deus, tinham uma unidade militar incumbida de velar pela segurança pública?”. A população logo se esquece da prisão de Baiano, o verdadeiro alvo dos soldados. Envolvidos pela cortina de fumaça oriunda do êxito da prisão do borracho, o povo exulta a captura, firmando o prestígio do destacamento policial de Três Barras, “para maior orgulho e segurança dos habitantes do arraial”.

O estilo cômico de Rangel carrega uma crítica contundente às instituições públicas ornamentais, desmascarando a fragilidade do poder policial e de outras instâncias governamentais, desmoralizadas por sua incompetência no combate à criminalidade. Mostra que o povo, atuando no engodo, continua a contentar-se com exibições hiperbólicas de poder e autoridade, na verdade, vazias de eficácia. Três Barras de Rangel intentaria evocar a realidade brasileira?

Enéas Athanázio, ao se deter em “O destacamento”, sublinhou a originalidade de algumas das expressões usadas pelo escritor: “o cano da garrucha espiando sob a aba do paletó”, “era guerreira no trabalho”, “o impressionador espetáculo dos camaristas reunidos”, “bibocas arredias da civilização”, “sermões terroristas”, “longo tirocínio de rusgas”, “a notícia voou eletricamente”.⁶⁴³

A análise dos contos “O destacamento”, “Meu parente”, “O oráculo”, “O gordo Antero”, “O *croisée*”, “O legado” e “O bedel” permite observar traços do regionalismo literário. Na esfera linguística, “O destacamento” traz em sua composição não só termos do dialeto mineiro ou de regiões interioranas, como registros coloquiais da língua, sobretudo na fala das personagens. Um exemplo está no trecho em que Zé Cotia denuncia ao comando policial nova agressão de Baiano a Rufina, levando um dos praças até o local em que o casal estava:

– **Sô** cabo, há um **guaiú** lá no largo!! O cabo encarou-o com expressão severa:// – Você não estará contando **rodela**? Veja lá!! – Juro pela alma do

⁶⁴³ ATHANÁZIO, Enéas. **Godofredo Rangel**, op. cit., p. 84.

defunto meu pai, afiançou o Zé Cotia.// Então, mal-humorado, o comandante ordenou a um dos subalternos que ouvira a parte:// – **Ô** João, vá ver que **estrumela** é essa.// E como o paneleiro [Zé Cotia] se fosse pisando://– Você, alto aí! Vá com a praça mostrar o lugar.// [...] E assim alcançaram o largo.// A polícia avançou para o Baiano, no meio da expectativa ansiosa do povo.// – **Esteje** preso! disse.// O caboclo botou-lhe de través um olho enfezado.// – Quem é que está preso?// – Não se faça de besta! É você mesmo! retrucou o João, desembainhando o espadim.// Como única resposta, Baiano volveu-se para a Rufina:// – **Péga na trouxa e bamo s'imbora.**// – **Bamo s'imbora** é uma conversa! tornou a praça. Então resiste à prisão?// — **Ora não me arrelie, sô coisa!**⁶⁴⁴ (grifos nossos)

O termo “guaiú”, vocábulo de origem tupi, significa rumor de vozes e sons diversos, algazarra, barulheira, alarido.⁶⁴⁵ No conto, outros termos de origem indígena podem ser identificados, como girivá [jerivá], guatambu e cabreúva.

Danyelle Marques Freire da Silva, em sua dissertação de mestrado, debruçou-se sobre o regionalismo na obra de Godofredo Rangel. A partir da análise da constituição do espaço em *Vida ociosa*, verificou como esse elemento ficcional, juntamente com a linguagem, a caracterização física das personagens e os costumes, permitem situar a obra no âmbito do regionalismo mineiro. Em “O destacamento”, a apresentação do personagem principal, Baiano, classificado como “[...] o terror do pacatíssimo arraial mineiro”, é apontada pela pesquisadora como a passagem que abaliza o cenário como espaço mineiro.⁶⁴⁶

“O destacamento”, enviado a Monteiro Lobato em 1908, demorou muito a ser difundido em letras impressas. A postura crítica nele expressa talvez tenha sido o motivo pelo qual o conto tenha permanecido tanto tempo na gaveta do autor. Em *A barca de Gleyre*, a primeira menção feita à narrativa se encontra registrada na carta de 25 de fevereiro de 1908. Em 6 de agosto de 1909 voltou à baila na correspondência, com Lobato tecendo algumas considerações críticas:

Magnífico *O destacamento* como caricatura, mas noto uns senões. O fim, aquela apoteose a foguetes de lágrimas e confete, e aquela *imensa multidão* num lugarejo daqueles, isso estraga. Corte, que melhora cem por cento. E temos várias coisinhas. *Quase todo o Domingo*, não; *todos os domingos*, sim. *Famigerado salteador*; dá ideia da Calábria, aqui só temos bandidos; Antônio Silvino é um bandido. O período “*Toniquinho, você não faz bem*” etc. precisa melhor torneio; “ques” demais. “*A concorrência foi enorme*” etc.: aqui já você começa a carregar muito a mão; como está fica engraçado, mas não

⁶⁴⁴ RANGEL, Godofredo. O destacamento. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano III, n. 31, p. 312-313, jul. 1918.

⁶⁴⁵ Referência na história da dialetologia brasileira como a primeira tentativa de se descrever de forma abrangente o falar regional brasileiro, a obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral aponta a vasta quantidade de termos que o dialeto caipira teria recebido da língua indígena. Traz uma listagem destes vocábulos. Cf. AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo, SP: Casa Editora “O Livro”, 1920.

⁶⁴⁶ Para o aprofundamento da questão, recomenda-se a leitura de: SILVA, Danyelle Marques Freire da. *A constituição do espaço em vida ociosa, de Godofredo Rangel*, op. cit.

humorístico, que é o tom que deve guardar o conto. Fale na concorrência das pessoas gradas, do coronel, do padre, do coletor, mas não exagere. Dizes: “*todo o povo concorria para lá*”; ora, isso não é exato e estraga o efeito. Em vez de “*longas barbas brancas*” ponha barba amarela de sarro – fica menos São Nicolau. O desembarque do destacamento eu o contaria assim: “...desembarcaram no meio da população alvoroçada dum sentimento novo entre pânico e regozijo”. *Foi de ver-se a alarma*; acho “alarma” muito forte. Se o Miguelzinho estava tramando a dissidência, como podia fazer protesto de nunca mais pisar no Carmo, onde ia ser o campo da luta? *Olhares derretidos*, só entre namorados; para soldados tens de escolher outra espécie de olhares. *Espipocar da guerra*: guerra espipocante, só a do Alecrim e da Mangerona. Espipoca um tiroteio; guerra tumultua, referve, ou outras coisas assim. *O destacamento afinal era seu* etc.: está obscuro este pedaço. Dizes que a Câmara exultava com o reforçamento da sua autoridade, pois o *Capitão Toniquinho não saía* etc. Não percebi essa consequência. E como podia ele considerar a vinda das praças como um desprestígio da sua autoridade, se vivia clamando contra o governo porque não as enviava? Quando os soldados convidam o cabo para um pega no baiano, não está boa a transição entre a sua cólera e bravura de momentos antes e o repentino medo que você lhe atribui. Daí até o fim vai tudo muito carregado, muito fantástico.// São as observaçõezinhas que me ocorrem, mas o conto é dos melhores, talvez o melhor que você fez, com situações dum cômico extraordinário.⁶⁴⁷

O cotejo entre os trechos arrolados por Lobato em carta e a versão estampada na *Revista do Brasil* mostram que Rangel acatou algumas das recomendações do amigo, entre elas, o corte no final do conto, bem como alterações de períodos e expressões. O encerramento apoteótico imaginado por Rangel, aludido na carta, mostraria a recepção do bandido capturado a “foguetes de lágrimas e confete”. A ideia de “imensa multidão”, contudo, permaneceu na cena em que todos os moradores do povoado se aglomeraram para receber o destacamento:

Foi um triunfo o regresso [...]// A notícia voou eletricamente de ponta a ponta do arraial; e em todo o percurso, debruçados das janelas, confluindo das ramificações da rua principal, por onde havia de passar o preso ladeado pela força pública, aglomeravam-se, movidos pelo mesmo profundo interesse, todos os moradores do povoado. E todos glosavam animadamente o sucedido. Ora o Tobias! O larapiador de galinhas! Fugisse de novo agora, que estava na mão do onça! Pois não é que o trouxa viera cair na ratoeira, sabendo que agora, graças a Deus, tinham uma unidade militar incumbida de velar pela segurança pública?// Como se vê, a exultação não podia ser maior; por isso ficou sempiternamente memorável, nos fastos da modesta povoação mineira.⁶⁴⁸

“Famigerado **salteador**”, atribuído a Baiano, transforma-se em “famigerado **facínora**”. A passagem “ – Toniquinho, você não faz bem”, na qual Lobato viu excesso de “ques”, recebe

⁶⁴⁷ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 210-211. Carta de Areias, 06/08/1909.

⁶⁴⁸ RANGEL, Godofredo. O destacamento. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano III, n. 31, p. 312-313, jul. 1918.

formulação textual mais fluente “ – Toniquinho, você não faz bem em falar assim. Há tanta gente linguaruda **que** gosta de intrigar! O governo pode vir a saber” [grifos nossos].

Godofredo Rangel recusou, contudo, outras sugestões do amigo. Não aceitou representar, no desembarque do destacamento, a “população alvoroçada dum sentimento novo entre pânico e regozijo”. Em seu lugar, o autor preferiu: “Quando o destacamento em peso, um cabo e duas praças, carabina ao ombro, passo marcial, atravessou o povoado, **olhares derretidos** em pasmo pousavam-se sobre eles, acompanhando-os até aonde a vista alcançava, como presos à trajetória de um meteoro raro e miraculoso” [grifo nosso]. A expressão “olhares derretidos” que Lobato considerava oportuna apenas “entre namorados” permaneceu no conto, guardando a fascinação do povo por aquele destacamento que tomava suas ruas. O autor manteve igualmente “longas barbas brancas”, refutando a sugestão “barba amarela de sarro”; e preferiu não substituir a abertura do conto “Quase todo o domingo” por “Todos os domingos”, como queria Lobato.

Instâncias do poder judiciário na província são vistas criticamente por Godofredo Rangel em “*O croisée*”, publicado na *Revista do Brasil*, número 54, em junho de 1920. O conto inicia-se com a notícia de que Binho do Tião faria sua primeira defesa diante da tribuna do povoado fictício de Sant’Anna do Barril Furado. A estreia do rapaz que “mexia com os livros” e “era falante” tinha sido recebida pela população com “muxoxos e hilaridade”, pois “o corpo de jurados era constituído dos mais terríveis ‘criminalistas’ de que há notícia”. A instituição judiciária, inicialmente, era vista com reverência, inspiradora de respeito, agrupando um “augustíssimo júri”. Essa imagem, assim como a de Binho, no entanto, seria desconstruída ao longo do conto.

O narrador em terceira pessoa de “*O croisée*” explora o jargão jurídico e dirige-se ao leitor, quando se detém no vocábulo “criminalista”. Em vez de explicar o sentido da palavra, prefere identificá-la, com ar de galhofa, à personagem Tonho Baptista:

Sabe o leitor que significa esta palavra? Soube-o eu um dia com surpresa. Da vez primeira que assisti no interior a um júri, a pessoa solícita que me iniciava nas coisas e hábitos locais apontou-me certo indivíduo batoque, de camisas de duvidoso asseio, calça esgarçada, explicando-me:// — Aquele é um “criminalista”:// Enchi-me de espanto. O fato pareceu-me incrível e por isso exigí repetição da afirmativa. Quando a obtive, fixei a vista admirando naquele homem. Quem tal diria! exclamei comigo. Ver um indivíduo daqueles, com o ar modesto de um fazendeiro vulgar, por cujos lumes interiores nada daríamos e achar-se envolta nessa aparência roceira a alma

d'um criminalista insigne! Garofalo⁶⁴⁹ de polainas! Ferri⁶⁵⁰ travestido em coronel da briosa!// — É o Tonho Baptista, continuou meu “cicerone”. Conselho em que ele entra, é certo o réu tomar no máximo. Por isso os advogados o recusam sempre, salvo quando não receiam que a urna estoure.// Nesse momento como que lhe vi as orelhas asininas se fazerem grandes azas e levados pelos adejos delas Ferri e Garofalo subirem e se desvanecerem no espaço, ficando apenas ali o Tonho Baptista, da camisa ensebada e da consciência quiçá mais ensebada que a camisa.⁶⁵¹

Para enfrentar o júri de Barril Furado, Binho, “que não era tolo”, contava com um artifício: usar um *croiséé* “exumado do canastrão avoengo, antiqualha venerável, de odor secular, que o revestia todo com a sua solenidade”. A narrativa explora contrastes, o jovem Binho recobre-se da “velharia”, e sua “insignificância física e moral” modificava-se em face do “prodigioso”, “enorme” *croiséé* de “prestígio centenário”. A estreia do novel advogado de defesa resulta numa absolvição unânime do réu. O narrador desfecha seu sarcasmo, comentando o sucesso de Binho (ou propriamente do *croiséé*): “Fosse caso de sugestão coletiva, de bestiframento em massa – expliquem o caso como queiram – a realidade era aquela. Aquele *croiséé* exerceu um poder de fascinação sobre o auditório e o Binho dominou o conselho de criminalistas”. O defensor novato ganha fama, consideração e dinheiro, predispondo o tribunal a absolver qualquer réu que ele defendesse. Para figurar o prestígio de Binho, além da alfaia de nome francês, emerge no conto o “latinório” forense:

E com que aprumo, com que solene empertigamento ele sabia erguer-se e dizer os latinórios do ofício aos “Senhores do Conselho de Sentença!” Berrava o “*testis unus, testis nullus*”⁶⁵² com uma convicção ruidosa, reforçada a

⁶⁴⁹ Raffaele Garofalo (1851-1934) foi um magistrado, jurista e criminólogo italiano, um dos mais importantes da escola criminal positiva, em sua fase inicial, trazendo aos estudos a palavra “Criminologia” em sua obra de 1855, intitulada com o próprio termo que havia inventado. Cf. FERREIRA, Iverson Kech. O aspecto Raffaele Garofalo. Disponível em: <<https://iversonkfadv.jusbrasil.com.br/artigos/599851729/o-aspecto-raffaele-garofalo>>. Acesso em 22 mar. 2020.

⁶⁵⁰ Enrico Ferri (1856-1929) é considerado um dos fundadores da escola positivista da criminologia, que por anos regeu o pensamento do Ocidente acerca dos estudos da criminalidade. Cf. FERREIRA, Iverson Kech. O aspecto Enrico Ferri. Disponível em: <<https://iversonkfadv.jusbrasil.com.br/artigos/595164659/o-aspecto-enrico-ferri>>. Acesso em 22 mar. 2020.

⁶⁵¹ A versão consultada do conto e os fragmentos citados se encontram em: RANGEL, Godofredo. O *croiséé*. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano V, n. 54, p. 122-126, jun. 1920.

⁶⁵² *testis unus, testis nullus*: Testemunha única, testemunha nula. Aforismo antigo, recusado pelo Direito brasileiro, o qual admite, em determinadas circunstâncias, a validade do depoimento de uma só pessoa. Cf. OLIVEIRA, Guilherme Bianchini de. Expressões em Latim mais utilizadas pelos operadores do Direito. Disponível em: <<https://guilhermebo94.jusbrasil.com.br/artigos/444134158/expressoes-em-latim-mais-utilizadas-pelos-operadores-do-direito>>. Acesso em 22 mar. 2020.

punhadas na tribuna, por sinal que dizia: “testus unus”. Encarrilhava o “fero fers”, o “scire leges”⁶⁵³, o “ad rem”⁶⁵⁴ com um espevitamento inigualável.⁶⁵⁵

O “ilustre advogado barrilense” caminha para a derrocada. Um primo “trocista” pega às escondidas o *croisée* de Binho, veste-o para ir a um baile de arrabalde, ornando-o com um chapéu coco, botarrões abracadabrantes, um nariz postiço, dois rodêlões de couro à guisa de óculos. Salta, de pronto, diante do leitor, a imagem do “clown”, evidenciando o ridículo do advogado. Presta-se ao divertimento daqueles que o viam em ação na tribuna. Milote escarnece: “— Vejam só! Que enjoamento! Este Binho não vale seu “ad rem” pelo avesso!”. Mas a gente humilde do baile recusa a presença desse participante inconveniente:

A negrada não viu com bons olhos a chegada do moço, que irrompera pelo meio de uma “quadria” animadíssima, marcada aos urros de francês do Congo, uns “alavancate” “tu”, “chédedame”, que punham em delírio a pretalhada folienta; sem tirar o chapéu coco, pusera-se a dançaricar um miudinho assanhado no meio da sala.⁶⁵⁶

O primo que arremeda Binho é lançado a pontapés para fora da casa, suplicando: “— Não estraguem o “croisée” que é do Binho fazer defesas!”. A “alfaia preciosíssima”, contudo, sai surrada do “pagode” (caçoada). A peça perde, assim, a sua “aura prestigiosa” ao ser desqualificada pela gente humilde do baile. Binho passa a ser alvo de escárnio dos companheiros juristas, por seu “*croisée* do pagode”, perdendo a reputação que alcançara:

Nessa época morreu o seu prestígio. Teve exata consciência disso, na primeira sessão de júri que se seguiu. Condenaram-lhe todos os réus. Era inútil a sua empáfia, quando a deitar murro na tribuna, ele desfiava o “testus unus” e mais latins, a grande reforço de copos d’água e de “senhores do conselho de sentença!” Não o tomavam mais a sério. Mostravam-no a ponta de dedo, no salão, murmurando em tom de chacota:// — Olhem o “croisée” do pagode!⁶⁵⁷

A relação entre o *croisée* e Binho era metonímica, este era uma extensão daquele: “Falindo o *croisée*, faliu seu prestígio; era aquele que supria com sugestão, as suas deficiências

⁶⁵³ Alusão à expressão “*scire leges non est verba earum tenere sed vim ac potestatem*”, cujo significado é “saber as leis não é conhecer as suas palavras, mas o seu sentido e alcance”. WOLKMER, Antonio Carlos; VERAS NETO, Francisco Q.; LIXA, Ivone M. (Orgs.). **Pluralismo jurídico: novos caminhos da contemporaneidade**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

⁶⁵⁴ *ad rem* À coisa. 1 *Dir* Diz-se do direito ligado à coisa. 2 *Log* Argumento que atinge o âmago da questão; opõe-se ao argumento *ad hominem*. OLIVEIRA, Guilherme Bianchini de. Expressões em Latim mais utilizadas pelos operadores do Direito, op. cit.

⁶⁵⁵ RANGEL, Godofredo. O *croisée*. **Revista do Brasil**, op. cit., p. 124, jun. 1920.

⁶⁵⁶ *Ibidem*, 124-125.

⁶⁵⁷ *Ibidem*, 125.

mentais. Porque afinal o mérito do Binho não era dele, mas toda [*sic*] de seu *croiséé*". "Sansão perdera os cabelos: o "croiséé" ficara, desmoralizado!", exclama o narrador. Sansão foi um nazireu⁶⁵⁸, destinado desde seu nascimento a libertar o povo de Israel dos inimigos filisteus, cuja história está narrada no livro histórico de *Juízes*, sétimo da *Bíblia* hebraica e do Antigo Testamento da *Bíblia* cristã. A força sobre-humana do herói existia em virtude de seus cabelos. Dalila, por ele se apaixonou, mas o traiu, cortando seus cabelos. Assim, ele foi capturado pelos inimigos, teve seus olhos furados e passou à condição de escravo, tornando-se divertimento para os filisteus. Preso a duas colunas de sustentação de um templo, rogava aos céus e se sacrificou, derrubando com sua força redentora a estrutura sobre ele mesmo e sobre seus inimigos.

Diferentemente de Sansão, Binho não exibia qualquer superioridade. O *croiséé* foi o artefato que lhe conferiu a aura "mítica". Na contramão do herói épico, o [anti-]herói rangelino não encontrou a redenção final. O *croiséé* "ficara desmoralizado" e, por extensão, Binho também. No desenlace da narrativa, Binho deixa a advocacia e passa a ter uma "vendinha numa encruzilhada", em alusão sarcástica ao próprio termo *croiséé* [encruzilhada, cruzamento]. O *croiséé*, assim como o protagonista, acaba-se, prosaicamente, em "suprema degradação". Torna-se veste de espantinho. O "defensivo das plantações" e o advogado de defesa irmanam-se.

Pode-se ainda estabelecer relação entre Binho e o protagonista de "O espelho", conto de Machado de Assis, publicado originalmente no jornal *Gazeta de Notícias*, em 8 de setembro de 1882, e recolhido no volume *Papéis avulsos*, do mesmo ano. Na ficção machadiana, o jovem Jacobina, alferes da Guarda Nacional, sem a farda, indicativo de um *status* social, não consegue reconhecer a si mesmo diante do espelho. Via uma "figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra"⁶⁵⁹ Fardado, obtém uma imagem nítida:

[...]o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior.// Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro.⁶⁶⁰

⁶⁵⁸ Hebreu que, por voto divino, não poderia cortar o cabelo, beber vinho nem qualquer outra bebida alcoólica, nem comida que não fosse ritualmente pura. Seria dedicado a Deus desde o seu nascimento até a morte.

⁶⁵⁹ ASSIS, Machado de. O espelho. In: **Obra Completa**. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000240.pdf> Acesso em 28 mar. 2020.

⁶⁶⁰ Ibidem.

Em “O espelho” a farda constituía-se a “alma exterior” da personagem. No conto de Rangel, Binho se tornara uma extensão de seu *croiséé*. A sociedade de aparências desvelada no conto de Machado de Assis ressoa na crítica empreendida em “O *croiséé*”. Ambos os protagonistas criam uma imagem ilusória de si, pautada em suas projeções artificializadas. Por ocasião da publicação de *Falange gloriosa* no *Estadinho*, Lobato, que admirava o estilo do autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, deixou registrado na missiva de 24 de setembro de 1917 a filiação do prosador tricordiano ao Bruxo do Cosme Velho⁶⁶¹: “Os que te admiravam à socapa (medo de puxar fila), proclamam agora desassombradamente que és um Machadinho de Assis mineiro.”⁶⁶²

Assim como em “O destacamento”, a crítica implicada em “O *croiséé*” tem dimensões sociais e institucionais. O autor satirizava personalidades que obtinham reconhecimento em razão de aparências. O narrador irônico trabalhava na ridicularização desses “falsos mitos” – ardilosas personagens que ludibriam o povo, em benefício da própria fama e do lucro. O juiz-escritor Rangel valia-se de sua carreira enquanto magistrado para trazer à baila um sistema judicial perverso. O órgão público modelado na ficção do autor condena e absolve réus, considerando “prestígio” e “renome”. Seja em Três Barras ou no Barril [Brasil?] Furado, a literatura produz uma crítica acerba, provocando o riso. *Castigat ridendo mores*, nas palavras do poeta seiscentista francês Jean de Santeuil.

Rangel hesitou em publicar o conto “O *croiséé*” na *Revista do Brasil*, certamente temendo que a situação satírica construída na sua narrativa encontrasse quem lhe vestisse a carapuça. Sobre isso, escreveu Lobato ao autor, em 11 de junho de 1920: “Tarde piaste. A revista deste mês está pronta. Traz o teu *Croiséé*, que é engraçadíssimo. Como, entretanto, não circula por aí, o Binho nunca suspeitará que anda metido em letra de forma. Terrores vão os teus. Os Binhos não leem”.⁶⁶³

Assim como “O *croiséé*”, os contos “Meu parente”, “O oráculo”, “O gordo Antero” e “Passeio ao céu” trazem à cena protagonistas que, de algum modo, ludibriam aqueles que estão ao seu redor. O caráter, o comportamento ou as ações das personagens dessas narrativas são desnudadas pelo narrador, fazendo aflorar as críticas, revestidas de humor, ironia e sátira.

“O gordo Antero”, no número 46 da *Revista do Brasil* (outubro de 1919), explora igualmente o cômico. Nesse conto, Rangel oferece o retrato de um marido que, em sociedade,

⁶⁶¹ Outras cartas de *A barca de Gleyre* recuperam a aproximação entre os dois escritores: 16/06/1904; 08/08/1906; 03/08/1915; 24/09/1915; 06/06/1934.

⁶⁶² LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 405. Carta de Caçapava, 24/09/1917.

⁶⁶³ *Ibidem*, p. 454. Carta de São Paulo, 11/06/1920.

mostra-se modelar, admirado e idealizado por outras mulheres, mas na esfera da vida cotidiana, guia-se por seus sentimentos, revelando comportamentos avessos ao de sua imagem de “bom marido”. O enredo se constrói a partir das falas entre as personagens, com breves intervenções do narrador em terceira pessoa. Essa estrutura acaba aproximando o leitor da narrativa, tornando-o ouvinte da conversação.

O casal de fazendeiros Antero e Arminda está hospedado na casa de Celeste e Henrique. É dia de festa no arraial e a anfitriã pergunta se os convidados não iriam sair. Com o filho febril, a fazendeira opta por permanecer na casa, e Antero também escolhe ficar na residência: “Arminda não saindo, também não acho graça em sair”. Celeste se surpreende com a resposta de Antero e passa a criticar o próprio marido que, após apenas um ano de casados, sai sozinho sem comunicá-la. Ponderando acerca das diferenças entre o cônjuge e Antero, a dona da casa conclui: “Atribuo-a à gordura do sr. Antero. Dizem que os homens gordos são sempre bons maridos [...]. Os maridos gordos são sempre muito bonzinhos de gênio e fiéis, acomodados, ao passo que os maridos secos, como Henrique, são umas pestes!”⁶⁶⁴

Desconstruindo o estereótipo presumido por Celeste, Arminda revela atitudes de Antero no âmbito familiar, diluindo a imagem do marido exemplar. A esposa propaga gestos reprováveis de Antero, na ocasião em que receberam a visita de Evelina, amiga da mulher:

Nesse tempo, ah! se você visse Antero! Deixou de ir à roça, não olhava as criações, esqueceu-se de tudo! Passava os dias em casa, atrás de nós duas, a pedir a Evelina que tocasse, que cantasse e por fim até queria que ela lhe tirasse o retrato. [...]// Na mesa eram atenções infinitas. Antero, que nunca ia à cozinha, passou a tornar-se uma embirração, a farejar nas panelas, indagando do que havia de bom, e, se nada houvesse, estava ele aflito, a enviar próprios para toda a parte, mandando vir até cerveja e latas de doce. E prosa como isso! Contava casos que nunca ainda me contara, tanto que eu pensava que ele os inventava, para tornar sua palestra interessante. O coió! Eu achava-lhe uma graça imensa, somente pedindo-lhe, de vez em quando, que não desdesixases [*sic*] a roça.//— Ora a roça! — dizia ele. Tenho o Lucas, que olha tudo. Você bem sabe quanto vale o Lucas.// E dantes ele vivia a querer despedi-lo, sob pretexto de que não movia uma palha. De um dia para o outro o administrador cresceu de importância para Antero!⁶⁶⁵

O descomedimento e a mudança nas maneiras da personagem ensejam o tom jocoso do enredo. Com a partida da moça, Antero desequilibra-se totalmente, deseja vender a fazenda e morar na cidade de Evelina, fica aéreo e cai de cama. Arminda explica o estado de apatia no

⁶⁶⁴ A versão consultada do conto e os fragmentos citados se encontram na: **Revista do Brasil**, São Paulo, ano IV, n. 46, p. 121-125, out. 1919.

⁶⁶⁵ *Ibidem*, p. 123.

qual ele se encontrava, uma “banzeira”: “Creio que não era bem doença o que ele tinha, mas uma espécie de desânimo, de indiferença por tudo. Gemia sem explicar o que sentia e deu de emagrecer”. Antero figura como o homem que se entrega à paixão, aos arrebatamentos sentimentais, como o herói que, em romances de extração romântica, sucumbe às dores do amor. A esposa do protagonista empenha-se em trazê-lo à realidade: ““Antero, isso não tem jeito. Assenta a cabeça, homem. Você esquece que tem mulher e cinco filhos pequenos por quem olhar. Cria coragem e vai tratar da vida””. A racionalidade de Arminda choca-se com o sentimentalismo de Antero.

Arminda representa a postura objetiva, caçoa das fraquezas emocionais do marido, achando graça em suas atitudes diante de Evelina. Ela também se mostra atenta à realidade a sua volta, à fazenda que precisa de cuidados e aos filhos que são de sua responsabilidade. Apesar dos despropósitos do marido, não tolera que ele se dirija à amiga empregando a palavra “anjo”:

Uma noite, porém, não nego fiquei um pouco contrariada. Estávamos na sala e Evelina tocava. Eu, de um lado, passava as folhas da música e Antero, do outro, ouvia-a de boca aberta, uma boca tão aberta que parecia que ia comer a música, o piano, a pianista e o mais que havia na sala. Num intervalo Evelina voltou-se para mim e pôs-se a contar-me não sei o quê. Depois de algum tempo que começava a falar, interrompeu-se de súbito, e, girando o mocho, disse para Antero:// — O sr. queira desculpar! Estou tão distraída que sem querer lhe dei as costas.// Ao que ele replicou:// — Nada tenho que desculpar, D. Evelina. Um anjo como a senhora não tem costas.// “Um anjo”, ouviu? Pois foi assim que ele disse. Na hora, fiquei passada, mas calei; nessa noite, porém, quando nos fomos deitar, achei preciso ralhar com ele: “Como é, Antero, que você foi falar uma coisa dessas?” “Falar o quê?” “Você disse: Um anjo como a senhora não tem costas”. “Pois que é que tem dizer assim?” “Tem muito, porque não é coisa que se diga.” Dissesse: “Uma pessoa como a senhora, uma moça como a senhora, ou outra palavra assim; mas ‘um anjo’, não tem propósito.// Ele ainda quis discutir, mas como eu retruquei, afinal embatucou.⁶⁶⁶

No desfecho do conto, Antero cede à racionalidade da esposa: “— Olhe, Arminda, pensei naquelas suas palavras e vi que você tinha razão. Foi uma bobagem minha e já passou. Hoje mesmo vou levantar-me para botar para fora o Lucas e cuidar da lavoura”. A narrativa, contudo, não parece suscitar o efeito moralizante, mas a comicidade anedótica:

E assim fez... E aí está outra vez, o homem, com essa cara tão sonsa que parece mesmo um santarrão... “Antero que suspiro é esse?!”// Antero que durante a exposição apresentara todas as modalidades da descocha, da descocha de olho

⁶⁶⁶ Ibidem, p. 123-124.

baixo, a que não sabe onde pôr as pernas, a de riso amarelo, ao cabo da narrativa passou a mostrar-se visivelmente acabrunhado e por fim suspirou.// — Que suspiro é esse, diga!// E Arminda furiosamente agarrou-lhe as orelhas ambas, ao passo que ele abria um riso desconforme, bonacheirão, mostrando a alma afetiva à flor do rosto.// Passara a nuvem que de novo por um momento lhe obnubilara a alma e ele volvia a ser o bom Antero, modelo dos maridos e pai de família exemplaríssimo.⁶⁶⁷

Findo o relato da esposa, a janela que expusera os recônditos da alma de Antero fechase. Rangel revela-se um observador perspicaz, retratando, em sua literatura, a hipocrisia no comportamento humano e nas relações sociais.

“O convescote” sai na edição de julho de 1922 (número 78) da *Revista do Brasil*, guardando muitas semelhanças com “O gordo Antero”. O protagonista de “O convescote”, Anselmo, evoca, mesmo pelo nome, Antero. Ambos são retratados como homens obesos, casados, com filhos e responsabilidade familiar. Anselmo ocupa a função de fiscal municipal, figuração recorrente na ficção de Rangel, que mobiliza em seus textos muitas caricaturas de funcionários públicos. Para caracterizar o personagem Anselmo, o narrador soma traços físicos, psicológicos, comportamentais, bem como alguns de seus papéis sociais:

[...] o rotundo Anselmo, empregado do fisco [...] qualquer reboição interior de ordem amantética (sentia-os frequentemente), dava-lhe para suar, e, se o reboição era grande, diluía-se em bicas de suor. E, no entanto, havia lá suas razões matrimoniais para que se abstinésse de tais transudações e fosse comportado, acrescentando ainda a múltipla responsabilidade com que o sobrecarregavam os quarenta anos, a prole numerosa e as funções públicas de fiscal municipal. Três cangalhas num só lombo! Por isso, Anselmo, a bem dizer, era uma tropa resumida num homem.⁶⁶⁸

Os excessos sentimentais que culminam em situações cômicas também constituem o mote desta narrativa. No enredo, o protagonista participa de um piquenique com D. Elsa, viúva pela qual ele se interessa. Ela pede a Anselmo que pegue uma orquídea “no alto da mais alta árvore do bosque”. O fiscal prontamente atende D. Elsa e expõe-se a uma situação que não o deixa à vontade ao escalar com dificuldade o tronco, enfrentando obstáculos diversos como mordidas de insetos. Já de volta ao chão, vitorioso pela empreitada, esperando entregar a flor à D. Elsa, depara-se, surpreendentemente, com sua própria esposa. A disparatada aventura teria levado Anselmo à “regeneração definitiva”.

⁶⁶⁷ Ibidem, p. 125.

⁶⁶⁸ A versão consultada do conto e os fragmentos citados se encontram na: **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 78, jun. 1922. Resenha do Mês, p. 173-176.

No plano da estruturação narrativa, “O convescote” é menos dinâmico, apresentando poucos diálogos. As divagações retardam o desenlace. Em uma delas, criando suspense, o narrador cita o poema “Ó vida de minha vida!”, de Belmiro Braga, passagem a que chama de “parêntese desapropositado”:

Em um parêntese desapropositado seja-me lícito glosar a calinada camoniana deste lanço, pois em todos os tempos, desde que há gravidade, os outeiros foram sempre melhores de descer que de subir, a menos que ocorresse a reviravolta celebrada nestes graciosos versos de Belmiro Braga:// “Quando subo a encosta agreste/ Para ver-te, em ânsias morrendo,/ É tão penosa a descida,/ Ó vida de minha vida!/ É tão suave a subida,/ Que eu penso que estou descendo.// Mas quando volto saudoso/ Desse teu olhar infindo,/ É tão penosa a descida/ Ó vida de minha vida!/ É tão penosa a descida,/ Que eu penso que estou.. . subindo.”// Reatando o fio da narrativa: Anselmo desceu rápido, triunfante [...] ⁶⁶⁹

O sal da crítica, quando o autor lança um olhar sobre a sociedade, pode ser vislumbrado na passagem em que Anselmo sobe no tronco da árvore para apanhar a flor e se depara com insetos. Nessa passagem, o narrador antropomorfiza as formigas, observando em algumas delas comportamentos de certos fiscais municipais; e zoomorfiza Anselmo que, comparado com elas, “ferretoava” os contribuintes com multas:

E Anselmo, esbugalhando os olhos terrificados, via o carreiro preto que descia descontinuadamente das altitudes a que havia ainda de subir: uma caravana de atarefados serezinhos, uns arcando sob a carga imensa para seu corpinho reduzido, outras de ferrões abertos, sem carga, como em funções municipais, a fiscalizar apenas, prontas a lavrar, ao modo fórmico seus autos de multa contra os Anselmos perturbadores do trânsito. Era a pena de Talião ⁶⁷⁰ aplicada ali, às ferroadas, no enérgico fiscal que tantas vezes ferretoara o inerme contribuinte. ⁶⁷¹

Diferentemente de Antero, o protagonista de “O convescote”, no desenlace do conto, “se regenera”. O encontro com a esposa ao descer da árvore funciona como um corretivo:

Pisando o chão, caminhou sorridente para o vulto feminino que o guardava ao pé da árvore. Mas oh, que horror! esse vulto era o de sua própria esposa, que

⁶⁶⁹ Ibidem, p. 175.

⁶⁷⁰ O termo seria originário do latim *Lex Talionis* e significa lei de tal tipo, condizendo com a ação na devida proporção da agressão. Assim, se aplicaria uma pena ao crime que mantivesse uma justa reciprocidade com o crime. É simplificada na expressão popular “olho por olho, dente por dente”. Definição disponível em <http://www4.policiamilitar.sp.gov.br/unidades/dpcdh/Normas_Direitos_Humanos/LEI%20DO%20TALI%C3%83O.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2020.

⁶⁷¹ RANGEL, Godofredo. O convescote. *Revista do Brasil*, op. cit., p. 175.

sorria satanicamente. Não se sabe por que artes foi feita essa substituição nem o que entre os dois se passou ali, no ermo, ao pé daquela árvore, nem a história registra o desfecho do “pic-nic”; note-se apenas que data desse dia a regeneração definitiva do fiscal Anselmo, que desde então sempre se mostra chefe de família exemplaríssimo e incorruptível zelador de Fazenda Pública.

Pouco menos de dois anos antes da publicação do conto na *Revista do Brasil*, Lobato endereçou uma carta a Rangel, em 21 de outubro de 1919, reprovando o remate de uma narrativa intitulada “Ascensão”, propondo um outro “arranjo”:

Você estragou a *Ascensão*. Há um fecho magnífico: o homem sobe, com aquela tragédia toda, colhe a orquídea e desce radiante. Ao chegar embaixo, porém, dá com a esposa (é preciso um arranjo novo para calhar este lance) e... oferece-lhe a flor! Se me dás licença, refaço o conto para acabar assim e assinaremos de súcia, Rangel & Lobato.⁶⁷²

De imediato, identifica-se certa semelhança com o desfecho de “O convescote”. Atesta-se, dessa forma, que o título “Ascensão” precedera a designação do conto na *Revista do Brasil*. Porém, não há pistas de que a versão a que Lobato se refere seja um manuscrito ou a versão impressa no jornal *O Dia*.⁶⁷³

Na direção da *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato, com frequência, incitava Rangel a remeter colaborações. Em 23 de março de 1920, reportava-se a um dos contos do amigo no qual pretendia fazer alguma interferência antes de publicá-lo: “E você? Continua a encambar os contos humorísticos? Que venham. No que aqui está ainda não tive tempo de fazer aquele enxerto”.⁶⁷⁴ Cabe, assim, supor que o desfecho de “Ascensão”/ “O convescote” seja de autoria de Lobato, considerando-se que a escrita colaborativa constituía prática usual entre os escritores. O desenlace da narrativa com a “regeneração definitiva” da personagem, transformada em “chefe de família exemplaríssimo e incorruptível zelador de Fazenda Pública”, parece destoar dos “esquemas narrativos” no conjunto de contos que até então Rangel tinha publicado na *Revista do Brasil*.

Analisando-se comparativamente as sete narrativas de Rangel publicadas no mensário paulista entre 1918 e junho de 1922, quando circulou “O convescote”, são apreendidas algumas estratégias composicionais recorrentes. Isto é, nota-se a existência de encaminhamentos usuais

⁶⁷² LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 445. Carta de São Paulo, 21/10/1919.

⁶⁷³ Quando o texto foi transcrito na *Revista do Brasil*, indicou-se o nome do periódico que primeiro o divulgou, *O Dia*, mas não a data em que ocorreu a publicação.

⁶⁷⁴ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 453. Carta de São Paulo, 23/03/1920.

do escritor na configuração do epílogo de seus contos, espelhando uma visão de mundo do autor.

Em um primeiro grupo de contos, observam-se desfechos nos quais os protagonistas sofrem consequências de seus atos, sentindo o peso de suas escolhas e comportamentos, sem que venham, contudo, a sofrer modificação no caráter. Nesse conjunto enquadram-se os contos “Meu parente”, “O oráculo”, “Passeio ao céu” e “O *croiséé*”.

Oriental, personagem de “Meu parente”, narrativa estampada na *Revista do Brasil* em junho de 1918 (número 30), é paradigmático nesse primeiro grupo de contos. O juiz municipal Félix, ao ouvir, de passagem, na rua, alguém que se apresentava como Oriental, imaginou que se tratava de um familiar distante. Não era, contudo, a mesma pessoa. Velhaco, vendo uma boa oportunidade para se aproveitar da situação, ocupa o lugar desse parente. Sua má-conduta vai sendo mostrada ao longo da narrativa, quebrando as expectativas do anfitrião. Oriental começa a frequentar “o pior elemento da cidade, o que havia de mais chinfrim. Passava horas nos botequins da cafajestada, onde se excedia nas libações, metia-se em rodas de truque, buscava a convivência de cabras avalentados de garrucha na cinta e chapéu batido e dançava em batuques da negra”.⁶⁷⁵ Chegava “bêbedo aos penates, com o chapéu enviesado, cantando obscenidades; ou então, comprometendo horrivelmente minha dignidade de magistrado, era preciso eu ir buscá-lo às piores baiucas”. “Amigo do alheio”, Oriental também começou a furtar na região. Penalizado, o juiz sofreu ao constatar a “degradação” desse elemento que pertencia ao tronco familiar:

No momento em que me convenci da triste verdade, senti-me profundamente infeliz. A fatalidade esmagava-me de novo. Que mancha feíssima na família, santo Deus! Seria possível que uma pessoa do meu sangue, vergôntea do mesmo tronco, resvalasse a uma tal degradação? Não podia concebê-lo. Era uma nevrose, sem dúvida; não passava de um caso de cleptomania. Meu primo era um anormal. Se ali houvesse um especialista de moléstias mentais, eu, sem hesitar, confiaria meu parente aos cuidados da medicina. Por minha própria iniciativa, fiz-lhe tomar às refeições alguns tônicos fosfatados, quedando-me ansioso à espera dos benéficos resultados do tratamento.⁶⁷⁶

Félix percebeu as artimanhas do “bandido”, que “contava certo com a impunidade, tinha absoluta confiança no meu devotamento, e continuou a praticar as maiores torpezas, atassalhando de modo irreparável a sua e a minha reputação”. Na conclusão da narrativa, o juiz

⁶⁷⁵ A versão consultada do conto e os fragmentos citados se encontram na: **Revista do Brasil**, São Paulo, ano III, n. 30, p. 152-159, jun. 1918.

⁶⁷⁶ *Ibidem*, p. 156.

recebe uma carta de um parente distante desmascarando o espertalhão, que é mandado para a cadeia.

Já em um segundo grupo podem ser reunidos os desfechos irônicos e satíricos, que sugerem a hipocrisia nas relações pessoais e na esfera social, como visto nas narrativas: “O destacamento” e “O gordo Antero”.

Por mais variados que sejam, os contos de Rangel não conduzem à regeneração da personagem ou ensejam a transformação delas. É justamente neste ponto que o final de “O convescote” se diferencia do conjunto dessas narrativas. A transformação parece não encontrar lugar nos esquemas narrativos do escritor mineiro, em seu propósito de desnudar comportamentos e caracteres, costumes e tipos sociais. “O convescote” parece atender mais aos interesses de Lobato, em vista da ocasião em que rejeitou o conto “Clamores vãos”, pedindo ao amigo que enviasse escritos de viés “moral, com casamento no fim e o dedo de Deus”.⁶⁷⁷ Rangel, ao deixar de fora o conto das coletâneas *Andorinhas* e *Os humildes*, parece considerá-lo destoante de sua proposta estética. Não se pode descartar também a hipótese de que o autor não tenha aprovado a interferência no desfecho efetuada pelo companheiro editor.

“Um animal estranho”, “O legado” e “O bedel” fixam outras tendências que marcariam a prosa do escritor. “Um animal estranho” foi publicado no número 98, em fevereiro de 1924, circulou antes em outros dois periódicos: *A Vida Moderna*, em 1917, e *Fon-Fon!*, 1919. Os diálogos predominam nessa narrativa, marcados pela oralidade de tom regionalista. No fragmento a seguir, Tião e sô Quito, “o compadre da cidade”, conversam acerca de um pretense animal visto pelo segundo:

— Agora! Já estou vendo. Não é uma coisa a mó que cor de pinhão?// — Exatamente!// — Ora, ora, sim, senhor! E ficou encorujadinho que nem mexe. Tem os zoinho do porte de dois bago de chumbo.// — Será preá?// — A mó que não... Preá é mais cinzento.// — E largato?// — Também não. É bicho de pelo. Tá c'os zoinho lumiando!// — Mas, o que será, compadre?// — Não sei! Como este eu nunca vi.⁶⁷⁸

Outros recursos empregados por Rangel valorizam a oralidade no conto, como a caracterização da entonação de alguns personagens. O alfaiate Sr. Ambrósio vivia recluso em sua residência, ganhando com isso a fama de homem misterioso. Os dois excertos adiante registram o momento em que ele se mistura à turba da cidade, na expectativa de saber que

⁶⁷⁷ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 437. Carta de São Paulo, 20/04/1919.

⁶⁷⁸ A versão consultada do conto e os fragmentos citados se encontram na: **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VIII, n. 98, fev. 1924. Curiosidades, p. 188-190.

animal se escondia na vizinhança. O narrador busca reproduzir o timbre de sua voz: “Nesse momento uma voz misteriosa, que mais parecia um regougo, chamou a si a atenção dos circunstantes. [...] Sr. Ambrósio, entre a atenção geral engrolou suas conjecturas com uma voz cava de profeta que está a desvendar arcanos”. Regougo caracteriza-se como onomatopeia para as vozes de alguns animais, entre eles a repousa, a ariranha, o chacal e o gambá. A formulação onomatopaica também aparece ainda em outros trechos do conto: “o *ruc ruc* da tesoura”, “muitos ouviram o *cui-cui*” do animal.

Expressões regionais vicejam no conto. No plano linguístico, identificam-se registros da variedade da língua portuguesa empregada por falantes do meio rural, assim como palavras, expressões e interjeições da oralidade mineira: “sô”, “manguara”, “magote”, “atrapaiou”, “flarda da camisa”, “mó”, “antão”, “bole co’ela”, “uai”. Tais ocorrências dialetais ocorrem, sobretudo, nos diálogos. Embora a expressão do narrador submetesse-se à norma culta da língua, não deixa de acolher traços de oralidade e de ânimo regionalista:

Na rua ia crescendo o magote de povo, que vozeava comentários diversos, alvitando todas as hipóteses possíveis, enquanto o compadre continuava a abrir mato, cautelosamente. “Que será? Que não será?” era o mote das conversas.// — Atrapaçou a vista? Opinou um preto papudo. Então é cobra. Repara, Tião, e, se for, amarra ela com nó na flarda da camisa.// — Esperem que já digo.// E Tião interrompeu a labuta para afirmar a vista no animal.// — Tem rabo comprido, tem...// — É cobra! pois eu não dizia?// — Mais a mó que estou vendo duas mãozinha.// — Antônio não é.// — E perninha não vejo.// — Diabo!// Este pormenor, que os deixou sumamente intrigados foi logo confirmado por vários dos observadores da estrada.// — Bole co’ ela, Tião! propôs uma voz.// O compadre colheu uma fruta de gragoatá e atirou-lh’a.// — Não ouviram? Fez “cui! cui!” disse o Sabino da Rita, que estava perto do barranco.// Muitos ouviram o cui-cui.⁶⁷⁹

“Um animal estranho” oferece ainda um retrato cultural da população de pequenas cidades interioranas, por meio da descrição de aspectos como vestuário, costumes e comportamentos:

Que era domingo, não o indicava apenas o traje do roceiro; dizia-o ainda o trânsito inusitado da afastada rua. Dos transeuntes alguns se detinham com curiosidade de saber o que faziam aqueles dois homens: um trepado no barranco, outro esperando, de cacete alçado, do lado de baixo. Perguntavam o que sucedia, e sô Quito expunha o caso com todos os pormenores. Alguns ficavam ali, formando grupo, a ver no que dava a batida. Trocavam-se

⁶⁷⁹ Ibidem, p. 189.

conjecturas, todas rejeitadas, e com isso a cada momento o interesse subia de ponto.⁶⁸⁰

O repertório dos costumes e o afínco nas observações do ambiente rural certamente originaram-se da passagem de Godofredo Rangel por diferentes pontos do sul de Minas Gerais: Três Corações – cidade onde nasceu —, Silvestre Ferraz (hoje, Carmo de Minas), Machado, Santa Rita do Sapucaí, Estrela do Sul, Três Pontas, Passos, Lavras e Belo Horizonte – cidades em que residiu em períodos distintos.

“O legado” e “O bedel” também divergem, em alguns pontos, das demais composições depositadas na *Revista do Brasil*. Neles, perde força a tonalidade sarcástica. Em contrapartida, vigora a compaixão do autor pelos seres oprimidos e desamparados socialmente. Rangel recompensa essa classe que, em geral, passa despercebida, dando-lhe relevo em sua obra, tendência já demonstrada em trabalhos precedentes.⁶⁸¹ Ainda que o tom adotado nestas composições se diferencie dos demais contos, a crítica social não deixa de se fazer presente nos textos. Manifesta-se, sobretudo, na observação das distâncias entre os universos das personagens retratadas.

Publicado em abril de 1924, “O bedel” é o derradeiro texto de Rangel na *Revista do Brasil*. A descrição do protagonista enseja a figuração de sua simplicidade. Seu nome não é revelado no conto, sendo a personagem apenas conhecida pela modesta atividade que realiza, a de inspetor de alunos. O narrador, calouro do curso de direito na faculdade, apresenta-o:

Era bedel da faculdade de direito e chamava-se... Querem ver que me não lembra o nome? Se um dia o soube, esqueceu-me. Também, pequenino de corpo, arcadinho, sumido e humilde em extremo, o que é espiritualmente um modo de ser pequenino, não tinha ele uma dessas individualidades físicas ou morais que vincam a atenção. E assim pequenino e encolhido em sua humildade, inofensivo, incapaz de delatar a um estudante que incorresse em falta, era natural que sua presença se tornasse quase despercebida. Orçaria pelos cinquenta anos, como faziam crer seus cabelos grisalhos, mas, em contraste, notava-se lhe na fisionomia certa expressão juvenil, como se o contato com as sucessivas gerações de moços que alisaram os vetustos bancos acadêmicos lhe comunicasse um resíduo de mocidade imarcescível.⁶⁸²

⁶⁸⁰ Ibidem, p. 189.

⁶⁸¹ Uma leitura acerca do conto “O legado”, em sua versão publicada na obra *Os humildes*, é proposta por Eloisa Alves Nogueira. A pesquisadora também se debruça sobre o conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. À luz dos pressupostos da ética da alteridade, empreende sua reflexão sobre as condutas individuais por meio da observação das personagens e de suas ações. Cf. NOGUEIRA, Eloisa Alves. **O eu o outro: o legado de dois pais contado por Machado de Assis e Godofredo Rangel**, op. cit.

⁶⁸² A versão consultada do conto e os fragmentos citados se encontram na: **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VIII, n. 100, p. 313-316, abr. 1924.

Em consonância com o aspecto físico “pequenino” do bedel estavam suas aspirações e a sua “maneira de ser” no mundo:

Em sua alma simples somente residia um pequeno número de sentimentos simples: o amor à sua casinha, ao seu cigarro, ao raio de sol que se esgueirava num pátio interno, entre duas abas de telhado [...] // Assim, o bom bedel não exigia da vida muitas coisas. Dessem-lhe seu caro sossego, nos dias feriados, em sua casinha pequenina e humilde como ele, o seu cigarro e o seu raio de sol, e estaria disposto a louvar-lhe as excelências.⁶⁸³

Apesar de prestar serviços na faculdade, o bedel não parecia estar integrado àquele espaço. Não travava relações com as pessoas que o cercavam, era “muito recolhido em si, ou [por]que nada achasse que dizer, ou pelo hábito de ninguém dirigir-lhe a palavra”. Contrastava com aquele ambiente e era invisível aos estudantes, “sombra inexistente”. Oprimido pelo diretor, por quem sentia um “temor respeitoso”, que o “fazia diminuir-se” ainda mais. Apenas o jovem calouro aproximava-se dele, simpatizado pela sua “figura modesta e bondosa”. O narrador constata a indiferença dos demais para com o bedel: “Não sei se foi porque o não tratei com descaso, o certo é que também simpatizou comigo”.

A resignação do funcionário exprime sua atitude diante das estruturas que o oprimem: “Se lhe dizia algo, ele limitava-se a sorrir um sorriso bondoso, matizado de todas as nuances que servia a tudo de resposta”. Fisicamente, na esfera social, ele se achata: “desejo de encolher-se, de sumir, com o receio, talvez, de impacientar”. Em sua casa, um “rancho”, o bedel sofre a repressão da esposa, “seu terrível diretor de saia”. O estudante passa a frequentar esta residência, “casinha modesta, dessas casinhas de pobres, que parecem caixetas de brinquedos”.

No conto, não há muitas referências diretas à cidade grande na qual se situa a faculdade. Sabe-se apenas que o bedel recebe a visita de uma prima vinda do interior, “gente simples”, filha de lavradores, ou seja, ele mantinha, portanto, laços com a vida provinciana, razão que parece justificar o seu desajustamento no ambiente urbano e o sentimento de que não se enquadrava naquele lugar, era uma “sombra inexistente”. Homem “simples”, em consonância com seus hábitos, casa e parentes “simples”, contrastava com o meio acadêmico, signo de erudição. Assim como em *Vida ociosa*, a narrativa enseja o conflito entre “dois mundos distintos, nos quais a questão cultural e a diferença entre campo e cidade moldam completamente o modo de vida das pessoas”.⁶⁸⁴

⁶⁸³ Ibidem, p. 313.

⁶⁸⁴ SILVA, Danyelle Marques Freire da. **A constituição do espaço em vida ociosa, de Godofredo Rangel**, op. cit., p. 49.

Desinvestido de seu ofício, o bedel se libertava, ainda que momentaneamente, buscando os raios de sol entre os beirais do telhado de sua casa. Deixava a posição de “inexistência” social para ser, “existir”: “Nos momentos de folga era certo vê-lo, para lá e para cá, trilhando com os passinhos miúdos a faixa de ouro que se alongava no chão, coada entre os dois beirais, a desmanchar na palma o fumo do cigarro”.

A chegada da prima do interior configura-se para ele como uma reconexão com este lugar do qual estava distante: “já não encontrei a casinha tão triste; refletia agora um pouco da alegria do dono, que se mostrava radiante. Parecia que o ‘rancho’ tomara um ar de festa com a presença da prima”. Uma vez que seu corpo estava em consonância com seu estado de espírito, hábitos e até suas roupas, a realidade parece transformar-se:

Continuei a ver o bedel na faculdade e notei que daquela época em diante parecia outro. Esquecera o diretor e a frase indefectível, e mesmo a sós era vidente a expressão juvenil de sua fisionomia. Dias depois daquele domingo causou-nos uma surpresa: apareceu de fatiota nova. Era ainda um terno azul, como o outro devera ter sido nos primeiros tempos. Sensação! Foi alvo de cumprimentos, motejos, vaias. Bem se lhe dava! [...] Bom bedel! Como parecia contente, e ainda mais remoçado pelo seu contentamento e pela fatiota azul!⁶⁸⁵

Com a partida da prima, extingue-se a representação de um mundo radiante, trazendo para o protagonista a tristeza e a monotonia costumazes. O motivo “viagem” é identificado pela pesquisadora Danyelle Marques Freire da Silva como uma presença constante nas obras de Godofredo Rangel. Segundo a autora, abordando *Vida ociosa*, as personagens estão sempre viajando ou esperando alguém que retorne de outras localidades.⁶⁸⁶ Nos contos da *Revista do Brasil*, pode-se reconhecer esse traço inventivo rangelino em “Meu parente”, “O destacamento”, “O gordo Antero”, “Passeio ao céu”, “O legado”, “Um animal estranho” e “O bedel”. Neste último, os trânsitos da prima do bedel ocupam papel central na trama.

Ainda que o calouro tivesse simpatia pelo funcionário e tenha frequentado a casa dele por um período de tempo, seus mundos não permaneceriam em contato. No desenlace, ampliam-se os contrastes entre o bedel e o futuro bacharel, que se distanciava daquela apequenada sombra social:

⁶⁸⁵ RANGEL, Godofredo. O bedel. *Revista do Brasil*, op. cit., p. 315-316.

⁶⁸⁶ SILVA, Danyelle Marques Freire da. *A constituição do espaço em vida ociosa, de Godofredo Rangel*, op. cit., p. 84-87.

Que será feito do bedel? Frequento ainda a Faculdade, mas já não o vejo. Assimilou-me o espírito de classe, por isso, se ainda existe, vejo-o com o olhar desatento dos demais colegas. É que não sou mais calouro; obtive promoção ao segundo ano e esse triunfo enfuna-me o orgulho. Já sou gente. E tenho agora muito elevadas preocupações e dignidades para deter a atenção na insignificância de sua figura: pertenço à redação da “Folha Acadêmica” e à Diretoria do Grêmio “Libertas”, da qual sou orador, havendo com a minha estreia granjeando a deferência dos demais colegas e subido em meu próprio conceito a ponto de desconfiar que sou um segundo Rui em germen. A vida é bela, o preparo das lições, difícil, o dos discursos difícilíssimo e ainda tanta coisa, tanta coisa absorvente!// Mas existirá ainda o bedel?// Talvez! Pois consultando as impressões do meu dia na escola, tenho às vezes a vaga impressão de haver entrevisto confusamente uma sombra arcadinha e sumida a passear lentamente, tristemente, por uma réstea de sol coada entre dois beirais dum pátio interior.⁶⁸⁷

De fato, os contos de Godofredo Rangel publicados na *Revista do Brasil* diferenciavam-se dos textos que circularam no *Minarete*. Ainda que o escritor dispusesse da oportunidade de republicá-los no periódico paulista de grande circulação, conforme Lobato teria lhe recomendado⁶⁸⁸, o mineiro preferiu valer-se do espaço do mensário para experimentar narrativas em sua maioria inéditas. De todo modo, Rangel jamais se afastou inteiramente dos seus primeiros trabalhos e manteve características de sua prosa.

Em sua colaboração na *Revista do Brasil*, Rangel preferiu dar vazão à sua veia crítica, explorando a comicidade das situações, lançando luz sobre a comédia humana⁶⁸⁹. Nem todos os contos dessa safra estão marcados pela experimentação linguística. Há trabalhos que mostram o prosador mineiro desprendido dos modelos portugueses aos quais tanto se dedicou em sua formação literária e dos quais teria assimilado a linguagem e o estilo.

A presença de Monteiro Lobato seguiu ostensiva nos contos de Godofredo Rangel publicados na *Revista do Brasil*. Na qualidade de editor-proprietário, seu crivo crítico sempre foi o fiel da balança. A amizade, nesse momento, não falou mais alto que os negócios do empresário que buscava consolidar a sua literatura e atuação no mercado editorial. O conto

⁶⁸⁷ RANGEL, Godofredo. O bedel. *Revista do Brasil*, op. cit., p. 316.

⁶⁸⁸ Logo após concluir a compra da *Revista do Brasil*, Lobato solicitou os trabalhos anteriores do escritor, como se verifica na carta de 8 de julho de 1918: “[...]penso que chegou a hora de publicar na *Revista* todos os teus contos do *Minarete*. Depois os reuniremos em livro e os soltaremos com grandes toques de caixa.” LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 422. Carta de São Paulo, 08/07/1918.

⁶⁸⁹ A habilidade de Rangel em compor tipos e caricaturas “estupendamente observados e vivos” em seu romance 5, suposto manuscrito de *Os bem casados*, teria levado Lobato a elogiar o amigo comparando-o ao autor da *Comédia humana*: “Maravilhosamente apanha você a vida de província e poderá, se não parar no caminho, tornar-se o Balzac da vida mineira – que há de ser a mesma vida do país todo.” *Ibidem*, p. 167. Carta de Areias, 07/12/1907.

“Tatá”, por exemplo, foi considerado muito extenso e não se enquadrava no periódico, e “Clamores vãos” afrontava as expectativas de “leitoras puritanas”.

Rangel, contudo, driblava o amigo ao seu modo. Não cedeu à pressão do editor para publicar os romances *Falange gloriosa* e *Os bem casados*; nem enviou para a *Revista do Brasil* os trabalhos já estampados no *Minarete*; tampouco diminuiu as laudas de “Tatá” ou recolheu “O convescote” com o desfecho preferido por Lobato.

4.3 – Divulgação e publicidade da coletânea *Andorinhas* na *Revista do Brasil*

Poucos meses depois da publicação de *Vida ociosa*, sob a chancela da editora da *Revista do Brasil*, uma edição de contos de Godofredo Rangel começou a ganhar forma. Monteiro Lobato havia insistido com Rangel para que os romances *Falange gloriosa* e *Os bem casados* fossem publicados em livro, mas não obteve êxito. O editor buscava convencê-lo de que o impacto do lançamento de uma nova obra viria a fomentar as vendas de seu romance de estreia. Na carta de 8 de julho de 1921, Lobato dava mostras de suas percepções mercadológicas:

A publicação dos teus contos virá a melhorar a saída do romance, de modo que é mais comercial imprimi-los agora do que depois. E não te incomodes com a parte econômica do negócio – se dá ou não dá lucro para a casa. É coisa que não tem a mínima importância. O importante é que você vá se imprimindo e imprima-se todo – nem que o editor leve à breca.⁶⁹⁰

O aspecto financeiro da empreitada parecia preocupar Rangel, que via Lobato tirar sucessivas tiragens de seus *Urupês*, enquanto o seu *Vida ociosa* era vendido em um fluxo mais vagaroso. A comercialização do romance e o elevado valor de capa deixavam o autor descontente, no entanto Lobato rebatia: “Você deu pérola ao galo. Eu dou milho. Eis a razão do meu sucesso. Mas eu dou milho, meu caro Rangel, por uma razão muito simples: incapacidade de dar pérolas...”.⁶⁹¹ O incremento das vendas do romance funcionou como bom argumento, e, mesmo inseguro⁶⁹², Rangel aceitou a proposta do amigo. Em carta de 29 de setembro de 1921, Lobato entabulava a negociação:

⁶⁹⁰ Ibidem, p. 468, Carta de São Paulo, 08/07/1921.

⁶⁹¹ Ibidem, p. 467, Carta de São Paulo, 30/06/1921.

⁶⁹² Retomada novamente na carta de 08/12/1921: “E não duvide da saída do teu romance; por isso respondemos nós.” Ibidem, p. 472, Carta de São Paulo, 08/12/1921.

Vieram afinal os contos. Pensei em pô-los na *Coleção Brasília*, que é muito boa para vulgarizar um autor, dado o preço (1.500 réis) e às tiragens (de quatro mil), mas essa série exige retrato na capa e não posso recorrer ao retrato que mandaste. Feio demais. [...] ⁶⁹³

A Coleção Brasília, segundo descrição do Catálogo das edições de Monteiro Lobato & Cia., de 1923, destinava-se “a baratear o livro, vulgarizando as melhores obras nacionais por preços ao alcance de todos”. ⁶⁹⁴ Segundo Cilza Carla Bignotto, “os volumes eram impressos em papel jornal e tinham entre 250 e 300 páginas. Custavam de 1\$500 a 3\$000, enquanto as demais obras literárias da editora tinham preço entre 3\$000 e 8\$000. A tiragem inicial de cada título era de quatro mil exemplares”. ⁶⁹⁵

Nessa ocasião, contudo, a proposta de edição não vingou, e Rangel ficou de fora da coleção que exibia no catálogo *Urupês*, *Cidades mortas* e *Negrinha*, do próprio Monteiro Lobato; *A renegada* e *Os cangaceiros*, de Carlos Dias Fernandes; *Senhora de engenho*, de Mario Sette; *Os condenados*, de Gabriel Marques; *O bandido do Rio das Mortes*, de Bernardo Guimarães.

Apenas em maio de 1922 o projeto foi novamente retomado em carta: “Venham, pois, os teus contos. Faremos o livro em máquinas nossas. [...] Poderás sair na *Biblioteca da Rainha Mab* ou em edição comum. Que preferes?” ⁶⁹⁶ Embora a Monteiro Lobato & Cia. contasse com oficinas próprias, a demanda com “eternas coisas urgentes” retardou a impressão do livro ⁶⁹⁷. Uma série de eventualidades atravancaram o preparo da edição e o lançamento, conforme testemunha a correspondência que relata outros imprevistos, como problemas com a composição tipográfica:

⁶⁹³ Ibidem, p. 470. Carta de São Paulo, 29/09/1921.

⁶⁹⁴ Os catálogos das editoras lobatianas se encontram disponibilizados no CD-anexo à tese: BIGNOTTO, Cilza Carla. **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**, op. cit. Pasta: Catálogos – Ano: 1923.

⁶⁹⁵ Ibidem, p. 245.

⁶⁹⁶ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 478. Carta de São Paulo, 09/05/1922.

⁶⁹⁷ Ibidem, p. 478. Carta de São Paulo, 15/12/1922.

Estás mesmo de azar. As *Andorinhas* também encrencaram. Numa mudança de oficina soltaram-nas e elas voaram. Creio que já te mandei dizer que estão a compô-las de novo⁶⁹⁸. E são uns cágados lá. Mas um dia hão de sair. Tudo custa, tudo pega, tudo amarra. Eu, se fosse andorinha, voava para longe, como aquelas cegonhas do Brás Cubas...⁶⁹⁹

A carta de 10 de fevereiro de 1923 registrava pela primeira vez o título *Andorinhas* para referir-se ao volume de contos. A escolha foi comentada pelo editor, avaliando a potencialidade de repercussão na venda da obra:

O título é bom. *Andorinha* lembra movimento, revoo. Já ‘vida ociosa’ lembra lentidão. Por isso o teu segundo produto livresco vai sair com maior velocidade que o primeiro. Quem não se sentirá tentado a adquirir um livrinho cujo título lembra os dias de sol nas fazendas, quando o céu está azul e elas o riscam de voos?⁷⁰⁰

A importância que Lobato dava aos títulos não se restringia aos trabalhos do amigo mineiro. A Cesídio Ambrogi, o editor recomenda os “títulos femininos”, pois “falam à libido do homem – e forçam a saída”.⁷⁰¹ Atribuía o fracasso editorial de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* ao título dado por Lima Barreto: “O teu livro sai pouco, sabe por quê? O título! O título não é psicologicamente comercial. Um bom título é metade do negócio, ao ler o título do teu romance toda a gente supõe que é a biografia de... um ilustre desconhecido”.⁷⁰²

No caso de *Andorinhas*, as imagens associadas a pássaro e voo são aproveitadas para referir-se à obra: “[...] precisamos é que revoem depois de impressas”.⁷⁰³ Em 1923, o entusiasmo de Lobato em torno do livro arrefeceu: “livro encruado”⁷⁰⁴, estavam “encrencadas [as] *Andorinhas*”.⁷⁰⁵

Andorinhas foi finalmente lançado em 1924, volume VIII da série Biblioteca da Rainha Mab, coleção descrita como “livros em pequeno formato, corpo 8, extraordinariamente

⁶⁹⁸ Ibidem, p. 482. Carta de São Paulo, 02/02/1923.

⁶⁹⁹ Ibidem, p. 483. Carta de São Paulo, 10/02/1923.

⁷⁰⁰ Ibidem, p. 486. Carta de São Paulo, 07/10/1923.

⁷⁰¹ Carta a Cesídio Ambrogi sem data. Acervo Biblioteca Infante Juvenil-Monteiro Lobato. Localização: Pasta 33A – documento 3687. Versão transcrita em: BIGNOTTO, Cilza Carla. **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**, op. cit., p. 373.

⁷⁰² CAVALHEIRO, Edgard. **A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto: com notas, manuscritos e acréscimos**, op. cit., p. 77. Carta de São Paulo 23/11/1919.

⁷⁰³ LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**, op. cit., p. 487. Carta de São Paulo, 02/11/1923.

⁷⁰⁴ Ibidem, p. 487. Carta de São Paulo, 02/11/1923.

⁷⁰⁵ Ibidem, p. 488. Carta de São Paulo, 01/12/1923.

cômodos para trazer no bolso e lindamente encapados em ‘Castillian Cover’, o couro artificial dos americanos”.⁷⁰⁶ Lobato, para o livro do amigo, investia no preço módico e na qualidade material.

A *Revista do Brasil* empreendeu a divulgação de *Andorinhas*. Os “Contos” de Rangel apareceram anunciados na seção “Movimento Editorial”, em julho de 1921 (n. 67), ao lado de outras obras “em composição já ou à espera da sua vez”. Em fevereiro de 1924 (n. 68) em sua seção “Bibliografia”, o livro mereceu elogios associados à *Vida ociosa*, que, na época, já teria contado com três edições:

Godofredo Rangel não quis por seu turno ser o escritor de um só livro. Se *Vida ociosa* lhe deu posição saliente no romance nacional, atingido em breve prazo a três edições, por que razão não havia ele de persistir defrontando-se com o público? Andou bem, pensando assim. Este volumezinho da “Biblioteca da Rainha Mab” é a prova de que a seara de G. R. não foi ceifada de vez com a publicação daquele romance. // Não se trata agora de romance, mas de contos. *Andorinhas* é uma dezena de narrativas em que a habilidade do autor excede no encaminhar a sucessão dos episódios até o riso que as coroa sempre. // Do todo homogêneo que é o volume, destaca-se o capítulo final que lhe dá nome. // Em suma, estabelecida a posição de G. R. na literatura de nossos dias como um dos seus melhores romancistas, baste-nos dizer que o contista não lhe é somenos.⁷⁰⁷

Ao longo de 1924 e 1925, a *Revista do Brasil* apartou-se de *Andorinhas*. Em comparação com a atenção dispensada ao romance *Vida ociosa*, os contos receberam pouca difusão. Nesta época, Lobato já havia se afastado da liderança do mensário, transferida para os sócios Paulo Prado e Sérgio Milliet.

Em carta de 25 de setembro de 1924, Lobato, com a sua peculiar expressão lúdica, buscou justificar o pouco interesse que o público devotara aos contos:

Da edição das *Andorinhas* ainda há no poleiro um bom lote: 2.185. Parece que saíram em má estação, de modo que a revoada se retardou. Setembro, mês quente. Era em junho, ou fins de maio, que as andorinhas lá da fazenda migravam. Que lindo! Um belo dia começavam a reunir-se no telhado do casarão. Súbito, voavam todas, davam várias voltas bem alto e pousavam – e essas também vinham. Por fim, quando todas as da zona já estavam reunidas, erguiam-se de repente e lá se sumiam ao longe. O inverno na Serra é forte. Elas fogem para o quente do litoral. Findo o frio, regressam. Certo ano houve um erro, não delas, mas do tempo. Já se acabara o inverno e haviam voltado as coitadinhas, quando sobreveio uma onda de frio com geada à noite. De

⁷⁰⁶ BIGNOTTO, Cilza Carla. **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**, op. cit. CD anexo – Catálogos – Ano: 1923.

⁷⁰⁷ GODOFREDO Rangel – *Andorinhas*. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 98, fev. 1924. Bibliografia, p. 159-160.

manhã encontrei inúmeras mortas, na estrada, nos buracos dos barrancos.//
Aguardemos o “fins de maio” das *Andorinhas* do Rangel.⁷⁰⁸

Entre 1924 e 1929, *Andorinhas* não recebeu a atenção dos críticos. Ressurgiu apenas no grifo “Vida literária - Livros, livros à mão cheia...”, de Agrippino Grieco, em *O Jornal*, do Rio de Janeiro; no artigo “Vida ociosa”, de Emilio Moura, publicado em *A Revista* de Belo Horizonte; e em uma série de publicidade da Livraria Universal, na *Ilustração Pelotense* (RS).⁷⁰⁹

⁷⁰⁸ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 496. Carta de São Paulo, 25/09/1924.

⁷⁰⁹ Em consulta realizada à base de dados da Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional. GRIECO, Agrippino. Livros, livros à mão cheia... *O Jornal*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 1.809, 20 nov. 1924. Vida literária, p. 1.
MOURA, Emilio. Vida ociosa. *A Revista*, Belo Horizonte (MG), ano I, n. 3, p. 20-22, set. 1925.
UMA NOVA feição nos livros. *Ilustração Pelotense*, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 1, p. 3, 1º jan. 1927.
UMA NOVA feição nos livros. *Ilustração Pelotense*, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 4, p. 19, 15 fev. 1927.
UMA NOVA feição nos livros. *Ilustração Pelotense*, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 5 e 6, p. 4, 15 mar. 1927.
UMA NOVA feição nos livros. *Ilustração Pelotense*, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 7, p. 20, 1º abr. 1927.
TERRA Verde. *Ilustração Pelotense*, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 8 e 9, p. 19, 1º mai. 1927.
UMA NOVA feição nos livros. *Ilustração Pelotense*, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 10, 15 mai. 1927.
TERRA Verde. *Ilustração Pelotense*, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 10, 15 mai. 1927.
TERRA Verde. *Ilustração Pelotense*, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 11 e 12, 15 jun. 1927.
UMA NOVA feição nos livros. *Ilustração Pelotense*, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 11 e 12, 15 jun. 1927.
UMA NOVA feição nos livros. *Ilustração Pelotense*, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 13 e 14, 15 jul. 1927.

Capítulo 5 – Das páginas da *Revista do Brasil* aos livros *Andorinhas* e *Os humildes*: sendas e processos criativos

5.1 – Percursos da escrita de Godofredo Rangel

Colaborador em praticamente meia centena de periódicos no decorrer de sua trajetória literária, Godofredo Rangel empenhava-se em promover a circulação de sua literatura. Textos de sua autoria publicados na *Revista do Brasil* forneceram matéria para *Vida ociosa* (1920), *Andorinhas* (1924) e *Os humildes* (1944). Não havendo, atualmente, notícia da existência de manuscritos dessas produções, a observação do percurso dos trabalhos, entre as páginas da revista e as edições em livro, descortina aspectos do processo criativo do escritor.

Monteiro Lobato contribuiu decisivamente para que o amigo “passa[sse] a ferro”⁷¹⁰ suas composições. Milena Ribeiro Martins, focalizando o processo de escrita do contista de *Urupês*, pontua que o taubateano costumava valer-se do próprio texto impresso em periódicos para “dar margem às intervenções”. Assim, a página da revista era encarada como “uma *prova de edição*, como um *manuscrito de trabalho*”.⁷¹¹ Acolhia, desse modo, versões que poderiam ser revistas, alteradas ou transformadas em outros trabalhos.

Emerson Tin, ao comparar trechos da versão impressa do romance *Vida ociosa* na *Revista do Brasil* e sua primeira edição em livro, conclui que Godofredo Rangel, assim como Lobato, teria usado o texto publicado no periódico como base para a reescritura:

Lobato defendia [nas cartas endereçadas a Rangel] a publicação de uma primeira versão do texto para que servisse de exemplar de trabalho, ou seja, sobre o texto impresso, o escritor faria as alterações, acréscimos e supressões que julgasse necessários. Assim, pode-se sustentar a hipótese de que a versão publicada na *Revista do Brasil* teria sido utilizada por Rangel como exemplar de trabalho para proceder às alterações que podem ser vistas na versão publicada em livro.⁷¹²

⁷¹⁰ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 368, Carta da Fazenda, 30/08/1916.

⁷¹¹ Em sua dissertação de mestrado, Milena Ribeiro Martins analisa o processo de escrita de vinte e nove contos de Monteiro Lobato divulgados na *Revista do Brasil*. Depois de publicados, tais composições foram constantemente modificadas, processo que encontrou seu ponto final nas *Obras Completas* do escritor. Para aprofundar no estudo das versões e dos processos de escrita e reescrita desses contos, cf. MARTINS, Milena Ribeiro. **Quem conta um conto ... aumenta diminui, modifica: o processo de escrita do conto lobatiano**, op. cit.

⁷¹² Cf. TIN, Emerson. Fragmentos da gênese de *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel, n’*A barca de Gleyre*, op. cit. cit., p. 132.

O pesquisador defende a hipótese valendo-se da carta de Lobato, em 30 de agosto de 1916, na qual tentava convencer Rangel a publicar o romance na *Revista do Brasil*: “A vantagem de dar a *Vida* em revista é poderes tê-la em forma impressa para o ‘passar a ferro’ final. Em manuscrito a gente não vê totalmente um livro”.⁷¹³ Tin válida a percepção crítica de Milena Ribeiro Martins:

Se é verdade que o escritor [Lobato] usou a revista não só como veículo de publicação de seus textos, mas também como prova de edição – ou seja, lugar de publicação de um texto não definitivo, texto a ser revisto, alterado –, então poderemos chamar tal versão – a em revista – de uma espécie de primeiro manuscrito impresso do conto lobatiano.⁷¹⁴

No entanto, o trajeto criativo dos escritos de Godofredo Rangel pode se mostrar ainda mais complexo, uma vez que os contos de sua autoria na *Revista do Brasil* são inéditos, em sua maioria. Não é o caso, entretanto, de “O convescote” e “Um animal estranho”, que, antes, foram divulgados em periódicos, o primeiro apenas em *O Dia*, e o segundo nas revistas *A Vida Moderna* e *Fon-Fon!*. Além disso, alguns de seus textos, depois de impressos no mensário paulista, circularam novamente na imprensa, antes se integrarem em livro.⁷¹⁵ O próprio romance *Vida ociosa* teve capítulos difundidos no jornal *O Estado de S. Paulo*, num momento anterior à *Revista do Brasil*. E, afinal, o que se pode saber propriamente a respeito dos processos de criação rangelinos?

Na revista carioca *Vamos Ler!*, Godofredo Rangel aludiu aos meandros de sua escritura, na entrevista a Milton Pedrosa, divulgada em 15 de junho de 1939. Ao ser indagado acerca de qual foi sua impressão ao publicar o romance de estreia, *Vida ociosa*, ele respondeu: “– nenhuma. Depois de rever as provas de um livro não me interessa mais por ele, ao contrário do que se dá com o verdadeiro escritor. Este, em geral, tem paixão pelo que escreve, e é preciso mesmo ser um pouco narciso, para ter estímulo para produzir”.⁷¹⁶

⁷¹³ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*, op. cit., p. 368. Carta da Fazenda, 30/08/1916.

⁷¹⁴ MARTINS, Milena Ribeiro. **Quem conta um conto ... aumenta diminui, modifica: o processo de escrita do conto lobatiano**, op. cit., p. 49.

⁷¹⁵ Nota-se um traço diferencial, no plano da cronologia, entre os contos enfeixados em *Andorinhas* e os inseridos em *Os humildes*. Os que passaram a integrar o primeiro volume, “Meu parente” (junho de 1918), “O oráculo” (maio de 1919) e “Passeio ao céu” (maio de 1920), seguiram, em rota direta, das páginas da *Revista do Brasil* para a coletânea de 1922. Os trabalhos incorporados a *Os humildes*, “O destacamento” (julho de 1918), “O gordo Antero” (outubro de 1919), “O croisé” (junho de 1920), “O legado” (setembro de 1922), “Um animal estranho” (fevereiro de 1924) e “O bedel” (abril de 1924), chegaram à versão em livro apenas em 1944; os dois primeiros textos tiveram três publicações diferentes até chegarem ao livro; os demais também transitaram diretamente da *Revista do Brasil* para o volume. Cf. quadro comparativo no “Complemento F”.

⁷¹⁶ PEDROSA, Milton. Em Minas conversando com os intelectuais. **Vamos Ler!**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 150, 15 jun. 1939.

O ficcionista de *Andorinhas* afirmava não se interessar mais pelo texto após rever as últimas provas do livro, fazendo crer que todo o seu trabalho de criação se encerrava nesse momento. Quer fixar, assim, um testemunho (verdadeiro ou não) de seu processo criativo. No andamento da entrevista, Rangel insinuou não sentir “paixão” pelo que escreve. Isto é, depois de impresso o livro, o texto não mais lhe agrada. O encanto renasceria apenas na condição de que o trabalho retornasse *ao processo* de escrita.

A versão em periódico, como no caso da *Revista do Brasil*, permitia ao autor dispor da composição impressa, em “letra de forma”. Este texto, no entanto, ainda não está “definitivo”, pois é permitido ao escritor reinsserir-se no processo de escrita/revisão do trabalho – reelaborando, alterando, refinando etc. O labor se estenderia, assim, até a composição chegar à fase das provas da edição em livro – momento que marca a transição entre o “nascimento” do livro (ao público), logo chegando à edição impressa; e a “morte” do escritor, com o texto para ele “acabado”, já nas mãos dos leitores. Caso o livro conte ainda com uma segunda edição, como é o caso de *Vida ociosa*⁷¹⁷, o texto reassume seu caráter “inacabado”, retornando às mãos do autor, que pode lhe conferir novas mudanças até chegar à fase das provas dessa nova edição. Godofredo Rangel iniciou sua resposta a Milton Pedrosa reportando-se à *Vida ociosa*, mas deixou mostras de que o posicionamento se estenderia em face da publicação de outros trabalhos.

Na ausência dos manuscritos do autor tricordiano, recorre-se a outros “documentos de processo”, na busca de rastros que de algum modo registram o movimento escritural, em “índices do percurso criativo”.⁷¹⁸ Cecília de Almeida Sales ensina que por mais abrangente que seja um dossiê genético, nenhum deles guarda o “acesso a todos os registros que o artista faz ao longo do processo”:

Estamos conscientes de que não temos acesso direto ao fenômeno mental que os registros materializam, mas estes podem ser considerados a forma física através da qual esse fenômeno se manifesta. Não temos, portanto, o processo de criação em mãos mas apenas alguns índices desse processo. São vestígios vistos como testemunho material de uma criação em processo.⁷¹⁹

⁷¹⁷ Diferentes modificações operadas em *Vida ociosa*, sobretudo estilísticas, podem ser verificadas nas notas da edição última lançada pela Casa da Palavra – Edições Casa de Rui Barbosa, do ano 2000. Para esta edição mais recente, utilizou-se a segunda edição, feita sob as vistas do autor, em 1934, cotejando-se com a primeira versão de 1920. As numerosas notas que recuperam as alterações revelam “o afã de perfeccionismo de G.R., sempre em busca da forma ideal, consubstanciada na precisão e na contenção vocabular e na expressividade”. Cf. RANGEL, Godofredo. **Vida ociosa**, op. cit. Advertência, p. vi.

⁷¹⁸ SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 2ª edição. São Paulo: Fapesp: Annablume, 2004, p. 17.

⁷¹⁹ *Ibidem*, p. 17.

A comparação entre a versão dos contos na *Revista do Brasil* e a primeira edição em livro, seja na coletânea *Andorinhas* ou em *Os humildes*, não está em “busca de uma origem” dos textos, mas de “uma escritura”⁷²⁰, a fim de apreender o percurso criativo do autor.

5.2 – Da *Revista do Brasil* às coletâneas: aspectos centrais das alterações

O confronto entre os contos na *Revista do Brasil* e a versão subsequente deles na coletânea à qual se integraram permitiu a identificação de um espectro das modificações efetuadas pelo autor. No plano linguístico, listam-se:

- Ortografia e acentuação: variações gráficas, atualizações ortográficas e na acentuação, correções de erros tipográficos.
- Pontuação: substituições, supressões, acréscimos.
- Vocabulário: substituições, supressões, acréscimos, deslocamento de termos.
- Sintaxe: supressões, acréscimos, inversões e deslocamentos de frases, períodos, reestruturação de parágrafos.

Não é possível precisar um padrão seguro no escopo das alterações, mas percebe-se, sobretudo, a procura do autor pelo refinamento de algumas ideias e pelo aprimoramento estilístico de determinadas passagens. Toda e qualquer mudança em um texto literário, como se sabe, o transforma em profundidade, resignificando-o.

Ao comparar a natureza das modificações efetuadas por Godofredo Rangel nos contos, em seu percurso editorial, constata-se que, em relação a *Andorinhas*, elas tendem a soar mais expressivas no plano narrativo, se comparadas com as operadas em *Os humildes*. Neste, a maioria das modificações recai sobre o campo linguístico, ainda assim produzindo impacto expressivo na produção de sentido dos textos, ao revelar as tensões que marcam o processo da escrita.

⁷²⁰ À luz de pressupostos lançados por Philippe Willemart, as distinções são abordadas em: PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. **Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 103.

5.3 – Andorinhas

Lançado em 1924 pela Monteiro Lobato & Cia.⁷²¹, *Andorinhas* é composto de doze contos de Godofredo Rangel: “Passeio ao céu”; “Os oitenta contos”; “O telegrama”; “O grilo”; “Meu parente”; “Os óculos”; “A vingança de Camões”; “O oráculo”; “Os ipês floresciam”; “Vox Populi”; “À beira-rio” e “Andorinhas”, sendo os quatro últimos inéditos. De qualquer modo, cada uma das narrativas seguiu um percurso até chegar ao volume. Além dos três contos escoados na *Revista do Brasil*, outros trabalhos foram recolhidos de periódicos como *O Dia*, *A Vida Moderna*, *A Novela Semanal* e *Novela Mineira*. Ao encadear os textos nesta primeira coletânea, Rangel não seguiu a ordem cronológica da publicação deles na imprensa.

O livro *Andorinhas* reúne uma produção narrativa variada, mas que guarda alguns traços recorrentes nos diversos textos. Há lugar neles para personagens caricatas, apresentadas em clave satírica, revelando a atenção de Rangel aos costumes e comportamentos humanos. Nessa medida, a crítica social e a comicidade frequentam a maior parte do conjunto, destacando-se nesse sentido: “Passeio ao céu”; “Os oitenta contos”; “Meu parente”; “A vingança de Camões”; “O oráculo”; “Vox Populi” e “À beira-rio”.

“O oráculo”, anteriormente estampado na *Revista do Brasil*, revela-se paradigmático dessa vertente. Narrado em terceira pessoa, a composição anedótica tem como protagonista Marcello Cintra, fazendeiro na fictícia Sant’Anna. O proprietário rural deleitava-se em ser “indispensável” aos moradores da região por “suas muitas luzes” e tinha a fama e a alcunha de “Sabetudo”, atribuída por um “ínfimo despeitado”. Quando lhe pediam a opinião, independente do assunto, “ficassem na certeza de que teriam resposta pronta: não aérea, de quem se mete a sabido em cousas de que não entende, mas atilada e a propósito, dita naquele seu modo pausado, seguro, de quem sabe onde lhe fica o nariz.”⁷²²

Recorriam a ele para rascunhar requerimento, lavrar escritura, fazer encomendas; pediam-lhe receitas para doentes, consultavam-no sobre os tempos do plantio, sobre o influxo das luas na madeira. “Uma viagem a marcar, o feijão que quisesse bater, era ao Cintra que recorriam para saber se faria chuva ou sol”. A intervenção de tal “oráculo”, contudo, não era desinteressada. O pagamento? Não viria em dinheiro, mas um “pequeno tributo” a pagar-lhe adiantado, em forma de reverência: “pois, se perguntavam alguma cousa, não respondia logo; deixava-se estar calado, sorrindo com finura para o consulente, sorriso que estava mesmo a

⁷²¹ A edição não apresenta prefácio, nota nem qualquer outra seção que preceda/sucedá o volume de contos. Acompanha apenas um índice ao final do livro.

⁷²² A versão consultada do conto e os fragmentos citados se encontram em: **Andorinhas**. Coleção Biblioteca da Rainha Mab. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1924, p. 127-138.

dizer: ‘você bem sabe que sem a opinião cá do Degas não se pode passar’. E só então respondia”’.

O dicionário *Houaiss* da língua portuguesa informa que a expressão “degas” tem origem etimológica controvertida. Antenor Nascentes supõe a sua raiz no latim “ego”, e, de fato, Cintra considera-se o centro, o eixo seguro, em torno do qual orbitam os outros habitantes da cidade.

A narrativa, contudo, vai trabalhando imagens que se opõem a essa projeção de sapiência. Apesar de Cintra ostentar um higrômetro na parede de sua sala, o afamado proprietário de terras o considera “mui dispensável”, confiando mais nos “ricos recursos de sua cachola arguta”. A ciência, representada simbolicamente no medidor de umidade, não teria assim valia para ele, visto apenas como ornato, “pendurado como cromo de folhinha” na casa. Dava mostras, assim, de negar o saber científico e reduzir-lhe o seu préstimo. Cintra era ele mesmo a medida para todas as coisas: “tinha elementos para prever o tempo. Dissessem-no os casos mais difíceis que explicava”.

O discurso do soberbo fazendeiro, embora alardeado pelos “rústicos ouvintes”, desvela argumentos infundados e o raso conhecimento científico:

Assim, ao comentar-se este ano a abundância excepcional das águas:// - Pois decerto! Tanta fumaça eles fazem nessa guerra sem fim, com os canhões e carabinas, que ela se vai juntando e formando nuvens, as quais depois o vento toca para cá, dando em resultado esse despotismo de águas!⁷²³

É emblemática a passagem em que o narrador revela um dos “fracos” deste “homem dado à altas elucubrações de espírito”, a mistificação da escrita:

[...] se o procuravam, gostava de que o achassem sentado defronte de um monte de papéis, nos quais passava horas e horas a rabiscar cousas a lápis. Que seria aquilo? Ninguém, nem a própria mulher, nunca o logrou saber ao certo. Pelos modos queria o Cintra dar a suspeitar que estava a escrever uma obra grandiosa, que iria revolucionar as ciências e o mundo, com revelações nunca pressentidas ‘nem sonhadas’. Se acertava alguém procurá-lo quando se dava a essas escreveções, ele não atendia logo; emaçava primeiro a papelada toda com sisudez e sem pressa, guardava-a num armário de porta de pau, dava volta à chave, que tirava e só então parecia abrir os olhos à realidade e dar pela presença do supradito alguém. Mesmo depois de sua morte não se desvendou bem o mistério desses papéis, pois no armário apenas se encontrava uma maçaroca de velhas contas dos negócios, com uns rabiscos sem sentido, entre os volumes puídos d’um velhíssimo Monte Cristo.⁷²⁴

⁷²³ RANGEL, Godofredo. O oráculo. In: **Andorinhas**, op. cit., p. 130.

⁷²⁴ Ibidem, 130-131.

Marcello Cintra regalava-se com sua fama de “sabetudo” e trabalhava na sustentação dela. Enquanto encena gestos de grandiosidade (“obra grandiosa”), o narrador o desqualifica, acusando a mistificação (“uns rabiscos sem sentido”). O foco narrativo vai desvelando a personagem por meio de pequenas imagens e sugestões.

No repertório do fazendeiro, apenas uma leitura, *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas: “Este era o romance de sua predileção, o único, aliás, que ele conhecia e que nunca se cansava de ler para si e de contar para os outros”. O narrador funde Cintra ao protagonista do romance folhetinesco:

À força de o reler e recontar, acreditava reais todos os seus personagens e sucessos e quem o ouvia falar com segurança das pessoas e aventuras dos heróis, entendia que Marcello Cintra os conhecia e tratava pessoalmente. Ainda mais: a insistência com que citava em Monte Cristo, os sinais de inteligência que fazia à mulher ao referir-se a este ou aquele episódio, engendrava em seus rústicos ouvintes a suspeita de que Monte Cristo e conde era ele próprio, que lá por suas razões se disfarçava em fazendeiro. Confirmavam-nos nas suspeitas certas identidades entre o homem e o herói do livro [...].⁷²⁵

Marcello Cintra elege o conde de Monte Cristo como modelo, apropriando-se até mesmo de seus “cacoetes de falar”. Monte Cristo é o disfarce da personagem romântica Edmond Dantès para executar seu plano de vingança, em razão de ter sido injustamente encarcerado por quatorze anos. O herói de Dumas é mestre na dissimulação: “capaz de tornar-se irreconhecível por múltiplos disfarces”.⁷²⁶ “Monte Cristo e conde era ele próprio [Cintra]”, avisa o narrador. O “oráculo” de Sant’Anna encarna em seu herói dileto para exercer a arte da simulação e do mascaramento.

Entre as peculiaridades, Cintra tinha um hábito “singularíssimo” para distinguir-se dos demais: ao invés de paletó, usava em casa uma “espécie de fraque de brim”, cosido por sua própria esposa, siá Clotilde. A “predileção excêntrica” dera origem a “um caso que constituiu o supremo desgosto de sua vida” que, segundo o narrador, “merece ser narrado, pelo estado de acabrunhamento em que lançou o prestante fazendeiro”. Marcello Cintra decide encomendar, numa casa da capital, “um ou dois fraques” para ele mesmo. Na encomenda, ele faz questão de mandar “explicações muito miúdas sobre a medida, pano e feitio”. Entretanto, comete um equívoco: “No escrever, porém, houve um desastre. O Cintra, que sabia tanta cousa, ignorava

⁷²⁵ Ibidem, p. 131-132.

⁷²⁶ CANDIDO, Antonio. Da vingança. In: *Tese e antítese* (ensaios). São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1964.

certas minudências de gramática e ortografia, e por isso, esquecendo uma letra da conjunção ‘ou’, em vez de 1 ou 2, escreveu no pedido: ‘1o2 fraques de brim’”.

As “minudências de gramática e ortografia” são eufemismos do narrador-dissimulado que acaba satirizando a “falsa” instrução daquele “oráculo” do povo. Pouco tempo depois da encomenda, chega na casa do fazendeiro o fardo com cento e dois fraques de brim. Diferente de seu herói romanescos, Cintra não tem como vingar-se do engano do qual se tornara vítima, sendo traído por si mesmo. Ainda assim, mantém sua efigie oracular dentro da própria casa, não confessando o equívoco nem para a esposa:

Como a mulher se arrepiasse ao ver o fardo, ele explicou placidamente que, sendo aquela uma peça de roupa, tão cômoda, resolvera fazer, para seu uso, um grande sortimento, de um cento, pelo menos; e, como alguns pudessem não prestar, ele já pediu com excesso – cento e dois, os dois para as quebras.

A situação cômica vai avultando quando Cintra, que passara a ter horror à palavra “fraque”, sugere à esposa usar os “paletós” como “uma espécie de avental”. A mulher debocha do marido, mas passa a utilizá-los; estende o costume para Sabina, a cozinheira da casa; depois aos filhos mais crescidos... Progressivamente todos na casa de Cintra passam a trajar aquela espécie de “uniforme” da família. Adiante, os fraques alçam ao espólio do fazendeiro, sendo rateados equitativamente pelos herdeiros. Ao final da narrativa, os fraques se tornam símbolo da “gente das terras do defunto Cintra”, inclusive, de “agregados” e “camaradas”.

Assim como o conto “O *croisé*”, “O oráculo” evoca Machado de Assis, sobretudo, o do conto “O espelho”. O narrador machadiano, em seu “esboço de uma nova teoria da alma humana”, se vale de um paralelismo na estruturação narrativa, em consonância com a temática do conto: a discussão acerca das duas almas humanas, a “interior” e a “exterior”, desdobra-se na metáfora do espelho que alegoriza o processo de projeção. Paradoxalmente, nada é certo, tudo pode ser uma “ou” outra coisa, conforme exemplificam os excertos de “O espelho”:

[...] estavam os nossos **quatro ou cinco** investigadores de coisas metafísicas

[...] cuja espórtula no debate não passava **de um ou outro** resmungo de aprovação [...]

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e **não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta**.

- Nem conjectura, nem opinião, redargüiu ele; **uma ou outra** pode dar lugar a dissentimento [...]

Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi **um chocalho ou um cavalinho de pau**.

As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim **uma compaixão apática ou um sorriso de favor**.

Mas a noite era a sombra, **era a solidão ainda mais estreita, ou mais larga**. [grifos nossos]⁷²⁷

As construções se repetem ao longo de todo o conto. Godofredo Rangel parece novamente ter bebido nas fontes estilísticas do mestre Machado para a construção de sua narrativa “O oráculo”:

[...] era ao Cintra que recorriam para saber se faria **chuva ou sol**.

[...] os sinais de inteligência que fazia à mulher ao referir-se a **este ou aquele episódio** [...]

Fosse que Clotilde não lhe talhasse a gosto os fraques de seu uso, ou por outro motivo [...]

[...] lembrou-se de encomendar para si, em casa da capital com que estava relacionado, **um ou dois fraques** [...]

[..] em todo o resto da vida não gastaria mais que **uns dois ou três**. [grifos nossos]⁷²⁸

“Um ou dois” desvirtua-se em “cento e dois”. É justamente o equívoco na grafia do termo “ou” que funciona para desvelar da ignorância gramatical e ortográfica do protagonista. O fazendeiro planeja ser erudito, mas a incompetência linguística trai a sua aspiração. “O oráculo”, de Godofredo Rangel, e “O espelho”, de Machado de Assis, dialogam, também, na chave crítica quando trazem à cena protagonistas que alimentam uma distorção de si, moldada pelo ego insuflado. Ambos vestem máscaras sociais que dissimulam a natureza individual precária, e, assim, os contos denunciam, ainda, uma sociedade pautada nas aparências e nos mascaramentos.

Carlos Drummond de Andrade, em sua homenagem ao escritor, no artigo “Traços de Godofredo Rangel”, oferece uma leitura afetiva e crítica da coletânea *Andorinhas*:

Abrindo ao acaso teu livrinho de contos, essas *Andorinhas* que cabem no bolso do paletó, encontro, entre surpreso e comovido, dois títulos que me coube

⁷²⁷ ASSIS, Machado de. O espelho. In: **Obra Completa**, op. cit.

⁷²⁸ RANGEL, Godofredo. O oráculo. In: **Andorinhas**, op. cit.

quase repetir, inconscientemente: “A beira-rio” (e escrevi algo chamado “Beira-rio”) e “Meu Parente” (também aventurei “Meu companheiro”). Se os temas são diferentes, perdura a identidade de gosto no rotular, a maneira afim, que me faz sentir e amar melhor certas páginas tuas, invejá-las e censurar-me por não as ter escrito eu mesmo. Satisfeito porque assim te copiei aquelas palavras, faço delas uma flor e te ofereço essa flor, velho Rangel.⁷²⁹

“Passeio ao céu”, na passagem da *Revista do Brasil* para o livro, foi o que apresentou o menor número de modificações. Ainda assim, é possível reconhecer nas alterações a tentativa de apurar a expressividade textual na substituição de termos, na reformulação e até mesmo na eliminação de trechos:

RB: ele viu virem subindo



Andorinhas: ele viu subirem

RB: O caçador baixou a cabeça com um ar confuso que era uma confissão de culpa. -Prometo, murmurou com vexame.



Andorinhas: O caçador baixou a cabeça com um ar confuso que era uma confissão de culpa e promessa de emenda.

RB: Lucas despertou aos berros: é que despencara da cama dentro da bacia de banho que a criada esquecera no quarto.



Andorinhas: Lucas despertou aos berros: é que despencara da cama dentro da bacia esquecida.

RB - Olha, Lucas, porque [sic] não vens comigo? Não estás hoje de folga?// - Estou fugindo ao recrutamento do júri.



Andorinhas - Olha, Lucas, porque [sic] não vens comigo? Não estás hoje de folga?// - Sim.

A versão de “O oráculo” na *Revista do Brasil* mostra um escritor apegado a um vocabulário mais clássico, já a versão em livro, em algumas passagens, insere termos mais usuais, imprimindo uma maior fluência na leitura. Entretanto, certos traços da escrita rangelina permanecem, como a preferência pela forma “cousa”, no lugar de “coisa”, e o construção de períodos longos, encadeando vários segmentos sintáticos:

⁷²⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Traços de Godofredo Rangel. **Correio da Manhã** (Suplemento de Literatura e Arte), Rio de Janeiro, ano LI, n. 17.920, 19 de agosto de 1951.

RB: Se quisessem ver Marcello Cintra, fazendeiro em Carrascais, regalado de gosto, era pedirem-lhe a opinião sobre alguma cousa. Pedissem-na sobre qualquer assunto, que era certo vir a resposta, pronta e atilada, dita naquele seu modo pausado, seguro, de quem sabe o que diz. Daí a sua fama de homem muito sabido e a alcunha de Sabetudo que algum ínfimo despeitado lhe pôs.

Andorinhas: Quisessem ver Marcello Cintra, fazendeiro em Sant'Anna, regalar-se de gosto, era pedirem-lhe a opinião sobre qualquer assunto. Fosse qual fosse a matéria, ficassem na certeza de que teriam resposta pronta: não aérea, de quem se mete a sabido em cousas de que não entende, mas atilada e a propósito, dita naquele seu modo pausado, seguro, de quem sabe onde lhe fica o nariz. Daí o largo circuito em que se derramava sua fama e a alcunha de Sabetudo que algum ínfimo despeitado lhe pôs.

RB: E Cintra intervinha da melhor vontade. Mas não era totalmente desinteressado: havia um pequeno tributo a pagar-lhe e a pagar-lhe adiantado, tributo não de dinheiro e sim de reverência; pois se perguntavam alguma cousa, não respondia logo; primeiro fazia uma pausa e sorria com finura, sorriso que estava mesmo a dizer: "Vocês bem sabem que sem a opinião cá do Degas não poderiam passar." E esse era o tributo exigido.

Andorinhas: Cintra intervinha da melhor vontade. Mas não era totalmente desinteressado: havia um pequeno tributo a pagar-lhe, e a pagar-lhe adiantado, não de dinheiro e sim de reverência; pois, se perguntavam alguma cousa, não respondia logo; deixava-se estar calado, sorrindo com finura para o consulente, sorriso que estava mesmo a dizer: "você bem sabe que sem a opinião cá do Degas não se pode passar." E só então respondia.

Desde as primeiras narrativas destinadas a *Minarete*, Godofredo Rangel mostra-se metucioso na orquestração de pormenores nas cenas e na caracterização de suas personagens. Na comparação entre os fragmentos acima, o escritor parece aplicar-se em esmiuçar a composição narrativa, acrescentando nela detalhes.

Além dos movimentos linguísticos no apuro da composição, a versão de "Meu parente" materializa modificações significativas no enredo, com reestruturação completa no desfecho.

Felix é o narrador, um magistrado que, em virtude de sua carreira, vivia distante da família. A solidão imprimia nele o devotamento pelos raros parentes com quem se deparava. Logo no primeiro parágrafo da narrativa, quando o narrador mergulha em suas recordações, tem-se a supressão ao final do trecho:

RB: Solteiro, sozinho, creio derivava desta circunstância meu estranho devotamento aos raros parentes que longe em longe se me deparavam aqui ou além. Vivendo, devido ao meu cargo público de modesto magistrado, distante dos meus, entre desconhecidos e indiferentes, em uma cidade a que apenas me prendiam frouxamente os laços das funções profissionais, era um faustoso dia, que merecia ser assinalado com uma pedrinha branca, o em que me aparecia algum parente, embora remoto. Procurava-o; oferecia-lhe meus préstimos e minha casa; prazerosamente, em palestras intermináveis, dava-me a reconstituir com essa *avis rara* nossa árvore genealógica; evocávamos o passado, as figuras conhecidas, os mortos queridos, os folguedos comuns, se os houvéramos, enfim, realizávamos entre nós dois, embora passageiramente, essa comunhão espiritual que cimenta amizades duradouras entre pessoas do mesmo sangue. **(Hoje – Como se muda! – hoje que vivo entre a parentalha, aturando-lhe as reiteradas importunações, evito-lhe o mais que posso a calamitosa convivência).**

Andorinhas: Solteiro, sozinho, creio derivava desta circunstância meu estranho devotamento aos raros parentes que longe em longe se me deparavam aqui ou além. Vivendo, devido ao meu cargo público de modesto magistrado, distante dos meus, entre desconhecidos e indiferentes, em uma cidade a que apenas me prendiam frouxamente os laços das funções profissionais, era um faustoso dia, que merecia ser assinalado com pedrinha branca, o em que me aparecia algum parente, embora remoto. Procurava-o; oferecia-lhe meus préstimos e minha casa; prazerosamente, em palestras intermináveis, dava-me a reconstituir com essa *avis rara* nossa árvore genealógica; evocávamos o passado, as figuras conhecidas, os mortos queridos, os folguedos comuns, se os houvéramos, enfim, realizávamos entre nós dois, embora passageiramente, essa comunhão espiritual que cimenta amizades duradouras entre pessoas do mesmo sangue.

O excerto eliminado da versão em *Andorinhas* aparecera entre parênteses na da revista. Enfeixa a digressão do narrador que, situando-se no presente da escrita, mostra como a devoção pelos parentes já não tinha mais lugar no momento em que ele está rememorando os fatos. A narrativa, nesta primeira versão, aproxima dois planos temporais – o passado e o presente. Como efeito, o leitor tem a antecipação de que algo aconteceria na trama para que este devotamento findasse, mas o recurso proléptico não encontra espaço na versão do livro. Logo, o narrador eclipsa a antevisão do desfecho, perdendo-se em *Andorinhas*, portanto, a visão de como o narrador passa a lidar com a “parentalha”.

Em seu trabalho de reescrita dos contos, ora Rangel prolonga a narrativa, com minúcias, como exemplifica “O oráculo”, ora reduz ou suprime trechos por completo, preferindo a economia expressiva. No que tange a “Meu parente”, o narrador torna-se mais conciso e menos marcado:

RB: A confiança não foi além; mas o pouco que eu sabia já me enchia de consternação. Largado da mulher! Que vexame para nossa família!// O peso da fatalidade derrubou-me a cabeça sobre o peito e nessa postura conservei-me alguns instantes.

Andorinhas: A confiança não foi além; mas o pouco que eu sabia já me enchia de consternação. Que vexame para a família!// O peso dessa fatalidade esmagava-me;

RB: No momento em que me convenci da triste verdade, senti-me profundamente infeliz. A fatalidade esmagava-me de novo. Que mancha feíssima na família, santo Deus!

Andorinhas: No momento em que me convenci da triste verdade, senti-me profundamente infeliz. A fatalidade esmagava-me de novo.

Para além da intenção de aperfeiçoar o texto, outras mudanças levadas a termo por Rangel concorrem para a reparação de ambiguidades e de efeitos não desejados. Na sequência adiante, a exclusão do pronome “me”, associado ao verbo “chupar”, remove a sugestão de uma leitura indesejada, risível.

RB: Em casa chupou-me em poucas semanas a garrafaria de reserva

Andorinhas: Em casa chupou em poucas semanas a garrafaria de reserva

As substituições de termos ou de trechos também podem ser percebidas no cotejo das versões de “Meu parente”. Parte das modificações propõe um vocabulário mais usual, favorecendo a intelecção do texto. Entre elas, por exemplo:

RB: “frege” muito ordinário

⇒ *Andorinhas:* casebre humilde

Muitas substituições feitas pelo escritor cumprem a busca de sinônimos. O autor cuida igualmente observar a pertinência do campo lexical, quando, por exemplo, ajusta o nome de uma das personagens, mantendo o senso semântico da religião:

RB: Maria o que, meu Deus! lá da Christina? → **(CRISTO)**

⇒ *Andorinhas:* Maria o que, meu Deus! lá de Virginia? → **(VIRGEM)**

No desfecho de “Meu parente”, observa-se uma série de cortes e reformulações, que culminam na alteração do desenlace da narrativa. A cena final se passa logo após Félix descobrir, por meio da carta de um familiar, que o “primo” distante hospedado em sua casa, que atendia pelo nome de Oriental, não se tratava do “verdadeiro Oriental”, parente dele. O homônimo tirara proveito do engano, colocando o magistrado em situações embaraçosas e manchando sua reputação local. Graças à posição de Félix como juiz municipal, o falso primo – “amigo do alheio” – valia-se de privilégios, sentindo-se impune perante a lei. As versões apresentam desfechos completamente diferentes para a personagem que ludibriava o narrador:

RB: Pode-se por isso avaliar a grande isenção de ânimo em que daí a espaço me foram encontrar as praças que comboiavam meu pseudo-parente.// Da porta da rua fizeram continência, e uma delas disse, apontando Oriental:// – Snr. dr., aqui está o primo de V. S.^a, que o dr. delegado mandou trazer.// – Encarei Oriental. Apresentava a cara mais desbriada, mais cínica do mundo.// – Ladrão! Ladrão de porcos! disse-lhe eu severamente.// O patife, sem nem por sombras cogitar de negar, limitou-se a responder com uma risadinha satânica.// – Não se envergonha de ouvir-se acusar de uma ação tão vil, Oriental? Então de nada serviram meus conselhos? Minhas repreensões? Minha criminosa tolerância?// Reiteração da risadinha sarcástica.// – E ainda ri? prossegui eu, com veemência patética. Pois bem! Como estão agora acabados os meios suasórios, você vai ser castigado.// E voltando-me teatralmente para as praças:// – Roubou, não é verdade? Pois o lugar dos ladrões é a cadeia. Podem levá-lo.// Ante o inesperado dessa atitude, Oriental amarelou instantaneamente.// – Não gosto dessas brincadeiras, grunhiu em tom surdo, ainda sem acreditar.// – Podem levá-lo! repeti eu, com autoridade:// – Bam’! disseram as praças a um tempo, tomando cada uma um braço do preso.// Vendo-as dispostas a cumprir minha ordem, Oriental voltou-se para mim fechando uma catadura ameaçadora:// – Ah! Não é brinquedo? Quer então que eu descangique todos os podres de nossa família? Pois hoje mesmo ponho tudo na rua, pensa que não faço?// Foi a minha vez de sorrir satanicamente:// – Nossa família! Você julga, então, que tenho parentes de sua igualha, sr. vadio, jogador, cachaceiro, larapio?// Desabafei de minha longa humilhação chamando-lhe quanto nome ofensivo sabia de cor. Desta vez ele ficou positivamente tonto. Sua atitude, de ameaçadora caiu improviso a suplicante, e foi com a voz cortada de medo, que ele me exorou, buscando resistir aos soldados que o levavam a reboque:// – Tem pena, Félix! Felinho! Pela nossa vozozinha! Pelos pinhões [sic] que jogamos juntos! Você bem se lembra, Felinho!// – Levem-no! Levem-no! repeti eu, inflexível.// Foi para o xadrez.// No mesmo dia pus fora de casa os seus cacarecos, e mandei lá dentro lavar, desinfetar tudo. E senti-me imensamente aliviado de me ver livre dele, da morrinha dele, da prima aliviado de me ver livre dele, da morrinha dele, da prima [trecho duplicado] “bisca”, do Nhano, do Quirino da Chica, da Chica do Quirino e o resto da caterva.



Andorinhas: Pode-se por isso avaliar a grande isenção de ânimo em que daí a espaço me foram encontrar as praças que comboiavam meu pseudo-parente.// Encarei Oriental. Apresentava a cara mais cínica do mundo.// – Roubou leitões? perguntei eu à escolta.// – Sim, sr. dr.// Quanto a “meu primo”, longe de negar, também o confirmou, desfechando uma risadinha satânica.// – Não te envergonhas, Oriental? perguntei. Então de nada valeram meus

conselhos? minhas repreensões? minha criminosa tolerância?// Reiteração da risadinha.// – Ris-te porque contas com a impunidade, não é? Pois sabes de uma cousa: não somos parentes. Já tive notícias de meu primo Oriental, o verdadeiro, que é pessoa correta: não joga, não bebe, não furta. Em vista disso, vais sofrer na prisão o castigo que mereces.// Dirigi-me às praças:// – Levem-no!// Oriental amarelou instantaneamente. O espanto tolheu-lhe a palavra.// – Bam’! disseram a um tempo as duas praças.// Ele caiu de joelhos:// – Felix! sr. dr. Felix! Perdoe-me!// Hesitei um momento. Depois, a piedade venceu// Dispensei com um gesto as praças e murmurei com autoridade para “meu parente”:// – Suma-se!// Mais que depressa dispôs-se a obedecer-me.// E desse dia em diante senti-me imensamente aliviado vendo-me livre dele, da morrinha dele, do Nhano, do Quirino da Chica e o resto da caterva e até hoje não sei o que foi feito de meu “parente” Oriental.

A versão da *Revista do Brasil*, com diálogos expandidos, afigura-se mais dinâmica, apostando no recurso da teatralidade. O narrador, tomado de fúria, não economiza termos ofensivos, ao se dirigir a quem lhe enganara: “ladrão”, “patife”, “sr. vadio”, “jogador”, “cachaceiro”, “larápio”. O falso primo, nessa primeira versão do conto, tem uma participação mais ativa, enfrentando o juiz.

Em *Andorinhas*, a linguagem é menos violenta, os períodos diretos e menos extensos, e o número menor de falas das personagens evocam um narrador mais sereno e compassivo com a situação. O impacto final acaba sendo mais suave e diluído. Parte do efeito é oriundo da mudança da postura do narrador, que é mais enxuto e incisivo:

RB: – Ladrão! Ladrão de porcos! disse-lhe eu severamente. ⇨ *Andorinhas*: – Roubou leitões? perguntei eu à escolta.

RB: – Roubou, não é verdade? Pois o lugar dos ladrões é a cadeia. Podem levá-lo. ⇨ *Andorinhas*: – Levem-no.

O primeiro desfecho culmina com a prisão da personagem, ou seja, Oriental deve pagar, perante a lei, pelos seus reprováveis. Quando compõe a versão do livro, o escritor abrandava o tom dando espaço para a piedade. Oriental não é preso e obedece a Félix, desaparecendo no mundo. Em nenhum dos dois desenlaces a personagem sofre alguma transformação social ou se regenera, situação em consonância com outros desfechos criados pelo escritor nos contos da *Revista do Brasil*.

5.4 – *Os humildes*

Em 1944, a Editora Universitária abria a coleção “Moderna Literatura Brasileira” com o título *Os humildes*, de Godofredo Rangel. Em uma pequena apresentação, assinada pelos editores, encontra-se traçado o objetivo da série: “realçar, no panorama literário nacional, o escritor brasileiro”. O breve prefácio do volume foi assinado por Monteiro Lobato:

A Universitária quer que eu fale do Rangel para o público... Impossível. Não sei. Não tenho jeito. A presença desse monstro de milhares de cabeças, de nome “público”, me constrange - e vou botar nisto um ponto final para, correndo, escrever uma carta ao Rangel, na qual diga tudo quanto não tenho jeito de dizer aqui...⁷³⁰

A coletânea reuniu os contos: “O legado”; “Os besouros”; “As pequeninas”; “O gordo Antero”; “Uma de cá... outra de lá”; “Paralelismo”; “In Extremis”; “O destacamento”; “Caprichos da sorte”; “Tiozinho”; “Diante de Deus”; “Não matarás”; “O bedel”; “A louca”; “Zé urbano”; “Um animal estranho”; “O *croisé*”; “Já era um dicionário”; “A princesinha” e “No sertão”.

Das vinte narrativas, a pesquisa pôde constatar que oito não circularam em periódicos: “Os besouros”; “In extremis”; “Tiozinho”; “Diante de Deus”; “A louca”; “Já era um dicionário”; “A princesinha”; e “No sertão”. As demais foram disseminadas em jornais e revistas: *Alvorada*, *A Novela Semanal*, *A Reforma*, *A Revista*, *A Vida Moderna*, *Boa Nova*, *Diário Nacional*, *Feira Literária*, *Fon-Fon!*, *Novela Mineira*, *O Estado*, *O Jornal*, *Vida Policial* e *Revista do Brasil*. Nesta última, saíram: “O legado”; “O gordo Antero”; “O destacamento”; “O bedel”; “Um animal estranho” e “O *croisé*”.

O resultado editorial de *Os humildes* deixou Rangel descontente, conforme ele mesmo relatou em duas cartas ao seu correspondente Walter Boppré, em 1951. Na primeira delas, em 19 de fevereiro, contou:

Infelizmente meus livrinhos, penso, estão todos esgotados. É possível, porém, que ainda encontre nas livrarias os contos *Os humildes*, por mim escritos, mas assassinados por um revisor de poucas letras mas das melhores intenções.

⁷³⁰ LOBATO, Monteiro. Introdução. In: RANGEL, Godofredo. **Os humildes**. Moderna Literatura Brasileira, vol. 1. São Paulo: Editora Universitária, 1944.

Modificou implacavelmente muita coisa. Por exemplo, quando escrevia “de rojos”, ele corrigia “arrojado”.⁷³¹

Godofredo Rangel retomou o assunto em 17 de março:

Quanto aos revisores... o tal de *Os humildes* foi excepcional, mas em regra fazem modificações impiedosas, colaborando com os erros de impressão. Parece que têm esse dever profissional, mas não deixa de ser bem desagradável. Certas companhias editoras, em seus contratos de edição já deixam ressalvadas essas possibilidades.⁷³²

Apesar dos desajustes textuais, a prosa de Godofredo Rangel teria repercutido na prosa de outro mestre mineiro, Guimarães Rosa. Myrtes Licínio, em “De Dorcelino a Diadorim”, traça paralelos entre contos de *Os humildes* e a obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, publicada em 1956.⁷³³ Para a crítica:

Rosa parece reproduzir o pensamento de Godofredo Rangel. Igual substância psíquica fez de um gênio criador de raro estilo, mas que não alterou o idioma em seus aspectos fundamentais; fez do outro extraordinário ficcionista. Não predomina a analogia verbal, porém a analogia ideativa, refletida no acento épico, na filosofia, nas crenças religiosas naturais e eternas.⁷³⁴

Explicita alguns exemplos da “analogia ideativa” entre os dois prosadores mineiros, como:

Do conto “No Sertão” (o diálogo abaixo parece ser o ponto de partida para o tópico do *Grande sertão: veredas*):// “- Birro! perguntei, onde começa o sertão?// Ele ficou reflexivo, e depois, sorrindo, disse:// - Homem, patrão, não sei. Gente de Cássia que vai para Uberaba, diz: “Vou pro sertão”. Para Uberaba é aqui; pra nós Paracatu e Goiás, e lá para eles ainda é mais longe...// - De sorte que o sertão não existe, repliquei.// O camarada atrapalhou-se:// - Existir, existe... Cá para mim, patrão, sertão é onde há índios bravos”// Entre as alusões de Rosa, colhemos:// “Sertão é quando menos se espera”. “Depois de Paracatu é o mundo...” “Sertão é dentro da gente”. “Sertão: estes seus

⁷³¹ Manuscrito à tinta azul de Godofredo Rangel para Walter Boppré, datado de 19/02/195. Disponível no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Fundação Cultural de Blumenau (SC). A correspondência se encontra parcialmente transcrita e analisada em: ATHANÁZIO, Enéas. Cartas inéditas de Rangel. In: **O perto e o longe: viagens literárias**, op. cit., p. 27-34.

⁷³² Manuscrito à tinta azul de Godofredo Rangel para Walter Boppré, datado de 17/03/1951. Disponível no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Fundação Cultural de Blumenau (SC).

⁷³³ Além de *Os humildes*, no estudo, trechos de *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel, também são cotejados com passagens do romance de Guimarães Rosa. Cf. LICÍNIO, Myrtes. De Dorcelino a Diadorim. In: SAMPAIO, Márcio (Org.). **Suplemento Literário de Minas Gerais**. Belo Horizonte, ano 19, n. 947, p. 11, 24 nov. 1984.

⁷³⁴ *Ibidem*, p. 11.

vazios. O senhor vá. Alguma coisa ainda encontra. Vaqueiros?"/ Do conto "O Legado": "Há um tempo que é só alegria; depois, é preciso ter paciência".// GSV⁷³⁵: "... um dia é todo para a esperança, o seguinte para a desconsolação".⁷³⁶

Em *Os humildes* perduram temas da produção contística de *Andorinhas* e de escritos do autor na *Revista do Brasil*. No próprio título, observa-se o olhar do autor voltado para personagens desventuradas, à margem da sociedade, em situação de abandono, de vulnerabilidade etc. Figuram na coletânea como crianças, órfãos, doentes, idosos, viúvas, personagens acometidos pela loucura, pobres ou miseráveis, pessoas que de algum modo estão isoladas ou se diferenciam das demais. Esse mesmo olhar compassivo também atenta para animais indefesos, diminutos em sua forma física ou sem amparo.

Os contos de Rangel engendram quadros da vida provinciana. Entram em cena jagunços, coronéis, fazendeiros, pequenos comerciantes agrícolas, lavradores, roceiros, padres influentes na política e na vida rural.

Da mesma forma que em *Andorinhas*, os contos de *Os humildes* não seguem a sequência cronológica dos textos em sua difusão na imprensa. O autor preferiu dar uma outra ordem ao arranjo dos escritos no livro.

O cotejo entre os contos impressos na *Revista do Brasil* e as versões incorporadas ao volume *Os humildes* revela que as modificações do escritor se alinharam, em geral, a questões de ordem linguística e estilística. Afora as atualizações ortográficas e modificações na pontuação, residiu no campo morfológico e sintático grande parte das alterações. Destacando-se algumas recorrências:

- Inversão sintática:

RB: não saem hoje



Os humildes: hoje não saem ("O gordo Antero")

RB: a se fazer de rábula, um chichimirriche daqueles!



Os humildes: um chichimirriche daqueles, a se fazer de rábula! ("O *croiséé*")

⁷³⁵ GSV: *Grande sertão: veredas*.

⁷³⁶ LICINIO, Myrtes. De Dorcelino a Diadorim. In: SAMPAIO, Márcio (Org.). **Suplemento Literário de Minas Gerais**, op. cit., p. 11.

- Supressão de termo(s) com deslocamento:

RB: vá ver que estrumela é essa ⇨ *Os humildes*: vá ver essa estrumela (“O destacamento”)

- Supressão de trecho:

RB: Os dias em que hospedo minhas amigas, para mim são dias de festa. Ainda fico mais enlevada e satisfeita do que Antero. ⇨ *Os humildes*: Os dias em que hospedo, na fazenda, minhas amigas, para mim são dias de festa. (“O gordo Antero”)

- Substituição de nome por pronome:

RB: - É escusado incomodar o Henrique ⇨ *Os humildes*: - É escusado incomodá-lo. (“O gordo Antero”)

- Substituição/supressão:

RB: o que quer que fosse ⇨ *Os humildes*: aquilo (“O legado”)

- Substituição morfológica e deslocamento sintático:

RB: desenhava a primor ⇨ *Os humildes*: hábil para desenhar (“O gordo Antero”)

- Reformulação completa:

RB: para onde fugiam águas dos terrenos ⇨ *Os humildes*: para captar águas de um córrego (“O destacamento”)

RB: Falindo o *croiséé*, faliu seu prestígio; era aquele que supria com sugestão, as suas deficiências mentais. Porque afinal o mérito do Binho não era dele, mas toda [sic] de seu *croiséé*. ⇨ *Os humildes*: Falindo o *croiséé*, terminou seu prestígio. Se alguma veleidade lhe restava de continuar na advocacia, não teve ela vida longa. (“O *croiséé*”)

- Acréscimo:

RB: Se quero ir, tenho que ir sozinha. ⇨ *Os humildes*: Se quero ir, tenho que arranjar companhia ou ir sozinha. (“O gordo Antero”)

<p><i>RB</i>: E, se acaso lidava com o arroz, brandia ameaçadoramente a mão de pilão sobre a cabeça do inerme Toniquinho, para reforçar as suas palavras.</p>	<p>⇒</p>	<p><i>Os humildes</i>: E, se acaso lidava com o arroz, brandia ameaçadoramente a mão de pilão sobre a cabeça do inerme Toniquinho, para reforçar suas palavras, vociferando, como estribilho:// - Tire essas calças e vista minha saia. (“O destacamento”)</p>
<p><i>RB</i>: [...] –Por isso os advogados o recusam sempre, salvo quando não receiam que a urna estoure.</p>	<p>⇒</p>	<p><i>Os humildes</i>: [...] –Por isso os advogados o recusam sempre, salvo quando receiam que a urna estoure.// “Criminalista” é isso: jurado condenador. (“O croisée”)</p>

Enquanto acréscimos e reconfigurações mais densos ligam-se à esfera narrativa, as demais modificações vigoram no terreno da expressão linguística, afinando a construção de sentidos ou efeitos pretendidos na composição. Nestas, percebe-se o trabalho do escritor no esforço de apurar linguística e estilisticamente seus contos. São inúmeras as substituições de palavras por sinônimos ou por expressões que ele considera mais adequadas ao trecho:

comer/ engolir	ressuscitava/ fazia reviver
cara/caraça	arrelia/prosa
arraialete/arraial	fazendeiro/ tabaréu
agonizado/agoniado	contava/ narrava
batendo rua / ruando	vozeio/ vozerio
não sabe/ ignora	vagamundo/ vagabundo
profundo/ meditabundo	vestiram-no/ puseram-no
voz/ entonação	raramente/ de raro em raro
olhares/ olhadelas	

A leitura das duas cartas de Godofredo Rangel a Walter Boppré, em 1951, permite supor que algumas modificações percebidas na edição de *Os humildes* possam ter resultado da “impiedosa” revisão que a obra recebera em seu processo editorial. “Um animal estranho”, por exemplo, se destaca no conjunto de textos que o autor destinou à *Revista do Brasil* justamente pelo trabalho na esfera linguística, pela forte presença de termos regionais, calcados na oralidade, sobretudo no plano das falas das personagens. Na edição em livro, parte dessas marcas orais foram apagadas:

RB: E largato?

⇒ Os humildes: E lagarto?

RB: - Bole **co'ela**, Tião! **propôs** uma voz.// O compadre colheu uma fruta de gragoatá e atirou-**lh'a**.// - Não ouviram? Fez "**cui! cui!**" [...]// Muitos ouviram o **cui-cui**. [grifos nossos]

Os humildes: Bole **com "ela"**, Tião, **sugeri**u uma voz.// O compadre colheu uma fruta de gragoatá e atirou na **cousa misteriosa**.// - Não ouviram? "**Ela**" **piou** [...]// Muitos ouviram o **pio**. [grifos nossos]

RB: faz "cui-cui" e ronca

⇒ Os humildes: pia e ronca

RB: inda

⇒ Os humildes: ainda

Contudo, outros registros da oralidade mantiveram-se no trânsito das versões:

RB e Os humildes: mó que cor de pinhão?!// A mó que não

RB e Os humildes: Tá c'os zoinho lumiando

RB e Os humildes: - Atrapaçou a vista?

RB e Os humildes: - Antão não é.

RB e Os humildes: - Diacho! Que será?

RB e Os humildes: - Guenta[,] povo!

RB e Os humildes: "Uai!-uai!"

RB e Os humildes: O Tião ficou sem graça. Jogou o saco de rapaduras pr'as costas e tocou para a roça, sem dizer "turdia" a ninguém.

Há ainda acréscimos de outros termos marcados pela oralidade na versão em livro. O "você", logo na primeira linha do conto, na *Revista do Brasil*, deu lugar ao "vancê", em *Os humildes*. O narrador preservou a sua expressão linguística nos moldes da norma culta.

No conto "O destacamento", de uma versão à outra, nota-se também a oscilação no registro da língua falada ao longo da narrativa. Em certa passagem, diferentemente do que se lia na *Revista do Brasil*, a versão em livro utilizou a conjugação verbal adequada à variante culta da língua:

RB: Esteje preso!

⇒ Os humildes: Esteja preso! (“O destacamento”)

Todavia, manteve outros índices coloquiais, como ilustra a fala da personagem Baiano:

RB e Os humildes: - Pégue na trouxa e bamo s’imbora.

As modificações em “Um animal estranho” são marcadas, sobretudo, pela escolha do autor ora pelo léxico popular/dialetal, ora pela norma culta ou pela expressão clássica.⁷³⁷

Observado o conjunto das versões em *Andorinhas* e *Os humildes*, não se verifica um movimento uniforme nas modificações operadas. O escritor se valeu dos contos, após sua versão impressa em revista, para modificar termos e trechos – incluiu, excluiu, reformulou, deslocou –, aprimorar algumas caracterizações de personagens, imprimir detalhes às narrativas, trabalhar efeitos de sentido. Rangel mostrou-se nesses procedimentos atento às minúcias tanto no plano linguístico e estilístico como na estruturação narrativa. No conto “Meu parente”, o escritor se manifestou insatisfeito com a versão ventilada na *Revista do Brasil*, trabalhando na reestruturação completa do epílogo.

No percurso entre a *Revista do Brasil* e os livros, cada materialização do texto nos diferentes suportes, além das escolhas do autor, guardou ainda intervenções do editor/revisor. Nesse sentido, destaca-se a participação de Monteiro Lobato, que interveio nos contos rangelinos na *Revista do Brasil*, como ilustram, emblematicamente, as operações que envolvem a escrita compartilhada de “O convescote”. No caso da passagem dos contos para *Os humildes* interpõe-se o trabalho do revisor que interferiu na criação, de modo que os contos tenham sido escritos pelo autor, mas “assassinados” pelo revisor, conforme Rangel discutiu na carta a Walter Boppré.⁷³⁸ Como afirmam Claudia Amigo Pino e Roberto Zular, o “estudo da criação literária envolve instituições, envolve a história e envolve inúmeros sujeitos”.⁷³⁹

⁷³⁷ Ao considerar a tensão entre o oral e o escrito, “a língua do povo” e a “língua culta”, como uma das características cruciais de formulação da poética modernista, Pino e Zular apresentam dois exemplos de como essas linhas de força estão remetidas no manuscrito do poema “O mangue azul”, de Oswald de Andrade, e nos originais do conto “Sarapalha”, de Guimarães Rosa. PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. **Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética**, op. cit., p. 91-99.

⁷³⁸ Carta manuscrita à tinta azul de Godofredo Rangel a Walter Boppré, datada 19/02/1951, disponível no acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Fundação Cultural de Blumenau (SC) e parcialmente transcrita e analisada em: ATHANÁZIO, Enéas. *Cartas inéditas de Rangel*. In: **O perto e o longe: viagens literárias**, op. cit., p. 27-34.

⁷³⁹ ZULAR, Roberto. **Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética**, op. cit., p. 47.

Godofredo Rangel em perspectiva(s)

A tese buscou avaliar a abrangência e a importância do periodismo de Godofredo Rangel, rastreando diversas fontes documentais, a fim de obter uma extensiva relação de títulos do autor, em jornais e revistas, e sinalizar a vigorosa atuação do escritor na cena literária.

No primeiro capítulo, detectou registros em quase meia centena de periódicos: *A Cigarra* (SP), *A Federação* (RS), *A Lanterna* (SP), *A Novela Semanal* (SP), *A Reforma* (AC), *A Revista* (MG), *A Vida Moderna* (SP), *Alterosa* (MG), *Alvorada* (MG), *Beira-Mar* (RJ), *Boa Nova* (RJ), *Cérebro* (MG), *Correio da Manhã* (RJ), *Correio do Sul* (MG), *Correio Paulistano* (SP), *Diário da Manhã* (ES), *Diário de Notícias* (RJ), *Diário de Pernambuco* (PE), *Diário Nacional* (SP), *Dom Casmurro* (RJ), *Feira Literária* (SP), *Festa* (RJ), *Fon-Fon!* (RJ), *Gazeta de Notícias* (RJ), *Ilustração Brasileira* (SP), *La Nación* (AR), *Letras Brasileiras* (RJ), *Literatura* (RJ), *Minarete* (SP), *Novela Mineira* (MG), *Novidades* (MG), *O Acre* (AC), *O Archivo: Orgam Imparcial* (MG), *O Brasil* (RJ), *O Combatente* (SP), *O Dia* (MG), *O Estado* (SC), *O Estado de S. Paulo/ Estadinho* (SP), *O Ibiraci* (MG), *O Jornal* (RJ), *Para Todos* (RJ), *Província de São Pedro* (RS), *Revista do Brasil* (SP), *Tentativa* (MG), *Verde* (MG), *Vida policial* (RJ).

Nesse arrolamento, observou-se a presença de periódicos de expressiva tiragem e em circulação até os dias de hoje, bem como de órgãos de menor alcance, locais ou de vida curta, nacionais e um estrangeiro. Rangel, em periódicos, experimentou diferentes gêneros literários e jornalísticos: contos, novelas, romances, crônicas, artigos, críticas, resenhas, notas e traduções.

A pesquisa também identificou pseudônimos utilizados por Godofredo Rangel, valendo-se da correspondência coligida em *A barca de Gleyre*. Mostrou o significativo papel de Monteiro Lobato na difusão dos escritos do amigo. Ao longo desses capítulos, delinearão-se aspectos da rede de sociabilidade intelectual do autor de *Vida ociosa*, em particular no espaço literário mineiro, sublinhando os seus vínculos com escritores modernistas ligados aos periódicos de vanguarda, como *A Revista* (MG), *Verde* (MG) e *Festa* (RJ), para os quais Rangel também destinou contos que permaneceram inéditos em livro.

A investigação pôde trazer à luz ainda um conjunto de referências a Rangel em artigos de outros intelectuais, abonando a ampla repercussão de sua obra. Foram localizadas entrevistas que o autor concedeu a jornais, refletindo sobre sua trajetória literária e colocando em pauta a questão da profissionalização do escritor.

Pautando-se em anúncios publicitários em periódicos, a pesquisa também identificou numerosas traduções e revisões de traduções empreendidas por Godofredo Rangel. O elenco de 61 títulos⁷⁴⁰, definido anteriormente por Enéas Athanázio, chega, agora, a 98, o que permite sinalizar uma seara profícua para futuras pesquisas. A tese abordou o escritor enquanto crítico de traduções, ao encontrar as discussões que ele empreendeu, em periódicos, para a versão francesa do romance *O Mandarim*, de Eça de Queiroz, efetuada por Claude Frazac e Jacques Crépet, ou para a tradução em língua portuguesa de *As minas de Salomão* (*King Salomon's Mines*), do inglês Henry Rider Haggard, assinada por Eça de Queiroz.

O segundo capítulo centrou-se no estudo da colaboração de Godofredo Rangel na *Revista do Brasil* e revisitou as linhas gerais do mensário em sua primeira fase, buscando apreender a sua relevância no espaço cultural brasileiro da época. Nele, foram exploradas as cartas trocadas entre Rangel e Lobato, com vistas a apreender os bastidores da elaboração do periódico paulista, no que se refere ao agenciamento de colaboradores. Identificou motivações que levaram Rangel a participar do mensário. Destacou as relações entre produção literária e aspectos econômicos a fim de trazer para o debate a noção de capital simbólico. Nesse sentido, mostrou a atuação de Monteiro Lobato na difusão de textos de Rangel, recuperando formas de intermediação, intervenções textuais etc.

O terceiro capítulo analisou a produção de Godofredo Rangel na *Revista do Brasil* e promoveu uma classificação do conjunto de seus escritos, detendo-se, primeiramente, nos textos não ficcionais. Nesses escritos foi possível reconhecer um intelectual de amplo repertório crítico, que também foi gramático, professor de línguas, estudioso de dicionários e dos idiomas francês, italiano, espanhol e inglês. Num segundo momento, o capítulo focalizou o percurso da criação do romance *Vida ociosa*, valendo-se da correspondência em *A barca de Gleyre*. Identificou movimentos escriturais e intervenções de Monteiro Lobato, como *alter ego* autoral de Rangel. O capítulo debruçou-se ainda sobre a figura de Lobato na função de editor do amigo, no periódico e como proprietário do selo editorial que fará *Vida ociosa* ganhar a forma de livro. Lobato empenhou-se na divulgação e na publicidade da obra, valendo-se de diferentes estratégias.

⁷⁴⁰ ATHANÁZIO, Enéas. **O amigo escrito**, op. cit., p. 68-70.

Os contos de Rangel estiveram no foco do quarto capítulo. A pesquisa empreendida no Arquivo Público de São Paulo facultou a localização de vinte títulos de Godofredo Rangel no jornal *Minarete*, de Pindamonhangaba, circunscritos ao período de 1903 a 1908. Efetuou-se a análise crítica desses escritos de juventude, sublinhando experimentações e vertentes estilísticas que evidenciam o trânsito entre eles e os contos recolhidos na *Revista do Brasil*. Na sequência, propôs-se o estudo crítico dos dez contos de Godofredo Rangel no mensário paulistano, examinando enredo, mecanismos da estruturação narrativa, caracterização de personagens, recursos do plano linguístico, traços estilísticos, presença de elementos regionais. Identificaram-se, também, tendências, temáticas e vieses críticos, desvelando vínculos intertextuais nos contos semeados no periódico. A pesquisa constatou a existência de textos de Rangel oferecidos ao mensário, que não alcançaram publicação, esbarrando em critérios de edição ligados à formatação textual e ao perfil do público leitor. O capítulo destacou, por fim, aspectos do processo editorial e da recepção da primeira coletânea de contos de Rangel, *Andorinhas*, preparada e editada por Monteiro Lobato, em 1924. Tanto a análise das narrativas semeadas em *Minarete*, como da produção contística de Godofredo Rangel na *Revista do Brasil*, eram tópicos ainda inexplorados na fortuna crítica do escritor.

O capítulo cinco promoveu uma comparação preliminar entre as versões dos contos de Rangel difundidos na *Revista do Brasil* e em livro, indiciando a natureza das alterações observadas. Deteve-se no exame de mecanismos linguísticos de “O oráculo”, no diálogo com o conto “O espelho”, de Machado de Assis; na reestruturação do desfecho de “Meu parente” e na reescrita de “Um animal estranho”, contos inseridos, respectivamente, em *Andorinhas* e *Os humildes*. A pesquisa recorreu a cartas inéditas de Godofredo Rangel com o advogado Walter Boppré, preservadas no arquivo de Enéas Athanázio. Nesses documentos, o autor mostra o seu descontentamento quanto à qualidade editorial da coletânea e ilumina traços de seu processo criativo.

A tese oferece, no “Complemento”, quadros sinópticos elaborados a partir da vasta matéria localizada pela pesquisa em diversas bases de dados e acervos. Essas tabelas dão a conhecer a documentação coligida na investigação, fonte profícua para futuras abordagens hermenêuticas.

Nesse sentido, a tese contribui sobremaneira para uma nova percepção/recepção da obra de Godofredo Rangel. No início da pesquisa, muitas vicissitudes: edições do autor esgotadas, apenas algumas de suas cartas no *Suplemento*, poucos estudos devotados a sua obra, registros biográficos vagos acerca da atuação dele na imprensa, somente a *Revista do Brasil* mais

evidenciada. No percurso da investigação, no entanto, a hemeroteca, algumas bases de dados e arquivos trouxeram novos rumos, fontes que foram se desdobrando e lançando perspectivas várias para este estudo (e para tantos outros). Em face da plethora de informações coletadas, passou a vigorar o desafio de registrá-las, organizá-las, selecioná-las, estudá-las. O periodismo de Rangel na *Revista do Brasil* serviu de fio condutor. Assim, a tese não termina. Abre perspectivas. Aponta para novos caminhos.

Bibliografia

ABREU JÚNIOR, João Batista de; FERREIRA, Marieta de Moraes; BEZERRA, Ricardo Lima. **Diário de Pernambuco**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-pernambuco>>. Acesso em 10 nov. 2019.

ALBIERI, Thaís de Mattos. **São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2009.

ALBUQUERQUE, Medeiros e. Livros. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 13, p. 24-34, janeiro 1917.

ALTEROSA. **Paraná-Norte**, Londrina (PR), ano XIV, n. 897, 15 jul. 1948.

AMADO, Daniele Chaves. **Nem tudo que reluz é ouro: A Última Hora, a Tribuna da Imprensa e a campanha de saneamento moral em Copacabana**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Niterói (RJ), 2012.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo, SP: Casa Editora “O Livro”, 1920.

A MODERNA literatura brasileira – as melhores obras. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IV, n. 19, 1º out. 1922.

ASSIS, Machado de. O espelho. In: **Obra Completa**. vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000240.pdf> Acesso em 28 mar. 2020.

ATHAYDE, Tristão de [pseud. Alceu Amoroso Lima]. Bibliografia. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano III, n. 606, p. 2, 14 fev. 1921.

_____. A literatura em 1920. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 65, maio de 1921.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. São Paulo: SENAC, 1997.

AZEVEDO, Jorge. Por que o escritor brasileiro não pode viver da literatura? **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), ano XI, n. 115, nov. 1949.

BARROS, Leonel Vaz de [pseud. Leo Vaz]. **Páginas vadias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

BEDÊ, Ana Luiza Reis. **Monteiro Lobato e a presença francesa em *A barca de Gleyre***. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

BIGNOTTO, Cilza Carla. **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2007.

_____. **Figuras de autor, figuras de editor: novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**. São Paulo: Editora Unesp, 2018

BRAGLIA, Nádía Christina. **Paulicéia de ontem: as revistas ilustradas e o viver urbano nas primeiras décadas do século XX**. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BRASIL, Bruno. Diário Nacional. **Hemeroteca**. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-nacional/>>. Acesso em 29 out. 2019.

_____. O Jornal. **Hemeroteca**. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-jornal/>>. Acesso em 05 nov. 2019.

BRUMA, Hélio. [pseud. Monteiro Lobato]. Incompreendido! **Minarete**. Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 52, 23 jun. 1904.

BUDDE, Leani. **Jornadas impressas: O Estado e Florianópolis – 1985 a 2009**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

CAMARGO, Albino. A missão da mocidade. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 13, janeiro 1917. Resenha do Mês, p. 98-100.

CANDIDO, Antonio. Da vingança. In: **Tese e antítese** (ensaios). São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1964.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1955.

_____. **A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto: com notas, manuscritos e acréscimos**. Organização de Valéria Lamego. 2ª ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2017.

COHN, Amélia. **Correio Paulistano**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-paulistano>>. Acesso em 17 nov. 2019.

CONTESTADA a veracidade das mensagens do Além atribuídas a Monteiro Lobato. **Jornal de Notícias**, São Paulo, ano III, n. 728, 3 set. 1948.

CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta: Periodismo e vida urbana 1890-1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

CUNHA, Fausto. Godofredo Rangel, calígrafo. In: **Situações da ficção brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1970, p. 110-116.

DANTAS, Carolina Vianna. **A Cigarra**. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CIGARRA,%20A.pdf>>. Acesso em 3 nov. 2019.

DAUDET, Alphonse. **Port-Tarascon: Dernières aventures de l'illustre Tartarin**. Paris, E. Dentu, 1890.

DEL FIORENTINO, Teresinha Aparecida. **Prosa de ficção em São Paulo: produção e consumo. (1900-1920)**. São Paulo, Hucitec, 1982.

DOYLE, Plínio. História de revistas e jornais literários. **A Revista**. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.

DR. ANNIBAL Fernandes. **Jornal Pequeno**, Recife (PE), ano XXV, n. 157, p. 1, 11 jul. 1923.

EÇA de Queiroz foi mais um pensador do que romancista. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano XCI, n. 27.296, 17 mar. 1945.

FALCÃO, Ildefonso. Um grande novelista argentino. **Careta**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 697, 29 out. 1921.

FEIRA literária – Uma curiosa iniciativa em favor do livro brasileiro. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 22.812, p. 3, 23 jan. 1927.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Diário de Notícias (Rio de Janeiro)**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-noticias-rio-de-janeiro>>. Acesso em 4 nov. 2019.

FERREIRA, Iverson Kech. O aspecto Raffaele Garofalo. Disponível em: <<https://iversonkfadv.jusbrasil.com.br/artigos/599851729/o-aspecto-raffaele-garofalo>>. Acesso em 22 mar. 2020.

_____. O aspecto Enrico Ferri. Disponível em: <<https://iversonkfadv.jusbrasil.com.br/artigos/595164659/o-aspecto-enrico-ferri>>. Acesso em 22 mar. 2020.

FICÇÃO Nacional. **A Noite**, Rio de Janeiro, ano XLIII, n. 14.562, p. 4, 20 nov. 1953.

FONSECA, Sílvia Asam. **A coleção *Bibliotheca do Espírito Moderno*: um projeto para alimentar espíritos da Companhia Editora Nacional (1938-1977)**. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

FRANÇA, João. Monteiro Lobato prometeu enviar uma senha do outro mundo! **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 4.750, 9 set. 1948.

FRANCISCO, Luciana. Modernismos em revistas: As pluralidades do modernismo mineiro com os periódicos *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926) e *Verde* (Cataguases, 1927-1928;1929). In: 30º Simpósio Nacional de História – História e o futuro da educação no Brasil. **Anais do 30º Simpósio Nacional de História**. Recife: Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1563907229_ARQUIVO_Modernismosemrevista-TextocompletoAnpuh.pdf>. Acesso em 30 out. 2019.

GARAY, Benjamin de. O movimento paulista na literatura brasileira. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 73, janeiro de 1922. Resenha do Mês, p. 70-71.

GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita na história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONCOURT, Edmond de. Preface. In: **Les frères Zenganno**. Paris: G. Charpentier, 1879.

GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise. O folhetinista e o colibri. Escritas do jornal e da literatura, França-Brasil, século XIX. In: **Literaturas e escritas da Imprensa. Brasil/França século XIX**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2015.

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos da crítica genética: ler os manuscritos modernos**. Tradução: Cristina de Campos Velho Birck... [et al]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GRIECO, Agrippino. Livros, livros à mão cheia... **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 1.809, 20 nov. 1924. Vida literária, p. 1.

GUIMARAES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **Hist. cienc. Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 501-514, agosto de 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 fev. 2020.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

IBANEZ, Nelson; RONCON, Juliana; SOFIA FABERGE ALVES, Olga. Homens modernos e um novo modelo para o Brasil: A correspondência entre Monteiro Lobato e Arthur Neiva (1918-42). **Cad. hist. ciênc.**, São Paulo, v. 8, n. 2, dez. 2012. Disponível em: <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342012000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 mar. 2020.

IMPRESSOS e jornais. **O Pharol**, Juiz de Fora (MG), ano XXXIX, n. 62, p. 1, 15 mar. 1905.

KIRCHNER, Cássia Aparecida Sales Magalhães. **Práticas de leitura: a Coleção Biblioteca das Moças no Instituto de Educação "Carlos Gomes" em Campinas (1951-1976)**. Tese (Doutorado em Educação). Campinas, SP: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2016.

KNOCK-OUT. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XLV, n. 16.191, p. 7, 17 fev. 1929.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

LARA, Cecília de. A “alegre e paradoxal” revista VERDE de Cataguases. **Verde**. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.

LEAL, Carlos Eduardo. **Gazeta de Notícias**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias>>. Acesso em 19 out. 2019.

_____. **Correio da Manhã**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha>. Acesso em 17 nov. 2019.

LEIAM. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IV, n. 15, 1º ago. 1922.

LEIAM. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IV, n. 16, 16 ago. 1922.

LEIAM. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IV, n. 17 e 18, 7 set. 1922.

LIMA, Augusto. Notas Literárias. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, ano IX, n. 1.739, p. 2, 25 jan. 1921.

LITERATURA n. 7. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XXX, n. 8.532, 22 fev. 1948.

LIVROS. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 3.231, 1º jul. 1937. Segunda seção, p. 13.

LIVROS. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano IX, n. 3.693, 13 fev. 1938. Suplemento, p. 2.

LIVROS do dia. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano II, n. 559, p. 7, 28 dez. 1920.

LIVROS Novos. **Pequeno Jornal: Jornal Pequeno**, Pernambuco, ano XXIII, n. 31, p. 4, 9 fev. 1921.

LIVROS Novos. **Pequeno Jornal: Jornal Pequeno**, Pernambuco, ano XXIII, n. 33, p. 4, 11 fev. 1921.

LIVROS Novos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 8.123, p. 3, 30 mai. 1921.

LOBATO, Monteiro. Almeida Júnior. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 13, p. 35-52, janeiro 1917.

_____. Bibliografia. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano. III, n. 32, p. 470-471, agosto de 1918.

_____. **Urupês**. Obras completas, v. 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1950.

_____. **A barca de Gleyre**. Edição de Arlete Alonso (coordenação), Cecília Bassarani e Luciane Ortiz de Castro. Consultoria e pesquisa: Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta. São Paulo: Globo, 2010.

LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

_____. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916 – 1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. Brício de Abreu e o jornal literário Dom Casmurro. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 29, nº 49, p.277-301, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v29n49/a13v29n49.pdf>>. Acesso em 12 nov. 2019.

_____. **A Ilustração (1884-1892): circulação de textos e imagens em Paris, Lisboa e Rio de Janeiro**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

LYNGATE, William A. Os sonhos predizem o futuro. Tradução de Godofredo Rangel. **Alterosa**. Belo Horizonte (MG), ano X, n. 101, set. 1948.

MACENA, Fabiana Francisca. **Madames, mademoiselles, melindrosas: "feminino" e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MACHADO, Ney. Deixem o grande morto sossegado! **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, ano XLVII, n. 34, p. 6-13, 21 ago. 1948.

MARIN, Jéri Roberto; SQUINELO, Ana Paula. Entre trilhas turísticas e marchas cívicas: as múltiplas apropriações da Retirada da Laguna em Mato Grosso do Sul. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 9, n. 2, jul.-dez., 2016.

MARQUES, Ivan. **Cenas de um modernismo de província – Drummond e outros rapazes de Minas**. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

_____. Modernismo à mineira. In: PUNTONI, Pedro; TITAN JR., Samuel (Orgs.). **A Revista**. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2014.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1900-1922)**. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2008.

MARTINS, Milena. **Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos**. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2003.

MELO, Ana Amelia M. C. de. A revista Literatura: entre autonomia e engajamento intelectual (1946-1948). **ArtCultura**, Uberlândia, v. 17, n. 31, p. 137-149, jul.-dez. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/36647/19320> Acesso em 15 nov. 2019.

MENEZES, Ana Lúcia Guimarães Richa Lourega de. **Amizade “carteadeira”: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases**. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

MICELLI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MONT’ALEGRE, Omer. Considerações sobre a arte de traduzir. **Vamos Ler!**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 159, p. 20 e 59, 17 ago. 1939.

MORAES, Juliana Lopes. **A vida moderna (1907-1922), o periódico-vitrine da cidade de São Paulo: tempos de modernidade com um leve toque português**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

MUCCI, Latuf Isaias. *Ecriture artiste*. In: CEIA, Carlos (Coord.). **E-Dicionário de Termos Literários**. ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ecriture-artiste/>>. Acesso em 16 fev. 2020.

MÜLLER, Iuri Almeida. Simões Lopes Neto e a revista *Província de São Pedro*: valorização e releitura de uma obra. **Palimpsesto – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 15, n. 22, p. 401-415, jun. 2016. ISSN 1809-3507. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35022>>. Acesso em 17 nov. 2019.

MUSSE, Christina Ferraz. A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870/1940). In: XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, 2007, Juiz de Fora, Minas Gerais. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0083-1.pdf>. Acesso em 17 ago. 2020.

NAVA, Pedro. Recado de uma geração. **A Revista**. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.

NO MUNDO DOS LIVROS. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 8, p. 50, 5 dez. 1953.

NOTÍCIAS diversas – Edição da Noite. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano XLI - n. 13.453, p. 5, 23 out. 1915.

NOTÍCIAS diversas – Edição da Noite. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano XLI - n. 13.502, p. 8, 11 dez. 1915.

NOTÍCIAS diversas – Edição da Noite. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano XLII - n. 13.696, p. 5, 24 jun. 1916.

NOVAES, Mariana. **O Suplemento Literário do Minas Gerais no arquivo de Murilo Rubião 1966–1969**. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. **(A)Cerca de um tempo: representação das identidades mineira e paulista em Godofredo Rangel e Monteiro Lobato (1903-1921)**. Curitiba: Editora Prisma, 2016.

OLIVEIRA, Guilherme Bianchini de. Expressões em Latim mais utilizadas pelos operadores do Direito. Disponível em: <<https://guilhermebo94.jusbrasil.com.br/artigos/444134158/expressoes-em-latim-mais-utilizadas-pelos-operadores-do-direito>>. Acesso em 22 mar. 2020.

OS BEM casados. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LIII, n. 18.775, p. 10, 11 jun. 1954.

OS GRANDES tradutores e as boas obras. **O Malho**, Rio de Janeiro, ano XXXII, n. 1.588, p. 20, 27 mai. 1933.

OS NOSSOS colaboradores. **Diário Nacional**, São Paulo, ano I, n. 1, 14 de jul. 1927.

ORGANIZADA a Associação Brasileira de Escritores. **Diário de Pernambuco**, Recife (PE), ano 119, n. 148, p. 4, 24 jun. 1944.

PARA os céticos. **A Revista**, Belo Horizonte, ano I, n. I, julho de 1925. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.

PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil**. Bauru, SP: Edusp, 2003.

PEDROSA, Milton. Godofredo Rangel o amigo de Lobato. **Revista do Globo**, Porto Alegre, p. 31-33, 6 ago. 1948.

_____. Monteiro Lobato, este mundo e o outro. **A Noite Ilustrada**, Rio de Janeiro, n. 1.023, p. 32-36, 5 out. 1948.

_____. Monteiro Lobato fala do além. **A Noite Ilustrada**, Rio de Janeiro, n. 1.024, p. 18-20, 12 out. 1948.

PELOURINHO. **Boa Nova**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 77, p. 45, dez. 1939.

PEREZ, Renard. Escritores brasileiros contemporâneos: Murilo Rubião. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LV, n. 19.290, 11 fev. 1956.

_____. A trajetória de um escritor. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano XXII, n. 1.060, p. 2-3, 7 fev. 1987.

PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. **Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

PINTO, Maria Emilia Martins. O anticlericalismo do jornal *A Lanterna* - Mídia alternativa na Era Vargas. **Revista Extraprensa**, v. 3, n. 3, p. 595-604, 7 dez. 2010.

POE, Edgar Allan. Review of Twice-Told Tales. **Graham's Magazine**, May 1842, pp. 298-300. Disponível em <<https://www.eapoe.org/works/criticism/gm542hn1.htm>>. Acesso em 22 fev. 2020.

_____. The Philosophy of Composition. **Graham's Magazine**, vol. XXVIII, n. 4, April 1846. Disponível em <<https://www.eapoe.org/works/essays/philcomp.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

PUBLICAÇÕES – “Novidades”. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano 70, n. 103, p. 6, 4 mai. 1944.

REVISTA do Brasil. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1-5, 25 jan. 1916.

RIBEIRO, Paula Vanessa Paz; ARMANI, Carlos Henrique. Discurso Político-Partidário: O jornal “A Federação” no contexto da candidatura à reeleição de Borges de Medeiros. In: XI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUHRS – História, memória, patrimônio, 2012, Rio Grande do Sul. **Anais eletrônicos**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande, 2012. p. 852-861. Disponível em: <http://www.eeh2012.anpuhrs.org.br/resources/anais/18/1346359139_ARQUIVO_DiscursoPolitico-Partidario-OjornalAFederacaonocontextodacandidaturaareeleicaodeBorgesdeMedeiros-AnaisAnpuh-RS.pdf>. Acesso em 14 out. 2019.

SÁ, Marina Damasceno de. **O empalhador de passarinho, de Mário de Andrade**: edição de texto fiel e anotado. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SÁEZ, B. Sánchez. A literatura nacional no estrangeiro. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 83, p. 247-249, novembro de 1922.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 2ª edição. São Paulo: Fapesp: Annablume, 2004.

SCHNEIDER, Otto. Livros. **O Jornal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano XXXIII, n. 10.193, p. 7, 28 nov. 1953.

SHIZUNO, Elena Camargo. **A revista *Vida Policial* (1925-1927) mistérios e dramas em contos e folhetins**. 2011. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2011.

SILVA, João Pinto da. *Vida ociosa* – romance de Godofredo Rangel. **A Federação: Orgão do Partido Republicano**, Rio Grande do Sul, ano XXXVIII, n. 71, p. 1, 28 mar. 1921.

SPAGNOLI, Camila Russo de Almeida. **Monteiro Lobato, o leitor**. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

TAINÉ, Hippolyte-Adolphe. Gleyre. **Essais de critique et d'histoire**. 4^e édition. Paris: Hachette et Cie, 2016. Disponível em : <http://obvil.sorbonne-universite.site/corpus/critique/taine_essais#body-16>. Acesso em 31 jan. 2020.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão *et al.* Alterosa, perfil editorial e o mercado de revistas no Brasil (1939-1964). In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre: ALCAR – UFRGS, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/alterosa-perfil-editorial-e-o-mercado-de-revistas-no-brasil-1939-1964/view>>. Acesso em 16 nov. 2019.

TERRA Verde. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 8 e 9, p. 19, 1º mai. 1927.

TERRA Verde. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 10, 15 mai. 1927.

TERRA Verde. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 11 e 12, 15 jun. 1927.

TIN, Emerson. **Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007.

_____. A barca de Gleyre: uma metáfora para a viagem epistolar de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. **Interseções, Revista de estudos sobre práticas discursivas e textuais**, Jundiaí, São Paulo, ano 1, n. 1. set. 2008. Disponível em: <http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/intersecoes/pdf/rev_inter_emerson_pdf.pdf>. Acesso em 1º fev. 2020.

ÚLTIMAS na cidade das letras. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LIII, n. 18.759, p. 10, 23 mai. 1954.

UMA NOVA feição nos livros. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 1, p. 3, 1º jan. 1927.

UMA NOVA feição nos livros. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 4, p. 19, 15 fev. 1927.

UMA NOVA feição nos livros. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 5 e 6, p. 4, 15 mar. 1927.

UMA NOVA feição nos livros. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 7, p. 20, 1º abr. 1927.

UMA NOVA feição nos livros. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 10, 15 mai. 1927.

UMA NOVA feição nos livros. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 11 e 12, 15 jun. 1927.

UMA NOVA feição nos livros. **Ilustração Pelotense**, Rio Grande do Sul, ano IX, n. 13 e 14, 15 jul. 1927.

UM ROMANCE de Godofredo Rangel. **O Jornal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano XXXIII, n. 10.206, 13 dez. 1953. Sexta seção, p. 4.

VALDEMAR, António. Frazão Pacheco tradutor de Eça. **Revista Camões**, n. 9/10, p. 228-234, 2000.

VALENTE, Thiago Alves. **Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. Paulo (1913-1923)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

VAREJÃO, Lucilo. Uma bela audácia. **Jornal de Recife**, Pernambuco, ano LXIV, n. 243, p. 3, 13 set. 1921.

VÁRIAS. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 5, p. 30, 13 nov. 1954.

VIDA Literária. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 65, maio de 1921. Resenha do Mês, p. 180.

22.000 volumes num mês! **D. Quixote**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 192, 12 jan. 1921.

WILLEMAR, Philippe. A história do conceito de “Scriptor”. **Manuscritica - Revista de Crítica Genética**. São Paulo, n. 39, 2019.

WOLKMER, Antonio Carlos; VERAS NETO, Francisco Q.; LIXA, Ivone M. (Orgs.). **Pluralismo jurídico: novos caminhos da contemporaneidade**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

Obras de Godofredo Rangel

RANGEL, Godofredo. Simbólico vagido. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 22, 26 nov. 1903.

_____. Simbólico vagido (Conclusão). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 23, 3 dez. 1903.

_____. Pálida, pálida! **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 24, 10 dez. 1903.

_____. A chácara. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 27, 1º jan. 1904.

_____. Um literato (I). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 38, 17 mar. 1904.

_____. Ave-Maria. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 47, 19 mai. 1904.

_____. A cavalo. **Ilustração Brasileira**, São Paulo, ano II, n. 16 e 17, maio e junho de 1905.

_____. Uma tragédia. **Ilustração Brasileira**, São Paulo, ano II, n. 18 e 19, julho e agosto de 1905.

RANGEL, Godofredo; LOBATO, Monteiro. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (I – V). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 171, 11 out. 1906.

_____. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (VI – XI). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 172, 18 out. 1906.

_____. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XII – XVII). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 174, 1º nov. 1906.

_____. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XVII – XVIII). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 175, 8 nov. 1906.

_____. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XIV [sic] – XX). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 176, 15 nov. 1906.

_____. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XX – XXII). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 177, 22 nov. 1906.

_____. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XXV – XXX). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 178, 29 nov. 1906.

_____. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XXXI – XXXIII). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 181, 20 dez. 1906.

RANGEL, Godofredo. História de bonecas. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 182, 27 dez. 1906.

RANGEL, Godofredo; LOBATO, Monteiro. O Queijo de Minas ou história de um nó cego (XXXIV – XXXVIII). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 183, 4 jan. 1907.

_____. Como se faz uma visita. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 185, 17 jan. 1907.

_____. Regeneração (Conclusão). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano VI, n. 272, 1º out. 1908.

_____. A propósito do *Amor imortal*. **O Archivo: Orgam Imparcial**, Alfenas (MG), ano I, n. 24, p. 2, 31 dez. 1915.

_____. A mosca (Fragmento). **O Estado de S. Paulo/ Estadinho**, São Paulo, p. 5, 23 nov. 1915.

_____. **Estudo Prático de Português**. Santa Rita do Sapucaí (MG): Tipografia e Papelaria do Correio do Sul, 1917.

_____. O estilo de Fialho. **Revista do Brasil**, São Paulo, v. IV, n. 13, p. 53-59, jan. 1917.

_____. O telegrama. **A Vida Moderna**, São Paulo, ano XII, n. 306, 22 fev. 1917.

_____. Vida ociosa (capítulos I a IV). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 17, p. 82-100, mai. 1917.

_____. Vida ociosa (capítulos V a VII). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 18, p. 215-229, jun. 1917.

_____. Vida ociosa (capítulos VIII a IX). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 19, p. 361-369, jul. 1917.

_____. Um animal estranho. **A Vida Moderna**, São Paulo, ano XIII, n. 317, 2 ago. 1917. Contos Seletos – Biblioteca d'A Vida Moderna.

_____. Vida ociosa (capítulos X a XII). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 20, p. 506-519, ago. 1917.

_____. Vida ociosa (capítulos XIII a XV). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 21, p. 68-82, set. 1917.

_____. Vida ociosa (capítulos XVI a XVIII). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 22, p. 210-223, out. 1917.

_____. Vida ociosa (capítulos XIX a XX). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, n. 24, p. 524-536, dez. 1917.

_____. Vida ociosa (capítulos XXI a XXII). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano III, n. 25, p. 49-58, jan. 1918.

- _____. Menotti Del Picchia. **Correio do Sul**, Santa Rita do Sapucaí (MG), 17 fev. 1918.
- _____. Meu parente. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano III, n. 30, p. 152-159, jun. 1918.
- _____. O destacamento. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano III, n. 31, p. 307-316, jul. 1918.
- _____. O oráculo. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano IV, n. 41, p. 19-23, maio 1919.
- _____. A formiguinha. **Fon-Fon!**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 31, 2 ago. 1919.
- _____. Um animal estranho. **Fon-Fon!**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 42, 18 out. 1919.
- _____. Paralelismo. **A Reforma**, Acre, ano II, n.77, p. 2, 26 out. 1919.
- _____. O gordo Antero. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano IV, n. 46, p. 121-125, out. 1919.
- _____. A retirada da Laguna (O colérico abandonado sobrevivente). **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano XLV, n. 14.915, p. 3, 4 nov. 1919.
- _____. A retirada da Laguna (O colérico abandonado sobrevivente). **A Federação**, Porto Alegre (RS), ano XXXVI, n.268, p. 5, 13 nov. 1919.
- _____. **Vida ociosa**. São Paulo: Edição da Revista do Brasil/ Monteiro Lobato & Cia, 1920.
- _____. Passeio ao céu. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano V, n. 53, p. 28-32, mai. 1920.
- _____. O *croisée*. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano V, n. 54, p. 122-126, jun. 1920.
- _____. A retirada da Laguna – (O colérico abandonado sobrevivente). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano V, n. 55, julho de 1920. Resenha do Mês, p. 269-272.
- _____. O destacamento. **A Novela Semanal**, São Paulo, ano I, n. 2., p. 23-28, 9 mai. 1921.
- _____. O avô. **A Novela Semanal**, São Paulo, ano I, n. 13, p. 210-211, 23 jul. 1921.
- _____. O grilo. **Novela Mineira**, Belo Horizonte (MG), fascículo I, v. 1, p. 10-11, set. 1921.
- _____. O transfuga. **Novela Mineira**, Belo Horizonte (MG), fascículo IV, v. 1, p. 101-105, dez. 1921.
- _____. O avô. **Novela Mineira**, Belo Horizonte (MG), fascículo IX e X, v. 1, p. 266, 1922.
- _____. Frases feitas. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 77, mai. 1922. Resenha do Mês, p. 79-81.
- _____. O convescote. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 78, jun. 1922. Resenha do Mês, p. 173-176.

_____. Mealhas. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 79, jul. 1922. Resenha do Mês, p. 267-269.

_____. O legado. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 81, p. 51-56, set. 1922.

_____. Manequinho. **O Brasil**, Rio de Janeiro, ano I, n. 152, p. 8, 17 set. 1922.

_____. Aspectos mineiros. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VIII, n. 87, mar. 1923. Debates e Pesquisas, p. 278-282.

_____. Velhos cromos. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XLVIII, n. 294, p. 2, 26 dez. 1923.

_____. **Andorinhas**. Coleção Biblioteca da Rainha Mab. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1924.

_____. Um animal estranho. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VIII, n. 98, fev. 1924. Curiosidades, p. 188-190.

_____. O bedel. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VIII, n. 100, p. 313-316, abr. 1924.

_____. O carteiro (Fragmento). **A Revista**, Belo Horizonte (MG), ano I, n. 2, p. 25, ago. 1925.

_____. Os caprichos da sorte. **A Revista**, Belo Horizonte (MG), ano I, n. 3, p. 29-31/58, set. 1925.

_____. O destacamento. **Vida policial**, Rio de Janeiro, ano I, n. 40, p. 15-17, 12 dez. 1925.

_____. O destacamento (continuação). **Vida policial**, Rio de Janeiro, ano I, n. 41, p. 9-10, 19 dez. 1925.

_____. As loucuras de amar. **Feira Literária**, São Paulo, v. IV, p. 7-51, abr. 1927.

_____. A síncope. **Verde**, Cataguases (MG), ano 1, n. 3, p. 17, novembro 1927. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.

_____. As sete apelações. **Festa**, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 8-9, 1º jan. 1928.

_____. O gordo Antero. **Diário Nacional**, São Paulo, ano II, n. 403, 14 out. 1928.

_____. **A filha**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1929.

_____. As pequeninas. **Alvorada**, Campanha (MG), ano I, n. 7, junho de 1929.

_____. O oráculo. **Diário Nacional**, São Paulo, ano III, n. 930, p. 6, 11 jul. 1930.

_____. Meu parente. **Para Todos**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 630, 10 jan. 1931.

_____. Uma de cá... outra de lá. **Feira Literária**, São Paulo, v. II (segunda fase), p. 7-22, mai. 1932.

_____. Eça de Queiroz tradutor. **O Estado**, Florianópolis (SC), ano XIX, n. 6.059, p. 6, 7 dez. 1933.

_____. Eça de Queiroz tradutor. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 2.148, 10 dez. 1933. Terceira seção, p. 19 e 22.

_____. Eça de Queiroz traduzido. **Diário da Manhã**, Vitória (ES), ano XXVII, n. 2.585, p. 1-2, 15 dez. 1933.

_____. Eça de Queiroz traduzido. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 2.160, 24 dez. 1933. Suplemento, p. 23 e 26.

_____. Eça e Rider Haggard. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 2.160, 24 dez. 1933. Primeira seção, p. 8.

_____. Não matarás. **O Estado**, Florianópolis (SC), ano XIX, n. 6.081, p. 4 e 7, 4 jan. 1934. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

_____. Os óculos. **O Ibiraci**, Minas Gerais, ano X, n. 400, 15 nov. 1936.

_____. Malditos os que matam. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 5.640, 31 out. 1937. Quarta seção, p. 3.

_____. Traduzir inglês. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 5.663, 28 nov. 1937. Quarta seção, p. 3.

_____. Antero, o irrepreensível. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 5.675, 12 dez. 1937. Quarta seção, p. 2.

_____. Antero, o irrepreensível. **Diário de Pernambuco**, Recife (PE), ano 112, n. 340, 19 dez. 1937. Segunda seção, p. 2.

_____. Presente de Natal. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 5.686, 25 dez. 1937. Quarta seção, p. 4.

_____. O destacamento. **Boa Nova**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 63, p. 2-7, out. 1938.

_____. O avô. **Beira-mar**, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 627, p. 2, 4 fev. 1939.

_____. Caprichos da sorte. **Tentativa** – Revista de Cultura, Belo Horizonte (MG), ano I, n. 3, p. 42-45, junho 1939.

_____. Um animal estranho. **Tentativa** – Revista de Cultura, Belo Horizonte (MG), ano I, n. 6, p. 39-41, set. 1939.

- _____. *Quando Cadran le foglie...* **Dom Casmurro**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 165-166, p. 9, 21 set. 1940. Número Especial de Minas Gerais.
- _____. **A banda de música do onça**. São Paulo: Melhoramentos, [1943?].
- _____. **Histórias do tempo do onça**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, [1943?].
- _____. **Passeio à casa de Papai Noel**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, [1943?].
- _____. **Os humildes**. Moderna Literatura Brasileira, vol. 1. São Paulo: Editora Universitária, 1944.
- _____. A carteira. **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), n. 52, p. 17, ago. 1944.
- _____. Caprichos da sorte. **Letras Brasileiras**, Rio de Janeiro, ano III, n. 21, p. 3-5, jan. 1945.
- _____. A retirada da Laguna (O sobrevivente dos coléricos abandonados). **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), ano VII, n. 65, p. 55-57 e 117, set. 1945.
- _____. Júlio Ribeiro – Algumas notas sobre o homem e o romancista. **Província de São Pedro**, Porto Alegre (RS), n. 5, p. 113-117, jun. 1946.
- _____. Romantismo (Capítulos I – IV). **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), ano IX, n. 83, p. 118 – 121, mar. 1947.
- _____. Romantismo (Capítulos V – VII). **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), ano IX, n. 84, p. 124-128, abr. 1947.
- _____. Os oitenta contos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XLVII, n. 16.246, 19 out. 1947.
- _____. Namoro. **Província de São Pedro**, Porto Alegre (RS), n. 11, p. 19-22, mar./jun. 1948.
- _____. Prosa de rua. **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), n. 99, jul. 1948.
- _____. O telegrama. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 7.965, 10 out. 1948. O conto da semana, p. 3-4.
- _____. Caprichos da sorte. **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), ano XI, n. 105, jan. 1949. Os grandes contos brasileiros, p. 20-24.
- _____. Flores secas. **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), ano XI, n. 107, p. 33, mar. 1949.
- _____. O gordo Antero. **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), ano XI, n. 115, nov. 1949. O conto brasileiro, p. 18-20.
- _____. Os besouros. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano XCV, n. 28.590, 19 jun. 1949. Segunda seção, p. 13-20.

_____. Os óculos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XLIX, n. 17.346, 2 out. 1949.

_____. O legado. **O Acre**, Rio Branco (AC), ano XX, n. 984, 23 jul. 1950. Antologia de contos, p. 3 e 6.

_____. **Falange gloriosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

_____. **Os bem casados**. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

Obras de Godofredo Rangel sob pseudônimo

GOD. RANGEL [pseud. de Godofredo Rangel]. Gonache [*sic*]. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano II, n. 82, 26 jan. 1905.

LEÃO GODOY [pseud. Godofredo Rangel]. Viagem perene. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano II, n. 72, 10 nov. 1904.

_____. Dona Fidalma. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano III, n. 128, 14 dez. 1905.

_____. Martha. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano III, n. 130, 28 dez. 1905.

_____. Do Alfa ao Ômega. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano III, n. 132, 11 jan. 1906.

_____. Recordações do passado. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano III, n. 152, 31 mai. 1906.

_____. O Sebastião. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano III, n. 154, 14 jun. 1906.

_____. O Sebastião (II). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 159, 19 jul. 1906.

_____. O Sebastião (III). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 161, 2 ago. 1906.

_____. O Sebastião (III). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 162, 9 ago. 1906.

_____. O Sebastião (IV). **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 163, 16 ago. 1906.

L. GODOY [pseud. de Godofredo Rangel]. Gonache [*sic*] [II]. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano IV, n. 177, 22 nov. 1906.

S.S.S. [pseud. de Godofredo Rangel]. O bem. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano III, n. 106, 13 jul. 1905.

TÉ BÉZUQUET [pseud. de Godofredo Rangel]. Hurrah! **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 30, 21 jan. 1904.

_____. Guahyra. **Minarete**, Pindamonhangaba (SP), ano I, n. 43, 21 abr. 1904.

_____. De S. Paulo a Guarujá. **O Combatente**, São Paulo, ano II, n. 58, 28 jul. 1904.

TÉ BÉZUQUET [pseud. de Godofredo Rangel]; HÉLIO BRUMA [pseud. de Monteiro Lobato]. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (I – IV). *A Vida Moderna*, São Paulo, ano XII, n. 304, 25 jan. 1917.

_____. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (V - VI). *A Vida Moderna*, São Paulo, ano XII, n. 305, 8 fev. 1917.

_____. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (VII - X). *A Vida Moderna*, São Paulo, ano XII, n. 306, 22 fev. 1917.

_____. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XI - XII). *A Vida Moderna*, São Paulo, ano XII, n. 307, 15 mar. 1917.

_____. O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XIII). *A Vida Moderna*, São Paulo, ano XIII, n. 309, 12 abr. 1917.

Obras sobre Godofredo Rangel:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Traços de Godofredo Rangel. **Correio da Manhã** (Suplemento de Literatura e Arte), Rio de Janeiro, ano LI, n. 17.920, 19 de agosto de 1951.

ATHANÁZIO, Enéas. **Godofredo Rangel**. Curitiba: Gráfica Editora, 1977.

_____. Rangel e a *Revista do Brasil*. In: **Figuras e lugares**. Blumenau (SC): Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1983.

_____. **O amigo escrito**. Florianópolis (SC): Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e Secretaria de Estado da Casa Civil, 1988.

_____. Cartas inéditas de Rangel. In: **O perto e o longe: viagens literárias**. Blumenau: Edição do Autor/ Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1990, p. 27-34.

_____. As três mortes de Rangel. **Coojornal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 533, 16 jun. 2007.

_____. O outro lado de “A Barca de Gleyre”. **Coojornal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 534, 23 jun. 2007.

_____. Recordando Godofredo Rangel. **Coojournal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 535, 30 jun. 2007.

_____. RANGEL e eu. **Coojournal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 536, 7 jul. 2007.

_____. O sentenciado Lourenço. **Coojournal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 537, 14 jul. 2007.

_____. Cronologia rangelina. **Coojournal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 538, 21 jul. 2007.

_____. O amigo escrito de Monteiro Lobato. **Coojournal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 12, n. 634, 30 mai. 2009.

_____. “Vida ociosa”: algumas notas. **Coojournal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 20, n. 1.025, 5 abr. 2017.

_____. A história do mundo. **Coojournal – Revista Rio Total**, Rio de Janeiro, ano 22, n. 1.109, 16 jan. 2019.

AZEVEDO, Jorge. Por que o escritor brasileiro não pode viver da literatura? **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), ano XI, n. 115, nov. 1949.

_____. Godofredo Rangel. In: **Caderno de Lembranças**. Belo Horizonte: Edição Definitiva, 1983, p. 182-186.

BRANDÃO, Wellington. Godofredo Rangel. In: **Caminhos de Minas**. Belo Horizonte: Livraria Oscar Nicolai, 1958, p. 63-84.

CANDIDO, Antonio. Literatura caligráfica. In: RANGEL, Godofredo. **Falange gloriosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

CUNHA, Fausto. Godofredo Rangel, calígrafo. In: **Situações da ficção brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1970, p. 110-116.

DEL PICCHIA, Menotti. Um rebelde de calça curta. In: **A longa viagem**. (1ª etapa). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970, p. 106-109.

DESSIMONI, Darcy Piva. **No balanço da Barca de Gleyre, vida e obra de José Godofredo de Moura Rangel**. Dissertação (Mestrado). Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), 2005.

DOURADO, Autran. O meu mestre Rangel. In: RANGEL, Godofredo. **Vida ociosa**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000. Prefácio, p. vii - xii.

GODOFREDO Rangel – *Andorinhas*. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 98, fev. 1924. Bibliografia, p. 159-160.

GUIMARÃES FILHO, Alphonsus de. et. al. A Opinião dos “Novos”. In: SAMPAIO, Márcio (Org.). **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano XIX, n. 947, p. 8, 24 nov. 1984.

LICINIO, Myrtes. De Dorcelino a Diadorim. In: SAMPAIO, Márcio (Org.). **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano 19, n. 947, p. 11, 24 nov. 1984.

LIMA, Augusto. Literatura: *A Vida ociosa*, de Godofredo Rangel. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 64, abril de 1921. Debates e Pesquisas, p. 76-78.

LINHARES, Cristiano. Godofredo Rangel. **Alterosa**, Belo Horizonte (MG), ano XIII, n. 137, p. 30, set. 1951. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

LOBATO, Monteiro. Introdução. In: RANGEL, Godofredo. **Os humildes**. Moderna Literatura Brasileira, vol. 1. São Paulo: Editora Universitária, 1944.

MOURA, Emílio. Vida ociosa. **A Revista**, Belo Horizonte, ano I, n. 3, p. 20-22, janeiro de 1926. Edição fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1978.

MURARI, Luciana. As artes da ficção: Oliveira Vianna e a imaginação literária regionalista de Godofredo Rangel e Afonso Arinos. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 45, p. 289-315, junho 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752011000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 2 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752011000100013>.

NOGUEIRA, Eloisa Alves. **O eu o outro: o legado de dois pais contado por Machado de Assis e Godofredo Rangel**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora (MG), 2017.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. **(A)Cerca de um tempo: representação das identidades mineira e paulista em Godofredo Rangel e Monteiro Lobato (1903-1921)**. Curitiba: Editora Prisma, 2016.

PEDROSA, Milton. Em Minas conversando com os intelectuais. **Vamos Ler!**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 150, 15 jun. 1939.

_____. Godofredo Rangel o amigo de Lobato. **Revista do Globo**, Porto Alegre, p. 31-33, 6 ago. 1948.

PINTO, Protógenes. A visita do Mestre. **Monitor Mineiro: Semanário dedicado aos interesses de Guaranésia**, Guaranésia (MG), ano XXX, n. 979, 24 abr. 1930.

PRADO, Célia Luiza Andrade. **A tradução na Era Vargas de 1930 a 1940: O Tarzan brasileiro de Manuel Bandeira, Monteiro Lobato e Godofredo Rangel**. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

SAMPAIO, Márcio. Cem anos de solidão de um grande escritor brasileiro. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 21 nov. 1984.

SAMPAIO, Márcio (Org.). **Suplemento Literário Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano 19, n. 947, 24 nov. 1984.

_____. **Suplemento Literário Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano 19, n. 948, 1º dez. 1984.

SILVA, Ana Cláudia da. Godofredo Rangel romancista. In: PEREIRA, Cilene Margarete; CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. (Org.). **Minas Gerais: Diálogos - Estudos de Literatura e Cultura**. Curitiba: Prismas, 2013, p. 47-76.

_____. Godofredo Rangel e Autran Dourado: o artista e o aprendiz. **Línguas & Letras**, v. 13, n. 25, fev. 2013. ISSN 1981-4755. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/6979/5694>>. Acesso em 16 mar. 2020.

SILVA, Danyelle Marques Freire da. **A constituição do espaço em *Vida Ociosa*, de Godofredo Rangel**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, Três Corações (MG), 2013.

SILVA, João Pinto da. *Vida ociosa* – romance de Godofredo Rangel. **A Federação: Orgam do Partido Republicano**, Rio Grande do Sul, ano XXXVIII, n. 71, p. 1, 28 mar. 1921.

SPAGNOLI, Camila Russo de Almeida. Godofredo Rangel leitor: memórias literárias na correspondência trocada com Monteiro Lobato. **Teresa**, v. 1, n. 19, p. 249-264, 13 dez. 2018.

TÁCITO, Hilário [pseud. José Maria de Toledo Malta]. Prólogo dispensável. In: RANGEL, Godofredo. **Vida ociosa**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000, p. xiii-xxiii.

TIN, Emerson. Fragmentos da gênese de *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel, *n'A barca de Gleyre*. In: **X Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética**, 2012, Porto Alegre. Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética - Edição X (2012) - Materialidade e Virtualidade no Processo de Criação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 129-135.

VIOTTI, Fernando Baião. Um romance na encruzilhada: *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel. **RECORTE** – Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações (MG), v. 14, n. 2, 2017.

Complemento A - Correspondência de Godofredo Rangel a Monteiro Lobato, publicada no *Suplemento Literário De Minas Gerais*⁷⁴¹

LOCAL	DATA
São Paulo	10/02/1905
Caldas	12/01/1905
Silvestre Ferraz	N/C
N/C	28/01/1907
N/C	06/04/1910
Campinas	1912
N/C	14/07/1914
N/C	13/10/1916
N/C	15/10/1916
N/C	21/11/1917
Três Pontas	16/11/1919
N/C	29/12/1920
N/C	29/12/1922
Belo Horizonte	24/07/1945
Belo Horizonte	12/12/1945
Belo Horizonte	08/09/1946
Belo Horizonte	20/03/1948

⁷⁴¹ SAMPAIO, Márcio (Org.). Godofredo Rangel/ Monteiro Lobato: 40 anos de correspondência. **Suplemento Literário Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano XIX, n. 948, 1º dez. 1984. p. 9-10.

Complemento B - Mapeamento da atuação de Godofredo Rangel na imprensa brasileira

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
Simbólico vagido* ⁷⁴²	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	26/11/1903	ano I/ n. 22	Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP), coleção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP). Localização: CX. 0246.
Simbólico vagido* (Conclusão)	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	03/12/1903	ano I/ n. 23	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Pálida, pálida!*	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	10/12/1903	ano I/ n. 24	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
A chácara*	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	01/01/1904	ano I/ n. 27	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Hurrah!* Obs.: Assinado com o pseudônimo <i>Té Bézuquet</i>	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	21/01/1904	ano I/ n. 30	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Um literato* (I)	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	17/03/1904	ano I/ n. 38	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Guahyra* Obs.: Assinado com o pseudônimo <i>Té Bézuquet</i>	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	21/04/1904	ano I/ n. 43	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Ave-Maria*	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	19/05/1904	ano I/ n. 47	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
De S. Paulo a Guarujá* (VI) Obs.: Assinado com o pseudônimo <i>Té Bézuquet</i>	<i>O Combatente</i> (São Paulo)	28/07/1904	ano II/ n. 58	Repositório Digital do APESP, coleção do IHGSP.

⁷⁴² Os títulos indicados com “*” remetem ao primeiro registro de publicação localizado.

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
Viagem perene* Obs.: Assinado com o pseudônimo Leão Godoy	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	10/11/1904	ano II/ n. 72	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Gonache* [sic] (I) Obs.: Assinado com o pseudônimo God. Rangel	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	26/01/1905	ano II/ n. 82	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Crônica - Texto não localizado	<i>Ilustração Brasileira</i> (São Paulo)	data provável: fev./1905	ano II/ n. 13	Referência em "Impressos e jornais", nota no jornal <i>O Pharol</i> (Juiz de Fora, MG, ano XXXIX, n. 62, p. 1, 15 mar. 1905. Exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional).
A cavalo*	<i>Ilustração Brasileira</i> (São Paulo)	mai./jun. - 1905	ano II/ n. 16 e 17	APESP, coleção do IHGSP.
O bem* Obs.: Assinado com o pseudônimo S.S.S.	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	13/07/1905	ano III/ n. 106	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Uma tragédia*	<i>Ilustração Brasileira</i> (São Paulo)	jul./ago. - 1905	ano II/ n. 18 e 19	APESP, coleção do IHGSP.
Dona Fidalma* Obs.: Assinado com o pseudônimo Leão Godoy	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	14/12/1905	ano III/ n. 128	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Martha* Obs.: Assinado com o pseudônimo Leão Godoy	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	28/12/1905	ano III/ n. 130	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
Do Alfa ao Ômega* Obs.: Assinado com o pseudônimo Leão Godoy	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	11/01/1906	ano III/ n. 132	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Recordações do passado* Obs.: Assinado com o pseudônimo Leão Godoy	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	31/05/1906	ano III/ n. 152	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
O Sebastião* Obs.: Assinado com o pseudônimo Leão Godoy	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	14/06/1906	ano III/ n. 154	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
O Sebastião* (II) Obs.: Assinado com o pseudônimo Leão Godoy	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	19/07/1906	ano IV/ n. 159	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
O Sebastião* (III) Obs.: Assinado com o pseudônimo Leão Godoy	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	02/08/1906	ano IV/ n. 161	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
O Sebastião* (III) Obs.: Assinado com o pseudônimo Leão Godoy	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	09/08/1906	ano IV/ n. 162	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
O Sebastião* (IV) Obs.: Assinado com o pseudônimo Leão Godoy	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	16/08/1906	ano IV/ n. 163	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
O Queijo de Minas ou História de um nó cego* (I – V) – Escrito em parceria com Monteiro Lobato.	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	11/10/1906	ano IV/ n. 171	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
O Queijo de Minas ou História de um nó cego* (VI – XI) Escrito em parceria com Monteiro Lobato.	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	18/10/1906	ano IV/ n. 172	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
O Queijo de Minas ou História de um nó cego* (XII – XVII) Escrito em parceria com Monteiro Lobato.	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	01/11/1906	ano IV/ n. 174	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
O Queijo de Minas ou História de um nó cego* (XVII – XVIII) Escrito em parceria com Monteiro Lobato.	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	08/11/1906	ano IV/ n. 175	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
O Queijo de Minas ou História de um nó cego* (XIV [sic] - XX) Escrito em parceria com Monteiro Lobato.	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	15/11/1906	ano IV/ n. 176	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
O Queijo de Minas ou História de um nó cego* (XX – XXII) Escrito em parceria com Monteiro Lobato.	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	22/11/1906	ano IV/ n. 177	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Gonache* [sic] [II] Obs.: Assinado com o pseudônimo L. Godoy	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	22/11/1906	ano IV/ n. 177	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
O Queijo de Minas ou História de um nó cego* (XXV – XXX) Escrito em parceria com Monteiro Lobato.	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	29/11/1906	ano IV/ n. 178	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
O Queijo de Minas ou História de um nó cego* (XXXI – XXXIII) Escrito em parceria com Monteiro Lobato.	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	20/12/1906	ano IV/ n. 181	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
História de bonecas*	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	27/12/1906	ano IV/ n. 182	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
O Queijo de Minas ou História de um nó cego* (XXXIV – XXXVIII) Escrito em parceria com Monteiro Lobato.	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	04/01/1907	ano IV/ n. 183	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Como se faz uma visita*	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	17/01/1907	ano IV/ n. 185	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Regeneração* (Conclusão)	<i>Minarete</i> (Pindamonhangaba - SP)	01/10/1908	ano VI/ n. 272	APESP, coleção do IHGSP. Localização: CX. 0246.
Texto atacando a ortografia prevista na reforma de 1911* - Texto não localizado	<i>A Lanterna</i> (São Paulo)	desconhecido	desconhecido	Referência em <i>A barca de Gleyre</i> , carta de 09/08/1912.
A propósito do Amor imortal*	<i>O Archivo: Orgam Imparcial</i> (Alfenas - MG)	31/12/1915	ano I/ n. 24	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Fragmento de <i>Vida ociosa</i> , enviado por Monteiro Lobato - Texto não localizado	<i>O Estado de S. Paulo/ Estadinho</i> (São Paulo)	data provável: entre 4 de agosto e 7 de setembro de 1915	desconhecido	Referência em <i>A barca de Gleyre</i> , carta de 07/09/1915.

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
Excerto na página literária - Texto não localizado	<i>O Estado de S. Paulo/ Estadinho</i> (São Paulo)	23/10/1915	desconhecido	Referência na seção "Notícias Diversas", no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , em 23 de outubro de 1915. Exemplar disponível no Acervo Digital de <i>O Estado de S. Paulo</i> .
A mosca* (Fragmento)	<i>O Estado de S. Paulo/ Estadinho</i> (São Paulo)	23/11/1915	desconhecido	Acervo <i>O Estado de S. Paulo</i> .
O hóspede* - Texto não localizado	<i>O Estado de S. Paulo/ Estadinho</i> (São Paulo)	11/12/1915	desconhecido	Referência na seção "Notícias Diversas", no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , em 11 de dezembro de 1915. Exemplar disponível no Acervo Digital de <i>O Estado de S. Paulo</i> .
Pirata* - Texto não localizado	<i>O Estado de S. Paulo/ Estadinho</i> (São Paulo)	24/06/1916	desconhecido	Referência na seção "Notícias Diversas", no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , em 24 de junho de 1916. Exemplar disponível no Acervo Digital de <i>O Estado de S. Paulo</i> .
Notas sobre o escritor Euclides da Cunha* - Texto não localizado	<i>A Vida Moderna</i> (São Paulo)	1916	desconhecido	Referência em <i>A barca de Gleyre</i> , carta de 08/08/1916.
O estilo de Fialho*	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	jan./1917	ano II/ n. 13	Hemeroteca Digital da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp); Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) /Universidade de São Paulo (USP).

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
O Queijo de Minas ou História de um nó cego (I – IV) – Obs.: Assinado com o pseudônimo <i>Té Bézuquet</i> , em parceria com Helio Bruma – pseudônimo de Monteiro Lobato	<i>A Vida Moderna</i> (São Paulo)	25/01/1917	ano XII/ n. 304	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
O Queijo de Minas ou História de um nó cego (V – VI) – Obs.: Assinado com o pseudônimo <i>Té Bézuquet</i> , em parceria com Helio Bruma – pseud. de Monteiro Lobato	<i>A Vida Moderna</i> (São Paulo)	08/02/1917	ano XII/ n. 305	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
O Queijo de Minas ou História de um nó cego (VII – X) – Obs.: Assinado com o pseudônimo <i>Té Bézuquet</i> , em parceria com Helio Bruma – pseudônimo de Monteiro Lobato	<i>A Vida Moderna</i> (São Paulo)	22/02/1917	ano XII/ n. 306	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
O telegrama*	<i>A Vida Moderna</i> (São Paulo)	22/02/1917	ano XII/ n. 306	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XI – XII) – Obs.: Assinado com o pseudônimo <i>Té Bézuquet</i> , em parceria com Helio Bruma – pseudônimo de Monteiro Lobato	<i>A Vida Moderna</i> (São Paulo)	15/03/1917	ano XII/ n. 307	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XIII) – Obs.: Assinado com o pseudônimo <i>Té Bézuquet</i> , em parceria com Helio Bruma – pseudônimo de Monteiro Lobato	<i>A Vida Moderna</i> (São Paulo)	12/04/1917	ano XII/ n. 309	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Vida ociosa ^{*743} (capítulos I a IV)	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	mai./1917	ano II/ n. 17	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
Vida ociosa * (capítulos V a VII)	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	jun./1917	ano II/ n. 18	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
Vida ociosa * (capítulos VIII a IX)	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	jul./1917	ano II/ n. 19	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
Um animal estranho *	<i>A Vida Moderna</i> (São Paulo)	02/08/1917	ano XIII/ n. 317	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional
Vida ociosa * (capítulos X a XII)	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	ago./1917	ano II/ n. 20	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.

⁷⁴³ Apesar de alguns fragmentos terem circulado nas páginas de *O Estado de S. Paulo*, foi na *Revista do Brasil* que *Vida ociosa* ganhou sua primeira versão integral, com capítulos dados em sequência em oito números do periódico.

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
Falange gloriosa* Texto não localizado	<i>O Estado de S. Paulo/ Estadinho</i> (São Paulo)	1917	desconhecido	Referência em <i>A barca de Gleyre</i> , carta de 24/09/1917.
Vida ociosa* (capítulos XIII a XV)	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	set./1917	ano II/ n. 21	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
Vida ociosa* (capítulos XVI a XVIII)	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	out./1917	ano II/ n. 22	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
Vida ociosa* (capítulos XIX a XX)	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	dez./1917	ano II/ n. 24	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
Vida ociosa* (capítulos XXI a XXII)	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	jan./1918	ano III/ n. 25	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
Menotti Del Picchia*	Correio do Sul (Santa Rita do Sapucaí – MG)	17/02/1918	desconhecido	Acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Fundação Cultural de Blumenau (SC).
Meu parente*	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	jun./1918	ano III, n. 30	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
O destacamento*	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	jul./1918	ano III, n. 31	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
O oráculo*	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	mai./1919	ano IV, n. 41	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
A formiguinha	<i>Fon-Fon!</i> (Rio de Janeiro)	02/08/1919	ano XIII, n. 31	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Um animal estranho	<i>Fon-Fon!</i> (Rio de Janeiro)	18/10/1919	ano XIII, n. 42	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
Paralelismo*	<i>A Reforma</i> (Acre)	26/10/1919	ano II, n.77	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
O gordo Antero*	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	out./1919	ano IV, n. 46	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
A retirada da Laguna (O colérico abandonado sobrevivente)*	<i>O Estado de S. Paulo</i> (São Paulo)	04/11/1919	ano XLV, n. 14.915	Acervo <i>O Estado de S. Paulo</i> .
A retirada da Laguna (O colérico abandonado sobrevivente)	<i>A Federação</i> (Porto Alegre - RS)	13/11/1919	ano XXXVI, n. 268	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Passeio ao céu*	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	mai./1920	ano V, n. 53	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
O croisée*	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	jun./1920	ano V, n. 54	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
A retirada da Laguna (O colérico abandonado sobrevivente)	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	jul./1920	ano V, n. 55	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
O destacamento	<i>A Novela Semanal</i> (São Paulo)	09/05/1921	ano I, n. 2	Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.
O avô*	<i>A Novela Semanal</i> (São Paulo)	23/07/1921	ano I, n. 13	Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.
Os oitenta contos* Texto não localizado	<i>O Dia</i> (Juiz de Fora? – MG)	1921	desconhecido	Referência em <i>A barca de Gleyre</i> , carta de 08/07/1921.

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
Frases feitas* Texto não localizado	<i>O Dia</i> (Juiz de Fora? – MG)	1921	desconhecido	Referência localizada ao final da transcrição do texto na <i>Revista do Brasil</i> (ano VII, n. 77, mai. 1922, seção “Resenha do Mês”, p. 79-81).
O convescote* Texto não localizado	<i>O Dia</i> (Juiz de Fora? – MG)	1921	desconhecido	Referência localizada ao final da transcrição do texto na <i>Revista do Brasil</i> (ano VII, n. 78, jun. 1922, seção “Resenha do Mês”, p. 173-176).
Mealhas* Texto não localizado	<i>O Dia</i> (Juiz de Fora? – MG)	1921	desconhecido	Referência localizada ao final da transcrição do texto na <i>Revista do Brasil</i> (ano VII, n. 79, jul. 1922, seção “Resenha do Mês”, p. 267-269).
O grilo*	<i>Novela Mineira</i> (Belo Horizonte – MG)	set./1921	fascículo I, v. 1	Acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Fundação Cultural de Blumenau (SC).
O transfuga*	<i>Novela Mineira</i> (Belo Horizonte – MG)	dez./1921	fascículo IV, v. 1	Acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Fundação Cultural de Blumenau (SC).
O avô	<i>Novela Mineira</i> (Belo Horizonte – MG)	1922	fascículo IX e X, v. 1	Acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Fundação Cultural de Blumenau (SC).

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
Frases feitas	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	mai./1922	ano VII, n. 77	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
O convescote	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	jun./1922	ano VII, n. 78	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
Mealhas	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	jul./1922	ano VII, n. 79	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
O legado	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	set./1922	ano VII, n. 81	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
Manequinho	<i>O Brasil</i> (Rio de Janeiro)	17/09/1922	ano I, n. 152	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
O sentenciado Lourenço Texto não localizado	<i>La Nación</i> (Buenos Aires – Argentina)	desconhecido	desconhecido	Referências em <i>A barca de Gleyre</i> , cartas de 09/11/1921 e 16/01/1923.
Aspectos mineiros* Texto não localizado	<i>O Estado de S. Paulo</i> (São Paulo)	1922	desconhecido	Referência localizada ao final da transcrição do texto na <i>Revista do Brasil</i> (ano VIII, n. 87, mar. 1923, seção “Debates e Pesquisas”, p. 278-282).
Aspectos mineiros	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	mar./1923	ano VIII, n. 87	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
Velhos cromos*	<i>Gazeta de Notícias</i> (Rio de Janeiro)	26/12/1923	ano XLVIII, n. 294	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Um animal estranho	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	fev./1924	ano VIII, n. 98	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
O bedel*	<i>Revista do Brasil</i> (São Paulo)	abr./1924	ano VIII, n. 100	Hemeroteca Digital da Unesp; Biblioteca do IEB / USP.
O carteiro* Fragmento)	<i>A Revista</i> (Belo Horizonte – MG)	ago./1925	ano I, n. 2	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Os caprichos da sorte*	<i>A Revista</i> (Belo Horizonte – MG)	set./1925	ano I, n. 3	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Artigo – Texto não localizado	<i>O Estado de S. Paulo</i> (São Paulo)	data provável: 07/08/1925	desconhecido	Referências em <i>A barca de Gleyre</i> , carta de 07/08/1925.
O destacamento	<i>Vida policial</i> (Rio de Janeiro)	12/12/1925	ano I, n. 40	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
O destacamento (continuação)	<i>Vida policial</i> (Rio de Janeiro)	19/12/1925	ano I, n. 41	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
As loucuras de amar*	<i>Feira Literária</i> (São Paulo)	abr./1927	v. IV	Acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Fundação Cultural de Blumenau (SC).
A síncope*	<i>Verde</i> (Cataguases – MG)	nov./1927	ano I, n. 3	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
As sete apelações*	<i>Festa</i> (Rio de Janeiro)	01/01/1928	ano I, n. 4	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
O gordo Antero	<i>Diário Nacional</i> (São Paulo)	14/10/1928	ano II, n. 403	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
As pequeninas*	<i>Alvorada</i> (Campanha – MG)	jun./1929	ano I, n. 7	Acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Fundação Cultural de Blumenau (SC).

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
O oráculo	<i>Diário Nacional</i> (São Paulo)	11/07/1930	ano III, n. 930	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Meu parente	<i>Para Todos</i> (Rio de Janeiro)	10/01/1931	ano XIII, n. 630	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Uma de cá... outra de lá*	<i>Feira Literária</i> (São Paulo)	mai./1932	v. II (segunda fase)	Acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Fundação Cultural de Blumenau (SC).
Eça de Queiroz tradutor*	<i>O Estado</i> (Florianópolis – SC)	07/12/1933	ano XIX, n. 6.059	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Eça de Queiroz tradutor	<i>Diário de Notícias</i> (Rio de Janeiro)	10/12/1933	ano IV, n. 2.148	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Eça de Queiroz traduzido*	<i>Diário da Manhã</i> (Vitória –ES)	15/12/1933	ano XXVII, n. 2.585	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Eça de Queiroz traduzido	<i>Diário de Notícias</i> (Rio de Janeiro)	24/12/1933	ano IV, n. 2.160	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Eça e Rider Haggard*	<i>Diário de Notícias</i> (Rio de Janeiro)	24/12/1933	ano IV, n. 2.160	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Não matará*	<i>O Estado</i> (Florianópolis – SC)	04/01/1934	ano XIX, n. 6.081	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Os óculos	<i>O Ibiraci</i> (Minas Gerais)	15/11/1936	ano X, n. 400	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Malditos os que matam*	<i>O Jornal</i> (Rio de Janeiro)	31/10/1937	ano XIX, n. 5.640	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Traduzir inglês*	<i>O Jornal</i> (Rio de Janeiro)	28/11/1937	ano XIX, n. 5.663	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Antero, o irrepreensível	<i>O Jornal</i> (Rio de Janeiro)	12/12/1937	ano XIX, n. 5.675	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
Antero, o irrepreensível	<i>Diário de Pernambuco</i> (Recife – PE)	19/12/1937	ano 112, n. 340	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Presente de Natal*	<i>O Jornal</i> (Rio de Janeiro)	25/12/1937	ano XIX, n. 5.686	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
O destacamento	<i>Boa Nova</i> (Rio de Janeiro)	out./1938	ano VI, n. 63	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
O avô	<i>Beira-mar</i> (Rio de Janeiro)	04/02/1939	ano XVII, n. 627	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Caprichos da sorte	<i>Tentativa</i> (Belo Horizonte – MG)	jun./1939	ano I, n. 3	Acervo dos Escritores Mineiras/ UFMG; Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.
Um animal estranho	<i>Tentativa</i> (Belo Horizonte – MG)	set./1939	ano I, n. 6	Acervo dos Escritores Mineiras/ UFMG; Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.
Colaboração – Texto não localizado	<i>Cérebro</i> (Belo Horizonte – MG?)	set./1939	desconhecido	Referência na seção “Pelourinho”, da revista <i>Boa Nova</i> (Rio de Janeiro, ano VII, n. 77, p. 45, dez. 1939). Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Quando Cadran le foglie...*	<i>Dom Casmurro</i> (Rio de Janeiro)	21/09/1940	ano IV, n. 165-166	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Os óculos Texto não localizado	<i>Novidades</i> (Belo Horizonte – MG)	abr./1944	desconhecido	Referência na seção “Publicações”, do jornal <i>Gazeta de Notícias</i> (Rio de Janeiro, ano 70, n. 103, p. 6, 4 mai. 1944).
A carteira*	<i>Alterosa</i> (Belo Horizonte – MG)	ago./1944	n. 52	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, C.16/X – 113.

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
Caprichos da sorte	<i>Letras Brasileiras</i> (Rio de Janeiro)	jan./1945	ano III, n. 21	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
A retirada da Laguna (O colérico abandonado sobrevivente)	<i>Alterosa</i> (Belo Horizonte – MG)	set./1945	ano VII, n. 65	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, C.16/X – 126.
Júlio Ribeiro – Algumas notas sobre o homem e o romancista*	<i>Província de São Pedro</i> (Porto Alegre – RS)	jun./1946	n. 5	Acervo pessoal de Enéas Athanázio, depositado no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Fundação Cultural de Blumenau (SC).
Romantismo*	<i>Alterosa</i> (Belo Horizonte – MG)	mar./1947	n. 83	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, C.16/X – 144.
Romantismo* (continuação)	<i>Alterosa</i> (Belo Horizonte – MG)	abr./1947	n. 84	Portal da Prefeitura de Belo Horizonte – Fundação Municipal de Cultura/ Arquivo Público.
Os oitenta contos	<i>Correio da Manhã</i> (Rio de Janeiro)	19/10/1947	ano XLVII, n. 16.246	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Capítulo de <i>Os bem casados*</i> Texto não localizado	<i>Literatura</i> (Rio de Janeiro)	jan./fev. – 1948	n. 7	Referência em <i>O Jornal</i> (Rio de Janeiro, ano XXX, n. 8.532, 22 fev. 1948).
Namoro*	<i>Província de São Pedro</i> (Porto Alegre – RS)	mar./jun. – 1948	n. 11	DELFO – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Prosa de rua*	<i>Alterosa</i> (Belo Horizonte – MG)	jul./1948	n. 99	Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, C.16/X – 160.

TÍTULO DE AUTORIA DE GODOFREDO RANGEL	PERIÓDICO	DATA DA PUBLICAÇÃO	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	LOCALIZAÇÃO DO EXEMPLAR CONSULTADO
O telegrama	<i>Diário de Notícias</i> (Rio de Janeiro)	10/10/1948	ano XIX, n. 7.965	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Caprichos da sorte	<i>Alterosa</i> (Belo Horizonte – MG)	jan./1949	n. 105	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Flores secas	<i>Alterosa</i> (Belo Horizonte – MG)	mar./1949	n. 107	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
O gordo Antero	<i>Alterosa</i> (Belo Horizonte – MG)	nov./1949	n. 115	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Os besouros	<i>Correio Paulistano</i> (São Paulo)	19/06/1949	ano XCV, n. 28.590	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
Os óculos	<i>Correio da Manhã</i> (Rio de Janeiro)	02/10/1949	ano XLIX, n. 17.346	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.
O legado	<i>O Acre</i> (Rio Branco – AC)	23/07/1950	ano XX, n. 984	Hemeroteca Digital Brasileira/ Fundação Biblioteca Nacional.

Complemento C - Colaborações de Godofredo Rangel no *Minarete*

	TÍTULO	ANO	NÚMERO	DATA
1.	Simbólico vagido (I)	I	22	26/11/1903
	Simbólico vagido (II)	I	23	03/12/1903
2.	Pálida, pálida!	I	24	10/12/1903
3.	A chácara	I	27	01/01/1904
4.	Hurrah!	I	30	21/01/1904
5.	Um literato (I)	I	38	17/03/1904
6.	Guahyra	I	43	21/04/1904
7.	Ave-Maria	I	47	19/05/1904
8.	Viagem perene	II	72	10/11/1904
9.	Gonache [sic] (I)	II	82	26/01/1905
10	O bem	III	106	13/07/1905
11.	Dona Fidalma	III	128	14/12/1905
12.	Martha	III	130	28/12/1905
13.	Do Alfa ao Ômega	III	132	11/01/1906
14.	Recordações do passado	III	152	31/05/1906
15.	O Sebastião	III	154	14/06/1906
	O Sebastião (II)	IV	159	19/07/1906
	O Sebastião (III)	IV	161	02/08/1906
	O Sebastião (III)	IV	162	09/08/1906
	O Sebastião (IV)	IV	163	16/08/1906
16.	O Queijo de Minas ou História de um nó (I – V)	IV	171	11/10/1906
	O Queijo de Minas ou História de um nó cego (VI – XI)	IV	172	18/10/1906
	O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XII – XVII)	IV	174	01/11/1906
	O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XVII – XVIII)	IV	175	08/11/1906
	O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XIV [sic] – XX)	IV	176	15/11/1906

	TÍTULO	ANO	NÚMERO	DATA
	O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XX – XXII)	IV	177	22/11/1906
17.	Gonache [sic] (II)	IV	177	22/11/1906
	O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XXV – XXX)	IV	178	29/11/1906
	O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XXXI – XXXIII)	IV	181	20/12/1906
18.	História de bonecas	IV	182	27/12/1906
	O Queijo de Minas ou História de um nó cego (XXXIV – XXXVIII)	IV	183	04/01/1907
19.	Como se faz uma visita	IV	185	17/01/1907
20.	Regeneração (Conclusão)	VI	272	01/10/1908

Complemento D - Traduções e revisões assinadas por Godofredo Rangel

	TÍTULO	AUTOR (ES)	EDITORA	ANO	COLEÇÃO
1	A mulher	Jules Michelet	Ed. Monteiro Lobato	1925	–
2	As irmãs brancas	L. Barclay	Cia. Editora Nacional	1928	Biblioteca das Moças (vol. 95)
3	Casar é bom	Germaine Acremant	Cia. Editora Nacional	1928	Biblioteca das Moças (vol. 101)
4	Voltou, mas esqueceu	Florence Barclay	Cia. Editora Nacional	1928	–
5	O Castelo Encantado	Guy Chantepleure	Cia. Editora Nacional	1928/ 1929	Biblioteca das Moças
6	Enquanto é tempo de amar	Florence L. Barclay	Cia. Editora Nacional	1929	Biblioteca das Moças (vol. 133)
7	Alvorada de Amor	Flora Klickmann	Cia. Editora Nacional	1929	Biblioteca das Moças (vol. 41)
8	Amor e casamento	Marie Carmichael Stopes	Cia. Editora Nacional	1929/ 1935	Biblioteca de Educação Sexual
9	O caminho da felicidade	Victor Pauchet	Cia. Editora Nacional/ Civilização Brasileira	1929/ 1935	Obras Educativas
10	Radiante maternidade	Marie Carmichael Stopes	Cia. Editora Nacional	1929/ 1935	Biblioteca de Educação Sexual
11	A cura pelo pensamento	Pierre Vachet	Cia. Editora Nacional	1930	–
12	Remédio para a vida moderna	Pierre Vachet	Cia. Editora Nacional	1930	–
13	A tragédia de minha vida	Oscar Wilde	Civilização Brasileira Editora	1931	–
14	O sheik	E. M. Hull (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1931	Paratodos

	TÍTULO	AUTOR (ES)	EDITORA	ANO	COLEÇÃO
15	A esposa que não foi beijada	Berta Ruck	Cia. Editora Nacional	1932	Biblioteca das Moças (vol. 58)
16	A vida de Santo Agostinho	Giovanni Papini	Cia. Editora Nacional/ Civilização Brasileira	1932	–
17	Eldorado	Baronesa Orczy	Cia. Editora Nacional	1932?	Paratodos
18	As cruzadas	E. Barrington	Cia. Editora Nacional	1933	Paratodos
19	Como pensamos: como formar e educar o pensamento	John Dewey	Cia. Editora Nacional	1933	Biblioteca Pedagógica Brasileira – Série: Atualidades Pedagógicas
20	Lógica	Louis Liard	Cia. Editora Nacional	1933	Biblioteca Pedagógica Brasileira -Livros didáticos
21	O clube dos suicidas	Robert Louis Stevenson	Cia. Editora Nacional	1933	Paratodos (vol. 29)
22	O corsário vermelho	James Fenimore Cooper	Cia. Editora Nacional?	1933	Terramarear (vol. 9)
23	A ilha de coral	Robert Michel Ballantyne	Cia. Editora Nacional	1933/ 1935	Terramarear (vol. 10)
24	A vida de Disraeli	Andre Maurois	Cia. Editora Nacional	1933/ 1936/ 1941/ 1945	Biblioteca do Espírito Moderno
25	Mulherzinhas	Louise May Alcott (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1934	Biblioteca das Moças (vol. 119)
26	O homem do Hotel Carlton	Edgard Wallace	Cia. Editora Nacional	1934	Série Negra (vol. 2)
27	O tesouro das ilhas Galápagos	André Armandy (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1934	Terramarear (vol. 26)
28	O it	Elinor Glyn	Cia. Editora Nacional	1934	Biblioteca das Moças (vol. 78)

	TÍTULO	AUTOR (ES)	EDITORA	ANO	COLEÇÃO
29	O guia da saúde	Mahatma Gandhi	Cia. Editora Nacional/ Civilização Brasileira	1934	Obras Educativas (vol.3)
30	O pimpinela escarlata	Baronesa Orczy	Cia. Editora Nacional	1934/ 1935	Paratodos (vol. 8)
31	Sede otimistas	Victor Pauchet	Civilização Brasileira	1934/ 1935	Obras Educativas
32	O filho de Tarzan	Edgard Rice Burroughs	Cia. Editora Nacional	1934/ 1935	Terramarear (vol. 24)
33	Os filhos: sua preparação para a vida	Victor Pauchet	Cia. Editora Nacional/ Civilização Brasileira	1935	Obras Educativas
34	Francesca	Cecil Adair	Cia. Editora Nacional	1935	Biblioteca das Moças (vol. 3)
35	Tarzan, o rei da Jangal	Edgar Rice Burroughs	Cia. Editora Nacional	1935	Terramarear (vol. 37)
36	História da Filosofia	Will Durant (tradução em colaboração com Monteiro Lobato)	Cia. Editora Nacional	1935	Biblioteca do Espírito Moderno (vol. 1)
37	Conservai a mocidade	Victor Pauchet	Civilização Brasileira - Cia. Editora Nacional	1935	Livros Educativos
38	<i>O Intelligence Service</i> – Os dramas da espionagem internacional	Robert Boucard (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1935	Série Negra (vol. 16)
39	Os mistérios dos arquivos secretos	Robert Boucard (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1935	Série Negra (vol. 15)
40	Vendida!	W. Heimburg (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1935/ 1936	Biblioteca das Moças (vol. 9)
41	A porta dos traidores	Edgard Wallace	Cia. Editora Nacional	1936	Série Negra (vol. 20)
42	As cruzadas, os homens de ferro e os santos	Harold Lamb	Cia. Editora Nacional	1936	Paratodos

	TÍTULO	AUTOR (ES)	EDITORA	ANO	COLEÇÃO
43	O fantasma de Sandokan	Emílio Salgari	Cia. Editora Nacional	1936	Terramarear (vol. 46)
44	Perdidos no deserto	Mayne Reid	Cia. Editora Nacional	1936	Terramarear (vol. 47)
45	Scaramouche, fazedor de reis	Rafael Sabatini	Cia. Editora Nacional	1936	Paratodos
46	Democracia e educação	John Dewey (tradução em colaboração com Anísio Teixeira)	Cia. Editora Nacional	1936	Biblioteca Pedagógica Brasileira - Série: Atualidades Pedagógicas (vol. 21)
47	Terra de suspeição	André Armandy (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1936	Terramarear (vol. 41)
48	Caçadores de Hereges	Raphael Sabatini	Cia. Editora Nacional	1936	Paratodos (vol. 10)
49	Filha e rival	Henri Ardel (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1936	A Nova Biblioteca das Moças (vol. 14)
50	As ex-esposas	autoria anônima	Civilização Brasileira	1936	Biblioteca da mulher moderna (vol. 4)
51	O falsário	Edgar Wallace (tradução em colaboração com Waldemar Cavalcanti)	Cia. Editora Nacional	1936	Série Negra (vol. 11)
52	História da Civilização	Will Durant	Cia. Editora Nacional	1937	–
53	O outro milagre	Henry Ardel (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1937	Biblioteca das Moças (vol. 34)
54	Guilherme, o grumete	Mayne Reid (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1937	Terramarear (vol. 61)
55	Sede um dominador	Jean des Vignes Rouges	Civilização Brasileira	1937	Obras Educativas
56	Na fronteira indiana	Lucien Biart (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1937	Terramarear (vol. 56)

	TÍTULO	AUTOR (ES)	EDITORA	ANO	COLEÇÃO
57	Nas selvas do México	Lucien Biart (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1937	Terramarear (vol. 57)
58	O engenheiro Pinson	Lucien Biart (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1937	Terramarear (vol. 55)
59	O segredo do mestiço	Lucien Biart (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1937	Terramarear (vol. 58)
60	Os exilados da Terra	Andre Laurie (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1937	Terramarear (vol. 59)
61	Perdidos na lua	Andre Laurie (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1937	Terramarear (vol. 60)
62	Areias ardentes	Percival C. Wren (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1937	Paratodos (vol. 17)
63	Presidente Fu Manchu	Sax Rohmer	Cia. Editora Nacional	1937	Série Negra (vol. 22)
64	Guerra sem piedade	Marten Cumberland (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1937	Série Negra (vol. 24)
65	Porque os homens falham	Morris Fishbein e William A. White (Orgs.)	Civilização Brasileira/ S.A.	1938	Obras Educativas (vol. 14)
66	Cinzas do passado	Myrtle Reed	Cia. Editora Nacional	1938	Biblioteca das Moças (vol. 56)
67	Os judeus e nós os cristãos	Oscar de Férenzy	Cia. Editora Nacional	1939	—
68	Oscar Wilde, sua vida e confissões	Frank Harris	Cia. Editora Nacional	1939	Coleção Vidas Célebres (vol. 6)
69	A ciência da natureza humana	Alfred Adler (tradução em colaboração com Anísio Teixeira)	Cia. Editora Nacional	1939	Biblioteca do Espírito Moderno
70	Uma noiva em leilão	Concordia Merrel (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1939	Biblioteca das Moças (vol. 69)

	TÍTULO	AUTOR (ES)	EDITORA	ANO	COLEÇÃO
71	Madre Cabrini	Nello Vian	Cia. Editora Nacional	1939	Christiana: Biblioteca do Pensamento Católico (vol. 2)
72	Os judeus e nós os cristãos	Oscar de Férenzy	Cia. Editora Nacional	1939	Biblioteca do Pensamento Católico (vol. 1)
73	Um coração entre flores	T. Trilby (tradução revista por Godofredo Rangel)?	Cia. Editora Nacional	1939/ 1955	Biblioteca das Moças (vol. 71)
74	Maravilhas da Medicina	David Dietz	José Olympio	1940	A ciência de hoje
75	Noites de vigília	A. J. Cronin	José Olympio	1940	–
76	O crime da casa solitária	Ellery Queen	Cia. Editora Nacional	1940	Paratodos (vol. 23)
77	Pupila sem tutor	Charles Foley (tradução revista por Godofredo Rangel)	Cia. Editora Nacional	1940	Biblioteca das Moças (vol. 75)
78	O batedor de florestas	Gabriel Ferry	Cia. Editora Nacional	1940	Terramarear (vol. 62)
79	O príncipe de Metternich: sua vida política e amorosa	Raoul Auernheimer	Vecchi	1940	–
80	Paul Frischauer	Beaumarchais, o aventureiro do século da mulher	Cia. Editora Nacional	1942	Biblioteca do Espírito Moderno (vol. 25)
81	Como devemos viver: guia para gozar saúde baseado na ciência moderna	Irving Fischer; Haven Emerson	Cia. Editora Nacional	1942	–
82	Onde estão os nossos sonhos?	Howard Spring (tradução em colaboração com Jamil Almansur Haddad)	Cia. Editora Nacional	1943	Biblioteca do Espírito Moderno
83	Horas de amor de um guerreiro	Abel Hermant	Civilização Brasileira	1943	–
84	A felicidade vem depois	Judith Kelly	Civilização Brasileira	1943	–

	TÍTULO	AUTOR (ES)	EDITORA	ANO	COLEÇÃO
85	Cristovão Colombo	Salvador de Madariaga	Vecchi	1944	–
86	História do poderio marítimo	W. O. Stevens e A. Westcott	Cia. Editora Nacional	1944	Biblioteca do Espírito Moderno (vol. 33)
87	Bem aventurados os humildes	Zofia Kossak	Cia. Editora Nacional	1945	Biblioteca do Espírito Moderno (vol. 20)
88	Talleyrand	Duff Cooper	Cia. Editora Nacional	1945	–
89	O apóstolo	Sholem Asch	Cia. Editora Nacional	1945	Biblioteca do Espírito Moderno (vol. 36)
90	História dos Estados Unidos	Andre Maurois	Cia. Editora Nacional	1946	Biblioteca do Espírito Moderno (vol. 40)
91	Zola e seu tempo	Matthew Josephson	Cia. Editora Nacional	1947	Biblioteca do Espírito Moderno
92	O caminho da liberdade	Howard Fast	Cia. Editora Nacional	1947	–
93	A felicidade ao seu alcance	Toulouse	Civilização Brasileira	1950	–
94	História da França	Andre Maurois	Cia. Editora Nacional	1950	Biblioteca do Espírito Moderno (vol. 50)
95	História do mundo para crianças (tradução e adaptação)	Virgil Mores Hillyer	Cia. Editora Nacional	1951	–
96	Geografia pitoresca para as crianças	Virgil Mores Hillyer	Cia. Editora Nacional	1955?	–
97	A crise de nossa civilização	Hilaire Belloc	–	–	–
98	Porque os homens fracassam na vida prática	William White (Org.)	Cia. Editora Nacional		Livros Educativos

Complemento E - Publicações de Godofredo Rangel na *Revista do Brasil*

DATA DA PUBLICAÇÃO	TÍTULO	PÁGINA	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	DESCRIPTIVO	SEÇÃO DA REVISTA
jan./1917	O estilo de Fialho	p. 53-59	ano II/ número 13	Notas	Corpo principal
mai./ 1917	Vida ociosa	p. 82-100	ano II/ número 17	Romance (capítulos i a iv)	Corpo principal
jun./ 1917	Vida ociosa	p. 215-229	ano II/ número 18	Romance (capítulos v a vii)	Corpo principal
jul./ 1917	Vida ociosa	p. 361-369	ano II/ número 19	Romance (capítulos viii a ix)	Corpo principal
ago./ 1917	Vida ociosa	p. 506-519	ano II/ número 20	Romance (capítulos x a xii)	Corpo principal
set./ 1917	Vida ociosa	p. 68-82	ano II/ número 21	Romance (capítulos xiii a xv)	Corpo principal
out./ 1917	Vida ociosa	p. 210-223	ano II/ número 22	Romance (capítulos xvi a xviii)	Corpo principal
dez./ 1917	Vida ociosa	p. 524-536	ano II/ número 24	Romance (capítulos xix a xx)	Corpo principal
jan./ 1918	Vida ociosa	p. 49-58	ano III/ número 25	Romance (capítulos xxi a xxii)	Corpo principal
jun./ 1918	Meu parente	p. 152-159	ano III/ número 30	Conto	Corpo principal
jul./ 1918	O destacamento	p. 307-316	ano III/ número 31	Conto	Corpo principal
mai./ 1919	O oráculo	p. 19-23	ano IV/ número 41	Conto	Corpo principal
out./ 1919	O gordo Antero	p. 121-125	ano IV/ número 46	Conto	Corpo principal
mai./ 1920	Passeio ao céu	p. 28-32	ano V/ número 53	Conto	Corpo principal
jun./1920	O croisée	p. 122-126	ano V/ número 54	Conto	Corpo principal
jul./ 1920	A retirada da Laguna	p. 269-272	ano V/ número 55	Artigo	Resenha do Mês
mai./ 1922	Frases feitas	p. 79-81	ano VII/ número 77	Notas	Resenha do Mês
jun./ 1922	O convescote	p. 173-176	ano VII/ número 78	Conto	Resenha do Mês

DATA DA PUBLICAÇÃO	TÍTULO	PÁGINA	REFERÊNCIAS PERIÓDICAS	DESCRIPTIVO	SEÇÃO DA REVISTA
jul./ 1922	Mealhas	p. 267-269	ano VII/ número 79	Notas	Resenha do Mês
set./1922	O legado	p. 51-56	ano VII/ número 81	Conto	Corpo principal
mar./ 1923	Aspectos mineiros	p. 278-282	ano VIII/ número 87	Resenha	Debates e Pesquisas
fev./ 1924	Um animal estranho	p. 188-190	ano VIII/ número 98	Conto	Curiosidades
abr./ 1924	O bedel	p. 313-316	ano VIII/ número 100	Conto	Corpo principal

Complemento F - Quadro comparativo da circulação dos textos de Godofredo Rangel estampados na *Revista do Brasil*

VERSÃO RB	VERSÃO ANTERIOR À RB	VERSÃO POSTERIOR À RB (PERIÓDICO)	VERSÃO POSTERIOR À RB (LIVRO)	VERSÃO POSTERIOR À RB E LIVRO (PERIÓDICO)
O estilo de Fialho, (01/1917)	-	-	-	-
<i>Vida ociosa</i> - capítulos (04/1917 – 01/1918) ⁷⁴⁴	<i>O Estado de S. Paulo/ Estadinho:</i>	<i>Fon-Fon!</i>	<i>Vida ociosa:</i> romance da vida mineira (Revista do Brasil/ Monteiro Lobato & Cia. – 1920)	<i>La Nación</i>
	Fragmento enviado por Lobato (entre 04/08/1915 e 07/09/1915)			O sentenciado Lourenço (1921) (1923)
	A mosca (23/11/1915)	A formiguinha (02/08/1919)		<i>O Brasil</i>
	O hóspede (11/12/1915)			Manequinho (17/09/1922)
	Pirata (24/06/1916)			
Meu parente (06/1918)	-	→	<i>Andorinhas</i> Meu parente (Monteiro Lobato & Cia -1924)	<i>Para Todos</i> Meu parente (01/1931)
O destacamento (07/1918)	-	<i>A Novela Semanal</i>	<i>Os humildes</i> O destacamento (Editora Universitária – 1944)	-
		O destacamento (09/05/1921)		
		<i>Vida policial</i>		
		O destacamento (12/1925)		
		<i>Boa Nova</i>		
		O destacamento (10/1938)		

⁷⁴⁴ Com exceção do mês de novembro, 1917.

VERSÃO RB	VERSÃO ANTERIOR À RB	VERSÃO POSTERIOR À RB (PERIÓDICO)	VERSÃO POSTERIOR À RB (LIVRO)	VERSÃO POSTERIOR À RB E LIVRO (PERIÓDICO)
O oráculo (05/1919)	-	→	<i>Andorinhas</i> O oráculo (Monteiro Lobato & Cia -1924)	<i>Diário Nacional</i> O oráculo (11/07/1930)
O gordo Antero (10/1919)	-	<i>Diário Nacional</i>	<i>Os humildes</i> O gordo Antero (Editora Universitária – 1944)	O gordo Antero (11/1949)
		O gordo Antero (14/10/1928)		
		<i>O Jornal</i>		
		Antero, o irrepreensível (12/12/1937)		
		<i>Diário de Pernambuco</i>		
Antero, o irrepreensível (19/12/1937)	-	-	-	-
O <i>croisé</i> (06/1920)	-	-	<i>Os humildes</i> O <i>croisé</i> (Editora Universitária – 1944)	-
A retirada da Laguna (07/1920)	<i>O Estado de S. Paulo</i>	<i>Alterosa</i> -	-	-
	A retirada da Laguna (04/11/1919)			
	<i>A Federação</i>	A retirada da Laguna (09/1945)		
Frases feitas (05/1922)	<i>O Dia</i>	-	-	-
	Frases feitas [1921-1922?]			

VERSÃO RB	VERSÃO ANTERIOR À RB	VERSÃO POSTERIOR À RB (PERIÓDICO)	VERSÃO POSTERIOR À RB (LIVRO)	VERSÃO POSTERIOR À RB E LIVRO (PERIÓDICO)
O convescote (06/1922)	<i>O Dia</i>			
	O convescote [1921-1922?]	-	-	-
Mealhas (07/1922)	<i>O Dia</i>			
	Mealhas [1921-1922?]	-	-	-
O legado (09/1922)	-	→	<i>Os humildes</i> O legado (Editora Universitária – 1944)	<i>O Acre</i> O legado (23/07/1950)
Aspectos mineiros (03/1923)	<i>O Estado de S. Paulo</i>			
	Aspectos mineiros (1922)	-	-	-
Um animal estranho (02/1924)	<i>A Vida Moderna</i>			
	Um animal estranho (02/08/1917)	-	<i>Os humildes</i> Um animal estranho (Editora Universitária – 1944)	-
	<i>Fon-Fon!</i> Um animal estranho 18/10/1919			
O bedel (04/1924)	-	-	<i>Os humildes</i> O bedel (Editora Universitária – 1944)	-

Complemento G - *Vida ociosa* – títulos dos capítulos

VIDA OCIOSA (REVISTA DO BRASIL – MAIO 1917 A JANEIRO 1918)	VIDA OCIOSA: ROMANCE DA VIDA MINEIRA (EDIÇÃO DA REVISTA DO BRASIL/ MONTEIRO LOBATO & CIA. – 1920)
Capítulo I	A estrada
Capítulo II	Ruínas
Capítulo III	Acolhimento cordial
Capítulo IV	Um gênio enciclopédico
Capítulo V	Ao café
Capítulo VI	O hóspede
Capítulo VII	Manequinho
Capítulo VIII	O dr. Formiguinha
Capítulo IX	Bocejos e guloseimas
Capítulo X	Tédio
Capítulo XI	Uma história de caçadas
Capítulo XII	No barreiro
Capítulo XIII	Horas de ócio
Capítulo XIV	O aguaceiro
Capítulo XV	Pirata
Capítulo XVI	Fumigações
Capítulo XVII	A cavalo
Capítulo XVIII	O sentenciado Lourenço
Capítulo XIX	<i>Crescite et multiplicamini</i>
Capítulo XX	A cachoeira
Capítulo XXI	Dupla surpresa
Capítulo XXII	Foi suprimido nesta edição

Anexos

RANGEL, Godofredo. O estilo de Fialho. **Revista do Brasil**, São Paulo, v. IV, n. 13, p. 53-59, jan. 1917.

O estilo de Fialho

Cinco manadeiros caudalosos confluem para formar o estilo de Fialho, essa linguagem tão dúctil, tão plástica, que outra não há mais apta para exprimir cambiantes de sensação ou fixar sutis matizes de ideias:

- 1.º A língua comum;
- 2.º O Português clássico;
- 3.º O calão popular;
- 4.º Estrangeirismos;
- 5.º Neologismos.

Relativamente ao purismo, acima de todas as contingências gramaticais, põe Fialho as necessidades superiores da arte, as exigências da expressão.

Este é o supremo critério e única excusativa. Parece que se refere a si próprio, quando escreve sobre Cesário Verde:

Oh meu loiro e irregular Cesário Verde! É lendo os rapazes do teu tempo que a minha adoração por ti redundava em fanatismo! Bem te importavas tu que a Academia te discutisse a legitimidade d'um Termo, quando esse termo exprimisse, num barbarismo insólito que fosse, a cambiante de sensação fina e moderna que tu pretendias dar num verso teu!

Acresce o poder sugestivo de seu estilo, a energia com que dogmaticamente, rigidamente ele afirma. Deste modo, frases que seriam características ditas por outro, adquirem, caindo de sua pena, uma saliência nítida, como se pela primeira vez fossem escritas. Nossa atenção, detém-se em termos incolores, desses que de contraditórios, resvalam habitualmente por ela sem lhe deixar um farrapo de visão ou longes de ideia, e neles descobrimos belezas, que, de despercebidos que eles eram, se ocultavam.

“O céu era azul” – se outrem o diz, eis uma frase vulgar que perpassa; se é Fialho, deslumbra-nos a amplitude de um imenso côncavo de safira; o que põe em relevo os quilates que um estilo ganha, servido pela colaboração simpática do leitor. São como virtudes suas extrínsecas, de inestimável valor.

*

Como escritor é um impulsivo. A emoção do momento é a sua diretriz, a sua filosofia, a sua lógica. Diz o que quer dizer, sem se perguntar se não disse ontem o contrário, e reservando-se também o direito de ter outra opinião amanhã. Quem lê seus vitupérios contra “Os Maias”, no livro “Pasquinadas”, censurando a Eça de Queiroz a permanência no “ponto de vista maldizente dos seus outros volumes”, espera de Fialho um panegírico na toada do Cântico dos Cânticos, reabilitando Lisboa e Portugal, atassalhados pelo autor do Primo Basílio. É assim que profliga a “preocupação do reles, intencionalmente alastrada pelo estudo do sr. Eça, com um desprezo d’estrangeiro que exagerasse a nossa decadência”. E duas folhas atrás:

Para o romancista, a Lisboa dos **Maias** é ainda aquela Lisboa bisonha e suja dos primeiros fascículos das **Farpas**, em que todos os homens são grotescos, idiotas, insignificantes e velhacos; em que não há senão mulheres adúlteras – e toda essa gentilha vivendo em antros que cheiram a catinga, passa a vida a macaquear do estrangeiro, com uma desorientação estética e uma falta de senso, análogas à d’aqueles sobas que andam pelo sertão de tanga rota, chapéu de contra-almirante, e fardeta de lanceiros.

Espera-se, portanto, uma reabilitação fulgurante. Mas é o próprio Fialho que diz mais adiante, no mesmo livro:

Assim, não se pintam duzentos portugueses numa casa fechada, que logo o ambiente não trescale fartuns que nenhuma alimária põe, por mais imunda, no recesso de suas grutas e abrigos. É um fedor impossível de estudar pela química, e d’encontrar em malta humana, estranha a Portugal...

E no mesmo capítulo:

Apura-se das peregrinações da polícia, às moradias da população somenos de Lisboa, que ao pé da nossa, não há cidade do litoral africano que não seja modelar quanto à higiene, e que o tunesino, sobre ser trinta vezes mais pitoresco que o alfacinha, tem ainda sobre ele a vantagem de ser trinta vezes mais asseado.

O senso filosófico com que aprecia a vida e os homens, não obedece a uma falsa sistematização preconcebida, a um teor certo e medida uniforme; daí um manancial de pitoresco, de imprevisto, que não é o menor encanto de sua obra.

E Fialho não tem razão? Cada um de nós é um ente múltiplo, ou melhor, uma multiplicidade de entes encadernados na mesma pele de homem, coagidos a viver vida comum, mau grado sua diversidade de tendências. Como Anatole, ele reivindicaria para si o direito de ter simultaneamente duas ou três filosofias pois “de même qu’une vaste contrée possède les climats les plus divers, il n’y a guère d’esprit étendu qui ne renferme de nombreuses contradictions. A dire vrai, les ames exemptes de tout illogisme me font peur; ne pouvant m’imaginer qu’elles ne se trompent jamais, je crains qu’elles ne se trompent toujours, tandis qu’un esprit qui ne se pique de logique peut retrouver la vérité après l’avoir perdue”.

Em resumo: Fialho é incoerente, porque é espontâneo.

Sua coerência é ser incoerente.

*

É escusado que eu insista sobre certas feições do seu estilo, por exemplo, em sua estima pela antítese, recurso de expressão de que tão abundantemente usaram todos os escritores de todos os tempos, e de que Fialho fazia primores d’arte, como no encerro deste período:

Oh como seria doce a Camilo, cuja obra resume, como a de Herculano e a de Garrett, a genuína literatura portuguesa; como lhe seria doce o escutar de bocas amigas, n’uma ovação suprema, palavras d’afeto, que lhe enchessem de paz os últimos dias! E como havia de resignar-se a entrar na grande noite, esse rebelde, que sendo o maior escritor português do nosso século, ainda achou meio de ser também, entre os homens de gênio, o maior desgraçado!

Sabe-se que há uma “arte da prosa”, e que essa arte tem evoluído, tem enriquecido seus processos, buscando condensar no menor volume de palavras, maior capacidade emotiva. Par e passo com esse desenvolvimento, num estreito paralelismo, evoluiu também a preocupação da nota física, sensitiva, ampliando a alçada das letras, levando-as a forçar a fronteira das artes co-irmãs. A prosa é verso, é pintura, é música, é estatuária. Atingimos por esse modo a uma perfeição que é pouco provável que no futuro se ultrapasse. As necessidades dessa nova prosa, criaram novos recursos de dizer, que, generalizando-se, originaram essa tão conhecida

arquitetura de frase, hoje largamente divulgada, e mesmo barateada, a que se pode chamar – estilo moderno.

Fialho é um representante genuíno de tal estilo pelo talento com que soube apropriar-se de seus *truques*, até de seus defeitos. Destes nos veio a maior parte, talvez, por infiltração do zolismo, porque a rudeza, como material, da sua frase, e a monotonia dos seus processos estilísticos, a tornam mui apta a ser assimilada pela grande massa dos leitores.

Um d'esses sestros naturalistas, é uma certa toada monótona, como escandida a golpes de batuta, aos arrancos, aos arquejos. Leia-se Zola:

Il avait aperçu, au milieu de la foule, ses deux fils, en compagnie de Guillaume Porquier, accourus tous les trois, sans cravate d'une maison des remparts, pour voir le feu.

Confronte-se Coelho Netto:

Uns touros grandes, lustrosos, quase sem chifres, lerdos, pesados, sentindo-se nos pastos, sem préstimo, morrendo à toa; cavalos que não aguentavam uma tirada, frouxos, aguando logo, carneiros muito gordos, mas feios.

E Gustavo Barroso:

A rede é sempre à sombra de um juazeiro, onde ela (a vaca) fica quieta, muda, magra, ossos furando a pele chagada, leprenta, cor de cinza, encontros feridos, com postemas roxas, onde negrejam moscardos buliçosos.

E Fialho:

E simpatizavam, tinham entrado logo a discutir, apertaram-se as mãos à despedida, e às noites, depois do jantar, eram certos na **Brasserie** para o cavaco.

Em outro sítio:

Eram cantigas num tom destoadado, arrastando-se, esguichando-se em uivos, roquejos sanguisedentos, brados de gente que pede socorro, e esse rir imitando o rir humano, sardônico mas inconsciente, que faz arrepiar os cabelos.

Como os modernos, prodigaliza Fialho riquezas de substantivos e adjetivos, reticências expressivas, atributos tomados pelas coisas, plurais agradavelmente sonoros. Às vezes excede-se nos *ss*:

Jamais, nas letargias lívidas do ópio, um china faminto sonhou mais pantagruélicas abundâncias, molhos mais odoríferos, cogumelos e trufas mais tenras e succulentas.

*

Seria um não findar, enumerar suas predileções por vocábulos, desinências ou construções; entre tantas, merece referida sua afeição por “mil” significando grande quantidade indefinida. Veja-se “A cidade do vício”:

Mil peças (206) – mil atenções (207) – mil ingratidões (210) – mil alusões (211) – mil torturas (211) – mil coisas pueris (231) – mil coisas evocadas (251) – mil precauções (253) – mil planos (257), etc.

*

Modos de dizer estafados do naturalismo, que Fialho não desdenhou:

a) *Se* interrogativo, em citação indireta, com palavras do autor. “Se tinham visto o artigo de fulano?”

b) Emprego de *vinham* por *sentiam*. “Vinham-lhe cobardias (*note-se o plural*), transigências graduais em matéria de fé, vacilações atrozes”.

c) Emprego afrancesado do indefinido *todo*. “Hordas de federalistas, comunistas, todo o arraial de oprimidos”.

“... toda uma arte estrondosa e moderna”. Coteje-se Zola:

“Ce carnaval des dieux, l’Olympe trainé dans la boue, toute une religion, toute une poesie bafouées, semblérent un régal exquis”.

d) Improriedade de emprego do indefinido *um*, por influxo francês. “Era tão soberba, que se ficava num pânico”. Confronte-se Zola: “Une chaleur montait de galerie em galerie jusqu’au centre”.

e) Interrogativas sem resposta, intercaladas em fala de personagens. “Já olhaste bem Lisboa? Vale a pena como estudo de monstruosidade”.

E outros.

*

Traço bem saliente da obra fialhesca, irmão gêmeo do tom categórico, afirmativo, já assinalado, é a liberdade com que diz tudo que quer, cruamente, galegamente, sem eufemismos nem circunlóquios, com a expressão justa, embora porca.

Outro não menos típico, também revelador de sua absoluta emancipação de espírito, impondo-se ao leitor com seu feitio próprio, sem adaptar-se a um tipo de harmonia preconcebido, embora usualmente aceito, é a versatilidade com que vai do sério ao picaresco e reverte novamente d'este ao sério; às vezes no mesmo período acotovelam-se o sublime e o chulo, mas tão bem amalgamados pela personalidade inteiriça de quem escreve, que não há quebra de efeito e apenas relevo de ideia. Não posso forrar-me à tentação de citar mais este primor de antítese, onde tão bem se destaca o facies joco-sério do escritor:

Porém as flores... Cuidarão vocês que elas não tenham sensibilidade, ideias, nervos, sangue, como qualquer de nós? Entre a nossa alma e a natureza, não há apenas analogia, há identidade. Como indivíduo, nós somos simplesmente a edição quintessenciada d'esse obscuro ser que se agita difusamente na mais pequena molécula do universo. Interesses análogos, gestações análogas, análogas lutas... Dizer que uma planta não sofre, porque se não sabe queixar na língua em que nós dizemos asneiras, é um erro profundo.

Seu período é cheio, músico, doce de dizer. Com tanta frequência, verseja, que Fialho é quase um poeta. Veja-se, para exemplo, o último período citado:

Dizer que uma planta não sofre (**verso de oito sílabas**) – porque se não sabe queixar (**idem**) – na língua em que nós (**de cinco sílabas**) – dizemos asneiras (**idem**) – é um erro profundo (**idem**).

GODOFREDO RANGEL

RANGEL, Godofredo. Meu parente. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano III, n. 30, p. 152-159, jun. 1918.

Meu parente

Solteiro, sozinho, creio derivava desta circunstância meu estranho devotamento aos raros parentes que longe em longe se me deparavam aqui ou além. Vivendo, devido ao meu cargo público de modesto magistrado, distante dos meus, entre desconhecidos e indiferentes, em uma cidade a que apenas me prendiam frouxamente os laços das funções profissionais, era um faustoso dia, que merecia ser assinalado com uma pedrinha branca, o em que me aparecia algum parente, embora remoto. Procurava-o; oferecia-lhe meus préstimos e minha casa; prazerosamente, em palestras intermináveis, dava-me a reconstituir com essa *avis rara* nossa árvore genealógica; evocávamos o passado, as figuras conhecidas, os mortos queridos, os folguedos comuns, se os houvéramos, enfim, realizávamos entre nós dois, embora passageiramente, essa comunhão espiritual que cimenta amizades duradouras entre pessoas do mesmo sangue. (Hoje – Como se muda! – hoje que vivo entre a parentalha, aturando-lhe as reiteradas importunações, evito-lhe o mais que posso a calamitosa convivência).

Ora, vale a pena contar o que de uma feita me sucedeu, por causa dessa minha antiga balda.

Certo dia, ao voltar do Fórum acompanhado pelo meirinho, que me carregava os livros, avistei-me com um indivíduo vulgar, de trajos de operário e feições um tanto repulsivas, o qual saía de um “frege” muito ordinário, onde, pelos modos, estava hospedado. Soou-me aos ouvidos seu nome: Oriental. Tanto bastou para que eu tivesse um sobressalto. Esse nome era-me familiar. Cansava-me de ouvi-lo à vovozinha, quando ela se punha a desfiar reminiscências e a lembrar parentescos. Oriental seria um meu primo longe, e em crianças convivêramos quiçá um pouquinho, jogáramos, talvez, juntos, o pinhão. (Não poderia afirmá-lo; era bastante vago tudo que me acudia a se respeito).

Mal ouvi aquele nome, pus-me face a face com o homem, filando-o, às mãos ambas, pela gola do paletó:

– Você chama-se Oriental?

Creio que o segurei com um certo desabrimento, porque o homem amarelou e retraiu-se de corpo, como receando agressão, e a voz tremeu-lhe um pouco ao responder:

– Chamo.

– Não é filho de uma sá Maria... Maria o que, meu Deus! lá da Christina?

– Minha mãe se chamava Maria e era daquelas bandas.

– Pois está visto! É você... É meu primo... Oriental! não se lembra de mim, do Felix, do Felinho, com quem em menino você jogava pinhão?

– A modos que não me lembro...

– Há-de se lembrar. Ora você, por estas alturas! Venha de lá um abraço e conte-me como deu com as costas aqui...

A esse ponto, Oriental já estava livre do susto; quando se viu também livre do abraço, que foi longo, e pode falar desimpedidamente, disse-me que era pedreiro e andava de terra em terra, pelo gosto de mudar, trabalhando em seu ofício.

Pedreiro! Torci um pouco o nariz. Mas afinal – disse comigo – podia ser o que fosse. Um parente decaído de fortuna e condição não é um ente indigno que devamos repelir; ao contrário: merece-nos toda a comiseração e apoio. Não devia vexar-me de apertar nas minhas uma mão calejada no trabalho, e em dizer ao dono dessa mão: “Somos do mesmo sangue”.

– E a família, Oriental? perguntei. Onde deixou a mulher, os filhos?

Não tinha filhos; e, quanto à mulher, vivia [havia?] largado.

– O quê, santo Deus! Pois a prima...

– Aquilo era uma bisca muito ordinária! disse-me ele desenvoltamente.

– Oriental! retruquei-lhe com energia. Meça suas palavras, pois bens vê que não estamos sem testemunhas! E sabe que esses segredos de família...

Dei-lhe de olho significativamente, mostrando-lhe o meirinho parado perto, a segurar a penca de livros.

A confiança não foi além; mas o pouco que eu sabia já me enchia de consternação. Largado da mulher! Que vexame para nossa família!

O peso da fatalidade derrubou-me a cabeça sobre o peito e nessa postura conservei-me alguns instantes. Mas a felicidade que me causava o achado precioso que fizera naquele dia, espancou de pronto a passageira sombra. Então disse cordialmente ao primo Oriental:

– Agora basta de conversar na rua. Desde este momento considero-o meu hóspede. Toca para casa.

– Mas é que...

– Nada de objeções! do contrário levo-o debaixo de vara. Ali está o oficial de justiça para cumprir-me as ordens. Vamos!

E, assenhoreando-me despoticamente do seu braço, levei-o à sirga para meu conchego de solteiro.

Se ainda lhe ficava um resto de irresolução, este resto caiu de pronto com o carinhoso acolhimento que lhe fiz em minha casa. Instalei-o no melhor quarto. Recomendei a meu moleque *factotum* prodígios de culinária. Exigi de Oriental que me tratasse de você, animei-o de quantos modos m'o sugeria o espírito de hospitalidade, procurando calar-lhe fundo, de modo imarcescível e reconfortante, a impressão de que estava em sua casa, de que ali era um prolongamento do lar remoto, se é que distante, onde quer que fosse, ainda lhe restava um palmo de lugar a que pudesse dar aquela denominação.

Se no princípio ele usava de cerimônias, nesse dia e nos sucessivos lh'as fui tirando uma a uma pelo modo sumário com que se chapota um ramo. Felizmente Oriental possuía uma assombrosa faculdade de adaptação, que me simplificava consideravelmente a tarefa. Em menos de uma semana já ele mandava ali mais do que eu, fazendo o horário das refeições, das quais regulava o cardápio, utilizando-se de meu guarda-roupa, remexendo em meus papéis, saqueando minha caixa de preciosos charutos, enfim, sentia-se absolutamente à vontade. Eu regozijava-me com vê-lo assim tão de casa. Alvissareiramente comuniquei a notícia do feliz achado aos parentes de longe com quem me correspondia, pedindo-lhes que imitassem um dia o Oriental, dando-me o prazer de uma visita. Realizava então pela primeira vez o meu ideal de ter em minha casa, convivendo comigo, uma pessoa do mesmo sangue. Um parente! Um ente a quem eu podia dar o doce nome de primo! Sua presença ali acarretava toda a sorte de sugestões

agradáveis. Era o passado que de novo se fazia presente, era uma porção de reminiscências queridas revivendo, saudades da vovozinha que se fora e de meus pais que conhecera tão pouco. Ah! eu havia de segurar avaramente ali, como quem se cose a um tesouro que lhe custou achar, aquela criatura de espécie ínfima, sim, mas cuja presença ressuscitava em minh'alma mimosas recordações.

Nunca poderei olvidar a doçura de nossos prolongados serões, quando nos reuníamos na sala de jantar e evocávamos, até muito pela noite dentro, figuras e acontecimentos do passado. Cada um de nós dois desfiava seismatativamente suas reminiscências cerzindo-as com o intercadente estribilho: “Lembra-se? Conheceu? Você se recorda?”

O mau é que Oriental tinha uma memória detestável, um raio de memória que não o deixava recordar-se de cousa alguma. Não conhecia ninguém, não se lembrava de nada, não sabia nada. Nada! Por sua vez, ele só falava em criaturas estranhas para mim: o Nhano, a Chica do Quirino, o Quirino da Chica, o Anardino do Nastacio, nomes de gentinha, estava-se vendo. Em que péssima sociedade se criara o infeliz!

Uns dias depois de tê-lo comigo, cogitei que não ficava bem sequestrá-lo egoisticamente em minha casa. Oriental precisava compartilhar das vantagens de minha posição social, e para isso era indispensável que eu o apresentasse às pessoas de minhas relações.

Confesso que no princípio eu me acanhava um tanto ao sair em companhia de meu decaído parente: sua roupa de riscado, seu chapéu furado, o cinto de lã, de cores carregadas, que lhe segurava as calças... Envergonhava-me, sim! para que negá-lo? Parece que nesses momentos havia em minha cabeça um diabinho zombeteiro que me dizia que meu parente era uma figura ridícula, e eu, dando-lhe meu braço, mais ridículo ainda. Algo mais forte, porém, que os motejos desse diabinho, reagia dentro de mim – era a voz do sangue. Co'os diabos! fosse o que fosse, era meu parente, carne da minha carne, a quem eu devia levantar de sua condição humílima. E pensando assim eu me sentia menos desmantelado ao buscar com ele as casas das pessoas amigas. “Que seja risível, dizia eu comigo, mas por isso mesmo pesa-me nos ombros a responsabilidade de educá-lo, poli-lo, facetá-lo, de tirar da sua figura ratona de capadócio um homem decentemente civilizado.”

E por isso, animado pelo mais louvável dos intuitos, não me esquecia de fazer-lhe um pequenino sermão mais ou menos deste teor, cada vez que recolhíamos, depois de um giro de visitas:

– Olha, Oriental, precisas muito cuidado com as tuas mínimas ações, quando estiveres numa sala. Não é bonito, por exemplo, ao entrar, meter o chapéu em baixo da cadeira. O chão, Oriental, não é lugar apropriado para nele guardarmos um objeto destinado a ornar a parte nobre de nosso corpo. Quando te perguntarem alguma coisa, responde desassombradamente, primo, sem te acanhares, em vez de te pores encolhido, com ar palerma, a coçar pulgas nas duas pernas; não é decente – e poderiam ainda pensar que estás com sarna e recearem apertar-te a mão laboriosa. Ao acabar de beber o café, não submetas a xícara a um movimento rotatório para aproveitar o açúcar do fundo; e, quando tiveres que afirmar ou negar alguma coisa, não digas “nhor sim” nem “nhor não”; deves, preferentemente dizer...

E seguia por aí além o decálogo para uso de meu parente Oriental.

Não sei – ai de mim! – se fui demasiado severo nesses começos; o certo é que de algum tempo em diante primo Oriental se pôs a forjar pretextos para não sair comigo, e poder dar sozinho os seus passeios do lado que entendesse e a salvo de minha ativa e inexorável fiscalização. Evitava-me, o ingrato! Tornou-se isto logo evidente para mim. E o evitar-me não era o maior mal, e sim as boas companhias que repudiava, para frequentar o pior elemento da cidade, o que havia de mais chinfrim. Passava horas nos botequins da cafajestada, onde se excedia nas libações, metia-se em rodas de truque, buscava a convivência de cabras avalentoados de garrucha na cinta e chapéu batido e dançava em batuques da negrada.

Era uma queda vertiginosa, que de dia para dia mais se acentuava. Principalmente a sua incontinência pela bebida. Em casa chupou-me em poucas semanas a garrafaria de reserva, dava-me furo no álcool da lâmpada; fora de casa, então, era a maior catástrofe; nos últimos tempos voltava habitualmente bêbedo aos penates, com o chapéu enviesado, cantando obscenidades; ou então, comprometendo horripelmente minha dignidade de magistrado, era preciso eu ir buscá-lo às piores baiucas.

E se fosse só isso? Mas não! Momentos mais amargos ainda estavam reservados à minha sensibilidade de parente extremo. Pois um dia percebi que meu primo tinha um vício hediondo – furtava. Incrível uma degradação dessas em nossa família; mas era um fato. Depois de sua entrada em casa, começaram a desaparecer alguns objetos miúdos. Um dia, não se supondo ele observado, vi-o revistar os bolsos de um meu paletó, que estava no cabide. Achei natural o seu procedimento; procurava, talvez, fósforos, e a intimidade de nosso trato autorizava-o a essas pequenas confianças. Mas desse momento em diante ficou-me no espírito

uma suspeita, e, embora eu relutasse contra um mau juízo tão deprimente para meu querido primo, pus-me irresistivelmente a observá-lo, a espioná-lo, chegando a preparar-lhe pequenas armadilhas comprobatórias, por exemplo, deixar a carteira aberta sobre a mesa, como esquecida, contendo importância sabida de dinheiro. E ele caía como um inocente em todas elas.

No momento em que me convenci da triste verdade, senti-me profundamente infeliz. A fatalidade esmagava-me de novo. Que mancha feíssima na família, santo Deus! Seria possível que uma pessoa do meu sangue, vergonha do mesmo tronco, resvalasse a uma tal degradação? Não podia concebê-lo. Era uma nevrose, sem dúvida; não passava de um caso de cleptomania. Meu primo era um anormal. Se ali houvesse um especialista de moléstias mentais, eu, sem hesitar, confiaria meu parente aos cuidados da medicina. Por minha própria iniciativa, fiz-lhe tomar às refeições alguns tônicos fosfatados, quedando-me ansioso à espera dos benefícios resultados do tratamento

Vã expectativa! A cleptomania de meu parente agravava-se. Já me rosnava qualquer coisa sobre desmandos seus nos lugares onde bebia e jogava. Esse remoto sussurro foi-se definindo em acusações definidas. Dois meses após sua entrada em minha casa, não era mais segredo para ninguém da cidade, nem para mim, que Oriental era amigo do alheio, e que, se ainda não havia sido autuado, devia-o à muita consideração do delegado pela minha pessoa. A polícia tolerava-lhe as falcatruas, na esperança de que eu lhes pusesse cobro. Tentei-o, na verdade, mas o meu malogro foi completo. Creio que não me restava a mais mínima parcela de força moral sobre meu infeliz parente. Se lhe ralhava com severidade, ele ouvia-me sorrindo, ou punha-se a disfarçar, muito isento, como quem não ouve; eu ameaçava-o com polícia e prisão - e ali ele desfechava uma risadinha sarcástica, infernal, e cravando-me os dois olhinhos acesos em malícia, dizia-me à guisa de desafio:

– Ficava muito bonito para um juiz municipal ter um primo na enxovia. Vamos! Mande-me para lá, se for capaz!

E eu – cobarde que era! – baixava a fronte e silenciava.

Uma vez pilharam-no a pular a cerca de um quintal alheio e foi preso. Quando o soube, corri em seu auxílio, chegando a tempo de tirá-lo das mãos da escolta. Fora quase a realização de minhas ameaças. E pensam que com essa primeira lição ele se atemorizou e se corrigiu? Longe disso! O bandido contava certo com a impunidade, tinha absoluta confiança no meu

devotamento, e continuou a praticar as maiores torpezas, atassalhando de modo irreparável a sua e a minha reputação.

Como se vê, achava-me à borda de um precipício – e tais fossem os futuros sucessos, não seria difícil baquear de todo meu prestígio, completando-se o desastre com a perda de meu emprego. Oriental tornara-se o problema torturante de minha vida.

Ora, foi exatamente a esse momento trágico em que minha situação se me antolhava de todo em todo insolúvel, que o mais suave dos desenlaces veio libertar-me desse horrível pesadelo, restituindo à minha vida a luminosa serenidade dos outros tempos.

O fato sucedeu em dia que começara aziago. Achava-me em casa, a cogitar tristemente na vida, quando me entrou portas a dentro, muito nervoso e impaciente, meu colega delegado. Antes que me recobrasse da surpresa da visita e de suas maneiras insólitas, foi ele dizendo:

– Olha, teu parente Oriental acaba de fazer mais uma das suas proezas. Arrombou o mangueiro do Gomes e furtou uns leitões. Ao fugir com a bacorinhada às costas, foi agarrado pelos camaradas do criador, que o entregaram à polícia. Teu parente está se tornando um escândalo intolerável na cidade. Estou por aqui com ele (gesto de mostrar a garganta), tantas as reclamações que causa. Devido a ele acho-me a pique de perder o sono, o apetite e o sossego, três dons inestimáveis que eu não alienaria por nenhum preço.

– Por piedade, meu amigo!

– Por esta vez, sim, mas será a última. Vou mandar trazê-lo aqui e entregar-to em mãos próprias, para que lhe dês concerto. Aconselha-o, deporta-o, bate-lhe... Enfim – por esta derradeira vez a aplicação da penalidade fica ainda a teu cargo.

Disse, e retirou-se de supetão, como entrara.

Admirável coincidência, que até parece coisa romanceada! Nesse instante preciso o carteiro atira-me pela janela o maço da correspondência, entre a qual vinha a carta de um parente de longe, que trazia este tópico:

“Estás enganado. Esse Oriental cuja estada aí nos comunicas, não é nada nosso; o verdadeiro Oriental nosso parente, o que tu e eu conhecemos, mora aqui atualmente, convive comigo, e manda-te lembranças, prometendo fazer-te breve uma visita para que o fiques

conhecendo, e não o confundas com o primeiro lagalhê do mesmo nome que apareça aí p'r'esses lados”.

Pode-se por isso avaliar a grande isenção de ânimo em que daí a espaço me foram encontrar as praças que comboiavam meu pseudo-parente.

Da porta da rua fizeram continência, e uma delas disse, apontando Oriental:

- Snr. dr., aqui está o primo de V. S.^a, que o dr. delegado mandou trazer.
- Encarei Oriental. Apresentava a cara mais desbriada, mais cínica do mundo.
- Ladrão! Ladrão de porcos! disse-lhe eu severamente.

O patife, sem nem por sombras cogitar de negar, limitou-se a responder com uma risadinha satânica.

– Não se envergonha de ouvir-se acusar de uma ação tão vil, Oriental? Então de nada serviram meus conselhos? Minhas repreensões? Minha criminosa tolerância?

Reiteração da risadinha sarcástica.

– E ainda ri? prossegui eu, com veemência patética. Pois bem! Como estão agora acabados os meios suasórios, você vai ser castigado.

E voltando-me teatralmente para as praças:

- Roubou, não é verdade? Pois o lugar dos ladrões é a cadeia. Podem levá-lo.

Ante o inesperado dessa atitude, Oriental amarelou instantaneamente.

- Não gosto dessas brincadeiras, grunhiu em tom surdo, ainda sem acreditar.
- Podem levá-lo! repeti eu, com autoridade:
- Bam’! disseram as praças a um tempo, tomando cada uma um braço do preso.

Vendo-as dispostas a cumprir minha ordem, Oriental voltou-se para mim fechando uma catadura ameaçadora:

– Ah! Não é brincado? Quer então que eu descangique todos os podres de nossa família? Pois hoje mesmo ponho tudo na rua, pensa que não faço?

Foi a minha vez de sorrir satanicamente:

– Nossa família! Você julga, então, que tenho parentes de sua igualha, sr. vadio, jogador, cachaceiro, larapio?

Desabafei de minha longa humilhação chamando-lhe quanto nome ofensivo sabia de cor. Desta vez ele ficou positivamente tonto. Sua atitude, de ameaçadora caiu improviso a suplicante, e foi com a voz cortada de medo, que ele me exorou, buscando resistir aos soldados que o levavam a reboque:

– Tem pena, Felix! Felinho! Pela nossa vovozinha! Pelos pinhões [sic] que jogamos juntos! Você bem se lembra, Felinho!

– Levem-no! Levem-no! repeti eu, inflexível.

Foi para o xadrez.

No mesmo dia pus fora de casa os seus cacarecos, e mandei lá dentro lavar, desinfetar tudo. E senti-me imensamente aliviado de me ver livre dele, da morrinha dele, da prima “bisca”, do Nhano, do Quirino da Chica, da Chica do Quirino e o resto da caterva.

GODOFREDO RANGEL.

RANGEL, Godofredo. O destacamento. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano III, n. 31, p. 307-316, jul. 1918.

O destacamento

Quase todo o domingo o Baiano turbava o sossego das Três Barras esbordoando sua companheira, a Rufina. A boda era desenvolta, dava corda ao primeiro que encontrasse; e como o Baiano não era cego e havia deliberado casar com ela brevemente, esmerava-se em trazer sempre limpa a sua honra; lavava-a como podia, a cachação, a porrete, e com isso se tornara o terror ao pacatíssimo arraialete mineiro, ao qual se antolhava com a temibilidade de um famigerado facínora. A Câmara, a suma potência local, em consequência de suas terrificantes façanhas reunia-se às vezes extraordinariamente e fazia pressão no subdelegado, o Toniquinho da Candola, para pôr cobro àqueles desmandados. Toniquinho, porém, humílimo boticário de natural pouco belicoso, magricela, vozinha habitualmente chorosa, explicava aos encanecidos vereadores:

– Se autuo o Baiano, ele é capaz de me matar!

– Basta prendê-lo correcionalmente por alguns dias; insinuavam-lhe.

Crescia a dificuldade. Nem pensar em tal!

O caso, como se vê, punha-o em aperturas. Se os amigos do diretório o não coagissem a servir, Toniquinho já se teria demitido do cargo policial.

A Câmara, entretanto, não cedia. Muitas vezes, tomando a iniciativa, ela própria mandava intimar o Baiano, em nome do subdelegado. Avisavam a este com a antecedência necessária, recomendando:

– Passe-lhe uma descalçadeira enérgica; e, se o pilhar de jeito, zás! Tranque-o na despensa. Depois mande-o para a *cadeia*.

Merecia este nome pomposo o galinheiro do padre.

Quando o Baiano acudia à intimação e surgia à porta da botica com o cano da garrucha espiando sob a aba do paletó, o capitão Toniquinho (capitão da Guarda), tremendo, fazia-o entrar para a sala de visitas; tratava-o com toda a atenção, mandando buscar café; e conversava

com voz de mel sobre tudo, menos sobre o verdadeiro motivo da citação. O Baiano, por sinal, começou a tomar-lhe certa amizade; um dia ou outro ele trazia da roça um frango ou um girivá[jerivá] e às vezes chegava a pedir-lhe uns cobres emprestados.

Nesses dias, o que mais incomodava Toniquinho, era a sanha de sua metade contra o valentão. Siá Candola era impressionador espetáculo dos camaristas reunidos; ninguém socava mais depressa uma pilãozada de arroz, ou mais depressa lavava e batia uma trouxa de roupa; o reverso da medalha, porém, era seu gênio explosivo; esgalgada, pele em gelhas, dedos aduncos, olhos agudos de ave de rapina, retratava exteriormente a fúria que internamente era. Ai do Toniquinho se desatendesse! Na vizinhança, que ela trazia em pânico, tinha sempre em andamento sua meia dúzia de pendências; e era mais que certo que todas acabariam em unhada velha.

Ela, em verdade, é que era subdelegada ali. A inércia do Toniquinho em relação ao Bahiano, valia-lhe tremendas descomposturas.

– Ah! Se fosse eu! gritava ela. Havia de ensinar! Nasci para ser homem!

E, se acaso lidava com o arroz, brandia ameaçadoramente a mão de pilão sobre a cabeça do inerme Toniquinho, para reforçar as suas palavras.

Por último, quando o Baiano lá estava, era precisa toda a vigilância do marido para evitar algum despropósito da mulher, que bufava na cozinha, querendo investir para aquele com a sua maça de combate. Toniquinho suplicava-lhe agonizado, em tremuras:

– O’ Candola... Veja, Candola... Candolinha!

Toda a paciência tem limites. Por vezes, ante a insistência dos camaristas, Toniquinho, tão calmo, exasperava-se e mostrava o punho para longe:

– A culpa tem esse governo, que não manda as praças! Juro que, enquanto não vierem, não mexerei mais com uma palha!

Havia tempos, o diretório fizera pedido de um destacamento, sem obter solução.

E Toniquinho da Candola começou a mostrar-se tão exaltado, tão enérgico pela primeira vez em sua vida, falando contra o governo, contra “essa súcia de comedores”, que os políticos o admoestavam em particular:

– Toniquinho, você não faz bem em falar assim. Há tanta gente linguaruda que gosta de intrigar! O governo pode vir a saber.

– Não me importa! Que saiba!

Um belo dia a Câmara resolveu reunir-se para reiterar o pedido das praças. A concorrência [concorrência] como era de esperar, foi enorme, pois, sempre que havia sessão, os tresbarrenses afluíam ao prédio da municipalidade, acotovelando-se, disputando lugares, nunca saciados de ver o impressionador espetáculo dos camaristas, reunidos. E, na verdade, como testemunha ocular, garanto-lhes que era justificada a concorrência [concorrência]. Apenas quem nunca assistiu a uma sessão em Três Barras, não sabe o que é solenidade. Fazia correr arrepios pelo espinhaço do observador. Os vereadores eram velhos, austeros, olhar misterioso e profundo. Quem os visse em volta da comprida mesa, graves, silenciosos, acariciando com gestos lentos as longas barbas brancas, tinha a impressão de achar-se no senado romano. O silêncio, enorme, pesava no recinto como a paz tumular. Nenhum falava, a não ser raramente, uma voz sussurrante, que lembrava a do sacerdote ao altar. A voz solene do presidente abrindo a sessão, o tinir da campainha, a leitura da ata, transportavam o espectador, como se fossem o ritual augusto e cheio de mistérios de uma religião. Os pulmões paravam de arfar, as bocas se abriam, os olhos não se fartavam de pasmar, enquanto lentos e graves os senadores acariciavam as barbas intermináveis.

Explicava-se por essa forma o considerável prestígio de que gozava a edilidade em Três Barras. Ultimamente havia uma nota dissonante, que ameaçava tornar-se para esse prestígio a eiva do célebre vaso trincado. Nos derradeiros meses andava na ordem do dia de todas as sessões, um projeto que mandava entupir no pasto de um dos vereadores, o Manoelzinho Junqueiro, certo rego rasgado de má fé, para onde fugiam águas dos terrenos do agente executivo. O dono do rego recalcitrava, chegando às vezes a erguer asperamente a voz contra os companheiros, no recinto, em risco de fazer-se impopular. Os outros emitiam opinião em longas reticências desfavoráveis ao Manoelzinho, e em olhares irresolutos, sem atrever-se a aprovar o projeto, cuja votação era sempre protelada. Em muitas sessões até nada se falava a respeito; em sua eterna irresolução, limitavam-se os camaristas a olhar para Manoelzinho, ao passo que Manoelzinho fincava os olhos no teto, furioso, entrincheirado em sua pirraça, dando a entender que não cederia uma linha. Debalde a expressão angustiosa de toda a assistência lhe dizia sem palavras: “Manda entupir o rego! Ora, manda, Manoelzinho!” ele fingia não compreender; e destarte, permanecendo a causa da discórdia, reinava constrangimento nas

últimas sessões. Ao casmurro, já o alcunhavam, pelas costas, de Manoelzinho do Rego; por sinal que ele danou ao sabê-lo.

Quando a Câmara se reuniu para tratar novamente da vinda das praças, o gérmen da discórdia tomou vulto, porque Manoelzinho dissentiu, veemente, com palavras acerbas contra o subdelegado, que era todo dos outros camaristas. Como embirrava com o negócio do rego, embirrava semelhantemente agora com o caso das praças, recusando de antemão sua assinatura a tudo que com ele entendesse. Essa atitude, inesperada, causou surpresa e alarme; teceram-se infundas conjecturas sobre o que poderia motivá-la, propalando-se que na política local se tramava às escondidas um princípio de dissidência. Soube-se mais tarde que era medo de soldado, o pueril terror que a farda inspira a todo o mineiro de bibocas arredias da civilização. Nisto os outros vereadores se mostravam mais progredidos, porque, quanto ao pedido das praças, malharam de rijo, resolvendo, nessa sessão e ulteriores realizadas com o mesmo fito, dirigir petições sobre petições ao governo, reforçando o primeiro pedido. E tanto se implorou, insistiu, exigiu, foram tais as súplicas e empenhos, que, por fim, numa bela manhã, desembarcou o destacamento, entre o pânico de uns e regozijo de outros, na estação do modesto lugarejo.

O acontecimento deu brado. Manoelzinho do Rego, vergonhosamente derrotado, retirou-se furioso para sua fazenda. Dessa data em diante embirrou em não aparecer mais em Três Barras. Apenas se abalava para cabalar votos nas cercanias, tramando uma insidiosa dissidência. O patriotismo local, ao contrário, rejubilava, aceso em legítimo orgulho pelo melhoramento adquirido. Quando o destacamento em peso, um cabo e duas praças, carabina ao ombro, passo marcial, atravessou o povoado, olhares derretidos em pasmo pousavam-se sobre eles, acompanhando-os até aonde a vista alcançava, como presos à trajetória de um meteoro raro e miraculoso.

Com essa numerosa milícia, todos se sentiam garantidos e fortes. Ao menor bate-boca, exclamavam os contendores: “Hoje você há de dormir no pau!” E com essa perspectiva, os agravos se desagragavam [*sic*] sem rixas, o punho levantado para esmurrar, não abria o ângulo ameaçador do braço, contente cada qual com roncar em voz sinistra: “Hum! Você já me conhece!” E as próprias línguas taramelavam menos. Valia-se o patrão dessa considerável força, para exigir submissão do empregado e a sogra sonhava, noites a fio, com o genro preso e algemado. O próprio nível das conversações se elevava; os que eram seu pouquinho eruditos,

traziam à baila as guerras célebres da História, rememorando Napoleão, Alexandre e as façanhas dos Doze Pares de França.

Quanto ao vigário, esse implicou. Padre Ganquerio [Gauquério?] era um cinquentão rubicundo, sujeito a frenesis, amante de proferir sermões terroristas, em que fazia horrendas descrições das tachas infernais. Suas fúrias retóricas traziam cada domingo à missa numeroso rebanho de fiéis. Três Barras era o que se podia chamar um povoado devoto. Pois não é que com a chegada das praças rareavam os frequentadores da igreja? Todo o mundo andava com a cabeça no ar, esquecido de Deus e das obrigações de maior monta. Por isso, padre Gauqueiro [Gauquério?] desatinou. Pôs-se a berrar ao púlpito barbaridades contra a república e contra o casamento civil, apregoando, em fúria apocalíptica, para muito breve, o fim do mundo e o Juízo Final. Tudo debalde! O povo não assentava a cabeça, e a deserção se fazia mais sensível de domingo para domingo. Datava dessa época sua ligação política com o Manoelzinho, a quem ia ver frequentemente, tendo com ele infindáveis conciliábulos, conservados em sigilo hermético.

Com o divórcio da Igreja, a Câmara tremia em seus alicerces; todavia, não dava o braço a torcer, confiante na vitória. O destacamento, afinal, era seu, como também o era o subdelegado Toniquinho.

Toniquinho? Não... Esse agora não era de ninguém. Não saía mais de casa, somente entrevisto confusamente no fundo da botica, fazendo-se de atarefado, a aviar receitas imaginárias. Disfarçava deste modo o terror que lhe inspirava a má catadura do cabo comandante. Também o modo sacudido com que cada manhã o brutamontes lhe dizia, rigidamente perfilado, renteado com a mão a pala do boné: “Sr. capitão, comunico a *vossuria* que não houve novidade!” P'r'ó diabo! Toniquinho, o imbele Toniquinho, não queria saber de nada disso. Deixassem-no viver obscuramente em companhia de suas pacíficas pílulas, pois não tinha veleidades de mando. Não sucedia o mesmo com siá Candola, sua terrível metade; sentia-se agora poderosa, invencível; ressuscitava rixas velhas, encruécia as novas, trazendo pânico à vizinhança dos quatro lados. Um pano que voava para lá, um frango que passava a cerca, não precisava mais para que ela, esquecendo o pilão e a barrela, metesse a mão à ilharga e descompusesse céus e terras, com vocabulário adequado, a imagem feliz, a elocução fluente e encorpada de timbre, todo esse primor de perfeição que apenas sabe proferir a boca das comadres litigiosas que já têm, na fé de ofício, um longo tirocínio de rugas.

Chegara, afinal, o dia do Baiano. Num domingo, em pleno largo, espancara novamente a amásia. Fora o caso, que na véspera ele a pilhara com um fula, de quem já tinha velhas desconfianças. Machucara-a bastante “no sufragante”, e já haviam feito as pazes; mas, no outro dia, entre os fumos retroativos de uma cabreúva “braba”, preparada com restilho, lembrava a ofensa recente, mal perdoada, e segundava a surra, descendo-lhe o guatambu purificador. A notícia correu num átimo e o povo afluíu ao largo, para saborear as consequências. Enquanto o pau cantava, centenas de olhos inquiriram a rua do quartel, à espera das praças.

Súbito houve reboliço. É que apontara ao longe a farda de um soldado. Vinha às pressas, teso no seu uniforme de dólma vermelho e calças brancas, refle no boldrié, os braços para diante e para traz. Chegara um pouco tarde, pois o caboclo já descansava o pau, tendo posto a honra limpa e a Rufina contusa e ensanguentada. Mesmo tarde, era ainda de admirar que viesse, por não ser pequena proeza atrever-se alguém a levar a notícia ao cabo comandante. Ao vê-lo sentado na calçada do quartel, com o olhar carregado, a polir a monstruosa carabina, os que tinham como trajeto forçado aquele trecho de rua, passavam de largo, no andar apressado de quem arrisca. Pois houve um decidido, o Zé Cotia, paneleiro; foi dar parte, resoluto gritando de uma certa distância ao comandante:

– Sô cabo, há um guaiú lá no largo!

O cabo encarou-o com expressão severa:

– Você não estará contando rodela? Veja lá!

– Juro pela alma do defunto meu pai, afiançou o Zé Cotia.

Então, mal-humorado, o comandante ordenou a um dos subalternos que ouvira a parte:

– Ô João, vá ver que estrumela é essa.

E como o paneleiro se fosse pisando:

– Você, alto aí! Vá com a praça mostrar o lugar.

O soldado apertou o cinturão e abalou com o mensageiro. Vendo-se em tão temerosa companhia, Zé Cotia tremia por si próprio; mas depois de vencido um pedaço de caminho, como nada lhe sucedia de alarmante, e tranquilizado pela afabilidade do João, que se mostrava de boas avenças, chegando a tirar com ele Zé um dedo de prosa, seu terror transformou-se em

nobre orgulho; media o passo pelo do soldado, copiando-lhe o entono marcial; e se encontrava um conhecido, olhava-o sobranceiro, sem cumprimentar.

E assim alcançaram o largo.

A polícia avançou para o Baiano, no meio da expectativa ansiosa do povo.

– Esteje preso! disse.

O caboclo botou-lhe de través um olho enfezado.

– Quem é que está preso?

– Não se faça de besta! É você mesmo! retrucou o João, desembainhando o espadim.

Como única resposta, Baiano volveu-se para a Rufina :

– Péga na trouxa e bamo s'imbora.

– Bamo s'imbora é uma conversa! tornou a praça. Então resiste à prisão?

— Ora não me arrelie, sô coisa!

E, ao dizer isso, Baiano virou-se para ele com catadura ameaçadora.

O soldado amouu. Meteu o refle na bainha, e, sem dizer palavra, voltou-lhe as costas, altivamente, tomando o rumo do quartel.

O povo, eletrizado, aguardava os acontecimentos. Cruzavam-se comentários:

– Foi buscar reforço, opinava um.

– Esqueceu-se da carabina, dizia outro.

– Que o cabra é chegador.

– Não foi por medo, isso não!

Entrementes, rebocando a amasia aos repelões, Baiano seguia a estrada da fazenda. João e a outra praça, em marcha acelerada, foram topá-lo já para fora do povoado. Numerosa chusma

acompanhava-os, ao passo que os tresbarrenses mais precavidos fechavam as janelas, de receio dos tiros.

– Esteje preso! conclamaram as praças fazendo alto.

– Ora deixem de arrelia, que eu não tou bão! e o Baiano coçou o cabo da garrucha.

A polícia, afrontada, fez meia volta, retomando o caminho do quartel.

O povo ao princípio ficou pasmado, como quem não compreende; por fim alguém murmurou: “É medo!” A essas palavras quebrou-se o encanto e abriu-se a válvula aos comentários pejorativos. A farda começava a perder o seu prestígio. Um sussurro de descontentamento escoltou as praças em todo o percurso da volta, fazendo-lhes errar o passo. No quartel o cabo comandante estrilou com os subalternos, chamando-lhes a vergonha da farda e ameaçando recolhe-los ao batalhão. E a fraquejar infernalmente resolveu-se a acompanhá-las.

Restituiu-se ao povo uma parte de sua confiança, quando o destacamento em peso apontou na extremidade da rua. Infelizmente já não era a passagem triunfal do costume; mas as dimensões formidáveis das carabinas, e o reluzir das baionetas caladas, reduziam os comentários malignos. Onde o burburinho de descontentamento era maior, o cabo carregou o quepe na testa, com um ar terrível, o que, em verdade, foi água na fervura.

Quando distanciaram os curiosos, o comandante repetiu suas invectivas contra a cobardia das praças; e com brios “estumados”, repisava o estribilho:

– Vivo ou morto, havemos de trazer o homem. Aqui é preciso salvar o prestígio da farda ou morrer.

E com isso, fora do povoado, iam vencendo estrada, no encalço do criminoso. Afinal avistaram-no muito ao longe, numa volta. Perceberam que nesse momento o Baiano parou, como a esperá-los. Eles também pararam.

– O homem teve medo, por isso foi-se raspando para a roça, disse João.

– Desta feita sabia que vinha mesmo, comentou a outra praça.

Quanto ao cabo, nada disse, porque estava a coçar a cabeça, irresoluto, pensando motivos. Voltarem sem o Baiano, refletia, seria cárem no ridículo e merecer as chufas de toda a

população. E trazerem o criminoso à força, era empresa difícil, pois tinha fama de cabra chegador, de comprar e pagar, desses que não olham a[s] consequências. Podiam estar certos de que resistiria, e às direitas. Que fazer?

E o cabo coçava a cabeça. Depois começou a coçar o queixo. Por fim espetou o dedo grande nos dentes de cima, quedando-se cogitativo nessa postura.

– Que é que vocês acham? desembuchou, ao cabo de certo tempo. Podíamos daqui mesmo fazer um tiroteio contra o Baiano.

A ideia, nascida murcha, caiu sem discussão.

Então, numa inspiração suprema, o comandante puxou o revólver e disparou um tiro para o ar. Os seus inferiores fizeram o mesmo. A chusma dos curiosos, espantada debandou ao longe, ao passo que o Baiano, bravateando, teimava em esperar no mesmo sítio.

Um ronco saído da beira da estrada, atraiu-lhes nesse momento a atenção. Era um bêbedo, a quem o estampido das detonações despertava um sobressalto. E sabe Deus de que sono comprido! Pois o Tobias de sô Pedro, quando se punha a cozinhar a pinga, era obra para uma feira de dias. Havia não sei quanto dormitava naquela beira de estrada, pouco sensível às intempéries, pois atenuava-lhes o efeito com o seu velho chapéu de pelo, que o uso fizera cônico como um funil. Assim, fosse o tempo agradável, armava-o no umbigo, e todo se gozava da suavidade da luz e do calor; se o sol feria a vista, ou o relento peneirava humidade, removia-o do umbigo para a cara, e ficava ali debaixo como quem armou tenda e dentro se agasalhou a seu seguro.

– Que está fazendo aí, siô traste? vociferou o cabo, de péssimo humor, dando-lhe um pontapé.

O bêbedo, mal desperto, ria e babava, sem falar, mal podendo abrir os olhos, que acabavam exatamente de sair debaixo da tenda.

– Esteje preso! gritou o comandante, com uma voz terrível. E, se resistir, han!

Resistir! O borracho nem pensava em tal. O diabo é que ele não se aguentava nas pernas. A poder de sacões e cachações, e de uma série de “não se faça de besta!” os dois subalternos vingaram metê-lo em pé.

– Para o quartel! Marchar! comandou então o cabo.

Era difícil obedecer; mas, a fazer suas cambetas, e com o auxílio das praças, afinal foi andando, sempre a rir e a babar, numa alegria infantil de ir daquele modo, quase carregado.

Foi um triunfo o regresso, um triunfo imprevisto, pois acontecia que o Tobias de sô Pedro era por demais conhecido vagabundo, pedinchador de “ajutórios”, ébrio habitual e ladrão de galinhas. Uma vez que o Toniquinho o trancafiava na “cadeia”, não é que ele achara jeito de abalar alta noite, com uma dúzia de aves do reverendo nas pontas de uma manguara? Quando o padre Ganqueiro [Gauquério?] deu pelo “destroço”, chegou a proferir blasfêmias pretas, capazes de infernar a alma do santo de maior santidade. Por um triz que não privou os poderes públicos tresbarrenses da inestimável enxovia. Desde esses tempos sumira-se o Tobias e eis que voltava agora inopinadamente com escolta, para pagar as feiíssimas culpas!

Com a importante notícia, logo esqueceu o Baiano. Mal soavam, no princípio, vozes esparsas: “Uai! Pois não é outro? Cadê ele o Baiano?” ao que se respondia vagamente que afundara no capoeirão, baleado. Depois, esqueceu totalmente. Só se falava no Tobias, no famigerado Tobias, que afinal ia pagar as falcatruas.

A notícia voou eletricamente de ponta a ponta do arraial; e em todo o percurso, debruçados das janelas, confluindo das ramificações da rua principal, por onde havia de passar o preso ladeado pela força pública, aglomeravam-se, movidos pelo mesmo profundo interesse, todos os moradores do povoado. E todos glosavam animadamente o sucedido. Ora o Tobias! O larapiador de galinhas! Fugisse de novo agora, que estava na mão do onça! Pois não é que o trouxa viera cair na ratoeira, sabendo que agora, graças a Deus, tinham uma unidade militar incumbida de velar pela segurança pública?

Como se vê, a exultação não podia ser maior; por isso ficou sempiternamente memorável, nos fastos da modesta povoação mineira.

E foi assim que dessa data em diante se firmou definitivamente o prestígio do destacamento policial de Três Barras, para maior orgulho e segurança dos habitantes do arraial. O fato teve toda a sorte de conseqüências felizes. A notícia da prisão do Tobias chegou aos ouvidos do Baiano com tão terríficos pormenores, que o cabra abriu o pala para terras remotas, levando consigo a Rufina, sem coragem de tornar a pôr o pé no povoado, em dias de sua vida. A captura serenou o eclesiástico, que no domingo seguinte elogiou do púlpito as

praças. Exerceu salutar ação sobre o próprio diretório; pois o gesto magnânimo da Câmara, esquecendo depois disso a questão do rego, valeu reconquistar-lhe o Manoelzinho, que dizem já fez as pazes, e está disposto a voltar, mais dia menos dias, a Três Barras, para afirmar publicamente, em plena sessão da Câmara, sua solidariedade com os antigos companheiros de diretório.

GODOFREDO RANGEL

RANGEL, Godofredo. O oráculo. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano IV, n. 41, p. 19-23, mai. 1919.

O oráculo

Se quisessem ver Marcello Cintra, fazendeiro em Carrascaes, regalado de gosto, era pedirem-lhe a opinião sobre alguma cousa. Pedissem-na sobre qualquer assunto, que era certo vir a resposta, pronta e atilada, dita naquele seu modo pausado, seguro, de quem sabe o que diz. Daí a sua fama de homem muito sabido e a alcunha de Sabe-tudo que algum ínfimo despeitado lhe pôs.

Suas muitas luzes o tornavam considerado muitas léguas em redor. Um requerimento que houvesse para fazer, uma escritura a lavrar, uma encomenda a mandar vir de longe, era fatal recorrerem ao Cintra, como à pessoa naturalmente indicada para remover-lhes as dúvidas.

E Cintra intervinha da melhor vontade. Mas não era totalmente desinteressado: havia um pequeno tributo a pagar-lhe e a pagar-lhe adiantado, tributo não de dinheiro e sim de reverência; pois se perguntavam alguma coisa, não respondia logo; primeiro fazia uma pausa e sorria com finura, sorriso que estava mesmo a dizer: “Vocês bem sabem que sem a opinião cá do Dégas não poderiam passar”. E esse era o tributo exigido.

Pediam-lhe receitas para doentes, consultavam-no sobre os melhores tempos do plantio, sobre o influxo das luas na madeira; uma viagem a marcar, o feijão que quisessem bater, era ao Cintra que recorriam para saber se fazia chuva ou sol.

Chegou a ficar afamado, a este último respeito, um higrômetro que ele trazia na sala de jantar, pendurado como cromo de folhinha; representava uma casa de duas portas, com um terreirinho à frente. Fosse o tempo duvidoso, numa porta mostrava-se um homenzinho e noutra uma mulherzinha; propendendo a chuva, o homenzinho saía do terreiro e a mulherzinha entrava; fosse de sol, era o contrário. O que provocava um nunca assaz repetido gracejo de siá Clotilde, mulher do fazendeiro:

— Como as mulheres são ladinas! Na hora da chuva empurram o marido para fora e ficam dentro de casa, bem agasalhadas.

Mui dispensável, todavia, era o higrômetro, pois por si mesmo, com os ricos recursos de sua cachola arguta o Cintra tinha elementos para poder prever o tempo. Dissessem-no os casos mais difíceis que explicava.

Assim, quando se comentava a abundância excepcional das águas este ano:

— Pois decerto! Tanta fumaça eles fazem nessa guerra sem fim com seus canhões e carabinas, que ela se vai ajuntando e formando nuvens no alto, nuvens que depois o vento toca para cá, dando em resultado esse despotismo de águas.

Outros fracos tinha o Cintra. Por exemplo, quando o procuravam, gostava de que o achessem sentado defronte um monte de papéis, nos quais passava horas e horas a escrever coisas a lápis. Que era aquilo? Ninguém, nem a própria mulher, nunca o logrou saber ao certo. Pelos modos o Cintra queria dar a suspeitar que ele estava a escrever uma obra grandiosa, que iria revolucionar as ciências e o mundo com revelações nunca pressentidas “nem sonhadas”.

Se acertava alguém procurá-lo quando se dava a essas escreveções, ele não atendia logo; emassava primeiro toda a papelada com sisudez e sem pressa, guardava-a num armário de portas de pau, dava volta à chave, que tirava e só então parecia abrir os olhos à realidade e dar pela presença do supradito alguém. Mesmo depois de sua morte não se desvendou bem o mistério desses papéis, pois no armário apenas encontrava-se uma maçoara de velhas contas dos negócios, com uns rabiscos sem sentido, entre os volumes poídos dum velhíssimo Monte Cristo.

Este era o romance de sua predileção, o único, aliás, que ele conhecia e que nunca se cansava de ler para si e contar para os outros.

À força de o reler e recontar, acreditava reais todos os seus personagens e sucessos e quem o ouvia falar com segurança das pessoas e das vidas dos heróis, entendia que Marcello Cintra os conhecera e tratara pessoalmente. Ainda mais: a insistência com que falava em Monte Cristo, os sinais de inteligência que fazia à mulher, quando se referia a este ou aquele episódio, engendrava em certos espíritos a suspeita de que Monte Cristo e conde era ele próprio, que lá por suas razões se disfarçava em fazendeiro. Confirmavam-nos nas suspeitas certas identidades entre o homem e o herói do livro, até o modo de falar. O Cintra tinha o sestro de dizer a propósito de tudo: “Ora vamos e venhamos”; se lhe perguntassem se ia à cidade domingo, respondia: “Ora vamos e venhamos – pode ser que eu vá se o tempo continuar firme”; e ao relatar as

aventuras do Conde e diálogos deste, lá estava o Conde, a propósito de tudo, a repetir a sua frase favorita: “Ora vamos e venhamos, senhora marquesa, a vida do barão não corre nenhum risco” ou “Ora vamos e venhamos senhor visconde e Coisa ...”

Tantos e tão raros dotes o separavam do vulgo, que não era de estranhar não gostar o Cintra de ser como toda a gente. Tinha seus hábitos lá dele, suas predileções excêntricas. Guiava-se em tudo por ideias pessoais, até no trajar. Tinha a este respeito um hábito singularíssimo: em vez de paletó usava em casa uma espécie de fraque de brim, que sua própria mulher fazia.

Deu isto origem a um caso que constituiu o supremo desgosto de sua vida. Merece ser narrado, pelo estado de acabrunhamento em que lançou o prestante fazendeiro. Fosse que Clotilde não talhasse a seu gosto os fraques de seu uso, ou por outra ideia que lhe surgisse no cérebro, ele, que fazia encomendas para toda a gente, lembrou-se de encomendar para si, na casa da capital com que estava relacionado, um ou dois fraques dos tais, mandando explicações muito miúdas sobre a medida, pano e feitiço.

No escrever, porém, houve um desastre. O Cintra, que sabia tanta coisa, ignorava certas minudências de gramática e ortografia, e por isso, esquecendo uma letra da conjunção “ou”, em vez de 1 ou 2, escreveu no pedido: “1o2 fraques de brim”.

Assim também o leram na casa de que era freguês conceituado, dando causa a que pouco tempo depois recebesse um grande fardo com cento e dois fraques, rigorosamente feitos à maneira indicada.

Atinando com o descuido o Cintra nem reclamou; e esmoeu solitariamente seu aborrecimento, sem confessar o engano a quem quer que fosse. Como a mulher se arrepiasse ao ver o fardo, ele explicou placidamente que, sendo aquela uma peça de roupa tão cômoda, resolvera fazer um grande sortimento para seu uso, pelo menos de um cento, e como alguns pudessem não prestar, ele já pediu com excesso — cento e dois, os dois para as quebras.

Em casa a montoeira de roupa virou badulaque, pondo Siá Clotilde em grandes aflições, sem modos de acomodá-la em qualquer parte. Na canastra dele não cabia; no armário misterioso, apenas houve espaço para acomodar uns setenta; e como com o restante não quisesse a mulher entupir os seus baús, foram precisas todas as luzes do Cintra para resolver o problema; por fim fez uma trouxa dos sobejos e a guardou sobre uma esteira do forro.

Ora a ele, de natural econômico, pesavam-lhe aqueles fraques na consciência como cento e duas arrobas. Por mais desperdiçado que fosse (e não o era), em todo o resto da vida não gastaria mais de uns dois ou três. Havia assim uns noventa e nove disponíveis! Um dia ele teve uma ideia e foi comunicá-la à mulher:

— Olha, Clotilde, estes... paletós (ele já tinha horror à palavra fraque, que nunca mais proferiu) estes paletós são folgados e talvez te sirvam; assim, também, você podia usar...

— Eu? Que horror!

— ...usar assim em casa, por cima da roupa melhor, como uma espécie de avental...

— Um avental nas costas! Tinha graça!

O marido impacientou-se com as dificuldades levantadas:

— Olhe, Clotilde, se está com vontade de turrar, eu não insisto. Sempre pensei que você tivesse mais bom senso.

Siá Clotilde pôs as mãos à cinta:

— Bom senso! Então que culpa tenho eu de você eu encomendar essa montoeira de roupa?

— Não discutamos, mulher!

E o Cintra, embatocado, bateu em retirada, indo sentar-se gravemente defronte o maço de papéis que foi tirar no armário.

Quer fosse por condescendência, quer por se haver rendido às razões dadas para se usarem os tais aventais posteriores, o certo é que Siá Clotilde começou a fazer o que o marido desejava e por fim habituou-se, não andando em casa de outro modo, a exemplo do marido.

Depois teve ela própria um alvitre que verteu bálsamo no coração do Cintra: deu um dos fraques para a Sabina, a cozinheira, que também seguiu o uso da casa.

Depois os filhos mais crescidos, ampliaram o consumo.

Mas resumamos. Se tivéssemos o intento de relatar o destino que tiveram os fraques, um por um, não acabaríamos nunca. Em vida, por mais que os esbanjasse, o Cintra de poucos

pôde ver-se livre; morto, a maioria dos cento e dois figuraram no espólio, sendo rateados equitativamente, com os demais bens, pelos herdeiros.

Alguns destes os vestiam, outros os forneciam a agregados e camaradas, por conta dos jornais; com o tempo, o uso naquela fazenda generalizou-se tanto, que ao apontar alguém de lá, já os roceiros afirmavam com a segurança de quem vê indício certo:

— Aquele um é das terras do defunto Cintra.

GODOFREDO RANGEL

RANGEL, Godofredo. O gordo Antero. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano IV, n. 46, p. 121-125, out. 1919.

O gordo Antero

Dia de festa no arraial. Ouve-se espocar de foguetes e bendelengar de sinos.

— Vocês não saem hoje? — perguntou Celeste a Arminda, sua prima fazendeira, que com o marido, o gordo Antero, eram seus hóspedes.

— Meu menino está quentinho — respondeu Arminda, — eu ficaria com cuidados.

— Pois saia, o sr. Antero, vá dar uma volta com Henrique...

E chamou: “Henrique!”

Chamou e repetiu em vão, o que a levou a relançar o cabide, onde não viu o chapéu do marido.

— É escusado incomodar o Henrique. D. Celeste, disse Antero, porque a Arminda não saindo, também não acho graça em sair.

— Ah, minha Nossa Senhora! Ainda estão assim, depois de tantos anos de casados! Pois eu e Henrique nos casamos há um ano apenas e — vejam! o chapéu dele não se acha no cabide. Já está batendo rua. Não se lembra de mim, nem de hóspedes, nem de ninguém. Em tempo de festa a cabeça anda-lhe à roda. Essa criatura não perde baile, missa ou tocata: é o arroz doce de toda a festa. E pensam que ele me leva? História! Se quero ir, tenho que ir sozinha. Que inveja tenho de uma união assim!

Os seus hóspedes sorriram. Celeste, depois da pausa exigida pela entoação patética da última frase, continuou de modo chocarreiro:

— Porque essa diferença? Atribuo-a à gordura do sr. Antero. Dizem que os homens gordos são sempre bons maridos. Vejam o major Silva: é quem troca fraldas nas crianças e faz os pequetitos dormir. Dá um descanso para a Otilia! O Mário também; passa os dias ao pé da Marica, que é costureira, rematando as costuras e caseando os paletós. Ela até já o ensinou fazer *trou-trou*. O Felisberto, então, a mulher faz dele o que quer. Para toda a festa ele dá-lhe um

vestido caro, feito fora e todo o fim de ano leva-a ao Rio ou a São Paulo. Os maridos gordos são sempre muito bonzinhos de gênio e fiéis, acomodados, ao passo que os maridos secos, como Henrique, são umas pestes!

Enquanto Celeste assim fala, Arminda encara Antero significativamente. Antero baixa os olhos.

— Fiéis, hein? murmura Arminda submetendo-o ainda à mesma prova.

— Pois Arminda você...

A esposa atalha-o, arremedando:

— “Pois Arminda...” Quando Antero começa com esse “pois”, já fico com a pulga atrás da orelha.

— Mas o que há entre vocês? — perguntou Celeste, acesa em curiosidade.

— Conto? — perguntou Arminda a Antero, zombeteiramente.

— Arminda!

— Conto!

— Que tolice...

— Tem que contar! — instou Celeste. Agora mando-o eu. Para que foi mostrar-me o rabinho do segredo? Precisa puxá-lo todo para fora.

— Olhe, Celeste, para você não se iludir com a fidelidade dos gordos, vou narrar-te tudo.

E enquanto Antero manifestamente desconcertado não despregava os olhos do assoalho, remexendo com nervosismo um molho de chaves no bolso, Arminda começou a confiança prometida:

— Antero sempre gostou de moças. Querem vê-lo alegre e falante, é estar perto de moças. Comigo não tem prosa; mas ponham-no em uma roda de senhoritas de carinhas gentis, que ele logo se torna loquaz e esquece o serviço e tudo o mais, e, onde elas vão, vai ele atrás, papagaiando quanta coisa lhe vem à boca.

— E você não se incomoda?

— Não, porque também tenho o mesmo gosto. Os dias em que hospedo minhas amigas, para mim são dias de festa. Ainda fico mais enlevada e satisfeita do que Antero. Por isso convido-as, arrasto-as para lá sempre que posso, sem pena do suplício a que as sujeito, levando-as para tão triste ermo.

Entre as convidadas figurou a Evelina, que não se fez rogar. Lembra-se de Evelina? A de Itajubá, que estudou no Rio, no colégio das irmãs. Tinha seus requebros de moça que aprendera as maneiras elegantes das cidades grandes, além de muitas prendas adoráveis: boa pianista, desenhava a primor, poetiza. Esteve conosco breve temporada. Nesse tempo, ah! se você visse Antero! Deixou de ir à roça, não olhava as criações, esqueceu-se de tudo! Passava os dias em casa, atrás de nós duas, a pedir a Evelina que tocasse, que cantasse e por fim até queria que ela lhe tirasse o retrato.

Eu dava-lhe razão, porque bonita ela era mesmo. Os cabelos, você se lembra, de um louro de sol, apanhados por uma fita aqui, pouco acima da testa. Uma pele que se pode dizer limpa; nem uma espinha, nem uma sarda. Uns lábios que você diria que levavam rouge. Tinha um riso de covinhas que lhe mostrava os dentes perfeitos, sem nenhuma falha ou obturação. Corpo bem feito, elegância natural... E sobre o mais simpática, sem luxos. Enfim, se eu fosse homem, ficaria como Antero ficou. Conforme te dizia, ele não descolava. Na mesa eram atenções infinitas. Antero, que nunca ia à cozinha, passou a tornar-se uma embirração, a farejar nas panelas, indagando do que havia de bom, e, se nada houvesse, estava ele aflito, a enviar próprios para toda a parte, mandando vir até cerveja e latas de doce. E prosa como isso! Contava casos que nunca ainda me contara, tanto que eu pensava que ele os inventava, para tornar sua palestra interessante. O coió! Eu achava-lhe uma graça imensa, somente pedindo-lhe, de vez em quando, que não desdeixases [*sic*] a roça.

— Ora a roça! — dizia ele. Tenho o Lucas, que olha tudo. Você bem sabe quanto vale o Lucas.

E dantes ele vivia a querer despedi-lo, sob pretexto de que não movia uma palha. De um dia para o outro o administrador cresceu de importância para Antero!

Tirante esse receio dos negócios desandarem, eu gostava imenso da estada de Evelina na fazenda, pois além de boa amiga era companhia divertida.

Uma noite, porém, não nego fiquei um pouco contrariada. Estávamos na sala e Evelina tocava. Eu, de um lado, passava as folhas da música e Antero, do outro, ouvia-a de boca aberta, uma boca tão aberta que parecia que ia comer a música, o piano, a pianista e o mais que havia na sala. Num intervalo Evelina voltou-se para mim e pôs-se a contar-me não sei o quê. Depois de algum tempo que começava a falar, interrompeu-se de súbito, e, girando o mocho, disse para Antero:

— O sr. queira desculpar! Estou tão distraída que sem querer lhe dei as costas.

Ao que ele replicou:

— Nada tenho que desculpar, D. Evelina. Um anjo como a senhora não tem costas.

“Um anjo”, ouviu? Pois foi assim que ele disse. Na hora, fiquei passada, mas calei; nessa noite, porém, quando nos fomos deitar, achei preciso ralhar com ele: “Como é, Antero, que você foi falar uma coisa dessas?” “Falar o quê?” “Você disse: Um anjo como a senhora não tem costas.” “Pois que é que tem dizer assim?” “Tem muito, porque não é coisa que se diga.” Dissesse: “Uma pessoa como a senhora, uma moça como a senhora, ou outra palavra assim; mas ‘um anjo’, não tem propósito.”

Ele ainda quis discutir, mas como eu retruquei, afinal embatucou. Depois desse ralho, consertou um pouco; mas se você visse quando Evelina voltou para Itajubá! Ele continuou aéreo, só falando em vender a fazenda e em nos mudarmos para alguma cidade.

— Para que cidade, Antero? — perguntei.

— Itajubá!

— Você está louco! Nem essa, nem outra qualquer. Nossa lida é na fazenda, e, fora da lavoura, nem você nem eu não entendemos de nada.

Ele teimou, falou em fazer “negócios volantes”, mas eu bati o pé! Então, Celeste, sabe o que aconteceu? Antero caiu de cama! Creio que não era bem doença o que ele tinha, mas uma espécie de desânimo, de indiferença por tudo. Gemia sem explicar o que sentia e deu de emagrecer, indo a ponto que tomei a resolução de falar-lhe sério: “Antero, isso não tem jeito. Assenta a cabeça, homem. Você esquece que tem mulher e cinco filhos pequenos por quem olhar. Cria coragem e vai tratar da vida.”

Animei-o como pude, para que saísse daquela banzeira. Vi que ele ficou impressionado, ruminando minhas palavras até que um dia ele chamou-me e disse-me em tom decidido.

— Olhe, Arminda, pensei naquelas suas palavras e vi que você tinha razão. Foi uma bobagem minha e já passou. Hoje mesmo vou levantar-me para botar para fora o Lucas e cuidar da lavoura.

E assim fez... E aí está outra vez, o homem, com essa cara tão sonsa que parece mesmo um santarrão... “Antero que suspiro é esse?!”

Antero que durante a exposição apresentara todas as modalidades da descocha, da descocha de olho baixo, a que não sabe onde pôr as pernas, a de riso amarelo, ao cabo da narrativa passou a mostrar-se visivelmente acabrunhado e por fim suspirou.

— Que suspiro é esse, diga!

E Arminda furiosamente agarrou-lhe as orelhas ambas, ao passo que ele abria um riso desconforme, bonacheirão, mostrando a alma afetiva à flor do rosto.

Passara a nuvem que de novo por um momento lhe obnubilara a alma e ele volvia a ser o bom Antero, modelo dos maridos e pai de família exemplaríssimo.

GODOFREDO RANGEL.

RANGEL, Godofredo. Passeio ao céu. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano V, n. 53, p. 28-32, mai. 1920.

Passeio ao céu

A criada esquecera perto da cama a bacia grande, onde as crianças lavavam os pés ao deitar-se. Lucas pensou em mandar retirá-la, mas antes que esta ideia tivesse passado da fase mental para a das execuções, o sono traiçoeiramente colheu-o. Dormiu, e, por associação de ideias a água da bacia fê-lo sonhar que estava a caçar pica-paus, na mata à beira do açude do Valério.

Ele habituara-se a ir caçar nessa mata de três em três meses, pontualmente, isto é, no dia do sorteio de suplentes, para o júri, afim de esquivar-se à eventualidade de uma intimação possível.

Por ser véspera de júri, o medo do recrutamento fora um de seus sentimentos dominantes no dia, e nada estranhável que volvesse em sonho.

No sonho, o pequeno capão de mato da beira do açude tomara as proporções de uma floresta virgem.

Lucas trazia a tiracolo sua temível caçadeira, que tão mirabolantes façanhas, em seu dizer, já havia praticado, façanhas em que ninguém cria, e que, a serem verdadeiras, fariam que ela fosse digna de figurar num museu bélico ao lado da queixada de Sansão e do bisturi dum Dr. Coisa, meu conhecido, que também já cometeu proezas inauditas na pele de seus finados clientes.

Logo à chegada viu dois pica-paus, ao alto, a picarem ritmicamente o mesmo galho.

Lucas engatilhou cautelosamente a espingarda.

— Toc... toc... continuavam as aves.

Um grande estrondo e uma fumarada cegante.

Apatetado com o estampido inusitado de sua arma, Lucas não compreendia bem o que se passara, como se momentaneamente perdera o acordo de si, mas daí a instantes, ao dissipar-

se a névoa, vendo no chão dois corpos de aves, já inertes, compreendeu que as fulminara de um tiro único.

Era proeza rara, que o enchia de pasmo.

— Vá eu contar isto a alguém, murmurou ele, e dirão, como de costume, que é potoca.

E sentia uns assomos de indignação antecipada, tanto mais que lhe remordia a consciência a lembrança de ter favorecido seu descredito com uma congêrie de narrativas fabulosas. Lastimava não ter ali uma testemunha de vista.

Ao abaixar-se para tornar os dois corpos e metê-los na sacola, surpreendeu-o o rumor de uma tosse.

Seria talvez a tão desejada testemunha?

Voltou-se rápido e viu entre as árvores, vindo em sua direita, embrulhado num grande chale [*sic*] manta, à guisa de túnica, urna figura de velho. Tinha uma verruga preta sob o nariz, exatamente entre as duas ventas e umas grandes barbas brancas, que lhe davam um ar bíblico.

— Ora viva, sr. Lucas! exclamou o velho, a título de saudação. O sr. é quem ilustra e eu quem paga as custas!

Lucas fitou-o com estranheza. Aquelas barbas, aquela frase, até a verruga no nariz, lembraram-lhe uma pessoa muito conhecida, que naquele momento não lhe acudia quem fosse.

— Não me conhece? perguntou o velho, dando tento de sua perplexidade.

— Parece-me...

— Sou São Pedro.

— Ah!

Neste “ah!” não havia um espanto acomodado às circunstâncias. A Lucas parecia sucesso comezinho o deparar-se lhe um santo naquela mata. Coisas de sonho! Não sentiu ímpeto de fugir, nem de cair de joelhos; seu sentimento único naquele instante, era uma curiosidade comichenta de saber com quem se assemelhava aquela cara.

— Bonito tiro sr. Lucas! louvou S. Pedro, contemplando os dois pica-paus inteiriçados.

— Regular...

— Bonito, sustento-lhe eu! E S. Pedro acariciava com a ponta do dedo a verruga do nariz, o que nele parecia indício de satisfação. Esse gesto também era de outra pessoa, o Lucas não sabia quem.

— De sorte que o senhor *viu*, disse o Lucas, e se não acreditarem...

— Afirmarei que é a verdade, respondeu S. Pedro, mas com a condição, Lucas, de me prometeres que de hoje em dia nunca mais contarás casos poucos verídicos.

O caçador baixou a cabeça com um ar confuso que era uma confissão de culpa.

— Prometo, murmurou com vexame.

Conversaram ainda um bocado comentando o feliz tiro. Por fim, como se acordasse de obrigação momentaneamente esquecida, S. Pedro despediu-se:

— Está bom, Lucas, adeus.

— Para onde vai? perguntou o caçador.

— Para o céu.

— E é longe?

— Um bom pedaço.

Ajeitando sobre o ombro uma ponta do seu chale [*sic*] manta, S. Pedro concebeu uma ideia:

— Olha, Lucas, porque não vens comigo? Não estás hoje de folga?

— Estou fugindo ao recrutamento do júri.

— Pois então! É ocasião boa para espairecer, indo ver lá no alto corno é aquilo.

— Mas, como?

— Eu te carregarei.

— Pois então, topo.

A estas palavras S. Pedro passou-lhe o braço pela cinta, arrebatando-o para o espaço. O insólito do que sucedia não privara a Lucas das suas faculdades de análise. Via a face da terra fazer-se chata e remota; via as pontas do chalé [*sic*] manta do santo adejarem ruidosamente, servindo-lhe de asas. Contemplava-lhe as barbas, o rosto, a verruga. Só então, numa fulguração instantânea, percebeu com quem se parecia. Era, sem tirar nem pôr, o João Nunca, o meirinho. Só então teve medo, um medo duplo, porque fez este raciocínio: “Se de fato é o João Nunca, é capaz de não saber suster-se nos ares e me largar nestes abismos e estou perdido; ou então usou de esperteza e vai levar-me para a sala das audiências”.

Assim receou; mas o santo voava cada vez mais alto, por isso a suspeita em breve se desvaneceu.

Chegaram à parede do céu. Era lisa e convexa como uma casca de ovo. Ao atingir o lugar da porta, S. Pedro bateu na testa:

— Ó raio desta cabeça! Esqueci as chaves na terra... Toca a buscá-las.

Era um transtorno. Para descer com a carga, S. Pedro, pelos modos não podia, pois estava a pôr os bofes pela boca. Ali, por sua vez, naquela casca lisa, não havia onde uma pessoa se agarrasse. Mas havia, dependurada sobre o abismo, a corda de um sino.

— Olha, Lucas, disse S. Pedro, eu amarro-te nesta corda e vou lá abaixo buscar as chaves.

Lucas aquiesceu, na falta de outro recurso.

Então o santo enrolou-lhe a corda na cinta, amarrando-o solidamente; e, deixando-o a oscilar sobre o vácuo, baixou à terra, agitando as grandes pontas de seu chale manta. Lucas esperou-o a princípio com alguma tranquilidade, mas depois com impaciência, porque S. Pedro tardava. Pensaria em gritar-lhe que voltasse logo, se a enormidade da distância não lhe mostrasse a inutilidade desse ato.

Ora nesse momento de expectativa aborrecida, ele viu virem subindo da Terra dois pontos pouco perceptíveis. Esses dois pontos foram depois avultando e por fim Lucas reconheceu muito visivelmente que eram os dois pica-paus que ele matara. Ali vinham os dois,

ressuscitados, a despedir dos olhos umas chispas vingativas. Voaram até acima do Lucas, que não os perdia de vista e aí puseram-se a bicar a corda que o prendia: “Toc, toc”...

— S. Pedro !

Este brado do Lucas indicava o princípio do medo.

Sobre seu corpo balouçante no éter as duas aves prosseguiram com fúria na faina de cortar a corda que o sustinha no espaço: “Toc, toc, toc, toc”...

Lucas olhava em ânsias para baixo. Quando viria o santo? Ora, S. Pedro largá-lo ali!

Agora, sim, com essa demora, tinha certeza: fora mistificado pelo seu companheiro. Era o João Nunca. A alcunha dizia-lhe a lerdice conhecida. Esperar que João Nunca viesse ou já saber que não viria nunca, era a mesma cousa.

— João Nunca!

Estaria naquela hora a dar trela aos jurados sorteados, muito ancho, a acariciar a verruga preta, sem lembrar-se da situação aflitiva em que o deixara.

Enquanto Lucas o evocava, os pica-paus prosseguiram ritmicamente:

— Toc, toc, toc, toc...

Parecia-lhe estar a ouvi-lo, a saudar a um e a outro:

— Ora viva, senhor Macuco! Como vai passando? Sim senhor, sr. Carrinho! O senhor é quem paga as custas!

E, num gesto habitual, traçava no ombro a ponta rebelde de seu velhíssimo xale manta que lhe servia de cobertor nas diligências, desde tempos imemoriais e que de dia era adesivo sobre sua pessoa como um emplastro permanente, fazendo parte do seu “eu”, dando-lhe fisionomia particular.

Os pica-paus, inexoravelmente, prosseguiram na sua obra de vingança. A corda cedia. Estava por um dos ramais.

Partiu um novo apelo de angústia:

— João Nunca!

Lucas esgazeou o olhar para baixo. Nada! Apenas divisara, numa névoa cinzenta, a Terra longínqua, onde o açude da mata aparecia como uma mancha circular.

— Toc, toc, continuavam os pica-paus, de cujos olhos fuzilava uma alegria infernal.

A corda estava por um fio.

— João Nunca! ainda exclamou o Lucas numa voz débil, sem timbre, presa de um pavor inaudito.

— Zupt!

Despencou. Foi instantâneo e vertiginoso. Como uma seta, zuniu perpendicularmente e caiu de mergulho no açude da mata.

.....

Lucas despertou aos berros: é que despencara da cama dentro da bacia de banho que a criada esquecera no quarto.

E não ficou só nesta calamidade; no dia imediato saiu sorteado, e, antes que pudesse fugir, recebeu a intimação.

GODOFREDO RANGEL

RANGEL, Godofredo. *O croisée*. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano V, n. 54, p. 122-126, jun. 1920.

O croisée

Quando constou que o Binho do Pião [Tião] ia fazer uma defesa, a notícia causou muxoxos e hilaridade.

“Ora o Binho!” Foi o comentário unânime do povo.

O rapaz mexia com os livros, era falante, mas ter o topete de subir em uma tribuna em Sant'Anna do Barril Furado e dali arengar os jurados, em pleno funcionamento augustíssimo do júri! Era fazer pouco da justiça e ter-se numa conta excessivamente alta. Todo o mundo lastimava antecipadamente o réu que ia prestar-se para sua estreia. Tomava o máximo, pela certa. Inda mais em Barril Furado, cujo corpo de jurados era constituído dos mais terríveis “criminalistas” de que há notícia.

Sabe o leitor que significa esta palavra? Soube-o eu um dia com surpresa. Da vez primeira que assisti no interior a um júri, a pessoa solícita que me iniciava nas coisas e hábitos locais apontou-me certo indivíduo batoque, de camisas de duvidoso asseio, calça esgarçada, explicando-me:

— Aquele é um “criminalista”.

Enchi-me de espanto. O fato pareceu-me incrível e por isso exigi repetição da afirmativa. Quando a obtive, fixei a vista admirando naquele homem. Quem tal diria! exclamei comigo. Ver um indivíduo daqueles, com o ar modesto de um fazendeiro vulgar, por cujos lumes interiores nada daríamos e achar-se envolta nessa aparência roceira a alma d'um criminalista insigne! Garofalo de polainas! Ferri travestido em coronel da briososa!

— É o Tonho Baptista, continuou meu “cicerone”. Conselho em que ele entra, é certo o réu tomar no máximo. Por isso os advogados o recusam sempre, salvo quando não receiam que a urna estoure.

Nesse momento como que lhe vi as orelhas asininas se fazerem grandes azas e levados pelos adejos delas Ferri e Garofalo subirem e se desvanecerem no espaço, ficando apenas ali o Tonho Baptista, da camisa ensebada e da consciência quiçá mais ensebada que a camisa.

E em Barril Furado, de foro recém-criado os jurados se mediam pela bitola do terrível Tonho, o que tornava mais frisante o arrojo, o deslante, o intrometimento do Binho a se fazer de rábula, um chichemirriche daqueles!

* * *

Pois o Binho não era tolo. Tinha lá suas razões de aventurar-se a tais alturas. A razão mais ponderosa era um certo “croiséé”, exumado do canastrão avoengo, antiqualha venerável, de odor secular, que o revestia todo com a sua solenidade.

No dia da estreia, quando o Binho a princípio meio sumido no fundo da tribuna se foi pondo de pé, e enfim mostrou em toda a evidência o prodigioso “croiséé” um arrepio de veneração e espanto lavrou no dorso dos jurados e demais espectadores. Enorme que era, aquele “croiséé” absorvia em si a insignificância física e moral do Binho, dominando com seu prestígio centenário, pesando nas consciências como um “provará” irresistível. Resultado: a estreia do novel advogado foi uma absolvição unânime. Fosse caso de sugestão coletiva, de bestifamento em massa – expliquem o caso como queiram – a realidade era aquela. Aquele “croiséé” exerceu um poder de fascinação sobre o auditório e o Binho dominou o conselho de criminalistas.

Dizer que esse dia marcou o início de uma série de triunfos, torna-se agora perfeitamente compreensível.

Causava assombro semelhante êxito. Faliu pela primeira vez o preceito de sabedoria popular: “ninguém é profeta em sua terra”. Ele ali conseguiu ser advogado e, se quisesse, seria profeta no Barril Furado, como Diógenes fora filósofo em outro barril histórico. Binho ganhou fama. Ganhou consideração. Ganhou dinheiro. Réu que ele defendesse, ia para a rua. Sua palavra revolia as consciências, predispondo-as a absolver, como certas massas magnéticas, entranhadas na terra, determinam a direção de uma agulha imantada. E com que aprumo, com que solene empertigamento ele sabia erguer-se e dizer os latinórios do ofício aos “Senhores do Conselho de Sentença!” Berrava o “testis unus, testis nullus” com uma convicção ruidosa, reforçada a punhadas na tribuna, por sinal que dizia: “testus unus”. Encarrilhava o “fero fers”, o “scire leges”, o “ad rem” com um espevitamento inigualável.

O único que não ia com a onda era o Milote. Para ele o Binho era sempre o Binho do Tião. Buscava desacreditá-lo macaqueando-lhe os modos. Pura inveja!

Conta-se que de uma feita chegava ao salão quando o “advogado”, revestido de seu “croiséé” como uma múmia de sua faixa, trovejava com todas as impetuosidades de seu verbo:

— Aos aleives da douta promotoria pública, senhores do conselho, responderei “ad rem”, baseado no direito e nas provas dos autos!

E vai o Milote, aparteia num grupo:

— Vejam só! Que enjoamento! Este Binho não vale seu “ad rem” pelo avesso!

A virulência desses ditos, longe de deprimir, concorria a realçar a preeminência do ilustre advogado barrilense.

* * *

Mas ocorreu um fato lastimável. O caso é que um dia houve um baile de negros e certo trocista assentou de o ir “esculhambar”. Estava-se mais ao menos pelo entrudo. O tal trocista, primo do Binho, foi-lhe ao vestiário e tomou-lhe a ocultas o “croiséé”. Obteve de outro um chapéu coco, e de um terceiro uns botarrões abracadabrantes. Meteu na cara um nariz postiço, dois rodêlões de couro à guisa de óculos, e, sem mais, arrastando bagaço e tinindo esporas, foi entrando pela sala do baile. Com o revolteio das danças aí já se espalhavam os perfumes das dezenas de axilas dos valsantes, misturando-se entre si fraternalmente, a ponto de fazer-se uma fragrância uniforme e, a bem dizer, compacta, o que equivale a dizer que ia em seu auge o entusiasmo dos pares.

A negrada não viu com bons olhos a chegada do moço, que irrompera pelo meio de uma “quadria” animadíssima, marcada aos urros de francês do Congo, uns “alavancate” “tu”, “chédedame”, que punham em delírio a pretalhada folienta; sem tirar o chapéu coco, pusera-se a dançaricar um miudinho assanhado no meio da sala.

Fora ousadia. A negrada amontoou, esmurraçando-lhe o chapéu e pinchando-o fora da casa a pontapés violentos. O engraçado fez “goal” porta fora, encalçado pela turba vociferante. Foi então que no meio do vozeio indignado se ouviu sua voz súplice:

— Não estraguem o “croiséé” que é do Binho fazer defesas!

E, insensível à dor, era todo gestos de proteção à alfaia preciosíssima, que bem surrada saiu do tal pagode.

* * *

Foi o azar, para o Binho. Nessa época morreu o seu prestígio. Teve exata consciência disso, na primeira sessão de júri que se seguiu. Condenaram-lhe todos os réus. Era inútil a sua empáfia, quando a deitar murro na tribuna, ele desfiava o “testus unus” e mais latins, a grande reforço de copos d'água e de “senhores do conselho de sentença!” Não o tomavam mais a sério. Mostravam-no a ponta de dedo, no salão, murmurando em tom de chacota:

— Olhem o “croiséé” do pagode!

Falindo o “croiséé”, faliu seu prestígio; era aquele que supria com sugestão, as suas deficiências mentais. Porque afinal o mérito do Binho não era dele, mas toda [sic] de seu “croiséé”.

No dia em que lhe condenaram um 303, sem prova, e um outro caso de “privação”, bem caracterizada, Binho compreendeu sua derrota irremissível. Sansão perdera os cabelos: o “croiséé” ficara,[sic] desmoralizado!

Então largou a advocacia, definitivamente, e hoje tem vendinha, numa encruzilhada.

* * *

Do “croiséé”, sabe-se que findou aí sua carreira gloriosa. Hoje – suprema degradação! Serve, também na roça, para vestir espantalhos defensivos das plantações.

Vestiram-no num grande boneco, ao qual penduraram, como judas, sobre um arrozal.

Mas, como se alguma coisa lhe houvesse ficado do antigo ofício, quando dá o vento ainda se vê agitarem-se lhe as mangas em gestos amplos, que lembram o bracear solene de seu dono, nos áureos tempos, quando, do alto da tribuna judiciária, berregava com todo o entono o “testus nullus”, ao conspecto de seus conterrâneos bestificados de admiração e espanto.

GODOFREDO RANGEL

RANGEL, Godofredo. A retirada da Laguna – (O colérico abandonado sobrevivente). **Revista do Brasil**, São Paulo, ano V, n. 55, jul. 1920. Resenha do Mês, p. 269-272.

A retirada da Laguna (O colérico abandonado sobrevivente)

Os que leram “A retirada da Laguna”, de Taunay, não olvidarão facilmente o episódio do abandono dos coléricos. Acossados pela cavalaria inimiga, perseguidos por toda a sorte de calamidades, viram-se os brasileiros na contingência de abandonar os contagiados da terrível epidemia à mercê dos paraguaios.

Numa clareira aberta à noite em um capão de mato, ficaram “mais de 130 coléricos sob a proteção de um mero apelo à sua generosidade, nestas palavras traçadas em grandes letras sobre um cartaz pregado a um tronco: - compaixão para os coléricos!”.

“Pouco depois de partirmos, prossegue Taunay, e já fora do alcance da vista, o estrépito de uma nutrida descarga de fuzilaria veio ferir-nos os corações; e que clamores indizíveis não ouvimos! Nem ousávamos olhar uns para os outros”.

“Segundo o que mais tarde nos contou um dos pobres abandonados, salvo por milagre, muitos doentes (ele não sabia bem se houvera, ou não, geral morticínio) levantaram-se convulsivamente e, reunindo todas as suas forças, deitaram a correr no nosso encalço: nenhum pudera alcançar-nos, ou fosse por fraqueza, ou pela crueldade do inimigo”.

A este sobrevivente, do qual nem se menciona o nome, faz ainda o historiador nova menção no final do capítulo XVIII:

“Ainda nesse dia (29 de maio) vimos chegar ao acampamento, seminu e semelhante a um cadáver, um dos míseros abandonados no dia 26, que, encontrando no próprio excesso do terror um resto de força vital que o salvou, viera à noite, arrastando-se, em nosso encalço, através dos cerrados mais espessos. Nem sempre conseguira, entretanto, evitar os paraguaios; mas estes, ao vê-lo no estado a que a moléstia o reduzira, contentaram-se por divertimento com espancá-lo; e quando ele lhes pedia que não o matassem, respondiam:

‘Nós não matamos cadáveres; queremos é o teu comandante’. E atiravam o mísero ao chão com o conto das lanças. Desta sorte foi restituído à nossa expedição, depois de sofrimentos a que poucos organismos poderiam resistir”.

O que poucas pessoas saberão é que esse colérico, escapo miraculosamente, ainda vive na cidade de Estrela do Sul, antiga Bagagem (Triângulo Mineiro), sendo chefe de numerosa família.

Chama-se Calixto Medeiros de Andrade.

Com menos de 20 anos de idade, alistou-se no 17º batalhão de voluntários na época a que nos referimos tinha as divisas de cabo.

Se ainda vive, deve-o a uma série de acasos favoráveis.

São interessantes as peripécias de sua fuga, que poderiam constituir o enredo de um romance de aventuras.

Sua narrativa em mais de um ponto diverge da referência de Taunay.

Por exemplo, Calixto nega que os inimigos o tivessem apanhado. Como eu lhe lesse o que a seu respeito disse o historiador no último trecho citado, declarou que isso, além de inexato era inverossímil, pois a lança inexorável dos paraguaios nem aos mortos poupava, mutilando-os barbaramente.

O acento de veracidade com que Calixto narra suas aventuras, o conceito em que é tido de homem digno de crédito, trazem a convicção de que suas palavras exprimem a verdade.

Qualquer dúvida sobre sua identidade também deverá ser afastada. É ele, propriamente, a pessoa a quem se referiu Taunay. Veja-se, para prova, a polianteia “A retirada da Laguna” publicada 11 de maio do corrente ano, sob a direção do distinto jornalista sr. Urbano Rebello, em Pirassununga.

Consta da mesma uma palestra havida entre o professor Cesar Martinez e o veterano Joaquim da Silva Rabello, daquela localidade, na qual este declara que “o colérico fugido da mata e que conseguira alcançar a coluna era natural da Bagagem e chamava-se Calixto”. A sua odisseia:

Demos agora a palavra ao mesmo Calixto, que no dia 24 do corrente mês, a nosso pedido, mais uma vez nos relatou sua odisseia:

“Eu e os demais doentes fomos levados para a mata depois de já haver ficado noite. Era um capão redondo, cujo centro fora roçado.

Às perguntas que fazíamos sobre o motivo de nos deixarem ali, diziam que iam fazer uma emboscada aos paraguaios e que depois viriam buscar-nos.

Ao alvorecer do dia imediato estávamos sós. Só se ouvia de todos os lados: Ai! Ai! Água! Água!

Mas não havia ninguém que desse água aos doentes.

Ainda ao lusco fusco dessa manhã apareceu um esquadrão de cavalaria paraguaia.

Ao chegar, a cavalaria deu uma descarga contra nós; vendo, porém, que éramos doentes, os soldados apearam-se, e, formando fileira, foram lanceando a oito, sem poupar nenhum, aos que se achavam ao alcance de seus braços.

A chegada dos paraguaios foi ali ‘como creolina em bicheira’; todos, desesperadamente, procuravam levantar-se e fugir.

Eu estava bem no meio dos doentes; como não tinha forças para ficar de pé, fui de gatinha pulando por cima dos outros, e caindo, até que saí do roçado e entrei no mato, do lado de baixo do terreno, que era em declive. Continuei a engatinhar pelo mato abaixo, até um corregozinho de pouca água, ouvindo sem cessar um horrível coro de ais.

Deitei-me de bruços e bebi dois ou três goles de água. Incontinenti senti uma espécie de surdez e a vista escura e num estado de ligeiro desmaio fiquei alguns minutos.

Recobrando os sentidos continuei a caminhar mato a dentro, até sair no campo. Então vi que o capão estava todo cercado de soldados. Vendo que alguns coléricos que conseguiam chegar até o campo eram aí lanceados, fiquei na beirada do mato. Mais ou menos a uns cem metros de mim achavam-se alguns cavaleiros paraguaios. Escondi-me debaixo de um pé de cipó prata.

Esse pé de cipó tinha um tronco grosso e dos lados as ‘galhas’ chegavam ao chão. Tem aquele nome porque sua folha é verde por cima e branca por baixo.

O dia estava acabando de clarear. Deitei-me de bruços e, com as mãos, ia cautelosamente puxando folhas secas do chão e me ‘rebuçando’ com elas. Cobri primeiro os pés e depois o resto do corpo, até a cabeça, mas de modo que continuasse a poder observar o que se passava perto.

Pelas oito horas da manhã os paraguaios desarream os animais e próximo dali acamparam, ficando quietos o resto do dia.

Dali iam buscar água naquele córrego, passando perto do pé de cipó, em cujos ramos pisavam. O que eu mais receava era que seus cachorrões me descobrissem. Achava impossível que estes não dessem pela minha presença, adestrados como eram.

O dia inteiro houve aquele trânsito ali, para ir buscar água.

À tarde chegou uma boiada paraguaia. Pegaram quatro reses e carnearam-nas, tirando-lhes o couro.

Ao anoitecer puseram fogo em vários montes de lenha espalhados pelo campo. Eram numerosas as fogueiras e distavam umas das outras poucas braças.

Tomando grandes postas de carne, punham-nas nuns espetos longos, fincando estes no chão, perto do fogo.

Quando a carne assava de um lado, eles, segurando o cabo do espeto, o faziam girar meia volta, sem o arrancar, para assá-la do outro lado.

Depois de escurecer mostrava-se o acampamento muito claro, mas havia entre fogueira e fogueira umas pequenas faixas de sombra.

Eu enxergava nitidamente todas as pessoas e os cães, mas raciocinei comigo que, quem se acha perto da claridade, não enxerga no escuro. Então saí de meu esconderijo e engatinhei por uma daquelas zonas de sombra, sempre temendo mais dos cães do que dos homens.

Consegui passar despercebido e continuei a arrastar-me pelo campo, mas daí a umas cem braças parei exausto e aí dormi.

Ao clarear o dia, experimentei três vezes levantar-me, mas não o consegui. Fui então engatinhando à toa pelo campo. Felizmente o terreno era acidentado de ‘morrotes’ que me furtavam à vista dos paraguaios.

Caminhando assim ao acaso, fui dar na batida que havia deixado a passagem das tropas brasileiras.

Era um sulco largo, através do capinzal, e assemelha-se a uma estrada, tão apisoado ficara o terreno.

A certa distância avistei os paraguaios, que estavam recolhendo os animais. Observei que estes não dormiam soltos e sim amarrados na extremidade de um grande laço, preso na outra ponta a uma estaca.

Nesse momento vi perto de mim, num ‘cocuruto’ do terreno um cavalo paraguaio, muito magro, pastando.

Talvez se escapara à noite do laço e pudera assim afastar-se dos demais. Cheguei-me a ele, sem que se espantasse, e segurei-lhe a crina. Abracei-me em seguida a seu pescoço. Então pensei comigo: ‘Como hei de guiar este cavalo?’

Nessa irresolução minha atenção prendeu-se a um manojó que incomodava o braço, quando eu engatinhava. Era uma tira de pano, de quase dois metros do comprido, que estava enrolada no lugar em que o médico me sangrara. Na inconsciência da moléstia eu nem sabia que havia sofrido uma sangria.

Amarrei a tira na boca do cavalo, e subindo num cupim, montei-o. Fui tocando pela batida deixada pelos brasileiros. Passei um espraído onde a água deu nas costelas do cavalo e subi serra. De certo ponto desta avistei ao longe o esquadrão paraguaio avermelhando o campo (as fardas paraguaias eram vermelhas, ao passo que as nossas eram azuis).

Açoitei com uma vara meu cavalo. Embora de uma magreza extrema, ele galopou comigo até pelas duas horas da tarde. O terreno me favorecia, porque eu agora atravessava trechos de mato e de cerrados.

Súbito, adiante de mim rinchou um cavalo. Estaquei e com cuidado observei o que era. Vi à minha frente, num vargado, outro esquadrão paraguaio. Dei uma volta para contornar o lugar em que ele estava e apanhei a batida outra vez.

Depois que o sol entrou, vi, num espigão que me ficava fronteiro, quatro esquadrões paraguaios, acampados. Depois eu soube que dali eles enxergavam as nossas forças, que se achavam à beira do rio Miranda, impossibilitadas de passar-lhe a corrente impetuosa.

Desta vez eu fui também avistado. Vieram muitos cavaleiros, a toda a brida, para capturar-me. Apanhei um mato que havia perto. Aí o terreno era pantanoso. O meu cavalo atolava-se, mal podendo avançar. Em certo lugar ele afundou as duas mãos e não pôde sair. Abandonei-o, e, atolando meus braços e minhas pernas, fui engatinhando pelo brejal.

Por essa ocasião escureceu de todo, e, onde eu me achava, a escuridão ainda era mais profunda, por causa das árvores. Não sei que rumo levaram nesse momento os paraguaios que me perseguiam. Sentindo-me esgotado de forças, deitei-me na lama, pondo a cabeça em cima de uma raiz ou tronco que estava atravessado à minha frente, e que eu apenas pelo tato sentia, porque, como disse, a escuridão era absoluta. Nessa posição passei por uma modorra. Acordei sacudido por um acesso de tosse incômodo. Quando fiquei quieto, ouvi perfeitamente rumor de passos humanos que se avizinhavam de mim, guiados pela minha tosse. Felizmente esta cessou.

Os passos, chapinhando na lama, continuavam a aproximar-se. Retive o fôlego o mais que pude. Senti que essa pessoa parou rente comigo. Se desse um passo mais, esbarrava em mim. Pensei que eu tivesse sido visto, e, encolhendo o corpo, esperei a lançada. O paraguaio parou aí uns cinco minutos, escutando; depois deu um profundo suspiro e voltou por onde viera.

De madrugada tive uma agradável surpresa: ouvi os sons das cornetas e da banda de música da brigada brasileira, o que me deu a conhecer que ela não estava acampada muito longe. Prestei muito sentido à direção de onde vinham os sons. Logo que clareou suficientemente para que eu pudesse seguir, comecei a caminhar em linha reta na referida direção. Ainda no interior da mata encontrei um ribeirão que tive de passar com água pelo peito. Tive primeiro o cuidado de despir-me e atirar a roupa para o outro lado, onde novamente me vesti. Pouco além entrei numa macega de capim flecha. É um capim tão alto que encobre um cavalo. Subi um morro coberto pelo referido capim.

Ao chegar ao alto do mesmo, novo perigo me esperava: vi dois cavaleiros paraguaios de sentinela, à minha direita e outros dois à esquerda. Eu caminhava cautelosamente para que não me vissem, mas mesmo assim receava que os movimentos dos pendões do capim denunciassem minha presença. Passei entre eles despercebido e transpus o espigão. Vi então, o exército brasileiro acampado à beira do rio Miranda, a menos de um quilômetro do lugar em que achava.

Ainda um último perigo me restava para passar. O capinzal alto findava a pouca distância de mim, sendo substituído por um vargado de capim mimoso, onde infalivelmente os paraguaios me avistariam. Cheguei a essa zona perigosa; mas como era na descida do morro, os inimigos não me poderiam ver logo, porque o boleado do terreno me escobria [*sic*] à sua vista.

Ora, exatamente quando eu engatinhava na descida desse morro, os brasileiros de longe me avistaram, reconhecendo, pela minha farda azul, que eu era um dos seus. Compreenderam o perigo que eu corria e por isso mandaram um batalhão ao meu encontro. Então rejubilei. Estava salvo!

De fato, o batalhão chegou sem embaraços até onde eu estava; aí dois soldados ajudaram-me a aprumar-me, um amparando-me de um lado e outro do outro lado e assim caminhei até o nosso acampamento.

À chegada fizeram-me um presente que recebi com grande prazer – deram-me duas laranjas”.

Para terminar acrescentarei mais umas breves notas sobre Calixto:

Ao receber a sua baixa tinha o posto de segundo sargento. É natural, não de Bagagem, mas de Santo Antônio do Boqueirão, município de Paracatu e reside em Estrela do Sul. Tem atualmente cerca de 72 anos de idade. Casou em 1877 com d. Lucinda de Jesus, sendo pai de dezoito filhos.

Estrela do Sul, agosto de 1919.

GODOFREDO RANGEL

RANGEL, Godofredo. Frases feitas. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 77, mai. 1922. Resenha do Mês, p. 79-81.

Frases feitas - Notas sobre estilo

Bento José de Oliveira, com toda a solenidade, define frases feitas como sendo “locuções ou maneiras de falar consagradas pelo uso”. E cita o “cré com cré”, “pão, pão”, etc.

Essa “consagração” é respeitável; veneramo-las, portanto, como antigalhas preciosas da língua, mas livremo-nos de introduzi-las no vocabulário de nosso uso pessoal; pertencem ao povo, que aprecia hábitos cômodos que favoreçam um preguiçoso automatismo mental, que não exige o dispêndio da energia necessária a quem quer falar por si e pensar por si, sem receber, já feitas e condimentadas, as locuções e as ideias.

Frases feitas são modos de dizer que, descobertos a princípio por alguém, são considerados belos, e depois, por essa causa, repetidos à saciedade; mas a beleza originária vai-se por esse processo desbotando e, afinal, morre, como se evola o aroma de uma flor fanada; e as frases belas, expressivas, que constituíram o feliz achado de uma alma artista, tornam-se bagaço inerte, incolor; constituem no estilo um enchimento inútil.

Quinhoam, assim, tais frases, da precariedade de nossa existência. Tudo passa... até as glórias “eternas”; e o supremo consolo que resta aos ambiciosos de renome é a “resignation à l’oubli”, de que nos fala Renan.

Mas na arte de bem dizer até esse lastro, aparentemente inútil, pode ser aproveitado. O talento tem o mágico condão de revivê-las em sua força primitiva, insuflando-lhes novas energias no corpo mumificado.

Tudo está em dizer por outro modo, ou em repetirmo-las modificadamente, acrescentando-lhes o cunho de nossa individualidade.

Parece-nos oportuno extrair de Albalat, na “Formação do estilo”, o seguinte fragmento:

“A originalidade reside na maneira nova de exprimir as coisas já ditas”.

“A expressão modifica completamente as ideias”.

“Horácio disse: – O negro desgosto monta detrás do cavaleiro”.

“Quem não há de achar Boileau original, por ele dizer: – O desgosto salta para a garupa e galopa com o cavaleiro?”.

Para exemplificar o que foi dito, passaremos a citar alguns fragmentos em que se veem frases velhas revijar, ostentar-se, primorosas, dando realce ao estilo.

Não confundir alhos com bugalhos. “Parece-lhe que poetei? Perguntou Estácio rindo.

– Despropositadamente! Ora, eu falo de coisas sérias e convém não confundir alhos, que são a metade prática da vida, com bugalhos, que são a parte ideológica e vã”.

Helena, (M. Assis), cap. VII

Cada minuto parecia um século. “Mas ali, ao pé daquele coração juvenil e impaciente, cada minuto parecia, não direi um século – seria abusar dos direitos do estilo – mas uma hora, uma hora lhe parecia, com certeza”.

A mão e a luva, (M. Assis), pág. 25

Ainda sobre o vagar do tempo:

“O tempo não correu, andou com a lentidão que lhe é natural, quando trata com impacientes”.

Helena, (M. Assis), cap. XVII

Escrever na areia. “O conselheiro era homem geralmente razoável, salvo nas coisas do amor; ouviu o padre, prometeu o que este lhe exigia, mas foi promessa feita na areia: o primeiro vento do coração apagou a escritura”.

Helena, (M. Assis), cap. II

Sorriso amarelo. “Nos lábios pairou-lhe um desses sorrisos em que o olhar penetrante do povo ou a sua imaginação pinturesca descobriu a cor amarela”.

A mão e a luva, (M. Assis), pág. 180

A vida é um sonho. “– Mas é isto um sonho? perguntou, enfim, Mendonça.

– A vida não é outra coisa, redarguiu o capelão; velho pensamento e velha verdade. Façamos por que o sonho seja agradável e não árido ou triste.”

Helena, (M. Assis), cap. XVI

“¿Qué es la vida? Una ilusión,
una sombra, una ficción,
y el mayor bien es pequeño:
que toda la vida es sueño
y los sueños, sueños son”.

Calderon de la Barca

Morto e enterrado. “Um mês depois de chegar Estevão a São Paulo, achava-se a sua paixão definitivamente morta e enterrada, cantando ele mesmo um responso, a vozes alternadas, com duas ou três moças da capital”.

A mão e a luva, (M. Assis), pág. 13

Manto de neblina. “A manhã daquele dia trajava um manto de neblina cerrada, que o nosso inverno lhe pôs aos ombros, como para resguardá-la do rigor benigno da temperatura, manto que ela sacudiu dali a nada, a fim de se mostrar qual era, uma deliciosa e fresca manhã fluminense”.

A mão e a luva, (M. Assis), pág. 185

Dobrar o Cabo das Tormentas. “Não digeria nada; e daí vinha o seu nenhum apego às ciências que estudara. Venceu a repugnância por amor-próprio; mas, uma vez dobrado o Cabo das Tormentas disciplinares, deixou a outros o cuidado de aproar à Índia”.

Idem, pag. 17

Matar o tempo. “A conversa, assim dividida, tornava-se às vezes geral, para recair logo no particularismo anterior; os grupos modificavam-se também de quando em quando, do mesmo modo que o assunto, e assim se iam matando agradavelmente as horas, que não resistiam, coitadas, nem apressavam o passo um minuto sequer”.

Idem, pag. 116

De saudosa memória. “Pompas de palha com que tenciono rivalizar com os Sardanapalos de luxuosa memória”.

Camilo Castelo Branco, *Cartas*

Darem-se as mãos. Usou desta frase feita o poeta Nicolau Tolentino, de *laetica* memória:

”Entre faixas de pobreza
 Meus tristes pais me envolveram;
 Desde então, em crua empresa
 Contra mim as mãos se deram
 A fortuna e a natureza.

Também Machado de Assis:

“Mas a natureza e a sociedade deram-se as mãos para a desviar dos gozos puramente íntimos”.

A mão e a luva, (M. Assis), pág. 130

Mas, no mesmo livro, a páginas 15, já este autor dissera, com muito chiste, tonificando a apatia da frase morta:

“O furor, o delírio, a confusão foram indescritíveis; o aplauso e a pateada deram-se as mãos – e os pés”.

Ter o coração nas mãos. “Deparou-se-me um homem (Thiers), baixo, robusto, bem-disposto, direito, parecendo sempre preparado para o combate, a cabeça bem equilibrada sobre o pescoço, a fronte serena, o olhar doce, o sorriso delicado e a mão pequena, estendida e aberta, como aqueles que, segundo a expressão familiar, têm o coração nas mãos”.

Lamartine

Nadar em felicidade. “E lá voltou para a terra dos verdes mares, onde canta a jandaia. Voltou a nado – nadando em felicidade”.

Negrinha, (M. Lobato)

Escuro como breu. “Navio? Dava azo à dúvida uma luz vermelha a piscar na escuridão da noite. Escuridão, não direi de breu, que não é o breu de sobejo escuro para referir um negror daqueles. De cego de nascença, vá”.

Urupês, (M. Lobato)

As asas da imaginação. “[...] acendeu um charuto e abriu o livro. O livro era uma Prática Forense. Demos-lhe razão ao despeito com que o fechou e atirou ao chão, contentando-se com o canto dos pássaros e o cheiro das flores, e a sua imaginação também, que valia as flores e os pássaros.

Deus sabe até onde iria ela, com as asas fáceis que tinha, se um incidente lhas não colhera e fizera descer à terra”.

A mão e a luva, (M. Assis), pág. 21

“Não falo eu, leitor; transcrevo apenas fielmente as imaginações do namorado; fixo nesta folha de papel os voos que ele abria por esse espaço fora, única ventura que lhe era permitida”.

Idem, pag. 156

Fugindo à comparação “consagrada”, às vezes, para esse autor, a imaginação é uma carruagem:

“A imaginação de Estevão desceu por este declívio de floridas conjeturas, e Luís Alves entendeu que era de bom aviso não espantar-lhe os cavalos. Ela foi, foi, por ali abaixo, rédea frouxa e riso nos lábios. Boa viagem!”

Idem, pag. 8

Ou uma escuna veleira:

“Guiomar refletiu ainda muito e muito, e não refletiu só, devaneou também, soltando o pano todo a essa veleira escuna da imaginação, em que todos navegamos alguma vez na vida, quando nos cansa a terra firme e dura, e chama-nos o mar vasto e sem praias”.

Idem, pag. 91

GODOFREDO RANGEL

(O Dia)

RANGEL, Godofredo. O convescote. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 78, jun. 1922. Resenha do Mês, p. 173-176.

O convescote

A alguns, a paixão torna gagos; a muitos, poetas; a quase todos, sandeus; de um homem sei que, ao ver um belo rosto, espirra inevitavelmente; de sorte que, sendo a doença a mesma, os sintomas variam.

Nenhuma singularidade, porém, como a do rotundo Anselmo, empregado do fisco; a este, qualquer reboição interior de ordem amantética (sentia-os frequentemente), dava-lhe para suar, e, se o reboição era grande, diluía-se em bicas de suor. E, no entanto, havia lá suas razões matrimoniais para que se abstivesse de tais transudações e fosse comportado, acrescentando ainda a múltipla responsabilidade com que o sobrecarregavam os quarenta anos, a prole numerosa e as funções públicas de fiscal municipal. Três cangalhas num só lombo! Por isso, Anselmo, a bem dizer, era uma tropa resumida num homem.

...

Como começou seu pendor pela viúva dos olhos garços, não sei eu. Ou esse azul-céu engastado em dois lindos olhos seria por si uma razão suficiente para originá-lo. O fato é que se tornou notado seu caído pelo honestíssima d. Elsa. Desleixava as funções fiscais, olhava a lua suspirando e com as suas orelhas de dimensões fora do vulgar já apurava o sentido das frases que as estrelas se dizem umas às outras, para entreterem o tédio de sua eterna ociosidade no infinito azul, como bisbilhotices que de janela para janela se trocam vizinhas desocupadas, a matar o tempo.

Uma das frases ele a traduzira assim:

— Que lindos olhos os de d. Elsa! E outra:

— Que encantador sorriso o de dona Elsa!

E outras do mesmo teor, como se a pessoa dela fosse o único assunto digno das palestras da terra e do céu.

...

Ora, essa paixão contrariava e escandalizava a d. Elsa, que procurava modo (que também fosse castigo) de reenviar à trilha do bom senso aquele coração desgovernado.

Azou-se-lhe ensejo num “pic-nic” em que ambos tomaram parte.

O sítio escolhido foi um bosque de altas e copadas arvores.

Omito a descrição de particularidades. Não direi dos incidentes comuns a essa espécie de diversão: uma vaca a investir com o farrancho, mordidelas de insetos, o sol a derreter o "maquilage" das damas e a comichar nas costas dos homens, a água imprestável, os ramos que não se ajeitam a armar-se uma rede. etc. Como disse, são males que afetam a todos os convescotes. Direi somente que, quando o acaso emparelhava Elsa e a consorte de Anselmo, sentia-se o fiscal extremamente perturbado. Raro, porém, as reunia o acaso, porque Anselmo o auxiliava a distanciá-las o mais possível, de modo que só o perfil gracioso da viúva ocupasse de continuo seu campo visual.

Direi ainda que, certo momento, no alto da mais alta arvore do bosque, avistaram uma orquídea florescente com lindo cacho de ouro.

Vendo-o, lembrou-se Elsa das palavras que lhe dissera Anselmo aquele dia, as mais atrevidas de quantas até então lhe sussurrara:

— Eu desejaria adivinhar seus menores desejos, para satisfazê-los.

Onde haveria lido ele semelhante frase? Certo, de seu bestunto não brotara, com a espontaneidade com que viça uma flor num prado. Aquela flor nascera em prado alheio e para o seu: que era um carrascal maninho, fora transplantada com torrão.

Vendo a orquídea a redourar lá nas alturas, como uma pequena constelação de soizinhos de ouro, Elsa voltou-se para Anselmo e disse:

— Que lindas flores! Se o senhor fosse gentil, iria buscá-las.

Era a reiteração do episódio da dama da luva e do cavalheiro de Lorges.

Anselmo, de olhar a árvore, esfriou: tinha um tronco ereto e igual, como um fuste de coluna; duvidou de suas forças; mas Elsa insistia, fitando-lhe uns olhos tão lindamente brejeiros, que sem mais hesitar, se abraçou com o tronco, asseverando:

— Terá as flores que deseja, d. Elsa.

Invocando seus antigos talentos de garoto trepador de pitangueiras, Anselmo conseguiria vencer a difícil prova, embora as suas muitas arrobas de banha e responsabilidade lhe tornassem os músculos menos ágeis e resistentes. Mal, porém, deu os primeiros arrancos para cima, uma ideia importuna começou a beliscar-lhe o espírito. Dizia para si que a impressão que dá de sua pessoa um namorado a trepar numa árvore, não seria das mais lisonjeiras e que a um olhar que se volta para o alto, a ver alguém que grimpa, se desenrola uma perspectiva anatômica apta a render corações. Por pouco não pediu a d. Elsa e as mais pessoas que lhe ficavam vizinhas: "Não olhem para cima, que me acanho!" Refletiu, porém, que tal pedido seria risível e contraproducente. E, resignando-se, foi, aos arquejos, subindo.

A estranheza e a violência daquele esporte em pouco o extenuaram.

Quando ainda se achava a meio pau, enxergando a orquídea lá nas alturas inatingíveis, começou a sentir na pele um prurido sutil, acompanhado de ferroadas de demasiado ardor. Atentando bem, viu que eram formigas, cuja laboriosa faina ele estorvava. Alto a baixo naquele tronco ia um carreiro delias, de sorte que, no lugar em que Anselmo tinha o corpo, se fazia, no aludido carreiro, solução de continuidade. Perdido o seu trilho habitual, pela interposição daquele corpo estranho, as formigas atarantavam-se, sem compreensão exata do que acontecia; e, nessa confusão, espalhavam-se atrapalhadamente pelo obstáculo, metendo-se-lhe pelo túnel dos punhos, por dentro do colarinho suarento, pernas para acima, costas a baixo, com excursões pela barriga, enfim, de tal modo tontinhas, em faina de não querer chegar atrasadas, que é provável nunca mais atinassem com o bom caminho.

E Anselmo, esbugalhando os olhos terrificados, via o carreiro preto que descia descontinuadamente das altitudes a que havia ainda de subir: uma caravana de atarefados serezinhos, uns arcando sob a carga imensa para seu corpinho reduzido, outras de ferrões abertos, sem carga, como em funções municipais, a fiscalizar apenas, prontas a lavrar, ao modo fórmico seus autos de multa contra os Anselmos perturbadores do trânsito. Era a pena de Talião aplicada ali, às ferroadas, no enérgico fiscal que tantas vezes ferretoara o inerme contribuinte.

Com aqueles seus olhos tornados enormes, Anselmo, que nem por sombra sabia existir uma coisa chamada zoologia, adquiriu nesse dia, sobre os insetos, um cabedal de conhecimentos suficientes para passar em exame da matéria, se lhe caísse esse ponto. Pela primeira vez em sua vida, atentava para a existência dos pequenos seres, ficando conhecendo traços gerais de seus hábitos de trabalho, expedientes de defesa e processos de ataque.

Nesse dia não se ilustrou apenas com esses dados sobre o costume das formigas; no seu subir travou conhecimento com umas lagartinhas felpudas, de instinto sociável, que viviam com colônias populosas, e cujo contato com a pellet levanta nesta uma brotoeja ardida, de aspecto e "ardume " variável, conforme a parte do corpo afetada.

Ao chegar na zona mais povoada pelas mesmas, que era, pelos modos, uma espécie de capital da tribo, teve Anselmo que fazer uma ginástica perigosa. Entrevendo ao fundo um abismo, teve de largar do pau com uma das mãos, para atirar longe, aos piparotes, um a um, os membros inumeráveis da colônia.

Transposta esta zona, com alguns esforços mais pôde ter ao alcance da mão o desejado cacho áureo.

O que foi a volta não é mister pormenorizar. Sobre ela poder-se-ia dizer a Anselmo, como de afamado outeiro "que era melhor de descer que de subir".

Em um parêntese desapropositado seja-me licito glosar a calinada camoniana deste lanço, pois em todos os tempos, desde que há gravidade, os outeiros foram sempre melhores de descer que de subir, a menos que ocorresse a reviravolta celebrada neste» graciosos versos de Belmiro Braga:

“Quando subo a encosta agreste
 Para ver-te, em ânsias morrendo,
 E' tão penosa a descida,
 O' vida de minha vida!
 E' tão suave a subida,
 Que eu penso que estou descendo.
 Mas quando volto saudoso
 Desse teu olhar infindo,
 E' tão penosa a descida
 O' vida de minha vida!
 E' tão penosa a descida,
 Que eu penso que estou... subindo.”

Reatando o fio da narrativa: Anselmo desceu rápido, triunfante, tendo na mão o lindo cacho de ouro.

Pisando o chão, caminhou sorridente para o vulto feminino que o guardava ao pé da árvore. Mas oh, que horror! esse vulto era o de sua própria esposa, que sorria satanicamente.

Não se sabe por que arte s foi feita essa substituição nem o que entre os dois se passou ali, no ermo, ao pé daquela árvore, nem a história registra o desfecho do "pic-nic"; note-se apenas que data desse dia a regeneração definitiva do fiscal Anselmo, que desde então sempre se mostra chefe de família exemplaríssimo e incorruptível zelador de Fazenda Pública.

GODOFREDO RANGEL.

(*“O Dia”*).

RANGEL, Godofredo. Mealhas. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 79, jul. 1922. Resenha do Mês, p. 267-269.

Mealhas

É a vida social grande excitante para o espírito. Vê-se, ouve-se, observa-se, analisa-se, como se passássemos a humanidade em revista. À nossa frente desfilam os ridículos e as paixões, em cortejo variado e pitoresco. Variado, principalmente, no aspecto – vulgaridade. O museu da chatice exhibe a nossos olhos seus infinitos espécimes, com todas as modalidades possíveis.

Unta louca sabe geografia, faz contas, conjuga verbos.

Diz sua antiga professora:

– Vejam a solidez do ensino que administro. Depois de frequentar minhas aulas em menina, perdeu a inteligência, mas não esqueceu minhas lições.

Poder-se-ia objetar:

– É que na escola lhe cultivaram outra zona do espírito, que não propriamente a inteligência.

É essa “outra coisa”, infinitamente menos importante que a inteligência, que os mestres, de ordinário, cultivam nas escolas.

Quem dá a esmola, deve ter em vista o dever; quem a recebe, o favor. Quantas vezes, porém, não se invertem esses pontos de vista, atentando o que dá para o favor que faz, e o que recebe para o dever de dar a que primeiro obedeceu!

É o que explica muitas ingratidões.

A filosofia é como as armas: dela pode fazer-se bom e mau uso.

Mais de uma vez, “in mente”, já descobri o moto-contínuo. Ao gritar enreka [*sic*], medito e vejo uma falha na engrenagem. Remedeio-a. Triunfei? Falha o sistema por outro lado. Conserto-o. Está perfeito. Não! Vejo novo defeito... É um suceder-se interminável de falhas, primeiro despercebidas, depois nítidas, conforme a atenção que se lhes dá.

As generalizações de certos sociólogos, tais conceitos filosóficos muito amplos, dão-me a ideia desses improvisos de meu diletantismo mecânico. Quanto moto-contínuo dessa espécie não forjamos a cada instante no terreno das ideias!

A vida é boa – nós é que não sabemos vivê-la. Queremos que ela se adapte a nós, em vez de nos adaptarmos a ela.

Aos vinte anos, somos o barro não modelado. Com o tempo, essa massa amorfa vai tomando contornos nítidos. Dizemos, então, que se está formando o caráter. É uma cristalização lenta a formar-se no seio de uma dissolução. As ideias também cristalizam-se, e nossas opiniões se tornam menos maleáveis.

Aos vinte anos, entre espírito e espírito há mais afinidades. Somos líquidos diversos que se misturam facilmente. É até essa época que se cimentam as amizades. Depois, passa-se ao estado sólido... A adesão é mais difícil; em consequência, as afeições restringem-se.

Naquela idade temos vocação para tudo, queremos tudo ser. Estamos numa encruzilhada. Com a elaboração dos anos, as nossas vocações limitam-se em número, cerceiam-se, rareiam e, afinal, não vemos para a nossa vida senão urna diretriz única.

Está formado nosso caráter, isto é, achamo-nos mais ou menos mumificados. Somos “espécie”, depois de ter sido “gênero”.

Em todo o negócio há sempre um pouco de favor, duma ou doutra parte. Recebe o favor o que mais precisa ou o que menos esconde sua necessidade.

Se aos moços aterra a ideia de que um dia serão velhos, é porque veem a velhice com os olhos da mocidade. Acham-na horrivelmente triste. Seria assim triste, se envelhecêssemos repentinamente, aos vinte anos. Mas não! Preparamo-nos, adaptamo-nos, e se em moços nos é doloroso renunciar à vida, que enxergamos bela, velhos o sacrifício não será grande, tão árida, inútil e amargurada a verã nossos olhos através das recordações das mágoas sofridas.

Precocidade daninha.

Diz-me F., apontando uma criaturinha de três anos, que tomou parte numa festa escolar:

E dizer que “aquilo” já recita “A Doida de Albano!”

Muito mais pitoresca e acidentada que a vida humana, deve ser a vida de uma formiga. A natureza, para esses insetos, tem mais rudeza, mais imprevistos cataclismos, do que para nós. Estão, a este respeito, como nos achávamos nas primitivas épocas geológicas, quando nos cercavam uma natureza agressiva e elementos desordenados.

Espanta-nos uma enchente: a formiga tem-na, a cada chuvada, formidável, assoladora, espalhando intérminos oceanos pelo solo, penetrando-lhe as galerias subterreas, como torrente invencível. Como tudo é risco para sua fragilidade! A menor touça de relva é para ela uma “selva selvaggia”, e em toda parte vê-se cercada de monstros horrentes.

Costumamos considerar os objetos que nos cercam como entes animados que nos falam uma linguagem amiga.

É uma vida reflexa, porque a verdade é que estamos cercados de cadáveres. A madeira da mesa, da régua, da caneta, são pedaços de cadáveres mumificados de vegetais. O couro das encadernações foi tirado de cadáveres de animais. A lã do vestuário, o feltro e a palha dos

chapéus são tecidos mortos; lembram a morte, em sua inércia, as substâncias minerais; até o relógio, que palpita como um ser vivo, emprestando uma alma à solidão de nosso gabinete, é um morto, no qual injetamos periodicamente a vida ilusória do som e do movimento.

O que não é a morte, é inércia. Nós mesmos, nossas aspirações, nossa consciência, somos resultantes inevitáveis de causas absolutamente inconscientes e fatais.

Distinguimo-nos do relógio, por ser mais duradoura nossa “corda” vital, a qual tem, em comparação com a daquele, a inferioridade de não poder ser dada de novo.

Há pessoas que escrevem, há as que inventam, que viajam, e há também pessoas que brigam, para quem a briga é um desporto predileto ou uma necessidade orgânica. Nunca lhes falta matéria para “arrelias”. Ponham-nas no ermo e em isolamento absoluto, que ainda hão de esmurraçar as pedras ou a si próprias. Têm no espírito um certo potencial de “eletricidade biliaria”, que exige descargas e se descarrega aos mínimos pretextos. A experiência da vida não as modifica. Aos oitenta anos ainda conservarão seu natural litigioso.

GODOFREDO RANGEL

(O Dia)

RANGEL, Godofredo. O legado. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VII, n. 81, p. 51-56, set. 1922.

O legado

(A Georgina de Rangel Franqueira)

— Veio trazer a menina?

— Sim, senhor...

Cesário apeou, tirando a pequenita da cabeçada dos arreios. Em seguida beijou respeitosamente a mão do coronel Joaquim Leme.

— A benção, padrinho.

O recém-chegado era um cafuzo alto e magro, com uma barbicha rala no queixo. Trazia camisa preta, sinal de luto recente. Enviudara de fresco e de sua vida de casado apenas ficara uma “família”, a Nenzinha, aquele princípio de gente, de quatro anos apenas, que trouxera consigo. Vinha entregá-la ao coronel, que a aceitara para criar. Um vagamundo como ele, ora aqui, ora além, na labuta da vida, não podia olhar pela criança; e a mulher recomendara-lhe, ao morrer, que, se a tivesse de dar a outro, que fosse para o padrinho dele. Este era, na zona, o lavrador de mais nome, mandão na política, sem competidor no número de rezes e nos milhares de alqueires de invernadas. Fizera escreverem-lhe, oferecendo a menina; e, como o coronel a aceitasse, ficava tranquilo sobre a sorte dela. Naquela casa, à sombra de tão boa árvore, Nenzinha podia ser gente, ao passo que, com ele, só a esperava a condição misérrima dos de sua igualha.

Levando a pequenina no braço, puxou o animal, amarrando-o num esteio da cerca.

— Que é isso, Cesário! protestou o padrinho. Desarreie a besta e solte-a no pasto...

Não podia. A demora ia ser pouca, por precisar tratar da vida. Atrasara-se com a doença da mulher e agora era dar boas provas de si, mostrando ser honesto e saber desempenhar seus compromissos.

A razão seria em parte essa, que Cesário deu. Outra também haveria: a respeitosa distância a que o obrigavam a opulência e poderio do padrinho.

Subiram para o alpendre da entrada, onde se sentaram em cômodas poltronas de vime. Cesário fê-lo constrangidamente, como se temesse macular a mobília com o contato de sua rudeza de boiadeiro. Pôs no parapeito a roupinha da filha, entrouxada num lenço de chitão.

Nenzinha conservava-se ele pé, rente ao pai. Apareceram na “máscara” outras crianças da casa, que a vinda da menina alvoroçava. Nenzinha, acanhada, olhava-os desconfiadamente.

— Então, a coitada de sua mulher lá se foi indo, disse o coronel.

— Não houve apelo, explicou Cesário. A doença viera “braba”, com um febrão sem jeito, que a torrava dia e noite. E sempre no seu juízo dela e com aquela certeza de que ia morrer. Por isso, não se cansava de recomendar ao marido: “Cesário, olhe pela Nenzinha, não descuide. Se casar com outra, não deixe a coitadinha sofrer. Se ficar só, entregue para uma pessoa que possa zelar dela. Você é homem, não tem expediente. Também na sua vida andeja, como há de ter ela perto? Não tem outro rumo. Mas entregue a uma pessoa que não judie dela, pois você sabe, que muita gente gosta de criar os filhos dos outros, mas é para fazer judiação. A Nenzinha é uma inocentinha e tem sido criada com todo o mimo. Não desfazendo em você, que eu estimo muito, ela sempre foi, como você sabe, as meninas de meus olhos”.

— Aqui ela pegava a chorar, continuou Cesário; e eu então respondia: “Com outra não me caso, porque não hei de te esquecer. Sobre a menina você disse certo e vou seguir seu parecer”. E, a toda a hora, a repetir a mesma recomendação. Como coisa que não sentia a doença nem a morte. Lembrava-se deste e daquele, a quem podia dar a filha e sempre naquela incerteza. Quando falei seu nome, ela aprovou: “Este sim, Cesário. Pois está muito bom”. E assim, sempre com a ideia na menina, veio a agonia e ela morreu. Mesmo de vela acesa ainda enviesou para a filha um olhar triste, que era como uma despedida cheia de saudade e de cuidado.

E Cesário calou-se, murmurando:

— Esta vida é uma atrapalhação!

Passou a vista desatenta pelas invernadas, que se roseavam com o primeiro rubor da florada. Os campos fugiam para todos os lados, em ondulações paradas de um mar que se imobilizou. Aqui e além, salteadamente, abriam-se esbracejos mutilados de árvores secas.

O magote das crianças rodeando Nenzinha dizia-lhe, com acenos das mãositas: “Vem brincar!”

Menos acanhada, ela sorria-se para os outros pequenos, mostrando nas faces duas covinhas brejeiras. Mas não queria ir. Cosia-se ao pai, pousando a cabecinha na perna dele.

— Porque uma mãe, o padrinho sabe, é sempre uma mãe. Deus, ao entregar o homem para o trabalho, parece que também já destinou a mulher para cuidar da casa e criar os filhos. E minha defunta era mulher às direitas! Olhava a casa, zelava de mim, da menina, e, obrigação que tivesse, dava conta na hora e no instante marcado. Não há aquela pessoa que pudesse dizer que um dia ela lhe fez mal ou a agravou com urna palavra. Não sei porque Deus tira gente boa do mundo! Morreu... Foi um transtorno! Vacês, olhando esta criança, fazem uma obra de caridade.

Com as costas da mão limpou um cisco num olho. Relanceou de novo os campos que fugiam, recuando a perspectiva, a distanciarem-se em longínquos planos que iam morrer na orla azul do horizonte remoto.

— Não lhe dê pensão a menina, Cesário, disse o coronel. Havemos de olhar por ela. E sempre que quiser venha vê-la.

Cesário agradeceu, respeitosamente. Não pretendia, porém, abusar desse convite. Apareceria raramente, para o padrinho não supor que ele desconfiava do trato ou queria tomar a menina. Dada esta, era mais ou menos como se morresse para ele. Era triste, mas, que fazer? Coisas do mundo. Há um tempo que é só alegria; depois, é preciso paciência.

Avizinhou-se um camarada, que procurava o coronel. O fazendeiro levantou-se, para atendê-lo. Fez-lhe determinações sobre o serviço, e voltou para sua poltrona. E daí ficou atento, a observar interessadamente uma ponta de gado, adquirida de fresco, que lhe entrava o curral.

Acariciando levemente a cabeça da filha, Cesário mudou de assunto, perguntando ao padrinho pela criação. Ferido em seu ponto fraco, o coronel respondeu-lhe, passando a dizer-lhe acaloradamente suas esperanças na alta. Abria-se belo futuro para a “lavoura” de criar. E, animado, apoiando-se no parapeito, mostrava as rezes novas, encarecendo-lhes a qualidade.

Cesário mudamente confirmava com a cabeça.

Veio de dentro a mulher do fazendeiro, trazendo o café. Deu também “umas prosas” com Cesário, dizendo-lhe palavras de sentimento pela perda sofrida. Ao voltar para o interior, chamou a menina:

— Vem comigo, vem...

Nenzinha desatendia-a. Queria só estar assim, perto do pai, com a cabeça inclinada sobre a perna dele.

— Vem ganhar um biscoito...

Chamava-a de novo, tomando-a pela mão. O pai impeliu-a brandamente:

— Vai, Nenzinha...

A menina deixou-se conduzir, com grande alegria da petizada, que entrou com ela a casa da fazenda, rodeando-a em alegre celeuma.

Na “máscara” ficaram apenas Cesário e o coronel.

— Pois é, meu afilhado, prosseguiu este, teremos ainda alta. O gado escasseia e a procura aumenta...

Continuou a dizer suas conjecturas e esperanças. Cesário aprovava sempre, mudamente. Ao mesmo tempo escutava a algazarra das crianças, no pátio próximo, além dum muro. Soavam vozinhas alegres, entre as quais reconheceu a de Nenzinha também. A pequenita acostumava-se.

Depois de pouco espaço Cesário levantou-se, dizendo:

— Agora o padrinho dá licença...

— Que é isso! Ainda é cedo... Fique hoje!

— Precisão, meu padrinho! O senhor sabe! Minha vida...

Desfiou de novo a lengalenga: suas dificuldades, negócios atrapalhados, compromissos...

Inclinou-se para beijar a mão ao coronel. Mostrou-lhe a trouxinha no parapeito: “Aqui é a roupa...”

Limpou os olhos, que o ardume do sol incomodava; e, descendo a escada, foi desamarrar a besta. Antes de partir salvou de novo, com respeito. E esporeou o animal, afastando-se.

Ao trote sacudido da bestinha ia repisando todas as suas tristezas. “Esta vida é uma atrapalhação”, suspirava ele, resumindo nesta palavra suas amarguras todas. Uns morrem, outros ficam como mortos... Pois não tivera que entregar a Nenzinha? Falta de amor não era, não. Sabe Deus quanto lhe custava! Que a menina tinha uma agarrção com ele, que era uma coisa sem jeito. Quando o serviço dava folga de passar em casa uns tempos, era nos braços dele que toda a noite a filha queria dormir. Pedia-lhe primeiro que lhe contasse histórias. Ele contava-lhe quantos casos lhe acudiam. Nenzinha não os compreendia, mas escutava-os atenta e sorrindo, deliciada de ouvir a voz do pai... E, num sestro antigo, enquanto este falava, ia-lhe repuxando a barbica do queixo... Ele contava tudo o que lhe vinha à boca. E os olhos da criança insensivelmente se fechavam e a mãozinha desprendia-se da barba... Dormia a sorrir, com as covinhas bem cavadas, como se ainda em sonhos continuasse a ouvir aquela toada de que gostava tanto, que era a voz do pai.

A agarrção era tanta, que a mulher se enciumava às vezes, dizendo: “É' assim, Nenzinha? Você só quer bem seu pai? Deixe estar, jacaré!”

Mas não! É que o pai viajava muito e a pequenita queria matar as saudades. Queria aproveitá-lo o mais possível, enquanto demorava em casa. Ausente, era lembrado a toda a hora por Nenzinha. Aquilo que visse ou sentisse, um dodói, o gavião a assarapantar a galinhada, tudo dizia que ia contar ao papai. E ia somando na cabecinha, quanto lhe permitia a memória de avezita, todas as “grandes” novidades.

Se ele tornava de viagem, presentia-lhe a menina o piso do animal. Parecia que o diabrete adivinhava, porque ainda vinha longe, e lá avistava a correr-lhe ao encontro uma figurita de nada, pequenina e rente com o chão, na estrada larga. E, numa alegria enorme, gritava e estendia-lhe os bracinhos, para que a tomasse na dianteira da sela. Precisava ele appear a distância, senão a estouvadinha metia-se por entre as pernas do animal; então, levantando-a do solo, beijava-lhe as duas covinhas, e, tomando-a consigo, tornava a montar. Ela ria-se, estorvava-o, e, com o cacoete antigo, repuxava-lhe a barbicha do queixo, dizendo: “Papai!” Era claro que queria dizer outras coisas; mas eram muitas, e, agora, à vista dele, misturavam-se lhe

confusas na cabeça e, no tumulto, apenas sabia dizer aquelas duas sílabas; e, à força de repeti-las, era como se se lhe houvesse esvaziado o coraçãozinho de tudo o que desejava “contar”.

Não havia criança tão querida. A mulher, então, coitada! A morrer, e parecendo não pensar noutra coisa. Talvez que seu desejo fosse levá-la consigo. Sentia, a essa hora extrema, o desespero do avaro que antevê, agonizante, a fortuna, que duramente levou a vida a ajuntar, passando a mãos estranhas. E, morta, a imensa tristeza que se lhe espalhou no rosto, eram, por certo, saudades da filhinha que ficava...

O trote, sacolejado, levava-o em toada regular. Sua vista corria às vezes o horizonte, como a buscar em torno o que quer que fosse que perdera e lhe fazia falta... Para todos os pontos via apenas os campos debandarem, em fuga silenciosa. E, quanto mais a vista os fixava, mais se lhe furtavam, em recuo infinito, num desdobramento de ermo e de amplidão, indo fundir-se em névoa azul na lonjura dos horizontes indistintos... Havia ali como o espraiar duma infinita tristeza sem cura. O boleado dos campos, o rebanho das pequenas ondas imotas, parecia a seus olhos cômoros sem conta de sepulturas rasas, que recuassem, em renques inumeráveis, para os planos do horizonte remoto; e plantadas aqui e além, árvores secas, esqueléticas, abriam os braços, como grandes cruzeiros desolados...

Sentiu-se só na vida. Então apertaram-lhe as saudades da filha e da mulher.

— É uma tristeza! suspirou Cesário.

Levou a mão ao bolso a procurar o fumo. O bolso estava cheio de coquinhos secos.

— Uai! Não é que me esqueci! murmurou ele.

Eram os brinquedos da filha. E ela que lhe pedira que os levasse! Pusera-lhos na algibeira com suas próprias mãozinhas. Se eram seus preciosos brinquedos! Ajuntara-os sob o coqueiro do pomar. Com eles entretinha-se horas e horas... Um era vaquinha; outro, carneiro; outro, leitão, e assim os mais, com significação que ela bem entendia, e só ela...

Colheu as rédeas e estacou.

— Esta cabeça! E também não é que separei da filha sem lhe pôr a benção! Essa falta de ideia! Só voltando.

E, esporeando o animal, retomou o rumo da fazenda. Desandou os três quartos já vencidos. Ali estava, de novo, entrando o curral da frente. Fronteando a “máscara”, veio o padrinho:

— Que foi, Cesário?

Quis falar, mas encarregou. Entregou-lhe os coquinhos, dando a entender que eram da menina.

Ouviu-lhe a vozinha alegre, a soar no terreiro, entre outras vozes de crianças.

Quis ainda pedir que a chamassem, para lhe pôr a benção. Mas o engasgo continuava. Fazia estranhos movimentos com o pescoço... Esforços vãos. Por fim, desistiu. Salvou mudamente o padrinho e virou a rédea.

O animal trotou...

Viram-no ainda algum tempo a distanciar-se: todo teso e esguio, desproporcionadamente grande para sua bestinha, quixotesco e ridículo...

GODOFREDO RANGEL

RANGEL, Godofredo. Aspectos mineiros. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VIII, n. 87, mar. 1923. Debates e Pesquisas, p. 278-282.

Aspectos mineiros

A natureza fez o homem caçador e nômade, mas a civilização, embora outorgando-lhe em suas cartas fundamentais ilimitada faculdade "eundi et transeudi", circunscreveu-lhe o "habitat" em acanhados limites. A organização social apresenta em seu conjunto o aspecto de um mosaico, onde cada um de nós figura de singelo ladrilho, comprimido entre os demais ladrilhos.

Vão longe os tempos de nomadismo e da verdadeira liberdade, a outra, que não vem em cartas constitucionais. Livres não serão ainda aqueles que a profissão força a errar, porque, premidos uns pelas exigências do itinerário, que é mister perfazer em períodos fatais, enleados outros pelas voltas constritoras de um regulamento inexorável, como que levam consigo, onde quer que vagueiem, a sua escravidão. Viajam enjaulados, como as feras dum circo, sem a quietação d'alma, a indolência feliz de nossos pré-avós selvagens, que, onde entendessem, acampavam, sem preocupações pelo dia de amanhã. Involuntários anacoretas, somos os sentenciados da imobilidade. Por isso é que, quando nossos olhos contemplativos seguem no azul o voo duma ave, tripudia dentro em nós, em ânsia insofrida, o desejo de devorar o espaço a voo solto e de também singrar na altura, para longe, ainda mais longe.

Tal anseio recalcado é que empresta maior encanto às narrativas de viagens.

Nossa imaginação vai no sulco aberto pelas palavras do autor, acompanha-o em seu percurso; move-nos a mesma emoção, possuem-nos os mesmos temores e deslumbramentos, de tal arte, que, ao cabo da viagem, é como se também houvéssemos jornadaado um pouquinho, nas terras cujo relato o livro deu.

Não preciso ir, como Júlio Verne, ao cabo do mundo, para fruir sensações idênticas. Mesmo próximo a nós há maravilhas que encantem o espírito.

Em suas excursões pelo estado de Minas, publicadas nos dois volumes das "Memórias Corográficas", mais uma vez o sr. Álvaro da Silveira nos convence dessa verdade. Se apreciamos o alpinismo europeu, Monte Branco acima, a atolar-nos na neve, o autor faz-nos sentir que pode haver prazer na ascensão ao nosso Itatiaia e Pico da Bandeira. Lá estive e levou-

nos também. A subida é difícil, principalmente nas Agulhas Negras. Palpita-nos o coração lances arriscados a vencer o “Boqueirão do Inferno”, equilibrando-nos em pequenas arestas sobre o abismo; e ao atingir, aliviados, o cimo, sentimo-nos desopressos e possuidores da volúpia de sobrepairar na altura, sobraceando um largo trato de mundo. Já essas vertiginosas sensações não nos proporciona o Pico da Bandeira, mais acessível, que, recentemente, destronando o Itatiaia, foi sagrado rei das altitudes, no Brasil. A prioridade dessa descoberta, reivindicada para si o ilustrado cientista, autor destas “Memórias”.

O sr. Álvaro da Silveira é amável companheiro de viagem. Em sua proximidade, não se conhece a monotonia. Se há pouco demandávamos a altura, eis-nos agora, inversamente, a mergulhar nas entranhas da terra. Estamos nas grutas do Maquiné, do Baú e na Lapinha. Empunhando archotes, que abrem nas trevas rasgões de luz, contemplamos o interior fantástico. São salões que se sucedem, corredores que se bifurcam. Aqui, um renque de colunatas alvacentas de calcário, dá-nos a ilusão de estarmos num palácio de fadas. A voz reboa estranhamente, como se um deus invisível nos respondesse do bojo negro da terra, cuja profundidade, em certo ponto, sonda alguma alcançou, e onde o gás carbônico, como na célebre gruta de Nápoles, impossibilita a descida. E aí nas trevas, sombra digna da majestade milenária delas, o narrador evoca o sábio Lund. Lund, que começou a desvendar os arcanos de nossas grutas calcárias, e que exportou para a Dinamarca preciosas relíquias de nosso passado. Com referência a certo salão que atingimos, diz o autor.

"Neste lugar é que se diz ter Lund encontrado muitas das ossadas que a gruta guardava como relíquias preciosas do passado e que hoje, em vez de estarem enriquecendo as coleções de nossos museus, ministrando informações sobre a história do nosso país, figuram em mostruários científicos de Copenhague”.

“Lund, porém, não retirou, evidentemente, tudo o que ficou conservado nas grutas sob a forma fóssil e muita coisa interessante haverá nelas que ainda poderia constituir objeto de admiração de cientistas e visitantes de museus, bastando para isso que houvesse quem intentasse continuar os trabalhos do santo dinamarquês”.

Como o próprio Lund o afirmara, as suas explorações nas cavernas representavam apenas o início de um trabalho que ele esperava fosse continuado por algum brasileiro que tivesse amor ao estudo e vontade de contribuir para o conhecimento tão útil e curioso dos representantes da fauna existente, há séculos passados, na região das grutas do rio das Velhas.

Infelizmente, não apareceu esse continuador da obra de Lund, e nem ao menos quem tenha mostrado uma vocação, mesmo pequena, para reunir dados sobre a espeleologia do nosso país, que, neste ponto de vista, tanta novidade naturalmente ainda encerra”.

É de entristecer...

Mas, desse ambiente pré-histórico, em cuja sombra estão como emboscadas as grandes bestas antediluvianas, saímos agora para outro cenário.

É uma caçada de onças. Parte um grupo de caçadores no encaço do canguçu' que lhes ronda a barraca. Projetando um grande salto entre duas arestas de rocha, o canguçu escapa-lhes.

Agora o viajante despreocupado cedeu lugar ao homem prático. Não do prático ronceiro, consoante a má significação comum do termo, mas do que devassa as possibilidades da natureza com a penetrante visão do homem da ciência. Fala-nos sobre o maná mineiro, o gypse mineiro, o manganês e outras produções mineiras. Discute agora o problema zebu, o da abundância de águas em correlação com a existência das matas. Esteja ou não seu modo de pensar em acordo com as verdades aceitas, o autor lança sua opinião pessoal, baseada em observação pessoal, no tapete da discussão. Se está errada, discutam-na e refutem-na, com observações melhores. Se não o fizerem ele se aterá de preferência àquilo que observou.

Sua imaginação é viva; por isso às vezes de um tema comum, seu espírito faz brotar um arrojo de hipótese.

Assim, da observação comezinha, feita em curtas zonas, como na serra do Cipó e na bacia do rio Doce, de que, depois de roçada e queimada uma capoeira ou uma mata virgem, nascem espontaneamente a mamoeira (“*Ricinus communis*”) e o mamoeiro (“*Carica papaya*”), ele observa que, para que tal suceda, é mister que a semente tenha existido na terra desde uma época anterior à formação dessas capoeiras e matas. Desde quantos anos? Uma capoeira leva de 15 a 25 anos a refazer-se, portanto, certas sementes ficaram na terra, sem germinar, todo esse tempo. E o caso da mata virgem? Aqui esses números são centuplicados. Ouçamos o autor:

“Tendo em vista as dimensões do tronco, Martins calculou em 4.100 anos a idade de uma árvore gigantesca do vale do Amazonas”.

“Alguns baobás da Senegâmbia teriam, em 1749, segundo cálculos nessa data feitos por Adamson, 6.000 anos de idade”.

“Tomando por base também o tronco de certas árvores — jequitibás e perobas, por exemplo, existentes e abundantes nas florestas virgens do rio Doce, não se errará muito calculando a sua idade pelo menos em 3.000 anos; e, como essas árvores viveram, quando novas, em meio dos mamoeiros que as precederam, pode-se calcular também em 3.000 anos o tempo decorrido desde a extinção da ‘Carica Papaya’ até o presente”.

"Ficaram, pois as sementes do mamoeiro conservadas na terra durante todo esse longo período, até que a derrubada, restabelecendo as condições de meio necessárias à vida da planta, permitiram que elas germinassem e iniciassem o novo ciclo vegetativo."

* *

*

“Esse exemplo da semente da ‘Carica Papaya’ vem provar ainda uma vez o fato já conhecido de poder um gérmen conservar as suas propriedades vitais perfeitamente durante milênios.

Uma pequena semente retirada de dentro de uma múmia egípcia pelo professor Wobroth e cuja idade foi avaliada em 4.000 anos, germinou perfeitamente, produzindo flores atualmente desconhecidas.

Sementes de trigo encontradas em sarcófagos de 2.000 anos, também têm germinado muito bem, uma vez colocadas em condições a isso favoráveis”.

Conclui pondo em paralelo a semente e o radium como reservatórios de inextinguível energia:

"O radium pode produzir indefinidamente, sem perda aparente, força, calor, e luz; a semente cai em entorpecimento durante tempo até aqui ilimitado, sem perder a faculdade, de, quando despertada, cumprir a missão que lhe incumbe, isto é, de continuar a vida que ela recebera de seus antepassados.

“Radium e semente desempenham, bem se vê, papéis bem semelhantes – esta, uma fonte perene da vida vegetal; aquele um reservatório inesgotável de força e talvez mesmo de vida”.

O tema agora varia. Entretém-nos com figuras e histórias tradicionais. Aqui um curandeiro José, entendido em garrafadas que o povo sagra santo e batiza de São José, o qual,

para esquivar-se à canonização a “muque”, se vê obrigado a arrumar a trouxa e sumir. Depois a história sinistra do coronel Ambrósio, que fazia grande empenho em que fossem o mais animados possível os folgedos no dia do casamento de sua pupila Diana. Mas ao viajarem com os noivos para o povoado, em demanda da igreja, o coronel subitamente empalidece na sela. Vacila-lhe o corpo. Correm a ampará-lo, mas dali a instantes está morto. E, como respeito póstumo ao desejo do finado, adiam o luto para o dia imediato. Naquele realiza-se o casamento e a festa. E, conviva sinistra das estranhas bodas, a tudo fazem o cadáver “assistir” sentado numa cadeira, lívido e hirto, como formalizado para uma grande solenidade.

Terminadas as festas, transforma-se subitamente o salão do baile em câmara mortuária, e só então borbota o pranto dos olhos de todos.

O outro episódio doloroso, na serra do Espinhaço, envolta no sudário branco da “corrubiana”.

Demos a palavra ao autor, para referir-nos a cena dantesca:

“Em cima da Serra das Bandeirinhas só há um morador, o sr. Antônio Martins, cuja casa, situada a 1436 metros de altitude, abrigou-me durante 4 dias, em que permaneci na parte alta da montanha.

O clima frio da serra, é o mais saudável possível, apesar dos nevoeiros densos que comumente aí existem.

Chama-se ‘corrubiana’ essa cerração que às vezes vem inesperadamente e constitui para os próprios moradores locais um verdadeiro suplício.

Referiu-me o sr. Antônio Martins vários fatos que bem mostravam a razão de serem temidos esses dias de ‘corrubiana’.

Certa vez, há 8 anos, saíram de sua casa, com destino ao João Rosa, morador na base leste da serra, Raymunda e 3 filhos pequenos.

Raymunda era conhecedora de todos os recantos da serra e, por isso, aí andava desassombradamente.

O céu estava limpo e o dia bellissimo.

Depois de caminhar talvez apenas meia légua, o nevoeiro envolveu a serra, rapidamente, com o seu manto plúmbeo e úmido. O horizonte reduzira-se a um círculo estreito, de alguns poucos metros de diâmetro.

Como orientar-se em um meio dessa espécie?

A bússola do caminheiro são os pontos de referência que ele descobre aqui e ali; e portanto, desaparecidos estes está ele desorientado.

Raymunda, em uma das muitas encruzilhadas do caminho tomou um trilho que conduziu à beira de um despenhadeiro. Desviara-se do caminho, mas era simples voltar à origem da errada.

Caminhara bastante e ainda não havia encontrado o ponto desejado do trilho perdido. Caminhara mais meia hora, mais uma hora, e, apesar disso, ora encontrava um precipício que a ameaçava, ora um monte íngreme que a detinha, ora o campo que parecia ilimitado e sem um único marco que lhe indicasse seguir ela o rumo desejado.

A noite se aproximava ameaçadoramente e a desventurada caminheira continuava a tatear na semiescuridão da corrubiana feroz.

As crianças, de tenra idade que eram, trôpegas e com fome, quase já não suportavam acompanhá-la naquela luta desesperada contra um inimigo que os martirizava desapietadamente.

Percebeu bem depressa que não podia mais, naquele dia, resistir ao cerco que lhe era dado pela cerração. Suportaria aí uma noite incômoda, mas no dia seguinte chegaria ao ponto desejado, além da serra. Amanhecera. O dia, como na véspera, era o mesmo algoz que nenhuma esperança de alimento lhe dava. Saiu todavia, com os filhos em procura de um trilho que os conduzisse fora daquele sítio maldito, onde a fome e o cansaço torturavam os entes por ela idolatrados. Os insucessos, porém, se sucediam e logo a convenciam de que eram inúteis novas tentativas para livrar-se daquela bárbara prisão.

Chegava novamente a noite. Ficaria para o dia seguinte a sua libertação.

Nesse terceiro dia de tortura, porém, o filho menor de 4 anos de idade, sucumbiu de inanição.

A mãe desventurada, cambaleante embora, tomou nos braços o querido cadáver e assim fez investidas infrutíferas para safar-se daquela cruel situação.

No quarto dia, viu, transida de horror, a filha de 6 anos morrer de fome.

Não podia carregar os dois cadáveres, pois cada vez mais fraco era o seu corpo já quase exausto.

Desenvolvendo um esforço sobre-humano, cavou, a custo, sob uma lapa, a sepultura que abrigaria para sempre as duas inocentes vítimas da cerração.

E a pobre mãe, talvez para salvar a única filha que lhe restava, teve ainda força para abandonar os dois queridos cadáveres e seguir desvairada e sem rumo, à procura de urna esperança naquele oceano de dor e desespero.

Dessa suprema investida, saíram enfim vitoriosas mãe e filha, pois que no quinto dia de fome e de martírio, chegaram esqueléticas e semimortas à Vargem das Areias, onde encontraram abrigo e alimento”.

Volvamos outras páginas. Aqui se trata de inscrições indígenas. Além descrevem-se costumes dos botocudos e puris. Vêm um glossário “pojitxa”, usos, crendices e lendas locais: a arara de ouro, a lagoa encantada, o caboclo d’água, o ovo das candeias, danças de um “terno” de congado a tirar cantigas, uma encomendação de defunto a poder de matraca, berra-boi e reco-reco, orquestra infernal, como observa o autor, mais própria a remeter ao Diabo a alma encomendada.

Pelo exposto vê-se que tivemos razão ao afirmar que não possui o autor o defeito da monotonia.

Poder-se-á mesmo estranhar, que matéria tão varia esteja compendiada numa obra única.

Mas compreende-se que viajar não é apenas ver relevos topográficos. Inseparável do cenário é seu ator, o homem e ambos se completam.

Assim, como é visto o solo por fora e por dentro, será mister também conhecer-se o homem externa e internamente, com o seu físico, as suas maleitas, as suas superstições e costume.

Outra razão há também, e muito pobre; é que, observando como são escassos os dados que possuímos sobre o que é nosso, julgou o autor de seu dever registrar o que viu e ouviu, quer em relação às terras que andou, como a seus habitantes, tornando assim o seu trabalho um repositório de informações conscienciosas sobre coisas mineiras.

Este livro é, por conseguinte, um depoimento – depoimento honesto e criterioso, acrescentamos, ao qual dá relevo notável a qualidade do autor, que é membro da Academia M. de Letras e engenheiro chefe da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de Minas.

Três Pontas, 1922.

GODOFREDO RANGEL

(O Estado de S. Paulo)

RANGEL, Godofredo. Um animal estranho. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VIII, n. 98, fev. 1924. Curiosidades, p. 188-190.

Um animal estranho

— De certo você sonhou.

— Ora sonhei, compadre! Se te digo que vi! Verdade que não pude divulgar o que era, porque uma coisa me atrapalhou a vista. Eu estava sentado aqui, à porta de casa, quando “ele” passou correndo naquela ponta do barranco, se amoitou ali. Ali, compadre Tião — e o dedo estirado em direção ao alto do barranco, indicava o que quer que era no meio dos gragoatá.

Afinal, semiconvencido, o interlocutor de sô Quito arriou no chão o saco de rapaduras que levava para a roça, disposto a fazer o que o compadre da cidade queria, isto é, trepar ao alto e acuar o bicho para a beira da estrada.

Isto se passava numa rua ao sair da povoação. Do lado de baixo era o correr das últimas casas rareadas. As duas mais próximas eram a de sô Quito, e a de um vizinho alfaiate, o sr. Ambrósio, um esquisitão que nunca saía de casa, e morava com uma filha casadeira, que passava os dias à janela. Do lado oposto, caindo a pique na estrada, havia um chanfrado de pouca altura, em cujo topo proliferava um entrançado de espinheiros, carrapichos e bromélias.

O do saco de rapaduras, agarrando-se às raízes e cipós, dificilmente galgou-o. Chegando acima, desembainhou a larga lâmina do facão, para fazer caminho.

— P’ra que lado, compadre?

— P’ra mão direita.

— Ali, está vendo? Cerque mais pelo fundo, para “ela” cair na estrada.

— Naquele juazeiro?

— Um bocadinho para lá. Acompanhe o rumo deste pau.

E sô Quito fez pontaria com a manguera de que se armara, à espera dos acontecimentos.

Amparando a vista com as mãos, o compadre reparou atentamente, rompendo, afinal, numa exclamativa:

— Agora! Já estou vendo. Não é uma coisa a mó que cor de pinhão'?

— Exatamente!

— Ora, ora, sim, senhor! E ficou encorujadinho que nem mexe. Tem os zoinho do porte de dois bago de chumbo.

— Será preá?

— A mó que não... Preá é mais cinzento.

— E largato?

— Também não. É bicho de pelo. Tá c'os zoinho lumiando!

— Mas, o que será, compadre?

— Não sei! Como este eu nunca vi.

Pararam de falar e Tião continuo a abrir caminho com a faca. Não era fácil. Precisava defender dos rasgões dos espinhos a preciosa pele e a preciosíssima roupa domingueira.

Que era domingo, não o indicava apenas o traje do roceiro; dizia-o ainda o trânsito inusitado da afastada rua. Dos transeuntes alguns se detinham com curiosidade de saber o que faziam aqueles dois homens: um trepado no barranco, outro esperando, de cacete alçado, do lado de baixo. Perguntavam o que sucedia, e sô Quito expunha o caso com todos os pormenores. Alguns ficavam ali, formando grupo, a ver no que dava a batida. Trocavam-se conjecturas, todas rejeitadas, e com isso a cada momento o interesse subia de ponto.

Como a curiosidade é contagiosa, aconteceu, então, um caso notável: deixou de fazer-se ouvir, no fundo escuro da sala da alfaiataria, o ruc ruc da tesoura do sr. Ambrósio. Pela primeira vez, algo do que se passava no mundo exterior, conseguia prender-lhe a atenção. Era ele um excêntrico, talvez um misantropo, cujo rosto nunca havia sido contemplado à luz do sol. De sua vida sabiam-lhe apenas a profissão, e que tinha uma filha janeleira. De memória de homem, nunca sr. Ambrósio se arredara de ao pé da mesa do corte ou da máquina de costura, a não ser para satisfazer as necessidades mais essenciais da vida. Ele a trabalhar e a filha a janelar,

pondo-o espaço a espaço ao corrente do que sucedia fora – assim passavam os dias. O olhar vigilante da moça a devassar a rua, era como um periscópio que lhe levava ao lóbrego refúgio alguns reflexos da vida exterior, que ele parecia haver repudiado. Pela originalidade de seu viver, sr. Ambrósio granjeara certa fama de homem misterioso. Não faltava quem asseverasse que ele sabia evocar os mortos, tornando-os, a seu talante, visíveis e conversáveis.

Nos momentos em que a tesoura parava de cortar, o periscópio trabalhava ativamente, pondo o sr. Ambrósio a par do que se passava fora.

Na rua ia crescendo o magote de povo, que vozeava comentários diversos, alvitando todas as hipóteses possíveis, enquanto o compadre continuava a abrir mato, cautelosamente. “Que será? Que não será?” era o mote das conversas.

— Atrapaçou a vista? Opinou um preto papudo. Então é cobra. Repara, Tião, e, se for, amarra ela com nó na flarda da camisa.

— Esperem que já digo.

E Tião interrompeu a labuta para afirmar a vista no animal.

— Tem rabo comprido, tem...

— É cobra! pois eu não dizia?

— Mais a mó que estou vendo duas mãozinha.

— Antão não é.

— E perninha não vejo.

— Diabo!

Este pormenor, que os deixou sumamente intrigados foi logo confirmado por vários dos observadores da estrada.

— Bole co' ela, Tião! propôs uma voz.

O compadre colheu uma fruta de gragoatá e atirou-lh'a.

— Não ouviram? Fez “cui! cui!” disse o Sabino da Rita, que estava perto do barranco.

Muitos ouviram o cui-cui.

Outros acharam que era antes uma espécie de ronco.

Compadre Tião resolveu-se a continuar destroçando os espinheiros, para abrir passagem.

Nesse momento uma voz misteriosa, que mais parecia um regougo, chamou a si a atenção dos circunstantes.

Grande novidade! Era o vizinho alfaiate, que pela primeira vez mostrava a cara à luz do dia. Inteirado miudamente pela filha, do que se passava na rua, não pudera resistir e saíra para juntar-se aos demais curiosos.

O acontecimento causou sensação. Algo de maravilhoso ia suceder, por haver-se dado caso de tanta monta.

Sr. Ambrósio, entre a atenção geral engrolou suas conjecturas com uma voz cava de profeta que está a desvendar arcanos.

Continuaram a trocar-se as suposições mais desencontradas sobre a natureza do esquisito animal. Enquanto compadre Tião vencida mais umas touças de espinhos, sô Quito pôs-se a balancear os indícios com que cada qual concorria para a identificação daquele:

— Animal de pelo – olhinhos miúdos – cor de pinhão – faz “cui-cui” e ronca – rabo comprido – duas mãos – nenhuma perna – focinho de buldogue...

Força é confessar que o resultado do balanço era para o deixar perplexo. Sô Quito mordeu a junta do dedo, assuntando:

— Diacho! Que será?

No alto, compadre Tião amassava, às pranchadas, as folhas enristadas das últimas bromélias.

— Mais depressa, Tião! estimulavam os espectadores.

— É um instantinho mais.

Afinal, estava ao alcance de seu braço a coisa, cuja passividade enchia a todos de pasmo.

— Guenta povo! que é a hora do bote, avisou ele.

É indescritível o interesse que todos sentiam, nesse momento decisivo. As bocas emudeceram, dez mangueiras se armaram, prontas para a ofensiva.

E todos olhavam Tião, acompanhando, hipnotizados, seus menores movimentos. Ei-lo o que se curva, murmurando: “São Bento que me valha!” O facão desce, e a medo tateia o bicho: “Uai! uai” Tião arregala os olhos, e tateia de novo: “Uai! uai” Toca-o de leve, toca-o mais forte, e por fim larga da lâmina, com dois dedos pega “no estranho”, e exhibe aos olhos de todos – uma sola de sapato velho.

Quando Tião desceu do barranco, inda os espectadores seguravam a barriga para não rebentar de riso. Entre eles não figurava o sr. Ambrósio, que já havia reentrado no seu antro, com um modo de quem definitivamente se alienou do interesse da vida. Podiam ter certeza de que era aquela a primeira e última vez que ele mostrava a facha à luz do dia.

Mas ali nem todos riam. Sô Quito estava sério. O compadre também. Certo momento parece que o Tião deu em querer achar graça e remoqueou o primeiro:

— Antão, compadre Quito, a sola foi correndo pelo barranco e lhe atrapaiou a vista.

— Mas não fui eu que vi os zoinho do porte de dois bago de chumbo, compadre, revidou sô Quito.

O Tião ficou sem graça. Jogou o saco de rapaduras p'ras costas e tocou para a roça, sem dizer “turdia” a ninguém.

GODOFREDO RANGEL

RANGEL, Godofredo. O bedel. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano VIII, n. 100, p. 313-316, abr. 1924.

O bedel

Era bedel da faculdade de direito e chamava-se... Querem ver que me não lembra o nome? Se um dia o soube, esqueceu-me. Também, pequenino de corpo, arcadinho, sumido e humilde em extremo, o que é espiritualmente um modo de ser pequenino, não tinha ele uma dessas individualidades físicas ou morais que vincam a atenção. E assim pequenino e encolhido em sua humildade, inofensivo, incapaz de delatar a um estudante que incorresse em falta, era natural que sua presença se tornasse quase despercebida. Orçaria pelos cinquenta anos, como faziam crer seus cabelos grisalhos, mas, em contraste, notava-se lhe na fisionomia certa expressão juvenil, como se o contato com as sucessivas gerações de moços que alisaram os vetustos bancos acadêmicos lhe comunicasse um resíduo de mocidade imarcescível.

Em sua alma simples somente residia um pequeno número de sentimentos simples: o amor à sua casinha, ao seu cigarro, ao raio de sol que se esgueirava num pátio interno, entre duas abas de telhado, e, sobretudo, um temor respeitoso, entranhado, ao diretor. Talvez fosse, em parte, este temor, que o fazia diminuir-se, confundir-se com os estudantes, estabelecendo com estes uma espécie de cumplicidade.

Assim, o bom bedel não exigia da vida muitas coisas. Dessem-lhe seu caro sossego, nos dias feriados, em sua casinha pequenina e humilde como ele, o seu cigarro e o seu raio de sol, e estaria disposto a louvar-lhe as excelências.

Nos momentos de folga era certo vê-lo, para lá e para cá, trilhando com os passinhos miúdos a faixa de ouro que se alongava no chão, coada entre os dois beirais, a desmanchar na palma o fumo do cigarro.

Não tinha contrastes de gênio; seu humor era todos os dias igual, como ele próprio. E a impressão de uniformidade sugeria-a a própria roupa, sempre o mesmo terno desbotado, que as gerações remotas afirmavam ter sido azul, que depois tomara tons avermelhados e passara por fim a um cinzento indeciso e velhusco.

Eu simpatizava com a sua figura modesta e bondosa. Acheguei-me a ele. Nesse tempo era calouro, por isso ainda não o eliminara, como sombra inexistente, do meu campo visual.

Embora fosse muito recolhido em si, ou que nada achasse que dizer, ou pelo hábito de ninguém dirigir-lhe a palavra, eu procurava-o quando o via medir, em lentas idas e vindas, o seu distrão de sol. Se lhe dizia algo, ele limitava-se a sorrir um sorriso bondoso, matizado de todas as nuances que servia a tudo de resposta; ou então, se resolvia dizer alguma coisa, levantava o rosto num como cacoete, e, com um dos olhos fechado e o outro semicerrado, o que lhe dava uma expressão de argúcia, acompanhava o voo distante de um pássaro com atenção concentrada e por fim dizia baixinho a sua frase favorita: “Cuidado com o diretor, que ele não é para brinquedos!”

Não sei se foi porque o não tratei com descaso, o certo é que também simpatizou comigo. Ao ver-me dirigia-me sorrindo, seu olhar fino e semicerrado, como uma saudação. Um dia, foi além, convidou-me a ir visitar o seu “rancho” era uma casinha modesta, dessas casinhas de pobres, que parecem caixetas de brinquedos, nas quais, achando-se a gente num cômodo, é como se estivesse na casa toda, e onde, não sei por que milagre, famílias numerosas conseguem morar, talvez embolando-se nos compartimentos exíguos à feição de uma ninhada de leitões novos. Ali moravam apenas ele e a mulher. Apresentou-me a esta. Tinha um ar de megera, e, pela aparência, devia ser bem mais idosa do que ele.

Pelo tom respeitoso com que meu bom amigo lhe falava, compreendi que ela era ali, portas a dentro, como um segundo diretor, quiçá mais enérgico do que o outro.

Depois desse dia volvi lá outras vezes. Sentávamo-nos na saleta, em frente um do outro. Ele olhava-me e sorria, esfregando as mãos; depois de estar assim algum tempo calado e risonho lançava-me um olhar de inteligência e ia ao quarto contíguo buscar o violão. Voltava com ele e tornava a sentar-se no mesmo lugar. Do bandulho do instrumento sacava um enebado “método”. Explicava-me: ainda pouco tocava, estava aprendendo. O violão e o método eram relíquias antigas. Desde rapaz ocupava os lazeres decifrando as “posições”. Mas a arte era difícil, as folgas escassas, por isso tirava poucos acompanhamentos.

E, pousado o cigarro na beira da mesinha, ferindo as cordas de manso, trauteava em surdina os seus lundus prediletos. A voz abafada quase se confundia com a surda plangência do violão, como se, mesmo cantando, ele ainda obedecesse ao seu desejo de encolher-se, de sumir, com o receio, talvez, de impacientar o seu terrível diretor de saias.

Habituei-me a lá ir, aos domingos, ouvir o seu violão.

Um dia, na faculdade, com os seus costumados trejeitos de mistério, variou o tema favorito de suas palestras dizendo-me uma grande novidade ocorrida em seu viver pacato: chagava do interior uma prima, filha de lavradores, que se hospedara em sua casa. E convidou-me a ir conhecê-la.

Quando lá cheguei, no domingo imediato, já não encontrei a casinha tão triste; refletia agora um pouco da alegria do dono, que se mostrava radiante. Parecia que o “rancho” tomara um ar de festa com a presença da prima, que era morena e bonita. Tinha na voz uns quebrados, no olhar uma meiguice, que bem se via que era gente simples, do interior.

Nesse dia quem cantou foi a prima, e ele acompanhou-a ao violão.

Certo momento, num descanso entre duas modinhas, ele sorriu-me e em seguida dirigiu o olhar súbtil para uma aranha que, num ângulo do forro, fazia acrobacias em sua teia. “Já reparou uma coisa” perguntou-me. “Que é?” Fitei também o forro. Como sentindo-se alvo de nossa atenção, a aranha pôs-se a balançar-se vertiginosamente em seu tênue trapézio “... que a prima tem uma bonita voz?”

Concordei. A prima protestou, que não! Protestando desmentia-se. Tinha de fato uma voz doce, veludosa, rica de langor e de emoção. Era como feita de canto e para o canto. A nosso pedido a prima, agora confusa, corada de acanhamento, ainda cantou; e enquanto soava sua voz doce, o sorriso sutil e o olhar agudo do bedel, fitando atentamente os meneios da aranha, faziam ainda, mudamente, a sua apologia. E poder-se-ia dizer que nesse dia reinava naquela casa felicidade completa, se não fosse a barulheira mal-humorada dos pratos que a mulher do bedel lavava na cozinha.

Não tornei mais a casinha, primeiro de temor de sofrer ainda o penetrante encanto da voz da prima; depois, preocupações de exames, as férias, e outras coisas, acabaram de desabituar-me do passeio.

Continuei a ver o bedel na faculdade e notei que daquela época em diante parecia outro. Esquecera o diretor e a frase indefectível, e mesmo a sós era vidente a expressão juvenil de sua fisionomia. Dias depois daquele domingo causou-nos uma surpresa: apareceu de fatiota nova. Era ainda um terno azul, como o outro devera ter sido nos primeiros tempos. Sensação! Foi alvo de cumprimentos, motejos, vaias. Bem se lhe dava! Nesse dia tirou-me de parte, e,

indicando-me um ponto imperceptível ao alto, numa nuvem, perguntou-me baixinho: “Não reparou que a prima tem uma bonita voz?”

Bom bedel! Como parecia contente, e ainda mais remoçado pelo seu contentamento e pela fatiota azul!

Algum tempo depois achei-o, porém, mudado e meio murcho. E ciciou-me, num recanto do pátio: “A prima foi-se. Embarcou ontem. Mas volta, prometeu voltar.

Afrouxando o fumo do cigarro afastou-se de mim e foi espacejar meditativamente no seu raio de sol.

Decorridas semanas achei-o mais murcho ainda, assim com um acabrunhamento de tristeza e de velhice. E, como eu lhe perguntasse pela prima, confidenciou-me: “Casou-se esta semana, com um parente da roça. Mandou participação”.

E volveu, como de costume, ao seu passeio. Observando-o, não lhe achei já tão azul a roupa nova. Como que se lhe comunicara a tristeza do dono e ela começara a descorar, o que é talvez o modo das roupas ficarem tristes.

Que será feito do bedel? Freqüento ainda a Faculdade, mas já não o vejo. Assimilou-me o espírito de classe, por isso, se ainda existe, vejo-o com o olhar desatento dos demais colegas. É que não sou mais calouro; obtive promoção ao segundo ano e esse triunfo enfuna-me o orgulho. Já sou gente. E tenho agora muito elevadas preocupações e dignidades para deter a atenção na insignificância de sua figura: pertenço à redação da "Folha Acadêmica" e à Diretoria do Grêmio “Libertas”, da qual sou orador, havendo com a minha estreia granjeando a deferência dos demais colegas e subido em meu próprio conceito a ponto de desconfiar que sou um segundo Rui em germen. A vida é bela, o preparo das lições, difícil, o dos discursos difícilíssimo e ainda tanta coisa, tanta coisa absorvente!

Mas existirá ainda o bedel?

Talvez! Pois consultando as impressões do meu dia na escola, tenho às vezes a vaga impressão de haver entrevisto confusamente uma sombra arcadinha e sumida a passear lentamente, tristemente, por uma réstea de sol coada entre dois beirais dum pátio interior.

GODOFREDO RANGEL